

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**GIOVANA XAVIER DA CONCEIÇÃO CÔRTEZ**

**BRANCAS DE ALMAS NEGRAS? BELEZA,  
RACIALIZAÇÃO E COSMÉTICA NA IMPRENSA NEGRA  
PÓS-EMANCIPAÇÃO (EUA, 1890-1930)**

**CAMPINAS, 2012.**





Universidade Estadual de Campinas  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em História

GIOVANA XAVIER DA CONCEIÇÃO CÔRTEZ

*Branças de almas negras? Beleza, racialização e cosmética na imprensa negra pós-emancipação (EUA, 1890-1930)*

Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas para a obtenção do título de Doutor em História, na área de concentração História Social.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Sidney Chalhoub

CAMPINAS, 2012.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR  
SANDRA APARECIDA PEREIRA-CRB8/7432 - BIBLIOTECA DO IFCH  
UNICAMP

X19b Xavier, Giovana, 1979-  
Branças de almas negras? : beleza, racialização e  
cosmética na imprensa negra pós-emancipação (EUA, 1890-  
1930) / Giovana Xavier da Conceição Côrtes. -- Campinas,  
SP : [s.n.], 2012

Orientador: Sidney Chalhoub  
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de  
Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Beleza feminina (Estética). 2. Cosméticos.  
3. Emancipação. 4. Racismo - Estados Unidos. 5.  
Imprensa dos negros - História. I. Chalhoub, Sidney, 1957-.  
II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia  
e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em Inglês:** White Women, black souls? : beauty, racialization and  
cosmetics in the post-emancipation black press (USA, 1890-1930)

**Palavras-chave em inglês:**

Feminine beauty (Aesthetics)

Cosmetics

Emancipation

Racism - History

Afro-American press - History

**Área de concentração:** História Social

**Titulação:** Doutor em História

**Banca examinadora:**

Sidney Chalhoub [Orientador]

Robert Wayne Andrew Slenes

Silvia Hunold Lara

Martha Campos Abreu

Wlamyra Ribeiro de Albuquerque

**Data da defesa:** 14-03-2012

**Programa de Pós-Graduação:** História

GIOVANA XAVIER DA CONCEIÇÃO CÔRTEZ

*Branças de almas negras?*

*Beleza, racialização e cosmética na imprensa negra pós-emancipação  
(EUA, 1890-1930)*

Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas sob a orientação do Prof. Dr. Sidney Chalhoub.

Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 14 / 03 / 2012.

BANCA

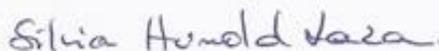
Prof. Dr. Sidney Chalhoub (orientador)



Prof. Dr. Robert Wayne Andre Slenes



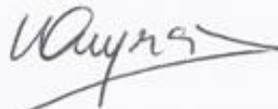
Profa. Dra. Silvia Hunold Lara



Profa. Dra. Martha Campos Abreu



Profa. Dra. Wlamyra Ribeiro de Albuquerque



Profa. Dra. Olívia Maria Gomes da Cunha – suplente

Profa. Dra. Hebe Maria da Costa Mattos Gomes de Castro – suplente

Prof. Dr. Michael Mc Donald Hall – suplente

MARÇO  
2012



À minha avó, Leonor Xavier da Conceição  
(*in memoriam*), trançadeira de fios e idéias.

À minha mãe, Sonia Regina Xavier da  
Conceição (*in memoriam*) pelo seu amor à  
Educação Básica.

A Álvaro Pereira do Nascimento, por  
sempre me dar as mãos nas estradas da vida.



## Agradecimentos

Há um provérbio africano que diz “o conhecimento é como um jardim: se não for cultivado não pode ser colhido”. Ao longo do doutorado, muitas pessoas queridas ajudaram-me, cada uma à sua maneira, a cultivar o meu jardim. A primeira jardineira foi minha mãe, Sonia Regina Xavier da Conceição (*in memoriam*). Historiadora de formação e educadora infantil por escolha, mesmo sem saber, ensinou-me, desde cedo, que uma educação transformadora é realmente possível. Entre o céu e a terra não há fronteiras, por isso estaremos sempre juntas. À minha avó, Leonor Xavier da Conceição (*in memoriam*) ofereço tudo aquilo que a vida define como gratidão. Mulher “de cor” que “aprendeu a ler e ver as horas sozinha” nos anos 1920, como orgulhava-se de dizer, foi ela quem segurou minhas mãos para que eu desenhasse as primeiras letras nos cadernos de caligrafia enquanto minha mãe trabalhava fora, alfabetizando outras crianças. Minha tia, Elenir Xavier das Dôres é uma flor, daquelas raríssimas que exalam amor, carinho, amizade, paciência, tal qual uma mãe que, em vez de gerar, escolheu-me como filha, além de me presentear com dois primos-irmãos queridos: Leonardo e Gustavo das Dôres. A essas três mulheres devo cada uma das minhas conquistas. Nosso amor será eterno.

Ainda na família, chegou a vez de agradecer a Julberto da Conceição (*in memoriam*), um querido e saudoso avô que sempre tinha animadas histórias para contar quando ia me buscar na escola. Minhas prediletas continuam sendo as dos mergulhos que dava às escondidas no cais do porto da Guanabara, na mesma época em que o Sindicato dos Trabalhadores do Trapiche da Gamboa, composto na sua maioria por homens de cor, mandava naquelas bandas, conforme anos depois viria a aprender. Entre pastéis, queijos e mortadelas vendidos na “porta da fábrica de Madureira”, sua trajetória de vida é alimento para alma. Ao meu tio Alvanir Xavier, outro obrigada especial por toda a torcida e pelas lições sobre a história do Jazz. Agradeço também aos primos Rafael, Maurício, Aline, Simone e Rose, à pequena Letícia e à tia Manita, além de Edinha, Wanda, Bianca, Léo, Raíssa, Judson, Bruno Santos e Augustinho.

Na universidade, deixo um obrigada especial ao meu orientador, o Prof. Sidney Chalhoub. Mestre, talvez não se lembre, mas um dia de verão, em janeiro de 2006, você

interrompeu suas infindáveis investigações no Arquivo Nacional e me aconselhou a pesquisar aquilo que nos motiva, aquelas “cousas” que, de fato, gostamos. Tentei seguir não só essa, mas todas as suas valiosas orientações, por isso sou-lhe grata pelas indicações precisas, leituras cuidadosas, mas principalmente pela compreensão e amizade. Com certeza, ter um orientador que sabe aliar a criatividade ao pragmatismo foi um luxo que fez toda a diferença.

É hora de agradecer aqueles que generosamente aceitaram participar da minha banca de qualificação. Ao Prof. Robert Slenes fica um obrigada pela riqueza de suas observações, feitas com uma serenidade que nos ensina a aprender “sem perder a ternura”. Já a Prof<sup>a</sup> Silvia Lara, leitora atenta, voraz e criteriosa tem minha gratidão por ter despertado em mim a vontade de levantar da cadeira em busca de respostas capazes de convencê-la. Na defesa, incorporaram-se a esse time de primeira linha a Prof<sup>a</sup> Martha Abreu, que além de suas motivantes pesquisas, brindou-me com amizade e bom humor desde os tempos do mestrado na UFF e a Prof<sup>a</sup> Wlamyra Albuquerque, que com um trabalho de altíssima qualidade e uma simplicidade que a faz brilhar ainda mais, representa uma grande fonte de inspiração para quem está chegando agora. Agradeço ainda aos professores Michael Hall, Olívia Maria Gomes da Cunha e Hebe Mattos por sua participação como suplentes da banca. As duas últimas deixo ainda meu obrigada por gentilmente terem me recebido como ouvintes em disciplinas da pós-graduação na UFF e no Museu Nacional-UFRJ e que fizeram toda diferença na minha formação. Nesse sentido, também sou grata à Prof<sup>a</sup> Suzi Frank Sperber do Departamento de Linguística do IEL-Unicamp e que tive a grata oportunidade de ser aluna em 2006, quando o termo “Literatura Marginal” representava uma incógnita em minha vida.

Ainda na universidade, apesar das palavras serem insuficientes, agradeço ao querido Prof. Flávio dos Santos Gomes, eterno mestre que há anos presenteia-me com sua sabedoria, sua experiência nos arquivos, mas, sobretudo com amizade, confiança e solidariedade. Sem ele, meu maior incentivador na profissão, com certeza, a história aqui contada seria outra. Agradeço também à Prof<sup>a</sup> Rachel Soihet, grande intelectual feminista com quem aprendi muito do que sei sobre gênero e história das mulheres e ao Prof. Carlos Fico, de quem fui bolsista de Iniciação Científica na UFRJ.

A viagem aos EUA em 2009 para realização de bolsa sanduíche na New York University foi um divisor de águas não apenas na pesquisa, mas na vida. Costumo brincar que poderia existir uma lei que tornasse obrigatório todos os alunos de pós-graduação estudarem por algum tempo noutro país. Essa oportunidade única, incentivada sobremaneira pela brilhante Prof<sup>a</sup>. Olívia Cunha, tornou-se ainda melhor graças ao privilégio de ter sido supervisionada pela queridíssima Prof<sup>a</sup>. Barbara Weinstein, que quando da minha chegada ao seu *office*, no auge de um rigoroso inverno, recebeu-me com inúmeros pedidos de desculpas pelo frio. Mestreira, não se preocupe. Com sua amizade embalada por reuniões para orientação nos Cafés e restaurantes mais legais de Manhattan, por conversas sobre o Brasil, por sugestões bibliográficas e pela convivência com seus filhos Sarah e Danyel, o verão chegou mais rápido. Também agradeço aos amigos Natan Zeichner e Greg Childs por me receberem no seu apartamento num *brownstone* no Brooklyn quando dos meus primeiros dias na ainda misteriosa capital do mundo. A essa época, Natan iniciou-me nas artimanhas do metrô novo-iorquino, até que finalmente eu aprendesse o real significado de *Uptown* e *Downtown*. Já Daniel Aldana aventurou-se a ensinar-me Inglês em troca de lições em Português, realizadas durante animadas prosas sobre as semelhanças entre os cabelos dos negros e dos judeus. Karen Phillips e Kimberly Enjoly são mais duas queridas que integram essa lista.

A Yuko Miki, uma das pessoas mais generosas e inteligentes que já conheci, também devo agradecimentos que vão desde orientações precisas dos lugares adequados para comprar roupas de frio até os melhores restaurantes e a eterna ajuda com traduções que iam desde utensílios diários como o bendito aparelho de calefação até textos mirabolantes para o Português. Amiga, você mora no meu coração. Agradeço também à pernambucana Bruna Charifker, uma grande parceira nas duas ocasiões em que morei em Nova York. Janny Llanos, hoje à espera da filhinha Luna Camilla, ao lado de seu marido, o amigo Oziris, foi responsável por fazer-me perceber que o Brasil não era tão particular, afinal famílias dominicanas como a dela e tantas outras do bairro de Washington Heights também comem arroz com feijão diariamente. As conversas sobre gênero, raça e beleza na “diáspora negra” assim como nossa amizade e companheirismo e o suporte fornecido a uma

estrangeira “excessivamente” brasileira foram um dos principais fatores que tornou esta tese possível. *Muchas gracias* meus queridos!

Ainda nos EUA, agradeço ao amigo-irmão e grande historiador Marc Hertzman e sua esposa Ikuko por uma amizade iniciada no Brasil numa época em que não fazia parte dos meus planos estudar fora do país. Agradeço a ele ainda as palavras de encorajamento, a solidariedade em momentos difíceis e o envio de textos e documentos, cruciais na etapa final de redação da tese. A família Reinberg, em especial Yoni, Mirinha e Sophia, também foram pessoas especiais nessa jornada. Deixo ainda meu muito obrigada à amiga Kim Butler, que carinhosamente levou-me para conhecer o “deep Brooklyn” num sábado de outono, a Brodwyn Fischer, por sua prestimosa ajuda com algumas traduções, a Paulina Alberto, por seus valiosos comentários sobre meu *paper* na “X Brasa” em 2010 e pela troca de matérias, a Micol Seigel, por uma importante conversa via Skype sobre um dos meus textos e a Amy Chazkel pelo interesse em meu trabalho. Nesse país, devo agradecimentos também às professoras Patricia Hill Collins e Maxine Leeds Craig, que prontamente responderam aos meus e-mails, disponibilizando-se para trocas intelectuais imediatas e à querida Zita Nunes por seu carinho e sua disponibilidade para ouvir as histórias (ainda nebulosas) de minhas culturistas afro-americanas. Na Inglaterra, sou grata a Shirley Tate pelas conversas e a Camillia Cowling pela amizade e por nossas instigantes trocas intelectuais, que incluem sua generosa ajuda com traduções.

De volta à terra natal, é hora de agradecer aos amigos brasileiros. Presente da Bahia de Todos os Santos, Ynaê Lopes dos Santos, a paulista mais carioca do mundo, é daquelas pessoas que têm o dom de mesmo à distância fazer-se presente, com a palavra certa, na hora certa. Juntas, as risadas e as lágrimas estão garantidas dentro da leveza e da cumplicidade de duas irmãs que os orixás, de caso pensado, puseram em contato. Amigas para sempre é a melhor forma de definir minha relação com Ana Paula de Freitas Contente, a adorada Paulinha, que, ao lado de sua irmã Verinha, formam uma dupla especial na minha vida faz tempo, junto com Jorginho, Max, tia Clara, Manuela e Gabriel. A querida Maika Lois Carocha, há muitos anos brinda-me com uma amizade que é para poucos. Azoilda Loretto Trindade, por sua vez, proporciona conforto e tranquilidade com sua simples presença. Amilcar Araújo Pereira, com seu incentivo permanente e sua sensibilidade, é um

irmão daqueles que todo mundo quer ter. Elizabeth Pereira também sempre transmite coisas boas com sua doçura. Fabiane Machado (e Betão) é a prova viva de que o tempo só aprimora a amizade. Adriano Bernardo Moraes Lima (Lúcio) é um presente da Unicamp. Juntos dividimos a pizza das quintas à noite e as angústias e alegrias do doutorado e da vida. Meu irmão, a tese chega ao fim, mas tenha certeza de que nossa amizade continuará guardada debaixo de sete chaves. A amiga Priscila Oliveira (Pri Xokleng), que sempre nos diverte com suas histórias sobre as aventuras de uma historiadora-antropóloga em campo, também é parte dessa história campineira.

Amana Rocha Mattos, amiga e vizinha carioca que ganhei em Nova York, é garantia de cumplicidade e diversão. Juliana Barreto Farias oferta-me diariamente o carinho, a solidariedade e a atenção de uma jovem historiadora, que também vive em busca do ponto final da tese. Mesmo morando na Espanha, Bianca Vega é uma amiga que está sempre por perto. A companhia de Lee Weingast, carioca de coração e norte-americana por acidente, é diversão garantida. Rosenilda Santana talvez não saiba, mas nossas longas conversas sobre os mais variados temas deixam muita saudade. Apesar das bifurcações da vida, Mariana Blanco ajudou-me a enxergar que as mulheres correm com os lobos. Antônia Ceva, Almir Bakanna e Luana formam uma família daquelas que a gente sempre quer estar junto. João Henrique Cristóvão é, sem dúvida, um amigo para todas as horas com cadeira cativa no rol dos especiais. Alyxandra Nunes, Ana Cristina Souza, Ana Beatriz Genúncio, Ana Paula Brandão, Andrea Barbosa, Carolina Soledad, Consolação Lucinda, Elizabeth Etayo, Elizabeth Viana, Fabiana Mendes, Fernanda Felisberto, Inge Valencia, Marta Muniz, Maria Júlia Ferreira, Mônica Lima, Maria da Guia Félix, Mônica Valéria dos Santos e Janete Ribeiro também ocupam a fila de companheiras de primeira linha, junto com Robério Souza, Jonis Freire, que em várias ocasiões providenciou o envio de documentos da Unicamp, Aderivaldo Santanna, o “naninho” Pedro Cubas, José Renato Batista, Carlos Eduardo Araújo, Carlos Costa, Luís Balkar, Marcelo Mac Cord, Thiago Moratelli e William Martins. Devo também dizer que com Danúsia Roberto, amiga e instrutora de Yoga, encontrar o tão sonhado “equilíbrio” para a redação da tese tornou-se mais fácil. Os anos de trabalho com Marta Oliveira também foram indispensáveis nesse sentido.

Como a vida é uma roda viva, há um time de novos velhos amigos que chegaram para ficar na reta final da escrita, portanto para Edilson Brito e Vinicius Anaissi (Moskão), companheiros incansáveis nas aventuras da impressão da tese, Fabiane Popinigris, Cristiana Schetini, Antônio Liberac, Rosy de Oliveira, Caetana Damasceno, Lilian Miranda, Jean Rodrigues, Lúcia Silva, Leonardo Pereira, Júlia O’Donell, Denilson Botelho, Luciana Chagas, Henrique Espada Lima, Ana Flávia Pinto Magalhães, Andrea Maia, Felipe Magalhães, Roberto Guedes, Vinícius Oliveira, Ana Paula Palamartchuk, Regina Xavier, Alexandre Fortes, Antônio Negro (Gino), Paulo Fontes e Larissa Corrêa registro meus votos de agradecimento pelas palavras de incentivo, ditas em animados encontros, realizados na fase mais intensa da redação, quando pensava que o trabalho nunca chegaria ao fim. Também sou grata aos colegas de profissão Petrônio Domingues e Paulino Cardoso, que, em diferentes ocasiões, compartilharam comigo livros e documentos sobre o “meio negro” paulista da Primeira República e a Maria Aparecida Oliveira Lopes, pioneira no estudo da cosmética negra no Brasil e que a mim confiou a tarefa de redigir a orelha de seu belo livro sobre o assunto.

Como não poderia deixar de ser, deixo um agradecimento mais que especial à querida Anita Lucchesi, senhora da magia e dos segredos que tornaram possível a edição de todas as imagens da tese. Ele também se estende a Eliza Vianna, quem também ofereceu ajuda preciosa. Agradeço também a Adriano Macedo Garcia, Gilciane Araújo, Frederico Corrêa, Alexandre “Bomb”, Alexandre Cunha, Luiz Carlos Pinho Ramos, Vinicius Magno e Oswaldo, grandes amigos com quem dei os primeiros passos da formação como historiadora na turma de graduação da UFRJ dos tempos idos de 1999. Ao apostar todas as fichas na importância da educação básica, agradeço aos meus colegas, professores da equipe de Prática de Ensino de História da UFRJ: Alessandra Nicodemos, Amilcar Pereira, Carmen Gabriel, Cinthia Araújo, Silvia Cáceres. Ainda na equipe, deixo um agradecimento especial à mestra Ana Maria Monteiro, grande educadora, com quem muito aprendo desde os tempos em que era sua aluna na licenciatura e à amiga Warley da Costa, que ao aliar simplicidade e conhecimento, é uma grande fonte de inspiração. Nesse sentido, registro minha gratidão aos alunos da turma de licenciandos com quem trabalhei em 2011 e a professores e professoras de Norte a Sul do Brasil como Mirlen Moura e Marcos Rubim.

Com eles tenho tido a oportunidade de trabalhar em cursos de formação voltados para Educação de Jovens e Adultos e para o ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira.

Reservo um agradecimento especial à equipe do Schomburg Center for Research in Black Culture, parte da New York Public Library, onde realizei a maior parte das pesquisas para a tese. O sentimento de ter o arquivo como uma segunda casa só foi possível pela ajuda incansável de Auburn Nelson, Sharon Howard e Steven Fullwood. No Brasil, sou grata à solicitude de Júnior e mais tarde de Ana Jaqueline Mattos, funcionários da Pós-Graduação em História da Unicamp, que sempre deram respostas imediatas às minhas solicitações. Esta última, aliás, prestou-me ajuda indispensável com as infinitas questões burocráticas, inerentes à entrega de uma tese. Num país onde, infelizmente, a atividade intelectual é subvalorizada como um trabalho, torna-se mais que necessário agradecer ao CNPq pela bolsa concedida entre março de 2006 e março de 2011. Com tal recurso, pensar e repensar os caminhos trilhados com a calma requerida para a construção de uma tese tornou-se uma tarefa viável.

Nas religiões de matrizes africanas, os mais velhos ensinam que existem dois tipos de família: a biológica e uma segunda, que escolhemos durante nossa existência terrena. Assim, agradeço enormemente a todos da família Nascimento pela oportunidade de poder escolhê-la e ser, por ela, escolhida. Em primeiro lugar, à minha sogra Natalina, a grande matriarca Dona Natinha, uma jardineira especial, que com força e dignidade, mas ao mesmo tempo doçura e sensibilidade, plantou e cultivou flores um tanto quanto diversas. Rosa Maria, que com suas mãos de fada e coração de ouro, exerce o dom de sempre unir as pessoas no seu animado lar, ao lado do generoso Mário José. Andrea, a Dedeia, que com seu carinho e sua dedicação à família mostra-nos cotidianamente o sentido da palavra amor, com seu companheiro Léo. Michelle, que por onde quer que passe contagia com sua beleza e alegria. André, o Deco, um “homenzarrão”, que a cada encontro ensina que é possível ser um adulto responsável sem, contudo, deixar de ser criança, em parceria com Vanessa, a “Nessa” - cunhada-amiga sempre disposta a ajudar. As primas-parceiras Denise e Patrícia assim como Victor, Marcelo, Kátia, Tia Wanda, Marilene (Nena), Fátima, Júlio, Margarete, Rogério, Renato (*in memoriam*), também fazem parte deste admirável clã. Como não podia

deixar de ser tantas flores germinaram novas semestres: Arthur Henrique, Gustavo, Pedro, Bianca, Felipe, Ian, Hugo, Diogo, Douglas, Júlia, promessas de um novo mundo, mais justo, bonito e colorido.

Dita por alguém que realmente acredita na vida, a máxima “no final tudo dá certo” torna-se mais forte. Assim, agradeço a Álvaro Pereira do Nascimento, marido, amigo e grande historiador, pelo amor, dedicação e paciência (“de Jó”) assim como pela sua parceria na busca de um ponto final que desse conta de toda a beleza e sofrimento das histórias que eu queria contar. Mas como viver não se resume a finalizar desafios, também lhe sou imensamente grata pelas trilhas que abrimos juntos em busca da felicidade. Em meio a tantas fendas, uma sementinha chegou de mansinho e encontra-se a germinar. Venha Peri, mamãe e papai estão te esperando num jardim que agora também é seu!

*Até quando as belas filhas da África serão obrigadas a enterrar suas mentes e seus talentos em chaleiras e panelas de ferro? Até a união, o conhecimento e o amor começarem a fluir entre nós.*

(Maria W. Stewart, discurso para a *First African Baptist Church and Society of Boston*, Massachusetts, 1832).

*Eu sou uma mulher que veio dos campos de algodão do Sul. Lá, fui promovida ao tanque de lavar roupa [e depois] à cozinha. [Da cozinha] eu me auto-promovi ao mundo empresarial dos manufaturados e preparações para o cabelo [e assim] eu construí minha própria empresa, no meu próprio chão.*

(Madam C. J. Walker, discurso proferido na *National Negro League Business Convention*, Washington D. C., 1912).

*Quando eu fui pela primeira vez ao moinho, nós [negros] possuíamos bebedouros segregados (...) A mesma coisa [ocorria] com os banheiros. Eu tinha que limpá-los para inspeção e quando estava pronta para usar um deles, era obrigada a andar até os fundos para ir ao que ficava localizado no porão. Então perguntei ao meu chefe: “qual a diferença? Se eu posso entrar e limpar os toaeletes, por que não posso usá-los?” Finalmente, comecei a ir neles. Decidi que não andaria uma milha para usar o banheiro.*

(Victoria Byerly, Nova York, 1986).



## RESUMO

Esta tese investiga as representações femininas presentes em propagandas de produtos de clareamento de pele (*bleachings*) e crescedores capilares (*hair growers*) da indústria cosmética, veiculadas pela imprensa afro-americana em Boston, Chicago e Nova York, cidades que, entre os anos 1890 e 1930, passaram por uma série de transformações sociais por conta do fenômeno historicamente conhecido como Grande Migração Negra. Ao considerar o processo de urbanização vivenciado pela população de cor que chegava aos milhares no norte do país, enfatizamos a emergência de um capitalismo negro que tinha no “mercado da beleza” um de seus principais ramos comerciais. Nesse sentido, o estudo do papel de “empresárias da raça” como Annie Minerva Pope Turnbo-Malone e Madam C. J. Walker, à luz das contribuições da *Business History*, leva-nos a lançar mão do conceito de “cosmética negra”, entendida aqui como um conjunto de pequenas, médias e grandes empresas, que conduzidas com o capital e a força de trabalho afro-americanos, tinham como um de seus principais objetivos associar lucro financeiro e defesa da “feminilidade negra”, a partir da confecção e venda de manufaturados que prometiam uma “boa aparência” para suas consumidoras. Ao explorar associações ambíguas entre *good look* e pele clara, a pesquisa também examina a construção de uma noção racializada de beleza específica dos negros num contexto de pós-emancipação. Diferentemente do ocorrido na publicidade da cosmetologia branca, tal noção mostra que companhias afro-americanas como a *Porro Hair Beauty Culture*, a *Overton Hygienic Company* e a *Madam C. J. Walker Manufacturing Company* investiram severos esforços na construção de referenciais visuais que conjugassem honra, distinção e equidade social para as “mulheres da raça”. Dentro de uma perspectiva que articula gênero, racialização, classe, cosmética e modernidade, observa-se que ser considerada uma “nova mulher negra”, como se dizia à época, não era um feito para todas. Para gozar de tal *status* era necessário possuir visual discreto, comportamento recatado, alto grau de instrução, mas, sobretudo, pele clara. Assim, ao atrelar físico e comportamento, o referido protótipo marcava a preocupação da comunidade intelectual (editores, jornalistas, publicitários, colunistas, artistas, etc.) em criar representações condizentes com uma noção de “feminilidade respeitada”, que, por seu turno, revelava o investimento numa “cultura da pele mulata”, facilmente captada pelas inúmeras fotografias de mulheres quase brancas, predominantes nas páginas de dezenas de jornais, revistas e catálogos de beleza da “raça”. Nesse sentido, a cosmetologia e a imprensa negras foram duas das maiores responsáveis pela produção de uma “beleza cívica” oriunda de um sistema “colorista” calcado na valorização das mulatas em detrimento das *blacks* (negras retintas). Fato ainda desconhecido pela historiografia brasileira, tais propagandas descortinam formas múltiplas pelas quais as classes alta e média negras criaram suas próprias interpretações e soluções para questões relacionadas à eugenia, ao higienismo, à miscigenação, à urbanização e à segregação racial, abrindo espaço para futuras investigações sobre uma História Social da Beleza Negra.

**Palavras-chave:** beleza, racialização, cosmética negra, pós-emancipação, imprensa negra.



## ABSTRACT

This dissertation examines representations of women in advertisements for skin-bleaching and hair-growing products in the cosmetics industry, which appeared in the African American press in Boston, Chicago and New York. Between the 1890s and 1930s, these cities underwent a series of social transformations as a result of the phenomenon referred to by historians as the Great African American Migration. Analyzing the process of urbanization experienced by the population of color, who arrived in their thousands in the north of the country, emphasis will be placed on the emergence of black capitalism, which one of its greatest commercial interests in the beauty industry. The study of the role of black businesswomen like Annie Minerva Pope Turnbo-Malone and Madam C. J. Walker, and their contributions to business history, leads us to the concept of “black cosmetics.” This is herein understood as a group of small, medium and large businesses which, drawing on African American capital and labor, aimed to unite profit with the defense of “black femininity,” via the production and sale of products that promised their consumers a “good appearance.” By exploring the ambiguous associations between “looking good” and whiteness of skin, the study also examines the construction of a specifically racialized notion of beauty held by blacks in the post-emancipation United States. This notion reveals how, unlike white beauty advertisers, African American companies like Poro Hair Beauty Culture, Overton Hygienic Company and Madam C J Walker Manufacturing Company invested considerable efforts in constructing visual imagery which could confer honor, distinction and social equality on black women. Taking a perspective that brings together gender, racialization, class, beauty and modernity, the dissertation observes how being considered a “new black woman,” as the phrase went at the time, was not attainable by all women. In order to enjoy such a status, it was important to possess a visual image that emphasized discretion, modest behavior, a high standard of education, but, above all, light skin. Equating looks with behavior, this prototype demonstrated the desire of the intellectual community (editors, journalists, advertising companies, columnists, artists, etc) to create images that chimed with a notion of “respectable femininity.” This, in turn, demonstrated a deep investment in a “mulatto culture,” easily captured by innumerable photographs of nearly-white women which dominated the pages of dozens of African American newspapers, magazines and beauty catalogues. Thus, the cosmetics industry and the black press were two of the most influential entities in the creation of “civic beauty,” derived from a colorist system which favored mixed-race women over black women. Brazilian historiography has yet to examine how such advertisements reveal the many ways in which the black upper and middle classes created their own interpretations and solutions for issues of eugenics, hygiene, miscegenation, urbanization and racial segregation. This, in the future, might lead us to a social history of black beauty.

**Key words:** beauty, racialization, cosmetics for black women, post-emancipation, black press



## Lista de Figuras

Figura 1. “Multidão no Harlem”, 1919. ....	25
Figura 2. “Porcentagem Negro na população dos Estados Unidos por região, 1910”.....	27
Figura 3. “Sala de espera [para negros] numa estação ferroviária, Jacksonville”, Florida, 1921.....	28
Figura 4. “Mudando para o Norte”, 1922 [“Uma família <i>Negro</i> do Sul rural recém-chegada em Chicago”].....	31
Figura 5. “Fotografia do Survey”/”Uma família sulista no Norte”, maio de 1918 .....	32
Figura 6. “Uma típica escola do interior do país”, 1905. ....	33
Figura 7. “[Mulheres] nas casas de empacotamento”, 1919 .....	36
Figura 8. “Garotas e mulheres Negras empregadas numa fábrica de <i>abajours</i> ”. [“O ambiente é pouco iluminado e sem atração”].....	38
Figura 9. “Uma família típica da <i>plantation</i> ”, 1900. ....	39
Figura 10. “Um beco no Lower East Side de Nova York – a duas quadras da 5ª Avenida”, 1905.....	40
Figura 11. “Vagão [trem] do Jim Crow”.....	61
Figura 12. “Theodore Jones, um conhecido estoquista e expressivo homem de Chicago, Illinois, delegado do primeiro encontro da <i>National Negro Business League</i> , em Houston, Massachusetts”. ....	64
Figura 13. “Albreta Morre Smith, Chigado, Illinois, correspondente da revista <i>The Colored American Magazine</i> ”.....	65
Figura 14. “Miss M. A. Winnar, Lestern A. Walton, Capt W. Il. Butler, Miss Anna K. Russele, Saint Louis, Missouri”.....	66
Figura 15. “Eleanore Booth e Frank George [respectivamente de New Heaven, Connecticut e Chicago, Illinois]”.....	68
Figura 16. “Miss Georgina Glover e Miss Ida Hall, Boston, Massachusetts”. ....	69
Figura 17. “Miss Augusta (ilegível), Mrs Powhatan, Miss Elizabeth Hemmings e Miss Anna Smith, Boston, Massachusetts”.....	71
Figura 18. “A Vida Social da <i>America Colored</i> , Uma reunião em pleno inverno, Baltimore, Maryland”.....	72

Figura 19. “A. C. Howard, Miss Gertrude Moore, Mrs Geo Alexander e Geo Falmer, Chigago, Illinois” .....	73
Figura 20. “Miss Hessie Winfield, Brooklyn, New York e Preston Taylor, Nashville, Tennessee” .....	74
Figura 21. “Mrs Rosa Smallwood”, [ <i>Lady Presidente do The Temperance Industrial and Collegiate Institute</i> ] e “Prof. Jno. J. Smallwood, Presidente [do Instituto]” .....	75
Figura 22. “Dr. H. C. Faulkner, Chicago Illinois, Mrs. Georgia M. de Baptish Faulkner, Chigaco Illinois” .....	76
Figura 23. “Bob Cole, [escritor]” .....	77
Figura 24. Da esquerda para direita, de cima para baixo: “Miss Halle Q. Brown, Wilberforce, Ohio, Mrs. Asenath P. Artis, organizadora e crítica do Eurydice Club, Marion Indiana; Mrs. Aurelia Lannes, Washington D.C. e Mr. George W. Cook, Nina, New York” .....	78
Figura 25. “Dr. R. Emmet Jones, Richmond, Vancouver, Mrs. Anna Wells Pitts, Chicago [e o] prédio da Woman’s Central League Training School, Illinois” .....	79
Figura 26. “Cirurgião-Chefe de cor, estagiários e enfermeiras , General City Hospital, Kansas City, Missouri” .....	81
Figura 27. “J. Morris Wright, Wilberforce, Ohio e Miss Louise Jackbon, Newport, Rhode Island” .....	82
Figura 28. “Dois dentistas afro-americanos e uma mulher higienista na <i>New York Tuberculosis and Health Association, Inc.</i> ”, 1926. ....	84
Figura 29. “Miss Lucille S. Wilson, Baltimore, Maryland” .....	90
Figura 30. Do lado esquerdo “Mrs. Frances Wells e Miss Olivia B. Hassalum”, [dois protótipos de novas mulheres negras]”, do direito, representação de Harriet Tubman. ....	91
Figura 31. Propaganda do livro <i>Contending Forces</i> , de Paulina Hopkins.....	93
Figura 32. “Miss Lila Morse e Miss Carrie M. Oliver, alunas da futura turma do <i>Boydton Institute</i> , Virginia, de 1901” .....	94
Figura 33. “Mme. Elizabeth R. Williams, New York, “tutora profissional por muitos anos em várias partes do Sul” .....	95
Figura 34. “Mrs. Edward Everett Brown e Mrs. Walter Simpson de Boston” .....	96

Figura 35. “Miss Lizzie Burbell, uma das líderes sociais de Richmond, Virgínia” .	97
Figura 36. Capa <i>The Colored American Magazine</i> , nov. 1900.	99
Figura 37. Capa <i>The Colored American Magazine</i> , mar. 1901.	100
Figura 38. Capa <i>The Colored American Magazine</i> , ago. 1901.	101
Figura 39. Capa <i>The Colored American Magazine</i> , mai. 1902.	102
Figura 40. Capa <i>The Colored American Magazine</i> , jun. 1902.	103
Figura 41. Capa <i>The Colored American Magazine</i> , jul. 1902.	104
Figura 42. Capa <i>The Colored American Magazine</i> , ago. 1902.	105
Figura 43. Capa <i>The Colored American Magazine</i> , set. 1902.	106
Figura 44. “Mulher Khoisan” .	113
Figura 45. Caricatura de Baartman, desenhada no início do século XIX.	113
Figura 46. “Examinando a La Venus Hotentote”, s/d.	114
Figura 47. Anna Julia Cooper (Raleigh, Carolina do Norte).	118
Figura 48. Capa <i>The Voice of the Negro</i> .	122
Figura 49. “Mrs. Josephine Silone-Yates, Professora de Inglês do Lincoln Institute, Jefferson City, Mo., e Presidente da <i>National Association of Colored Women</i> ” .	124
Figura 50. “Mrs. [Margaret Murray] Booker T. Washington, Esposa do Distinto Presidente do <i>Tuskegee Institute</i> ” .	125
Figura 51. Mrs. Addie Hunton (Atlanta, Geórgia).	127
Figura 52. “Décima Sessão Bienal da <i>National Association of the Colored Women</i> ”. Em branco lê-se na fotografia: “N.A. Colored Women Convention, Wilberforce, O., Aug-6-1914” .	129
Figura 53. Mrs. Mary Church Terrell (Memphis, Tennessee).	131
Figura 54. “Mrs. Sylvania Francoz Williams (Nova Orleans, Louisiana).	132
Figura 55. Mrs. Josephine Beall Wilson Bruce (Filadélfia, Pensilvânia).	134
Figura 56. “Gussie, por John Adams Jr.” .	135
Figura 57. Miss Alexander e sua “inatingível boa graça” .	136
Figura 58. “Esta garota de lindos olhos é resultado da formação cuidadosa em casa e da educação constante na escola. Há uma promessa rara de inteligência e caráter que emana da	

sua forte individualidade. Uma garota modelo, filha do reitor de uma faculdade, é Lorainetta”	144
Figura 59. “No seu rosto existe uma impressão de bondade e carinho incomum, parte de um espírito empreendedor que tem sido responsável pela formação de Lena”	144
Figura 60. “Você não pode evitar o movimento deste dignificado semblante. A formação universitária a faz parecer assim, o máximo”	145
Figura 61. “Nós queremos homens merecedores, que saibam reconhecer e estimar mulheres que merecem tal apreciação. Esta é uma sentença de morte para o malandro e o mulherengo. Você deveria escrever um livro sobre isso, Eva”. (Eva e John Henry Adams Jr.	145
Figura 62. “Fannie Barrier Williams. Membro do Clube de Mulheres de Chicago, correspondente de jornal e escritora”	146
Figura 63. “Ida Gray Nelson, D.D.S. A única senhorita de cor dentista no país. Graduada em Ann Arbor, Michigan: é muito popular e tem obtido muito lucro com sua prática na cidade de Chicago”	146
Figura 64. “Mrs. Lulu Love. Proeminente professora de Cultura Física na Escola Pública de Washington, D.C.	147
Figura 65. <i>Packer's Tar Soap</i> , 1904.	154
Figura 66. “Para ser bonita”, <i>Pond's</i> , 1907.	160
Figura 67. “Beleza depende de quanto o seu pó [facial] combina com sua pele”, <i>Pompeian Beauty</i> , 1926.	161
Figura 68. <i>Gold Dust Twins</i> , 1910.	162
Figura 69. <i>Gold Dust Twins</i> , 1910.	162
Figura 70. <i>Gold Dust Twins</i> , 1910.	163
Figura 71. <i>Gold Dust Twins</i> , 1916.	163
Figura 72. <i>Rhum Negrita</i> , 1910.	164
Figura 73. “A embalagem do future”, 1918.	164
Figura 74. <i>Indian Belle Grapefruit</i> , 1916.	165
Figura 75. <i>Yum-Yum Brand Apples</i> , 1920.	165
Figura 76. “Melhor que Jóias”, <i>Palmolive</i> , 1922.	167

Figura 77. “Favorito da Mama”, <i>White Rose</i> , 1906.....	168
Figura 78. “Palmolive, um sabonete que tem uma história”, 1917. ....	169
Figura 79. “Belezas de Todas as Raças”, <i>Pepsodent</i> , 1922. ....	170
Figura 80. “Uma Mensagem da Nova Beleza”, <i>Pond’s</i> , 1906. ....	172
Figura 81. “O mais antigo problema de hygiene da mulher”, <i>Kotex</i> , 1924. ....	174
Figura 82. “Uma mulher pode trabalhar e manter sua saúde?” <i>Pyrodento</i> , 1925. ....	175
Figura 83. “Beleza começa com a pele”, <i>Marie Barlow</i> , 1929. ....	178
Figura 84. Na mesma página: propagandas <i>Black Skin Remover</i> [“Removedor de Pele Negra”] (esq.) e <i>Hartona</i> (dir.).....	181
Figura 85. (esq.) Figura 86. (dir.) .....	182
Figura 87. Duas das páginas de anúncios da <i>The Crisis</i> . ....	183
Figura 88. <i>The General Hospital School for Nurses</i> [“Escola do Hospital Geral para Enfermeiras”], Kansas City, Missouri. ....	184
Figura 89. <i>The Stenographer’s Institute</i> [“O Instituto de Taquigrafia”], Filadélfia, Pensilvânia. ....	185
Figura 90. Acima, fotografia das estudantes do <i>Stenographer’s Institute</i> da Filadélfia, Pensilvânia. Abaixo à direita, propaganda “Procura-se taquigrafas de todas as raças” e o anúncio do <i>Lincoln Hospital and Home TRAINING SCHOOL FOR NURSES</i> [“Hospital Lincoln e Escola de Treinamento de Acompanhantes para Enfermeiras”] da cidade de Nova York. ....	186
Figura 91. À esquerda grifada, propaganda do <i>The Colored Teacher’s Bureau</i> [“Escritório das Professoras de Cor”], Wilberforce, Ohio. À direita “Alguns formandos, estudantes e professores da turma de 1919 do <i>Stenographer’s Institute</i> ”. ....	187
Figura 92. <i>Mutual Teacher’s Agency</i> [“Agência de Professores Mútuos”], Washington D. C., Washington. ....	187
Figura 93. Propagandas com oportunidades educacionais em diferentes partes do país: <i>Collegiate and School Professional</i> na <i>Howard University</i> em Washington, <i>Morgan College and Branches</i> (“várias cidades do Norte e do Sul”) e <i>Agricultural and Mechanical College for Negroes</i> no Alabama.....	188

Figura 94. “Uma convenção dos agentes de venda”. Na foto, “tirada em frente à sede da empresa”. Antony Overton (sentado ao centro) e sua equipe de vendedores. ....	191
Figura 95. À esquerda, anúncio do <i>High-Brown Soap</i> . À direita, <i>Beauty Hints</i> , uma coluna mensal com dicas sobre como cuidar da beleza feminina. ....	192
Figura 96. Anúncios do <i>High-Brown Peroxide Vanishing Cream</i> [“Creme de Desaparecimento <i>High-Brown Peroxide</i> ”] e do <i>High-Brown Cold Cream</i> [“Creme Frio <i>High-Brown</i> ”]. ....	194
Figura 97. Capa da <i>Encyclopedia of Colored People</i> [“Enciclopédia da População de Cor”], 1922. ....	195
Figura 98. “Chefes de alguns dos Departamentos da <i>Overton Hygienic Company</i> ” .....	197
Figura 99. “Algumas [pessoas] da Força Oficial e ados gentes de venda [da <i>Overton Hygienic Company</i> ]” .....	198
Figura 100. “Boas Operadoras da Beleza”, <i>The Overton High-Brown Beauty College</i> . ....	199
Figura 101. Mme. Mason e a <i>Thomas School Beauty Culture</i> . ....	200
Figura 102. Capa do catálogo da <i>Poro Hair &amp; Beauty Culture</i> . ....	202
Figura 103. <i>Poro Skin Soap</i> com seus “mais puros ingredientes” .....	203
Figura 104. Anúncio do <i>Poro Skin Soap</i> no canto direito da página. ....	203
Figura 105. “Seu cabelo está caindo?” <i>Madam Walker’s Hair Preparations</i> . ....	204
Figura 106. “Quatro Grandes Líderes” (esq.) e “Algumas Belezas de Cor” (dir.). ....	205
Figura 107. Propaganda “Aristocratas da Penteadeira”/Tan-Off da Madam Walker Company. ....	206
Figura 108. “O maior avanço do mundo feito pela Raça de Cor” (esq.) e “Liderança em Negócios” por <i>Mme. C. J. Walker Co.</i> .....	207
Figura 109. Alene Johnson (esq.) e Verna Blackwell (dir.), vencedoras de etapas sucessivas de um concurso de beleza negra promovidos em Massachusetts e New England. ....	208
Figura 110. “Torne-se Bonita!”, <i>Johnson MFG Co.</i> .....	209
Figura 111. <i>Mme Rumford</i> (esq.) e os “estilos prevacentes para o verão” .....	210
Figura 112. “Dinheiro extra com vestidos” .....	212
Figura 113. “Desenhos para costureiras práticas”, anos 1920. ....	213
Figura 114. Propaganda do <i>Ozono</i> , “o rei de todos os penteados”, <i>Boston Chemical Co.</i> .	215

Figura 115. Propaganda do <i>Ozono</i> , <i>Boston Chemical Co.</i> .....	216
Figura 116. Propaganda “Removedor de Pele Negra”.....	217
Figura 117. Propaganda “Uma boa compleição” (esq.) e comercial do <i>Tuskegee Institute</i> , de Booker T. Washington (dir.). .....	219
Figura 118. Propaganda “Branqueador Imperial”. .....	220
Figura 119. Propaganda “Lavador Facial Hartona”.....	222
Figura 120. Propaganda Hartona, “a maior de todas as preparações para o cabelo, positivamente incomparável [no] alisamento de todos os cabelos carapinhas, teimosos e ásperos”. Destaque para o fragmento que promete tornar “a pele de uma pessoa mulata perfeitamente branca”. <i>Hartona Remedy Co.</i> .....	223
Figura 121. Propaganda “Você pode branquear seu rosto, alisar seu [cabelo] enrolado ou carapinha e aliviar as dores nos pés”. .....	224
Figura 122. “Conselhos de Beleza para as Compleições Escuras”, “Preparações de Branqueamento da Pele do <i>Dr. Fred Palmer’s</i> ”.....	226
Figura 123. Abaixo à esquerda, fotografia de Kelly Miller. Acima propaganda de um de seus livros, <i>A Guerra Mundial por Direitos Humanos ou O Negro em Nossa Guerra.</i> .....	227
Figura 124. “A Beleza”. .....	229
Figura 125. “A tonalidade rosa”, <i>Plough Chemical Co.</i> .....	231
Figura 126. <i>The National Association for the Promotion of Labor Unionism Among Negroes</i> [“A Associação Nacional para a Promoção do Sindicalismo entre Negros”]. .....	232
Figura 127. Propaganda “Você acredita em sinais?”, <i>Palmer’s.</i> .....	235
Figura 128. A professor Maria Baldwin na coluna <i>Men of the Month.</i> .....	236
Figura 129. Ida Gwathmey Anderson, atriz. .....	238
Figura 130. “Preparações <i>Kashmir</i> Melhor que o Melhor”. .....	239
Figura 131. “Não se preocupe com a pele ruim, aprenda a maneira <i>Kashmir</i> ”. .....	241
Figura 132. Miss Mary Cromwell posando ao lado dos homenageados da coluna <i>Men of the Month.</i> .....	242
Figura 133. Miss Fern Caldwell, a tenista “invicta”.....	244
Figura 134. Homens negros retirados à força do ônibus e sendo aguardados pela população. ....	245

Figura 135. “Mineola McGee, atingida [por disparos] do soldado e do policial. Seu braço teve que ser amputado” .....	246
Figura 136. “Narcis Gurley, perto dos seus 71 anos. Vivia em sua casa por mais de 30 anos quando as paredes foram queimadas [no massacre]” .....	247
Figura 137. “A Indústria do Linchamento” .....	249
Figura 138. Reprodução da notícia “3.000 queimarão um Negro” publicada no jornal <i>Jackson Daily News</i> , de Nova Orleans. ....	250
Figura 139. “Horror de Waco (multidão)” .....	251
Figura 140. “Horror de Waco (torturas)” .....	252
Figura 141. “Cultura da Beleza” da Madame Barreau.....	253
Figura 142. Miss Isabelle Eaton estampando a coluna <i>Men of the Month</i> .....	253
Figura 143. Da esquerda para direita, de cima para baixo: <i>The National Teacher’s Agency</i> “[Agência Nacional de Professoras], descritivo da estrutura da revista <i>The Crisis</i> e “Procura-se Professoras de escola” .....	255
Figura 144. “A Enfermeira da Cruz Vermelha”, <i>Kashmir</i> .....	257
Figura 145. “Elas são imbatíveis”, <i>Kashmir</i> .....	259
Figura 146. “Preparações <i>Kashmir</i> para o cabelo e a pele” .....	260
Figura 147. Mãe e garoto <i>Kashmir</i> .....	262
Figura 148. “Preparações <i>Kashmir</i> para pele e cabelo” .....	264
Figura 149. “Cabelo Científico e Cultura da Pele” <i>Kashmir – The College of Beauty Culture</i> .....	266
Figura 150. “Aprenda Cultura da Beleza” .....	267
Figura 151. Na página à esquerda propaganda das “Preparações para o Cabelo da Madam C. J. Walker”. À direita, comercial “Agentes ganham muito dinheiro” da <i>Kashmir Chemical Co.</i> .....	269
Figura 152. “Por que não ser uma Garota <i>Kashmir</i> ?” .....	270
Figura 153. “A Garota <i>Kashmir</i> ”.....	272
Figura 154. “Milhares na Marcha de Protesto Silencioso: Protestos em Nova York contra assassinatos e motins” .....	274
Figura 155. “1.000 Bonecas Negras Gratuitas”.....	275

Figura 156. Chamada para o I Congresso Universal das Raças. ....	277
Figura 157. Fotografia de Nannie Helen Burroughs, s/d. ....	278
Figura 158. Exibição de cinco crianças mulatas, respectivamente (de baixo para cima e da esquerda para direita) de Michigan, Cuba, Wisconsin e New Jersey na coluna “Fotografias dos nossos bebês”. ....	279
Figura 159. Nannie Burroughs à frente de suas companheiras segurando o cartaz da <i>Women’s National Baptist</i> , 1900. ....	282
Figura 160. Propaganda do livro <i>As Almas da Gente Negra</i> de William E. B. Du Bois. ....	283
Figura 161. “Um trio de modelos atraentes”. ....	290
Figura 162. “Quem é a Garota de Cor Mais Bonita dos Estados Unidos?” ....	291
Figura 163. “O Original Clareador da Compleição <i>Ro-Zol</i> ”, <i>Overton Hygienic Co. Chicago</i> . ....	292
Figura 164. “Clareie as manchas”, <i>Madam C. J. Walker Manufacturing Company</i> . ....	293
Figura 165. “Filhas de Adão e Eva”. ....	295
Figura 166. Três meninas <i>blacks</i> na capa da <i>The Messenger</i> . ....	297
Figura 167. “Atores do <i>Lafayette Theatre New York City</i> ” ....	298
Figura 168. “Belezas”. ....	299
Figura 169. <i>Negro Life</i> . ....	300
Figura 170. “Da Alcova para a Praia”. ....	301
Figura 171. No cabeçalho da legenda da fotografia lê-se: “Populares Jovens de Missouri”, com os respectivos nomes das mulatas. ....	302
Figura 172 “Homens Preferem Beleza”. ....	303
Figura 173. Alice Dunbar (esq.) e Drusilla Dunjee Houston (dir.), posando acima de homens da raça na coluna <i>Aframerican Academy</i> . ....	304
Figura 174. A atriz Evelyn Hills, única mulher homenageada nesta edição da coluna <i>The Aframerican Academy</i> . ....	305
Figura 175. O músico Clarence White na coluna <i>African Academy</i> . ....	306
Figura 176. Cabeçalho e fotografias do texto “A Hora das Crianças”. ....	307
Figura 177. Capa <i>The Messenger</i> no mesmo mês de publicação do texto <i>The Children’s Hour</i> . ....	308

Figura 178. “Líderes Sociais de Richmond, Virgínia”	309
Figura 179. “Exaltando a Femilidade Negra – Um <i>Bouquet</i> de Belezas de Nova York”	310
Figura 180. “Exaltando a Feminilidade Negra – Sociedade Culta de Washington”	311
Figura 181. “Algumas <i>Ladies de Chicago</i> ”, com destaque para Miss Jackson (acima) e Miss Brown	313
Figura 182. Fotografias de mulheres mulatas, com destaque para Hazel Lucas	314
Figura 183. Fotografias de mulheres mulatas, com destaque para Dorothy Coleman	315
Figura 184. Fotografias de mulheres mulatas. Destaques da esquerda para a direita, de baixo para cima para Clarence A. Jones, Gertrude Chrisman e Sade S. Cole	316
Figura 185. Capa do catálogo <i>The Key to Beauty, Success and Happiness</i> [“A Chave da Beleza, do Sucesso e da Felicidade”]. No canto superior à esquerda fotografia de Madam C. J. Walker	317
Figura 186. “A’Lelia Walker usando seu colar favorito, um terço chinês com contas de ambar”	318
Figura 187. “Rainha do Nilo para o cabelo e a pele”, <i>Kashmir</i>	319
Figura 188. Rainha do Nilo para o cabelo e a pele”, <i>Kashmir</i>	321
Figura 189. “Rainha do Nilo Preparações para o cabelo e a pele”	323
Figura 190. Phillip Randolph e Chandler Owen, editores da revista <i>The Messenger</i>	326
Figura 191. “Supremacia da Boa Aparência”	327
Figura 192. Cabana da família Breedlove em Delta, Lousiana, s/d	330
Figura 193. Selo da <i>USPS</i> [Correios dos EUA] em homenagem a Madam C.J. Walker, Coleção <i>Black Heritage</i> , 1997	331
Figura 194. Annie Pope Turnbo Malone Madam C. J. Walker (dir.)	335
Figura 195. “Madam Walker na época em que ela abriu o primeiro Lelia College em Pittsburgh”, c. 1909	336
Figura 196. “Por que você não compra o melhor pente?” Divulgação de diferentes modelos de pentes para cabelos afro-americanos	341
Figura 197. “A casa atual da <i>Poro Hair and Toilet Preparations</i> ”/ Uma bonita planta que reflete os resultados dos serviços prestados”	342
Figura 198. Sala de jantar da PHBC	343

Figura 199. Cafeteria da PHBC.....	344
Figura 200. Padaria da PHBC.....	344
Figura 201. Lavanderia da PHBC.....	344
Figura 202. Escritório Geral da PHBC. ....	345
Figura 203. Escritório de informações localizado no <i>lobby</i> .....	345
Figura 204. Arquivo da PHBC. ....	346
Figura 205. “Uma turma de graduação da <i>Poro</i> ”.....	347
Figura 206. “Uma vista parcial do Departamento de Empacotamento”.....	348
Figura 207. <i>Motor truck facilities</i> . ....	348
Figura 208. “É suficiente saber que isto é <i>Poro</i> Comércio e Mercado”.....	349
Figura 209. “Madam Walker com suas agentes de Ohio em torno de 1918. Madam Walker viajou exaustivamente pelos EUA e pelo Caribe treinando um exército de <i>Walker Beauty Culturists</i> ”.....	351
Figura 210. “A mansão da mulher negra mais rica do subúrbio”.....	353
Figura 211. “Da Cabana à Mansão, de Escrava à Líder Social”.....	356
Figura 212. “Madam C. J. Walker: Uma Mulher Maravilha da Raça”.....	359
Figura 213. “Cuidado Constante – Não Sorte”. Na fotografia, Madam C. J. Walker. ....	361
Figura 214. “Aristocratas da Penteadeira”, com destaque para as orientações dos “Tratamentos de Beleza Simples”.....	363
Figura 215. “O Original <i>Poro Hair Grower</i> ”.....	364
Figura 216. “Preparações para o cabelo da Madam C. J. Walker”.....	368
Figura 217. “A mais antiga fotografia de Madam C. J. Walker que se tem conhecimento, provavelmente tirada nos anos 1890”. As imagens da esquerda e da direita contrastam com a do centro, que mostra a lavadeira antes da criação do seu <i>Wonderful Hair Grower</i> . ....	369
Figura 218. Culturista tratando o cabelo de uma cliente. O quadro ao centro certifica a profissional como uma <i>beauty culturist</i> da Madam C. J. Walker.....	370
Figura 219. “Madam Walker no volante di seu <i>Ford T</i> em frente à sua casa em Indianapolis em 1912, com a sobrinha Anjetta Breedlove, a bibliotecária Lucy Flint e a <i>lady</i> ribalta da fábrica Alice Kelly”.....	371
Figura 220. “Inimigos Sociais-Amigos Comprovados”.....	372

Figura 221. “Você também pode ser uma beleza fascinante”, anos 1930. ....	374
Figura 222. Turma de graduadas do <i>St. Louis Walker Beauty</i> em 1939. ....	375

## Lista de Tabelas

Tabela 1. População <i>Black</i> e <i>Mulatto</i> , livre e escrava, classificada por sexo no país e em três estados .....	50
Tabela 2. População total de <i>Whites</i> e <i>Negroes</i> , EUA, 1850-1920 .....	56
Tabela 3. População de <i>Branços</i> , <i>Negros</i> , <i>Pretos</i> e <i>Pardos</i> em Cuba e no Brasil, 1862 e 1872.....	56
Tabela 4. População total <i>Negro</i> , dividida em <i>Black</i> e <i>Mulatto</i> , EUA, 1850-1920.....	57
Tabela 5. População <i>White</i> , <i>Negro</i> e <i>Mulatto</i> por estados, 1850-1920.....	58
Tabela 6. População <i>Mulatto</i> em relação a população total dos EUA em três das principais cidades com publicações negras pesquisadas de acordo com o Censo de 1910. ....	58
Tabela 7. População <i>Negro</i> e <i>Mulatto</i> em relação à população total dos EUA.....	59
Tabela 8. População <i>Negro</i> com engajamento mínimo de 10 anos em ocupações específicas: 1900.....	86



## Lista de Quadros

Quadro 1. Evolução das categorias de cor para <i>Negroes</i> no Censo dos EUA, 1850-1960..	53
Quadro 2. Instruções dadas aos recenseadores relacionadas às classificações <i>Black</i> , <i>Mulatto</i> , <i>Quadroon</i> e <i>Octoroon</i> , 1850-1920 .....	54
Quadro 3. Listagem dos produtos Kashmir por nome, função e parte do corpo destinada	263
Quadro 4. Produtos comercializados pela MCJWMC entre os anos 1910 e 1920.....	366



## SUMÁRIO

<b>Introdução: Arrumando os cachos: a construção do objeto</b> .....	1
<b>Capítulo 1: Sonhos de “melhoramento”: do surgimento da imprensa afro-americana à grande migração para o norte</b> .....	15
1.1 Mapeando uma “nação”: a formação da imprensa afro-americana.....	16
1.2 Uma jornada para o Norte.....	22
<b>Capítulo 2: A formação de uma “aristocracia de cor”</b> .....	43
2.1 Sobre História Social, “Pigmentocracia” Mulata, “Colorismo” e “Economias da Cor” na escravidão e no pós-emancipação .....	44
2.2 Os Perigos dos Negros Brancos: cultura mulata, classe e beleza eugênica .....	60
<b>Capítulo 3: “Mulheres da Raça”: intelectuais negras, corpo, ciência e racialização do gênero</b> .....	107
3.1 “Onde e como eu entro?” Ciência, gênero, raça e imagem no Oitocentos.....	108
3.2 Esculpindo a “Nova Mulher Negra”: feminilidade, respeitabilidade e beleza eugênica nos escritos de algumas representantes da raça .....	117
<b>Capítulo 4: À flor da pele: cultura da beleza, cremes para clarear e as apropriações do discurso eugênico entre afro-americanas</b> .....	149
4.1 Fabricando a beleza: moda e propaganda femininas na virada do século .....	150
4.2 “Emoções da pele”: indústria cosmética, capitalismo, higienismo e eugenia .....	153
4.3 Removendo a pele negra: <i>skin culture</i> mulata e síndrome do <i>bleaching</i> .....	178
4.4 “Melhor que o Melhor”: tornando-se uma Garota Kashmir .....	235
4.5 Por que não Cleópatra? Ambiguidades e conflitos ideológicos a respeito do uso dos <i>bleachings</i> entre os líderes da raça.....	273
<b>Capítulo 5: “Aristocratas da penteadeira”: empresárias da raça e “políticas do cabelo black”</b> .....	329
5.1 Sobre peles e pêlos: os “hediondos naturais” e as relações de complementaridade entre a prática do <i>bleaching</i> e a do alisamento no mundo afro-americano .....	330
5.2 “Fazendo a cabeça”: Annie Pope Turnbo-Malone, uma empresária da raça esquecida .....	337
5.3 “Da Cabana à Mansão”: Madam C. J. Walker, uma “mulher maravilha da raça” ...	350
5.4 Sorte X Cuidado: os diferenciais da publicidade da Madam C. J. Walker Manufacturing Company.....	360
5.5 “Como fios de algodão”: narrativas polissêmicas de crescimento e alisamento .....	367
5.6 “Você também pode ser uma beleza fascinante”: as distinções entre beleza e boa aparência.....	372
<b>Tranças transnacionais: beleza, cosmética e masculinidade na imprensa negra pós-emancipação do Brasil e dos EUA</b> .....	377
<b>Epílogo: O mercado global do clareamento no século XXI</b> .....	391
<b>Fontes primárias e referências bibliográficas</b> .....	395



## **Introdução: Arrumando os cachos: a construção do objeto**

Em janeiro de 2009, quando cheguei ao *Schomburg Center for Research in Black Culture* em Nova York tinha um interesse bastante pontual: pesquisar os concursos de beleza da imprensa afro-americana entre 1900 e 1930. Como e onde ocorriam? Quem os promovia? Como eram as candidatas? Quais seus fenótipos? Quem as escolhia? Que prêmios ganhavam? Estas e outras perguntas eram motivadas por alguns aspectos: a investigação então em curso nos jornais negros de São Paulo da mesma época, a pouca presença feminina em tal material, a escassez na historiografia brasileira de estudos que articulassem gênero, raça e beleza e o desejo de realizar um estudo comparativo entre Brasil e EUA, que tivesse como foco as mulheres negras. Entretanto, com o tempo e a conquista da intimidade com a documentação afro-americana, a recorrência de um inusitado material mudaria substancialmente os rumos da investigação.

Nos EUA de começos do século XX era possível “melhorar” a aparência, às custas, principalmente, de dois artigos: cremes de clareamento para rosto e corpo e tônicos de crescimento capilar. Ao menos era isso o que sugeriam as centenas de anúncios de produtos dessa natureza, voltados para as mulheres de cor, e que chegavam a tomar conta de mais da metade das edições de muitos títulos de uma combativa imprensa negra, que será apresentada no capítulo 1.

O primeiro desafio da pesquisa foi aprender a mediar a “conexão entre experiência e consciência”<sup>1</sup>, uma das principais marcas do pensamento feminista negro, com cada um dos achados no arquivo. Ao levar na mala muitas essencializações sobre um fabuloso mundo afro-americano, idealizado como uma espécie de “meca da negritude”, considerava surpreendente deparar-me com toda uma publicidade cosmética que defendia a manipulação do corpo com vistas ao “clareamento efetivo”<sup>2</sup> como um possível caminho

---

<sup>1</sup> Patricia Hill Collins, *Black Feminist Thought: Knowledge, consciousness, and the politics of empowerment*, New York and London, Routledge, 2009 [1ª ed. 2000], p. 27.

<sup>2</sup> “Foreword”, *Encyclopedia of Colored People and Other Useful Information*, The Overton Hygienic Company, Chicago, 1922, s/p.

para que a população de cor superasse a condição de “quase-cidadã”<sup>3</sup> no mundo livre. Tal atmosfera, apresentada no decorrer do capítulo 4, era expressa por uma linguagem racial que compreendia “métodos científicos de beleza”<sup>4</sup> que iam desde os “embelezadores da compleição” em “três tons”: “branco, rosa-carne e marrom”<sup>5</sup> até o “removedor de pele negra”, que prometia tornar a pele de uma pessoa “mulata perfeitamente branca”.<sup>6</sup>

Baseada no *standpoint*<sup>7</sup> de uma pesquisadora brasileira, que pouco sabia acerca da história dos EUA, esse intrigante universo ia de encontro às longas caminhadas pelas ruas do Harlem e que me colocavam em contato com personagens da história afro-americana “verdadeiramente” negros. Sojourner Truth, Martin Luther King, Harriet Jacobs, Malcolm X, Marcus Garvey eram alguns, dentre tantos outros, que nomeavam ruas e avenidas embaladas pelo som do *hip-hop*, movimentadas pela voz de muçulmanos senegaleses, vendedores da “mais autêntica” manteiga de karitê, e iluminadas pelos letreiros de dezenas de restaurantes como o Sylvia’s, que oferecia a clientes anônimos e ilustres como o presidente Barack Obama, suculentos pratos à base de porco, milho, feijão, batata-doce e outras iguarias, representantes da *soul-food*, a comida “de raiz” dos negros do Sul do país.

Embora ainda não tivesse uma tese capaz de explicar a documentação pesquisada, a “zona de penumbra”<sup>8</sup> que conectava momentos e personagens históricos fazia

---

<sup>3</sup> Olívia M. G. Cunha e Flávio dos Santos Gomes (Orgs.), *Quase-cidadão: histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 2007.

<sup>4</sup> Kashmir Preparations”, *The Crisis: a record of the darker races*, abr.1917, v.3, n. 6, p. 308.

<sup>5</sup> *The Key to Beauty, Success, Happiness*, Indianapolis, Madam C. J. Walker Manufacturing Company, 1929, s/p.

<sup>6</sup> *Crane and Co.* - “Black Skin Remover”, *The Colored American Magazine*, out.1902, s/p.

<sup>7</sup> De acordo com Collins, a *standpoint theory* refere-se a um “grupo de conhecimentos recorrente de padrões de tratamento diferenciados como sugerem certos temas que caracterizam o conhecimento ou o ponto de vista de grupos de mulheres negras nos EUA. *Idem*, p. 29.

<sup>8</sup> De acordo com Eric Hobsbawn, a “zona de penumbra” refere-se “à mistura de nossas lembranças e tradições familiares com o que aprendemos depois sobre determinado período”. Ademais, o conceito reconhece a importância da afetividade e da subjetividade na condução da pesquisa, pois ressalta como “nosso próprio passado está relacionado com a história”. Cf. “Eric Hobsbawn: me recuso a dizer que perdi a esperança”, *Folha de São Paulo*, 25 de setembro de 2009, disponível em:

com que, desde o começo da investigação, a interpretação simplista de que produtos como o “Branqueador Imperial”<sup>9</sup> significavam única e exclusivamente o desejo de ser branco fosse rejeitada. Em vez desse tipo de juízo de valor, acreditava ser de suma importância considerar um aspecto crucial para a fabricação dos manufaturados: o racismo contra a população negra. Foi assim, aliando história e historiografia, que comecei a transformar meu *standpoint*, passando a entender o processo de formação de uma “cultura da beleza” que atuava como alternativa à segregação racial sob outras bases que não a de “negros de almas brancas”. Mas é claro que tal processo não estava isento de contradições.

Os discursos da indústria cosmética advogavam em favor do clareamento da pele e do alisamento do cabelo como forma de construir identidades negras positivadas e condizentes com modernidade, urbanização e liberdade. Por consequência, isso sugeria que a maioria esmagadora de pele escura era “degradada”.<sup>10</sup> Ou seja, no período pós-emancipação existia uma rígida divisão entre *blacks* e *mulattoes* e a indústria cosmética configurava-se num *locus* privilegiado para investigar a fundo tal questão. Posto o problema, como lidar com ele? Com esse entendimento embrionário, no retorno ao arquivo, depois do almoço, era hora de solicitar ao gentil funcionário de Barbados *black magazines* como *The Colored American Magazine*, *The Voice of the Negro*, *The Messenger* e *The Half-Century Magazine*, localizados a partir da leitura de alguns números do colossal jornal *Chicago Defender*.

Enquanto esperava para futucar mais uma casa de maribondos, observava o meu entorno. Adolescentes uniformizados e pouco “adestrados” ao silêncio protocolar exigido nos arquivos, mulheres com tranças que ameaçavam qualquer regra da geometria e outras figuras eram os personagens de um cenário que exalava uma “negritude de raiz”, que em nada tinha a ver com as infundáveis ofertas de alteração da constituição física que encontrava nas referidas publicações do começo do século XX. Rapidamente tornei-me

---

<http://www.socialismo.org.br/portal/historia/148-entrevista/1149-eric-hobsbawm-qme-recuso-a-dizer-que-perdi-a-esperancaq> Acesso: 13/01/2012.

<sup>9</sup> Rilas Gathright - “Whitener Imperial”, *The Colored American Magazine*, nov.1901, v. 4, n. 1, p. 79.

<sup>10</sup> Willard B. Gatewood, *Aristocrats of Color: The Black Elite, 1880-1920*, Fayetteville, University of Arkansas Press, 2000, p. 7.

mais uma, dentre tão vasto (e ao mesmo tempo óbvio) elenco. O acentuado sotaque, a distinta corporeidade e a para “eles” incompreensível necessidade de fotografar tudo marcavam minha alteridade. Assim, num curto espaço de tempo, espalhou-se pelo arquivo a notícia de que existia uma “brasileira” que estava a realizar suas pesquisas. Dali por diante, a força da oralidade cumpria a passos largos seu papel. Desde a coordenadora até os seguranças, todos tinham perguntas ou ainda histórias para contar sobre rápidas visitas ao Brasil. Em tais ocasiões, meus limitados conhecimentos de futebol deixaram novos amigos frustrados. Todavia, as conversas sobre samba, raça e racismo no Rio de Janeiro e em Salvador acalantavam os fãs incondicionais da dupla de Ronaldos.

Quando a “torre” de material requisitado chegava à minha mesa, era o momento de me transportar para um universo, à primeira vista indecifrável. Ao folhear as revistas negras descobri meninas, senhoritas e senhoras de cor que compartilhavam um mesmo sonho: serem belas. Era interessante observar que, para elas, a beleza possuía um significado que transcendia o aspecto visual. Sim, é bem verdade que ser bonita tinha a ver com ter uma “boa aparência”. O mesmo desejo também fazia-se presente entre as mulheres brancas, conforme sugerem os comerciais de empresas como a *Pond’s*, a *Palmolive*, a *Pompeian Beauty* e outras, apresentados no capítulo 4. Entretanto, existia ao menos uma particularidade que tornava possível pensar a “beleza negra” como um conceito histórico.

Para as afro-americanas, ser bonita dizia respeito à articulação entre o *good looking* e a feminilidade exemplar, na qual destacava-se o exercício de algum tipo de ativismo social em prol da sua comunidade. E a publicidade cosmética afro-americana foi categórica ao enfatizar tal particularidade. Com *slogans* como “Da cabana à mansão, de escrava à líder social”<sup>11</sup> e “Glorificando nossa feminilidade”, empresas como a *Madam C. J. Walker Manufacturing Company* passavam “mensagens de esperança”<sup>12</sup> a “mulheres de todas as idades”<sup>13</sup>, lembrando-lhes que era possível resolver “o problema financeiro”<sup>14</sup>,

---

<sup>11</sup> “Da cabana à mansão, de escrava à líder social”, MCJWMC, s/d.

<sup>12</sup> “Sistema Walker”, *The Messenger: a message of democracy*, jan. 1918, v. 2, n. 1, p. 36.

<sup>13</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>14</sup> Idem, *ibidem*.

“alcançar o sucesso”<sup>15</sup> e “aumentar a beleza”<sup>16</sup>, como demonstrava a história da própria Madam Walker, louvada como a “maior benfeitora da Raça”.<sup>17</sup>

Desse modo, para salvaguardar o sucesso do matrimônio e também da “Raça” como um todo, boas esposas de todas as idades eram recrutadas para o quadro de outras companhias de beleza negra como a *Porro Hair & Beauty Culture*, que segundo seu catálogo contava, nos anos 1920, com mais de “setenta e cinco mil mulheres da Raça espalhadas pelo mundo” para o “cultivo científico do cabelo e da beleza”<sup>18</sup>, como veremos no capítulo 5. Integrantes de uma rede de trabalho feminino, tais mulheres não pensavam apenas na profissão. Sabiam da importância de agradar seus maridos, por isso usavam talcos deliciosamente perfumados, que custavam em média U\$0,25. Além disso, cuidavam das mãos, dos pés e dos dentes, mas principalmente da pele e do cabelo, pois tinham consciência que, caso contrário, o perfume cheiroso e a roupa elegante tornar-se-iam meros trastes de luxo. Mas a harmonia do lar e a “boa aparência” não eram tudo.

Devidamente realizados os “primeiros socorros da beleza”<sup>19</sup>, seja na condição de mãe, professora, líder social ou oradora, elas eram belas por dedicarem suas vidas à defesa de algo que lhes parecia ser muito caro: sua “feminilidade”, subtraída ao longo do duro processo de escravidão. Não por acaso proeminentes ativistas sociais como Margareth Booker T. Washington, Mary Church Terrell e Fannie Barrier Williams lutavam veementemente por aquilo que imaginavam ser o “progresso intelectual da mulher de cor”. Como gostavam de sugerir, sua beleza era definida pela força com que batiam “às portas da justiça para pedir uma chance de equidade”, conforme será mostrado no capítulo 3.<sup>20</sup> Vem

---

<sup>15</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>16</sup> “Glorificando nossa feminilidade”, *The Messenger: World’s Greatest Negro Monthly*, mai. 1925, v. 7, n. 5, p. 212.

<sup>17</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>18</sup> “Porro’s Economic Advantages”, *Porro Hair and Beauty Culture*, St. Louis, Porro College, 1922, p. 9.

<sup>19</sup> “The Red Cross Nurse”, “Kashmir for Hair and Skin”, *The Crisis: a record of the darker races*, set. 1918, v. 16, n. 5, s/p.

<sup>20</sup> Mrs. Mary Church Terrell, “The Progress of Colored Women”, *The Voice of the Negro: an illustrated monthly magazine- Our Woman’s Number*, jul.1904, v.1, n. 7, pp. 291-294, p. 293.

do legado dessas intelectuais negras uma segunda surpresa que as “almas” da pesquisa me reservavam.

Desde o século XVII, existiam nos EUA poderosas famílias de mulatos que ficaram historicamente conhecidas como “aristocratas de cor”.<sup>21</sup> Embora tal aspecto seja pouco conhecido pela historiografia brasileira, que, em linhas gerais, parte da premissa da hipodescendência e da supremacia branca para interpretar as relações raciais nos EUA<sup>22</sup>, a preponderância econômica de homens, mas, sobretudo de mulheres mulatas em relação aos *blacks* (negros retintos) tinha a ver com a existência de linhas de cor dentro da própria comunidade negra, que, desde os tempos da colonização inglesa, criava suas próprias estruturas hierárquicas com base no fenótipo claro ou escuro de seus membros. Ao reconstituir a centralidade do gradiente de cores, durante a tese, também procurei dar sentido ao que passei a entender como um “mundo negro”.<sup>23</sup>

Conforme vê-se na sortida publicidade da imprensa negra, os afro-americanos possuíam escolas, hospitais, salões de beleza, barbearias, agências de emprego, imobiliárias, supermercados, cemitérios, etc. E é aí que entra a questão da agência. Uma vez que construíram sua própria sociedade, também eram responsáveis por gestar diversas formas de administrá-la, com destaque, como já dito, para uma segregação racial interna com base na cor de cada sujeito. A “pigmentocracia”, como será mostrado no capítulo 2, foi

---

<sup>21</sup> Willard B. Gatewood, *Aristocrats of Color: The Black Elite, 1880-1920*, Fayetteville, University of Arkansas Press, 2000.

<sup>22</sup> Para uma crítica a tal polarização ver: Micol Seigel, “Beyond Compare: Comparative Method after the Transnational Turn”, *Radical History Review*, n. 91, Winter 2005, pp. 62-90.

<sup>23</sup> Cabe dizer que “Mundo Negro” foi o título de uma das colunas do jornal negro paulistano *O Clarim d’Alvorada*, que notoriamente tinha na experiência dos afro-americanos uma de suas principais fontes de inspiração. Ao demonstrar as conexões estabelecidas entre intelectuais negros no Brasil e nos EUA, em tal espaço, os jornalistas discutiam a “redenção moral e material” do “negro norte-americano” em cidades como Chicago e Nova York, assim como a “política de expansão da nação etíope”. Ver: “O Mundo Negro – Movimento Pan-Negro”, *O Clarim d’Alvorada: legitimo orgam da mocidade negra, noticioso, literario e de combate*, São Paulo, 26 de julho de 1931, anno VIII, n. 34, p. 4. Análises indispensáveis e inovadoras sobre as ligações entre a imprensa negra no Brasil e nos EUA estão em: Amilcar Pereira, “*O Mundo Negro*: a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil (1970-2001)”, Universidade Federal Fluminense, Tese (Doutorado em História), 2010; Micol Seigel, *The point of comparison: Transnational Racial Construction, Brazil and the United States, 1918-1933*, Tese (Doutorado em História), New York University, 2001 e Paulina Alberto, *Terms of Inclusion: Black Intellectuals and the Politics of Belonging in Twentieth-Century Brazil*, University of North Carolina Press, 2011, (no prelo). Agradeço a Paulina Alberto por compartilhar comigo o manuscrito do seu livro.

alimento essencial a tal engrenagem. Ou seja, quanto mais claro fosse um indivíduo negro, maiores eram suas chances de ascensão social dentro do seu universo. Nesse contexto, em certas ocasiões, alguns negros arriscaram-se a alçar vôos para o temido mundo branco, como no caso dos *passings* que na condição de mestiços de pele alva, descendentes de famílias senhoriais, conseguiam, até o século XVIII, mudar seu estatuto jurídico para o de brancos. Havia ainda *passings* mais atrevidos. Perigosos “negros brancos” muito claros que migravam para outros estados e, escondendo seu passado “negro”, faziam-se passar por membros da raça caucasiana.

Como será discutido no capítulo 2, os estudos sobre *Colorismo* foram fundamentais para compreender os meandros dessa estrutura racial responsável por propagar uma ode à mulatice que, entre 1900 e 1930, tomou conta das páginas da imprensa negra. Não havia como contar toda essa história sem mostrar as centenas de fotografias que a compõem. Assim, embora não estivesse nos planos iniciais, a iconografia foi se tornando um material essencial. O investimento numa quantidade estrondosa de imagens (222 no total), traço pouco usual nos trabalhos acadêmicos, justifica-se, em especial, pela preocupação de construir uma análise que fornecesse o máximo de evidências de uma realidade ainda desconhecida no Brasil. Muitas vezes são as próprias fotografias quem nos contam qual era o real sentido racializado de ser uma “nova mulher negra”, expressão muito utilizada à época e que será devidamente tratada no capítulo 3.

Aliás, devo a todas as afro-americanas selecionadas para posar nas páginas que se seguem, a interrogação “Branças de almas negras?”, que intitula a tese. Isto porque cada imagem vista, escolhida ou mesmo preterida despertava expressões e sentimentos de dúvida, certeza ou surpresa. Se as modelos eram visualmente brancas por que auto-classificavam-se como negras? Assumiam-se *Negro* ou *Colored* (nunca *Black* ou *Mulatto*) obrigadas, visto não conseguirem esconder sua ascendência? Ou por vontade própria, acreditando que, como representantes da raça negra, tinham uma mensagem para passar à humanidade? De fato, é possível imaginar que a pergunta-título seja muito influenciada pela “nossa” expressão do “negro de alma branca”. Todavia, a história intelectual afro-americana mostra que as equiparações entre cor, alma e caráter não foram patrimônio exclusivamente brasileiro. Um bom exemplo disso é a assertiva escrita pela professora de

cor Nannie Burroughs em 1904: “devemos entender que algumas faces claras possuem almas claras e que algumas faces pretas têm almas claras”. Ao repensar as sutilezas do seu texto emblemático “Not Color But Character”<sup>24</sup>, reconheço ser bastante frutífero pensar numa oposição entre “claras” e “escuras”, ao invés de “brancas” e “negras”.<sup>25</sup> Ainda assim, neste trabalho, a pergunta inicial - “Branças de almas negras?” – permanece com intuito de reforçar o mar aberto de possibilidades investigativas que tais contraposições evocam. Digo isso, pois, por onde quer que se olhe o fato, central à pesquisa, é que nossas orgulhosas representantes da raça - - brancas ou claras - aparecem felizes e sorridentes em revistas e jornais negros, que circulavam quase exclusivamente no mundo afro-americano e que as viam como símbolos de uma “feminilidade negra” em construção. Visualmente brancas/claras, possuíam almas negras?

Nessa direção do questionamento, é crucial justificar dois aspectos metodológicos referentes à tradução e à análise das fotografias. Quanto ao primeiro, de minha inteira responsabilidade, na maior parte dos casos, realizei traduções literais, tanto dos textos de época quanto daqueles historiográficos. E quando isso não foi possível procurei traduções que os aproximassem ao máximo das idéias que sugeriam, reconhecendo que algumas, tais como as categorias raciais *black* e *brown* precisam de um tratamento mais acurado. No tocante ao segundo aspecto, destaco a pouca inferência que realizei ao apresentar as fotografias. É claro que existem questões que devem ser consideradas como as próprias técnicas de clareamento as quais boa parte delas devem ter sido submetidas. Entretanto, a análise de tal problema, ou noutras palavras, o “controle das evidências”<sup>26</sup> ficará guardado para um futuro próximo. Nesse momento, o que mostrarei, independente da quantidade de alterações as quais as imagens estiveram (ou não) sujeitas, é a prevalência de um referencial de beleza compartilhado pela imprensa e pela cosmética negras e que abrem

---

<sup>24</sup> Nannie H. Burroughs, “Not color but Character”, in *The Voice of the Negro: an illustrated monthly magazine- Our Woman's Number*, jul.1904, v. 1, n. 7, pp. 277-9.

<sup>25</sup> Agradeço à Prof<sup>a</sup>. Martha Abreu por alertar-me sobre a centralidade da oposição entre “claras” e “escuras”. Sou grata também ao Prof. Robert Slenes por evidenciar possíveis conexões entre o texto de Burroughs e o pensamento de militantes dos direitos civis para negros como Martin Luther King.

<sup>26</sup> Carlo Ginzburg, “Controlando a evidência: o juiz e o historiador”, in Fernando Antonio e Silva Novais, Rogério Forastieri da (Orgs.), *Nova história em perspectiva*, São Paulo, Cosac Naify, 2011, pp. 341-358.

novas direções para o estudo da pós-emancipação norte-americana, sobretudo pelos pesquisadores brasileiros. Assim, entendo o trabalho como o começo de uma trilha distinta daquilo que Gatewood nomeou como a “maneira Jim Crow” de interpretar a sociedade afro-americana, vista, sob essa ótica, como uma “massa homogênea de pessoas degradadas”<sup>27</sup>, onde destacaram-se uns poucos indivíduos e famílias “excepcionais”.<sup>28</sup>

Em contraponto à “maneira Jim Crow”, a história da cosmética afro-americana aproxima-nos de um universo agenciado por pessoas negras que, para realizar seus “sonhos de melhoramento”, criavam aquilo que entendo como seus “processos de racialização próprios”.<sup>29</sup> Aliás, quanto a esse aspecto, cabe dizer que, embora as pesquisas sobre pós-emancipação no Brasil tenham avançado na última década, pouco tem sido feito para examinar como a população de cor lidava com a racialização.<sup>30</sup> Quais foram as diferentes apropriações que o “meio negro”<sup>31</sup> fez da palavra “raça”? Que leituras realizava dos lugares

---

<sup>27</sup> Willard B. Gatewood, *Aristocrats of Color...*, p. 7.

<sup>28</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>29</sup> A idéia é simples. Em vez da denúncia do racismo científico e da racialização imposta pelas elites e do exame das formas pelas quais os negros reagiram a elas, consideremos como focos da análise como tal população construiu seu próprio sistema de racialização. Tal inversão de foco pode oferecer uma interpretação capaz de olhar as experiências negras por dentro, pois em geral sua atuação tem sido investigada como resposta a manifestações externas de “preconceito de cor” sem levar em conta suas lógicas internas de racialização.

<sup>30</sup> Exemplos de processos de racialização próprios estão presentes em diversos jornais negros paulista. Ver, dentre outros textos que aguardam investigações sistemáticas: “Os pretos e o progresso”, *O Alfinete: orgam literario, critico e recreativo dedicado aos homens de cor*, São Paulo, 3 de setembro de 1918, anno I, n. 2, p. 2; “É por aqui”, *Elite: orgam official do Gremio Dramatico, Recreativo e Litterario “Elite da Liberdade”*, São Paulo, 2 de março de 1924, anno 1, n. IV, p. 1; A. Celso, “Os negros”, *O Clarim d’Alvorada: orgam noticioso, literario e humoristico*, São Paulo, 26 de julho de 1925, anno II, n. 13, p. 4; Leite, “E apoz a liberdade...”, *O Clarim d’Alvorada, orgam noticioso, literario e humoristico*, São Paulo, 30 de agosto de 1925, anno II, n. 14, p. 1; Horacio da Cunha, “Os homens pretos e a instrução”, *O Clarim d’Alvorada: orgam noticioso, literario e humoristico*, São Paulo, 27 de dezembro de 1925, anno II, n. 17; “Desaparecerão os pretos do Brasil?”, *Progresso*, São Paulo, 13 de janeiro de 1929, anno II, n. 8, p. 5; Gervásio de Moraes, “O parto da montanha”, *Auriverde: Semanário publicado aos domingos*, São Paulo, 29 de abril de 1928, n. 5, p. 1.

<sup>31</sup> O conceito de “meio negro” aparece nos depoimentos de José Correia Leite em diversas ocasiões em que o militante refere-se aos participantes da imprensa negra assim como aos frequentadores e membros de clubes, grêmios e demais associações de cor da cidade de São Paulo na Primeira República. Ao rememorar a sua entrada no “meio negro” como frequentador dos bailes promovidos pelo “Elite Flor da Liberdade”, Correia Leite deixou registrado: “estou perdendo tempo com esses italianos. Eu tenho uma sociedade que é minha, meu povo, minha gente. Fui procurar e encontrei gente conhecida. Justamente um que foi uma espécie de

sociais que lhes eram destinados? Das mudanças que experimentavam na condição de livres?<sup>32</sup> Essas são perguntas que carecem de respostas ao tomar, por exemplo, as análises pioneiras sobre a imprensa negra paulista<sup>33</sup>, empenhadas em grande parte, no resgate de uma coletividade natural e espontânea entre os negros.<sup>34</sup>

---

irmão de criação para mim. Ele se chamava Manoelzinho e foi quem me apresentou outras pessoas. Assim, comecei a participar do *meio negro* que até então eu não conhecia”. Tudo indica que a recorrência da categoria “meio negro” nos estudos de Florestan Fernandes e Roger Bastide deve-se à importância dos depoimentos de Correia Leite nas suas pesquisas. O trabalho pioneiro – “Movimentos Sociais no Meio Negro” – assinado por Renato Jardim Moreira com a “colaboração” de Correia Leite também indica que a autoria do conceito é tributária das interpretações de Leite sobre essa parcela da população de cor paulistana. A respeito do “meio negro” e da trajetória de José Correia Leite ver: José Correia Leite e Cuti, ... *E disse o velho militante José Correia Leite: depoimentos e artigos*, São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, 1992, p. 27.

<sup>32</sup> Empenhados em examinar a mediação realizada pela população de cor em torno da racialização durante a desarticulação da escravidão na Bahia, três trabalhos tentam responder a essas perguntas: Wlamyra R. Albuquerque, *O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras, 2009; Walter Fraga Filho, *Encruzilhadas da Liberdade: Histórias de Escravos e Libertos na Bahia (1870—1910)*, Campinas, Editora da UNICAMP, 2006; Robério Santos Souza, *Tudo pelo trabalho livre! Trabalhadores e conflitos no pós-abolição, Bahia 1892-1909*, Salvador, Edufba, 2011.

<sup>33</sup> Ver, dentre outros: Roger Bastide, “A imprensa negra do Estado de São Paulo”, in Roger Bastide, *Estudos Afro-brasileiros*. São Paulo, Perspectiva, 1983, pp. 129-156 [1ª ed. 1951]; Roger Bastide e Florestan Fernandes, *Branco e negro em São Paulo: Ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana*. São Paulo: Global, 2008 [1ª ed. 1955]; Mirian Nicolau Ferrara, *A imprensa negra paulista 1915-1963*, Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 1981; Cleber da Silva Maciel, *Discriminações raciais: negros em Campinas (1888-1926) alguns aspectos*, Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1985; Regina Pahim Pinto, *O movimento negro em São Paulo: luta e identidade*, Tese (Doutorado em Antropologia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

<sup>34</sup> A esse respeito, Fagundes e Gomes comentam: “na literatura disponível sobre a temática da denominada “imprensa negra” foi dado um destaque maior ao conteúdo das narrativas e das identidades dos jornais, pouco se revelando sobre personagens, aspirações e um debate mais amplo em torno de intelectuais negros e setores urbanos envolventes”. Anamaria Fagundes e Flávio dos Santos Gomes, “Por uma “anthologia dos negros modernos”: notas sobre cultura política e memória nas primeiras décadas republicanas”, *Revista Universidade Rural: Série Ciências Humanas*, Seropédica, RJ, EDUR, jul.-dez. 2007, v. 29, n. 2, , pp. 72-88, p. 73. Para pesquisas que se distanciam da crítica acima ver: José Carlos Gomes da, *Os sub-urbanos e a outra face da cidade: Negros em São Paulo, cotidiano, lazer e cidadania*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1990; Marina Mello Almeida, *O ressurgir das cinzas – Negros paulistanos no pós-Abolição: identidades e alteridade na imprensa negra paulistana (1915-1923)*, Dissertação (Mestrado em História Econômica), Universidade de São Paulo, 1999; Petrônio Domingues, *Uma história não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição*, São Paulo, Senac, 2004; Rodrigo Miranda, *Um caminho de suor e letras: a militância negra em Campinas e a construção de uma comunidade imaginada nas páginas do Getulino (Campinas, 1923-1926)*, Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005; Livia Tiede, *Sob suspeita: negros, pretos e homens de cor em São Paulo no início do século XX*, Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual de Campinas, 2006;

Nos EUA, se na lógica branco *versus* negro, a raça era fundamental para determinar lugares sociais, no mundo negro, a cor (clara ou escura) tornava-se um marcador do sucesso ou do fracasso frente ao “problema da liberdade”.<sup>35</sup> Com tudo isso, ao pensar uma História Social da Beleza Negra, fui percebendo que era preciso estudar mais a fundo as formas pelas quais os negros lidaram com a pós-emancipação, um processo de longa duração, palco de diferentes conflitos ligados a temas como exploração do trabalho, classificações e identidades racializadas, raça, racismo e limitação e ampliação dos direitos de cidadania nas Américas.<sup>36</sup>

Ao ter em vista a pós-emancipação como um “problema histórico”<sup>37</sup> de longa duração<sup>38</sup>, o trabalho também aborda debates maiores ligados à higiene, à honra, à eugenia, à poligenia, à moral, ao progresso dentro de uma perspectiva racializada, que prioriza investigar as formas pelas quais os afro-americanos lidaram com tais questões. Para preparar o terreno, o capítulo 2, com base na documentação de censos demográficos realizados entre 1890 e 1930, reconstitui parte da história da organização racial da sociedade norte-americana, destacando a preocupação das autoridades em conter o crescimento da temida população mulata e mostrando ao leitor a representação numérica de tal segmento no país e nas principais cidades pesquisadas.

Em meio a toda essa história não é de se estranhar que as “preparações” para o cabelo e para a pele tenham feito sucesso décadas a fio na imprensa negra. A distribuição

---

<sup>35</sup> Thomas C. Holt, *The Problem of Freedom: Race, Labor, and Politics in Jamaica and Britain, 1832-1938*, Baltimore; London, The Johns Hopkins University Press, 1992.

<sup>36</sup> Hebe Mattos, “Prefácio”, in: Frederick Cooper, Thomas Holt e Rebecca Scott, *Além da escravidão...*, p. 14, 16, pp. 13-38.

<sup>37</sup> Ana Maria Rios e Hebe Mattos, “O pós-abolição como problema histórico: balanço e perspectivas”. *Topoi*, v. 5, n. 8, jan.-jun. 2004, pp. 170-198.

<sup>38</sup> Sobre a delimitação temporal da pós-emancipação, destaca-se que se o marco inicial é aparentemente fácil de ser atribuído, a escolha de um ponto final para tal processo pode variar bastante, pois o depois da escravidão envolve diferentes recortes e percepções sobre a história e seus eventos. Também em termos espaciais, ele é mutante, pois tanto sociedades escravistas como livres foram tocadas pela experiência da escravidão moderna de diferentes formas. Por fim, no que tange às implicações conceituais de seu uso, é importante pensar que a categoria de pós-emancipação propõe o estudo de realidades conectadas em sociedades organizadas sob a égide do trabalho livre. Frederick Cooper, Thomas Holt e Rebecca Scott, *Além da escravidão: investigações sobre raça, trabalho e cidadania em sociedades pós-emancipação*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005, p. 43.

de cupons, cartas com elogios e reclamações, surgimento de centenas de *Beauty Colleges* assim como a proliferação de firmas - *Overton-Hygienic Company* (1898), *Porro Hair & Beauty Culture Organization* (c.1906), *Madam C. J. Walker Manufacturing Company* (c.1908) - atestam o êxito daquilo que venho chamando de “cosmética negra”, conjunto de pequenas, médias e grandes empresas, conduzidas pelo capital e pela força de trabalho afro-americana e que tinham como objetivo aliar lucro financeiro e defesa da feminilidade de cor através de fabricação e venda de artigos que prometiam um visual respeitável, especialmente para as mulheres. Não que os homens não fossem vaidosos, mas, de fato, as mulheres eram o principal alvo de uma publicidade, responsável por racializar a beleza.

Nesse contexto, uma questão que deve ser mencionada é que menos do que dar voz às mulheres, a pesquisa optou por reconstituir as representações destinadas ao feminino de cor pela publicidade cosmética. Essa distinção entre voz e representação femininas conduz-nos a outra problemática relacionada à racialização do gênero. Embora no caso da indústria dos *bleachings*, os homens da raça destacassem-se como empresários e publicitários, nota-se que no tocante aos “negócios do cabelo”, eram as mulheres quem mais sobressaíam. E isso explica o porque do capítulo 5, que além de reconstituir o empreendedorismo negro através das figuras de Annie Pope Turnbo-Malone e Madam C. J. Walker, também mostra, ainda que sutilmente, a existência de linhas de cor nos dois principais ramos da cosmética negra. Se de um lado os *bleachings* eram mais direcionados para as mulatas, os “maravilhosos” crescedores capilares pareciam ter como público e mão-de-obra preferencial mulheres *blacks*, como sugerem as fotografias das companhias das referidas empresárias.

Diante de um material inédito no Brasil, os interesses da pesquisa provêm da existência de um único estudo sobre a cosmética negra no país<sup>39</sup> aliado ao investimento numa agenda de trabalho afinada com o que vem sendo chamado pelas agências nacionais

---

<sup>39</sup> Maria Aparecida de Oliveira Lopes, *Beleza e Ascensão Social na imprensa negra paulistana: 1920-1940*, Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

de fomento à pesquisa de “internacionalização da produção de conhecimento”.<sup>40</sup> Nesse sentido, tendo como ponto aglutinador uma História Social da Beleza Negra, o estudo dos negros nos EUA é de grande valia para a cooperação bilateral, com destaque para incorporação de novas problemáticas à historiografia da pós-emancipação no próprio Brasil, pensadas dentro de um quadro analítico transnacional que conecte experiências e investigue as formas com que cada sociedade enfrentou os mesmos dilemas. “Tranças Transnacionais”, o texto final da tese, é um esforço nessa direção, de uma conclusão de algo que não pode ser concluído.

Por tudo o acima exposto, o leitor encontrará nas páginas que se seguem diferentes temas e perspectivas teóricas, tais como raça, racismo, racialização, beleza, feminismo, masculinidade, honra, pudor, classe, escravidão, liberdade, linchamento, migração. História, Antropologia, Sociologia, Lingüística, Crítica Literária, Estudos Culturais. Longe de um senso-comum preconceituoso que associa a busca do belo à futilidade, a história da indústria cosmética afro-americana mostra que as questões da beleza foram repletas de significados políticos para a população negra. Arrumados os cachos, voltaremos a um passado no qual mulheres de cor engatinhavam em busca dos seus próprios segredos para tornarem-se belíssimas “aristocratas da penteadeira”.<sup>41</sup>

---

<sup>40</sup> Marília Costa Morosini, “Internacionalização na produção de conhecimento em IES Brasileiras: cooperação internacional tradicional e cooperação internacional horizontal”, *Educ. rev.* [online], v. 27, n. 1, pp. 93-112, 2011.

<sup>41</sup> “Aristocratas da Penteadeira”, *The Messenger: World’s Greatest Negro Monthly*, mar. 1925, v. 7, n. 3, p. 148.



## Capítulo 1: Sonhos de “melhoramento”: do surgimento da imprensa afro-americana à grande migração para o norte

*Prezado Sr.;*

*Vi seus anúncios no defender (sic). Eu estou escrevendo para pedir a você algumas informações sobre postos de trabalho – trabalho doméstico ou em hotel, garçom, estoquista, carregador, roupeiro. Eu tenho experiência em todas essas coisas, especialmente em hotelaria. Tenho 27 anos de idade, boa saúde – tenho uma esposa. Você poderia me dar algumas informações já que ainda não estou pronto para viajar? Eu ficaria muito agradecido se você, mais adiante, conseguisse alguém que custeasse o meu transporte e o de minha esposa. Ficaria muito feliz de ter um retorno seu o mais rápido possível, dentro da sua conveniência. Agradeço a você pelo interesse em propagar essas informações.*  
(Seção de Cartas ao leitor do *Chicago Defender*, 30 de abril de 1917)

## 1.1 Mapeando uma “nação”: a formação da imprensa afro-americana

Desde 1827, a imprensa negra representa um amplo espaço de afirmação, protestos e debates da população afro-americana. De várias maneiras, esses jornais e revistas tiveram um papel importante ao contar e interpretar a história do país para um público predominantemente negro desde os tempos da escravidão até aqueles do Jim Crow e da luta pelos direitos civis ao longo do século XX. Maberry e Johnson afirmam que apenas entre 1865 e 1889 mais de 500 títulos foram publicados<sup>42</sup>, o que torna inviável qualquer pretensão de uma história total dessa “nação”.<sup>43</sup> Ainda assim, embora o foco da pesquisa localize-se nos anúncios da indústria cosmética em princípios do século XX, é importante contextualizar o movimento de formação de uma cultura impressa promovido por pessoas de cor. Diante disso e também da necessidade de mapear um território praticamente desconhecido no Brasil, na presente seção faremos uma rápida apresentação de alguns jornais da imprensa afro-americana em diálogo com a historiografia temática. Mas, antes disso, é importante perguntar: o que é, afinal, uma imprensa negra?

De acordo com Kent Felice, jornais e revistas são considerados como tal quando negros são proprietários, administradores e leitores, ou seja, seu “grupo racial dominante”.<sup>44</sup> Já Roland Wolseley enfatiza a importância de considerar “pontos de vista negros” produzidos por “não-negros” desde o período escravista, quando parte desses veículos assim como dos movimentos abolicionistas foram subsidiados por brancos.<sup>45</sup> Nessa direção, para uma análise histórica anti-essencialista, é necessário considerar que, pelo menos ao longo de todo o século XIX, a nação dos impressos de cor contou com simpatizantes, colaboradores e financiadores brancos. No século XX, ainda que sob outras

---

<sup>42</sup> Abby Arthur Johnson; Ronald Maberry, *Propaganda and Aesthetics: The Literary Politics of Afro-American Magazines in the Twentieth Century*, Amherst: University of Massachusetts Press, 1979, p. 10.

<sup>43</sup> Diante da grande quantidade de títulos e do seu importante papel na construção de políticas de protesto e de unidade racial, a imprensa afro-americana é também chamada de “nação da imprensa negra”. Dorothy Gilliam, “Foreword”, in Armistead S. Pride; Clint Wilson II, *A History of the Black Press*, Howard University Press, Washington D. C., 1997, pp. ix-xi, p. X.

<sup>44</sup> Kent de Felice, “The Black Press Defined”, Syracuse, School of Journalism, Syracuse University, janeiro de 1969.

<sup>45</sup> Roland Wolseley, *The Black Press, USA*, [1ª ed. 1971] Iowa State University Press/AMES, 1990, p. xiii.

bases, tal interação foi mantida, haja vista a quantidade de empresas brancas que anunciavam seus produtos nas publicações de cor. Sobre tal ponto, um último comentário. Menos do que medir o grau de filiação de cada um dos títulos a idéias prontas de negritude, importa pensar na produção de uma cultura impressa específica, pois estampava em suas páginas idéias, discursos e lutas construídos por mulheres e homens negros, escravos, libertos e livres que buscavam ter suas reivindicações atendidas. É nesse sentido que a *imprensa negra* é aqui evocada.

O primeiro livro sobre o periodismo negro do qual se tem conhecimento - *The African-American Press and Its Editors*<sup>46</sup> - foi publicado em 1891 por Irvine Garland. Sete décadas depois, em 1965, Erwin Welsch queixou-se, em *The Negro in the United States*, do pouco interesse que essa imprensa, “o mais influente negócio dos EUA no século XX”<sup>47</sup>, despertava como objeto de pesquisa. Seu apelo foi logo ouvido. No ano de 1971, Roland Wolseley publicou uma história abrangente da *Black Press*, dos primórdios até o seu “futuro”.<sup>48</sup> Mas será somente a partir da década de 1990 que a imprensa afro-americana começará a vivenciar seu *boom* historiográfico.

Em 1991, Wayne Dawkins escreve um trabalho sobre a Associação Nacional de Jornalistas Negros, fundada em 1975.<sup>49</sup> Dois anos depois, Vilma Raskin lança um verdadeiro guia com informações sobre locais de publicação, duração e editores de diferentes jornais e revistas do país. Destaca-se em seu estudo, uma seção na qual são apresentadas dezenas de afro-americanas dedicadas ao jornalismo desde 1890.<sup>50</sup> Numa longa pesquisa que veio à baila em 1997, foi registrada a existência de 3.000 publicações

---

<sup>46</sup> I. Garland Penn, *The Afro-American Press and its Editors*, Salem, New Hampshire, Ayer Company, Publishers, Inc., 1891.

<sup>47</sup> Erwin Welsch, *The Negro in the United States*, Bloomington and London, Indiana University Press, 1965. Apud Roland E. Wolseley. “Preface To The First Edition”, in Wolseley, *The Black Press...*, p. xxiii.

<sup>48</sup> Wolseley, *The Black Press...*

<sup>49</sup> Wayne Dawkins, *Black Journalists: the NABJ History*, August Press; Sicklerville, New Jersey, 1993.

<sup>50</sup> Vilma Raskin Potter, *A Reference Guide to Afro-American Publications and Editors, 1827-1946*, Ames, Iowa State University Press, 1993.

negras no país até 1970.<sup>51</sup> Além de Clinton Wilson II, este trabalho, é assinado por Armistead Pride. Falecido em 1991, o historiador foi o primeiro acadêmico a dedicar-se ao estudo da temática no país. Cabe ressaltar que a pesquisa em questão será a primeira, após o livro precursor de 1891, a dedicar-se à produção de uma história completa dessa imprensa.<sup>52</sup>

Ainda em 1997, Charles Simmons publica outro estudo de referência. Tendo como marcos históricos a Grande Migração, a II Guerra Mundial e o Movimento pelos Direitos Civis, o autor passa por importantes momentos da história de jornais como *Chicago Defender*, *Pittsburgh Courier*, *Black Dispatch* e *Jackson Advocate*.<sup>53</sup> No ano seguinte, alargando as fronteiras geográficas, James Danky, após dez anos de pesquisas, apresenta ao leitor outro grande mapeamento. Nele foram reunidas 6.500 publicações negras considerando EUA, Caribe e Canadá.<sup>54</sup> Em 2001, William Jordan produz uma rica análise que articulava os jornais negros à luta por democracia entre 1827 e 1940.<sup>55</sup> Também nesse ano, uma coletânea de textos editada por Todd Vogel realça sua magnitude através de vários ensaios dedicados a discutir mais a fundo títulos específicos.<sup>56</sup> Considerados em seu

---

<sup>51</sup> Pride e Wilson II, *A History...* Alargando as fronteiras geográficas, James Danky, após dez anos de pesquisas, apresenta ao leitor outro grande mapeamento onde foram reunidas 6.500 publicações negras considerando EUA, Caribe e Canadá. *African-American Newspapers and Periodicals: a National Bibliography*, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1998.

<sup>52</sup> No prefácio ao livro, Clinton Wilson II afirma que apenas 20% do trabalho foi oriundo das suas pesquisas originais, o restante foi baseado nas informações levantadas por Pride. Afirma o primeiro: “Todos os capítulos foram submetidos à minha revisão editorial. Meu objetivo foi manter o escopo e o espírito dos escritos do Dr. Pride. Ao mesmo tempo, eu assumo a responsabilidade total do conteúdo e da estrutura organizativa”. Clint Wilson II, “Preface”, in Pride e Wilson II, *A History of Black Press...*, pp. xiii-xv, p. xv.

<sup>53</sup> Simmons, Charles A., *The African American Press : a History of News Coverage During National Crises, with Special Reference to Four Black Newspapers, 1827-1965*. Jefferson, McFarland & Co., 1997.

<sup>54</sup> James Danky (Ed.), *African-American Newspapers and Periodicals: a National Bibliography*, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1998.

<sup>55</sup> William G. Gordon, *Blacks Newspapers and America's War for Democracy, 1914-1920*, The University of North Carolina Press, Chapel Hill and London, 2001.

<sup>56</sup> Todd Vogel (Ed.), *The Black Press: New Literary and Historical Essays*, Rutgers University Press, New Brunswick, New Jersey and London, 2001.

conjunto, tais trabalhos indicam a efervescência de um campo de investigação com muitas trilhas a serem desvendadas.<sup>57</sup>

Passando por marcos importantes como a Guerra de Secessão (1861-1865), a Reconstrução (1865-1877) e a luta por direitos civis, que se estende até 1965, quando o sistema Jim Crow é legalmente abolido no Sul do país, a “tradição de jornalismo negro”<sup>58</sup> inicia-se em 16 de março de 1827 com a publicação do *Freedom's Journal* em Nova York. Editado pelo estudante universitário jamaicano John Russwurn e por Samuel Cornish, pastor da primeira igreja Presbiteriana negra da cidade, o jornal de quatro páginas por quatro colunas trazia uma preocupação central que se manteve acesa nas publicações posteriores: a necessidade de luta pela “própria causa”.<sup>59</sup> Para concretizar tão importante objetivo, seus editores consideravam indispensável que a folha circulasse “nacionalmente” como “única voz” de escravos, livres e libertos. Para tal, investiram na criação de um sistema que contava com 23 agentes em 1827, sendo um deles do estado da Virgínia e outro do Haiti.<sup>60</sup>

Pride e Wilson chamam a atenção para o fato de que em seu segundo número o subtítulo do jornal “Retidão para exaltar a Nação” foi alterado para “Devotado ao Melhoramento da População de Cor”.<sup>61</sup> O *Freedom's* encerrou suas atividades em 28 de março de 1829.<sup>62</sup> Dando continuidade ao trabalho iniciado, no mesmo ano surge o *Rights*

---

<sup>57</sup> Ver também: Martin Dann, *The Black Press, 1827-1890: The Quest for National Identity*, New York, G.P. Putnam Sons, 1971; James de T. Abajian (Org.), *Blacks in Selected Newspapers, Censuses and Other Sources: an Index to Names and Subjects*, Boston, G. K. Hall, 1977; Georgetta Merritt Campbell, *Extant Collections of Early Black newspapers: a Research Guide to the Black Press, 1880-1915, with an Index to the Boston Guardian, 1902-1904*, Troy, Whitston Pub. Co., 1981; Mary Mace Spradling (Ed.), *In Black and White : a Guide to Magazine Articles, Newspaper Articles, and Books Concerning More than 15,000 Black Individuals and Groups*, Detroit, Gale Research Co., 1980.

<sup>58</sup> Jordan, *Black Newspapers...*, p. 14.

<sup>59</sup> Robert Levine, “Circulating the Nation”, in Todd Vogel (Ed.), *The black press: new literary and historical essays*, Rutgers, The State University, 2001, pp. 17-36, p. 22.

<sup>60</sup> Idem, p. 23. *Freedom's Journal* circulou em onze estados dos EUA além de ter chegado a países como o Haiti e o Canadá. Suas assinaturas anuais custavam \$3. Disponível em: [http://www.pbs.org/blackpress/news\\_bios/newbios/nwsprr/freedom/freedom.html](http://www.pbs.org/blackpress/news_bios/newbios/nwsprr/freedom/freedom.html) Acesso: 28/07/2011.

<sup>61</sup> Pride e Wilson, *A History of...*, p. 14.

<sup>62</sup> Idem, p. 17.

of All (NY, 29/05/1829)<sup>63</sup>, que numa das suas listagens de “agentes autorizados” citava pessoas da Louisiana e também da Inglaterra e do Canadá.<sup>64</sup> O veículo tinha como objetivos “promover hábitos de indústria e economia e incultar a importância de uma educação melhorada”.<sup>65</sup> No mesmo ano, aparece o *Appeal* (Massachusetts). Seu editor, David Walker, um afro-americano “auto-didata” de Wilmington (Carolina do Norte), utilizava as páginas do periódico para se posicionar contrariamente ao projeto de colonização afro-americana da Libéria: “A América é mais nosso país que aquele [a Libéria] (...) nós temos que enriquecê-la com nosso sangue e nossas lágrimas”.<sup>66</sup>

O próximo jornal que se tem conhecimento será publicado apenas em 1837. Trata-se do nova-iorquino *Colored American*, lançado em 7 de janeiro do referido ano com o nome de *Weekly Advocate*. Editado por Philip Alexander Bell, a folha semanal denunciou o preconceito dos abolicionistas brancos contra as pessoas de cor criticando um anúncio divulgado pela Sociedade Anti-Escravista no qual era oferecida a vaga de vendedor com remuneração de “\$5 ou \$6 dólares semanalmente para um jovem de cor” e de “\$9” para um “rapaz branco”.<sup>67</sup> De acordo com as informações veiculadas pelo próprio veículo, na edição de janeiro de 1838, ela dispunha de 1.800 assinantes e 10.000 leitores.<sup>68</sup> O *Colored American* circulou com esse título até 1839, quando mudou de proprietário e passou a se chamar *Ray & Go*.<sup>69</sup>

Entre 1827 e 1865, quando a abolição da escravidão é totalmente concluída no país, surgiram 18 títulos negros apenas em Nova York, dentre eles: *People’s Press* (1843-

---

<sup>63</sup> Enquanto Penn defende que este jornal parou de circular em 1830, Pride e Wilson consideram como seu último número o de 09/10/1829. Ver: Penn, *The Afro-American Press*, p. 30 e Pride e Wilson, *The Black...*, p. 28.

<sup>64</sup> Levine, *The Black...*, p. 24.

<sup>65</sup> Pride e Wilson, *A History of...*, p. 23-4.

<sup>66</sup> Idem, p. 27.

<sup>67</sup> Idem, p. 31.

<sup>68</sup> Idem, p. 34.

<sup>69</sup> Idem, p. 37.

1844); *The Genius of Freedom* (1845-1847) e *The Coloured Men's Journal* (1851-1861).<sup>70</sup> Também não podemos deixar de incluir na lista *The North Star* (Rochester, Nova York, 1847-1851)<sup>71</sup> e *Frederick's Douglass Paper* (1851-1860), ambos de propriedade de Frederick Douglass, o célebre escravo fugitivo que possuía várias conexões com importantes abolicionistas e que se destacou por seus discursos contra a escravidão.<sup>72</sup> Noutros estados surgem também *Palladium of Liberty* (Columbus, Ohio, 1843-1844); *Kansas Herald of Freedom* (Lawrence, Kansas, 1855-1857); *Colored Citizen* (Cincinnati, Ohio, 1863-1867),

Se antes de 1865, os órgãos concentraram-se em Nova York, após a abolição da escravidão, eles brotarão em diferentes estados. Nasceram a esse tempo: *Elevator* (São Francisco, Califórnia, 1865), voltado para a “máxima liberdade política e civil de todos os americanos”<sup>73</sup>, o *The Colored Citizen* (Fort Scott, Kansas, 1878-1880), primeiro jornal pós-Reconstrução do estado<sup>74</sup> e o *New Orleans Tribune* (Louisiana, 1864-1870), folha negra pioneira em publicar edições diárias (de terça a sábado) e que defendia a equidade de direitos para soldados brancos e negros.<sup>75</sup> Circularam também *Republican Sentinel* (Montgomery, Alabama, 1872)<sup>76</sup>; *Colored Tribune* (Savana, Geórgia, 1875-1960)<sup>77</sup> e *Virginia Star* (Richmond, Virgínia, 1877-1880).<sup>78</sup> Em meio à promulgação dos *Black*

---

<sup>70</sup> Pride e Wilson II advertem que até 1866 Nova York concentrava mais da metade das publicações negras de todo o país. *A History...*, p. 41.

<sup>71</sup> O jornal tinha como co-editor Martin Delany, que nos anos 1840 foi aluno da Escola de Medicina de Harvard, mas abandonou o curso devido ao preconceito racial. Em 1843, Delany fundou um jornal chamado *Mistry: to the interest and elevation of his race* na Pensilvânia. Pride e Wilson II, *A History...*, pp. 56-57. Ele escreveu diversos livros, dentre eles: *Blake or the Huts of America*, *A Tale of the Mississippi Valley*, *the Southern United States* (1859).

<sup>72</sup> Ver: *Frederick Douglass, Narrative of the Life of Frederick Douglas, an American Slave* [1<sup>a</sup> ed. 1845] Disponível em: <http://www.gutenberg.org/files/23/23-h/23-h.htm> Acesso: 28/07/2011.

<sup>73</sup> Pride e Wilson II, *A History...*, p. 68.

<sup>74</sup> Idem, p. 70.

<sup>75</sup> Idem, p. 74.

<sup>76</sup> Idem, p. 77.

<sup>77</sup> Idem, p. 78.

<sup>78</sup> Idem, p. 79.

*Codes* (1865)<sup>79</sup>, mais uma vez, a imprensa negra teve papel de “voz” da “América Negra”.<sup>80</sup>

Na expectativa de mais pesquisas sobre o tema no Brasil, pode-se dizer que a imprensa afro-americana do século XIX foi marcada pelo estabelecimento de conexões entre direitos políticos, linguagem racial, cultura impressa e discurso público.<sup>81</sup> Durante a escravidão, as primeiras sementes do jornalismo negro foram espalhadas através dos debates sobre união racial, acesso à educação, redes internacionais, nacionalismo negro, antiescravidão e direito ao voto. Nesse sentido, os objetivos dos veículos anteriores a 1865 podem ser entendidos como as “raízes antiescravidão”<sup>82</sup> de tal imprensa como um todo. Uma vez conquistada a liberdade e destruídas as promessas da Reconstrução, a população de cor continuou fazendo-se valer do seu jornalismo para lutar por direitos, fortalecendo assim uma “ideologia do protesto negro”<sup>83</sup> que adentra o século XX.

## 1.2 Uma jornada para o Norte

Prezado Sr.,

Por favor me informe o melhor lugar no Norte para uma pessoa de cor do Sul. Eu estou indo para o Norte e quero saber uma boa cidade para ficar. Envio selos para que o Sr. possa me responder.<sup>84</sup>

Prezado Sr.,

Eu vi no *Chicago Defender* que você e o povo de Chicago estão ajudando novos migrantes. Eu peço a você algumas informações sobre cidades pequenas próximas a Chicago. Existem algumas famílias que estão pensando em se mudar

---

<sup>79</sup> Leis estaduais dos governos do Sul que cerceavam direitos políticos relacionados a trabalho, moradia, saúde, migração, etc. de homens e mulheres de cor por considerar que eles ainda não eram cidadãos “completos”. Os primeiros códigos a serem aprovados foram os dos estados do Mississippi e da Carolina do Sul. Dentre outras restrições, os negros ficaram impedidos de votar, testemunhar contra brancos, portar armas e consumir bebidas alcoólicas em locais públicos. Ver, dentre outros, James M. Campbell; Rebecca J. Fraser (Eds.), *Reconstruction: people and perspectives*, Santa Bárbara, ABC-Clio Inc, 2008, p. 219.

<sup>80</sup> Thomas C. Battle, “Foreword”, in Pride e Wilson II, *A History...*, pp. vii-viii, p. vii.

<sup>81</sup> Vogel, *The Black Press...*, p. 8.

<sup>82</sup> Jordan, *Black Newspapers...*, p. 14.

<sup>83</sup> Idem, p. 1.

<sup>84</sup> St. Petersburg, Flórida, 31 de maio de 1917. Apud Emmett J. Scott, “Letters of Negro Migrants of 1916-1918”, *The Journal of Negro History*, vol. 4, n. 3, July 1919, pp. 290-240, p. 293.

daqui, mas antes de partir elas querem saber o que as espera. Por favor, me informe sobre tratamento, trabalho e salário. Por favor, me responda quando tiver tempo.<sup>85</sup>

Agora que já conhecemos um pouco mais da história da imprensa afro-americana adquire mais sentido pensar que o período pós-emancipação representou um momento de virada para essas publicações. Se antes seu maior compromisso era com as lutas abolicionistas, nas primeiras décadas do século XX, tais veículos tornar-se-ão “portavozes” da população afro-americana em sua luta por equidade, cidadania e elevação racial no mundo livre. Entretanto, antes de mergulhar nessas páginas, é necessário conhecer um pouco dos dilemas da história dos afro-americanos em princípios do século XX.

Datadas de 1917, as epígrafes que abrem o presente capítulo situam-se no período historicamente conhecido como *The Great Migration*, momento no qual milhões de negros deram adeus ao Sul em busca de melhores condições de vida no Norte dos EUA. Diante da pouca menção ao tema na historiografia brasileira, a presente seção tem como objetivo aproximar o leitor das expectativas que motivavam os sujeitos migrantes. Tal aproximação é importante pois, uma vez radicadas no Norte, essas pessoas serão o público alvo da imprensa negra. Assim, na busca de uma reconstituição mais precisa das motivações, utilizo como documentos, além das cartas escritas por negros sulistas no auge da onda migratória<sup>86</sup>, notícias veiculadas pelo *The Crisis: a record of the darker races* e alguns apontamentos de intelectuais negros sobre os melhores caminhos a serem seguidos pela população de cor rumo ao progresso.

Pesquisas mostram que mais de 1.500.000 pessoas de cor migraram para o Norte do país entre os anos 1910 e 1930 em busca de oportunidades de trabalho na indústria. Como resultados, pode-se dizer que o estrondoso deslocamento distribuiu nacionalmente a população afro-americana, tornando-a predominantemente urbana, ao mesmo tempo em que diminuiu a concentração populacional no Sul e intensificou o crescimento industrial no Norte. Este último fator foi observado através da construção de

---

<sup>85</sup> Sanford, Flórida, 27 de abril de 1917. Apud Scott, “Letters...”, p. 294.

<sup>86</sup> As cartas foram reunidas entre 1916 e 1918 em pesquisa realizada no Sul dos EUA pela equipe de Emmett Scott. Ver: Emmett J. Scott, "Letters of Negro Migrants of 1916-1918", *The Journal of Negro History*, v. 4, n. 3, July 1919, pp. 290-340.

ferrovias, fábricas e do desenvolvimento de pólos comerciais. E, desse modo, recém-egressos do Sul, milhões de negros iniciaram o seu processo de urbanização e nacionalização frente à realidade ambígua de um Norte mais democrático e “menos” racista, visto como uma espécie de paraíso dotado de mais oportunidades para a elevação da raça.

Os números são fundamentais para compreender a grandiosidade de tal processo. Até o início do movimento, os negros sulistas totalizavam 7 milhões em contraponto à tímida presença de 1 milhão registrada no Norte do país. Carole Marks demonstra que, entre as décadas citadas, mais de um décimo dos afro-americanos localizados abaixo da “Cortina de Algodão” atravessaram o país.<sup>87</sup> Suas investigações estimam que o período de 1916 a 1918 representou o ápice desse processo. Para um universo de 400.000 pessoas de cor, Marks calcula uma média de 16.000 migrantes por mês e 500 por dia.<sup>88</sup> O depoimento espantado de James Weldon Johnson, à época membro executivo da *National Association for the Advancement of Colored People*, descreve de forma vívida o impacto da chegada:

Os migrantes chegam ao Norte em milhares, dezenas de milhares, centenas de milhares – das docas de Nortfolk, Savannah, Jacksonville, Tampa, MóBILE, New Orleans e Galveston. Eles chegam dos campos de algodão do Mississipi e das minas de carvão e moinhos de aço do Alabama e Tennessee; das oficinas, tanques de lavar roupa, olarias, cozinhas. Nas estimativas mais conservadoras registram mais de um milhão e meio de migrantes.<sup>89</sup>

---

<sup>87</sup> Carole Marks, *Farewell, We're Good and Gone*, Bloomington, Indiana University Press, 1989, p. 1.

<sup>88</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>89</sup> James Weldon Johnson, *Black Manhattan*, New York, Atheneum, 1975, p. 151.

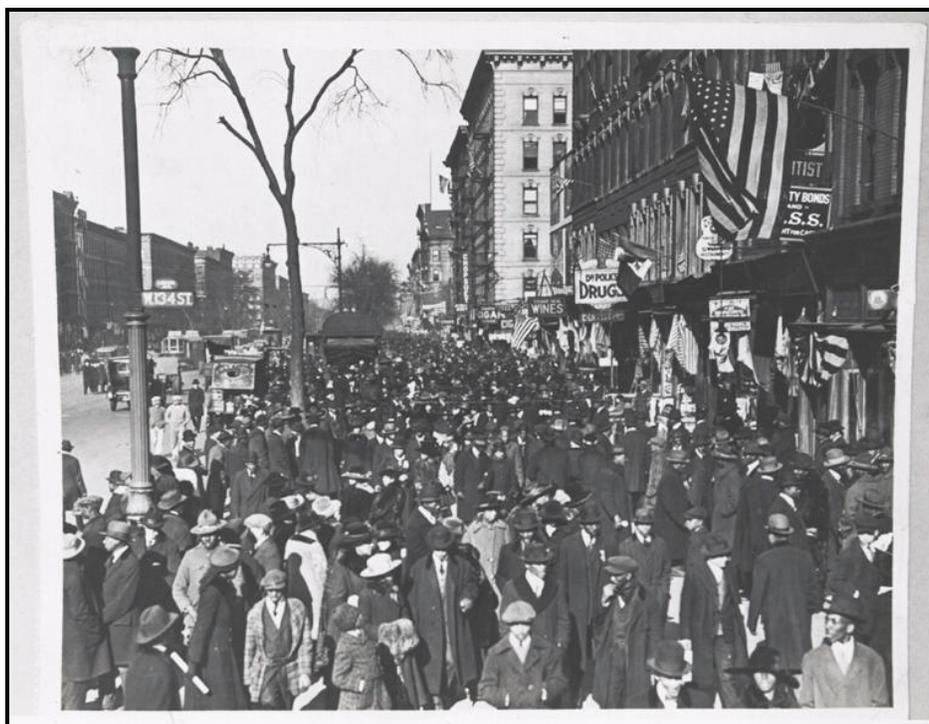


Figura 1. “Multidão no Harlem”, 1919.

**Fonte:** Schomburg Center for Research in Black Culture, Photographs and Prints Division.

Se considerarmos as notícias veiculadas pela imprensa negra de cidades como Nova York, os números tornam-se ainda mais vivos. Intitulada “Migração dos Negros”, a matéria publicada no *The Crisis* em junho de 1917 preconiza (ainda que reconheça a possibilidade de uma “grande margem de erro”) um deslocamento de 250.000 “trabalhadores de cor” no primeiro semestre daquele ano, sendo 60.000 oriundos do Alabama, um dos estados que, ao lado do Mississippi e do Tennessee, concentrava as maiores taxas de emigração.<sup>90</sup> Para mostrar o impacto deste movimento, o Censo Federal de 1910 asseverava que dos 440.534 negros nascidos no Sul apenas 4,8% permaneciam na região.<sup>91</sup> Na verdade, ao procurar suas raízes, percebe-se que tal deslocamento em massa

---

<sup>90</sup> A notícia trazia informações do exôdo nos seguintes estados: Alabama: 60.000; Tennessee: 22.000; Flórida: 12.000; Geórgia: 10.000; Virgínia: 3.000; Carolina do Norte: 2.000; Kentucky: 3.000; Carolina do Sul: 2.000; Arkansas: 2.000; Mississippi: 2.000. *The Horizon*, “Industry”, *The Crisis*, v.13, n. 3, Janeiro de 1917, p. 143.

<sup>91</sup> Henderson H. Donald, “Previous Negro Movement”, in “The Negro Migration of 1916 - 1918”, *The Journal of Negro History*, v. 7, n. 4, October 1921, pp. 393-400, p. 398.

iniciou-se nos anos 1870, quando 149.000 pessoas de cor iniciaram sua trilha para as regiões Norte e Oeste do mapa.<sup>92</sup> Mas para onde iam os migrantes?

---

<sup>92</sup> *Negro Population in U. S., 1790-1915*, Bureau of Census, p. 65.

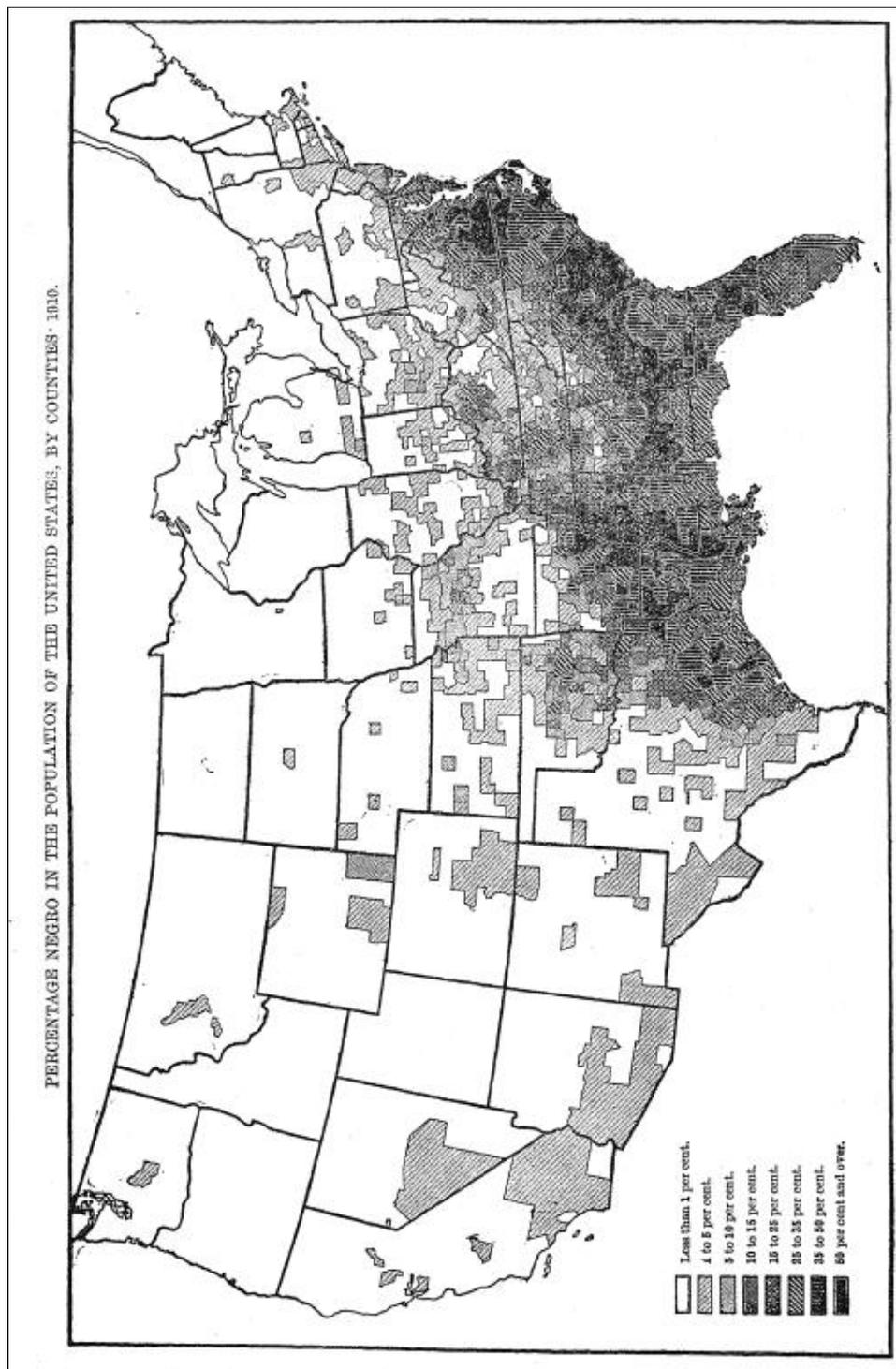


Figura 2. “Porcentagem Negro na população dos Estados Unidos por região, 1910”.

**Fonte:** John Cummings, “Subtitle Pages, Map, Introduction, in: John Cummings; Joseph A. Hill, *Negro Population: 1790-1915*, pp. 15-18, Washington D.C., United States Bureau of the Census, GPO, 1918, p. 16. Disponível em: <http://www2.census.gov/prod2/decennial/documents/00480330ch01.pdf> Acesso: 26/07/2011.

Diferentes investigações demonstram que boa parte dessa gente tinha como destino final lugares como Wisconsin, Ohio, Oregon, Minnesota, Pennsylvania.<sup>93</sup> Mas foram, sem dúvida, estados como Illinois e Nova York que mais receberam migrantes. Somente nesse pequeno intercurso de dois anos, Chicago foi o destino de 24.000 deles.<sup>94</sup> Lá, a taxa de crescimento de tal população aumentou de 36.2% entre 1880 e 1890 para 50% entre 1910 e 1920. O mesmo também se observa na cidade de Nova York.<sup>95</sup> Não por acaso, foram nesses centros urbanos que os periódicos negros tornaram-se mais expressivos. E quais seriam os motivos para deixar o Sul para trás?

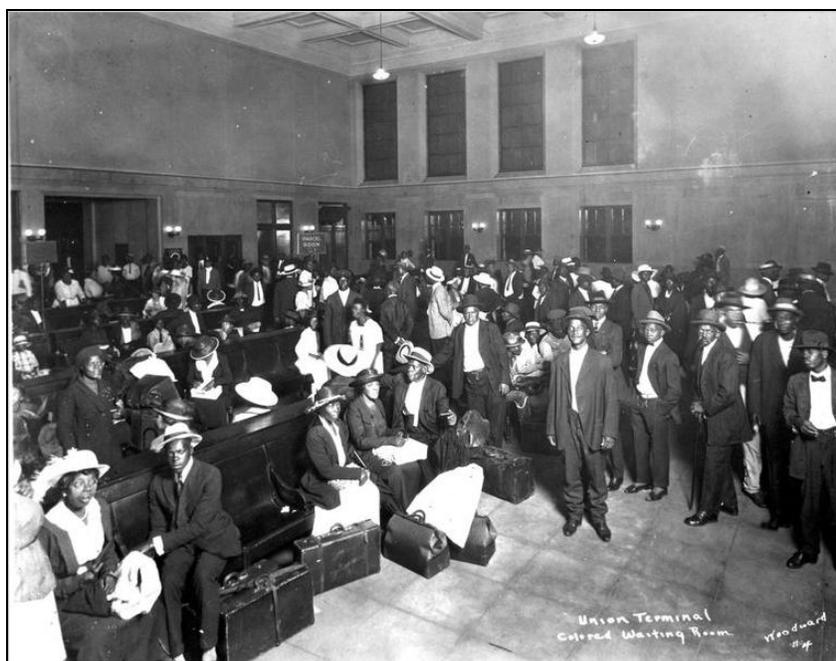


Figura 3. “Sala de espera [para negros] numa estação ferroviária, Jacksonville”, Florida, 1921.

**Fonte:** Florida State Archives [RC09666] disponível em: :

<http://www.inmotionaame.org/gallery/detail.cfm?migration=8&topic=4&id=465409&type=image>

Acesso: 14/01/2011.

<sup>93</sup> Henderson H. Donald, “Source, Volume, Destination and Composition”, in “The Negro Migration of 1916 - 1918”, *The Journal of Negro History*, v. 7, n. 4, October 1921, pp. 401-409, p. 405.

<sup>94</sup> Walter White, "Chicago and its Eight Reasons", *The Crisis*, v. 18, n. 108, Outubro de 1919, pp. 293-297.

<sup>95</sup> Tyson, F. D., *Negro Migration in 1916-17*, U. S., Dept. Lab., p. 117. Apud Donald, “Source, Volume...”, p. 406.

Via de regra, além da busca por melhores oportunidades de trabalho, a historiografia apresenta um conjunto de fatores que teria justificado o movimento: o declínio da produção de algodão, a perda dos direitos políticos conquistados com a 15<sup>o</sup> Emenda Constitucional<sup>96</sup> durante a “Reconstrução Radical”<sup>97</sup>, a I Guerra Mundial, além de claro, o temor da violência racial difundida através das leis do Jim Crow<sup>98</sup> e da proliferação de organizações racistas como a Ku Klux Klan<sup>99</sup> e as Camélias Brancas. Embora a centralidade de tais fatores seja indiscutível, em instigante trabalho, Alan DeSantis nos convida a ir além, pensando sobre outros fatores que pesaram na dura decisão de partir. Isto

---

<sup>96</sup> As emendas constitucionais referentes à população negra foram: 13<sup>o</sup> - Proibição da escravidão (1865), 14<sup>o</sup> - Concessão de direitos de cidadania aos libertos e 15<sup>o</sup> - Proteção dos direitos eleitorais dos libertos. W. E. B. Du Bois, *As almas da gente negra*, Rio de Janeiro, Lacerda, 1989, p. 57-58. A nota explicativa sobre as emendas é de Heloísa Gomes, tradutora da edição brasileira do livro.

<sup>97</sup> Situada entre 1865 e 1877, a Reconstrução Radical, de acordo com Du Bois, representou a derrota dos Estados Confederados – onze estados sulistas que se separam dos EUA entre 1860 e 1861 após a eleição para presidente do antiescravista Abraham Lincoln. Os estados eram os seguintes: Alabama, Arkansas, Flórida, Geórgia, Lousiana, Mississipi, Carolina do Norte, Carolina do Sul, Tennessee, Texas e Virgínia. Esta Confederação dos “estados rebeldes”, derrotada pela Guerra Civil, ficava obrigada a permanecer sob o controle do governo federal assim como mudar suas instituições para ser aceita pela União. Como reação, o Pós-Reconstrução atestará, através do conjunto de leis do Jim Crow, a oficialização de políticas raciais conservadoras com a supressão gradual dos direitos políticos dos negros e o recrudescimento da segregação racial. Este estatuto segregacionista será aplicado durante toda a primeira metade do século XX. O famoso caso “Brown X Board of Education of Topeka, Kansas” de 1954 será um dos primeiros momentos de revisão destes estatutos. Em decisão inédita, a Corte Suprema considerou que a segregação nas escolas públicas não produzia condições iguais perante a lei para a criança negra. William Du Bois, *As almas...*, p. 78, 89-91. A nota explicativa para a edição brasileira é de Heloísa Gomes.

<sup>98</sup> Iniciado com a lei de 1881 que separava negros e brancos nos trens do Tennessee, o Jim Crow foi um conjunto de leis segregacionistas que determinavam a separação de negros nas escolas, tribunais, orfanatos, hospitais, prisões, parques, hospícios, cemitérios, lojas e demais espaços públicos. O nome Jim Crow refere-se a um personagem de *Minstrel Shows* muito famoso à época e com fenótipo *darkie*, algo equivalente ao “escurinho” no Brasil. Uma visão crítica dos *blackfaces* está em: W. Fithugh Brundage (Ed.), *Beyond Blackface: African Americanas and the Creation of Popular Culture, 1890-1930*, The University of North Carolina Press, 2011.

<sup>99</sup> Sociedade secreta do sul dos EUA criada por homens brancos cristãos que objetivava reafirmar os valores da supremacia da raça branca e combater problemas como o alcoolismo e a prostituição por meio da violência e do terror. Considerado o mais poderoso movimento de direita americano, sua formação inicial foi dissolvida, mas retomou em 1915 na Geórgia. MacLean registra que nos anos 1920, seu período mais florescente, a organização contou com cinco milhões de membros. A autora oferece instigante análise ao revisar a imagem hegemônica dos *Klansmen* como típicos chefes de família cristãos obcecados com a moralidade e a honra de suas famílias. Ao invés disso, ela examina como seus membros usaram o ódio racial contra negros (mas também judeus e imigrantes) para deslocar seu medo diante das mudanças anunciadas pela ordem capitalista. A respeito da sua história ver: Nancy MacLean, *Behind the Mask of Chivalry: The Making of the Second Ku Klux Klan*, New York, Oxford, Oxford University Press, 1994.

porque, segundo o autor, ao contrário de considerar a agência dos negros sulistas, o determinismo econômico e político e as explicações estritamente afetivas têm sido preponderantes nas análises, culminando na produção de um olhar homogêneo para a migração, um longo e doloroso processo desencadeado pela “quebra das promessas da Reconstrução”.<sup>100</sup>

Ao seguir a perspectiva de DeSantis<sup>101</sup>, considero que o trabalho com as cartas de migrantes (do mesmo modo que com outros documentos pessoais – diários, notas, fotografias, objetos pessoais, etc.) são importantes janelas para futuras pesquisas empenhadas em recuperar pontos de vista negros, produzidos num cenário movimentado por expectativas múltiplas, relacionadas ao desejo de progredir, de superar o passado e, sobretudo, de construir sentidos próprios de liberdade e cidadania. E nesse contexto, tal material nos aproxima da ânsia dos migrantes por informações “completas” sobre os mais variados tópicos: “chances e condições para o progresso do negro no norte”<sup>102</sup> e, mais especificamente, em “cidades mais prósperas”<sup>103</sup> como Chicago, “melhor lugar no Norte para pessoas de cor do Sul”<sup>104</sup>, “média salarial”<sup>105</sup> para homens trabalhadores, “preço dos quartos”<sup>106</sup>, “condições”, “clima” em lugares como Niágara e Detroit, etc.<sup>107</sup>

---

<sup>100</sup> Alan D. DeSantis, “Selling the American Dream Myth to Black Southerners: The Chicago Defender and The Great Migration of 1915-1919”, *Western Journal of Communication*, v. 62, n. 4, Fall 1998, p. 474-511, p. 465, 474.

<sup>101</sup> Ainda nos anos 1930, Kiser já chamava a atenção para a importância de recuperar as vozes dos negros migrantes. Naquele momento, ele denunciava que os “aspectos humanos” do processo estavam sendo “negligenciados”. Ver: Clyde Vernon Kiser, “Motives of the Migrants”, in Kiser, *Sea Island to City: A Study of St. Helena Islanders in Harlem and Other Urban Centers*, New York, Columbia University Press, 1932, pp. 114-144, p. 114.

<sup>102</sup> Charleston, Carolina do Sul, 25 de maio de 1917, apud Scott, “Letters...”, p. 295.

<sup>103</sup> Nova Orleans, Louisiana, 24 de abril de 1917, apud Scott, “Letters...”, p. 296.

<sup>104</sup> Saint Petersburg, Flórida, 31 de maio de 1917, Emmett J. Scott, “Letters of Negro Migrants of 1916-1918”, *The Journal of Negro History*, vol. 4, n. 3, jul. 1919, p. 293.

<sup>105</sup> Cedar Grove, Louisiana, 23 de abril de 1917, apud Scott, “Letters...”, p. 294-5.

<sup>106</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>107</sup> Charleston, Carolina do Sul, 25 de maio de 1917, apud Scott, “Letters...”, p. 296.

As missivas, geralmente enviadas junto com selos para cobrir as despesas de postagem dos redatores de jornais como o *Chicago Defender* e o *The New York Age*, também mostram que na busca do “melhoramento”<sup>108</sup>, os afro-americanos falavam exaustivamente das suas qualificação e disponibilidade para execução de serviços nas posições as mais variadas possíveis, o que nos possibilita chegar mais perto dos mundos do trabalho dos quais eles eram parte ou almejavam ser. Isso porque, no cruzamento entre sonho e realidade proporcionado pela pesquisa em 95 cartas enviadas por homens e mulheres de cor, casados, solteiros, com ou sem famílias, identifiquei as seguintes ocupações: garçom, recepcionista, zelador, motorista, vidraceiro, ferreiro, pedreiro, mordomo, mecânico, soldador, vendedor, maquinista, carpinteiro, barbeiro e pintor foram algumas, dentre outras.



Figura 4. “Mudando para o Norte”, 1922 [“Uma família *Negro* do Sul rural recém-chegada em Chicago”]

**Fonte:** Schomburg Center for Research in Black Culture, Photographs and Prints Division

Reproduzida de The Chicago Commission on Race Relations, *The Negro in Chicago: A Study of Race Relations and a Race Riot*, Chicago, The University of Chicago Press, 1922.

<sup>108</sup> New Orleans, Louisiana, 24 de abril de 1917, apud Scott, “Letters...”, p. 296.



Figura 5. “Fotografia do Survey”/”Uma família sulista no Norte”, maio de 1918  
**Fonte:** Schomburg Center for Research in Black Culture, Photographs and Prints Division  
Reimpressa de “Survey, May 1918”

Em narrativas de desejos e dúvidas que seguem um certo padrão, vez por outra, somos acordados por relatos que ameaçam a tentativa de generalizar tais registros. Um deles é o texto de um menino de 15 anos. Em meio à I Guerra Mundial, escrevia o aspirante a rapaz:

Esta é de certa forma uma carta informativa. Eu sou um garoto de cor com 15 anos de idade. Tenho talento para artista e estou em busca de alguém para cultivar esse meu talento. Eu estudei Desenho, logo eu sou um Desenhista e pretendo visitar Chicago neste verão. Quero manter contato com sua associação e também saber se é de se seu conhecimento que um garoto de cor possa se tornar um artista e fazer o salário de um homem branco lá [Chicago]. Quando receber sua resposta, falarei mais a meu respeito e enviarei algumas amostras do meu trabalho.<sup>109</sup>

---

<sup>109</sup> Palestine, Texas, 11 de março de 1917, apud Scott, “Letters...”, p. 297.

A “carta informativa” possibilita discutir as desigualdades de educação e salário entre negros e brancos, temas os quais aparecem com destaque nas páginas dos periódicos negros. Em conjunto com a missiva, uma boa medida da discrepância de ordenados e de investimentos educacionais entre os dois grupos raciais no Sul é oferecida por uma pequena nota da seção *Education* da coluna *The Horizon*, publicada no *The Crisis* em 1916:

Um recente relatório sobre as escolas públicas de Greenville, Carolina do Sul demonstra que a renda per capita anual gasta com alunos brancos é de \$19.38 ao passo que \$1.40 com os de cor. Três anos atrás, os primeiros recebiam \$15.40, enquanto os segundos \$1.25. Cada professor branco tinha 39 alunos. Já os professores de cor possuíam 95.<sup>110</sup>

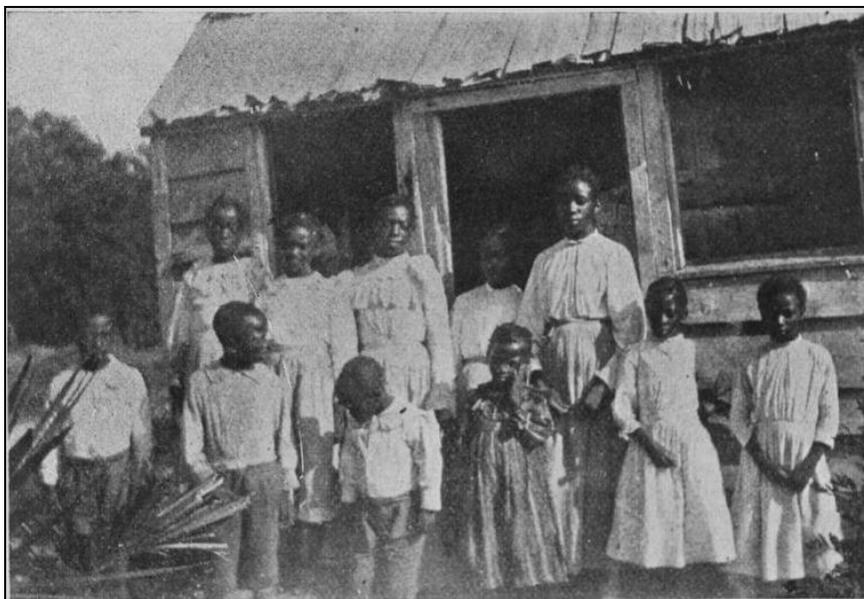


Figura 6. “Uma típica escola do interior do país”, 1905.

**Fonte:** Schomburg Center for Research in Black Culture, General Research and Reference Division  
Reimpressa de *The Negro in the Cities of the North*, New York, The Charity Organization Society, 1905.

A questão da educação da população de cor foi um dos pontos que trouxe à tona a pluralidade de projetos assim como os rachas entre os intelectuais da imprensa negra. De um lado, havia aqueles pensadores como William E.B. Du Bois, que defendiam que o negro deveria se aprimorar e alcançar os mais altos níveis da “educação superior”. Por outro,

---

<sup>110</sup> The Horizon, “Education”, *The Crisis*, outubro de 1916, v. 12, n. 6, p. 298.

nomes como Booker T. Washington <sup>111</sup> falavam em favor de uma educação profissionalizante para tal população. Ao longo de toda sua carreira jornalística, Du Bois proferiu duras críticas a Washington (“ganhar a simpatia e a cooperação dos vários elementos que compunham o Sul branco foi a primeira tarefa do Sr. Washington” <sup>112</sup>) devido ao seu “programa de educação industrial” <sup>113</sup> que, na opinião do primeiro, submetia e silenciava os negros, em vez de incentivá-los a lutar por direitos civis. <sup>114</sup> Em contraponto à difusão das escolas industriais, Du Bois escrevia em 1897:

Os desvios da mente humana oriundos do preconceito de cor no Sul só podem ser enfrentados de uma maneira – pelo alargamento e pela expansão da razão humana, pela universalização do gosto e da cultura (...) o direcionamento do pensamento e a coordenação hábil da ação, a um só tempo, são a trilha da honra e da humanidade. <sup>115</sup>

[A universidade negra] deve manter os padrões da educação popular, deve empreender a regeneração social do Negro e ajudar na solução de problemas de contato e cooperação entre as raças. E finalmente, além de tudo isso, deve promover o desenvolvimento dos homens. <sup>116</sup>

Sem entrar mais a fundo na rivalidade dos dois líderes negros, a carta de um inconformado professor de cor do Mississippi aborda de forma vívida as barreiras impostas aos negros mais instruídos:

---

<sup>111</sup> Booker T(agliaferro) Washington (1858?-1915) nasceu escravo na Virgínia e tornou-se umas das principais lideranças negras nos EUA. Ficou conhecido por propor ações conciliatórias entre brancos e negros. Escreveu onze livros, dentre eles: *Up from Slavery*, uma auto-biografia onde narra suas conquistas pessoais. Heloísa Toller Gomes, “Nota explicativa”, in W. E. B. Du Bois, “Sobre o Sr. Booker T. Washington e outros”, in Du Bois, *As almas...*, pp. 93-15, p. 94.

<sup>112</sup> Idem, p. 95.

<sup>113</sup> O programa de educação industrial ao qual Du Bois se refere é o Tuskegee Normal and Industrial Institute, fundado em 1881 no Alabama. Em 1915, quando da morte de Washington, a escola já havia se transformado numa faculdade que abrigava 2.500 estudantes de cor. Washington acreditava que o treinamento tecnológico era mais importante do que o trabalho intelectual.

<sup>114</sup> A despeito das críticas, Du Bois reconhecia que o trabalho de Washington prosperava de “modo extraordinário”: “Surpreendeu a nação ouvir um Negro defender tal projeto [de educação industrial para negros] após muitas décadas de queixas amargas; seu projeto surpreendeu e ganhou os aplausos do Sul, interessou e conquistou a admiração do Norte; e, depois de um confuso murmúrio de protesto, silenciou, quando não converteu, os próprios Negros”. Du Bois, *As almas...*, p. 95, 97.

<sup>115</sup> W. E. B. Du Bois, “Sobre a instrução dos Negros”, in Du Bois, *As almas da gente negra*, [1<sup>a</sup> ed. 1897], Rio de Janeiro, Lacerda, 1999, pp. 143-187, p. 146.

<sup>116</sup> Idem, p. 161.

Eu sou um jovem homem e sou incapaz, em forte grau, de realizar trabalhos manuais duros. Fui educado no Alcorn College e lecionei por poucos anos: mas ah: (sic). A Superintendência que nós, professores pobres de cor ensinamos preocupa-se menos com o homem de cor que é a besta mais repugnante. Eu sou designado a ensinar 150 crianças sem nenhuma assistência e recebo U\$27 por mês, o branco com 30 crianças consegue U\$100. Eu estou de saco cheio. Estou tão cansado de tais condições que às vezes penso que a vida para mim não vale a pena e eminentemente começo a concordar com Patrick Henry: “Dê-me a liberdade ou me dê a morte”. Se eu fosse um homem fisicamente forte, eu já teria ido há muito tempo, mas esta desvantagem me (sic), e eu devo perguntar antes de pular. Mr H., você acredita que pode me ajudar a conseguir uma posição? Eu sou um bom estenógrafo, digitador e guardador de livros ou algum tipo de trabalho não muito pesado ou rude. Eu tenho 4 feet 6 de altura e peso 105 ps.<sup>117</sup> Darei qualquer outra informação com muita alegria e apreciarei enormemente qualquer ajuda que você possa me oferecer.<sup>118</sup>

No caso feminino, há bem menos cartas, mas elas também aparecem. Nelas, as ocupações oferecidas variavam entre trabalhadora doméstica, lavadeira, cozinheira, enfermeira e babá. Apesar das posições listadas também serem razoavelmente distintas, é importante notar que todas são concebidas para o espaço privado, demonstrando uma contigüidade entre papéis femininos e uma domesticidade que, por um lado, atravessa as fronteiras de raça. Mães, filhas, irmãs mais velhas e viúvas de cor ofereciam seus préstimos fazendo questão de frisar valores como honestidade, seriedade e competência. Dentre as 8 cartas femininas das 95 lidas, aquela de uma menina de quinze anos da Louisiana (Nova Orleans) merece ser transcrita. Sua narrativa será útil mais adiante, quando precisaremos compreender melhor quem eram as mulheres de cor para as quais a imprensa negra e sua indústria cosmética debruçavam-se:

Prezado Senhor;

Eu estou escrevendo a você para pedir sua ajuda (...) eu procurei por trabalho aqui [Nova Orleans] durante três meses e não encontrei nada. Uma vez encontrei um trabalho de U\$ 1 por semana para uma garota velha de quinze anos, mas eu não aceitei. Agora você provavelmente está dizendo “como pode ser isso?”, mas Nova Orleans é um lugar muito duro (...) Diga a alguém para trabalhar só por comida (sic). A única ajuda que eu tenho é da minha mãe. Ela tem um trabalho de duas semanas agora e é mãe de quatro crianças pequenas além de mim. Eu tenho quinze anos. Minha mãe tem passado por momentos muito difíceis. Ela esta disposta a me enviar. Se você me mandar uma passagem não vai se arrepender. Eu não sou uma garota preguiçosa, sou esperta e tenho aprendido muito, mas eu posso fazer qualquer tipo de trabalho que chegar às minhas mãos. Hoje mesmo eu estou aqui preocupada se eu posso lhe explicar minhas habilidades. Eu já saí três

---

<sup>117</sup> Estes pesos e medidas equivalem a 1, 37 m e 47,8 kg, respectivamente.

<sup>118</sup> Lexington, Mississippi, 12-17 de maio de 1917, Apud Scott, “Letters...”, p. 304.

vezes e agora é apenas meio-dia. Se você puder, me envie uma passagem. Esta é a coisa mais profunda que posso lhe dizer. Como eu serei grata. Eu tenho roupas de frio para levar e vestir. Minha avó me vestia, mas agora ela está morta e minha mãe é tudo que eu tenho. Por favor, me envie uma passagem e você não vai se arrepender. Se você escrever e falar [ilegível], por favor, responda. Eu ficarei feliz com isso, mas se você me enviasse uma passagem eu ficaria muito contente. Eu vou pagar e trabalhar pela minha passagem se você a enviar. Desculpe-me por falar. Eu não posso conversar como eu gostaria. Se você e sua família não se preocuparem comigo, eu ficarei no meu local de trabalho e irei visitar vocês e fazer tudo o que estiver ao meu alcance. Desculpe pela má redação.<sup>119</sup>



Figura 7. “[Mulheres] nas casas de empacotamento”, 1919

**Fonte:** Schomburg Center for Research in Black Culture, General Research and Reference Division  
Jane Olcott (Ed.), *The Work of Colored Women*, New York, National Board of Young Women's Christian Associations, 1919.

A carta sugere que para uma jovem de quinze anos a decisão de migrar podia ser ainda mais delicada. Era importante convencer o possível financiador de que ela não seria fonte de problemas. Uma boa estratégia para isso era reforçar os seus dotes: “eu posso fazer qualquer tipo de trabalho que chegar às minhas mãos”. Nesse jogo de palavras, também valia demonstrar uma gratidão imensurável, não observada nas cartas masculinas: “irei visitar vocês e fazer tudo o que estiver ao meu alcance”.

De fato, as notícias veiculadas pelo *The Crisis* indicavam o Norte como o melhor lugar para jovens aptas a realizar “qualquer trabalho”. No artigo intitulado “As

---

<sup>119</sup> Nova Orleans, Louisiana, 27 de agosto de 1917, Scott, “Letters...”, p. 316.

Mulheres de Cor na Indústria”, Mary E. Jackson, com base num *survey* industrial realizado pela Associação Nacional das Mulheres Cristãs, narrava aquele que considerou o caso mais “promissor”: o de uma “menina de cor” que ganhava \$4,5 por dia numa fábrica de estampas em Detroit. Mesmo que noutros lugares, como uma fábrica de empacotamento de castanhas, a média salarial fosse de “\$6 por semana”, em comparação à remuneração de \$1 que a “garota esperta” recebia como trabalhadora doméstica na Louisiana, o primeiro continuava a ser um salário bastante atrativo.

Ainda sobre as mulheres, na Filadélfia, a colaboradora Jackson tomou conhecimento de uma fábrica com vinte delas, sendo “três garotas de cor”. Dentre os quesitos considerados por sua investigação estavam os “salários”, as “condições” e os “tipos de trabalho” assim como o que poderia ser feito para melhorar a “eficiência” de tais “trabalhadoras”. Diante de suas observações satisfatórias, embora em muitas dessas fábricas (como numa de roupas em Pittsburgh), as jovens de cor trabalhassem em andar separado das brancas que “tinham preconceito contra elas”, a jornalista-investigadora concluiu que as primeiras chegaram à indústria “para ficar” e que “suas condições de trabalho [tinham] se tornado de vital importância não só para elas, mas para a nação como um todo”.<sup>120</sup>

---

<sup>120</sup> Mary E. Jackson, "The Colored Woman in Industry", *The Crisis*, Novembro de 1918, v. 17, n. 97, pp. 12-17, p. 12.



Figura 8. “Garotas e mulheres Negras empregadas numa fábrica de *abajours*”. [“O ambiente é pouco iluminado e sem atração”]

**Fonte:** Chicago Commission on Race Relations, *The Negro in Chicago; a study of a race relations and a race riot by the Chicago Commission on Race Relations*, Chicago, 1922, p. 378.

Escritas por camponeses e trabalhadores urbanos pobres <sup>121</sup> massacrados pelos efeitos da segregação racial e que, a despeito disso, continuavam acreditando no “direito e no trabalho” <sup>122</sup>, as cartas nos ajudam a conhecer o contexto de precariedade da pós-emancipação, mostrando que os motivos para migrar foram “misturados”, em vez de “puros”. <sup>123</sup> Nessa lógica, ao contrário de repositórios da verdade, tais documentos foram aqui entendidos como testemunhos que expressavam as visões de sujeitos (que, em muitos casos, não foram seus redatores) sobre um processo determinado.

---

<sup>121</sup> Ao discutir a natureza dos migrantes do Sul, Frederick Miller aponta para a necessidade de considerar a variedade de experiências obscurecidas pelo termo “Negros Sulistas”. Ele observa que, ainda no Sul, mais da metade dessa população já estava estabelecida em áreas urbanas. Considerando as pesquisas feitas em Chicago e Pittsburgh, o autor demonstra que nessas cidades apenas um quarto dos recém-chegados eram agricultores. Frederic Miller, “The Black Migration to Philadelphia: a 1924 Profile”, *Pennsylvania Magazine of History and Biography*, jul. 1984, pp. 315-350, p. 349.

<sup>122</sup> Miami, Florida, 4 de maio de 1917, Apud Scott, “Letters...”, p. 296.

<sup>123</sup> Kiser, “Motives of the Migrants”, in Kiser, *Sea Island to City...*, p. 117.

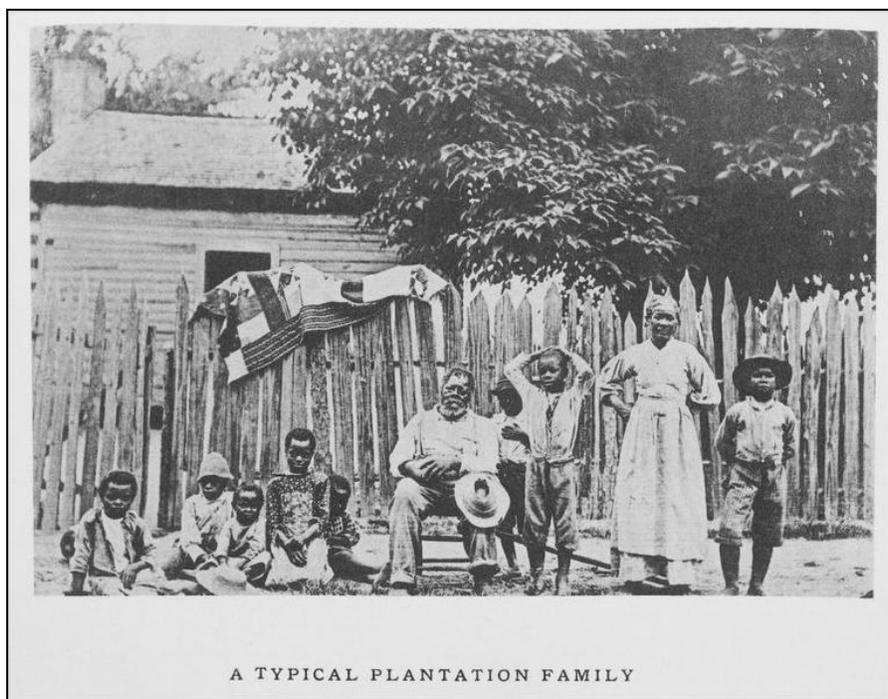


Figura 9. “Uma família típica da *plantation*”, 1900.

**Fonte:** Schomburg Center for Research in Black Culture, General Research and Reference Division  
Reimpresso de Susan Dabney Smedes, *A Southern Planter. Social Life in the Old South*, New York, Pott, 1900.

Ao incorporar à análise as vozes de migrantes oriundos de estados como Flórida, Texas, Louisiana, Alabama, Mississippi e Carolina do Sul, a seção mostrou que, alimentados por sonhos e expectativas de “melhores condições de vida”<sup>124</sup>, tais sujeitos tomaram decisões sobre como, quando e com quem partir, deixando para trás casas, pertences, amigos, familiares e lançando mão dos mais variados artefatos para construir sua própria “jornada rumo à liberdade”<sup>125</sup>: empréstimos, pedidos de emprego por carta, procura de familiares e constituição de laços de solidariedade mais amplos (jornais, associações comerciais, agências de emprego, imobiliárias e igrejas). E, uma vez desembarcados no destino final, viram-se confrontados com as difíceis condições que a nova vida lhes reservava, tendo que aprender a barganhar por melhores escolas, hospitais, postos de

<sup>124</sup> Nova Orleans, Louisiana, 23 de abril de 1917, Scott, “Letters...”, p. 294.

<sup>125</sup> Emmett Scott, *Negro Migration during the War*, Oxford, Oxford University Press, 1920; St. Clair Drake; Horace Cayton, *Black Metropolis: A Study of Negro Life in a Northern City*, Chicago, University of Chicago Press, 1993. Para a leitura de um jornal negro ver: George Haynes, “Negro Migration – Its Effect on Family and Community Life in the North”, *Opportunity*, n. 2, 1924, p. 268-72.

trabalho, salários e moradias, formatando assim suas próprias experiências de liberdade na terra prometida.



Figura 10. “Um beco no Lower East Side de Nova York – a duas quadras da 5ª Avenida”, 1905.  
**Fonte:** Schomburg Center for Research in Black Culture, General Research and Reference Division.  
Reimpressa de Charity Organization Society of the City of New York. Publication Committee, *The Negro in the Cities of the North, New York*, The Charity Organization Society, 1905.

Ao mergulhar nos distintos sonhos de melhoramento, oferecendo primeiro um panorama da imprensa negra desde o Oitocentos e depois apresentando momentos do “processo de adaptação e de interação entre os negros sulistas e os vários aspectos das cidades industriais do Norte”<sup>126</sup>, estamos prontos para mais um passo. Assim, mantendo o foco na comunidade afro-americana da virada do século XIX para o XX, no capítulo seguinte, analisaremos o processo de construção de uma estrutura de classes exclusivamente negra, apoiada por práticas eugênicas que determinavam a cor mais clara como a principal marca de superioridade dos mulatos em relação a negros retintos, como a maioria dos migrantes sulistas que acabamos de conhecer.

---

<sup>126</sup> James R. Grossman, "Black Labor is the Best Labor: Southern White Reactions to the Great Migration", in Alferdteen Harrison (Ed.) *Black Exodus: The Great Migration from the American South*, University Press of Mississippi, 1991, pp. 51-71, p. 51.



## Capítulo 2: A formação de uma “aristocracia de cor”

*(...) Seja particularmente cuidadoso ao reportar a classe Mulatto. A palavra é aqui genérica e inclui quadroons, octoroons e todas as pessoas que possuem algum traço de sangue Africano perceptível. Importantes resultados científicos dependem da correta determinação dessa classe (...).*

(Instruções aos recenseadores, *Ninth Census*, 1870)

## 2.1 Sobre História Social, “Pigmentocracia” Mulata, “Colorismo” e “Economias da Cor” na escravidão e no pós-emancipação

Agora que já conhecemos um pouco mais das formas de mobilização e da onda migratória agenciadas pelos negros na pós-emancipação, esta seção dedica-se a uma segunda tarefa não menos importante: discutir o processo de consagração da pele clara como um distintivo responsável pela produção de hierarquias sociais entre tal segmento, de forma análoga ao ocorrido no Brasil escravista.<sup>127</sup> Para isso, contarei um pouco da história da formação de um poderoso grupo de mulatos “em compleição”<sup>128</sup>, do qual descenderão os principais membros das classes alta e média negra. Isso porque é fundamental saber que na pós-emancipação, tal elite empreenderá severos esforços para fortalecer uma espécie de *consciência mulata*, ou seja, uma forma de vivenciar o ser *Negro*<sup>129</sup> calcada no pressuposto da mistura sangüinea como sinal de beleza, superioridade e sucesso em relação aos *blacks*, a maioria negra de pele escura.

Para tal proposta, voltaremos aos tempos da colonização inglesa, quando a cor começou a ser utilizada pelos senhores como um critério para hierarquizar os escravos, culminando na consagração desses mulatos como os representantes da raça negra. Agrupados pela condição de propriedade, os *Negroes* das *plantations* do Sul foram, em

---

<sup>127</sup> Apesar da centralidade da cor e dos seus gradientes na constituição de hierarquias dentro de um mesmo grupo racial não se configurar numa novidade para as pesquisas de escravidão e pós-emancipação no Brasil, desde ao menos as constatações de Gilberto Freyre sobre a ascensão social dos mulatos acredito que a importância de um quadro teórico, especificamente construído para pensar tal problemática, tem sido pouco enfatizada. Ver, dentre outros: Gilberto Freyre, “Ascensão do Bacharel e do Mulato”, in Freyre, *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*, Rio de Janeiro, Record, 2000 [1<sup>ed.</sup> 1936], pp. 600-659. Sobre os mulatos na América Portuguesa ver: Larissa Viana, *O idioma da mestiçagem: as irmandades de pardos na América Portuguesa*, Campinas, Unicamp, 2007. Para o caso da América Espanhola ver: Marcelo da Rocha Wanderlei, “Vidas Mescladas. Mulatos livres e Hierarquias na Nova Espanha (1590-1740)”, in Eduardo França Paiva, Marcia Amantino e Isnara Pereira Ivo.. (Orgs.), *Escravidão, Mestiçagens, ambientes, paisagens e Espaços*, São Paulo, Annablume, 2011, pp. 81-94.

<sup>128</sup> “Mulato em compleição” foi a maneira que a ativista Fannie Williams descreveu a si própria numa autobiografia. Publicado em 1904, o estudo contava parte da sua saga como estudante em Brockport, New York. Fannie Barrier Williams, “A Northern Negro’s Autobiography”, *Independent*, LVII, 14 de julho de 1904, pp. 91-6,

<sup>129</sup> Em 1850, o grupo *Negro* foi subdividido pelo Censo Populacional em duas categorias: *Black* e *Mulatto*. Definiremos cada uma delas mais adiante. De qualquer forma, daqui pra frente, toda vez que falarmos de *Negro* (com maiúscula ou minúscula) estamos considerando *blacks* e *mulattoes*; quando falarmos especificamente dos negros de pele escura utilizaremos a terminologia *blacks*.

linhas gerais, divididos em três grandes categorias: agricultores (a maioria responsável pelos serviços diários mais pesados), artesãos e artistas (ferreiros, carpinteiros, pedreiros, etc.) e criados domésticos. Ainda que tal divisão não seja assim tão esquemática, com base nela, diferentes autores mostram que, enquanto os *blacks* destinavam-se para o trabalho de plantação, colheita e cultivo da terra, os *mulattoes* eram escolhidos para ofícios e tarefas no âmbito da casa-grande.<sup>130</sup>

Em boa parte, tal preferência pelos mais claros nas atividades que pressupunham alguma especialização ou grau de intimidade com a família senhorial era fruto de suas próprias origens, ou seja, justificava-se pelo fato deles serem oriundos de um “sistema de concubinação de mulheres de cor escravas” e de alguns “casamentos legais”<sup>131</sup> com os brancos. Originários do contato interracial, no século XVII, os também chamados *mixed-blood*, indivíduos visualmente brancos, mas com ascendência negra, acabaram por trazer para o cerne da sociedade escravista difíceis questionamentos: como deveriam ser legalmente considerados? Negros, portanto escravos? Ou brancos, presumivelmente livres?

Sem uma resposta precisa para fato tão preocupante, a partir dos anos 1660, a legislação colonial passou a determinar que as crianças filhas de mães escravas fossem classificadas sob o mesmo estatuto.<sup>132</sup> Ainda assim, para os defensores da incontestável pureza branca, isso não se configurou numa solução plenamente satisfatória, haja vista que mulheres inglesas e suas descendentes, assim como as negras livres também davam a luz a bebês mestiços. Apesar das minúcias de todas as medidas preventivas serem bem complexas, por ora é suficiente frisar que a mestiçagem tornar-se-á alvo de políticas de

---

<sup>130</sup> Hall demonstra que, em geral, os escravos domésticos, também chamados “Negros da Casa”, possuíam a pele clara. Nesse sentido, a definição “da casa” trazia embutida a questão da pele clara. Ronald Hall, *An Historical Analysis of Skin Color Discrimination in America: Victimism among Victim Group Populations*, Springer, New York, 2010, pp. 41 e ss.

<sup>131</sup> W. E. B. Du Bois, “The Negro in the United States”, in Du Bois, *The Conservation of Races and The Negro*, Pennsylvania, Pennsylvania State University, 2007 (1911), pp. 135-166, p. 136.

<sup>132</sup> Atos nos mesmos moldes foram implantados em Maryland (1662), Massachusetts (1705), Carolina do Norte (1715), Pennsylvania (1725) e noutros estados no século XVIII. Ver: Trina Jones, “Shades of Brown: The Law of Skin Color”, *Duke Law Journal*, n. 49, 2000, pp. 1487-557, p. 1502.

contenção cada vez mais fortes a partir do século XVII.<sup>133</sup> Ainda assim, até a ascensão das teorias raciais nos anos 1850, as discussões calcavam-se mais no sangue do que na raça dos indivíduos.

A despeito de dezenas de esforços das autoridades, à medida que os anos passavam, a casta de mulatos aumentava, de tal sorte que, apesar de minoria em relação aos *blacks*, sua existência já era um fato corriqueiro nos EUA do século XIX. Judy Scales-Trent, por exemplo, comenta a presença de afro-americanos – escravos, livres e libertos – com tez realmente alva, olhos verdes e cabelos ruivos, ou tez *light brown*, olhos azuis e madeixas lisas.<sup>134</sup> Hall, por seu turno, conta-nos que num dos leilões de venda de cativos em Louisville, cidade do Sul do país, mãe e filha eram anunciadas da seguinte forma: “mulheres brancas como nossos cidadãos”.<sup>135</sup>

A maior incidência mulata em algumas partes do país criou interpretações e soluções distintas para responder à maculação do sangue branco. Apesar do recrudescimento da legislação anti-mestiçagem em alguns casos, noutros, as barreiras no tocante à cor mostravam-se bem mais tênues.<sup>136</sup> Dessa forma, mesmo que a grande maioria da população *Negro*, independente de seu aspecto, vivenciasse a amarga experiência da opressão na pele, em estados como Louisiana<sup>137</sup> e Carolina do Sul, o uso da compleição na

---

<sup>133</sup> A título de exemplo, em 1691, a Assembléia da Virgínia declarou que as mulheres brancas que tivessem uma “criança bastarda de um Negro ou Mulato” seriam duramente punidas com cinco anos de servidão e seus filhos só seriam libertados após a idade de 30 anos. Tricia Jones, “Shades of Brown...”, p. 1504.

<sup>134</sup> Judy Scales-Trent, “A White Black Woman”, in Richard Delgado; Jean Stefancic, *Critical White Studies: Looking Behind the Mirror*, Filadélfia, Temple University Press, 1995, pp. 475-81, p. 477. Ver também: Judy Scales-Trent, *Notes of a White Black Woman: Race, Color, Community*, Pennsylvania, The Pennsylvania State University, 1995.

<sup>135</sup> Ronald Hall, *An Historical Analysis of Skin Color...*, p. 41.

<sup>136</sup> Um caso ilustrativo dessa tenacidade eram os *quadroon balls*, rituais típicos de New Orleans nos quais mulheres mulatas, senhoras ou amantes, eram cortejadas por poderosos homens brancos. Joel Williamson, *New People: Miscigenation and Mulattoes in the United States*, New York, Free Press, v. 2, 1980, p. 23.

<sup>137</sup> A Louisiana, um dos estados que inicialmente recusou o *one drop rule*, criou um sistema de classificação racial distinto que tomava por base a quantidade de sangue *Black* da seguinte forma: *sang-meles*: pessoas com 1/64; *sambos*: indivíduos com 3/4; *mangos*: pessoas com 7/8. Na prática, era impossível estabelecer precisamente tais distinções que eram feitas com base na cor da pele. Tal sistema tornou os *sang-meles* um grupo com extremo poder. Uma das razões para esse poder era o fato de que no Baixo Sul boa parte dos mulatos eram filhos de poderosos senhores brancos, assim, além de estarem em número menor do que no

produção de vantagens para os mulatos foi mesmo reforçado através da criação de um sistema de classificação que, apoiado pela aparência, chegava a prever o direito ao *Passing*.<sup>138</sup>

Ao ter em vista tal contexto, o aspecto mais claro ou escuro podia, de fato, ser decisiva para determinar o futuro de um escravo. Interessados em analisar os impactos dessa situação específica, diferentes estudos demonstram que a preferência senhorial pelo biotipo mais claro garantiu aos mulatos uma maior proximidade com a casa-grande. Ao acompanhar bem de perto hábitos de trabalho, lazer e religião dos seus proprietários, tais indivíduos teriam introjetado de forma mais direta seus valores e comportamentos, apreendendo profissões, formas de trajar e falar, meios para se divertir, criando assim mecanismos de sobrevivência economicamente mais fortes, como libertos e depois como livres.<sup>139</sup>

---

Norte, eles gozavam mais diretamente dos benefícios sócio-econômicos de seus pais. Ademais, Spickard observa que em 1850, 200.000 mulatos viviam no Alto Sul ao passo que 90.000 no Baixo Sul. Enquanto 1/3 deles era livre na primeira área, somente dez mulatos possuíam este *status* na segunda. Ver Joe Williamsom, *New People...*, p. 15, 24; Paul Spickard, *Mixed Blood...*, p. 247.

<sup>138</sup> O *passing* era a possibilidade legal conferida a pessoas mulatas de pele clara e com traços finos de se auto-identificarem como brancas. Por exemplo, na Carolina do Sul, onde o *one drop rule* também foi rejeitado, mulatos que demonstrassem *proper acting* através do poder e do nível de instrução, podiam pleitear o estato legal de *White*. Paul Spickard, *Mixed Blood...*, p. 333. A literatura afro-americana está repleta de personagens que experimentaram os sabores e dissabores dessa prática. Em “*Passing*”, uma de suas histórias dos anos 1930, o poeta afro-americano Langston Hughes retrata tal ato dentro da comunidade negra através da história de um mulato de pele clara que sentia-se “como um cachorro” por esconder sua *black mother*, passando-se por branco durante toda a vida. Já Jessie Fauset, outra importante escritora do *Harlem Renaissance*, conta a história de Angela Murray, uma jovem negra da Philadelphia que, após a morte dos pais, descobre que pode se passar por branca e, então, muda-se para Nova York, onde tenta fugir do racismo. Outro exemplo na ficção é o romance *Passing*, de Nella Harsen. A autora, ela própria uma negra “light skinned”, cheia de dilemas birraciais, narra a trajetória de Clare Kendry, uma bela mulata que para fugir da pobreza e do racismo passa-se por branca. A jovem consegue se casar com um poderoso médico branco de quem esconde sua origem racial com sucesso total até seu reencontro com Irene, uma amiga de infância que conhecia seu segredo. Hughes, *The Ways of White Folks*, New York, Vintage Books, 1990 (1933), p. 51. Fauset, *Plum bun: a novel without a moral*, New York, Beacon Press, 1999 (1929); Harsen, *Passing*, N. Chelmsford, Courier Dover Publications, 2004.

<sup>139</sup> Nos EUA, em 1860, os senhores possuíam em média 5 escravos, mas na Lousiania foram computados 6 mulatos que tinham entre 60 e 152 escravos. Ervin Jordan Jr., *Black Confederates and Afro-Yankees in the Civil War Virginia*, University Press of Virginia, 1995. Já na Carolina do Sul, décadas antes, outro mulato, William Ellison destacava-se como o maior proprietário de escravos do estado. Nascido cativo, ele aprendeu os ofícios de carpinteiro, ferreiro e usineiro. Ellison, “um homem amarelo” foi libertado em 1816 aos 26 anos de idade. Sua fortuna foi adquirida entre os anos 1820 e 1840 através da produção de máquinas para desencaroçamento de algodão, vendidas no Mississipi. Sua fortuna e poder eram tamanhos que nos anos 1820

Estopim para que conseguissem se consolidar como uma elite, do ponto de vista prático, tal segmento minoritário teria também assegurado direitos cotidianos como o monopólio no desempenho de atividades na casa grande, a chance de especialização num determinado ofício assim como oportunidades de obtenção de trabalhos-extra, de acesso à alfabetização e, conseqüentemente, de compra de alforrias.<sup>140</sup> E, desse modo, como mordomos, cozinheiras, pajens, damas de companhia e cocheiros, teriam se tornado a gênese da poderosa elite negra que se fez valer da sua compleição como estratégia de sobrevivência frente ao duro cotidiano da escravidão.<sup>141</sup>

Nesse contexto de distinções, ainda que considerados oficialmente *Negroes* desde, ao menos, finais do Setecentos<sup>142</sup>, os mulatos e sua mobilidade social já tinham despertado grande alvoroço na comunidade escrava, que, do seu lado, também se apropriava da realidade colorista construindo uma “complexa rede de subvenções”<sup>143</sup>. Mas,

---

participava dos cultos da Igreja Episcopal no primeiro andar, ao lado de influentes famílias brancas, ao passo que *blacks* e brancos pobres eram obrigados a sentar-se nos balcões. Robert M. Grooms, “Dixie Censored subject: black slave owners”, disponível em: [http://americancivilwar.com/authors/black\\_slaveowners.htm](http://americancivilwar.com/authors/black_slaveowners.htm) Acesso: 03/10/2011.

<sup>140</sup> A respeito dos privilégios conferidos aos mulatos durante a escravidão ver também: bell hooks, *Outlaw Culture: Resisting Representations*, New York, Routledge, 1994; Mark E. Hill, “Skin Color and the Perception of Attractiveness Among African Americans: Does Gender Make a Difference?” *Social Psychology Quarterly*, n. 65, 2002, pp. 77-91; Kathy Russell; Midge Wilson; Ronald Hall, *The Color Complex: The Politics of Skin Color Among African Americans*, New York, Anchor Books, 1993.

<sup>141</sup> Vale lembrar que apesar de todos os privilégios, a maior parte dos mulatos eram escravos, logo estavam sujeitos à dominação. Mulheres mulatas ficavam vulneráveis aos desmandos sexuais de seus senhores, crianças desse mesmo grupo sofriam violências e retaliações por parte das senhoras desconfiadas dos maridos. Por vezes, essas mesmas senhoras determinavam uma série de trabalhos-extra para seus escravos mais claros assim como negociavam sua venda. Ver sobre o assunto: Paul R. Spickard, *Mixed Blood: Intermarriage and Ethnic Identity in Twentieth-Century America*, Madison: University of Wisconsin Press, 1989, p. 245.

<sup>142</sup> Com o aumento dos negros e mulatos livres no período revolucionário, as autoridades viram-se forçadas a definir com maior clareza quem deveria ser considerado negro. Assim, na Virgínia, um Ato de 1785 passou a definir como “Negro” qualquer indivíduo filho ou neto de “Black”, esta última categoria significando africano. Dessa maneira, pode-se dizer que esse foi o nascimento legal do *one drop rule*, pois, a partir de tal Ato, qualquer pessoa com uma gota de sangue “Black” teria o mesmo *status* legal que um “Africano Puro”. Sobre as motivações para a libertação de escravos no período revolucionário ver: Joe Williamsom, *New People...*, p. 13. A respeito das mudanças legais no sistema de classificação racial na Virginia Setecentista ver: Tricia Jones, “Shades of Light Brown...”, p. 1505. Por fim, acerca da produção de legislações similares em muitos estados do Baixo Sul, ver: Ira Berlin, *Slaves without Masters: the Free Negro in the Antebellum South*, Oxford, Oxford University Press, 1974, p. 99.

<sup>143</sup> Ronald Hall, *An Historical Analysis...*, p. 37.

antes de incorrer em simplificações, juízos de valor ou decepções alimentadas pela ilusão romântica de uma solidariedade intrarracial genética<sup>144</sup> ou do que Bayard Rustin chamou de “noção sentimental da solidariedade negra”<sup>145</sup>, é preciso pensar que esse racismo específico não foi idéia do grupo subalterno, se não produto de uma lógica senhorial que recriava e reforçava os valores da supremacia branca.

Assim, para começar a mostrar melhor as hierarquias presentes entre *Negroes* e *Mulattoes*, a tabela 1 apresenta o contingente de população escrava e liberta, masculina e feminina, dividido pela cor nos estados da Geórgia, de Illinois e Nova York em 1860, a última década da escravidão.<sup>146</sup> Ao confirmar a dinâmica colorista, os números nacionais e regionais indicam que em relação aos *blacks*, em torno de somente 1/10 dos *mulattoes* eram escravos e, ainda de forma comparada, quase metade dos últimos eram livres.<sup>147</sup>

---

<sup>144</sup> Através de casos distintos, Grooms desconstrói esse romantismo demonstrando que, quando libertos, os negros, na maior parte dos casos, tornavam-se senhores de escravos no Sul do país. Com base nos dados do Censo de 1860, dos 4.500 milhões de afro-americanos, aproximadamente 4 milhões eram escravos por lá, ao passo que 261.988 eram livres. Tomando como referência o caso de New Orleans, que era habitado por 10.689 dessa população de ex-escravos (da qual se destacava um grande contingente de pessoas de pele clara, descendentes Crioulos) foram registrados 3.000 negros livres proprietários de escravos. Isto equivale a dizer que em torno de 28% da população de cor livre do local possuía cativos. Robert M. Grooms, “Dixie Censored subject: black slave owners”, disponível em: [http://americancivilwar.com/authors/black\\_slaveowners.htm](http://americancivilwar.com/authors/black_slaveowners.htm) Acesso: 03/10/2011, s/p.

<sup>145</sup> Para o ativista tal “noção” era responsável por perpetuar a idéia de que antes da emancipação a cultura negra era iletrada e as experiências de seus sujeitos homogêneas, visto que a escravidão homogeneizava todos os negros, impedindo que qualquer tipo de privilégio ou de distinção por classe, comportamento ou força se manifestasse entre eles. Ver: James P. Danky; Wayne A. Wiegand (Eds.), *Print Culture in a Diverse America*, Champaign, University of Illinois Press, 1998, p. 151.

<sup>146</sup> A escolha desses estados para a composição da tabela justifica-se pelo fato de que a maior parte das publicações estudadas concentram-se nos seus territórios.

<sup>147</sup> A título de exemplo dos seus privilégios, em 1662 mais da metade dos mulatos filhos de escravas tiveram seu estatuto alterado para livres pelo governo na Virgínia. Ver: Joel Williamson, *New People...*, apud Tricia Jones, “Shades of Brown...”, p. 17.

**Tabela 1. População *Black* e *Mulatto*, livre e escrava, classificada por sexo no país e em três estados**

POPULAÇÃO NEGRO						
População <i>Negro</i> e <i>Mulatto</i> , livre e escrava, classificada por sexo no país e em três estados: 1860						
Estados		EUA	Nova York	Geórgia	Illinois	
Ambos os sexos	<i>Black</i>	3.853.478	41.224	426.794	4.041	
	<i>Mulatto</i>	588.352	7.781	38.904	3.687	
Homens	<i>Black</i>	1.936.315	19.491	212.164	2.031	
	<i>Mulatto</i>	280.430	3.687	18.698	1.778	
Mulheres	<i>Black</i>	1.197.103	21.733	214.630	2.010	
	<i>Mulatto</i>	307.922	4.094	20.206	1.809	
Livres	Ambos os sexos	<i>Black</i>	311.331	41.224	1.496	4.041
		<i>Mulatto</i>	176.739	7.781	2.004	3.687
	Homens	<i>Black</i>	150.599	19.491	732	2.031
		<i>Mulatto</i>	83.521	3.687	937	1.778
	Mulheres	<i>Black</i>	160.732	21.733	764	2.010
		<i>Mulatto</i>	93.218	4.094	1.067	1.809
Escravos	Ambos os sexos	<i>Black</i>	3.542.147	-	425.298	-
		<i>Mulatto</i>	411.613	-	36.900	-
	Homens	<i>Black</i>	1.785.716	-	211.432	-
		<i>Mulatto</i>	196.909	-	17.761	-
	Mulheres	<i>Black</i>	1.756.431	-	213.866	-
		<i>Mulatto</i>	214.704	-	19.139	-

**Fonte:** Tabela adaptada de *Black and mulatto population, free and slave, classified by sex, by divisions and states: 1860*, in John Cummings, *Negro Population: 1790-1915 Color – Black and Mulatto Elements, Part III – Physical Characteristics*, General Tables, Table 24, apud William Loren Katz (Ed.), *The American Negro: His History and Literature*, New York, Arno Press, 1968, pp. 207-232, p. 220.

Embora os privilégios conferidos aos escravos mulatos tenham se mantido até a abolição, o ano de 1850 representou o começo de uma séria ameaça às brechas existentes até então. Em sintonia com os debates científicos sobre raça, o governo norte-americano, obcecado em conhecer melhor o estoque híbrido de tal segmento, passou a preocupar-se cada vez mais em produzir estatísticas detalhadíssimas sobre a população *Negro*. Assim, é

dentro desse contexto de “reorganização racial”<sup>148</sup> que o *Mulatto* será introduzido como categoria oficial do Censo Nacional, nele permanecendo até 1920.<sup>149</sup>

O cruzamento de idéias darwinistas e poligenistas com foco na raça<sup>150</sup> desembocou no entendimento de que, embora *Whites* e *Negroes* compartilhassem um ancestral comum, seus processos de evolução eram tão desiguais que, na prática, podiam mesmo ser considerados duas espécies.<sup>151</sup> Desse modo, do ponto de vista branco, por onde quer que se olhasse, a inferioridade negra era inquestionável. Ao tomar por base tal lógica, o segmento *Mulatto* merecia atenção especial, pois era um povo particular, fraco e fadado à extinção devido ao seu sangue misturado. Ou seja, se para os *Negroes* a mestiçagem foi interpretada como um aperfeiçoamento da raça, uma possibilidade eugenista de driblar o racismo, para os brancos a miscigenação tornava-se cada vez mais preocupante.

O Censo de 1890, aumentando a ânsia de conhecer a fundo os efeitos sociais e psicológicos dos frutos desse pavoroso cruzamento, estratificou ainda mais as taxonomias

---

<sup>148</sup> A introdução da categoria *mulatto* foi apenas mais uma dentre as muitas mudanças para atingir um quadro acurado da população americana. Ao examinar a efetividade da “reorganização racial”, Hochschild e Powell demonstram que entre 1830 e 1850, o número de questões do Censo aumentou de 7 para 138 e que, entre 1880 e 1890, a pesquisa produziu um total de 20.000 páginas contra 3.500 publicadas em 1870. Ver: J. L. Hochschild; B. M. Powell, “Racial Reorganization and the United States Census 1850-1930: Mulattoes, Half-Breeds, Mixed Parentage, Hindoos, and the Mexican Race”, *Studies in American Political Development*, Spring 2008, v. 22, n. 1, pp. 59-96, disponível em: <http://scholar.harvard.edu/jlhochschild/publications/racial-reorganization-and-united-states-census-1850-1930-mulattoes-half-br> Acesso: 03/10/2011.

<sup>149</sup> De acordo com as orientações do Censo de 1850 e com seu objetivo de nacionalizar o sistema de classificação racial, na nova conformação que reforçava mais ainda a pureza branca através da estratificação dos negros, a categoria *Black* deveria ser utilizada para indivíduos com 3/4 ou mais de sangue africano; a de *Mulatto* para aqueles que tinham de 3 a 5/8. Melissa Nobles, *Shades of the Citizenship: Race and the Census in Modern Politics*, Stanford, Stanford University Press, 2000, p. 58.

<sup>150</sup> Nos EUA da virada do século, “o Darwinismo não substitui, mas combina-se com o pensamento poligenista sobre raça e mistura racial”, Melissa Nobles, *Shades of Citizenship...*, p. 53.

<sup>151</sup> De acordo com a autora, a sobrevivência da Poligenia frente à chegada do Darwinismo Social (com o surgimento de *A Origem das Espécies* em 1859) deveu-se ao fato que a teoria de Charles Darwin deixava de lado duas das mais importantes premissas da primeira: “os efeitos da mistura racial” e a “capacidade das raças”. Ela demonstra que para o pensamento científico da época a “evolução da humanidade” a partir de um mesmo ancestral “não equivalia a dizer que o processo evolucionário de brancos e negros era igual ou mesmo comparável, pois – de acordo com a lógica dos seus teóricos – a evolução de negros e brancos tinha se dado de formas tão distintas que isto tornava a questão do antepassado comum irrelevante. Melissa Nobles, *Shades of Citizenship...*, p. 53. Sobre os impactos do Darwinismo Social no Brasil à mesma época ver: Lília Schwartz, *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*, São Paulo: Cia das Letras, 1993.

para o grupo *Negro*. Na ocasião, além de *blacks* e *mulattoes*<sup>152</sup>, os descendentes de africanos também foram enumerados como *quadroons* e *octoroons*.<sup>153</sup> Para ilustrar melhor o processo de reorganização racial da sociedade norte-americana, o quadro 1 reconstitui a evolução histórica das categorias de cor atribuídas à população *Negro* na longa duração.

---

<sup>152</sup> Ao descrever o contexto histórico de chegada dos *quadroon* e *octoroon* no Censo, Melissa Nobles demonstra que essa progressão da complexidade das categorias para os negros não se deu ao acaso. De acordo com a autora, a partir dos anos 1880, os afro-americanos começaram a perder todos os direitos conquistados com a Guerra de Secessão. E, uma vez que os republicanos do Norte viraram as costas para tal situação, os brancos sulistas ficaram a vontade para “reconfigurar arranjos sociais, políticos e econômicos”. Prova disso é que, no final desse século, a despeito das 14<sup>a</sup> e 15<sup>a</sup> Emendas Constitucionais, os afro-americanos tiveram seu direito ao voto cassado e passaram a exercer uma cidadania limitada tornando-se foco de políticas de segregação pública e privada. Idem, pp. 54-5.

<sup>153</sup> O Censo de 1890 determinava que *Quadroon* fosse aplicada para os que possuísem 1/4 de sangue africano e a de *Octoroon* para aqueles com 1/8. Idem, p. 58.

### Quadro 1. Evolução das categorias de cor para *Negroes* no Censo dos EUA, 1850-1960

no	Categorias
1850	<i>Black e Mulatto</i>
1860	<i>Black e Mulatto</i>
1870	<i>Black e Mulatto</i>
1880	<i>Black e Mulatto</i> <sup>154</sup>
1890	<i>Black, Mulatto, Quadroon, Octoroon</i>
1900	<i>Black</i>
1910	<i>Black e Mulatto</i>
1920	<i>Black e Mulatto</i>
1930-1960	<i>Negro</i>

Fonte: *United States Bureau of the Census, 1790-1990.*

Já o quadro 2 mostra de forma precisa o impacto das ciências médicas na produção das estatísticas populacionais. Elaborado com base no manual de instruções distribuído aos recenseadores, ele indica que as reformulações iniciadas nos anos 1850, ao contrário de altamente científicas, foram parte de um processo marcado por dúvidas e imprecisões. Embora seus próprios idealizadores e gestores fossem claros na enumeração das quantidades sangüíneas de cada categoria racial, eles não se preocuparam sequer em mencionar como os entrevistadores deveriam fazer para determinar tais quantidades em cada recenseado, o que indica que isto era feito com o mais subjetivo dos critérios: o olhar.<sup>155</sup>

---

<sup>154</sup> Embora *Mulatto* tenha sido utilizado para classificar os *negroes*, os resultados da quantificação não foram disponibilizados no Censo de 1880. Nas células referentes a esse grupo, lemos as iniciais NA (*Not Available/Não Disponíveis*). “Population by color”, in *Tenth United States Census Taken in the Year 1880*, Department of Commerce, Bureau of the Census, Washington Government Print Office, Population, General Report and Analysis.

<sup>155</sup> Ver a esse respeito: J. L. Hochschild; B. M. Powell, “Racial Reorganization and the United States Census 1850-1930...” Ao analisar alguns métodos empregados no mapeamento populacional, Nobles examina o quanto “o que e como contar” sempre representaram grandes desafios para o Censo norte-americano. *Shades of Citizenship...*, pp. 164-168.

**Quadro 2. Instruções dadas aos recenseadores relacionadas às classificações *Black*, *Mulatto*, *Quadroon* e *Octoroon*, 1850-1920**

Ano	Classificações	Instruções
1850	<i>Black e Mulatto</i>	“(…) Na rubrica 5, intitulada “Color”, insira em todos os casos em que o escravo for black a letra B; quando ele ou ela forem <i>mulatto</i> inserir M. A cor de todos os escravos deve ser registrada” (...) [para a listagem das populações livres, os recenseadores foram orientados de forma distinta]. “Na rubrica 6, intitulada “Color” nos casos em que a pessoa for branca, deixe o espaço em branco; em todos os casos em que a pessoa for <i>black</i> , insira a letra B; se <i>mulatto</i> , insira M. É necessário que estes últimos sejam particularmente considerados”.
1860	<i>Black e Mulatto</i>	“(…) Em todos os casos em que a pessoa for black sem mistura, insira a letra ‘B’, se for um mulatto ou sangue miscigenado, insira ‘M’. É extremamente aconselhável seguir essas instruções cuidadosamente (...)”.
1870	<i>Black e Mulatto</i>	“(…) Seja particularmente cuidadoso ao reportar a classe <i>Mulatto</i> . A palavra é aqui genérica e inclui quadroons, octoroons e todas as pessoas que possuem algum traço de sangue Africano perceptível. <i>Importantes resultados científicos dependem da correta determinação dessa classe (...)</i> .
1880	<i>Black e Mulatto</i>	“(…) Seja particularmente cuidadoso ao reportar a classe <i>Mulatto</i> . A palavra é aqui genérica e inclui quadroons, octoroons e todas as pessoas que possuem algum traço de sangue Africano perceptível. <i>Importantes resultados científicos dependem da correta determinação dessa classe (...)</i> ”.
1890	<i>Black, Mulatto, Quadroon, Octoroon</i>	“(…) Seja particularmente cuidadoso ao fazer as distinções entre blacks, mulattoes, quadroons e octoroons. A palavra ‘black’ deve ser usada para aquelas pessoas que têm $\frac{3}{4}$ ou mais de sangue negro, ‘mulatto’ para aquelas pessoas que têm de 3 a $\frac{5}{8}$ de sangue negro, ‘quadroon’ para aquelas que têm $\frac{1}{4}$ de sangue negro e ‘octoroon’ para aquelas que têm $\frac{1}{8}$ ou qualquer traço de sangue negro”.
1900	<i>Black</i>	“(…) Escreva ‘B’ para <i>black</i> (negro ou descendente de negro) (...)”.
1910	<i>Black e Mulatto</i>	“Escreva (...) ‘B’ para <i>black</i> , ‘Mu’ para <i>mulatto</i> (...) Para os propósitos do Censo o termo ‘black’ (B) inclui aquelas pessoas que são evidentemente <i>full-blooded</i> negras, enquanto o termo ‘mulatto’ (Mu) inclui todas as pessoas que têm alguma proporção ou algum traço perceptível de sangue negro”.
1920	<i>Black e Mulatto</i>	“Escreva (...) ‘B’ para <i>black</i> , ‘Mu’ para <i>mulatto</i> (...) Para os propósitos do Censo o termo ‘black’ (B) inclui aquelas pessoas que são evidentemente de sangue negro puro, enquanto o termo ‘mulatto’ (Mu) inclui todas as pessoas que têm [apenas] alguma proporção ou algum traço perceptível de sangue negro”.

**Fonte:** *United States Bureau of the Census, 1790-1990*, apud Melissa Nobles, *Shades of the Citizenship...*, pp. 187-188.

Olhados em conjunto, os quadros 1 e 2, além do dito acima, também denotam que a inclusão de novas categorias e a modificação permanente nas orientações de como

lidar com elas no intercurso de cada década referiam-se a um investimento do governo, que, com o respaldo da ciência, normatizava a branquidade (“Na rubrica 6, intitulada “*Color*” nos casos em que a pessoa for branca, deixe o espaço em branco”) ao mesmo tempo em que oficializava a estratificação da população de cor de forma a reforçar sua degenerescência, independente do estatuto jurídico de cada indivíduo (“A cor de todos os escravos deve ser registrada”).

É claro que tal esmero tinha a ver com medicina, racismo e escravidão e, mais tarde, com racialização e pós-emancipação. Todavia, esse ensejo cientificista não é a discussão central aqui, mas apenas um pano de fundo para examinar como os negros lidavam e ressignificavam tantas verdades científicas. Por isso, agora que já conhecemos um pouco da trajetória diferenciada dos mulatos e que já sabemos quais eram as categorias de cor, o porque delas e como eram definidas, é hora de começar a observar a representatividade numérica dos grupos raciais através dos dados dos recenseamentos norte-americanos realizados ao longo dos setenta anos em que a taxonomia *Mulatto* esteve em voga.<sup>156</sup>

---

<sup>156</sup> Sobre a retirada da categoria mulato do Censo, o Comitê Consultivo do Censo afirmou o seguinte em 1928: “a principal razão para desistir da tentativa de separar negros e mulatos é o fato de que os resultados anteriores tinham sido muito imperfeitos”. Apud Melissa Nobles, *Shades of Citizenship...*, p. 68.

**Tabela 2. População total de Whites e Negroes, EUA, 1850-1920\***

Ano	População Total	Número Whites	Porcentagem White	Número Negro	Porcentagem Negro
1850	23 191 876	19 553 068	84.3%	3 638 808	15.7%
1860	31 443 321	26 922 537	85.6%	4 441 830	14.1%
1870	38 558 371	33 589 377	87.1%	4 880 009	12.7%
1880	50 155 783	43 402 970	86.5%	6 580 793	13.1%
1890	62 947 714	55 101 258	87.8%	7 488 676	11.9%
1900	75 994 575	66 809 196	87.9%	8 833 994	11.6%
1910	91 972 266	81 731 957	88.9%	9 827 763	10.7%
1920*	105 710 620	94 820 915	89.7%	10 463 131	9.9%

**Fonte:** Tabela adaptada de “Color, or Race, Nativity and Parentage”, in *Thirteenth Census of the United States Taken in the Year 1910*, Department of Commerce, Bureau of the Census, Washington Government Print Office, Population, General Report and Analysis, Table 3, v. 1, p. 127, 129.

A maioria esmagadora de brancos diferenciava os EUA de outras sociedades americanas escravistas, tais como Brasil e Cuba, onde os índices de população negra eram bem mais altos, conforme mostra a tabela 3.

**Tabela 3. População de Brancos, Negros, Pretos e Pardos em Cuba e no Brasil, 1862 e 1872**

População de Brancos, Negros, Pretos e Pardos em Cuba e no Brasil 1862 e 1872					
		1862		1872	
		Total	Percentual	Total	Percentual
Cuba	Brancos	729.957	53,7%	-	-
	Negros*	472.985	43,7%	-	-
Brasil	Brancos	-	-	3.787.289	38,14%
	Negros	-	-	1.954.452	19,68%
	Pardos	-	-	4.188.737	42,18%

**Fonte:** Tabela adaptada de “População de Cuba, 1846 e 1862”, in Rebecca Scott, *Emancipação escrava em Cuba: A transição para o trabalho livre, 1860-1899*, Rio de Janeiro, Paz e Terra; Campinas, Edunicamp, 1991, p. 26 e de “População Presente segundo a côr”, in *O Brasil em números (Resultados dos Recenseamentos Demográficos 1872-1950)*, Serviço Nacional de Recenseamento, p. 8. Disponível em:

\* Para todas as tabelas, os números referentes aos outros grupos (indígenas, asiáticos, estrangeiros) foram desconsiderados.

\* Devido às dificuldades de acesso, as informações referentes ao Censo de 1920 apresentadas nas tabelas de 2, 4, 5 e 7 foram baseadas em “United States - Race and Hispanic Origin: 1790 to 1990”, disponível em: <http://www.census.gov/population/www/documentation/twps0056/tab01.pdf> Acesso: 11/10/2011.

\* Tanto para Brasil quanto para Cuba número total de Negros corresponde a soma de livres, emancipados e escravos.

É lógico que os dados apresentados não encerram as complexidades da “intensa polissemia da mestiçagem”<sup>157</sup> que as categorias “negro”, “preto”, “pardo” assumiram nos dois países, contudo, eles mostram as particularidades dos EUA em relação às divisões raciais. Isso porque os números mostram que em Cuba, nos anos 1860, o número de brancos era apenas 10% maior que o de negros, ao contrário dos EUA que na mesma década possuía 85.6% brancos e 14.1% negros. Já para o Brasil, a tabela mostra que, de acordo com o censo nacional de 1872, só os pretos representavam quase 1/5 (19,68%) da população, número consideravelmente maior que o pouco menos de 1/8 (12,7%) de afro-americanos.

Ainda sobre este último país, se considerarmos a população negra como a soma dos pretos com seus pardos, o quadro torna-se ainda mais distinto, pois os negros passam a representar uma maioria de mais de 3/5 (61, 86%) em relação aos brancos. Mas a essa altura, fechada a breve janela comparativa, é preciso responder uma pergunta fundamental para o prosseguimento do trabalho: uma vez que eram política e economicamente tão importantes, qual era afinal a quantidade de *Mulattoes* dentro do grupo *Negro*?

**Tabela 4. População total *Negro*, dividida em *Black* e *Mulatto*, EUA, 1850-1920**

Ano	<i>Negro</i>	<i>Black</i>	<i>Mulatto</i>
1850	3 638 808	3 233 057	405 751
1860	4 441 830	3 853 467	588 363
1870	4 880 009	4 295 960	584 049
1880	6 580 793	-	-
1890	7 488 676	6 337 980	1 132 060
1900	8 833 994	-	-
1910	9 827 763	7 777 077	2 050 686
1920	10 463 131	8 802 557	1 660 554

**Fonte:** Tabela adaptada de “Color, or Race, Nativity and Parentage”, in *Thirteenth Census of the United States Taken in the Year 1910*, Department of Commerce, Bureau of the Census, Washington Government Print Office, Population, General Report and Analysis, Table 6, v. 1, p. 129.

<sup>157</sup> Ver a respeito: Ivana Stolze Lima, *Cores, marcas e falas: sentidos da mestiçagem no Império do Brasil*, Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 2003, p. 17.

Conforme demonstrado pelas tabelas acima, em termos nacionais, os mulatos eram um segmento minoritário, mas sua proporção variava muito de estado para estado ou de cidade para cidade. Por isso, para entendermos o impacto que tal grupo representou na imprensa negra dos principais lugares pesquisados, ofereço abaixo seus números nos estados da Geórgia, Illinois e Nova York e nas cidades de Atlanta, Chicago e Nova York, grandes celeiros de tais jornais e revistas.

**Tabela 5. População *White*, *Negro* e *Mulatto* por estados, 1850-1920**

	Geórgia			Illinois			Nova York		
	<i>Whites</i>	<i>Negroes</i>	<i>Mulattoes</i>	<i>Whites</i>	<i>Negroes</i>	<i>Mulattoes</i>	<i>Whites</i>	<i>Negroes</i>	<i>Mulattoes</i>
1850	521 672	384 613	-	846 034	6 496	-	3 048 325	49 089	-
1860	591 550	465 698	-	1 704 291	7 628	-	3 831 590	49 005	-
1870	638 926	545 142	43 328	2 511 096	28 762	7 343	4 330 210	52 061	5 583
1880	816 906	725 133	85 133	3 031 151	46 368	16 682	5 016 022	65 104	15 240
1890	978 357	858 815	204 205	3 766 472	57 028	36 828	5 923 255	70 092	30 608
1900	1 181 294	1 034 813	-	4 734 873	85 078	-	7 156 881	99 232	-
1910	1 431 802	1 176 987	-	5 526 962	109 049	-	8 966 845	134 191	-
1920	1 689 114	1 206 365	-	6 299 333	182 274	-	10 172 027	198 483	-

**Fonte:** Tabela adaptada de Walter Willcox, “The Negro Population”, in *Negroes in the United States, Department of Commerce and Labor Bureau of the Census S. N. D. North Director, Bulletin 8, General Tables*, Washington Government Printing Office, 1904, Table 2, p. 102.

**Tabela 6. População *Mulatto* em relação a população total dos EUA em três das principais cidades com publicações negras pesquisadas de acordo com o Censo de 1910.**

Cidade	População total	População total de <i>Negro</i>	Percentual de <i>Black</i>	Percentual de <i>Mulatto</i>
Atlanta	154 839	51 902	67.6	32.4
Chicago	2 185 283	44 163	58.4	41.6
Nova York	4 766 883	91 709	75.1	24.9

**Fonte:** Tabela adaptada de “Negro Population Distinguished As Black and Mulatto in Cities having 5.000 Negroes or more: 1910” e “Porcentagem de *Mulattoes* em 96 cidades com mais de 5.000 habitantes Negroes”, Apud William Loren Katz, *The American Negro: His History and Literature*, Howard, Arno Press, 1968, Table 15 e 31, p. 214; 229.

**Tabela 7. População Negro e Mulatto em relação à população total dos EUA**

Ano	População Total dos EUA	População Negro	Procentagem Negro	População Mulatto	Procentagem Mulatto
1850	23 191 876	3 638 808	15.69%	405 751	1.75%
1860	31 433 321	4 441 830	14.13%	588 363	1.87%
1870	38 558 371	4 880 009	12.66%	584 049	1.51%
1880	50 155 783	6 580 793	13.12%	-	-
1890	62 947 714	7 488 676	11.9%	1 132 060	1.8%
1900	75 994 575	8 883 994	11.62%	-	-
1910	91 972 266	9 827 763	10.69%	2 050 686	2.23%
1920	105 710 620	10 463 131	9.9%	1 660 554	1.57%

**Fonte:** Tabela adaptada de “Color, or Race, Nativity and Parentage”, in *Thirteenth Census of the United States Taken in the Year 1910*, Department of Commerce, Bureau of the Census, Washington Government Print Office, Population, General Report and Analysis, Table 6, v. 1, p. 129.

Ainda que de fato os contatos interracialis fossem escassos, eles produziram um grupo de mulatos que chegava a representar aproximadamente 1/6 da população Negro em alguns locais. As tabelas 5 e 6 ajudam a visualizar que, embora os mulatos fossem um segmento minoritário, sua presença era significativa dentro da comunidade negra de alguns lugares, alcançando um total de 41,6% em Chicago. Todavia, ao considerar a população Negro nacionalmente, percebe-se que os mulatos representavam menos que 2% desta população, conforme indicam as tabelas 4 e 7.

De um jeito ou de outro, a existência de uma “aristocracia da cor”<sup>158</sup>, com todas as suas implicações políticas, culturais e classistas é fundamental para entender as relações entre mulatice, beleza e indústria cosmética erigidas pela imprensa negra e que serão exploradas, especialmente, no capítulo 3. Desse modo, daqui pra frente, dois conceitos serão imprescindíveis para continuarmos a historicizar a preponderância da compleição física na distribuição de lugares sociais para estes e outros homens e mulheres negros no mundo livre. São eles: *Colorism*, “ideologia racial que privilegia a pele clara em detrimento da escura em sociedades racistas pós-coloniais”<sup>159</sup> e *Pigmentocracy*<sup>160</sup> - definida aqui

<sup>158</sup> William. B. Gateswood Jr, *Aristocrats of color*, Bloomington, Indiana, Indiana University Press, 1990.

<sup>159</sup> Margaret Hunter, “Color Struck: Skin Color Stratification in the Lives of African American Women”, *Sociological Inquiry*, n. 68, Fall 1998, pp. 517-535.

como um grupo de negros “pequeno em número” e “claro em compleição” que, reconhecido pelo trabalho, pelo acúmulo de bens, pela boa conduta e pelo estilo de vida semelhante ao das altas classes brancas, ocupava o topo da pirâmide e auto-identificava-se através de nomes como “aristocracia de cor”, “aristocracia negra”, “velha alta classe”, “melhor sociedade”, “décimos superiores”, *black 400*, etc.<sup>161</sup>

## 2.2 Os Perigos dos Negros Brancos: cultura mulata, classe e beleza eugênica

Em 1907, uma “morena evidente” foi forçada a retirar-se do “ônibus para brancos”. Apesar dos “protestos” e “provas visíveis”, a jovem, integrante de uma “influente família sulista” foi obrigada a sentar-se no transporte do “Jim Crow”. “Afiadas” para sempre “detectar o sangue Africano”, as pessoas do Sul o faziam ainda que o “alisamento do cabelo” ou a “clareza da pele” disfarçasse tal descendência. Até mesmo no Norte, onde as “linhas” [de cor] não eram tão “rigidamente definidas”, a questão da “identidade equivocada” preocupava a população. Lá, tanto homens quanto mulheres, “perto da idade de se casar”, eram aconselhados a investigar a fundo o “pedigree” de seus amores para afastar qualquer possibilidade de terem suas vidas ligadas a “Africanos disfarçados”. A despeito das “complicações sociais e familiares”, no Norte e no Sul, tornava-se uma “tendência crescente” os casos de “homens e mulheres de cor” que se “passavam por brancos”, quando assim o podiam fazer.

---

<sup>160</sup> A *Pigmentocracy* tem sido central para manter a supremacia branca à medida que ela reforça as divisões internas entre os “estratos raciais secundários”. Ainda que se dedique a discutir as configurações raciais nos EUA do século XXI, Bonilla-Silva representa referência indispensável a esse debate. O sociólogo adverte sobre o crescimento da importância da cor da pele no novo sistema racial do terceiro milênio. Nesse contexto, ele adverte que a “pigmentocracia” tem substituído o modelo polarizado de brancos e negros. De acordo com sua teoria, os EUA têm vivenciado um processo de “latinização” compovado pela emergência de um sistema trirracial composto pelos seguintes grupos: 1. brancos – divididos em “tradicionais” e “novos imigrantes brancos” (russos, albaneses, alguns grupos multirraciais de aparência branca, americanos nativos assimilados e um pequeno segmento de origem asiática); 2. “brancos honorários” (latinos, tais como cubanos, mexicanos e porto-riquenhos de pele clara, japoneses-americanos, coreanos-americanos, indianos-asiáticos, chineses-americanos, *middle-east americans* e a maioria dos grupos multirraciais) e, por fim, o “coletivo negro”, integrado por negros americanos, negros latinos de pele escura, vietnamitas, cambojas, laosianos, filipinos, New West-Indians, imigrantes africanos e uma parcela de americanos). Eduardo Bonilla-Silva; David R. Detrich, “The Latin Americanization of U. S. race Relations: a new pigmentocracy”, in Evelyn Nakano Glenn (Ed.), *Shades of Difference: Why Skin Color Matters?* California, Stanford University Press, 2009, pp. 40-60, p. 41, 45.

<sup>161</sup> Williard Gatewood, *Aristocrats of Color...*, p. ix, 7.



Figura 11. “Vagão [trem] do Jim Crow”.

**Fonte:** Schomburg Center for Research in Black Culture, General Research and Reference Division. Impressa com a permissão de Board of Directors, The Good Life Center. Scott Nearing, *Black America*, New York, The Vanguard Press, 1929.

Apresentado pela *The Colored American Magazine*, o texto “Perigos do Negro Branco”<sup>162</sup> coloca-nos diante de uma complexa trama sobre os usos e significados que afro-americanos como os que estamos conhecendo atribuíram ao seu corpo nas primeiras décadas do século XX, quando a manipulação do cabelo e da pele em busca da boa aparência tornar-se-á uma prática corriqueira entre eles. Universo pouco conhecido no

---

<sup>162</sup> Fannie Barrier Williams, “Perils of the White Negro”, *The Colored American Magazine*, v.12-13, 1907, pp. 421-423, p. 423.

Brasil <sup>163</sup>, o caso, de pânico para uns e de esperança para outros, nos ajuda a contar parte do processo histórico de construção de novas imagens promovido na pós-emancipação e que foi diretamente influenciado pelas políticas eugênicas, pelos valores da supremacia branca e pelo colorismo negro.

Nessa busca por sujeitos negros, donos de histórias, mas também de cores plurais, é interessante frisar que, durante os anos da Reconstrução, muitos mulatos tornaram-se figuras dotadas de prestígio e influência política no país. São as situações, por exemplo, de Booker T. Washington, o ex-escravo, que, filho de um pai branco desconhecido, fundou o *Tuskegee Institute* no Alabama no final do século XIX; do sociólogo e historiador William E. B. Du Bois, primeiro afro-americano a doutorar-se em *Harvard University* e também um dos primeiros negros a tornar-se membro da *National Association for the Advancement of Colored People* (N.A.A.C.P.)<sup>164</sup> e de mulheres como

---

<sup>163</sup> Ainda assim, o tema do clareamento de pele na imprensa negra paulistana aparece em: Maria Aparecida de Oliveira Lopes, *Beleza e Ascensão Social na imprensa negra paulistana: 1920-1940*, Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2002; Petrônio Domingues, “Negros de Almas Brancas: a Ideologia do Branqueamento no interior da Comunidade Negra em São Paulo, 1915-1930”, *Estudos Afro-Asiáticos*, ano 24, n. 3, 2002, pp. 563-599. Estes dois trabalhos serão retomados no último capítulo.

<sup>164</sup> A N.A.A.C.P. foi fundada em 12/02/1909 por liberais brancos como Mary White Ovington e Oswald Garrison Villard (ambos descendentes de abolicionistas) durante um encontro para discutir “justiça racial” frente à dura realidade de linchamentos diários de negros pelos EUA. Dos 60 participantes, apenas 7 eram afro-americanos, dentre elas o historiador e sociólogo W. E.B. Du Bois e Ida B. Wells-Barnett, jornalista, professora e militante dos direitos civis. O objetivo inicial da organização era o de fazer valer os direitos das 13<sup>a</sup>, 14<sup>a</sup> e 15<sup>a</sup> Emendas Constitucionais que diziam respeito ao fim da escravidão, à proteção igualitária perante a lei e ao sufrágio universal masculino, respectivamente. Em 1910, a Associação estabeleceu seu escritório nacional na cidade de Nova York tendo nomeado Moorfield Storey, um advogado branco, como seu presidente e tendo escolhido uma equipe de diretores. Na ocasião, o único membro afro-americano que participou dos quadros executivos da N. A. A. C. P. foi W. E. B. Du Bois. Atuando como Diretor de Publicações e Pesquisa, o intelectual fundou em 1910 *The Crisis*, a publicação oficial da organização que circula até os dias de hoje. Em 1913, a organização criou escritórios locais em Boston, Massachusetts; Baltimore, Maryland; Kansas City, Missouri; Washington, D.C.; Detroit, Michigan; and St. Louis, Missouri. Entre 1917 e 1919, seus filiados cresceram de 9.000 para 90.000. Em 1919, a organização publicou um importante relatório “Thirty Years of Lynching in the US” (“Trinta Anos de Linchamento nos EUA”). Em 1920, James Weldon Johnson tornou-se seu primeiro secretário negro. Ainda hoje, o principal objetivo da N. A. A. C. P. é “assegurar a equidade política, educacional, social e econômica dos cidadãos de grupos minoritários dos EUA e eliminar o preconceito racial”. Disponível em: <http://www.naacp.org/pages/naacp-history> Acesso: 01/08/2011.

Fannie Williams, a distinta oradora que numa de suas biografias assegurava nunca ter vivido “discriminação por conta da cor”.<sup>165</sup>

No limiar do processo de produção de líderes da raça com base na pigmentocracia<sup>166</sup>, ficamos diante de um verdadeiro mundo negro integrado por indivíduos que, eternizados por fotografias muito bem orquestradas (e quiçá clareadas), oferecem um quadro preciso do que significava ser um aristocrata da cor. Por isso, para conhecermos o padrão físico hegemônico no jornalismo e no mercado da beleza negros, mostrarei, nesta seção, algumas fotografias de pessoas de cor influentes, registradas pelos fotógrafos da *The Colored American Magazine* entre 1900 e 1902.

---

<sup>165</sup> Fannie Barrier Williams, “A Northern Negro’s...”

<sup>166</sup> Cabe salientar que os intelectuais afro-americanos mantêm uma longa tradição de estudos sobre a pigmentocracia, na qual destacam-se trabalhos pioneiros como: Ambrose Caliver, *A Background Study of Negro College Students*, Washington, D. C., Government Printing Office, 1933; Carter Goodwin Woodson, *The Negro Professional Man and the Community*, Washington, D. C., Association for the Study of Negro Life and History, Inc., 1934; Edward Byron Reuter, *The Mulatto in the United States*, Boston, R. G. Badger, 1918. Uma análise mais recente, preocupada nas articulações entre gênero, políticas raciais e pigmentocracia, pode ser vista em Maxine Leeds Craig, *Ain’t I a Beauty Queen: Black Women, Beauty and the Politics of Race*, New York, Oxford University Press, 2002. Já sobre os impactos da pigmentocracia no Caribe destaca-se: Winston James; Clive Harris, *Inside Babylon: The Caribbean Diaspora in Britain*, London, New York, Verso, 1993.

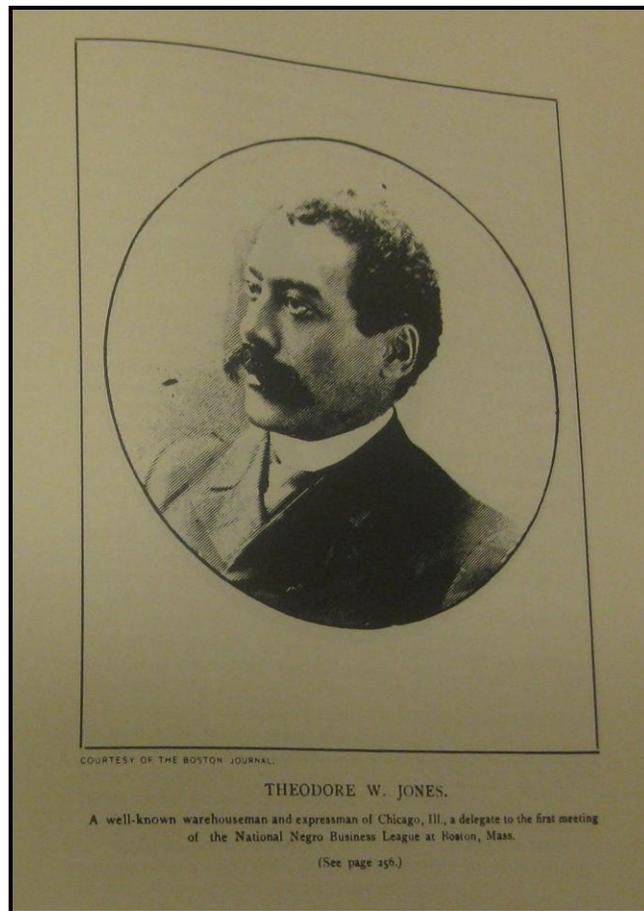


Figura 12. “Theodore Jones, um conhecido estoquista e expressivo homem de Chicago, Illinois, delegado do primeiro encontro da *National Negro Business League*, em Houston, Massachusetts”.

**Fonte:** *The Colored American Magazine: an illustrated monthly devoted to Literature, Science, Music, Art, Religion, Facts, Fiction and Traditions of the Negro Race*, set. 1900, v. 1, n. 4, p. 247.

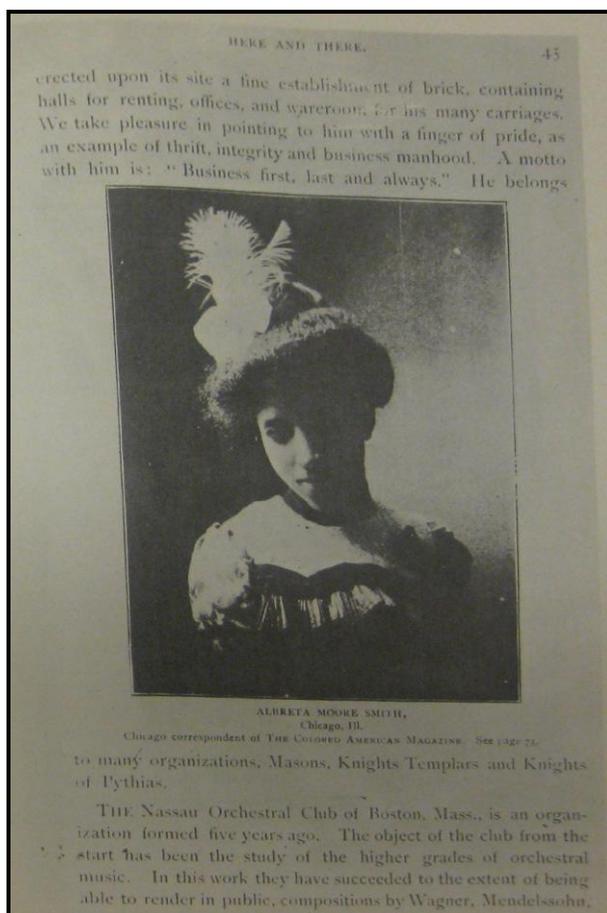


Figura 13. "Albreta Morre Smith, Chigado, Illinois, correspondente da revista *The Colored American Magazine*".

**Fonte:** *The Colored American Magazine: an illustrated monthly devoted to Literature, Science, Music, Art, Religion, Facts, Fiction and Traditions of the Negro Race*, nov. 1900, p. 45.

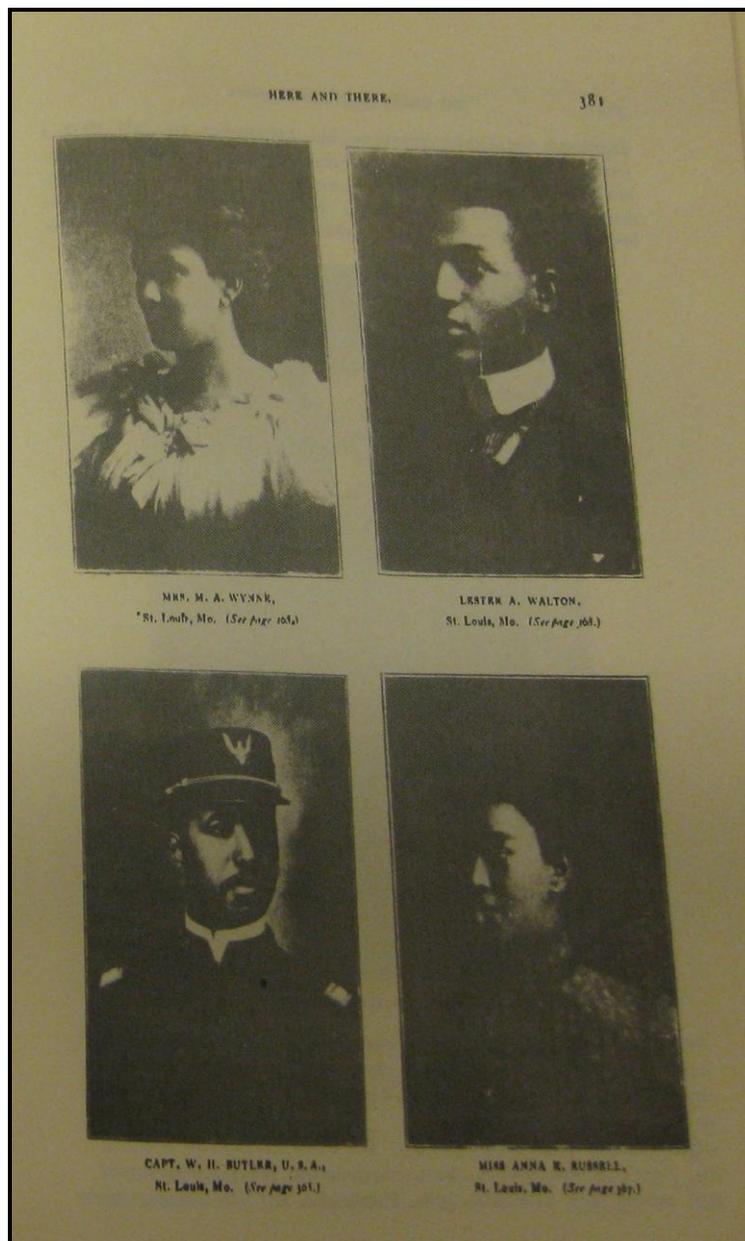


Figura 14. “Miss M. A. Winnar, Lestern A. Walton, Capt W. H. Butler, Miss Anna K. Russele, Saint Louis, Missouri”.

**Fonte:** *The Colored American Magazine: an illustrated monthly devoted to Literature, Science, Music, Art, Religion, Facts, Fiction and Traditions of the Negro Race*, mar. 1901, v. 2, n.?, p. 381.

Ao considerar as dezenas de títulos examinados no decorrer da pesquisa, não podemos ser ingênuos. Assim como acontecia na época, há de se dizer que suas

representações denunciavam todo um preparo prévio ao posar para as câmeras <sup>167</sup>, realçando uma cultura impressa que visava educar os leitores da raça através da publicação de histórias de sucesso de “empresários progressivos”, tais como o “político” William P. Moore, o “Professor” B. H. Hawkins, “proprietário do *New National Hotel and Restaurant*” e William Pope, o “presidente da *Square Cafe*” <sup>168</sup>, dentre outros membros dos décimos superiores, como os que vemos abaixo:

---

<sup>167</sup> A partir da segunda metade do século XIX, a preparação prévia para a retirada de fotografias tornou-se uma prática muito comum, presente em todas as classes sociais. Ver a esse respeito: Sandra Koutsoukos, *Negros no estúdio do fotógrafo: Brasil segunda metade do século XIX*, Campinas, Edunicamp, 2010.

<sup>168</sup> William Moore, “Progressive Business Men of Brooklyn”, *The Voice of the Negro: an illustrated monthly magazine*, jul. 1904, v. 1, n. 7, pp. 304-308, p. 305-7.

Miss Eleanore Booth of New Haven, Conn., is a graduate of Hill



MISS ELEANORE BOOTH,  
New Haven, Conn.

House High School, after passing a creditable four years' tutelage. Being of a lovable disposition, she has won the hearts of her teachers and friends. She is now taking a post-graduate course for the purpose of teaching. Her father, Rev. George C. Booth, a prominent Methodist minister of Evanston, Ill., is an eminent divine. Her mother, the daughter of Mr. Chas. McClain, had the distinction of being the first colored teacher in the State of Connecticut, teaching 22 years in the same school, then turning it over to her daughter, Miss Grace Booth, who is winning renown for her thoroughness and finesse.

Mr. Frank P. George of Chicago is a young dramatic reader of much force and great promise.

The initial performance of this young devotee of dramatic art was given in this city June 2, 1898, the success of which will ever be remembered by those who were fortunate to see and hear him.

The interpretation of his masterpieces, "Spartacus to the Gladiator," and "Dr. Jekyll and Mr. Hyde," was so excellently portrayed that the press of the city was unstinted in their praise of his renditions.

Being of an ambitious turn of mind, and believing that greater laurels, sooner or later, would crown his efforts, he was fortunate enough to appear at the Auditorium, where his classic renditions before a large and critical audience won for him plaudits which far exceeded the expectations of his most sanguine friends and ad-



FRANK P. GEORGE,  
Chicago, Ill.

mirers. His hopes were also fully realized.

Figura 15. "Eleanore Booth e Frank George [respectivamente de New Heaven, Connecticut e Chicago, Illinois]"

Fonte: *The Colored American Magazine: an illustrated monthly devoted to Literature, Science, Music, Art, Religion, Facts, Fiction and Traditions of the Negro Race*, dez. 1900, v. 2, n. 2, p. 143.

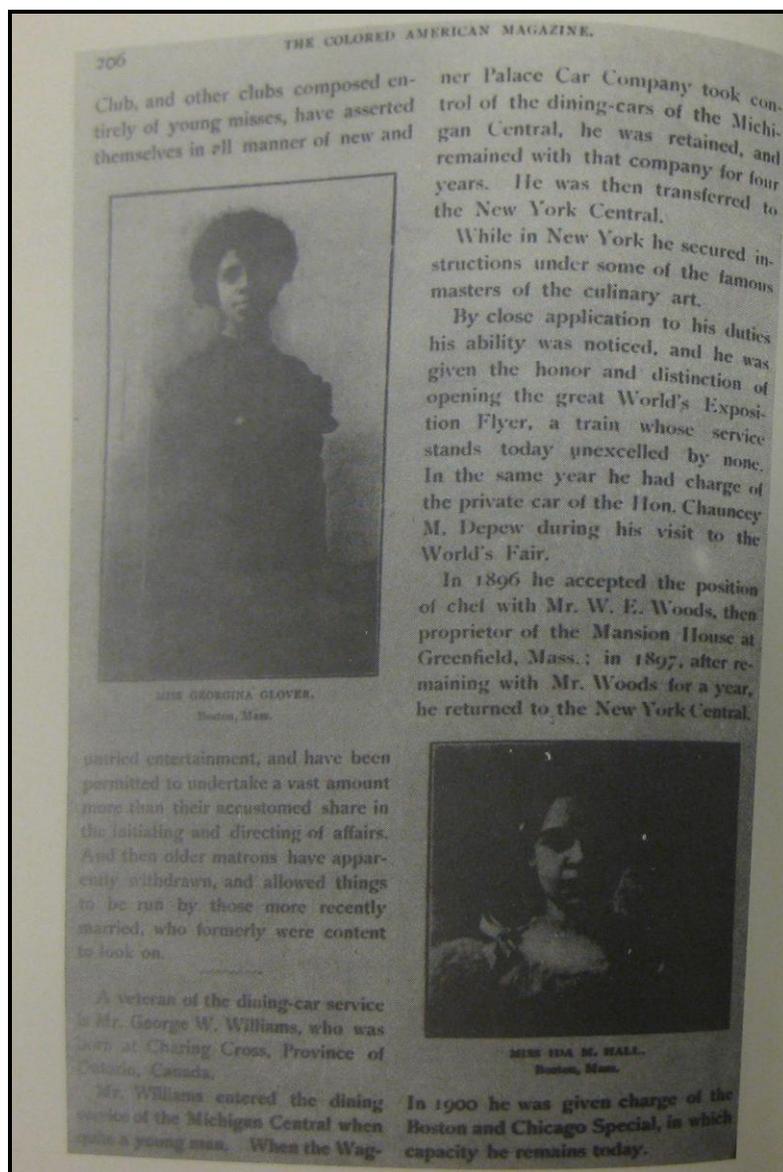


Figura 16. “Miss Georgina Glover e Miss Ida Hall, Boston, Massachusetts”.

**Fonte:** *The Colored American Magazine: an illustrated monthly devoted to Literature, Science, Music, Art, Religion, Facts, Fiction and Traditions of the Negro Race*, jan. 1901, p. 206.

Esse esforço de preparar a raça era também ilustrado pelo conteúdo do magazine que primava por imprimir contos, poesias e romances, divulgar eventos como os saraus promovidos por clubes femininos e, não menos importante, construir mitos e heróis por meio de espaços como “Famous Women of the Race”, uma coluna dedicada a homenagear, com pequenas biografias, mulheres negras de projeção como as ex-escravas Harriet Tubmann e Sojourner Truth, pintadas como “educadoras” responsáveis pela “luta

pela independência e pelo respeito à masculinidade de sua raça”.<sup>169</sup> Mas tal batalha era coisa do passado, pois os tempos modernos exigiam outras representações femininas condizentes com uma nova negra que, na condição de “sexo da casa”<sup>170</sup>, era premiada com diversos textos e notas com dicas de como decorar um ambiente ou que roupas usar nos passeios de finais de semana.

---

<sup>169</sup> Paulina Hopkins, “Famous Women of the Negro Race”, *The Colored American Magazine*, mai. 1902, pp. 41-6, p. 42.

<sup>170</sup> W. W. Holland, “Photography for Our...”, p. 7.

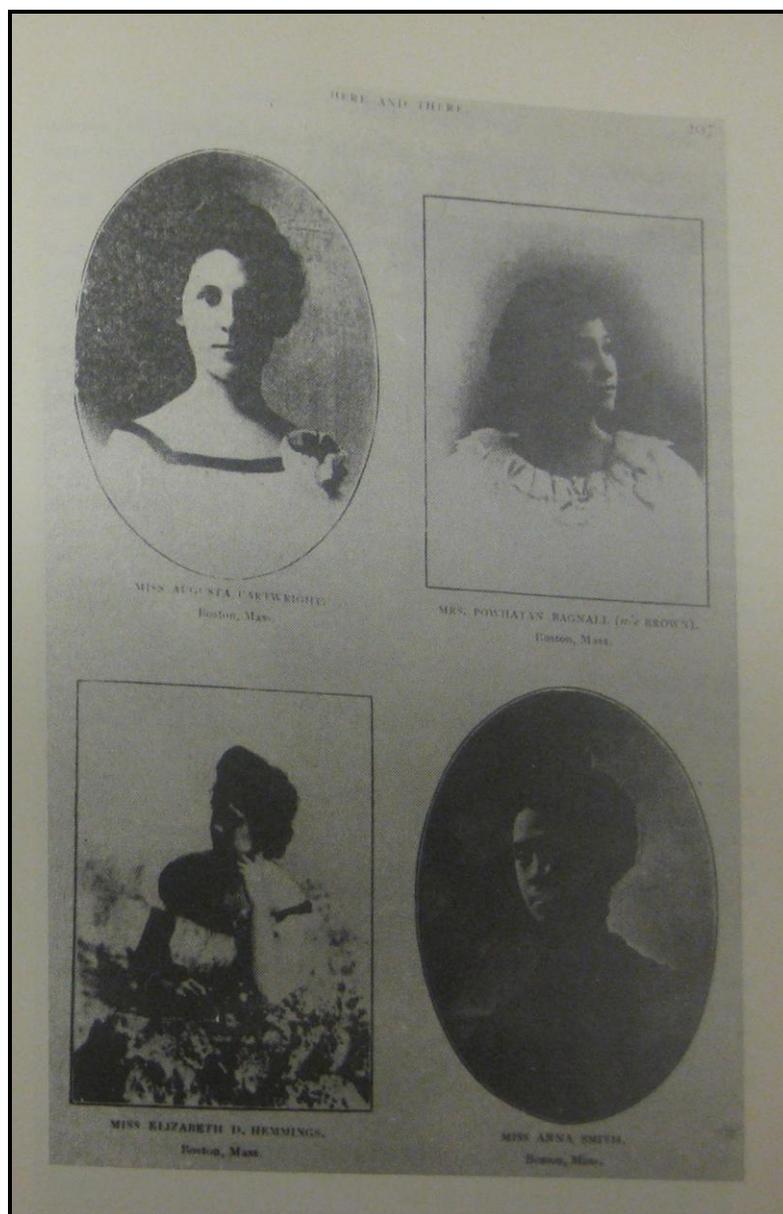


Figura 17. “Miss Augusta (ilegível), Mrs Powhatan, Miss Elizabeth Hemmings e Miss Anna Smith, Boston, Massachusetts”.

**Fonte:** *The Colored American Magazine: an illustrated monthly devoted to Literature, Science, Music, Art, Religion, Facts, Fiction and Traditions of the Negro Race*, jan. 1901, p. 207.

Em meio à vigência do Jim Crow, as imagens denunciam a afirmação de um padrão de beleza eugênico, ilustrado por mulatos com vestimentas impecáveis e semblantes sérios e compenetrados em todos os estados americanos. Auto-proclamados superiores em relação aos seus “irmãos” mais escuros, tais sujeitos ocuparão o topo de uma sociedade de

classes à parte nos EUA, uma “estrutura social paralela”<sup>171</sup> que dispunha de seus próprios afortunados, homens e mulheres afro-americanos, donos de intensa vida social, ilustrada por saraus, recitais, almoços e jantares beneficentes, mas, sobretudo, por políticas de isolamento racial que garantiam a sua manutenção enquanto grupo de privilégios, desde o período setecentista, conforme sugerem as observações de Du Bois:

Os mulatos que vemos na rua são invariavelmente descendentes de uma, duas ou três gerações de mulatos, [neles] a infusão de sangue branco provém do século XVII, [visto que em Nova York] somente em 3% dos casamentos das pessoas de cor uma das partes era “branca”.<sup>172</sup>



Figura 18. “A Vida Social da America Colored, Uma reunião em pleno inverno, Baltimore, Maryland”.

**Fonte:** *The Crisis: a record of the darker races*, fev. 1912, v. 4, n. 2, s/p.

---

<sup>171</sup> Sidney Kronus, *The Black Middle Class*, Ohio, Charles E. Merrill Publishing Company, 1971, p. 4.

<sup>172</sup> Dan S. Green (Ed.), *W. E. B. Du Bois On Sociology and the Black Community*, Illinois, The University of Chicago Press, 1978 (1911), p. 151.

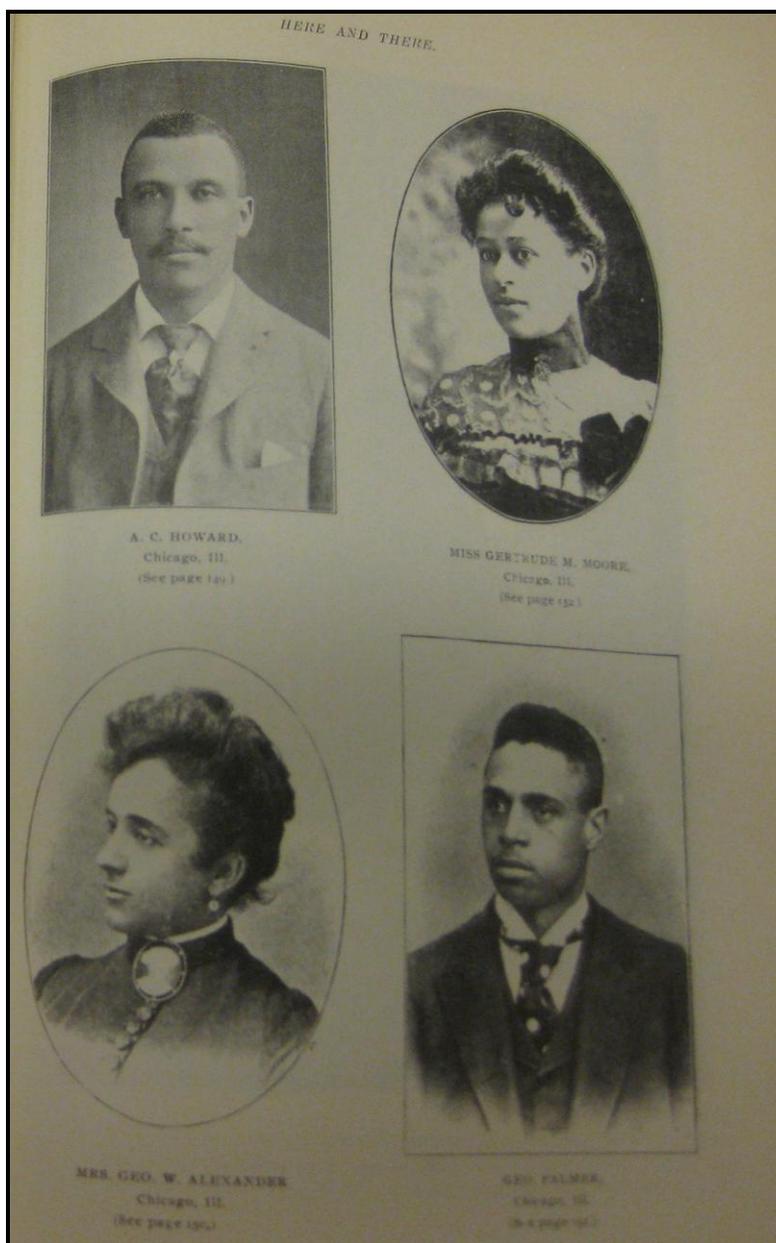


Figura 19. “A. C. Howard, Miss Gertrude Moore, Mrs Geo Alexander e Geo Falmer, Chigago, Illinois”.  
**Fonte:** *The Colored American Magazine: an illustrated monthly devoted to Literature, Science, Music, Art, Religion, Facts, Fiction and Traditions of the Negro Race*, jun. 1901, v. 3, n. 2, p. 143.

The season of Grand Opera in Italian, French and German, under



MISS HESSIE C. WINFIELD,  
Brooklyn, N. Y. See page 134.

the direction of Mr. Maurice Grau at the Metropolitan Opera House, New York City, will begin on Tuesday evening, Dec. 18. Many new operas will be sung this season, as well as the old favorites, among which are Faust, Carmen, Lohengrin and Romeo and Juliet.

It is to be hoped that every lover of music will attend part if not every performance given by the company this season, as it affords the greatest medium of education in music, and I am sure that no one will regret having spent the money to hear such singers as Nellie Melba, Emma Eames, Jean and Edouard DeReske, Pol Plancon and many other famous singers. For musicians to remain away from the opera is an unpardonable sin.

Mr. Grau's company will sing in

most of the large cities; those who do not live there should make it a point to make an excursion to town while the company is there. It is just as important to hear music as it is to take lessons. I have met students of music who were so far removed from any knowledge of music in general, excepting their own very limited repertoire, that conversation on a musical topic was an utter impossibility. This is not as it should be—if you are in the profession you should be acquainted with it in all its branches. Then again, if one does not appreciate their profession enough to go to hear other artists, they are to be pitied indeed.

I appeal, therefore, to all who wish to combine pleasure with edu-



PRESTON TAYLOR, ESQ.,  
Nashville, Tenn. See page 153.

cation in art to attend the opera this season.

Figura 20. "Miss Hessie Winfield, Brooklyn, New York e Preston Taylor, Nashville, Tennessee".  
Fonte: *The Colored American Magazine: an illustrated monthly devoted to Literature, Science, Music, Art, Religion, Facts, Fiction and Traditions of the Negro Race*, dez. 1900, v. 2, n. 2, p. 142.

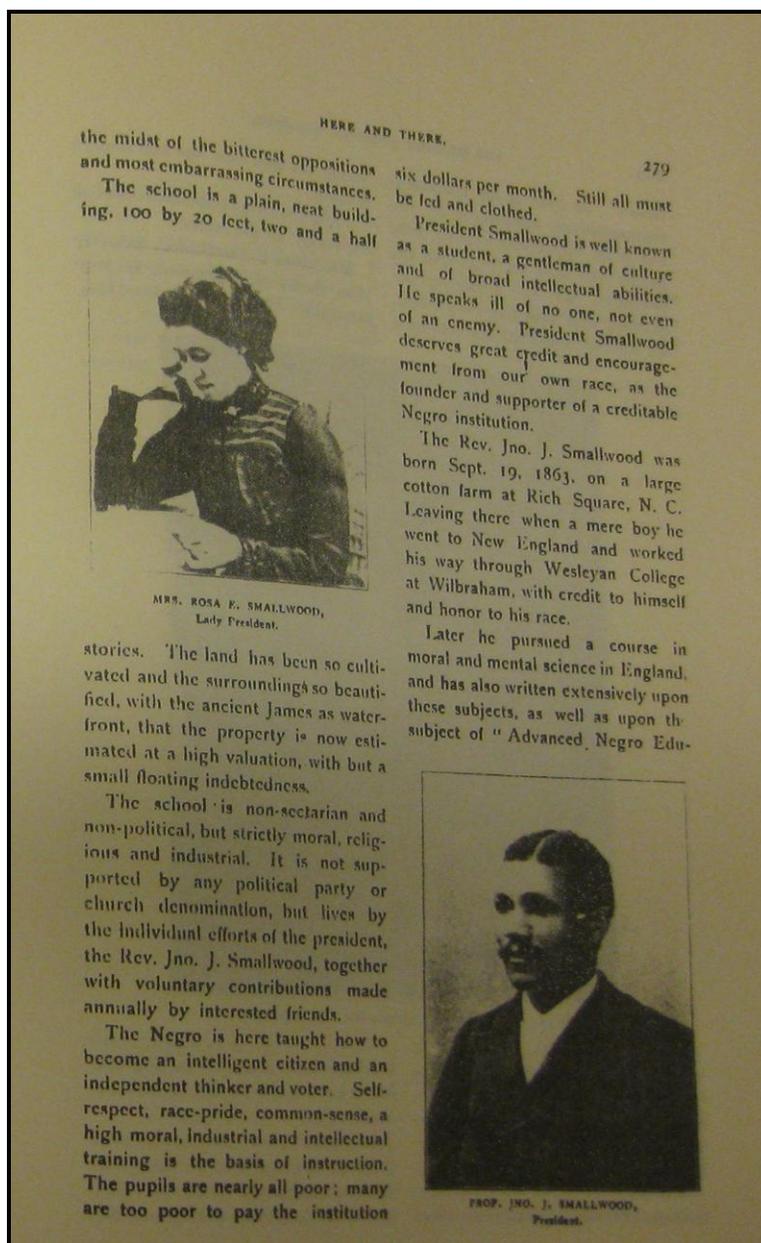


Figura 21. “Mrs Rosa Smallwood”, [Lady Presidente do *The Temperance Industrial and Collegiate Institute*] e “Prof. Jno. J. Smallwood, Presidente [do Instituto]”.

**Fonte:** *The Colored American Magazine: an illustrated monthly devoted to Literature, Science, Music, Art, Religion, Facts, Fiction and Traditions of the Negro Race*, fev. 1901, v. 2, n. 4, p. 279.

A pesquisa na *The Colored American Magazine* mostra que, do ponto de vista comportamental, boas maneiras, devoção religiosa e prestígio eram pré-requisitos indispensáveis para que um negro fosse considerado uma *persona grata*, alguém de respeito. Entretanto, as elegantes vestimentas, os cabelos arrumados, os olhares sérios e as

poses compenetradas teriam um sentido bastante menor, se analisados isoladamente. A leitura das imagens em conjunto com os textos sugere que, para ficar bem na foto, era preciso, sobretudo, estudar, qualificar-se, preparar-se, enfim, para o novo mundo, o universo da liberdade, do urbano, do industrial. E, para tal, construir uma comunidade de cor, reconhecida por seu talento, suas inteligências e versatilidade era tão primordial quanto ter dinheiro.

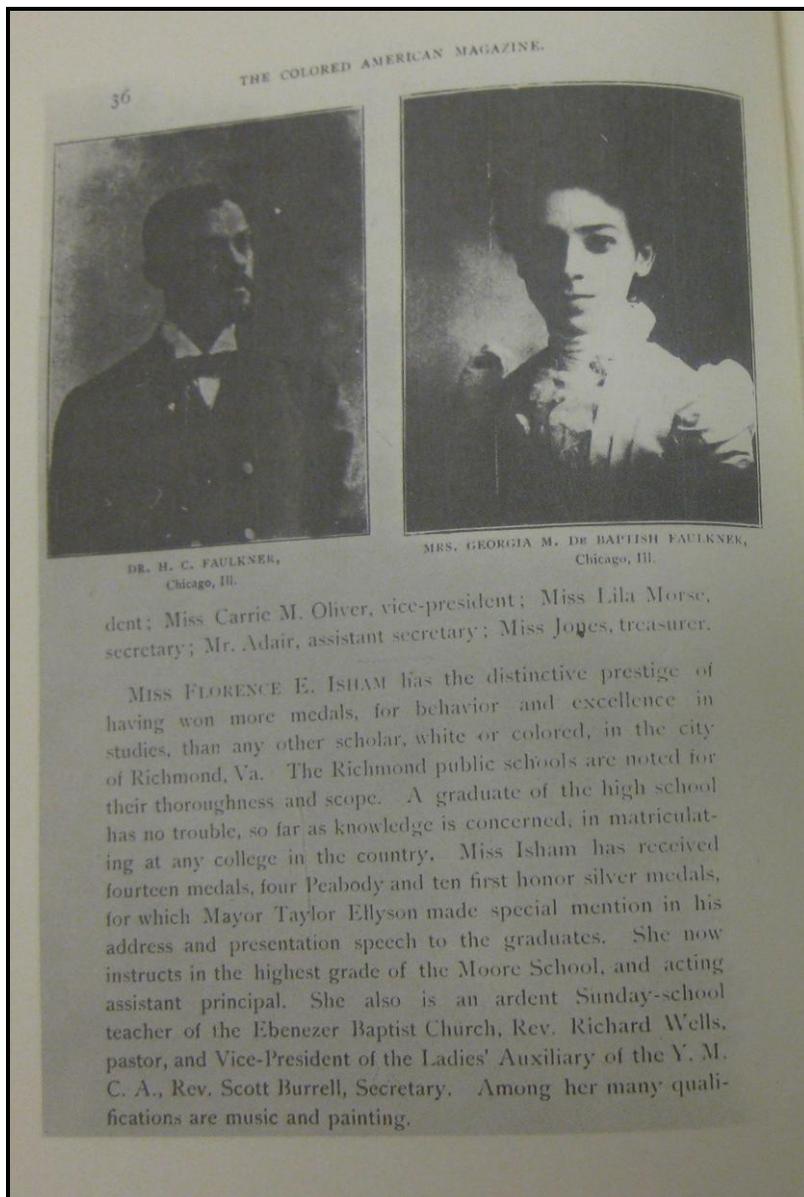


Figura 22. “Dr. H. C. Faulkner, Chicago Illinois, Mrs. Georgia M. de Baptish Faulkner, Chigaco Illinois”.  
**Fonte:** *The Colored American Magazine: an illustrated monthly devoted to Literature, Science, Music, Art, Religion, Facts, Fiction and Traditions of the Negro Race*, nov. 1900, p. 36.

THE COLORED AMERICAN MAGAZINE.

who says so many strikingly funny things and performs so many grotesque and nimble dance steps in that funny play, "A Trip to Coontown."

Mr. Cole is a Southerner by birth. Born and raised in Georgia and a student of the Atlanta University, Mr. Cole's

will be "The Negro and the Stage." This will appear in the July number of this magazine. Mr. Cole's standing in the front ranks of our public men will add great interest to his articles.

Miss Edna Alexander, whose portrait



BOB COLE.

happiest moments are when speaking of his many friends and endearing reminiscences of Southland, recalling scenes and rehearsing incidents of his childhood and college life.

THE COLORED AMERICAN MAGAZINE has secured a series of articles from Mr. Cole's pen, the first of which to appear

appears in this issue, is a most interesting personage. Young in years, possessed with the most impressive style of Oriental beauty of face, with a figure like unto a Milo Venus, a wreath of raven tresses of the Indian maiden type and with a voice which rings with marvelous sweetness. All the above blessings, which

Figura 23. "Bob Cole, [escritor]"

Fonte: *The Colored American Magazine: an illustrated monthly devoted to Literature, Science, Music, Art, Religion, Facts, Fiction and Traditions of the Negro Race*, jun. 1901, v. 3, n. 2, s/p.

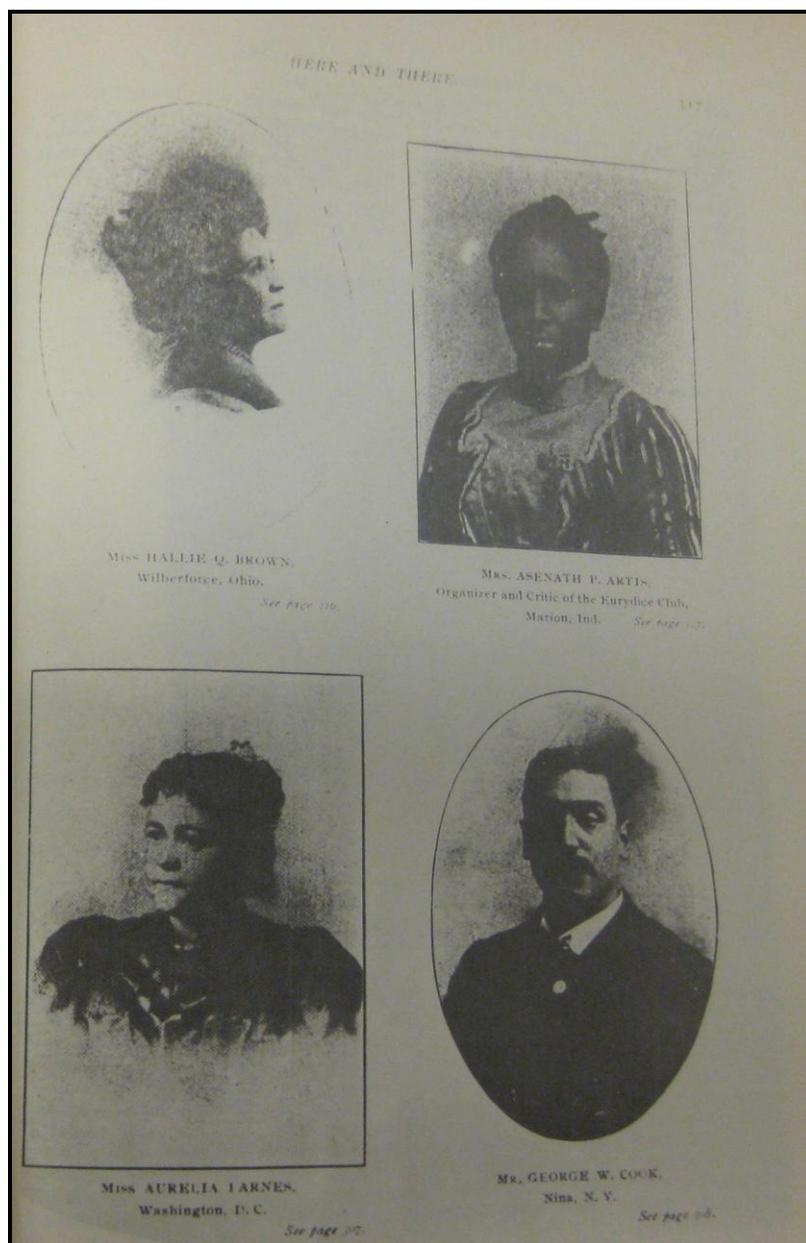


Figura 24. Da esquerda para direita, de cima para baixo: “Miss Halle Q. Brown, Wilberforce, Ohio, Mrs. Asenath P. Artis, organizadora e crítica do Eurydice Club, Marion Indiana; Mrs. Aurelia Lannes, Washington D.C. e Mr. George W. Cook, Nina, New York”.

**Fonte:** *The Colored American Magazine: an illustrated monthly devoted to Literature, Science, Music, Art, Religion, Facts, Fiction and Traditions of the Negro Race*, jan.-fev. 1902, v. 4, n. 3, p. 317.

Nesse contexto, em termos econômicos, para ser da classe média, era necessário possuir emprego fixo, bens como imóveis e carros, pequenos negócios como salões, pensões, barbearias e tipografias. Já no caso dos mais ricos, esperava-se que tivessem

terrenos ou negócios como bancos, supermercados, funerárias, joalherias, seguradoras, consultórios médicos, dentários, escritórios de advocacia, escolas, faculdades e que exercessem cargos diretivos ou que exigissem formação superior. Ao descortinar este aparentemente perfeito mundo *colored*, é possível que a seguinte pergunta esteja a ecoar em muitos ouvidos: na condição de ex-escravos ou descendentes de, desprovidos de recursos, como foi possível construir uma forte tradição empresarial negra por aquelas bandas?

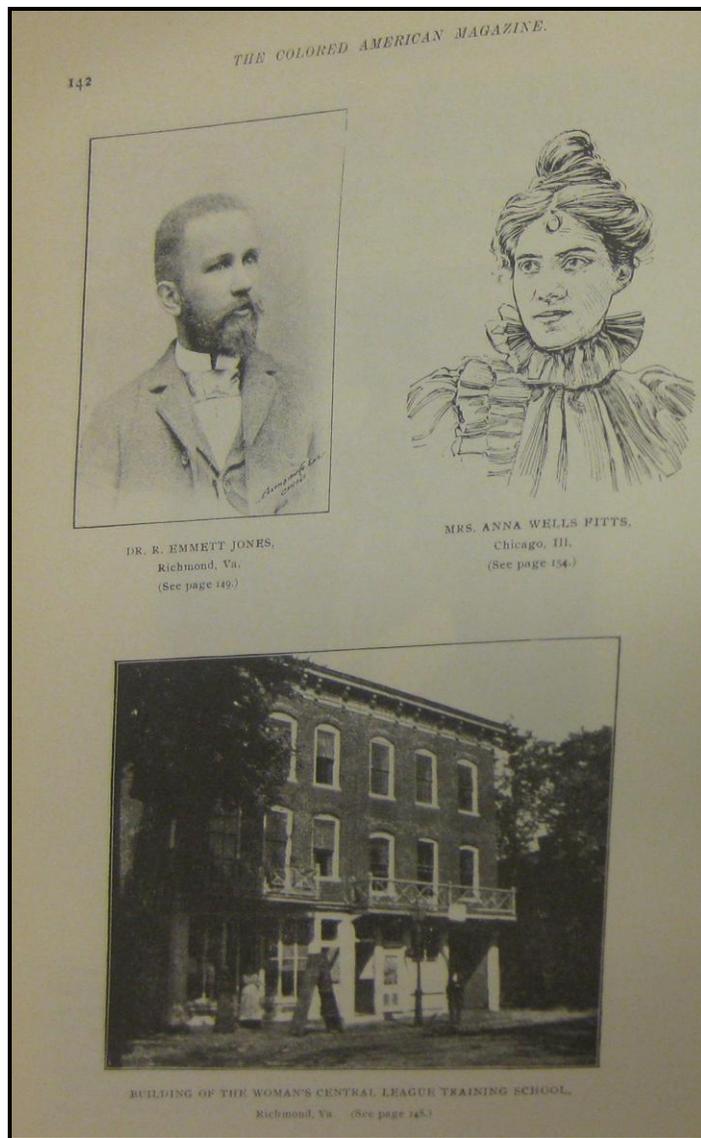


Figura 25. “Dr. R. Emmet Jones, Richmond, Vancouver, Mrs. Anna Wells Pitts, Chicago [e o] prédio da Woman’s Central League Training School, Illinois”.

**Fonte:** *The Colored American Magazine: an illustrated monthly devoted to Literature, Science, Music, Art, Religion, Facts, Fiction and Traditions of the Negro Race*, jun. 1901, v. 3, n. 2, p. 142.

Aos que não conseguem se desprender do contraponto vis-à-vis com a “precariedade da liberdade” no Brasil<sup>173</sup>, em primeiro lugar, frisamos que nas diversas sociedades pós-emancipação, a desarticulação do sistema escravista trouxe para o negro uma situação de forte vulnerabilidade. Desse modo, nos EUA, o “problema da liberdade”<sup>174</sup> também colocou-se como crucial. Lá, uma vez realocada na ordem livre, a população de cor teve – através de diferentes mecanismos legais e patronais – seu acesso à cidadania restringido. E, diante da legislação Jim Crow, tais barreiras refletiam-se em situações práticas como recusa de pacientes negros em hospitais e consultórios médicos<sup>175</sup>, em escolas, universidades, igrejas e supermercados, proibição de morar ou trabalhar em certos bairros e postos de trabalho.

---

<sup>173</sup> Discussões recentes sobre a precariedade da liberdade no Brasil podem ser encontradas em: Sidney Chalhoub, “Precariedade estrutural: o problema da liberdade no Brasil escravista (século XIX)”, *História Social – Revista dos Pós-Graduandos em História da Unicamp*, n. 19, 2010, pp. 34-62.

<sup>174</sup> Thomas C. Holt, *The Problem of Freedom: Race, Labor, and Politics in Jamaica and Britain, 1832-1938*, Baltimore; London, The Johns Hopkins University Press, 1992. Nesta direção, é importante considerar que a partir dos anos 1970, diferentes pesquisas dedicaram-se a questionar os problemas da idéia de uma “transição” do trabalho escravo para o livre nas Américas. Baseadas numa sólida tradição de estudos comparativos, estas investigações criticam análises construídas a partir de oposições estáticas como “escravidão x liberdade”, “coerção x consenso”, “senhores x escravos”, estas sustentadas pelo que Rebecca Scott identificou como uma “problemática” visão moral da escravidão. Rebecca Scott, “Comparing Emancipations: a review essay”, *Journal of Social History*, 20, 1987, pp.565-83.

<sup>175</sup> Nos anos 1920, existiam 200 hospitais e 25 escolas de enfermagem negras nos EUA. Cf. “Professional Elite”, in *The Great Migration – Migration Resources*, Schomburg Center for Research in Black Culture, disponível em: [http://www.inmotionaame.org/gallery/detail.cfm?migration=8&topic=99&id=465415&type=image&metadata\\_a=show&page=10](http://www.inmotionaame.org/gallery/detail.cfm?migration=8&topic=99&id=465415&type=image&metadata_a=show&page=10) Acesso: 28/11/2011.



Figura 26. “Cirurgião-Chefe de cor, estagiários e enfermeiras , General City Hospital, Kansas City, Missouri”.  
**Fonte:** *The Crisis: a record of the darker races*, set. 1914, v. 8, n. 5, p. 231.

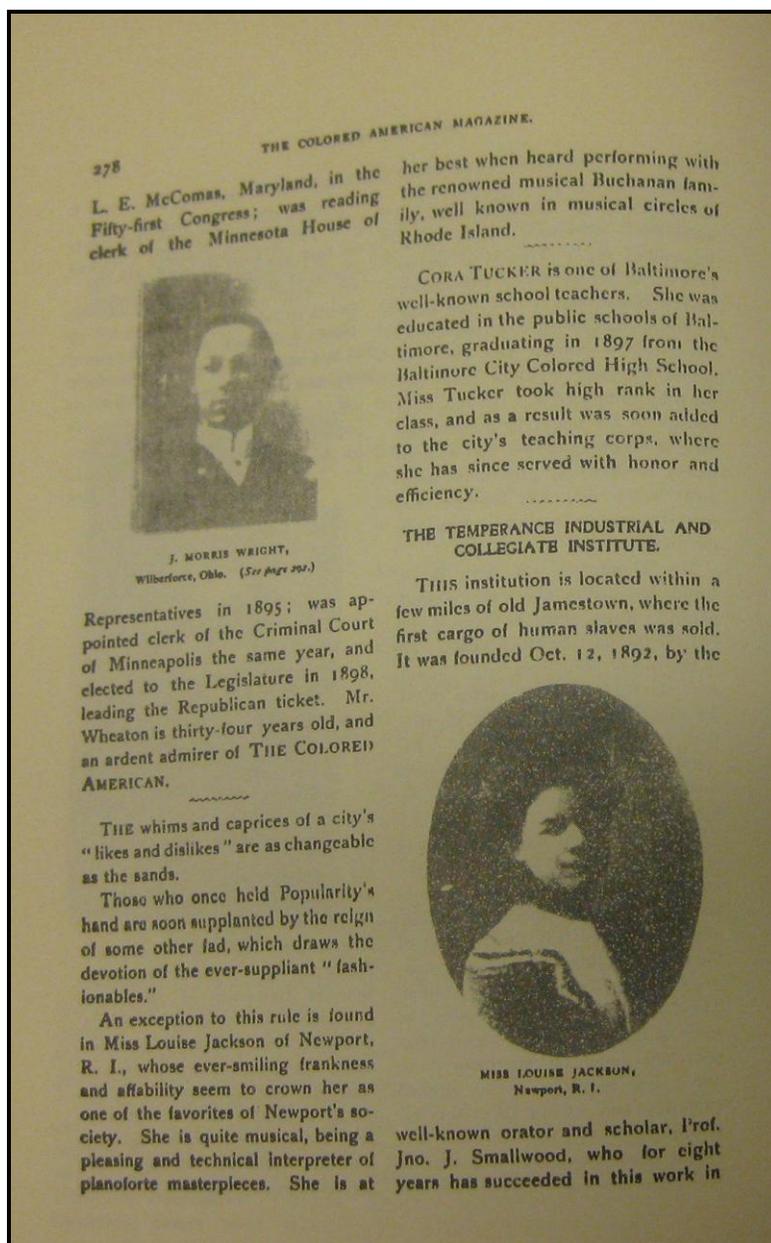


Figura 27. "J. Morris Wright, Wilberforce, Ohio e Miss Louise Jackson, Newport, Rhode Island".  
**Fonte:** *The Colored American Magazine: an illustrated monthly devoted to Literature, Science, Music, Art, Religion, Facts, Fiction and Traditions of the Negro Race*, fev. 1901, v. 2, n. 4, p. 278.

Foi assim, nesse contexto de privações rotineiras, que os afro-americanos criaram novas formas de organização do trabalho e deram sentidos outros à idéia de cidadania, nos quais a racialização – processo complexo de produção de hierarquias e

lugares sociais através da raça - ocupou lugar central.<sup>176</sup> Entretanto, ao contrário de projetos como o da imprensa negra paulistana, que, por vezes, silenciou a raça como estratégia para integração da população de cor como cidadã brasileira<sup>177</sup>, nos EUA a racialização dar-se-á por meio da construção de um mundo negro autônomo, principal produto da condição de “quase-cidadão” de seus criadores.<sup>178</sup>

Explorados sob diferentes prismas, as reações à cidadania limitada revelam os desdobramentos das “complexas interações entre ex-senhores, ex-escravos e estado”.<sup>179</sup> Nesse sentido, Frazier, por exemplo, ressalta a fundação de 134 bancos negros entre 1888 e 1934.<sup>180</sup> Oriundos da experiência do *Freedmen’s Savings Bank*, tais instituições financeiras foram elemento fundamental para a ascensão social dos descendentes de escravos, pois lhes deram “suporte racial”<sup>181</sup>, fornecendo crédito e capital iniciais para que comprassem terras e construíssem hotéis, lojas, igrejas e estabelecimentos comerciais que monopolizados pelos brancos, tradicionalmente não atendiam negros, tais como: barbearias, cabarés, teatros, salões de cabeleireiro, funerárias, sinucas, dentre outros.<sup>182</sup>

---

<sup>176</sup> Hebe Mattos, “Prefácio”, in: Frederick Cooper, Thomas Holt e Rebecca Scott, *Além da escravidão...*, p. 14, 16, pp. 13-38.

<sup>177</sup> Para uma análise da imprensa negra paulista que considera personagens, conflitos e projetos diversos, ver: Anamaria Fagundes e Flávio dos Santos Gomes, “Por uma “anthologia dos negros modernos”: notas sobre cultura política e memória nas primeiras décadas republicanas”, *Revista Universidade Rural: Série Ciências Humanas*, Seropédica, RJ: EDUR, v. 29, n. 2 ( jul.-dez. 2007), pp. 72-88, p. 73.

<sup>178</sup> Olívia Cunha e Flávio Gomes, (orgs.), *Quase-cidadão: histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 2007.

<sup>179</sup> Rebecca Scott, “Exploring the Meaning of Freedom: Postemancipation Societies in Comparative Perspectives”, *The Hispanic American Historical Review*, v. 68, n. 3 (Aug., 1988), pp. 407-428.

<sup>180</sup> Franklin Frazier, *Black Bourgeoisie*, New York, London, Toronto, Sidney, Free Press Paperbacks, 1997 p. 39 [1ª ed. 1957].

<sup>181</sup> Idem, p. 41.

<sup>182</sup> Estima-se que nos anos 1920, existissem aproximadamente 75.000 empresários negros nos EUA. Cf. “Opportunities for New Business”, *The Great Migration – Migration Resources*, Schomburg Center for Research in Black Culture, disponível em: <http://www.inmotionaame.org/gallery/detail.cfm?migration=8&topic=99&id=465288&type=image&page=10> Acesso: 28/11/2011.

Outro fator não menos importante foi a Grande Migração de gente de cor para o norte do país a partir especialmente dos anos 1890. Se até 1900, 90% desta população vivia no sul, nos anos subseqüentes, o quadro mudou significativamente. Conforme vimos no capítulo 1, essa chegada em massa em cidades como Chicago e Nova York traduziu-se no ingresso desses indivíduos num mercado de trabalho urbano, que estimulou a formação de uma elite profissional. Ainda que em meio às transformações, boa parte das ocupações disponíveis fossem voltadas para mão-de-obra não qualificada, estima-se que 3% dos negros tenham se empregado em cargos escriturários, tais como taquigrafa, secretária, escrevente, auxiliar administrativo, etc.<sup>183</sup>



Figura 28. “Dois dentistas afro-americanos e uma mulher higienista na *New York Tuberculosis and Health Association, Inc.*”, 1926.

**Fonte:** Library of Congress, Prints and Photographs Divisions, Washington D.C.

---

<sup>183</sup> Franklin Frazier, *Black...*, p. 44.

No caso do Norte, onde as oportunidades educacionais eram maiores<sup>184</sup>, isto se deu, sobretudo, no setor público. Já no sul, ocorreu basicamente em escolas e empresas do *black business*. Para fornecer uma contextualização mais precisa do mundo do trabalho afro-americano, a tabela 8 reúne diversas profissões que empregavam um mínimo de 10.000 pessoas de cor na virada do século.

---

<sup>184</sup> No Norte do país, as crianças, por exemplo, tinham maiores oportunidades educacionais, pois a legislação local proibia o trabalho infantil.

**Tabela 8. População *Negro* com engajamento mínimo de 10 anos em ocupações específicas: 1900**

Tabela 8: População <b>Negro</b> com engajamento mínimo de 10 anos em ocupações específicas: 1900		
OCUPAÇÃO	População <b>Negro</b> com engajamento mínimo de 10 anos em ocupações remuneradas: 1900	
	População <b>Negro</b> em números	Pessoas com ocupações específicas
Continente norte-americano: todas as ocupações	3.992.337	
Ocupações que dão emprego a no mínimo 10.000 <i>negroes</i> em 1900	3.807.008	
Trabalhadores agrícolas	1.344.125	33.7
Fazendeiros, plantadores e capatazes	757.822	52.7
Trabalhadores (não especificados)	545.935	66.4
Empregados e garçons	465.734	78.1
Passadeiras e lavadeiras	220.104	83.6
Carroceiros, lenhadores, caminhoneiros, etc	67.585	85.3
Empregados de ferrovias com trens a vapor	55.327	86.7
Mineiros e pedreiros	36.561	87.6
Serradores e aplainadores de madeira	33.266	88.4
Porteiros e ajudantes (em lojas, etc.)	28.977	89.1
Professores e profissionais em faculdades, etc	21.267	89.6
Carpinteiros e marceneiros/Carpenters and joiners	21.113	90.1
Fazendeiros e trabalhadores da produção de terebintina	20.744	90.6
Barbeiros e cabeleireiras	19.942	91.1
Enfermeiras e parteiras	19.431	91.6
Clérigo	15.528	92.0
Operários de fábricas de tabaco e cigarro	15.349	92.4
Trabalhadores de albergues	14.496	92.8
Pedreiro (pedra e tijolo)	14.386	93.2
Costureiras	12.569	93.5
Trabalhadores de ferro e aço	12.327	93.8
Costureiras profissionais	11.537	94.1
Zeladores e sacristãos	11.536	94.4
Governantas e mordomos	10.590	94.7
Pescador e catador de ostras	10.427	95.0
Oficiais de máquinas e foguistas (não [trabalham em] locomotiva)	10.224	95.2
Ferreiros	10.100	95.4
Outras ocupações	185.329	

**Fonte:** Tabela adaptada de “Negro population at least 10 years of age engaged in specified occupations, and per cent distribution: 1900”, in Walter Willcox, “Distribution by Occupation”, in *Negroes in the United States, Department of Commerce and Labor Bureau of the Census S. N. D. North Director, Bulletin 8, General Tables*, Washington Government Printing Office, 1904, Table LXII, p. 57.

Publicada num boletim do Censo de 1904, a tabela 8 é um material riquíssimo, pois nos faz conhecer ao menos 27 das profissões que os afro-americanos ocupavam na pós-emancipação. Os dados são úteis tanto para observar a estratificação desta mão-de-obra, quanto para confirmar as duras condições de vida no mundo livre, pois eles mostram que, se considerarmos fazendeiros, plantadores, capatazes e demais “trabalhadores” agrícolas, mais da metade dos indivíduos em questão concentrava-se em atividades agrícolas (52,7%). A nomenclatura “trabalhador”, aliás, foi um dos problemas apontados por Wilcox, o elaborador da tabela, para quantificar as ocupações da população negra.<sup>185</sup>

O estatístico informa que usualmente o Censo trabalhava com cinco “classes profissionais”: “agricultura, serviços pessoais e domésticos, comércio e transporte, manufatura e mecânica”. Entretanto, os índices de homens e mulheres negros em ocupações “não-qualificadas” e que declaravam ser apenas “trabalhadores” era altíssimo, forçando os gestores a orientar os recenseadores a perguntar de forma mais direta qual era o “ganha-pão” de cada um dos entrevistados.<sup>186</sup> Ao considerar os debates sobre desarticulação da escravidão e liberdade, cabe lembrar que a persistência dos descendentes de escravos em se afirmar como trabalhadores foi uma realidade de outras sociedades americanas, o que evidencia a construção de uma nova linguagem de trabalho, acionada na luta pela obtenção de uma cidadania plena no mundo livre.

Com base nas informações da presente tabela, também podemos vislumbrar melhor o quão excepcional era ser um membro das classes alta e média negras, conforme sugere a minoria seleta de indivíduos empregados em profissões que prescindiam de alguma instrução ou especialização prévia tais como professor (0,5%) e clérigo (0,4%), dois, dentre os principais cargos em que a aristocracia da cor empregava-se. Ainda sobre a divisão do trabalho, embora em termos numéricos a classe média fosse bem mais representativa que a alta, ser parte dela também era uma exceção, conforme indica a porcentagem de ferreiros, carpinteiros, cabeleireiras, barbeiros e enfermeiras, que

---

<sup>185</sup> “Distribution by Occupation”, in *Negroes in the United States, Department of Commerce and Labor Bureau of the Census S. N. D. North Director, Bulletin 8, General Tables, Washington Government Printing Office, 1904, p. 57.*

<sup>186</sup> Idem, *ibidem.*

aglutinavam, cada uma, apenas 0,5% de afro-americanos. Os mesmos baixos índices de costureiras (0,3%), oficiais de máquinas e foguistas (0,2%), enfermeiras e parteiras (0,5%) convergem para as mesmas conclusões.

Em termos de articulações entre raça e imagem, o quadro também nos permite notar o índice pequeníssimo de afro-americanos empregados em profissões historicamente relacionadas à “boa aparência”<sup>187</sup>, tais como: porteiros e zeladores (0,7%), recepcionistas de hotéis (0,4%), governanta e mordomo (0,3%). Por outro lado, o que também reforça a raridade da mobilidade social desse grupo, o exame da listagem indica a persistência massiva de seus membros em ocupações atreladas à imagem de trabalho servil, dentre elas agricultor (33,7%), empregados, garçons e garçonetes (11,7%), lavadeiras (5,5%), além dos 19% reunidos sob o genérico rótulo de “trabalhadores”.

No turbilhão dessa estrutura classista, na pós-emancipação, respeitabilidade, instrução, refinamento, pele clara, ancestralidade branca e bens materiais perpetuaram-se como algumas das principais marcas que distinguiam os mulatos, com todo seu sucesso, dinheiro e instrução, dos *blacks*. Tal contexto, presente em cidades como Filadélfia, Savana, Atlanta, Nova York, Saint Louis, Boston, Nova Orleans foi alimentado por uma lógica colorista que se referia à recriação de práticas culturais oriundas de uma “economia da cor”<sup>188</sup>, que realocava os sujeitos numa nova realidade cada vez mais racializada tendo como referência o contraponto entre diferentes fenótipos negros.

Ao considerar as fotografias do capítulo 2 em sintonia com o alastramento de práticas educacionais eugênicas, percebe-se que o ideário de clareamento era simultaneamente alimentado pelo racismo branco e pelo colorismo negro com seu “capital social”<sup>189</sup> da mulatice. Usado pelos afro-americanos para construir suas relações internas de classe, esse capital social da pele clara como mais bonita, mais inteligente e mais

---

<sup>187</sup> Para as relações entre cor, gênero e boa aparência na primeira metade do século XX, ver: Caetana Maria Damasceno, *Segredos da Boa Aparência: Da “cor” à “boa aparência” no mundo do trabalho carioca, 1930-1950*, Rio de Janeiro, Edufrj, 2011.

<sup>188</sup> Angela Harris, “Introduction: Economies of Color”, in Evelyn Nano (ed.), *Shades of Difference...*, pp. 1-5.

<sup>189</sup> Evelyn Nakano Glenn, “Consuming Lightness: Segmented Markets Global Capital in the Skin-Whitening Trade”, in Evelyn Glenn (ed.), *Shades of Difference...*, p. 166-187.

moderna está presente na maior parte dos periódicos até ao menos os anos 1920, quando as concepções garveystas começam a questionar cada vez mais o colorismo e também porque, dali por diante, a epiderme escura sofre uma mudança de significado. O bronzeamento vai se tornando mais aceitável para as mulheres brancas, pois a obtenção de uma cor “exótica”<sup>190</sup> passa a ser associada à melhor condição econômica expressa, por exemplo, pela possibilidade de passar férias em países tropicais.<sup>191</sup>

A despeito dessas mudanças posteriores, no período estudado, o leitor percebe um processo de racialização próprio dos *Negroes*, que, através de experiências e percepções diferenciadas acerca da cor, construíram uma noção racializada de beleza assinalada por uma aparência feminina mulata (visualmente branca), jovem, urbana e moderna. Embora tenhamos usado o exemplo *The Colored American Magazine*, esse *boom* de pessoas mulatas não foi uma marca específica do magazine. Isto era uma verdadeira febre na imprensa negra do período, o que, especialmente no caso feminino, coloca uma questão fundamental.

As representações das mulheres *blacks* não eram condizentes com o projeto de feminilidade respeitada (onde se incluía a beleza) que a elite de cor tentava edificar com suas centenas de *portraits* de novas mulheres, refinadas, instruídas e sofisticadas como a representante da “espécime de *Amtour Work*”, registrada pela câmera de W. W. Holland num texto onde ensinava “professores” e “líderes” a escolherem “boas fotografias” e a disseminarem a mesma prática entre os demais membros da raça.<sup>192</sup> Ouvintes atentos, os editores da revista aplicaram os ensinamentos com propósitos que, de novo, remetem-se às hierarquias da cor.

---

<sup>190</sup> Idem, p. 183.

<sup>191</sup> A respeito dos significados do bronzeamento ver: Bert Barickman, “Passarão por mestiços: o bronzeamento nas praias cariocas, noções de cor e raça e ideologia racial, 1920-1950”, *Afro-Ásia*, n. 40, 2009, pp. 173-221.

<sup>192</sup> W. W. Holland, “Photography for Our Young People”, *The Colored American Magazine*, mai. 1902, pp. 5-9, p. 6.

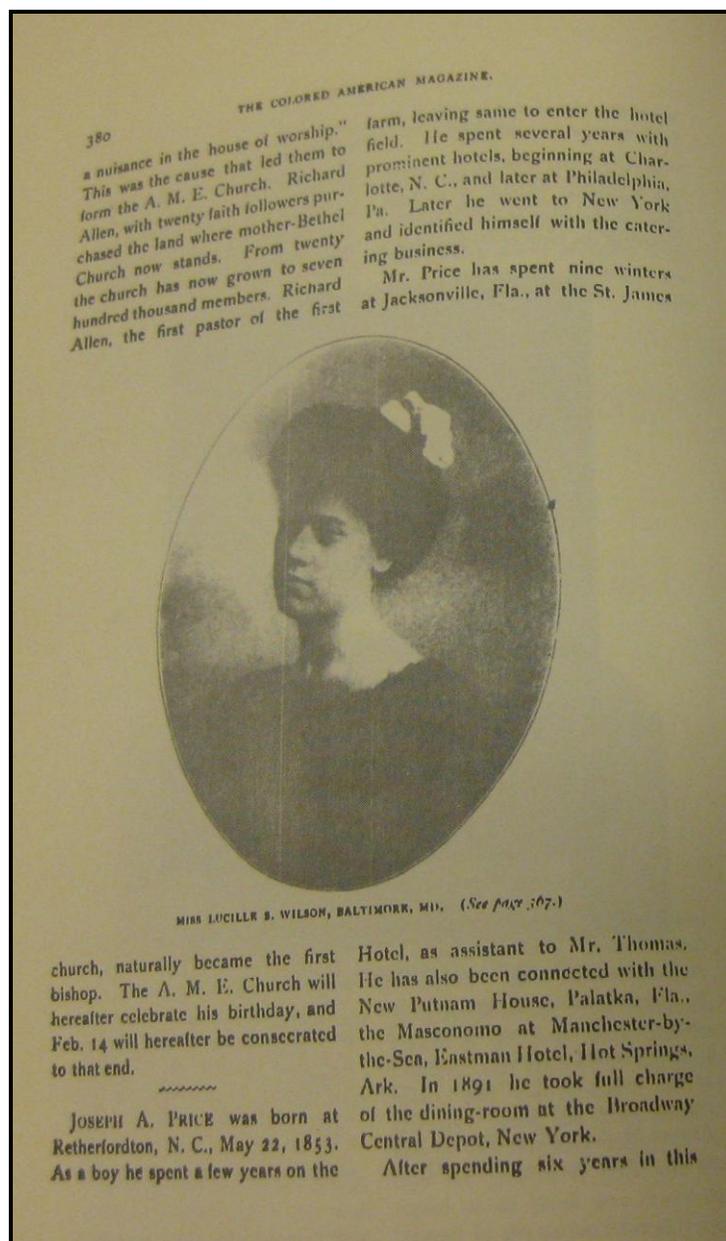


Figura 29. "Miss Lucille S. Wilson, Baltimore, Maryland".

**Fonte:** *The Colored American Magazine: an illustrated monthly devoted to Literature, Science, Music, Art, Religion, Facts, Fiction and Traditions of the Negro Race*, mar. 1901, p. 380.

Para testarmos a eficácia das palavras do fotógrafo, tomemos por base uma das edições da revista. Dedicada a cobrir os meses de janeiro e fevereiro de 1902, a publicação narrava a saga de Harriet Tubman na coluna "Famous Women of the Negro Race". Se observarmos atentamente, nota-se que ao longo do texto seremos apresentados a três

mulheres mulatas, dentre elas, a haitiana Miss Theodora Holly, “autora do livro *Haytian Girl*”.<sup>193</sup>

Ao considerar que a ordem das imagens e dos textos de uma publicação não é escolhida ao acaso, convém ressaltar que na quinta das treze folhas reservadas para narrar os feitos da ex-escrava, somos apresentados a Frances Wells e a Olivia Hasaalum. Bonitas e bem trajadas, as senhoritas de Oregon contrastam com a imagem subsequente. Provavelmente uma representação de Tubman, também chamada de “Moses”, a imagem retrata uma mulher *black*, vestindo pano na cabeça, trajas simplórios e segurando uma espingarda numa das mãos.<sup>194</sup>

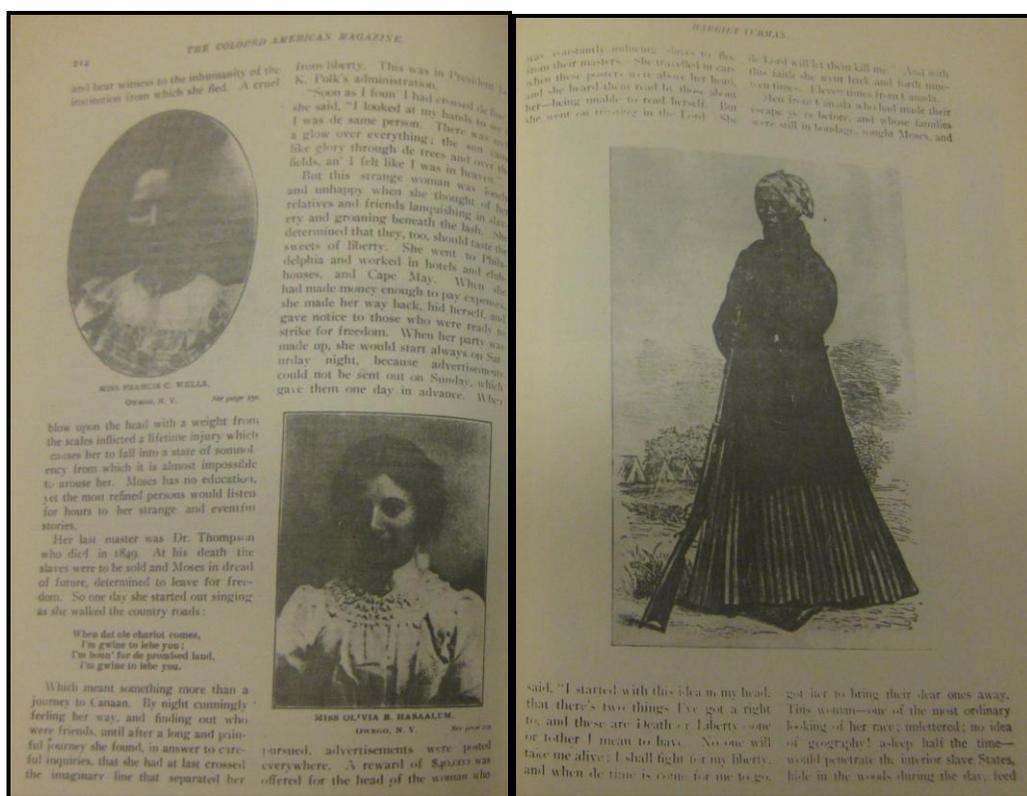


Figura 30. Do lado esquerdo “Mrs. Frances Wells e Miss Olivia B. Hassalum”, [dois protótipos de novas mulheres negras], do direito, representação de Harriet Tubman.

**Fonte:** *The Colored American Magazine: an illustrated monthly devoted to Literature, Science, Music, Art, Religion, Facts, Fiction and Traditions of the Negro Race*, jan.-fev. 1902, v. 4, n. 3, pp. 214-5.

<sup>193</sup> Paulina Hopkins, “Famous Women of the Negro Race, III Harriet Tubman”, *The Colored American Magazine*, jan.-fev. 1902, v. 4, n. 3, p. 210-223, p. 212.

<sup>194</sup> Idem, p. 214-5.

O posicionamento das referidas imagens induz a uma comparação *natural* entre a clareza e a escuridão das personagens contrapostas. Por base de tal comparação, o público concluía que o estágio de primitivismo dos *blacks* havia sido superado pela mestiçagem e refinamento dos *mulattoes*. Desse modo, apesar de o texto enaltecer a “coragem”, a “força” e o “heroísmo do caráter raramente encontrado”<sup>195</sup> da retinta Tubman, sua representação iconográfica em comparação às duas anteriores e às posteriores evidenciava o abismo entre modernidade e primitivismo, abismo este simbolizado pela cor.

Se considerarmos a autoria do texto em questão, veremos que tal contraponto adquire ainda mais sentido. Sua criadora foi ninguém menos que Paulina Hopkins. Extremamente empenhada na luta antiracista, a escritora e editora da revista é considerada uma pioneira da literatura afro-americana e, como tal, tornou-se uma lutadora árdua contra os “estigmas que degradavam [sua] Raça”.<sup>196</sup> Hopkins, que deve ser entendida em seu tempo, lançou mão de uma série de concepções eugênicas em seus escritos.

No seu quarto romance, *Contending Forces*, publicado em 1900, a autora, por exemplo, enfatizava como os negros haviam progredido no vestuário, na aparência e nas maneiras. Fazendo coro com outros intelectuais de cor acerca da educação como a principal solução para combater a marginalização dos descendentes de escravos, ela buscou remédios próprios para os males que lhes afligiam. Ao adaptar as premissas de aperfeiçoamento racial da eugenia ao mundo negro, a ativista pregava que o melhoramento dos *Blacks* daria-se, principalmente, através de casamentos interraciais com os brancos. Isso é anunciado pela personagem Dora Smith, uma mestiça, considerada por sua mãe como alguém de “inteligência superior” devido à sua ancestralidade branca. Não por acaso Mrs. Smith é a mesma mãe que páginas à frente constata que nos EUA “a raça Negra tornou-se uma raça de Mulatos”.<sup>197</sup>

---

<sup>195</sup> Idem, p. 212.

<sup>196</sup> Paulina Hopkins, *Contending Forces: A Romance Illustrative of Negro Life North and South*, New York, Oxford University Press, 1988 [1ª ed. 1900], p. 13.

<sup>197</sup> Idem, p. 152.

ADVERTISEMENTS. 79

**JOHNSON'S**

HAIR CUTTING,  
SHAVING  
AND  
SHAMPOOING  
PARLORS



If in need of a first class Shaver or Modern Hair Cut at a quiet and up-to-date place, call at **Johnson's Hair Dressing Parlor**, 192 Washington St., (Near Thornthike), Boston. We have nothing but skilled Barbers and guarantee perfect Satisfaction. Copies of the **COLORED AMERICAN MAGAZINE**, can be had at the above address.

Office Hours: 9 A.M. TO 5 P.M. Old Phone 816. Extraction Painless.

**Dr. P. B. Ramsey,**  
Dentist.

OFFICE: 104 WEST LEON ST., RICHMOND, VA.

**ARE YOU INSURED?  
IF NOT, WHY NOT?**

**THE SOUTHERN AID SOCIETY  
OF VIRGINIA**

Meets the Need of the Hour.

HEADQUARTERS:  
804 N. 20 ST., RICHMOND, VA.

INCORPORATED FEB. 25, 1893.

\$15,000 paid out last year in sick and burial fees. We have no favorites. Now is the time to join. Delays are dangerous. For circulars as to rates, etc., write us at once. \* \* \* \*

A. WASHINGTON, President.  
THOS. M. CRUMP, Sec. and Mgr.

**Oh, Ladies! Stop**

and remember. Do you know that my rich and imperial Whisker and perfume Machine has done nothing for months to all that is required to complete the treatment, and for me does not have to be kept up. My Imperial Whisker cream full. It is a machine in every respect and will cost you \$100 to say one penny to the contrary. The effect is seen at once. By the use of Imperial Machinery I have managed to make it as good as new. I have been selling it at \$5.00 a bottle. Recently I reduced it to \$2.00, but now I reduce it to \$1.00. I will send a bottle postpaid, to any one who will send me \$1.00. I guarantee every bottle, and I will send back the money if you are not satisfied in every way. Don't delay, but send \$1.00 at once to:

**MELBA GASTHERBERT,**  
417 N. Second Street, Richmond, Va.

**IT SELLS ON SIGHT!**

The New Romance  
of Colored Life

**CONTENDING FORCES**

BY  
**PAULINE E. HOPKINS.**  
FULLY ILLUSTRATED. OVER  
400 PAGES. 8VU.

PRICE, \$1.50.

Many of our Agents are making \$25.00 a week. You can do the same. Address at once for full particulars and special territory.

**Colored Co-operative Publishing Co.,**  
2 Park Square, Boston, Mass.

Photographs now ready of the  
**National Baptist Convention**  
at Richmond, Va.

They will be mailed postpaid on receipt of the following prices:

Small Size	50c. each
Large Size	\$1.00

Address, **JEFFERSON ART GALLERY,**  
523 E. Broad St.,  
Richmond, Va.

When this Magazine is sent, mention this Magazine.

**WHEN VISITING WORCESTER STOP AT  
...AVERY'S HOTEL...**  
6 Layard Place (rear of 235 Main St.),  
Location Central. Terms Reasonable.  
Only Colored Hotel in Central Massachusetts.  
**CHAS. L. AVERY, Prop. and Manager.**

Figura 31. Propaganda do livro *Contending Forces*, de Paulina Hopkins.  
**Fonte:** *The Colored American Magazine: an illustrated monthly devoted to Literature, Science, Music, Art, Religion, Facts, Fiction and Traditions of the Negro Race*, nov. 1900, p. 79.

Com a defesa de uma eugenia específica para os negros, Hopkins determinava que o progresso da “Raça” não era apenas cultural, mas, sobretudo, biológico. Sua percepção é um afortunado exemplo que elucida interações entre gênero, classe e cor, que deram luz a um referencial de beleza eugênica que, refletido nos anúncios da cosmética e internalizado por muitos sujeitos de cor, alimentou o clima de pânico dos brancos frente ao alastramento de “africanas disfarçadas”<sup>198</sup> como bem poderiam ser as senhoritas Lila Morse

<sup>198</sup> A respeito do papel da eugenia na obra de Paulina Hopkins ver: John Nickel, “Eugenics and the fictions of Paulina Hopkins”, in Louis A. Cuddy; Clarie M. Roche (eds.), *Evolution and Eugenics in American*

e Carrie Oliver da Virgínia, Madame Elizabeth Williams de Nova York, Mrs. Edward Everett Brown e Mrs. Walter Simpson de Boston e, por fim, Miss Lizzie Burbell da Virgínia.



Figura 32. “Miss Lila Morse e Miss Carrie M. Oliver, alunas da futura turma do *Boydton Institute*, Virginia, de 1901”.

**Fonte:** *The Colored American Magazine: an illustrated monthly devoted to Literature, Science, Music, Art, Religion, Facts, Fiction and Traditions of the Negro Race*, nov. 1900, p. 37.\*

---

*Literature and Culture, 1880-1940: Essays on Ideological Conflict and Complicity*, Lewisburg: Bucknell University Press, 2003, pp. 133-147.

\* Embora a edição da revista seja de novembro de 1900, o texto faz menção à turma de estudantes de 1901, provavelmente a próxima do Instituto.



Figura 33. “Mme. Elizabeth R. Williams, New York, “tutora profissional por muitos anos em várias partes do Sul”.

**Fonte:** *The Colored American Magazine: an illustrated monthly devoted to Literature, Science, Music, Art, Religion, Facts, Fiction and Traditions of the Negro Race*, dez. 1900, v. 2, n. 2, p. 135.

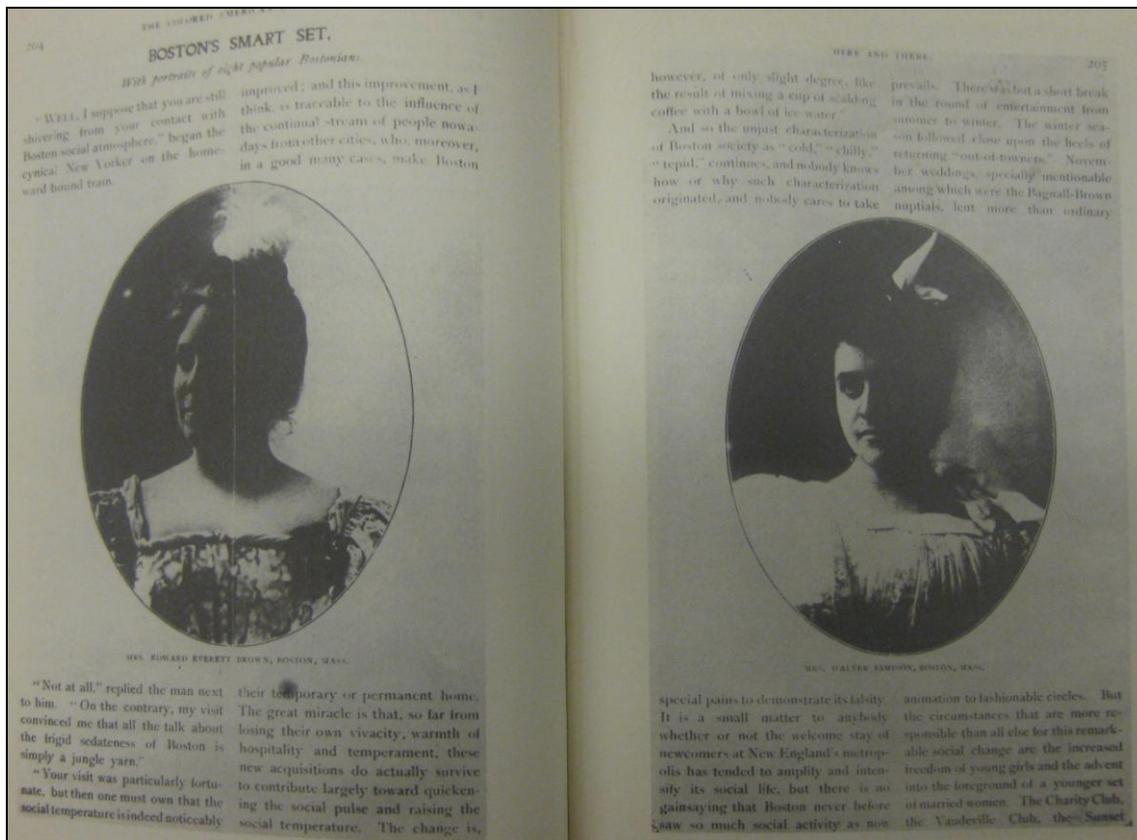


Figura 34. "Mrs. Edward Everett Brown e Mrs. Walter Simpson de Boston".

Fonte: *The Colored American Magazine: an illustrated monthly devoted to Literature, Science, Music, Art, Religion, Facts, Fiction and Traditions of the Negro Race*, jan. 1901, pp. 204-5.

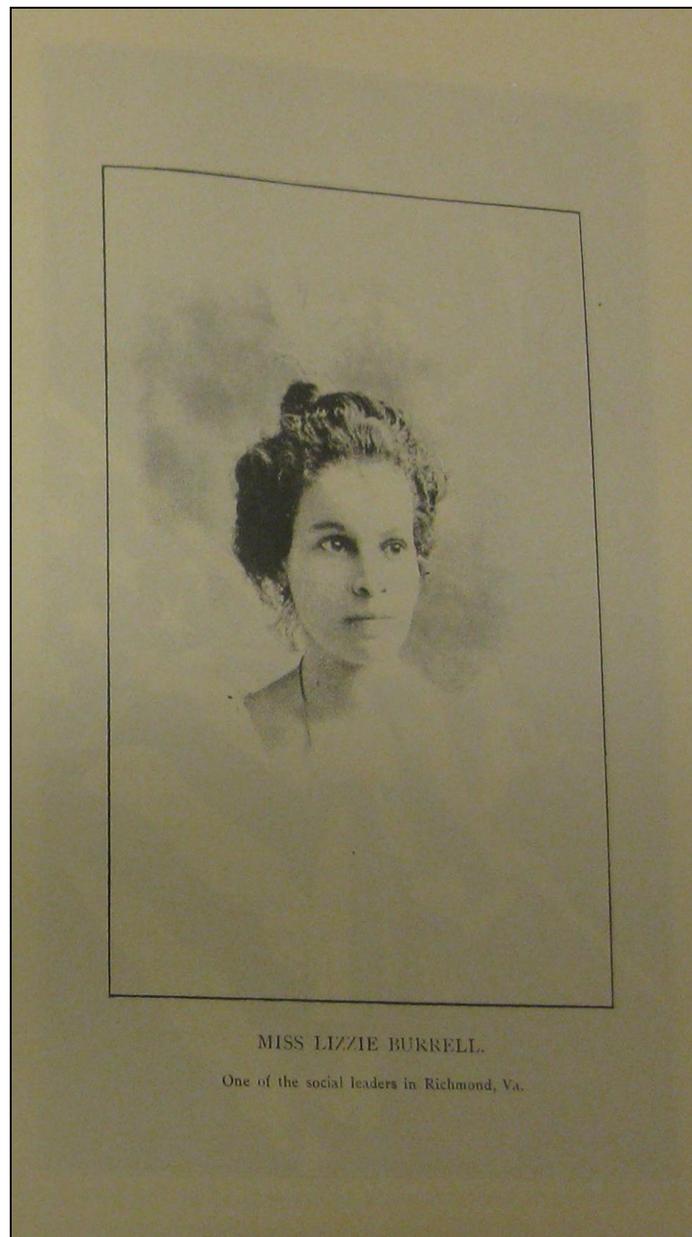


Figura 35. “Miss Lizzie Burbell, uma das líderes sociais de Richmond, Virgínia”.

**Fonte:** *The Colored American Magazine: an illustrated monthly devoted to Literature, Science, Music, Art, Religion, Facts, Fiction and Traditions of the Negro Race*, set. 1900, v. 1, n. 4, s/p.

Posto então o painel das apreensões e políticas que a existência dos mulatos ajudava a gerar, da formação das classes alta e média negras<sup>199</sup> e feita a apresentação dos

---

<sup>199</sup> Embora não pretenda me deter nesta polêmica, cabe dizer que a formação de uma classe média negra durante a Era Progressiva nos EUA (1900-1920) foi atestada por diversos autores. Entretanto, para Frazier esta constatação não passava de “mito”. Tendo em conta igrejas, imprensa, empresas e outras coletividades

conceitos e as discussões iniciais sobre a beleza eugênica, passaremos a focalizar a análise nas articulações entre gênero e raça. Assim, no capítulo 3, retornarei ao Oitocentos para investigar o processo de racialização do gênero, processo este que, lançando mão de imagens como a da Vênus de Hotentote, culminou na canonização da mulher negra como lasciva e do seu corpo como anormal e hipersexualizado.

Com base nesse legado de hierarquização entre os femininos branco e de cor, veremos como na pós-emancipação, algumas afro-americanas de prestígio, outorgadas representantes da raça, estiveram empenhadas em contrapor-se a tais estereótipos conduzindo, para tal, um projeto de reconstrução da sua feminilidade que, dentre outros elementos, previa o seu reconhecimento enquanto mulheres instruídas, elegantes e preocupadas com o futuro da gente de cor, tal qual esperava-se de madames negras como as orgulhosas modelos que posaram para a *The Colored American Magazine*.

---

negras, o autor questionava a “autonomia” da “classe média negra” (formada no Norte dos EUA) examinando como este grupo perdia a coesão por abandonar seus laços no Sul do país e se integrar cada vez mais às comunidades brancas. Para ele, o resultado desta integração traduziu-se numa burguesia anômala, sem identidade própria e sustentada por “mitos” de auto-sustentação nos negócios e na sociedade como um todo. Ainda para Frazier, o principal argumento que sustenta a tese do “mito da classe média negra” é o fato de que a maior parte da população de cor não havia sido tocada pelas transformações radicais na economia, na educação, na saúde, etc. Franklin Frazier, *Black Bourgeoisie: The Book That Brought the Shock of Self-Revelation to Middle-Class Blacks in America*, New York, Free Press, 1997.



Figura 36. Capa *The Colored American Magazine*, nov. 1900.

**Fonte:** *The Colored American Magazine: an illustrated monthly devoted to Literature, Science, Music, Art, Religion, Facts, Fiction and Traditions of the Negro Race.*



Figura 37. Capa *The Colored American Magazine*, mar. 1901.  
**Fonte:** *The Colored American Magazine: an illustrated monthly devoted to Literature, Science, Music, Art, Religion, Facts, Fiction and Traditions of the Negro Race.*



Figura 38. Capa *The Colored American Magazine*, ago. 1901.

**Fonte:** *The Colored American Magazine: an illustrated monthly devoted to Literature, Science, Music, Art, Religion, Facts, Fiction and Traditions of the Negro Race.*



Figura 39. Capa *The Colored American Magazine*, mai. 1902.

**Fonte:** *The Colored American Magazine: an illustrated monthly devoted to Literature, Science, Music, Art, Religion, Facts, Fiction and Traditions of the Negro Race.*



Figura 40. Capa *The Colored American Magazine*, jun. 1902.  
Fonte: *The Colored American Magazine: an illustrated monthly devoted to Literature, Science, Music, Art, Religion, Facts, Fiction and Traditions of the Negro Race.*



Figura 41. Capa *The Colored American Magazine*, jul. 1902.  
Fonte: *The Colored American Magazine: an illustrated monthly devoted to Literature, Science, Music, Art, Religion, Facts, Fiction and Traditions of the Negro Race.*



Figura 42. Capa *The Colored American Magazine*, ago. 1902.

**Fonte:** *The Colored American Magazine: an illustrated monthly devoted to Literature, Science, Music, Art, Religion, Facts, Fiction and Traditions of the Negro Race.*



Figura 43. Capa *The Colored American Magazine*, set. 1902.

**Fonte:** *The Colored American Magazine: an illustrated monthly devoted to Literature, Science, Music, Art, Religion, Facts, Fiction and Traditions of the Negro Race.*

### Capítulo 3: “Mulheres da Raça”: intelectuais negras, corpo, ciência e racialização do gênero

*Eu vim para te levar para casa. (...) te afastar da desgraça, dos olhos curiosos de homens monstros que vivem no escuro com as máquinas imperialistas, que dissecam seu corpo pedaço a pedaço, que conectam sua alma à de Satã e que se auto-proclamam como o Deus derradeiro!*

(Diana Ferrus, “A Poem for Sarah Bartmann”, 1988)

*É o conceito ocidental sexista/racista de quem e o quê é um intelectual que elimina a possibilidade de nos lembrarmos de negras como representativas de uma vocação intelectual. Na verdade, dentro do patriarcado capitalista com supremacia branca, toda a cultura atua para negar às mulheres a oportunidade de seguir uma vida da mente, torna o domínio intelectual um lugar “interdicto”. Como nossas ancestrais do século XIX, só através da resistência ativa exigimos nosso direito de afirmar uma presença intelectual. O sexismo e o racismo, atuando juntos, perpetuam uma iconografia de representação da negra que imprime na consciência cultural coletiva a idéia de que ela está neste planeta principalmente para servir aos outros. Desde a escravidão até hoje, o corpo da negra tem sido visto pelos ocidentais como o símbolo quintessencial de uma presença feminina “natural”, orgânica, mais próxima da natureza, animalística e primitiva.*

(bell hooks, 1995)

### 3.1 “Onde e como eu entro?” Ciência, gênero, raça e imagem no Oitocentos

Em 1810, Saartjie Baartman<sup>200</sup> desembarcou em Londres. Dona de seios fartos e nádegas gigantes, oriundas de uma esteatopigia<sup>201</sup>, seu corpo escandalizou os olhos de centenas de europeus, que estupefatos rejeitavam-na sem conseguir lhe tirar os olhos. Pensavam se tratar de uma mulher muito *estranha* e por isso valia a pena pagar para vê-la. Sarah, como também era conhecida, por sua vez, fazia as honras da casa recebendo seus curiosos convidados (que iam munidos de varas, espetos e vergalhões para tocá-la) presa numa jaula, tal qual um animal *exótico*. Após cinco anos de exibição em praças públicas e festas particulares, a sul-africana faleceu em Paris aos 25 anos de idade. Mas de que forma sua saga ajuda a contar nossa história? É o que passamos a ver.

Imortalizada pelo imaginário europeu como a Vênus de Hotentote<sup>202</sup>, o impacto provocado por sua imagem, uma “Saartjie-mania”<sup>203</sup> que se espalhava por onde quer que

---

<sup>200</sup> A biografia de Sarah é bastante controversa então utilizarei como referência as informações reunidas nos anos de pesquisa desenvolvidos por Robin Mitchell no Museu do Homem, onde até hoje permanece a esparsa documentação referente a Vênus, e a um texto informativo de Lucile Davis. Sartjie Bartman nasceu em torno de 1788 em Caffaria, na África do Sul. Algumas evidências indicam que foi levada para a Europa em 1810 pelo irmão de seu senhor, um homem chamado Hendrik (ou Henrik, Hendrik Caesar, Cezar – não se sabe ao certo). Provavelmente, foi batizada em 1811 com o sobrenome Baartman (grafado em alguns casos como Bartman ou Baartman) já na Inglaterra. No navio, a caminho da Europa, Hendrik teria se associado a Alexander Dunop, um cirurgião e oferecido uma sociedade a Sarah, na qual ela se comprometia a executar tarefas domésticas e autorizava ser exibida na Inglaterra e na Irlanda. Embora fossem cobrados, é provável que recebesse muito pouco ou nenhum dinheiro por seus espetáculos, pois, embora feitos em grande quantidade, ela nunca conseguiu comprar sua liberdade. Davis informa ainda que, quando suas exposições perderam a graça, Sartjie foi forçada a se prostituir. A cultura estrangeira, a mudança climática e, claro, a hostilidade com que foi tratada culminaram na sua morte em 1815. A causa exata do falecimento é desconhecido apesar da versão oficialmente apresentada falar em “doença inflamatória repentina”, provavelmente sífilis. Há ainda aqueles que sugerem que a morte da jovem devia-se ao fato de ser alcoólatra. Robin Mitchell, “Another Means of Understanding the Gaze: Sarah Bartmann in the Development of Nineteenth-Century French National Identity”, in Deborah Willis (Ed.), *Black Venus 2010: They called her “Hottentot”*, Philadelphia, Temple University Press, 2010, pp. 32-46, p. 32; Lucile Davis, “Sarah Baartman, At Rest At last”, <http://www.southafrica.info/about/history/saartjie.htm> Acesso: 25/08/2011.

<sup>201</sup> Esteatopigia: “Desenvolvimento excessivo das partes adiposas das nádegas, especialmente de mulheres, comum entre os hotentotes e algumas tribos de negros” (Grifo meu), in *Michaelis Online*, Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portuguesportugues&palavra=hotentote> Acesso: 25/08/2011.

<sup>202</sup> Na França, Sartjie ficou conhecida como *Le Belle Hottentot* (A Bela Hotentote). Saliento que, no seu caso, a atribuição do título de Vênus – a deusa romana do amor, refere-se menos à admiração e à adoração do que ao fato de ter se tornado um objeto do abuso e da malícia dos europeus.

passasse, foi oficialmente justificado por suas genitálias, vistas como únicas, misteriosas, assustadoras. Ainda que desde a chegada ao velho continente, sua figura tenha se tornado alvo de atenção permanente, pouco se comenta sobre os bastidores do “estranhamento”<sup>204</sup> que dela emanava. Tal reação tinha menos a ver com seu corpo do que com europeus desvairados, sedentos por representações fabricadas dentro de sua própria “obsessão cultural”, como nos conta Holmes:

Da baixa para a alta cultura em todas as suas formas, a Inglaterra era uma nação obcecada por bundas, vagabundos, jumentos e todas as metáforas, brincadeiras ou trocadilhos úteis para extravasar sua obsessão cultural. Do salão ao Parlamento à prostituição e à pornografia, a Inglaterra Georgiana seriamente celebrou e, ao mesmo tempo, deplorou excessos, brutalidades e descontroles. Muito do sucesso de Saartjie foi resultado de um fenômeno simples: com seu traseiro trepidante e voluptuoso, ela capturou o espírito inglês da época vitoriana.<sup>205</sup>

Se durante a carreira “artística” na Europa Sarah<sup>206</sup> foi celebrada como um ícone do primitivismo da mulher negra por meio de músicas, caricaturas, poesias e sátiras que se multiplicaram pelo mundo, sua morte não pôs um ponto final nessa espetacularização. A curiosidade acerca do corpo da “pobre criatura”<sup>207</sup> tomou conta da mente de médicos e patologistas que buscavam, a todo custo, provar a anormalidade inerente à africana e às suas descendentes. Ancorados pelo *rigor* da ciência, nomes como Charles Darwin, Guilherme Ferrero e Cesare Lombroso apropriaram-se do cadáver da hotentote, que, depois de submetido a duas autópsias, foi autenticado como a essência da

---

<sup>203</sup> Rachel Holmes, *African Queen: The Real Life of the Hottentot Venus*, New York, Random House, 2007, p. 4.

<sup>204</sup> Carlo Ginzburg, *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. São. Paulo, Cia. das Letras, 2001.

<sup>205</sup> Rachel Holmes, *African Queen*, p. 43.

<sup>206</sup> Análises que comprovam e problematizam a atualidade das imagens da Vênus de Hotentote na história, na antropologia, nas artes plásticas, na mídia e na poesia estão em Deborah Willis (Ed.), *Black Venus 2010...*

<sup>207</sup> “Pobre criatura” foi a forma pela qual Charles Mathews, um famoso ator inglês do século XIX que assistia às exposições de Sarah assim se referiu a ela nas suas memórias. Ver: Robin Mitchell, “Another Means...”, p. 32.

mulher negra, uma mulher, acima de tudo *diferente*.<sup>208</sup> Mas, dentre os ilustres cientistas, o que mais se esmerou em produzir conclusões um tanto sábias foi Georges Cuvier.

Em 1816, o médico publicou um texto dedicado a estudar o corpo feminino negro, onde informava aos colegas que o “segredo” da africana havia sido finalmente revelado. Assim, com muita “honra”, o artigo apresentava os “órgãos genitais” da hotentote para a “Academia” [Francesa], enfatizando seu “aventail”, ou seja, os grandes lábios vaginais que Sarah “escondia” entre as pernas e que só puderam ser descobertos e devidamente dissecados depois de sua morte. Estava tudo resolvido. Os europeus não tinham com que se preocupar. Deviam sim gratidão à “infame” Vênus, pois, graças a ela, estava provada a superioridade inerente dos homens e o espírito elevado das mulheres do Velho Mundo. Ao contrário de Darwin, que só teve olhos para criticar a “natureza cômica e grotesca”<sup>209</sup> representada pelas nádegas de Bartmann, suas “charmosas mãos” assim como a “graciosidade” dos seus “braços” e “pescoço” não escaparam à visão de Cuvier.<sup>210</sup>

Num misto de fascínio e repulsa, Cuvier foi apenas um dos responsáveis por atestar o rótulo científico da inferioridade particular das africanas. Ao generalizar a crença numa sexualidade degradante através da Vênus de Hotentote, a medicina oitocentista conformava a mulher negra enquanto um objeto exótico, um símbolo da perversão, uma metáfora da nação doente<sup>211</sup> e com isso cunhava uma justificativa que legitimava sua sujeição à intervenção, à subordinação e ao controle irrestritos, seja através de violências sexuais e morais ou da exploração de sua mão-de-obra.

---

<sup>208</sup> Sander L. Gilman, “Black Bodies, White Bodies: Toward an Iconography of Female Sexuality in Late Nineteenth-Century Art, Medicine, and Literature”, in Henry Louis Gates (Ed.) *Race, Writing and Difference*, Chicago, University of Chicago Press, pp. 223-261.

<sup>209</sup> Apud Sander Gilman, “Black Bodies...”, p. 238.

<sup>210</sup> As descrições de Cuvier aparecem citadas em Robin Mitchell, “Another Means of Understanding...”, pp. 40-2.

<sup>211</sup> Stepan ressalta a importância que a “teoria crítica da metáfora” desempenha nas leituras que fazemos do mundo. Para ela, sem as metáforas e as analogias a ciência não existiria, logo estas duas categorias podem ser consideradas suas constituintes. A autora observa que, através da analogia às raças inferiores, mulheres, desviados sexuais, criminosos, pobres urbanos e loucos foram construídos como raças à parte no século XIX e, nessa lógica, as diferenças em relação aos homens brancos eram utilizadas para justificar seu lugar na base da hierarquia social. Nancy Stepan, “Race and Gender: The Role of Analogy in Science”, *Isis*, v. 77, n. 2, jun. 1986, pp. 261-277, p. 266.

Esse complexo processo histórico de “treinamento”<sup>212</sup> do corpo africano como um ícone da feiúra, do primitivismo, da agressividade e do descontrole é parte da construção imagética sincrônica de mulheres brancas e negras durante a escravidão moderna. Cabe dizer que a base de tal construção desenvolveu-se através de uma racialização do gênero com dois objetivos: administrar o corpo das primeiras<sup>213</sup> e conter aquele das segundas. Nesse sentido, ambas as representações são controladas por uma raça que opera hierarquicamente através de antinomias como pureza-impureza, limpeza-sujeira, contágio-purificação, ordem-desordem.<sup>214</sup>

Na lógica racializada do normal *versus* o patológico, desde o século XIX, o discurso da particularidade, do nocivo, do sombrio, do esdrúxulo do corpo da mulher negra tem sofrido recriações múltiplas em diferentes tempos e lugares. Por exemplo, ao examinar parte da história das doenças sexualmente transmissíveis nas partes leste e central da África colonial, Megan Vaughan observa que, embora não houvesse uma homogeneidade discursiva, tanto na fala de missionários que ressaltavam o primitivismo, o descontrole e o

---

<sup>212</sup> Latour resume da seguinte forma o principal argumento de Vinciane Despret sobre o significado social do corpo: “ter um corpo é aprender a ser afetado, no sentido de resultado, do ser movimentado por entidades, seres humanos e não-humanos. Se você não se engaja em tal aprendizado, torna-se insensível, morto, estatelado”. Bruno Latour, “How to Talk About the Body? The Normative Dimension of Science Studies”. *Body and Society*, v. 10, n. 2-3, pp. 205-229, 2004, p. 208.

<sup>213</sup> As representações femininas brancas são amplamente discutidas pela produção de história das mulheres. Ver: Joan Scott, “A história das mulheres”, in Peter Burke, *A escrita da história*. São Paulo, Editora da UNESP, 1992; Georges Duby e Michelle Perrot (Orgs.). *História das mulheres no ocidente. O século XX*. Porto, Afrontamento; São Paulo, EBRADIL, 1994; Arlette Farge; Rose-Marie Lagrave; Michelle Perrot et alii. “A história das mulheres. Cultura e poder das mulheres: ensaio de historiografia”, in *Gênero: Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero*, Niterói, EdUFF, v. 2, n. 1, pp. 5-30, 2º sem. 2000. Rachel Soihet e Joana Maria Pedro, “A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero”, *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, n. 54, pp. 281-300, 2007. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/pdf/263/26305417.pdf> Acesso: 24/08/2011. No caso brasileiro, discussões detalhadas dos discursos médicos europeus sobre a mulher branca e sua feminilidade encontram-se em: Rachel Soihet, *Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920*, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1985; Márcia Wanderlei Cavendish, *A voz embargada: imagem da mulher em romances ingleses e brasileiros do século XIX*, São Paulo, EDUSP, 1996; Susan K. Besse, *Restructuring Patriarchy: The Modernization of Gender Inequality in Brazil, 1914-1940*, Chapel Hill and London, University North of Carolina Press, 1996; Sueann Caulfield, *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*, São Paulo, Editora da UNICAMP/ Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 2000; Maria Martha de Luna Freire, *Mulheres, mães e médicos: discurso maternalista no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

<sup>214</sup> Mary Douglas, *Pureza e perigo*. Lisboa, Edições 70, 1991.

excesso ou naqueles que assinalavam a “ingenuidade” da sexualidade feminina negra, o objetivo maior era o mesmo em muitos momentos: provar a anormalidade africana. Ao passear por diferentes momentos nos quais a sexualidade da mulher negra, em particular, atraiu a atenção de médicos coloniais e administradores assim como de anciões africanos, ela mostra que as imagens produzidas a seu respeito não foram somente *sobre* tal corpo numa perspectiva europeu *versus* africanos. Em vez disso, foram, diversas vezes, construídas em diálogos internos com os homens africanos.

A existência de uma preocupação masculina com a sexualidade das “suas” mulheres – desautoriza essencialismos ingênuos ancorados numa suposta unidade de pensamento “africana”, marcada pela dicotomia colonizador *versus* colonizado. Nesse sentido, ao destacar que a sexualidade foi o principal elemento para a construção de uma imagem doentia do corpo negro, presente nos discursos de ciências como a Psicologia e a Psiquiatria, as reflexões da autora abrem pistas para pensarmos o lugar específico ocupado pelo corpo da mulher negra no imaginário masculino tanto europeu quanto africano.<sup>215</sup>

A via crucis a que foram submetidos os órgãos da hotentote é um ícone dessa história. Logo após falecer, tanto sua genitália quanto seu cérebro, cuidadosamente preservados por Cuvier, foram incorporados ao acervo do Musée de l’Homme (Paris) e lá se mantiveram como objeto de exposição até 1974, quando foram então recolhidos da vista pública. Duas décadas à frente, em 1994, Nelson Mandela dá início a incessantes negociações para que Sarah fosse repatriada. Mas, somente em 2002, o governo francês devolve seu “pedaço de curiosidade científica”<sup>216</sup> para a África do Sul. Nesse mesmo ano, os órgãos da Vênus são cremados e ela é finalmente velada na Cidade do Cabo, sua terra natal, finalizando assim tão triste novela.

---

<sup>215</sup> Megan Vaughan, *Curing their ills: colonial power and African Illness*. Stanford, Stanford University Press, 1991.

<sup>216</sup> Lucile Davis, “Sarah Bartmann, At Rest at last...”

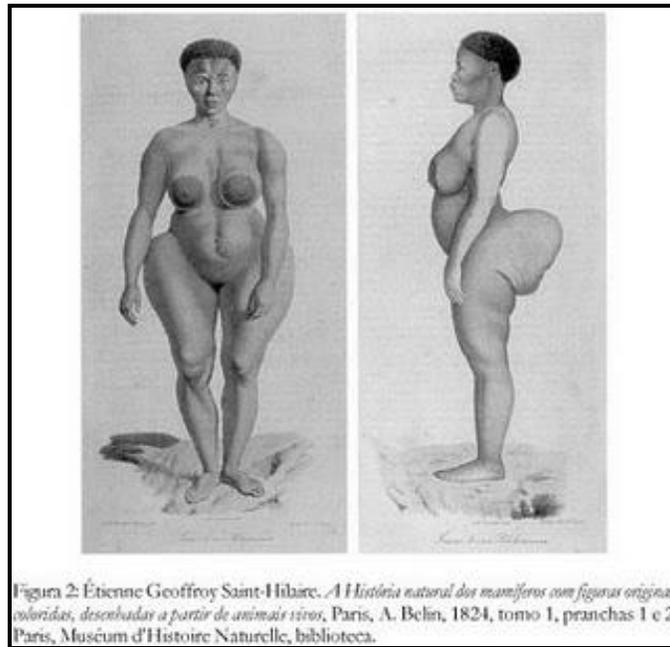


Figura 44. “Mulher Khoisan”.

**Fonte:** Étienne Geoffroy Saint-Hilaire *A História natural dos mamíferos com figuras originais, coloridas, desenhadas a partir de animais vivos*, Paris, A. Berlin, pranchas 1 e 2.



Figura 45. Caricatura de Baartman, desenhada no início do século XIX.

**Fonte:** Verbete Saartjie Baartman, Wikipédia. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Saartjie\\_Baartman](http://pt.wikipedia.org/wiki/Saartjie_Baartman)  
Acesso: 22/05/2010.

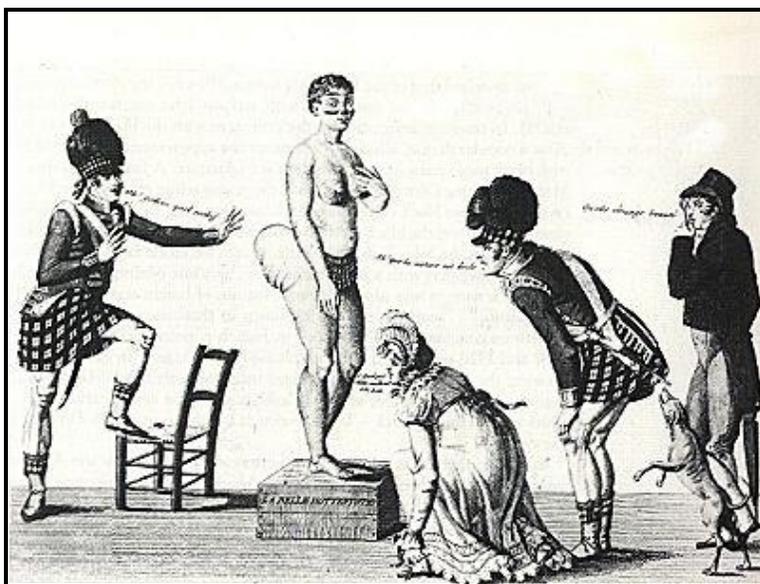


Figura 46. “Examinando a La Venus Hotentote”, s/d.

Fonte: “La Venus Negra”. Disponível em:

[http://www.guinguinbali.com/index.php?lang=es&mod=news&task=view\\_news&cat=4&id=859](http://www.guinguinbali.com/index.php?lang=es&mod=news&task=view_news&cat=4&id=859). Acesso: 22/05/2011.

Dona de uma “vida privada sem narrativa”<sup>217</sup>, Sarah junta-se a nós para escutar um dos mais belos e incisivos gritos de protesto dados contra esse processo histórico de subtração da feminilidade negra:

Aquele homem lá embaixo disse que mulheres precisam ser ajudadas a entrar nas carruagens e que merecem ter o melhor lugar sempre. Mas ninguém me ajuda a entrar nas carruagens, atravessar poças de lama e nem me oferece os melhores lugares! E não sou eu uma mulher? Olhe para mim! Olhe para meu braço! Eu tenho lavrado, plantado, reunido tudo no celeiro e nenhum homem foi capaz de me comandar! E não sou eu uma mulher? Eu pude trabalhar como muitos homens e comer como tantos outros – quando eu conseguia obter comida – além de conduzir o chicote perfeitamente bem! E não sou eu uma mulher? Eu tive treze crianças. Vi a maioria delas serem vendidas para outros senhores na escravidão, e quando eu chorei internamente minha tristeza de mãe, ninguém, exceto Jesus me escutou! E não sou eu uma mulher?<sup>218</sup>

<sup>217</sup> J. Yolande Daniels, “Exhibit A: Private Life without a Narrative”, in Deborah Willis (Ed.), *Black Venus 2010...*, pp. 62-67.

<sup>218</sup> Sojourner Truth, apud Shirley Yee, *Black Women Abolitionists: A Study in Activism, 1828-1860*, Knoxville, University of Tennessee Press, 1992, p. 23.

Ao se recusar publicamente a aceitar definições restritas para o feminino, Sojourner Truth <sup>219</sup> questionava o “diferente tipo de humanidade” reservado às negras através do discurso científico sobre o corpo de Sarah. Proveniente de suas pesquisas sobre a vida das mulheres escravas nos EUA, a idéia de uma humanidade diferenciada vincula-se aquilo que Paula Giddins chamou de “nova escravidão” do século XIX; escravidão esta preocupada em ressaltar a bondade de uma família senhorial que primava por considerar seus escravos como se parentes fossem. Dentro dessa lógica, aparentemente harmônica, ela nota que os cativos teriam sido diretamente influenciados pelos ideais da família vitoriana.

Ao focar a análise na vida das escravas, Giddins afirma que a “noção vitoriana de família extensa” punha as senhoras num pedestal de pureza que as distanciava do alcance sexual até mesmo de seus maridos, ao mesmo tempo em que as negras eram alocadas na base da pirâmide feminina, por possuírem uma “moralidade menor”, legitimadora de sua exploração sexual pelos senhores. Nesse sentido, a luta destas últimas era racialmente distinta, pois, em vez de se contrapor ao estereótipo de uma “humanidade menor”, elas eram forçadas a posicionar-se contra o discurso de um “diferente tipo de humanidade”. <sup>220</sup>

---

<sup>219</sup> Sojourner Truth/Isabella Baumfree (1791-1883) nasceu escrava. Sendo emancipada apenas em 1827, Sojourner (que adotou esse nome apenas em 1843) foi abolicionista e ativista dos direitos da mulher tornando-se a afro-americana mais conhecida do século XIX. Evangélica, defendeu a criação de uma comunidade própria de ex-escravos, visando seu sustento e auto-determinação. Em 1851, Truth ficou famosa por seu célebre discurso – *Ain't I a Woman* – proferido na Conferência dos Direitos da Mulher. Em 1875, sua biografia - *Narrative of Sojourner Truth; A Bondswoman of Olden Time, Emancipated by the New York Legislature in the Early Part of the Present Century; with a History of her Labors and Correspondence Drawn from her "Book of Life"* - foi publicada por Olive Gilbert e France Tilton. Disponível em: <http://www.blackpast.org/?q=aah/truth-sojourner-isabella-baumfree-ca-1791-1883> Acesso: 09/08/2011. Para trajetórias de outras abolicionistas negras como Anna Murray Douglass, Mary Ann Shad Cary, Sarah Parker Remond, Frances Harper, Sarah Mapps Douglass, Eliza Dixon Day, Sarah Forten e suas interações com raça, sexo e classe ver também: Shirley Yee, *Black Women Abolitionists: A Study in Activism, 1828-1860*, Knoxville, University of Tennessee Press, 1992.

<sup>220</sup> Paula Giddins, *When and Where I Enter: the impact of Black women on race and sex in America*, New York, Amistad, 2006, pp. 42-45 e Herbert Gutman, *The Black Family in Slavery and Freedom, 1750-1925*, New York, Pantheon Books, 1976, p. 70 (1984). Ao dar continuidade a essa sua perspectiva “internalizada”, Giddins também examina como os códigos morais brancos eram recriados nas comunidades escravas apresentando vários casos de mulheres com “mau” comportamento que foram expulsas de suas igrejas ou que sofreram retaliações públicas. Na mesma direção, Gutman reconstitui a fala de Priscilla McCollough, uma escrava, que rememorava o *play the banjo* – a prática de fazer e cantar músicas publicamente narrando em detalhes o defloramento de mulheres escravas, segundo a própria, considerado sua “mudança beta”. Herbert

Voltando a Sojourner Truth, consagrada como uma famosa oradora durante o Oitocentos, a ex-escrava analfabeta deixava evidente a inevitabilidade da tarefa que o mundo livre, jamais experimentado pela Vênus, destinava às mulheres negras: superar o passado de abusos, agressões e aviltamentos do cativo a fim de se reinventarem enquanto *mulheres* modernas, virtuosas, respeitáveis e distanciadas de uma galeria de estereótipos.<sup>221</sup>

Respondendo nossa pergunta inicial, acredito que seja importante, em especial, para a historiografia brasileira, que pouco tem investido em estudos focalizados sobre as mulheres negras<sup>222</sup>, pensar a construção imagética da Vênus de Hotentote durante a escravidão em diálogo com pensamentos e práticas femininas negras do pós-emancipação, pois esse cruzamento confere mais sentido à luta de elevação e progresso alimentada pela pena de diversas “mulheres da raça” que se recusaram a aceitar tal ícone como auto-imagem. Em vez disso, queriam demonstrar que:

Apenas a MULHER NEGRA pode[ria] dizer “onde e como eu entro sem violência - na calma, na indiscutível dignidade de minha (sic) feminilidade (...) e,

---

Gutman, *The Black Family in Slavery and Freedom, 1750-1925*, New York, Pantheon Books, 1976, p. 70 [1ª ed. 1984].

<sup>221</sup> Pensando na historicidade dos estereótipos, Jewell, por exemplo, discute como as idéias de feminilidade e vocação materna da mulher negra foram postas em dúvida devido à sua *natural* agressividade. Uma vez que na lógica patriarcal a agressividade é tida como uma característica masculina, as imagens femininas negras são submetidas a um processo de masculinização. Em termos de estereótipos, pode-se dizer que a mulher afro-americana foi definida a partir das seguintes imagens: a *Mammy* e a *Aunt Jemina* (equivalentes à “Mãe Preta”), a *Sapphire*, uma espécie de escrava sabe-tudo e a *Jezebel* ou *Black-Bad-Girl* (correspondente à mulata sensual). K. Sue Jewell, *From Mammy to Miss America and Beyond: Cultural images and the shaping of US social policy*, London and New York, Routledge, 1993, p. 36. A este respeito, ver também: J. S. Wood, “The Black Female: Mammy, Jemina, Sapphire e Other Images”, in J. C. Smith (Ed.), *Images of Blacks in American Culture*, Westport, Connecticut Greenwood Press, 1988, pp. 235-256.

<sup>222</sup> Estudos que focalizaram as experiências de mulheres negras na escravidão no Brasil estão em: Sonia Maria Giacomini, *Mulher e escrava: uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1988; Maria Odila Leite da Silva Dias, *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*, São Paulo, Brasiliense, 1984; Sandra Graham, *Proteção e obediência: criadas e seus patrões no Rio de Janeiro (1860-1910)*, São Paulo, Companhia das Letras, 1992; Sandra Graham, *Caetana diz não: histórias de mulheres da sociedade escravista brasileira*, São Paulo, Companhia das Letras, 2005. Algumas pistas sobre os significados da associação entre raça e gênero no pós-emancipação foram apresentadas por: Rachel Soihet, *Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920*, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1985; Martha Abreu, *Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989; Sueann Caulfield, *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*, São Paulo, Editora da UNICAMP/ Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 2000; Silvana Santiago, *Tal Conceição, Conceição de Tal. Classe, gênero e raça no cotidiano de mulheres pobres no Rio de Janeiro nas primeiras décadas republicanas*, Dissertação (Mestrado em História), Unicamp, 2006.

em seguida, levar toda a raça *Negra para entrar junto comigo* (sic)”. (Grifos do original).<sup>223</sup>

Agora então que já conhecemos um momento chave do processo de medicalização imposto ao corpo da mulher de cor no XIX<sup>224</sup>, é hora de ouvirmos Sojourner, Anna e suas companheiras para sabermos, afinal, como foram capazes de construir com muita criatividade, força e coragem seu próprio conceito de feminilidade.

### **3.2 Esculpindo a “Nova Mulher Negra”: feminilidade, respeitabilidade e beleza eugênica nos escritos de algumas representantes da raça**

*A mulher negra*, abaixo de Deus, deve ser a agência fundamental na regeneração e na reeducação da raça assim como a base e o ponto de partida para o seu progresso crescente (Grifos do original).<sup>225</sup>

Por um período de dois séculos e meio Afro-Americanas foram escravas das pessoas brancas nesse país (...). Embora descendentes de povos bárbaros, as mulheres Negras prontamente adaptaram-se aos requisitos da vida civilizada e a maioria delas desempenhou excelente trabalho feminino (...) O que nós podemos dizer do progresso delas para convencer amigos céticos, brancos e negros, de que elas são merecedoras de crédito?<sup>226</sup>

Escritos no final do século XIX, os fragmentos acima remetem-se aos apelos de Anna Cooper<sup>227</sup> e Katherine Tillman<sup>228</sup>, duas escritoras, dentre muitas, que conclamaram a

---

<sup>223</sup> Anna Julia Cooper, *A Voice from the South by A Black Woman of the South*, Xenia, The Aldine Printing House, 1892, p. 31.

<sup>224</sup> As relações entre classe, raça, gênero e controle social são muito bem discutidas em: Olívia Maria Gomes da Cunha, *Intenção e gesto: pessoa, cor e a produção cotidiana da (in)diferença no Rio de Janeiro (1927-1942)*, Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 2002.

<sup>225</sup> Anna Julia Cooper, *A Voice...*, p. 28.

<sup>226</sup> Katherine Tillman, “Afro-American and Their Work” (1895), in Henry Louis Gates; Gene Andrew Jarret (Eds.), *The New Negro: Reads on Race, Representations and African American Culture, 1892-1938*, Princeton, Princeton University Press, 2007, pp. 277-286, p. 280.

<sup>227</sup> Filha de uma escrava com seu senhor branco, Anna Julia Haywood Cooper (1858-1964) nasceu em Raleigh na Carolina do Norte. Ela iniciou sua educação formal em 1867, dois anos após a Guerra Civil na *Saint Augustine’s Normal School and Collegiate Institute*, instituição direcionada à formação de ex-escravos. Em 1887, obteve o título de mestre em Matemática no *Oberlin College* em Ohio. Dentre outros, lecionou na Wilberforce University e na Washington Colored High School. Em 1892, seu primeiro livro - *A Voice from the South by a Black Woman of the South* – foi publicado. Após isso, Cooper iniciou uma jornada pelo país fazendo palestras sobre educação, direitos civis e status da mulher negra. Em 1925, aos setenta e cinco anos, ela se tornou doutora em Filosofia pela Universidade de Paris, sagrando-se como a quarta afro-americana a atingir tal feito. Entre 1930 e 1950, assumiu a presidência da Frelinghuysen University, uma escola para

mulher negra a produzir uma “face pública da raça” <sup>229</sup> em sintonia com educação, refinamento e civilidade. Tal projeto tomou fôlego durante os anos da Reconstrução, quando começaram a ser publicadas dezenas de narrativas de ex-escravos e mulheres de cor como essas, donas de trajetórias excepcionais em relação à grande maioria dos afro-americanos, logo aclamadas como representantes da raça.



Figura 47. Anna Julia Cooper (Raleigh, Carolina do Norte).

**Fonte:** Verbete Anna Julia Haywood Cooper, in *An Online Reference Guide to African American History*. Disponível em: <http://www.blackpast.com/?q=aah/cooper-anna-julia-haywood-1858-1964> Acesso: 25/08/2011.

---

estudantes negros. A filósofa morreu em Washington D. C. aos 105 anos. Disponível em: <http://www.blackpast.org/?q=aah/cooper-anna-julia-haywood-1858-1964> Acesso: 09/08/2011.

<sup>228</sup> Katherine Davis Chapman Tillman (1870-?) nasceu em Mount City, Illinois. Filha de uma família de negociantes negros, ela estudou na Louisville State University em Kentucky. Desde a adolescência, Tillman escrevia poemas e contos para as “jovens de sua raça”. Ela acreditava que a escrita era um dos principais instrumentos para elevação racial e para o desenvolvimento de um sentimento de domesticidade entre as mulheres de cor. A data e as circunstâncias de sua morte são desconhecidas. Ver: Claudia Tate, *The Works of Katherine Davis Chapman Tillman, The Schomburg Library of Nineteenth-Century Black Women Writers*, New York, Oxford University Press, 1991.

<sup>229</sup> Gates, “The trope of a new negro and the Reconstruction of the image of the Black, Representations (Special Issue: America Reconstructed, 1840-1940), 24, Fall 1998, pp. 129-155, p. 129.

Experimentando uma liberdade em construção, a população afro-americana teve que produzir outros “sensos de representação” que atuassem como “contenções” aos estereótipos atribuídos ao “velho negro”, o escravo desembarcado no país desde o século XVII (e seus descendentes).<sup>230</sup> Esse processo de reconstrução identitária que envolveu diversos segmentos da intelectualidade negra (jornalistas, escritores, empresários, artistas, professores, etc.) culminou na produção da imagem daquele que ficou conhecido como “Novo Negro”.<sup>231</sup>

Seja como alvo de olhares atentos ou como produtora de idéias e representações, a mulher de cor assim como sua aparência e seu comportamento serão temas de excelência numa longa conversa sobre o que seria a versão feminina desse novo

---

<sup>230</sup> Idem, p. 129.

<sup>231</sup> Nas três primeiras décadas do século XX, a questão do Novo Negro ganhará cada vez mais força na imprensa e demais escritos de intelectuais afro-americanos. Diversos autores criarão definições próprias para o que seria esse personagem em construção. Um dos ápices de tal processo é a criação, nos anos 1920, daquilo que ficou conhecido como *Harlem Renaissance*. Tendo como panos de fundo a Grande Migração, a industrialização e a I Guerra Mundial, o HR foi um movimento literário e cultural voltado para mostrar o talento de romancistas, poetas e músicos negros. Um de seus principais líderes foi o filósofo Alain Locke, que, em 1925, batizou essa efervescência cultural como o “Movimento do Novo Negro”. Concentrado no bairro negro do Harlem, em Nova York, o MNN pregava o orgulho e a integração raciais combatendo o racismo e os estereótipos que os marginalizavam. (Cf. Locke: “suas sombras têm sido maiores que sua personalidade” (...)) Para muitas gerações na América o Negro tem sido “mais uma fórmula do que um ser humano”, alguma coisa para ser “investigada, condenada ou defendida” (...) “mas o tempo das “tias”, “tios” e *mammies* já se foi”). Sobre a centralidade do Harlem comenta Locke: “Tome o Harlem como exemplo. Manhattan não é simplesmente a maior comunidade negra do mundo, mas a primeira concentração de elementos tão diversos da vida Negra. O bairro atrai o Africano, o *West Indian*, o Negro Americano (do Sul e do Norte). Os homens da cidade, os camponeses, os homens de negócios, os homens profissionais, os artistas, os poetas, os músicos, os aventureiros, os trabalhadores, os religiosos, os criminosos, os exploradores e outras castas sociais. Cada grupo veio por motivações particulares (...) mas suas experiências compartilhadas têm determinado uma fusão de experiências e sentimentos”. De forma geral, os intelectuais do movimento preocupavam-se com o processo de urbanização dos afro-americanos no Norte ressaltando a formação de uma nova consciência racial através do processo de “reorientação da visão” que estava em curso: “Na última década, alguma coisa além do controle das estatísticas tem acontecido na vida do Negro Americano. Três figuras que tradicionalmente presidem o problema do Negro crescem nos seus próprios braços: o Filósofo, o Filantropo e o líder da Raça. Eles não são o inconsciente do Novo Negro, mas a justificativa para sua existência” (...) Segundo Locke, o “Novo Negro representava o “guru” de uma “nova democracia na cultura Americana” e por isso sua identidade renovada deveria ser incluída na história americana como um todo. Com a Grande Depressão de 1929, o movimento entra em declínio. Além de Locke, que ficou conhecido como “pai do Novo Negro”, destacaram-se entre seus participantes os escritores Zora Neale Hurston, Langston Hughes, James Weldson, Countee Cullen, Jessie Rednom Fauset. Ver: Alain Locke, *The New Negro*, [1ª ed. 1925] New York, Atheneum, 1968. Para a história do HR ver: David Levering Lewis, *When Harlem Was in Vogue*, [1ª ed. 1979] New York, Penguin Books, 1997.

negro. Na verdade, cabe dizer que o esforço de produzir novas imagens para as mulheres não ficou restrito aos afro-americanos, pois ele se relacionava a um contexto nacional mais amplo de expansão industrial, crescimento econômico e urbanização acelerada, que tornava necessária uma redefinição das práticas cotidianas e das representações do feminino em diferentes comunidades.<sup>232</sup>

Dentro do processo de mudanças sociais intensas, interessa-nos apresentar quem era, como se definia e o que se esperava de uma “Nova Mulher Negra”, leitora por excelência das publicações da sua raça no começo do século XX. Conhecê-la é fundamental para compreender as experiências particulares do feminino negro assim como os significados dos anúncios de produtos de pele e de cabelo exibidos na sua imprensa na pós-emancipação. Para tal panorama, selecionei como documentos um texto de 1895, de Tillman, sete outros, também escritos por mulheres de cor e publicados na edição de julho de 1904 de uma segunda publicação negra, a *The Voice of the Negro*, e um artigo sobre a “Nova Mulher Negra”, assinado por John Henry Adams Jr., que apareceu no mês seguinte na mesma revista.

Escritos produzidos pelas mãos de novas mulheres negras, suas palavras revelarão um intrincado processo de racialização do gênero através do papel missionário de civilizar a raça. Para um mergulho mais denso nessas imagens pelas quais as classes mais instruídas desejavam que suas mulheres, importantes empresárias e consumidoras dos próximos capítulos, fossem publicamente vistas, daqui por diante, também dialogarei com os conceitos de “políticas de respeitabilidade”<sup>233</sup>, “imagens controladas”<sup>234</sup> e “feminilidade

---

<sup>232</sup> Ver, por exemplo: Barbara Hamill Sato, *The New Japanese Woman: modernity, media, and woman in interwar Japan*, Duke University Press, 2003; Sidney Stahl Weinberg, "Longing to Learn: The Education of Jewish Immigrant Women in New York City, 1900-1934", *Journal of American Ethnic History*, Spring 1989, n. 8, pp. 108-126.

<sup>233</sup> Evelyn Brooks Higginbotham, *Righteous Discontent: The Women's Movement in the Black Baptist Church, 1880-1920*, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1993.

<sup>234</sup> Patricia Hill Collins, *The Black Feminist Thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment*, Routledge, [1<sup>a</sup> ed. 2000] New York and London, 2009.

reconstruída”<sup>235</sup>, partes essenciais do Feminismo Negro.<sup>236</sup> Ainda com vistas ao alcance de um quadro mais acurado de tais personagens, ao final da seção, apresento um conjunto de fotografias de representantes femininas da raça que apareceram no *A New Negro for a New Century*, um livro de 1900 de Booker T. Washington, e quatro protótipos de novas mulheres negras apresentados por Adams Jr.

Lançada na cidade de Geórgia, Atlanta, em janeiro de 1904, a *The Voice of the Negro* era dirigida aos debates sobre direito ao voto e à alta educação dos afro-americanos. Além disso, também tratava de temas como religião, movimentos trabalhistas, arte e cultura.<sup>237</sup> Nesse ano, a revista foi vendida a \$0,10 e sua circulação estimada em 15.000 exemplares.<sup>238</sup> A referida edição de julho é um número especial, recheado com sete textos

---

<sup>235</sup> Hazel Carby, *Reconstructing Womanhood: the Emergence of African-American Women Novelist*, New York, Oxford University Press, 1987.

<sup>236</sup> Em termos acadêmicos, pode-se dizer que os anos 1980 testemunharam a emergência de um *feminismo negro* que questionava aquele clássico por ignorar a contribuição das mulheres negras para sua existência. Nesse momento, intelectuais afro-americanas como Barbara Smith, Audre Lorde e bell hooks fizeram tal questionamento produzindo pesquisas inovadoras que articulavam gênero, raça e classe e denunciavam a inevitabilidade de se reconhecer as diversas formas de se conceituar o feminino. Essas autoras e suas diversas sucessoras são reconhecidas por produzirem narrativas sobre sonhos, dores e esperanças de mulheres negras. No feminismo negro, as experiências pessoais são abertamente consideradas como determinantes para a construção do conhecimento acadêmico e por isso a escrita na primeira pessoa é uma de suas mais importantes características. As interseções entre subjetividade, pensamento e produção intelectuais são bem explicitadas pela fala de Radford-Hill: “as posições do feminismo negro definem politicamente a mim e as questões e preocupações que guiam minha vida e meu trabalho. Na minha visão, o feminismo merece sobreviver apenas se ele fortalecer os esforços de mulheres negras por mudanças sociais que desafiam aquilo que nós acreditamos (...) restaurar a força do gênero, da cultura e da comunidade é a única contribuição que o feminismo negro pode oferecer”. Sheila Radford-Hill, *Further To Fly: Black Women and the Politics of Empowerment*, Minneapolis, University of Minnesota Press, 2000, p. 5. Elas aparecem também na afirmação de Patricia Collins sobre a importância de resgatar as experiências de nossas antepassadas, marcadas por uma “fusão intelectual entre trabalho e ativismo (...), ação e teoria” como parte da tradição de um Pensamento Feminista Negro. Collins, *The Black Feminist Thought...*, p. 29. Ver ainda: Barbara Smith, *Home Girls: a Black Feminist Anthology*, [1ª ed. 1983] New Brunswick, New Jersey, London, Rutgers University Press, 2000; Audre Lorde, *Sister Outsider: Essays and Speeches*, New York, The Crossing Press, 1984, bell hooks, *Talking Back: Thinking Feminist, Thinking Black*, Boston, South End Press, 1989.

<sup>237</sup> Tratar desses temas era uma prática comum entre periódicos “universais” como o *McClure's Magazine* uma famosa revista “americana literária e política” de Nova York que circulou entre 1893 e 1929. A respeito da sua história ver: Joseph R. Urgo, “Willa Cather's Political Apprenticeship at *McClure's Magazine*”, in Merrill Maguire Skaggs (Ed.), *Willa Cather's New York, New Essays on Cather in the City*, Madison, Fairleigh Dickinson University Press, 2000, pp. 61-74.

<sup>238</sup> Martha H. Patterson, *The American New Women Revisited: a reader, 1894-1930*, Rutgers, The State University, 2008, p. 169.

assinados por mulheres. Dentre eles: “Feminilidade Negra Defendida”; “O Status Social da Mulher Negra”; “Melhoramento Social para as Mulheres de Cor da *Plantation*”<sup>239</sup> conforme anunciado pela capa, além dos artigos “O Progresso das Mulheres de Cor”; “O que a educação está fazendo pela Mulher de Cor?”, “Não Cor Mas Caráter”.<sup>240</sup>

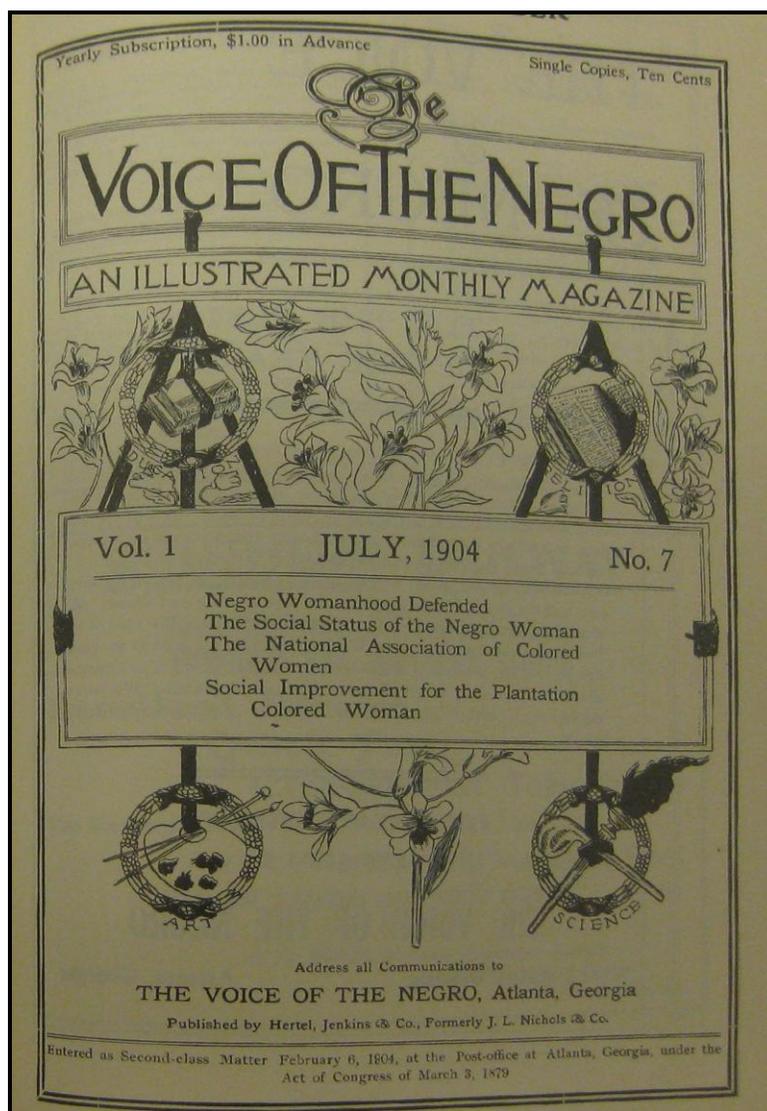


Figura 48. Capa *The Voice of the Negro*.

Fonte: *The Voice of the Negro: an illustrated monthly magazine*, jul. 1904, v. 1, n. 7.

<sup>239</sup> Embora apareça no índice com esse título, o artigo é renomeado como “Melhoramento Social para as Mulheres da *Plantation*”.

<sup>240</sup> *The Voice of the Negro: an illustrated monthly magazine- Our Woman's Number*, jul. 1904, v. 1, n. 7, capa.

As excessivas pompas e predicados pelas quais as escritoras são introduzidas aos leitores dimensionam o investimento em construir representações positivas sobre as “mulheres da raça”: “Mrs. Josephine Silone-Yates – presidente da Associação Nacional de Mulheres de Cor, professora de Inglês e História no Lincoln Institute, mais importante professora da escola para Negros no oeste do rio Mississippi”.<sup>241</sup> A projeção de Yates era tamanha que sua biografia chegou a ser publicada no *Indiana World*, um jornal de grande circulação:

Mrs. Josephine Silone-Yates é uma das mais importantes mulheres da sua raça (...). Graduou-se com honras na New Port High School – sendo oradora de sua classe. Foi a única aluna de cor a receber habilitação para ensinar nas escolas públicas de New Port. (sic).<sup>242</sup>

---

<sup>241</sup> Josephine Silone Yates (1852-1912) nasceu em Long Island, Nova York. Ela ajudou a fundar a Kansas City Women’s League e, em 1893, foi eleita sua primeira presidenta. Disponível em: <http://www.blackpast.org/?q=aah/yates-josephine-silone-1852-1912> Acesso: 09/08/2011.

<sup>242</sup> “Ours Women Contributors”, *The Voice of the Negro: an illustrated monthly magazine- Our Woman’s Number*, jul., 1904, v. 1, n. 7.



Figura 49. “Mrs. Josephine Silone-Yates, Professora de Inglês do Lincoln Institute, Jefferson City, Mo., e Presidente da *National Association of Colored Women*”.

**Fonte:** *The Voice of the Negro: an illustrated monthly magazine*, jul. 1904, v. 1, n. 7, s/p.

Educada, inteligente, organizada e enaltecida até mesmo entre os brancos como um poço de talentos, a nobre senhora cumpria todos os requisitos de uma mulher respeitável. Outra que não ficava atrás era Mrs. Booker T. Washington.<sup>243</sup> Graduada na Fisk University, ela trabalhou como professora no Tuskegee Institute, a famosa escola técnica criada por seu marido, o “Dr. Booker T. Washington” no Alabama. “Decana do Departamento de Mulheres, professora de Literatura e diretora de Indústrias para Garotas”, a educadora, “quase tão famosa quanto seu ilustre esposo”, era reconhecida como alguém que lutava pelo “melhoramento das mulheres” e por isso merecia ser reverenciada pela

---

<sup>243</sup> Margaret James Murray Washington (1865-1925) era filha de um descendente de irlandês com uma afro-americana. Ela graduou-se em Fisk University em 1889. Casou-se com Booker T. Washington em 1892. Além de escrever diversos discursos para o marido, Mrs. Washington foi uma de suas principais apoiadoras no Tuskegee Institute, onde criou um programa de alfabetização e higiene voltado para as mulheres pobres do Alabama. Em 1896, a educadora foi eleita presidenta da Federação Nacional de Mulheres Afro-Americanas. Já em 1914, passou a presidir a Associação Nacional de Mulheres de Cor. Ela morreu em 1925 defendendo a educação industrial e a cooperação interracial no Sul dos EUA. Disponível em: <http://www.blackpast.org/?q=aah/washington-margaret-murray-1865-1925> Acesso: 10/08/2011.

revista como uma “mulher pública”,<sup>244</sup> ainda que seja a única das colaboradoras que não tenha seu primeiro nome mencionado. Embora a seção restrinja-se a falar apenas das duas professoras<sup>245</sup>, suas apresentações (inclusive com fotografias) contribuem para entender melhor as noções que a imprensa negra criava sobre uma feminilidade negra respeitável. Vamos então conhecer um pouco das suas idéias.



Figura 50. “Mrs. [Margaret Murray] Booker T. Washington, Esposa do Distinto Presidente do *Tuskegee Institute*”.

**Fonte:** *The Voice of the Negro: an illustrated monthly magazine*, jul. 1904, v. 1, n. 7, p. 289.

Em “Feminilidade Negra Defendida”, Addie Hunton<sup>246</sup> lembrava que o “demônio da hidra encabeçada”, conhecido como “problema da raça”, tinha deixado como

---

<sup>244</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>245</sup> Idem, *ibidem*. Ao final da seção, os editores advertiam que tinham pedido a todas as colaboradoras para enviar um “resumo biográfico”, mas apenas Yates e Washington atenderam a solicitação.

<sup>246</sup> Nascida em Norfolk na Virginia, Addie Waites Hunton (1866-1943) foi a primeira mulher negra a graduar-se no Spencerian College of Commerce na Filadélfia. Em 1907, ela passou a secretariar o trabalho

um dos maiores legados a noção de “fraqueza moral da feminilidade Negra”. Escrevendo de Atlanta, nossa terceira representante denunciava que as mulheres da raça eram alvo de “imerecidas críticas”.<sup>247</sup> A injustiça era muito antiga, pois, “desde os tempos de Adão”, elas vinham sendo responsabilizadas pelas “fraquezas da raça”. Ao considerar todas as “feridas” e “hemorragias da alma” a que estiveram sujeitas no decorrer da história, a escritora questionava: de onde vinham essas idéias sobre a imoralidade da mulher “Negra”? Ao julgar tais comentários injustos e superficiais, pois eles desconsideravam que “havia diferentes tipos de classe de mulheres Negras”, Hunton restringia o sentido de “classe”.

Apesar de não particularizar explicitamente tal definição, as entrelinhas do seu texto evidenciam que, para ela, existia apenas uma classe de “Negras” apta a ser reconhecida como respeitável. “Força motriz” para as “realizações da raça”<sup>248</sup>, as mulheres de cor instruídas foram capazes de perceber “desde cedo” que as “qualidades morais e conservadoras da raça residiam na sua feminilidade” e por isso eram suas únicas e legítimas porta-vozes. Esse esforço de publicizar apenas um tipo de feminino dentro da raça foi a forma pela qual Hunton e tantas outras intelectuais afro-americanas construíram para si próprias um modelo público de “feminilidade respeitável”.<sup>249</sup>

---

social da Young Women’s Christian Association (YWCA) com pessoas negras. Entre 1906 e 1910, Hunton foi secretária da Associação Nacional de Mulheres de Cor. Além disso, teve participação destacada na luta das mulheres negras pelo direito ao voto que inicialmente (19ª Emenda, 1921) foi assegurado apenas para as brancas. A educadora e mais duas afro-americanas foram as únicas mulheres de cor contratadas para trabalharem com as tropas de homens de cor na França durante a I Guerra Mundial. Nos anos 1930, ela tornou-se militante do Pan-Africanismo. Disponível em: <http://www.blackpast.org/?q=aah/hunton-addie-waites-1866-1943> Acesso: 09/08/2011.

<sup>247</sup> Mrs. Addie Hunton, “Negro Womanhood Defended”, in *The Voice of the Negro: an illustrated monthly magazine- Our Woman’s Number*, jul.1904, v. 1, n. 7, pp. 280-282, p. 280.

<sup>248</sup> Idem, p. 282.

<sup>249</sup> Victoria W. Wolcott, *Remaking Respectability: African American Women in Interwar Detroit*, The University of North Carolina Press, 2001, p. 3.

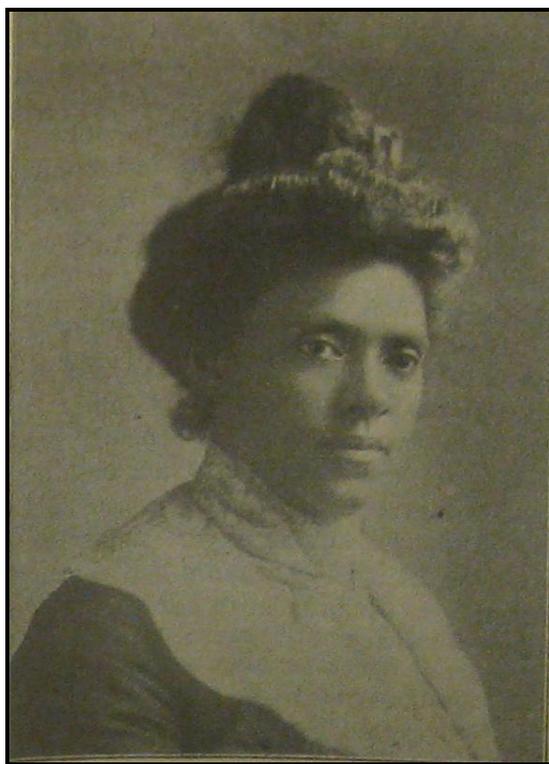


Figura 51. Mrs. Addie Hunton (Atlanta, Geórgia).

**Fonte:** *The Voice of the Negro: an illustrated monthly magazine*, jul. 1904, v. 1, n. 7, p. 281.

Num contexto de contraposição às “imagens controladas”<sup>250</sup> exercidas pelos estereótipos de sexo, trabalho e caráter, é que a professora Josephine Yates escreve mais um texto. Sua missão era demonstrar a importância da Associação Nacional das Mulheres de Cor<sup>251</sup>, uma organização nacional de “mulheres Negras educadas” e “voltadas para o

---

<sup>250</sup> De acordo com Collins, retratar afro-americanas como *mammies*, matriarcas e amantes quentes ajuda a justificar a opressão da mulher Negra nos EUA. Romper com essas “imagens controladas” designadas para apresentar racismo, sexismo, pobreza e outras formas de injustiça social como naturais, normais e inevitáveis tem sido um dos maiores objetivos do pensamento feminista negro. Collins, *The Black Feminist Thought...*, pp. 76-7.

<sup>251</sup> A *National Organization of Colored Women* foi fundada na cidade de Washington em 1896. Antes de sua fundação, as mulheres negras “educadas” já contavam com duas organizações nacionais próprias: a *National League of Colored Women* e a *National Federation of Colored Women*. De acordo com artigo II do seu regimento, um dos objetivos da NACW era “assegurar a harmonia de ação e cooperação entre todas as mulheres engajadas na elevação do lar, da moral e dos direitos da vida”. Sua estrutura era composta por clubes, grupos, ligas, comitês de todo o país e que tinham como compromisso a elevação racial. Entre 1896 e 1904, a NACW realizou quatro conferências “para acompanhar o trabalho e o “desenvolvimento da mulher Afro-Americana”. Mrs. Josephine Silone-Yates, “The National Association of Colored Women”, in *The Voice of the Negro: an illustrated monthly magazine- Our Woman’s Number*, v. 1, julho de 1904, n. 7, p. 283-287. Amplamente pesquisados pela historiografia, os clubes de mulheres negras foram espaços primordiais para a

levantamento da raça”.<sup>252</sup> Não por acaso, nossa escritora anterior, com quem Yates compartilhava muitas bandeiras, lembrará que, no caso das negras, a construção da feminilidade conectava-se à raça como um todo, ou seja, ao “progresso e ao desenvolvimento do Negro”.<sup>253</sup>

Ela [a mulher Negra] ajudou a acumular propriedade, real e pessoal, que valem mais de \$700.000.000. Ela ajudou a levantar aproximadamente \$14.000 para educação de suas crianças. Ela educou mais de 25.000 professoras de sua própria raça e, isso tudo foi feito em menos de meio século à revelia de sua complicada posição.<sup>254</sup>

---

formação de líderes negras. Comprometidas com a ressignificação da feminilidade da mulher de cor através de discussões de arte, música, literatura, política e ciência doméstica, suas participantes entendiam que esses espaços representavam “uma das maiores forças do século na solução dos problemas da raça”. Sobre a formação da NACW ver: diferentes aspectos da história dessas organizações femininas, ver: Stephanie J. Shaw, “Black Club Women and the Creation of the National Association of Colored Women”, *Journal of Women’s History*, v. 3, Winter 1991, pp. 10-25. Para diferentes aspectos da história dos clubes e associações de mulheres negras nos EUA ver: Dorothy Salem, *To Better Our World: Black Women in Organized Reform, 1890-1920*, Brooklyn, Carlson, 1990; Darlene Clark Hine, “‘We Specialize in the Wholly Impossible’: The Philanthropic Work of Black Women”, in Kathleen D. McCarthy, *Lady Bountiful Revisited: Women, Philanthropy, and Power*, New Brunswick, Rutgers University Press, 1990, pp. 70-93; Rosalyn Terborg-Penn, *African-American Women in the Struggle for the Vote, 1850-1920*, Bloomington, Indiana University Press, 1998; Anne Meis Knupfer, *Toward a Tenderer Humanity and a Nobler Womanhood: African-American Women’s Clubs in Turn-of-the-Century Chicago*, New York, New York University Press, 1996.

<sup>252</sup> Yates, “The National Association of Colored Women”, p. 283.

<sup>253</sup> Hunton, “Negro Womanhood Defended”, p. 282.

<sup>254</sup> Idem, *ibidem*.

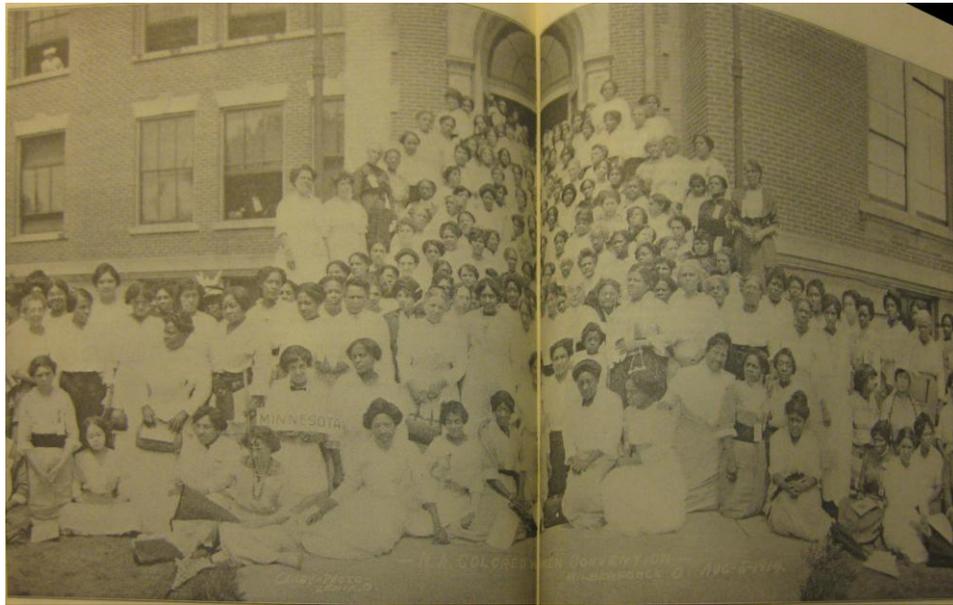


Figura 52. “Décima Sessão Bienal da *National Association of the Colored Women*”. Em branco lê-se na fotografia: “N.A. Colored Women Convention, Wilberforce, O., Aug-6-1914”.  
**Fonte:** *The Crisis: a record of the darker races*, out. 1914, v. 8, n. 6, s/p.

Assim como na cidade, as mulheres de cor da *plantation* também tinham uma mensagem a transmitir num Sul dilacerado pela segregação racial. Lá do Alabama, nossa já conhecida Mrs. Booker T. Washington comentava deslumbrada as “vantagens da educação” para as “agricultoras de cor”. Se há “quarenta anos” elas eram vistas como algo parecido com uma “mula” e “pouco mais querido que um cavalo”, atualmente - com o advento da “Nova República” e das “conferências semanais de agricultoras” – as “escravizadas” de ontem trilhavam os caminhos da vitória “melhorando” cada vez mais sua “condição social” e sua “relação com a família”.<sup>255</sup> Nas “suas pequenas fazendas”, produziam “grãos”, “vegetais” e dedicavam-se inteiramente ao cuidado das crianças.

Essa conciliação entre as tarefas públicas e privadas devia-se a apenas um fator: “suas almas, tão brancas e limpas quanto às das suas mais justas irmãs”.<sup>256</sup> Mrs. Washington também evocou noções da feminilidade universal para saudar as novas negras

---

<sup>255</sup> Mrs. Booker T. Washington, “Social Improvement of the Plantation Woman”, *The Voice of the Negro: an illustrated monthly magazine- Our Woman's Number*, jul. 1904, v. 1, n. 7, pp. 288-290, p. 288.

<sup>256</sup> Idem, p. 290.

do Sul.<sup>257</sup> Donas de mentes das “mais puras e verdadeiras”, deixaram para trás os grilhões que aprisionavam “seus corpo, mente e alma”. Estavam enfim prontas a executar a mesma missão que suas colegas de cor cidadinas: “desenvolver a casa e a família solucionando assim o chamado problema da raça”.<sup>258</sup>

Já a ativista Mary Terrell<sup>259</sup> emprestava sua atenção a algo que era um verdadeiro “milagre”: o “progresso intelectual da mulher de cor”. Nas escolas, nas universidades, nos comércios, nas igrejas, nas instituições de caridade, a comunidade negra contava com “heroínas que sacrificavam sua vida pela raça”.<sup>260</sup> Assim como as demais, a escritora também acompanhava o desenvolvimento desses sujeitos numa perspectiva comparada às brancas. Entretanto, seu discurso sobre as oportunidades desiguais pautadas pela raça era mais direto. Não somente como “mulheres”, mas como “mulheres de cor”, elas eram “desencorajadas” a galgar melhores oportunidades. Mesmo assim, não se intimidaram! “Bateram as portas da Justiça e pediram uma chance de equidade”. Enquanto “mulheres da raça” seus apelos foram atendidos. Tinham se tornado as “responsáveis” na “mais larga medida” pelo estágio de “refinamento” e “pureza” em que se encontravam os “lares de cor” espalhados pelo país.<sup>261</sup>

---

<sup>257</sup> É necessário ao menos mencionar que as realidades do Norte e do Sul eram bem distintas. Assim, no último, as igrejas batistas desempenharam uma função particular na produção de lideranças femininas negras. Como demonstra Higginbotham, as igrejas foram apropriadas por tais mulheres como sua “esfera pública” – “o único espaço verdadeiramente acessível para a comunidade negra no Sul pós-Reconstrução”. Higginbotham, *Righteous of Discontent...*, p. 100.

<sup>258</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>259</sup> Mary Church Terrell (1863-1954) nasceu em Memphis no Tennessee. Em 1894, tornou-se bacharel em Artes e Línguas Clássicas pela Oberlin College. Antes de se mudar para Washington D. C., lecionou no Wilberforce College em Ohio. A educadora, escritora e ativista foi a primeira presidente da Associação Nacional das Mulheres de Cor, entre 1896 e 1901, e fundadora da Liga das Mulheres de Cor em Washington (1892). Além disso, apoiou a Associação Nacional pelo Sufrágio da Mulher Americana, ainda que a organização tenha apoiado a exclusão das mulheres negras do direito ao voto. Em 1940, sua biografia – *A Colored Woman in a White World* – foi publicada. Disponível em: <http://www.blackpast.org/?q=aah/terrell-mary-church-1863-1954> Acesso: 10/08/2011.

<sup>260</sup> Mrs. Mary Church Terrell, “The Progress of Colored Women”, *The Voice of the Negro: an illustrated monthly magazine- Our Woman's Number*, jul.1904, v.1, n. 7, pp. 291-294, p. 293.

<sup>261</sup> Idem, *ibidem*.



Figura 53. Mrs. Mary Church Terrell (Memphis, Tennessee).

**Fonte:** Verbete Mary Church Terrel, in *An Online Reference Guide to African American History*. Disponível em: <http://www.blackpast.com/?q=aah/terrell-mary-church-1863-1954> Acesso: 25/08/2011.

Da Louisiana, Sylvanie Williams<sup>262</sup> também tinha o que dizer das mulheres de cor locais, representantes engajadas na propagação de uma “doutrina da integridade racial”.<sup>263</sup> Outra vez, a noção universal de feminino é racializada para falar desse segmento. “Emblemas” de uma “feminilidade leal e diligente” e de uma “fé forte e brava”<sup>264</sup>, as “nobres mulheres de cor” provavam o seu “progresso moral” através das “famílias com seis e sete crianças de um mesmo pai” e pela “celebração de muitos casamentos entre os mais pobres” da raça.<sup>265</sup> Esses fatos eram o suficiente para desdizer as “blasfêmias” de um tal

---

<sup>262</sup> Até o momento, não encontramos informações biográficas sobre Sylvanie Francoz Williams.

<sup>263</sup> Mrs. Sylvanie Francoz Williams, “The Social Status of the Negro Woman”, *The Voice of the Negro: an illustrated monthly magazine- Our Woman's Number*, jul. 1904, v. 1, n. 7, pp. 298-300, p. 299.

<sup>264</sup> Idem, p. 300.

<sup>265</sup> Idem, ibidem.

Charles Booth que, num de seus relatórios, afirmava ser “difícil conceber as virtudes da mulher negra”.<sup>266</sup> A ativista questionava a idéia da “raça” enquanto unidade afirmando que a “imoralidade do Negro” existia, mas apenas entre os integrantes “pauperizados” e “brutalizados”.<sup>267</sup> A mulher da raça emergia, mais uma vez, como personagem principal: “um dia quando os homens e crianças da raça tiverem ascendido todos a chamarão de “abençoada”.<sup>268</sup>



Figura 54. “Mrs. Sylvania Francoz Williams (Nova Orleans, Louisiana).

**Fonte:** *The Voice of the Negro: an illustrated monthly magazine*, jul. 1904, v. 1, n. 7, p. 299.

A última do nosso *hall* de notáveis pensadoras é Josephine Bruce.<sup>269</sup> A colaboradora engrossa o coro das colegas comentando a existência de uma “classe

---

<sup>266</sup> Idem, p. 298.

<sup>267</sup> Idem, p. 299.

<sup>268</sup> Idem, p. 300.

<sup>269</sup> Josephine Beal Willson Bruce (1853-1923) nasceu na Filadélfia. Filha de um dentista com uma cantora, em 1878 ela se casou com o fazendeiro do Mississippi Blanche K. Bruce, o único Senador negro do país. Ativista dos clubes femininos, em 1892 ela candidatou-se à presidência da Associação Nacional das Mulheres de Cor, mas sua pele clara foi utilizada contra ela. Entre 1898 e 1902, tornou-se decana do Tuskegee Institute.

educada” de Negros, praticantes das “mais altas virtudes” na cidade de Farmville. Mas nem tudo eram flores, especialmente no Sul do país. Lá, em cidades como Calumet, a situação da população de cor era “patética”. Devido à “falta de facilidades educacionais”, “setenta por cento desse segmento era analfabeto”.<sup>270</sup> Já Saint Louis tinha do que se orgulhar: também tinha produzido sua própria classe de negros instruídos. Nela, destacavam-se mulheres que atuavam como professoras e com isso “elevavam o padrão moral de sua comunidade”. Apesar do fato dos problemas de “criminalidade, saneamento e pobreza” ainda não terem sido “totalmente solucionados”, as mulheres de cor educadas, (“responsáveis” pela “boa casa”, pela “boa moral” e pela “boa sociedade”<sup>271</sup>), mereciam ser parabenizadas, pois graças a “um sem número delas (...) os resultados do melhoramento da comunidade” estavam vindo à tona.<sup>272</sup>

---

Nos anos 1900 escreveu artigos para o *The Crisis* e editou o *National Notes*, publicação da Associação Nacional das Mulher de Cor. Disponível em: <http://www.blackpast.org/?q=aah/bruce-josephine-beall-willson-1853-1923> Acesso: 10/08/2011.

<sup>270</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>271</sup> Mrs. Josephine B. Bruce, “What Has Education Done for Colored Women?” *The Voice of the Negro: an illustrated monthly magazine- Our Woman’s Number*, jul. 1904, v.1, n. 7, pp. 294-298, p. 295.

<sup>272</sup> Idem, p. 298.



Figura 55. Mrs. Josephine Beall Wilson Bruce (Filadélfia, Pensilvânia).

**Fonte:** Verbete Josephine Beall Wilson Bruce, in *An Online Reference Guide to African American History*. Disponível em: <http://www.blackpast.com/?q=aah/bruce-josephine-beall-willson-1853-1923> Acesso: 05/08/2011.

Agora que já conhecemos parte dos escritos dessas mulheres, podemos discutir mais a fundo o que significava ser uma “mulher da raça” para as classes negras educadas. A *The Voice of the Negro* continua guiando-nos. Coincidência ou não é no seu número seguinte que será pintado um quadro preciso da “nova mulher negra”. À revelia da existência de dezenas de representantes femininas ilustres, na edição de agosto, a revista convidou um homem negro para desenhá-la. Cumprindo sua tarefa com toda pompa que a situação lhe exigia, John Adams Jr. apresenta Gussie aos leitores. Ilustrada por uma figura que a retratava como uma mulher esbelta e elegante, a jovem era “admiradora da Arte Fina; artista de piano e violino; doce cantora, escritora mais voltada para os ensaios; amante dos bons livros e dona de casa”.<sup>273</sup>

---

<sup>273</sup> John H. Adams Jr., “Rough Sketches: A Study of the Features of the New Negro Women”, *The Voice of the Negro*, ago. 1904, v. 1, n. 8, pp. 323-326, p. 323.



Figura 56. “Gussie, por John Adams Jr.”

De fato, Gussie tinha muitos predicados que a aproximavam da imagem da nova mulher americana: branca, burguesa e instruída. Então, dentro de uma perspectiva de racialização do gênero, como pensar as particularidades de seu arquétipo? A diferença primordial é que as representações feitas pelo professor de Artes do Morris Brown College carregavam em seu bojo um objetivo particular: recriar a “personalidade da raça” realçando e generalizando as características individuais de algumas poucas mulheres de cor instruídas como traços universais de todo um grupo.

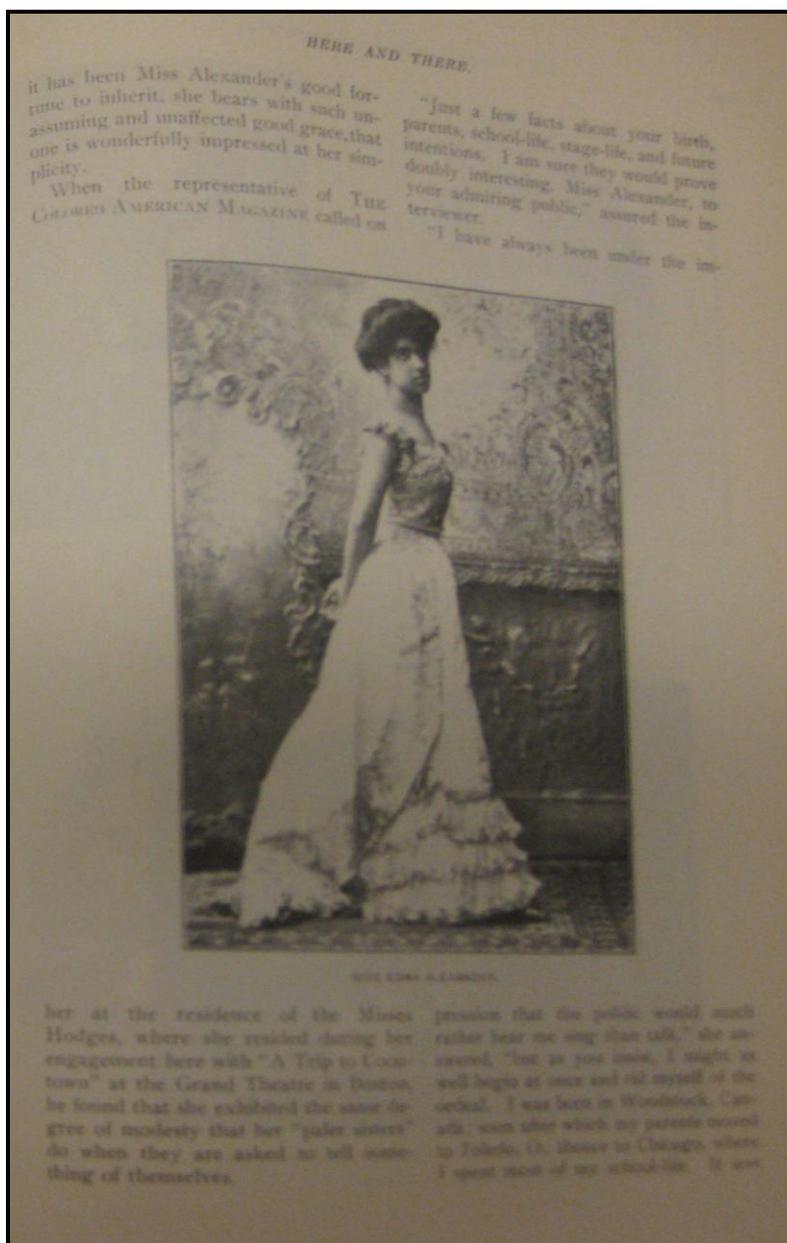


Figura 57. Miss Alexander e sua "inatingível boa graça".

**Fonte:** *The Colored American Magazine: an illustrated monthly devoted to Literature, Science, Music, Art, Religion, Facts, Fiction and Traditions of the Negro Race*, jun. 1901, v. 3, n. 2, s/p.

Ao considerar as semelhanças entre o protótipo de Gussie e a fotografia de Miss Alexander (fig. 57), com toda sua "boa graça", publicada na *The Colored American Magazine* três anos antes, a narrativa de Adams Jr. sobre uma "feminilidade verdadeira" oferece um quadro profundo e vigoroso da nova mulher negra:

Considere ela, suas palavras! e você verá que não há ninguém melhor, eu juro por ela! Não existe ninguém mais puro, mais nobre que estampe preeminência no semblante do homem, da mulher, da criança, lance suas armas, estojos e armaduras brilhantes nos seus imaculados pés e assegure uma vida para defendê-la. Considerem ela, nações! Meça-a através dos padrões da perfeição humana. Meça-a com as mesmas escalas que são empregadas para medir rainhas, filhas e esposas dos homens nobres. E, depois de encerrado o teste da busca por seus reais méritos, ela será reconhecida não apenas pela beleza física, não apenas pelo encanto intelectual, mas pela energia moral, pela pureza do coração, pela morada do propósito e pela sóbria consciência de uma verdadeira feminilidade, a mesma que a das irmãs brancas ou vermelhas ou irmãs cor de oliva. Abandone todos os homens que tenham o sangue da América proibida como unidade eterna, homens com tradições que retrocedem dois séculos e meio de história, que retornam à escravidão e pior, que fortalecem a ignorância. Eu digo, deixe todos os homens, mesmo os que não sejam desses que arremessam a vida da mulher negra para os ventos da incerteza, mesmo quando sua honra é uma estaca.<sup>274</sup>

A mulher negra era sublime, superior e encantada. E se tornava uma prioridade mundial (“nações!”) tomar conhecimento de sua potencialidade. Dona da absoluta “perfeição humana”, seus “méritos” eram “reais”, por isso elas não precisavam ter receio de nada. Estavam credenciadas para ter sua magnitude verificada com os mesmos instrumentos usados para checar as qualidades das “rainhas”. Como resultado teriam de volta tudo aquilo que a escravidão lhes havia roubado: “energia moral”, “pureza do coração”, “sóbria consciência”. Em curtas palavras, uma “verdadeira feminilidade” que tinha que ser preservada.

A definição da “feminilidade” é um momento crucial do texto. Ela é o único no qual sua raça é mencionada e isso é feito através da figura do outro, uma espécie de alteridade equiparada por meio de um tom universalista (“a mesma das irmãs brancas ou vermelhas... ou cor de oliva”). Criatura mágica, estrela soberana, a mulher negra tinha o feminino devolvido através da homogeneização com suas “irmãs”. Por isso, sua feminilidade deveria não apenas ser definida, mas defendida contra homens ignorantes que duvidavam da sua “honra”, forte como uma “estaca”.

Em tempos de Jim Crow, esses escritos – narrativas incisivas de “empoderamento”<sup>275</sup> - esforçavam-se em mostrar que as mulheres negras eram

---

<sup>274</sup> Idem, p. 171.

<sup>275</sup> Dentro da sólida tradição de estudos feministas negros, intelectuais afro-americanas, sob os mais diversos prismas (História Social, Sociologia, Estudos Culturais, Literatura, Pós-Colonialismo, Teoria *Queer*, etc.), discutem as “políticas de empoderamento” que mulheres negras têm construído ao longo de séculos. Para

*naturalmente* femininas. Oriunda de histórias de violência, de trabalho forçado, de separações, de preconceito, sua condição feminina ligava-se ao novo e ao antigo, à escravidão e à liberdade; daí a necessidade de ter uma “feminilidade reconstruída”.<sup>276</sup> A perspectiva da reconstrução questionava o pressuposto da inferioridade que permeava sua relação com as brancas e colocava os limites da irmandade entre todas as mulheres noutras bases.

Ainda que as idéias hegemônicas do feminino (mãe, esposa, dona de casa) fossem incompatíveis com a vida das mulheres negras<sup>277</sup>, no texto de Adams Jr. elas eram adequadas às suas experiências como estratégia de combate a uma “feminilidade deficiente”.<sup>278</sup> Em vez disso, elas eram elevadas à condição máxima de heroínas, donas de uma mensagem de feminilidade que precisava ser transmitida para o mundo. Afinal, como advertia Nannie Burroughs<sup>279</sup>, num texto emblemático (a ser trabalhado no capítulo 4), que criticava tanto homens quanto mulheres negras que olhavam a “cor” em detrimento do

---

Sheila Radford-Hill, “empoderamento” é “a agência que elas expressam através de suas ações políticas e sociais”. Collins, por sua vez, problematiza a definição do conceito ao focalizar as particularidades históricas desses sujeitos. “Para mulheres Afro-Americanas, o empoderamento nunca ocorrerá num contexto caracterizado pela opressão e pela injustiça social. Um grupo pode ganhar o poder através da dominação de outro, mas esse não é o tipo de empoderamento encontrado no pensamento de mulheres Negras. Lendo seu trabalho intelectual, percebo que (...) o Pensamento Feminista Negro trabalha em conjunto com outros projetos similares de justiça social”. Radford-Hill, *Further To Fly...*, p. xi; Collins, *The Black Feminist Thought*, p. xii. Um balanço crítico das “políticas de empoderamento” está em Robert Weissberg, *The Politics of Empowerment*, Westport: Praeger, 1999.

<sup>276</sup> Hazel Carby, “Reconstructing Womanhood...”

<sup>277</sup> Hazel Carby, “White Woman Listen! Black Feminism and the Boundaries of Sisterhood”, in Carby, *Cultures in Babylon: Black Britain and African America*. New York, Verso, 1999, pp. 63-92.

<sup>278</sup> Debora Gray White, “Introduction – A Telling History”, in White (Ed.), *Telling Histories: Black Women Histories in the Ivory Tower*, The University of North Carolina Press, 2008, pp. 1-25, p. 10.

<sup>279</sup> Nannie Helen Burroughs (1883-1961) nasceu em Orange na Virginia. Em 1907, ela obteve o título de mestre pela Eckstein-Norton University. Em 1907, apoiou a Convenção Nacional Batista e, em 1909, tornou-se a primeira presidente da National Trade and Professional School for Women and Girls em Washington, D.C. Dona do bordão “Nós nos especializamos no mais completo impossível”, ela defendia a idéia de que a educação industrial e clássica eram compatíveis. Burroughs presidiu a escola até o ano de sua morte. Em 1964, a instituição foi rebatizada com seu nome. Disponível em: <http://www.blackpast.org/?q=aah/burroughs-nannie-helen-1883-1961> Acesso: 09/08/2011.

“caráter” na hora de subirem ao altar <sup>280</sup>, destacando que “refinamento e caráter não eram restritos à mulher branca”. <sup>281</sup>

Ao extrapolar os limites da revista, percebe-se que a preocupação sobremaneira com a imagem pública e privada, com a aparência e com a alma, assim como com a mensagem que as afro-americanas guardavam no seu coração também eram reforçadas por outras mulheres da intelectualidade negra como Katherine Tillman. A jovem discutia a importância de suas irmãs valorizarem um dos maiores bens que a “Cristandade” havia deixado para a comunidade negra: o lar. Para ela, toda mulher deveria saber como tornar a casa o “lugar mais feliz da terra”, embora seu apelo especial fosse para as representantes da raça:

Vamos nós como Afro-Americanas prometer a nós próprias a elevação de nossos lares. Vamos lutar contra a intemperança, contra a infidelidade, contra os jogos em salões, contra a literatura ruim e a imoralidade de todos os tipos, pois esses são os demônios que destroem nossas casas. Vamos nos engajar na propaganda de Cristo e ajudar a dominar esses demônios. O mundo precisa de nossos esforços e vamos sair em Seu nome para conquistar. <sup>282</sup>

É importante observar que a complexidade que envolve a reconstrução da feminilidade negra extrapola o antagonismo branco *versus* negro. Esse é um dos momentos mais importantes da sobreposição entre gênero e raça na presente discussão. Como missionária do sucesso familiar, o papel da mulher de cor vinculava-se a um modelo de feminino hegemônico, mas, ao mesmo tempo, como vimos, quando elas usavam tal modelo, o faziam de forma articulada às suas experiências como negras em diferentes espaços (educação, trabalho, religião, saúde, política, etc.). Esse processo tenso e ambíguo referia-se à construção de “políticas de respeitabilidade” <sup>283</sup> por mulheres comprometidas com um trabalho específico: o levantamento racial.

---

<sup>280</sup> Nannie H. Burroughs, “Not color but Character”, in *The Voice of the Negro: an illustrated monthly magazine- Our Woman’s Number*, jul.1904, v. 1, n. 7, pp. 277-9, p. 277.

<sup>281</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>282</sup> Katherine Tillman, “Afro-American Women and Their Work-Afro-American Women in the Home”, 1895, in Gates Jr.; Jarrett, *The New Negro...*, p. 286.

<sup>283</sup> Evelyn Higginbotham, *Righteous Discontent...*

Como destaca Evelyn Higginbotham, abraçar tais valores pode ser visto como um “imperialismo cultural”, mas não se pode perder de vista que tal apropriação era ambígua. Nesse sentido, incorporar os padrões morais das famílias de classe média brancas era também radical, audacioso. Em tempos de Jim Crow, quando “a sociedade branca via a mulher negra como promíscua, não-merecedora de proteção contra insultos e até mesmo contra o estupro”<sup>284</sup>, elas ousaram lutar por um tratamento equivalente ao das brancas no qual a “domesticidade”<sup>285</sup> ocupava lugar central. Claro que isso também tinha o seu lado conservador de crítica àquelas que não se adequassem a tais valores, àquelas “sem sucesso”<sup>286</sup>, mas é preciso perceber que essas mulheres lutavam contra a idéia de uma imoralidade negra inata, vista como uma praga social. Assim, ao construírem sua própria moralidade, desafiavam a falsa retórica da supremacia branca demonstrando que para afro-americanas a luta pela respeitabilidade era muito mais que um “simples reflexo da ideologia vitoriana”, mas sim uma “estratégia de sobrevivência”.<sup>287</sup>

Além disso, tal clamor por novas imagens, feito em interação com os valores das classes dominantes, também ia de encontro às incongruências entre as idéias de família, gênero e feminino negro construídas durante a escravidão. De acordo com Patricia Collins:

Dois elementos da família ideal tradicional são especialmente problemáticos para as mulheres Afro-Americanas. Primeiro, a separação assumida entre a esfera “pública” do trabalho remunerado e aquela “privada” das responsabilidades familiares não-remuneradas nunca funcionou para as mulheres Negras dos EUA. Durante a escravidão, elas trabalharam na esfera pública sem receber (...) e tiveram a privacidade de suas famílias rotineiramente violadas. Segundo, o binarismo público/privado que separa o familiar, o doméstico do mercado de trabalho remunerado é fundamental para explicar a ideologia Norte-Americana de gênero. Se alguém assume que o homem real trabalha e que a mulher real cuida de sua família, Afro-Americanas são vítimas de idéias deficientes de gênero. A mulher Negra em particular torna-se menos “feminina” porque seu trabalho

---

<sup>284</sup> Idem, p. 100.

<sup>285</sup> Wolcott, *Remaking Respectability...*, p. 8.

<sup>286</sup> Ao olhar a interação entre afro-americanas de diferentes classes na cidade de Detroit entre os anos 1914 e 1945, Victoria Wolcott reforça a importância de estudar os migrantes “sem sucesso”, abandonados pela história: “prostitutas, apostadores e artistas populares transformaram a Detroit Negra tanto quanto líderes de clubes, fundadores de igrejas e ativistas sociais. Alguns permaneceram pobres, a despeito da luta por empregos, já outros atingiram significativa mobilidade social”. Idem, p. 3.

<sup>287</sup> Idem, p. 7.

remunerado fora de casa compete com o do homem além de afastá-las de seus filhos.<sup>288</sup>

Antes de nos despedir de nossas personagens notáveis, algumas observações finais. Desde as primeiras linhas, a leitora deve estar matutando que Soujourner Truth, Anna Cooper, Josephine Yates, Margaret Washington, Addie Hunton, Sylvania Williams, Mary Terrell e Katherine Tillman representavam a minoria da raça negra. Ela está corretíssima. Por isso, gostaria de pensar as trajetórias de tais mulheres a partir do *Female Talented Tenth*.<sup>289</sup> Esse conceito é fundamental para posicioná-las no indiscutível lugar de exceção que ocupavam na condição de pessoas (mulheres) de cor que atingiram os mais altos níveis da educação formal. Agarrando tal oportunidade com unhas e dentes, incorporaram o papel de multiplicadoras de práticas que articulavam gênero, raça e autoajuda em clubes femininos, jardins de infância, escolas, universidades. Esse processo, mais uma vez, evidenciava as fragilidades de uma irmandade entre negras e brancas. Tal “irmandade incerta”<sup>290</sup> descortinava ainda interesses distintos e práticas de cooperação racial moldadas pelo racismo.

De um lado, mulheres brancas preocupadas com a segurança nacional e com certo sentimento de culpa pelas restrições impostas à instrução da população de cor. Do outro, negras empenhadas em conquistar respeito e elevação para si e seus pares através da educação. As cláusulas desse contrato pareciam ser bem interessantes para as últimas.

---

<sup>288</sup> Collins, *Black Feminist Thought*, p. 54.

<sup>289</sup> O *Female Talented Tenth* (na tradução literal “Décimo Talentoso do Feminino”) é uma apropriação do conceito clássico de *One Talented Tenth*. Tal categoria, que será retomada mais adiante, foi cunhada por William Du Bois para discutir o protagonismo desempenhado pelos homens de cor instruídos na educação da sua raça. Ao recriar o conceito para refletir exclusivamente sobre as experiências femininas na pós-emancipação, Higginbotham considera que o *Female Talented Tenth* diz respeito a dois aspectos: a singularidade que as mulheres de cor instruídas representavam naquele momento e o fato de que, na condição de representante da raça, tal grupo promoveu a difusão do orgulho racial e dos valores da classe média branca entre os negros. Nesse projeto difusor, a luta pelo acesso aos mais altos níveis da educação destacou-se como uma das principais metas. Tal luta trouxe para a superfície pedagogias e ideologias distintas que colocavam em conflito negros e seus apoiadores brancos. Nesse sentido, “o conceito de *Female Talented Tenth* oferece uma oportunidade de explorar o processo pelo qual os valores da classe média foram introduzidos, propagados e interpretados entre pessoas [negras] e, em alguns casos, rejeitados por elas”. Evelyn Higginbotham, *Righteous of Discontent...*, p. 31.

<sup>290</sup> Idem, p. 84.

Primeiro, por intermédio dessa interação desigual, elas reforçavam os contornos daquela que já se destacavam como as classes alta e média negras. Segundo, como educadoras podiam reconstruir a feminilidade negra acionando estereótipos femininos como a vocação da mulher para o ensino. Terceiro e, não menos importante, tinham a chance de desenvolver instrumentos próprios para (re) formar sua raça.

Nesse jogo, seria impossível deixar de mencionar as peles quase brancas da maioria das representantes da raça ostentadas nas suas imagens. Ainda que já tenhamos iniciado tal discussão, sabemos que para os leitores brasileiros (e mesmo americanos que desconhecem as origens das personagens), as fotografias provocam certo estranhamento ou mesmo um descrédito em relação à sua raça. Para esse público, por ora, é suficiente dizer que a ode à pele clara entre as ativistas sociais é uma das faces de economias da cor que determinavam que muitas pessoas com cabelos lisos e pele alva fossem consideradas afro-americanas. Essa particularidade é interessante para pensar que ainda que pudessem se socializar como brancas no dia a dia, tais pessoas procuraram respostas para seus dilemas e de suas companheiras afirmando-se enquanto mulheres negras.

Ao ser representada pela pena dessas negras excepcionais como “uma unidade” que deveria ser ensinada a “sustentar-se, pensar logicamente, ser independente, autoconfiante e agir corretamente”<sup>291</sup> a “Raça” assumia então o papel de sujeito ao passo que suas mulheres mulatas, os postos de liderança. Na condição de representantes da *raça-sujeito*, os “décimos talentosos” sabiam do trabalho que tinham pela frente e, por isso, exigiam que os brancos deixassem que elas próprias, as “únicas sinceramente interessadas na elevação de sua raça”, discutissem sua própria idéia de “moralidade”.<sup>292</sup>

Nesse contexto, a construção de uma feminilidade racializada<sup>293</sup> tinha sim o seu quê de radicalismo posto que, através dela, a feminilidade “verdadeira”,<sup>294</sup> com suas

---

<sup>291</sup> Yates, “The National Association of Colored Women”, p. 284.

<sup>292</sup> Hunton, “Negro Womanhood Defended”, p. 282.

<sup>293</sup> Cabe dizer que as negras não foram as únicas a racializar a discussão sobre uma nova mulher. O feminino racializado também aparece, dentre outros, em *American Jewess* (1895-1899), a única revista do pensamento feminino judaico publicada em Inglês no século XIX nos EUA. O periódico era “uma Revista Mensal de Assuntos Sociais, Literários e Religiosos” voltada para as classes altas. Suas páginas incluíam seções de Medicina, Moda e Ciência Doméstica. Apresentadas como “Mulheres de Negócio de Sucesso”, suas

noções de pureza, piedade, submissão e domesticidade brancas, era enegrecida. A apropriação dos valores dominantes deve então ser olhada dentro das complexidades em que a situação se constrói. Afinal, uma nova coloração de feminilidade estava sendo alcançada por histórias de “empoderamento” contadas pelas líderes da raça dentro e fora de seus lares.

A mensagem estava dada. O mundo não podia mais lhe virar as costas, por isso:

Nós apresentamos a mulher de cor de hoje do jeito exato em que ela impressiona o mundo: como um fator crescente para o bem. Destacamos sua inteligência, beleza e caráter por melhor reconhecimento social. Aqui está ela numa pose típica cheia de vigor, generosa em afeição, doce em emoção e forte em muitas atribuições da mente e da alma.<sup>295</sup>

**Figuras 58 a 61** – 4 *Portraits* de Novas Mulheres Negras, por John Henry Adams Jr.<sup>296</sup>

---

escritoras também discutiam os perigos de uma feminilidade subtraída condenando mulheres que usavam bicicletas e ceroulas, por exemplo. A revista defendia uma maior equidade religiosa entre masculino e feminino. No interessante artigo “The New Woman” publicado por Ella Bartlett em abril de 1895, a Ministra da Sociedade Universalista problematizava o real significado dessa figura: “o adjetivo “novo” tem sido aplicado às mulheres com surpreendente atraso (...) O que a Nova Mulher tem feito, fez ou fará só é considerado quando apresentado como uma descoberta do ‘genus homo’ (...) Entretanto, as pesquisas sobre sua história mostram que essa descoberta é apenas um achado sobre algo que já acontecia, então isso não é uma “nova ordem” de fato”. A autora conversava com as leitoras, “irmãs de Moisés”, sobre temas como casamento, trabalho, estudo, direitos de propriedade e equidade de direitos na tutela de seus filhos. Lançando mão de dezenas de ironias, Bartlett perguntava: “Deve a nova mulher advogar uma reforma no jeito de se vestir e preparar roupas similares a dos homens? (...) Existiu um curto período na história da raça que as vestimentas eram “feitas com o mesmo material para ambos os sexos”. Rev. Ella E. Bartlett, “The New Woman”, in *American Jewess: a Monthly Magazine of Social, Literary and Religious Subjects*, jul. 1895, pp. 169-171, p. 169.

<sup>294</sup> Para Carby, a “verdadeira irmandade” seria uma “instituição cultural” reforçada no século XIX por manuais, revistas femininas, programas educativos e práticas sociais. Carby, *Reconstructing Womanhood...*

<sup>295</sup> Adams Jr., “Rough Sketches...”, p. 171.

<sup>296</sup> *Portraits* retirados de John Adams Jr. “Rough Sketches: A Study of the Features of the New Negro Women”, *The Voice of the Negro*, ago. 1904, v. 1, n. 8, pp. 323-326.



Figura 58. “Esta garota de lindos olhos é resultado da formação cuidadosa em casa e da educação constante na escola. Há uma promessa rara de inteligência e caráter que emana da sua forte individualidade. Uma garota modelo, filha do reitor de uma faculdade, é Lorainetta”.



Figura 59. “No seu rosto existe uma impressão de bondade e carinho incomum, parte de um espírito empreendedor que tem sido responsável pela formação de Lena”.



Figura 60. “Você não pode evitar o movimento deste dignificado semblante. A formação universitária a faz parecer assim, o máximo”.



Figura 61. “Nós queremos homens merecedores, que saibam reconhecer e estimar mulheres que merecem tal apreciação. Esta é uma sentença de morte para o malandro e o mulherengo. Você deveria escrever um livro sobre isso, Eva”. (Eva e John Henry Adams Jr.

**Figuras 62 a 64** – 4 representantes da raça apresentadas como novas mulheres negras no livro *A New Negro for a New Century* de Booker T. Washington<sup>297</sup>



Figura 62. “Fannie Barrier Williams. Membro do Clube de Mulheres de Chicago, correspondente de jornal e escritora”.



Figura 63. “Ida Gray Nelson, D.D.S. A única senhorita de cor dentista no país. Graduada em Ann Arbor, Michigan: é bastante popular e tem obtido muito lucro com sua prática na cidade de Chicago”.

---

<sup>297</sup> Imagens e legendas reproduzidas de Booker T. Washington, *A New Negro for a New Century: an accurate and up-to-date record of the upward struggles of the Negro Race*, Chicago, American Publishing House, 1900.



Figura 64. “Mrs. Lulu Love. Proeminente professora de Cultura Física na Escola Pública de Washington, D.C.



#### **Capítulo 4: À flor da pele: cultura da beleza, cremes para clarear e as apropriações do discurso eugênico entre afro-americanas**

*Oh, Ladies! Parem e considerem.*

*Você sabe que o meu celebrado Imperial Whitener vai iluminar positivamente a pele negra tornando-a quase branca. Mulatos ou pessoas de pele clara podem clarear a pele [tornando-a] inteiramente branca. Uma garrafa é tudo que é exigido para completar o tratamento. [Após isso] o uso pode ser suspenso. Meu Imperial Whitener é infalível. Ele é com todo respeito, inofensivo. Como cortesia, eu pagarei \$100 a qualquer um que experimentá-lo. Seu efeito é visto de primeira. Eu manipulei o produto com uma tecnologia de ponta [que me permite] vendê-lo por um preço ao alcance de todos. Ele é vendido por \$25 a garrafa. Recentemente, ele foi reduzido para \$2, mas agora, para apresentá-lo, eu enviarei uma garrafa pré-paga para qualquer pessoa que me enviar \$0,50. Lembrem-se: eu garanto [a eficácia de] todas as garrafas. Seu dinheiro será devolvido se você não ficar satisfeito. Não demore, envie \$0,50 para Rilas Gathright 611 Twenty-Third St. – RICHMOND, Va.*

*(Propaganda Whitener Imperial, 1900)*

#### 4.1 Fabricando a beleza: moda e propaganda femininas na virada do século

Estamos vendo, sob o prisma do mundo negro, que, entre o final do século XIX e os anos 1920, a sociedade norte-americana passou por inúmeras transformações econômicas, dentre elas, a urbanização, o crescimento industrial e a conversão da população pobre em consumidora por excelência, sobretudo nos anos subseqüentes à Primeira Guerra Mundial, quando o país consolida-se como uma potência econômica mundial. Nessa nova condição, as empresas dirigem severos esforços para estimular o consumo em massa entre os trabalhadores assalariados.<sup>298</sup>

Diante disso, se acabamos de ser apresentadas à gloriosa mulher de cor e ao seu projeto de erguimento de uma feminilidade respeitada, é preciso agora interromper sua história, para mostrar o surgimento de uma diversificada indústria cosmética que transforma a figura feminina branca numa consumidora por excelência. Dessa feita, para entender alguns dos significados que tal indústria vai assumindo na construção de representações femininas que tentavam conciliar os ideais de uma educação vitoriana à aurora dos novos tempos, voltaremos ao século XIX.

A historiografia demonstra que até o Oitocentos a cosmética, embora se fizesse presente na penteadeira de muitas mulheres, era rechaçada como símbolo pernicioso que comprometia a beleza *natural*, a essência do feminino.<sup>299</sup> Imbuídas dessa mentalidade, a partir dos anos 1830 surgem, em várias partes do mundo, impressos dedicados a ensinar o público feminino a arte de ser mulher. Conselhos de como cuidar da casa, do marido e dos filhos coexistiam com orientações enfáticas para não comprar ou usar artigos de *toilette* tais como batons, perfumes, rouges ou pó faciais, símbolos de condutas desviantes. Via de regra, essa literatura prescritiva foi responsável por construir um discurso sobre o feminino

---

<sup>298</sup> Nas primeiras décadas do XX, o salário torna-se peça chave para a “formação da demanda de um amplo segmento industrial”, assim como para o “sustento das famílias”. Os dados do setor automobilístico ilustram tais transformações. Entre 1893 e 1929, a “relação carro/habitante passou de um carro para cada 10 mil americanos para um carro para cada 5 americanos”. Mas esse aumento do poder de consumo entre as classes baixas não foi linear. A partir de 1923, a política de acumulação de capital implementada pelas grandes empresas refreará a “esfera do consumo” comprometendo a “demanda necessária para dar continuidade ao sistema”. Isso é discutido de forma aprofundada em: Flávio Limonci, *Os inventores do New Deal: Estado e Sindicato no combate à Grande Depressão*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2009, p. 123; 6.

<sup>299</sup> Georges Vigarello, *História da Beleza: o corpo e a arte de se embelezar, do Renascimento aos dias de hoje*, Rio de Janeiro, Ediouro, 2006.

atrelado a uma “maternidade científica”<sup>300</sup> que orientava mulheres a alcançar uma beleza moral, na qual a aparência discreta e recatada, conciliada com sua função biológica de reprodutora traduzia-se como sinal de virtude e honra.<sup>301</sup>

Ainda que a casa fosse o único universo possível para a manifestação do feminino normal, as coisas estavam mudando sob bases que começavam a reverenciar a mulher-mãe enquanto uma consumidora, uma figura pública. Por isso, revistas femininas americanas como a *Godey's Lady's Book* (1830-1898), ao mesmo tempo em que condenavam o uso de cosméticos “tóxicos” e, através da ficção, criticavam jovens interesseiras como Clara, que “considerava a riqueza [masculina] essencial para a felicidade doméstica”, também introduziam novas formas (tensas) de conjugar o feminino.<sup>302</sup>

Na edição de janeiro de 1850, por exemplo, o magazine informava “sobre os costumes das *ladies* no Velho Mundo”. A *Godey's*, aliás, pouco usou a palavra “moda”, na sua opinião, sempre passível de “perecer”.<sup>303</sup> Em vez disso, preferia o vocábulo “costume” que, como a leitura das suas páginas sugere, estaria relacionado à idéia de práticas culturalmente enraizadas. Por intermédio de ensinamentos históricos dos tais “costumes femininos”, nos números seguintes, as leitoras aprendiam a reformar antigas peças do seu guarda-roupa e, como ninguém era de ferro, também recebiam fuxicos sobre as últimas da alta sociedade nova iorquina e parisiense.<sup>304</sup>

---

<sup>300</sup> “Maternidade científica” refere-se à construção de uma maternidade supervisionada pela medicina em questões como amamentação e higiene infantil e que se remete à complicada interação entre ciência, medicina, economia e cultura. Rima D. Apple, *Mothers and Medicine. A social history of infant feeding*, Madison, The University of Wisconsin Press, 1987.

<sup>301</sup> Para entender os significados do discurso maternalista do século XIX e suas implicações para as relações de gênero ver, dentre outros: Maria Martha de Luna Freire, *Mulheres, mães e médicos: discurso maternalista no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

<sup>302</sup> A respeito da moda no século XIX ver: Karen Halttunen, *Confidence Men and Painted Women: A Study of Middle Class Culture in America, 1830-1870*, New Haven, Connecticut, Yale University Press, 1982; Lois Banner, *American Beauty*, Chicago, University of Chicago Press, 1984.

<sup>303</sup> Mantumaker, “A Sketch of The History of Death of Louis XIV. To Female Costume, From the Our Own Days – N<sup>o</sup> X” (Compiled From the French Authorities), *Godey's Ladies Book*, Philadelphia, February, 1850.

<sup>304</sup> Mrs. Joseph C. Neal, “Ideal Husbands or School Girl Fancies”, *Godey's Ladies Book*, Philadelphia, January, 1850.

Já no final do XIX, os modelos distintos de trajes domésticos e de passeio de outra revista dirigida à mulher, a *Peterson's Magazine*, mostram que a rua chegava para ficar no cotidiano das felizes donas de casa.<sup>305</sup> E, dessa forma truncada e ambígua, a imprensa dava os primeiros passos na construção de uma nova mulher, inserida num sistema de consumo que marcava a “nova autoridade cultural da classe média”<sup>306</sup> e a emergência das publicações femininas.<sup>307</sup>

Marcada por tensões, a passagem imagética do antigo para o novo feminino trouxe, de tal modo, novas percepções de beleza. Conforme demonstrado pela vasta historiografia norte-americana dos negócios (*Business History*<sup>308</sup>), no interior desse processo, as mulheres ocuparam papéis significativos que invertiam a lógica supostamente intrínseca aos gêneros (homem e rua, mulher e casa). Como cabeleireiras, costureiras, esteticistas, empresárias e consumidoras, elas se tornaram autoridades nos assuntos de moda e desenvolveram uma “economia feminina”<sup>309</sup> que estabelecia conexões entre embelezamento e comércio, enfatizando, para tal, a importância de conquistar uma aparência física desejável com o uso de cosméticos e outras técnicas.

Nos EUA da virada do século, tais figuras tornaram-se sujeitos visíveis, edificando novas relações sociais que misturavam o público e o privado via mercado da beleza. Um bom exemplo disso é o surgimento da *California Perfume Company* em 1886. Com seu sistema de vendagem de porta em porta, executado por suas *ladies*, a futura *Avon*

---

<sup>305</sup> *Peterson's Magazine*, February, 1883.

<sup>306</sup> Kathy Peiss, “On Beauty... and the History of Business”, in Philip Scranton (Ed.), *Beauty and Business: Commerce, Gender, and Culture in Modern America*, New York, Routledge, 2001, pp. 7-22.

<sup>307</sup> Kathy Peiss, *Hope in a Jar: the making of America's Beauty Culture*, New York, Henry Holt, 1999.

<sup>308</sup> Kenneth Lipartito, “Culture and the Practice of Business History”, *Business and Economic History*, 24, Winter 1995, pp. 1-41; Philip Scranton, “Introduction: Gender and Business History”, *Business and Economic History*, v. 72, n. 2, Summer 1998, pp. 185-187; Kathy Peiss, “ ‘Vital Industry’ and Women's Ventures: Conceptualizing Gender in Twentieth Century Business History”, *Business and Economic History*, v. 72, n. 2, Summer 1998, pp. 218-241; Joan Scott, “Comment: Conceptualizing Gender in Business History”, *Business and Economic History*, v. 72, n. 2, Summer 1998, pp. 242-249.

<sup>309</sup> Gamber demonstra que muitas mulheres tornaram-se proprietárias de pequenos negócios e nessa condição pesquisaram novidades, criaram costumes e, muitas vezes, elevaram suas comunidades. Diante disso, a autora defende a formação de uma “economia feminina” americana na virada do século. Wendy Gamber, *The Female Economy: The Millinery and Dressmaking Trends, 1860-1930*, Illinois, University of Illinois Press, 1997.

apresentava sua cosmetologia e, de mulher para mulher, ensinava consumidoras a manipularem diferentes produtos.<sup>310</sup> No decorrer do tempo, iniciativas como essa multiplicaram-se e garantiram a construção de um mundo público da beleza feminina que tinha no sucesso do lar um dos seus maiores motes de vendagem.

Ao tornar a beleza um sonho a ser realizado, um bem a ser conquistado, adquirido, a cosmetologia da virada do século deixava para trás (mas não completamente) a definição unívoca do belo como uma qualidade natural e imutável. E, como veremos a seguir, em sintonia com as teorias eugênicas e higienistas, tal mercado cumprirá papel de destaque na determinação dos atributos físicos do feminino, da raça, do gênero, da classe e da faixa etária, transformando o corpo, a auto-imagem e as identidades de mulheres (e homens) em consonância com as demandas de consumo de um capitalismo emergente.

#### **4.2 “Emoções da pele”: indústria cosmética, capitalismo, higienismo e eugenia**

Apesar das ligações diretas entre pele, transparência e sucesso (ou tez, escuridão e fracasso) propagadas por empresas como a *Kashmir*, a *Overton Hygienic Company*, a *Poró Beauty* e a *Madam C. J. Walker Manufacturing Company*, abertamente voltadas para o mercado consumidor negro, enganam-se aqueles que pensam que a preocupação com a aparência da *cútis* era uma particularidade de tal segmento. Assim, para compreender os significados da indústria cosmética negra em toda sua complexidade, sem incorrer no erro de uma racialização isolada, que restringe certas práticas sociais de manipulação corpórea às experiências de um único grupo, esta seção mantém-se na trilha do feminino branco, destacando alguns momentos do processo de erguimento de uma idéia de beleza americana, que influenciada pela eugenia, restringia o ser bela a uma luta eterna para o aperfeiçoamento da pele branca.

Desde os primeiros anos do século XX, *madames* e *misters* brancos de uma ainda tímida cosmetologia começavam a perceber que as lições de cuidado com a epiderme, se ao menos bem divulgadas, poderiam se transformar numa verdadeira mina de dinheiro. Vários produtos não nos deixam mentir. Vamos então começar apresentando o *Jonteel*. Perfumado com o “odor de 26 flores”, o creme facial garantia que não faria “nascer pêlos

---

<sup>310</sup> Katina L. Manko, “ ‘Now You Are in Business for Yourself’: The Independent Contractors of the California Perfume Company, 1886-1938”, *Business and Economic History*, 26, n. 1, 1997, pp. 5-26.

no rosto” de suas clientes.<sup>311</sup> Já o *Woodbury’s Facial Soap*, outro produto que também tentava conquistar mercado, prometia, nos idos de 1905, “preservar” e “cultivar” a “compleição” das freguesas que nele confiassem.<sup>312</sup> Nessa batalha, algumas ofertas pareciam mais tentadoras do que outras. É o caso do *Packer’s Tar Soap*. Se decidissem por ele, as consumidoras resolveriam seus “problemas de beleza” numa só tacada, visto que o sabonete “emoliente” e “antisséptico” possuía “qualidade inigualável” no trato da “pele e do cabelo”, isto, talvez, porque fosse “puro como os pinhos”.<sup>313</sup>

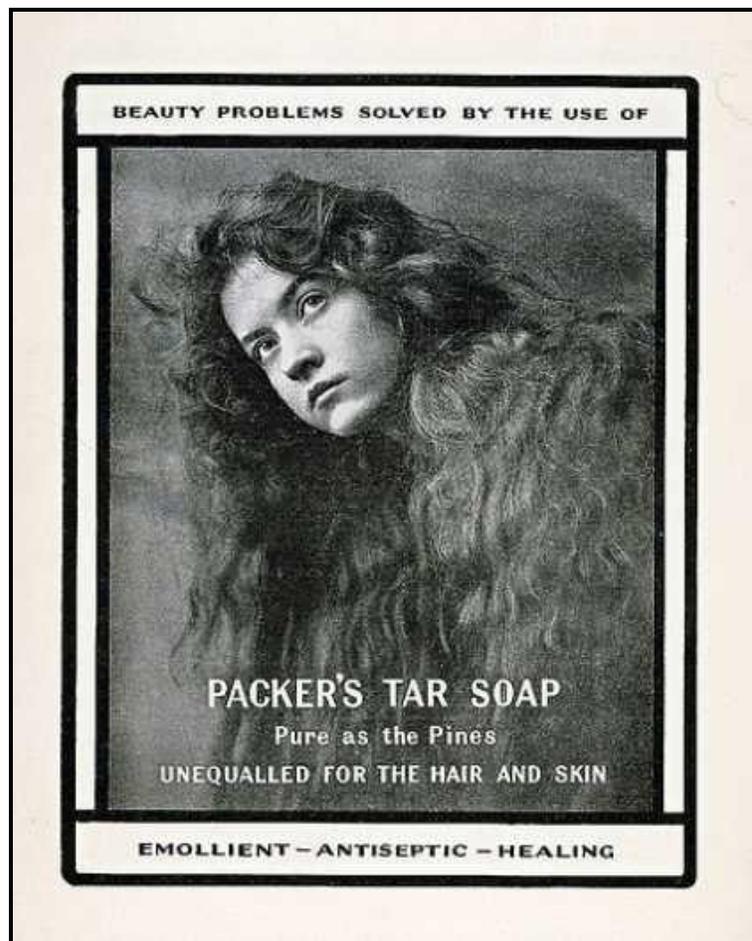


Figura 65. *Packer's Tar Soap*, 1904.

**Fonte:** *Vintage Ad Browser, Beauty and Hygiene Ads of 1900s*, disponível em: <http://www.vintageadbrowser.com/beauty-and-hygiene-ads-1900s/3> Acesso: 20/08/2011.

---

<sup>311</sup> *Jontel Face Cream*, 1900.

<sup>312</sup> *Woodbury's Facial Soap*, 1905.

<sup>313</sup> *Packer's Tar Soap*, 1904.

Ao apostar no potencial da mulher do século XX como consumidora, até os anos 1920, vemos nascer marcas como a *Pond's*, a *Palmolive* e a *Lux* nos EUA, a *Bourjouis* na França e a *Empresa Feminina* no Brasil. Inseridas num contexto mais amplo de emergência do capitalismo industrial, essas firmas brindavam suas seguidoras com a “mensagem da nova beleza”.<sup>314</sup> Diretamente conectada às teorias médicas da época, essa “nova beleza”, com suas dicas sobre pureza, naturalidade e saúde perfeita, quase sempre ilustradas pelas imagens de mulheres de aparência fantasmagórica, cumpriram grande papel na massificação de ideais médicos que condicionavam a beleza ao aperfeiçoamento da raça branca e à limpeza profunda dos corpos. Por isso, antes de continuar analisando os anúncios, é importante conhecer um pouco do processo de popularização da eugenia<sup>315</sup> e do higienismo no país.

Num intercâmbio profícuo com a medicina européia, os EUA promovem, no começo do século XX, a popularização do movimento eugênico, que, desde os seus primórdios foi concebido como uma filosofia moral que visava a manutenção da pureza racial caucasiana. Dentro de uma campanha de transmissão dos valores eugênicos para o maior número de pessoas, o que era, inicialmente, uma teoria foi se tornando um movimento até se consolidar como uma política do Estado americano, que, amparado por seus teóricos, fundou uma série de organizações<sup>316</sup> responsáveis por promover eventos,

---

<sup>314</sup> *Pond's – A Message of New Beauty*, 1906.

<sup>315</sup> Cunhada pelo francês Francis Galton (1822-1911) em 1883, a palavra eugenia começou a ser usada no Velho Continente como uma orientação da medicina visando o aperfeiçoamento genético dos indivíduos e a segregação de grupos considerados impróprios para a evolução humana. Assumindo rapidamente o *status* de teoria, a eugenia – muito influenciada pela teoria setecentista da degenerescência humana – norteou o pensamento de médicos como o italiano Cesare Lombroso e seus tipos criminosos natos, assim como do alemão Rudolph Virchow, um dos expoentes do movimento de higiene racial no seu país e que treinou vários médicos americanos dentro dessa perspectiva. Ver, dentre outros, Elof Carlson, “Scientific Origins of Eugenics”. Disponível em: <http://www.eugenicsarchive.org/eugenics/list2.pl> Acesso: 19/09/2011.

<sup>316</sup> Em 1906, surgia a *Race Betterment Foundation*. Criada em Michigan por J. H. Kellog, o famoso empresário dos cereais, a associação patrocinaria três grandes conferências sobre melhoramento racial entre os anos 1910 e 1920. Dando seqüência às políticas para sua popularização, em 1910, nasce no país o *Eugenics Record Office*, dirigido pelos eugenistas Charles Davenport e Harry Laughlin. Já em 1918, é a vez da *Galton Society*, organização também compromissada com a divulgação de explicações científicas sobre as desigualdades raciais entre os diferentes tipos humanos, bem aos moldes das proposições *well-born* (bem-nascido) lançadas pelo seu ilustre homenageado, o inglês Francis Galton. Com base nesse ideário de ameaça dos tipos raciais inferiores, entre 1912 e 1932, ocorrem três congressos internacionais de eugenia. Outro momento importante dessa história será o lançamento da *American Eugenics Society* em 1922. Trazida à baila por nomes como Madison Grant, Henry Osborn e Henry Crampton, a associação popularizou ainda mais a

formar educadores e subsidiar o desenvolvimento de um conjunto de leis biológicas que defendiam a esterilização<sup>317</sup>, a proibição dos casamentos interraciais<sup>318</sup> e da imigração irrestrita<sup>319</sup> e a segregação de doentes mentais como medidas preventivas ao desaparecimento da raça branca.

---

eugenia através da promoção de palestras sobre educação genética, melhoramento racial e saúde eugênica. Conforme lembrado por Selden, um dos motivos que acelerou tal massificação foi o investimento da AES na criação de comitês de cooperação com igrejas, de concursos de sermões religiosos e de discursos que defendiam a imigração seletiva. A academia também foi outro espaço fundamental na estruturação da ideologia eugênica. Nos anos 1910, por exemplo, grandes universidades como Harvard, Columbia e Brown incluíram nas grades de seus cursos discussões sobre o assunto. Nos anos 1920, o *National Education Association's Committee on Racial Well-Being* (Comitê da Associação Nacional de Educação pelo Bem-Estar Racial) patrocinou uma série de programas para formar professores do nível superior em conteúdos relacionados à questão. De acordo com Selden, em 1928, a eugenia era tópico em 376 faculdades, atingindo aproximadamente 20.000 estudantes e, entre 1914 e 1948, seu posto de “ciência legítima” era indiscutível na maior parte das instituições educativas do país. E assim, através de livros como o *Popular Book on Eugenics and Marriage*, os estudantes aprendiam que as “restrições migratórias” e as práticas de “segregação” e “esterilização” eram fundamentais para preservar a “cultura americana”. Ver: Steven Selden, “Eugenic Popularization”. Disponível em: <http://www.eugenicsarchive.org/eugenics/list2.pl> Acesso: 19/09/2011.

<sup>317</sup> Desde o final do século XIX, médicos americanos de diferentes estados vinham desenvolvendo um *know-how* aprofundado sobre a eugenia, que tinha na esterilização dos socialmente “inadequados” um de seus principais objetivos. Em 1899, por exemplo, Harry Clay Sharp implementou o sistema de vasectomia entre presidiários da cidade de Jeffersonville em Indiana. Em 1907, o estado torna-se o primeiro no país a criar uma lei de esterilização compulsória voltada para criminosos e doentes mentais, sendo seguido por Connecticut. Em 1914, o Modelo Eugênico de Esterilização é adotado como lei em doze estados. Idealizado por Harry Laughlin, o MES previa a esterilização compulsória de criminosos, bêbados, epiléticos, órfãos, cegos, mutilados, pobres e mendigos. Em 1924, aproximadamente 3.000 pessoas foram atingidas por essa política. Paul Lombardo, “Eugenic Sterilization Laws”. Disponível em: <http://www.eugenicsarchive.org/eugenics/list2.pl> Acesso: 19/09/2011.

<sup>318</sup> Madison Grant, um dos principais líderes eugenistas, defendia desde 1900 que o casamento interracial representava um “crime social e racial” que ocasionaria o “suicídio racial” da “raça branca”. Paul Lombardo demonstra que o argumento de “contaminação da raça branca” foi utilizado para a criação de uma nova legislação matrimonial que, dentre outros, passava a exigir um atestado de brancura para os noivos. Seguindo essa perspectiva eugenista, em 1924, o estado da Virgínia (seguido da Geórgia e do Alabama) proclamou o seu Ato de Integridade Racial tornando ilegal casamentos interraciais. Transformado em lei, ele reforçava a necessidade de certificação de pessoas brancas através de critérios raciais “científicos”. Somente em 1967, o ato e outras leis similares espalhadas por doze estados foram extintas. Paul Lombardo, *Eugenic Laws Against race Mixing*. Disponível em: <http://www.eugenicsarchive.org/eugenics/list2.pl> Acesso: 19/09/2011.

<sup>319</sup> Em 1882, foi promulgado o Ato para Regular a Imigração no país que previa a restrição à entrada de pessoas que não tivessem condição de pagar os impostos públicos. No mesmo ano foi decretado o *Chinese Exclusion Act* (Ato de Exclusão Chinesa), primeira medida que excluía oficialmente um grupo por critérios raciais. No final dos anos 1870, a imigração para os EUA foi de aproximadamente 150.000 pessoas. Na virada do século, esse número aumenta para 800.000, chegando 1.250.000 em 1907. Esse crescimento estrondoso, interpretado como ameaça à mão-de-obra nacional e como um foco de doenças, também foi apropriado pelos teóricos eugenistas como uma ameaça à pureza anglo-saxã. Assim, através da *Immigration Restriction League* (Liga de Restrição à Imigração) e do *Public Health Service* (Serviço Público de Saúde) a entrada de estrangeiros tornou-se cada vez mais controlada. Paul Lombardo, “Eugenic Laws Restricting Immigration”. Disponível em: <http://www.eugenicsarchive.org/eugenics/list2.pl> Acesso: 20/09/2011.

Já o higienismo, teoria européia da primeira metade do século XIX, apresentava-se como um saber médico dedicado a melhorar as condições de salubridade no espaço urbano. Respaldados por tal objetivo, os cientistas desenvolviam pesquisas sobre bactérias e microorganismos, ressaltando a importância de proteger o ar, a água e o sol, elementos tidos como essenciais no combate aos chamados “miasmas”. Faziam isso em companhia de engenheiros que, por sua vez, davam sua contribuição à nação tentando, avidamente, replanejar o espaço urbano, conforme exigia uma civilização dos tempos modernos. Apesar da retórica de preocupação com o meio ambiente e com a urbanização, o movimento era animado pela inevitabilidade de moralização das classes pobres, vistas como socialmente doentes devido aos seus hábitos desregrados, anti-higiênicos e imorais. Assim, em diferentes partes do mundo, o higienismo transformou a pobreza em alvo das políticas repressivas da saúde pública.<sup>320</sup>

Os produtos cosméticos que circulavam na grande imprensa foram fortemente influenciados pelas idéias de limpeza difundidas pelo higienismo. Isto pode ser percebido pelos comerciais de cremes e pomadas para a pele como o que lemos abaixo:

PARA SER BONITA a pele deve ser *vibrante*, com saúde; sua respiração deve ser completa e natural. [A pele deve] desfrutar de uma limpeza profunda e constante, os póros devem ser desobstruídos para que as glândulas oleosas possam ser saudavelmente ativadas para realizarem seu trabalho.<sup>321</sup> (Grifo do original)

Ao construir as narrativas das propagandas, os publicitários da época, se é que assim os podemos chamar, mostravam-se afinados com o obcecado discurso higienista da “limpeza profunda”. A eugenia, ainda que de forma distinta, também reinava nos textos, porque, em geral, os comerciais partiam do pressuposto que o mercado da beleza era,

---

<sup>320</sup> Para entender o papel do higienismo como parte de uma “cultura do controle” social e tecnológica nos EUA e na Europa ver: Mirian R. Levin (Ed.), *Cultures of Control*, Amsterdam, Harwood, 1999. Sobre o papel ocupado pela moralização e pela propagação dos valores e hábitos burgueses entre os trabalhadores franceses como forma de higienizar o país ver: Ann F. La Berge, *Mission and Method: the Early-Nineteenth-Century French Public Health Movement*, New York, Press Syndicate of the University of Cambridge, 1992. Para a formação de uma “ideologia higienista” e racializada que pressupunha uma forma “científica” de “gerir os problemas da cidade e das diferenças sociais nela existentes” ver: Sidney Chalhoub, *Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial*, São Paulo, Companhia das Letras, 1996, p. 35 e ss. Uma perspectiva comparada das novas relações entre estado e sociedade e dos impactos do higienismo na América Latina da virada do século está em: Jens Andermann, *The Optic of the State: Visuality and Power in Argentina and Brazil, Pennsilvanya*, University of Pittsburgh Press, 2007.

<sup>321</sup> *Pond's - To Be Beautiful – A New Beauty Culture*, 1907.

exclusivamente, composto por consumidoras brancas. Torna-se então necessário ressaltar que, se olhados em série, os documentos revelam uma lógica interna curiosa. Isto é, enquanto os textos eram norteados pelos princípios higienistas, as imagens eram, indiscutivelmente, eugênicas.

O comercial transcrito acima, por exemplo, apresentava o desenho de uma jovem caucasiana com sorriso contido, feições finas e roupas que misturavam o estilo aristocrata europeu do século XVIII e suas mangas bufantes com a moda dos enormes chapéus femininos de passeio da virada do século. Ao demarcar ainda mais seus princípios de melhoramento humano, o pequeno escrito oferecia algo a mais, uma subseção denominada “A Nova Cultura da Beleza”. Nos tempos modernos, cabia a essa tal “nova cultura” o compromisso de mostrar o que fazer para alcançar uma *cútis* “bonita”:

Extrato de Sabão Pond’s – A Nova Cultura da Beleza

Emoções da pele – aberta, purificada e limpa. Fabricado pela *Pond’s Extract* [o sabonete] vai fundo em cada poro agindo como um estímulo instantâneo para os nervos e vasos sangüíneos subjacentes, alivia e cura delicadamente todas as irritações.<sup>322</sup>

O que este ideário de beleza trazia de novo? Em primeiro lugar, ele tentava convencer as futuras adquirintes que o *status* da pele mudara. Tinha sentimentos próprios (“aberta”, “purificada” e “limpa”) e, por isso, ninguém melhor que um sabonete com coragem de ir “fundo” em “nervos” e “vasos sangüíneos” para cumprir a santa missão de purificá-la e evitar sua “fadiga”.<sup>323</sup> A tez, enfim, gozava da nova posição de um sujeito a ser manipulado na busca por suas qualidades mais notáveis. Com vistas a esse objetivo e mostrando dedicação às lições higienistas, os anúncios destacavam que era “vital”<sup>324</sup> que, mesmo que “normal”<sup>325</sup> e “jovem”<sup>326</sup>, a epiderme fosse protegida, ao máximo, de inimigos

---

<sup>322</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>323</sup> *Lifebuoy Health Soap – Skin fatigue is the foe of beauty*, 1924.

<sup>324</sup> *Pond’s Cold Cream and Vanishing Cream – Gloria Gould tells why the care of the skin is vital*, 1924.

<sup>325</sup> *Pond’s Cold Cream and Vanishing Cream – Every normal skin needs two creams*, 1922.

<sup>326</sup> *Pond’s Cold Cream and Vanishing Cream – Your smooth fresh face – what are you doing to keep it young?*, 1923.

naturais como as “condições climáticas”<sup>327</sup> impróprias, propagadoras de agentes como os “ventos de março”<sup>328</sup>, o “sol brilhante”<sup>329</sup>, o calor e o frio excessivos, todos eles responsáveis por criar “rachaduras”<sup>330</sup> e torná-la “áspera”.<sup>331</sup>

Os segredos de como faxinar o couro humano eram apresentados às leitoras no formato de anúncios-aulas um tanto quanto didáticos: “você deve usar o sabonete para nada mais do que a remoção da sujeira, do óleo e da transpiração que ficam nos póros e causam a maioria dos problemas de pele”.<sup>332</sup> Com tais comerciais, o mercado cosmético ajudava a construir um discurso de *medicalização da beleza* que multiplicava argumentos que definiam a higiene como uma questão de saúde imediata, mas também de melhoria física a longo prazo, daí a insistência de muitos textos na necessidade do “cuidado constante”.

---

<sup>327</sup> *Pears Soap - Weather Wisdom*, 1913.

<sup>328</sup> *Pond's Vanishing Cream – How to protect your skin from March winds*, 1915.

<sup>329</sup> *Pond's Vanishing Cream – Get all the benefits of Summer sunshine but avoid the discomforts*, 1911.

<sup>330</sup> *Pond's Vanishing Cream – Why your skin chaps and How to prevent it*, 1912.

<sup>331</sup> *Pond's Cold Cream and Vanishing Cream – Why the harsh, cold winds of winter hurt your skin*, 1918.

<sup>332</sup> *Palmolive – Better Than Jewell*, 1922.



**To Be Beautiful**

—the skin must be *vibrant* with health; its breathing must be full and natural; it must enjoy constant *deep* cleanliness; the pores must be unimpeded, so that the oil glands can be healthfully active in their work.

**Pond's Extract Soap**  
*The New Beauty Culture*

thrills the skin—opens, cleanses, clears. Impelled by the Pond's Extract it contains, it goes deep into every pore, where it acts as an instant stimulus upon the underlying nerves and blood vessels, soothes and gently heals all irritation.

¶ Pond's Extract Soap keeps the skin fresh and flexible, soft, smooth and beautiful.

¶ Be on your guard against substitution. There are many so-called "witch-hazel" soaps, artificially colored green, offered as "just as good." Pond's Extract Soap is as pure as its cream-white color indicates. The name appears on cake and container. Ask your druggist.

¶ Any or all of these valuable books, "The Complexion," "The Bath," "Baby's Bath," "Handsome White Hands," by Grace Truman-Hoyt, the noted beauty-specialist, will be sent free on receipt of postage.

**Armour & Company**  
 Sole Licensees from Pond's Extract Co.  
 Chicago New York London Paris

Figura 66. "Para ser bonita", *Pond's*, 1907.

Fonte: *Vintage Ad Browser, Beauty and Hygiene Ads of 1900s*, disponível em: <http://www.vintageadbrowser.com/beauty-and-hygiene-ads-1900s/5> Acesso: 20/08/2011.

Mas, de fato, qual era o sentido de ter uma pele limpa nesse momento, quando os anúncios circulavam bastante? Higienizar a tez significava, antes de mais nada, clareá-la; torná-la a mais reluzente possível, afinal, como abertamente ressaltava o *Pompeian Beauty Powder*, a "beleza dependia do quão bem a pomada" combinava com a "compleição [da consumidora]".

Apesar do discurso de variedade do artigo a depender do gosto (da cor) de cada cliente sugerir um reconhecimento da diversidade racial feminina, a foto da jovem quase transparente, apresentada como uma "mulher esperta" e engajada na "luta" por uma "compleição natural" deixava reluzente o público alvo para qual o produto se destinava.<sup>333</sup>

<sup>333</sup> *Pompeian Beauty Powder – Beauty depends on how well your powder matches your skin*, 1926.

Travestidas de uma campanha anti-imundície, centenas de preleções de higiene, aparentemente ingênuas como esta, tornaram-se uma febre na grande imprensa consolidando assim uma *pedagogia* própria à indústria dos cuidados da beleza – um *beauty care* diretamente conectado à questão racial, visto que a pele limpa era propagandeada como algo naturalmente restrito às caucasianas.

Beauty depends on how well  
your powder matches your skin

*Pompeian Beauty Powder  
is made to blend perfectly  
with your complexion.*

By MADAME JEANNETTE DE CORDET  
Beauty specialist, received by The Pompeian Laboratories  
an examination into various other competing brands  
of the kind and the price as if beauty perfection.

A SOFT, delicate texture; a lovely, satiny face—yet not a sign of powder. What is the secret of her alluring complexion? Does she use powder? She does, but a shade that matches so perfectly the tone of her skin that she secures the good effects of powder without seeming to use it.

All smart women strive for a natural complexion, but all do not achieve it. Not all women have found a powder that really matches their skin—a powder that reveals their natural coloring. These women thank me for telling them about Pompeian Beauty Powder. Complexions are not composed of single colors, but a blend of different colors. So it is only natural that powder to match your complexion must also be a blend.

Pompeian Beauty Powder is scientifically blended from different colors. Whatever the tone of your complexion, a shade of this powder matches it perfectly.

Pompeian Beauty Powder has gained its remarkable popularity because of its purity, its delicate odor, its quality of adhering well—and its perfection of shade. If you have experienced the difficulty of having your powder look "chalky and unnatural," buy a box of Pompeian Beauty Powder today, in the shade suggested below.

**SHADE CHART for selecting your shade of Pompeian Beauty Powder**

**Medium Skin:** The average American skin tone is medium, neither decidedly lighter nor definitely olive. This skin should use the *Natural* shade.

**Olive Skin:** Women with this type of skin are apt to have the dark hair and eyes characteristic of beautiful Spanish women. This skin should use the *Rosé* shade.

**Flak Skin:** This is the ruddy, rose-tinted skin (not the flax skin) and should use the *Flak* shade.

**White Skin:** This skin is unusual, but if you have it you use the only type that should use *White* powder in the department.

Buy a box of Pompeian Beauty Powder today. At retail countries, 60c. (Slightly higher in Canada.) Purity and satisfaction guaranteed.

P.S. I suggest Pompeian Day Cream to protect your skin against the weather, and *Jacquette de Cordet* Special in Dress.

*Lately women are often inclined to employ color-creams as the ones who have that Pompeian Beauty Powder has a shade to match their special skin tone.*

Send for this new 1927 Pompeian Art Panel

This picture shows how perfectly represents the lovely new 1927 Pompeian Art Panel entitled "The Bride," which we offer our friends for only 15c. Painted by the famous artist, Rolf Armstrong, and faithfully reproduced in two color paintings. Actual size, 27 by 7 inches. Its art score value would easily be 75c to \$1.00.

With the Art Panel (and at no extra charge) Madame Jeannette de Cordet will send you generous samples of Pompeian Beauty Powder and Pompeian Bloom (a rouge). Specify on the coupon the shade of powder you wish.

Madame Jeannette's booklets of beauty hints and secrets will also be sent to you with the samples and the Art Panel.

Clip the coupon, enclose a dime and send today. Use the Coupon Now!

Madame Jeannette de Cordet, Designer in Paris, New York, London, etc. Founded in 1857 Art Panel and samples. Color samples, 10c. per set.

Name \_\_\_\_\_  
Address \_\_\_\_\_  
City \_\_\_\_\_  
State \_\_\_\_\_  
Shade of powder? \_\_\_\_\_

Women's Home Companion October 1926

Figura 67. “Beleza depende de quanto o seu pó [facial] combina com sua pele”, *Pompeian Beauty*, 1926.

Fonte: *Vintage Ad Browser, Beauty and Hygiene Ads of 1920s*, disponível em:

<http://www.vintageadbrowser.com/beauty-and-hygiene-ads-1920s/18> Acesso: 20/08/2011.

Ao silenciar a diversidade racial que compunha sua população, lançando mão, para isso, da normatização do feminino branco como universal, a indústria cosmética norte-americana mostrava-se bastante afinada com a eugenia. Essa sintonia também aparecia nas representações de pessoas negras e indígenas em anúncios sempre relacionados aos afazeres domésticos (farinhas, detergentes, óleos, etc.) e ao consumo de álcool, como no caso dos *Gold Dust Twins*, dois bonecos negros (“os irmãos certos para a limpeza”) que vestiam apenas uma saia com a marca do produto escrita e que eram satiricamente chamados de “Os Gêmeos do Pó de Ouro”, do rum *Negrita*, que exibia uma negra retinta, com blusa amarela decotada e que esbanjava alegria por segurar a garrafa gigante da

bebida; da farinha da tia Jemina, embalada no “pacote do futuro” e, por fim, do casal de índios de pele rosada do “belo grapefruit” e daquele solitário que, caracterizado de apache e sem um dos dentes da arcada superior, segurava orgulhoso um delicioso pão de maçã, assim representando o *Skookum Packers Association*.



Figura 68. *Gold Dust Twins*, 1910.

Fonte: *Vintage Ad Browser*, *Race Advertisements of the 1910s*, disponível em: <http://www.vintageadbrowser.com/race-ads-1910s> Acesso: 20/08/2011.

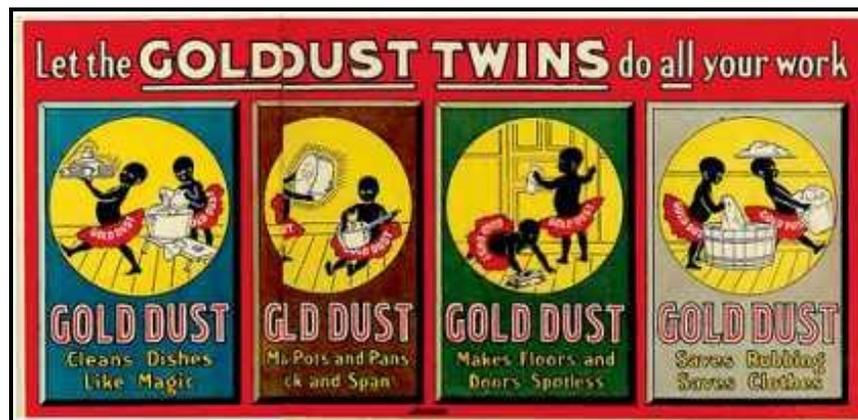


Figura 69. *Gold Dust Twins*, 1910.

Fonte: *Vintage Ad Browser*, *Race Advertisements of the 1910s*, disponível em: <http://www.vintageadbrowser.com/race-ads-1910s> Acesso: 20/08/2011.

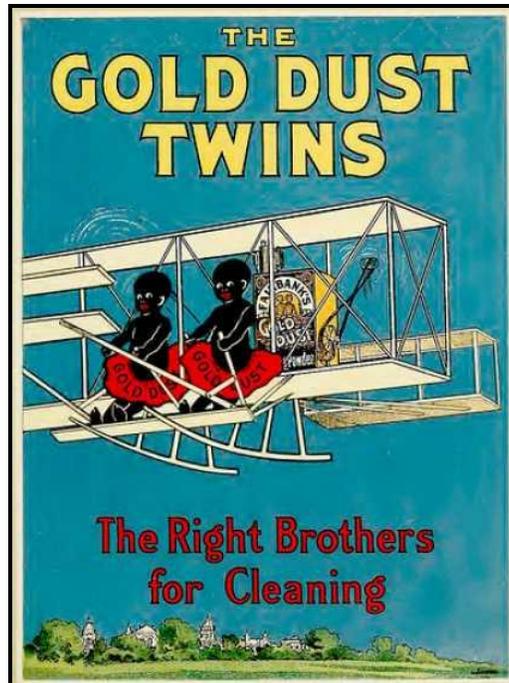


Figura 70. *Gold Dust Twins*, 1910.

Fonte: *Vintage Ad Browser, Race Advertisements of the 1910s*, disponível em: <http://www.vintageadbrowser.com/race-ads-1910s> Acesso: 20/08/2011.



Figura 71. *Gold Dust Twins*, 1916.

Fonte: *Vintage Ad Browser, Race Advertisements of the 1910s*, disponível em: <http://www.vintageadbrowser.com/race-ads-1910s> Acesso: 20/08/2011.



Figura 72. Rhum Negrita, 1910.

Fonte: *Vintage Ad Browser, Race Advertisements of the 1910s*, disponível em: <http://www.vintageadbrowser.com/race-ads-1910s> Acesso: 20/08/2011.



Figura 73. “A embalagem do futuro”, 1918.

Fonte: *Vintage Ad Browser, Race Advertisements of the 1910s*, disponível em: <http://www.vintageadbrowser.com/race-ads-1910s> Acesso: 20/08/2011.



Figura 74. *Indian Belle Grapefruit*, 1916.

Fonte: *Vintage Ad Browser, Race Advertisements of the 1910s*, disponível em: <http://www.vintageadbrowser.com/race-ads-1910s> Acesso: 20/08/2011.

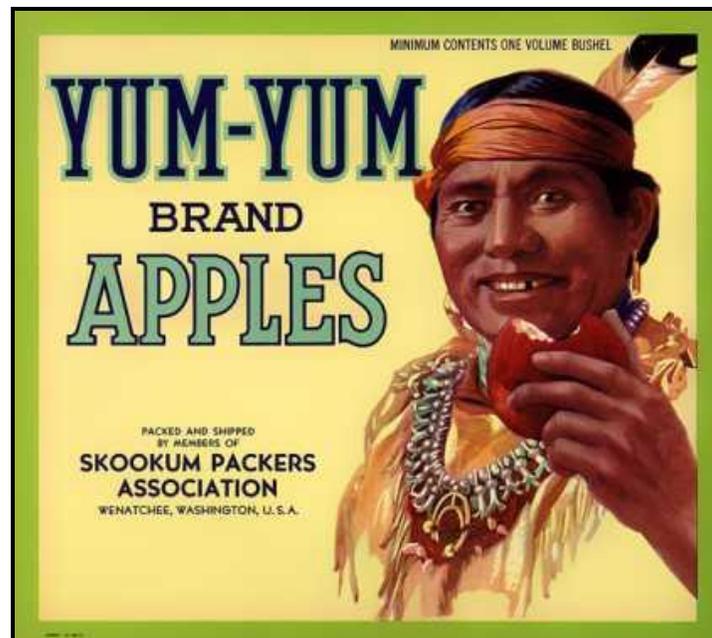


Figura 75. *Yum-Yum Brand Apples*, 1920.

Fonte: *Vintage Ad Browser, Race Advertisements of the 1920s*, disponível em: <http://www.vintageadbrowser.com/race-ads-1920s/2> Acesso: 20/08/2011.

Em contraposição racial a essas enternecidas figuras, uma famosa campanha da *Palmolive* veiculada nos anos 1920 nos define, em apenas uma linha, quem era a bela por excelência: “a jovem com pele clara, suave e radiante com frescor e cor naturais”.<sup>334</sup> Apresentada como a *schoolgirl complexion*, o principal atributo da moça, que ficou bastante famosa, era o “charme de uma compleição perfeita e natural”. Entretanto, ao contrário do que o termo “natural” indica, suas qualidades físicas não eram um “presente da Natureza”, mas, acima de tudo, “questão de cuidado”. Novamente, a linda pintura de uma menina-anjo de cabelos loiros e bochechas rosadas indica que nem mesmo o cuidado era para todas. O sonho da pele sem imperfeições era restrito ao mundo das iluminadas.

---

<sup>334</sup> “Melhor do que jóias – aquela *schoolgirl complexion*”, Propaganda da *Pamolive*, 1922.

**Better than jewels**  
— that schoolgirl complexion

The girl with a clear, smooth skin, radiant with freshness and natural color, should leave jewels to those less fortunate. The charm of a perfect natural complexion attracts far more than elaborate dress and ornaments.

If your complexion lacks the beauty which women envy and men admire, don't depend on clothes and jewelry to draw attention from its defects.

Every woman can transform her bad complexion into a good one, for alluring freshness and clear color isn't a gift of Nature, but a matter of care.

*How to have a perfect skin*

No girl need be afflicted with a bad complexion, for improvement is simple and easy. Daily cleansing, gentle but thorough, is the secret.

You must use soap, for nothing else will remove the dirt, oil and perspiration which collects in the pores and causes most skin trouble. Choose Palmolive, because its action is soothing. Harsh soap should never be used for washing the face.

Massage the smooth, creamy lather gently into the skin until it removes all clogging deposits.

Don't forget your neck and throat. They are as conspicuous as the face for any lack in beauty.

Careful rinsing leaves the skin stimulated, freshened and free from the accumulation which enlarges the pores, causes blackheads and carries infection.

*Blended from the same oils*

Palmolive Soap is blended from the same bland, soothing oils which adorned the sumptuous marble baths of Egyptians, Greeks and Romans.

But although very expensive, the gigantic volume in which Palmolive is produced keeps the price very low. Users profit by Palmolive popularity. The Palmolive factories, working day and night, and the importation of the rare oils in vast quantities, allow you to enjoy this finest facial soap for the modest price of 10 cents—no more than ordinary soap.

THE PALMOLIVE COMPANY, Milwaukee, U. S. A.  
The Palmolive Company of Canada, Limited, Toronto, Ont.  
Also makers of Palmolive Shaving Cream and Palmolive Shampoo

Volume and efficiency produce  
25-cent quality for only  
**10c**

Take a lesson from Cleopatra  
With a world of ancient beauty arts at her command, she depended on cleansing with Palm and Olive oils to protect, improve and preserve the freshness and smoothness of her skin.

Copyright, 1922—The Palmolive Co. 65009

Figura 76. “Melhor que Jóias”, Palmolive, 1922.

Fonte: *Vintage Ad Browser, Beauty and Hygiene Ads of the 1920s*, disponível em: <http://www.vintageadbrowser.com/beauty-and-hygiene-ads-1920s/19> Acesso: 20/08/2011.

Apesar de na maior parte dos casos não haver uma citação direta da raça, a farta quantidade de adjetivos que aparecem nas narrativas da cosmetologia – “vibrante”, “iluminada”, “límpida”, “brilhosa”, “clara” - da *Pond's* com a “proteção invisível” dos seus “dois cremes de vaidade”<sup>335</sup>, recomendados por sua “famosa especialista em pele”<sup>336</sup>, da

<sup>335</sup> *Pond's Vanishing Cream – The Invisible Protection*, 1915.

<sup>336</sup> *Pond's Vanishing Cream – A Famous Skin Specialist Says*, 1916.

*Palmolive*, “um sabonete com uma história”<sup>337</sup> ou ainda doutras empresas como a francesa *L. T Piver*, que vendia a pomada facial *Azurea*, transmissora de uma “aparência radiante”<sup>338</sup> e a *White Rose*, com seu “sabonete de glicerina” para o alvo bebê, “favorito da mamãe”<sup>339</sup>, evidenciam a racialização do gênero na construção das narrativas. Verdadeira pérola que molesta – em parte - a afirmação anterior, é o texto do *Pepsodent*. Ao contrário do que se poderia imaginar, em vez de aparecer nas propagandas de pomadas faciais, a raça será usada como chamarisco para vender pastas de dente.



Figura 77. “Favorito da Mama”, *White Rose*, 1906.

**Fonte:** *Vintage Ad Browser, Beauty and Hygiene Ads of the 1900s*, disponível em: <http://www.vintageadbrowser.com/beauty-and-hygiene-ads-1900s> Acesso: 20/08/2011.

<sup>337</sup> *Palmolive – The Soap with a History*, 1917.

<sup>338</sup> *Azurea – The Face Powder de Luxe*, 1916.

<sup>339</sup> *White Rose – Glycerine Soap*, 1906.

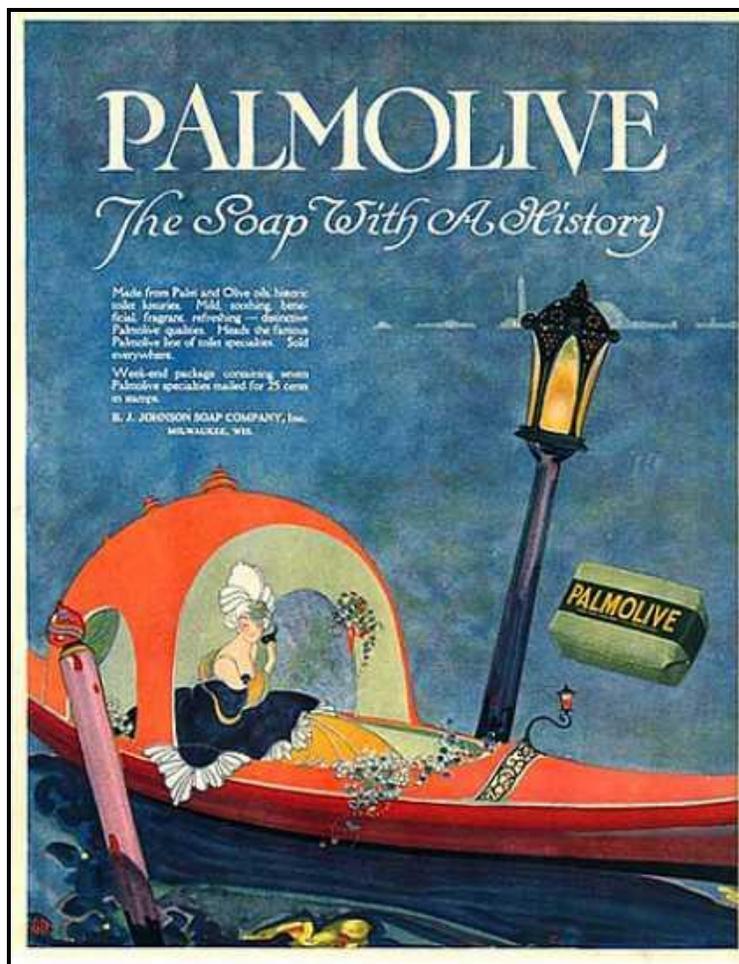


Figura 78. “Palmolive, um sabonete que tem uma história”, 1917.

**Fonte:** *Vintage Ad Browser, Beauty and Hygiene Ads of the 1910s*, disponível em: <http://www.vintageadbrowser.com/beauty-and-hygiene-ads-1910s/10> Acesso: 20/08/2011.

Através do seu *Beauties of All Races*, a empresa apresentava quatro protótipos de mulheres: “as Maldens (sic) do Japão, as Belas da Índia, as *Ladies* Inglesas e as Belezas Espanholas”. Embora conjugasse todas as beldades étnicas no plural, a observação das imagens demonstra que, salvo algumas pequenas diferenças (corte e textura dos cabelos, olhos mais rasgados no caso da japonesa), o desenho da mulher era o mesmo (aliás, não fossem as diferenças ressaltadas, ele seria idêntico às imagens das brancas). O que variava, de fato, eram seus trajes caricaturados: quimono, véu, colo levemente decotado e com colar e leque, respectivamente. Nesse rompante de racialização da beleza feminina da *Pepsodent*, somos então apresentadas às raças do futuro, ilustradas por representantes cientes da importância de conseguir “dentes brancos” no *new-day-way*.

**Your Tube** is waiting for you. Send the coupon **Free** now. This test will delight you and it is



Maidens of Japan



Belles of India



English Ladies



Spanish Beauties

## Beauties of All Races

All get their white teeth in this new-day way

Careful people of some fifty nations now use a new way of teeth cleaning. To millions of women in every clime it is bringing prettier teeth.

Leading dentists, all the world over, are advising its adoption. It means better tooth protection.

Are you still clinging to old methods, when all about you can see what this new method does?

### You must fight film

Old ways of teeth cleaning proved disappointing. Teeth still discolored, still decayed, as most people know. Tooth troubles constantly increased until very few escaped.

Dental science found the reason in a film. In that viscous film you feel. It clings to teeth, enters crevices and stays. Food stains, etc., discolor it. Then it forms dingy costs. Tartar is based on film.

The ordinary tooth paste does not effec-

tively combat it. So the well-brushed teeth of millions were kept clouded more or less by that film.

Film also holds food substance which ferments and forms acid. It holds the acid in contact with the teeth to cause decay. It forms a breeding place for germs, and they, with tartar, are the chief cause of pyorrhea. Despite the tooth brush, all those troubles became alarming in extent.

### Now they combat it

Millions now combat that film. Dental research found two effective ways. One acts to curdle film, one to remove it. This is done daily and gently, without the use of harmful grit.

Able authorities proved these methods by many careful tests. Now leading dentists everywhere advise them.

A new-type tooth paste has been created,

based on modern research. The name is Pepsodent. Those two great film combatants are now embodied in it for daily application.

### A new dental era

Pepsodent brings other effects now found to be essential. Thus it is bringing to countless homes a new dental era.

It multiplies the starch digestant in the saliva. That is there to digest starch deposits which otherwise ferment and form acids.

It multiplies the alkalinity of the saliva. That is Nature's neutralizer for the acids which cause decay. The former tooth pastes, which proved so ineffective, brought just opposite effects.

It polishes the teeth so film less easily adheres.

Thus Pepsodent combines the best that modern science offers to fight enemies of teeth.



### Let Children Try It

Do not let your children suffer what you may have suffered from your teeth. Teach them this new-day method. Dentists advise that children use Pepsodent from the time the first tooth appears.

Watch the results on their teeth for a week and you'll realize why they need it.

Send the coupon for a 10-Day Tube. Note how clean the teeth feel after using. Mark the absence of the viscous film. See how teeth whiten as the film-coats disappear.

Then decide what is best for you and yours by what you see and feel. Cut out the coupon so you won't forget.

**Pepsodent** PAT. OFF.  
REG. U.S.

The New-Day Dentifrice

A new-type tooth paste, based on modern research, to bring five desired effects. Now advised by leading dentists the world over. All druggists supply the large tubes.

**10-DAY TUBE FREE**

THE PEPSODENT COMPANY  
Dept. P-41, 1104 So. Wabash Ave., Chicago, Ill.  
Mail 10-Day Tube of Pepsodent to

Only one tube to a family.

Figura 79. "Belezas de Todas as Raças", Pepsodent, 1922.

Fonte: Vintage Ad Browser, Beauty and Hygiene Ads of the 1920s, disponível em: <http://www.vintageadbrowser.com/beauty-and-hygiene-ads-1920s> Acesso: 20/08/2011.

Por meio de imagens e narrativas didáticas e poéticas, os anúncios procuram convencer suas leitoras de que ser bonita não era um capricho, mas acima de tudo, uma

questão de limpeza e, nesse bojo, de preservação da espécie superior branca. Imersa na atmosfera de *marketing* higienista-eugênico, a indústria cosmética tornou-se um *locus* privilegiado para executar a tarefa de civilizar os corpos femininos. De forma geral, todos os seus produtos e técnicas de embelezamento ofereciam-se para realçar o que suas clientes idealizadas tinham de melhor e mais autêntico de uma civilização: a pele resplandecente.

Ao considerar esse contexto, quando pensamos na gestação de uma beleza medicalizada devemos ter em mente as interações entre capitalismo, indústria cosmética e medicina na construção de representações femininas associadas à modernidade e que tinham como objetivo produzir “influências físicas positivas para a compleição”, como sugeria o discurso de venda de um dos cremes “estimulantes” que a *Pond’s* apresentava como o mensageiro da “nova beleza”. Partes indissociáveis de uma nova realidade que articulava trabalho, salário e consumo, tais comerciais reforçavam a idéia de que, embora natural, a beleza branca precisava ser cuidada para atingir a perfectibilidade. Gastar dinheiro para ficar bonita era, acima de tudo, questão de saúde e higiene.

# A Message of New Beauty

**WE** are now making Soap with Pond's Extract.

To-day this new and better soap is in nearly every store that sells high-grade toilet articles, in every city and town of the United States. Pond's Extract Soap is not only absolutely new, but it produces results that have never before been produced by any toilet soap. Its re-



*Before You Go to Bed—Put a Light Lather of Pond's Extract Soap on Your Face, Hands, Arms, Neck, and Shoulders—Let it Stay a Few Moments—That's All—You Can Put it Back to Work at Once.*

sults and extraordinary merits have been proved by months of experiment and tests in our own laboratory, but we ask you to prove them for yourself.

**Beauty** is the first of the benefits that Pond's Extract Soap offers to you—beauty of brightness, freshness, and bloom.

Don't think that this is the ordinary claim (made to-day by a hundred soaps). We mean **not** the beauty of cleanliness alone, but **a positive physical influence on the complexion—on the tiny blood vessels that underlie the skin, and on the pores—an influence that starts instantaneously, and that any one may feel and see.**

Stimulus—to help Nature—that is the whole secret of the power of Pond's Extract Soap to aid beauty and build a perfect skin—and of its power to heal and soothe:

—For baby's bath—for the infinitely delicate little skin that must be kept clear and fresh, and free from the slightest irritation, and that must gradually be brought to the soft firmness that resists harm;

—For your own bath—the bath that must revive you when fatigued, soothe you when everything feels

dull, cool you when you are overheated—and must do it without danger of your taking cold;

—For frostbites and chilblains, and for burns and scalds—ills that come to young and old alike;

—For scratches and cuts, and every injury that must be cleansed and soothed before it can be healed;

—For the man who shaves too close, or whose face is tender under the razor;

—For surgeon, and nurse, and patient;

—For the one who seeks only Comfort and Health—or for the one who cultivates Beauty as well;

—For the skin that is loose and lifeless, or skin that is too harsh;

—For all and every one of these **Pond's Extract Soap does just what it ought to do.**

And does it surely, quickly, safely, and pleasantly. It soothes, relieves, heals. It cools, comforts, stimulates. It builds, refreshes, and cleanses.

We promise you that Pond's Extract Soap is well worth your trial, no matter what soap you are using now. Pond's Extract Soap is the purest and finest soap that is made, and for its price it gives more service and better value than any other soap you can buy. It costs 25 cents.

If—after you have used it day by day, judging its merits thoroughly, and comparing it strictly with every word we have written here—if you are dissatisfied in a single particular—if you point to one promise that has not been more than fulfilled, tell us about it (enclosing the Pond's Extract Soap wrapper and mentioning the dealer of whom you bought it), and—

—Instantly and without questions or correspondence, we will repay: (1) Exactly what you paid for the soap, 25 cents; and (2) the postage on your letter.

**Pond's Extract Soap**

MADE BY

**Armour & Company, Chicago**

[Solo Licensees from Pond's Extract Company]

The Pond's Extract Co. has given us the exclusive license to make soap with Pond's Extract. No one else can make it.

The name Armour in soap making stands, and has always stood, for scientific research, new and scientific improvements in process—the scientist's rigid scrutiny of every ounce of materials used, and strictest test of the finished product.

We invite you to come and learn for yourself exactly how Pond's Extract Soap is made—all of you who can. Sometime, soon or late, you will perhaps be within reaching distance of the great new hygienic laboratory where we make Pond's Extract Soap—the largest single laboratory devoted to soap making in the world. Our laboratory is as open to you as a store would be.

SOMETHING QUITE NEW!

**POND'S EXTRACT SOAP**

The Soap that soothes!

Figura 80. “Uma Mensagem da Nova Beleza”, *Pond's*, 1906.

Fonte: *Vintage Ad Browser, Beauty and Hygiene Ads of the 1900s*, disponível em: <http://www.vintageadbrowser.com/beauty-and-hygiene-ads-1900s/4> Acesso: 20/08/2011.

Escovar os dentes, perfumar o corpo e manter a pele brilhante não eram os únicos rituais pelos quais as novas mulheres deveriam passar. Era preciso perder a vergonha, trabalhar o corpo e melhorar a imagem nos seus mais íntimos detalhes, como bem explicitava a *Kotex*:

Nove em cada dez mulheres das melhores esferas da vida de toda a América encontraram uma nova forma de higiene pessoal. E [com ela] tem obtido o conforto, a delicadeza e a paz da mente impossíveis no passado. Esta nova maneira é chamada *Kotex* (...) *Kotex* é um super absorvente cientificamente desenvolvido e que supera os ‘absorventes higiênicos’ e métodos incertos de antigamente. (Grifada no original).<sup>340</sup>

<sup>340</sup> *Kotex – Woman's Oldest Hygienic Problem 1924*

O comercial demonstra que nem só os cremes para a pele alimentavam os cofres da indústria da beleza. Ao apresentar seu “super-absorvente” como uma “nova maneira” de resolver o “problema de higiene mais velho das mulheres”, além de evocar a ciência e a saúde como assuntos femininos, a *Kotex* posicionava-se como uma empresa moderna, afinada com as necessidades da nova mulher americana. Mostrava-se também ousada, pois tornava público o tema da menstruação, historicamente convertido em tabu, um segredo sujo a não ser partilhado.<sup>341</sup> Noutro comercial da mesma empresa – a *Cellucotton Products Company's Sanitary Napkins* - publicado no ano seguinte, seu sucesso era comprovado em números: “cinco milhões de mulheres adotaram essa nova maneira de higiene pessoal”.<sup>342</sup>

Mesmo que permanecesse apresentada como um “problema de higiene” feminina, a imagem da sua primeira propaganda anunciava a chegada de novos tempos ao exhibir uma mulher supostamente menstruada sentada à penteadeira e sendo contemplada pelo olhar de cumplicidade de um elegante cavalheiro. A opinião de uma “enfermeira graduada” e que assinava o enorme texto sintetizava o progresso representado pelo desenho sedutor: uma cena de “requite em circunstâncias até então consideradas impossíveis”.<sup>343</sup>

---

<sup>341</sup> A idéia da menstruação como algo terrível, impuro e perigoso é muito discutida na historiografia judaica. O feminismo judaico apresenta várias críticas a essa perspectiva do sangue menstrual como a materialização de forças do mal. Para reflexões aprofundadas sobre o tema, ver: Charlotte Elisheva Fonrobert, *Menstrual Purity: Rabbinic and Christian Reconstructions of Biblical Gender*, Stanford, Stanford University Press, 2000; Jacob Neusner, *The Idea of Purity in Ancient Judaism*, Netherlands, Leiden, 1973.

<sup>342</sup> *Kotex – 5,000,000 Women Have adopted this new way in personal hygiene*, 1925.

<sup>343</sup> *Kotex - Woman's Oldest Hygienic Problem*, 1924

**FREE** ... mail coupon below to Ellen J. Buckland, G. N.

## WOMAN'S OLDEST HYGIENIC PROBLEM

solved now in a new way  
... scientifically

Exquisiteness under circumstances once considered impossible

By ELLEN J. BUCKLAND  
Creative Writer

**F**IGHT in every ran women in the better walks of life, throughout all America, have turned to a new way in personal hygiene. And having found comfort, cleanliness and peace of mind impossible under old conditions. This new way is called Kotex. And a note is offered you without charge. Simply mail the coupon below.

**WHAT KOTEX IS**  
Kotex is a scientifically developed super-absorbent that supplants old-time "sanitary pads" and other uncertain methods.  
Red Cross nurses in France first discovered its amazing effectiveness over ordinary absorbents. They spread the doctrine upon their return, until today it has become a universal hygienic habit throughout the nation.  
Your doctor advises it. Foremost hospitals employ it. Women by the millions have adopted it.

**A NEW MATERIAL**  
Kotex is made of Cellucotton, the war's super-absorbent. It absorbs 25 times its own weight. And absorbs instantly, retaining moisture against all fear of accident. It has 5 times the absorbency of ordinary cotton sanitary pads. Then it is easily disposed of—a new feature every woman will appreciate.

**ONE-SIXTH OF YOUR TIME IN FEAR OF EMBARRASSMENT**  
Kotex brings peace of mind, poise and exquisiteness at a time when most women lose it. Authorities say that the average woman spends one-sixth of her days in a state of lost self confidence—often in fear.  
As a delightful contrast from old way, I advise every woman at least to try Kotex. Even heads of schools are now reaching their girls the hygienic necessity it presents. It is sold in all department and drug stores; two sizes—regular, containing twelve generous folds, and Kotex-Super size (extra thickness), containing twelve folds, ready-for-immediate-use, simply by asking for "Kotex." Also in Kotex cabinets in rest rooms.

**A TEST FREE**  
As a national hygienic measure, I have prevailed upon the Kotex laboratories to offer women, generally, a test package of Kotex without charge.  
So I urge you to send me, personally, the coupon below. And I will send you, in plain, absolutely unmarked wrapper, a trial packet. Clip coupon now before you forget.

CELLUCOTTON PRODUCTS CO., CHICAGO  
Canadian Distributors: HAROLD F. KITCHIE & CO., LTD.  
Toronto and Montreal

**KOTEX**



**FREE SAMPLE—Mail This Confidential Coupon**  
ELLEN J. BUCKLAND, G. N.  
Care of Cellucotton Laboratories, Room 1410,  
166 W. Jackson Blvd., Chicago, Ill.  
I want to accept free trial offer made by you, with the understanding that it is absolutely confidential.  
Name.....  
Address.....  
City.....



Figura 81. “O mais antigo problema de higiene da mulher”, *Kotex*, 1924.

Fonte: *Vintage Ad Browser, Beauty and Hygiene Ads of the 1920s*, disponível em:

<http://www.vintageadbrowser.com/beauty-and-hygiene-ads-1920s/31> Acesso: 20/08/2011.

Nesse projeto de sanitização dos corpos, outra questão que preocupava as consumidoras era a saúde bucal. Vistos como grandes inimigos, segundo a *Pyrodento*, que seguia à risca a cartilha do higienismo, os germes eram os responsáveis por “arruinar” a “saúde” e o “físico” da “mulher normal”. Por isso a empresa aconselhava: “lute contra [eles] como se luta contra uma praga [afinal] eles estão sempre na sua boca e não podem ser evitados”. A “simples limpeza” não era “o bastante”. Apenas o “creme dental Pyrodento garantiria um “sorriso livre de germes”.<sup>344</sup>

<sup>344</sup> *Pyrodento - Can a Woman Work And Keep Her Health?*, 1925

*Baltic Soap  
6/17/25*

## Can A Woman Work And Keep Her Health?

**Y**OUR endurance, your energy, the quality of your work depend on health—health depends on cleanliness—GERM-Free cleanliness—a mouth kept antiseptically clean.

**GERMS WRECK HEALTH.** GERMS make nervous and physical wrecks of normal women. Fight GERMS as you would a plague. They are a plague—a plague constantly with us.

**GERMS CANNOT BE AVOIDED**

Germs are always in your mouth—cannot be avoided. They enter in the air you breathe, in city dust and dirt. Constantly destroying them is the only relief—the only safe method. Use Pyrodento and

twice daily as you clean your teeth with Pyrodento you destroy all germs, leaving the teeth white, gums firm and hard and the mouth GERM-Free, antiseptically clean.

**SIMPLE CLEANERS  
NOT ENOUGH**

You cannot afford to rely on simple surface cleaners. Whiter teeth and healthy gums are important. You need more—you need a GERM-Free mouth. It is essential. Because Pyrodento destroys Germs more and more dentists are daily prescribing it. Try a tube today. Use it regularly. Enjoy this new protection. Note the refreshing feel of an antiseptically clean mouth.

**Pyrodento**  
TOOTH PASTE

*Destroys Germs  
As It Cleans*

FOR  
**FREE TRIAL**

TUBE—Sign and Mail to  
PYRODENTO—Baltimore Md.

Name.....

Address.....

No. 22

Figura 82. “Uma mulher pode trabalhar e manter sua saúde?” *Pyrodento*, 1925.

**Fonte:** *Vintage Ad Browser, Beauty and Hygiene Ads of the 1920s*, disponível em:

<http://www.vintageadbrowser.com/beauty-and-hygiene-ads-1920s/32> Acesso: 28/11/2011.

Mas, de fato, os cremes, rouges e pomadas faciais que prometiam uma “compleição” perfeita eram os campeões em anúncios cosméticos que, além de uma “nova cultura”, buscavam passar a “nova mensagem de beleza” nos meios de comunicação da época. Como temos visto em demasia, a preponderância de artigos dedicados a melhorar a pele das mulheres brancas era feita por intermédio de um discurso higienista obcecado em comprovar que a “limpeza era a base de todo cuidado com a compleição”, conforme advertia o Dr. William Allen Pussey, um médico muito respeitado entre os seus e que recomendava o uso do *Ivory Soap*.

Como também já sabemos, beleza e higiene eram questões médicas, por isso, além de apresentar o famoso doutor às leitoras, o anúncio fazia questão de citar um trecho do seu livro *O Cuidado da Pele e do Cabelo*:

Com uma pele saudável, de resistência normal, o único cuidado necessário com a face é mantê-la limpa e protegida das influências prejudiciais. A maneira de manter a face limpa é lavando-a, algumas vezes com sabão e água, outras apenas com água.<sup>345</sup>

As explicações científicas anteriores à descrição das benesses dos produtos parecem ter sido um modelo seguido pela maioria das empresas, o que reforça o caráter educativo que essa indústria reivindicava para si. O foco inicial do texto não é a apresentação do sabonete a ser vendido, mas o ensinamento de algumas poucas precauções necessárias para a garantia de uma pele sadia, bonita e resistente. O *Resinol Soap*, por exemplo, primeiro seduzia as consumidoras ensinando-lhes “uma maneira fácil de limpar a pele”.<sup>346</sup> Já no caso do Dr. Pussey, tudo resumia-se a dois elementos: água e sabão, usados alternadamente.

A princípio, o discurso científico do médico parecia possível de ser aplicado a todo e qualquer pedaço de sabão: “o sabonete deve[ria] ser comprado não como uma panacéia para os problemas da pele, mas por suas qualidades mais humildes de limpeza”. Mas aonde residia a “humildade” do produto? É o próprio *Ivory Soap* quem nos responde:

O Sabonete de Marfim *limpa* e limpa *profundamente*. Essa é a única reivindicação já feita de marfim. O Sabonete de Marfim é puro, suave e brando. Sabão de Marfim é branco e apazivelmente cheiroso como o mais fino dos sabonetes para a pele *deve* ser. Sabonete de Marfim rapidamente produz uma espuma rica e purificante que enxagua prontamente. E o Sabão de Marfim flutua.<sup>347</sup> (Grifos do original)

Esse é um dos comerciais em que melhor podemos captar o passo a passo das estratégias de convencimento que as empresas capitalistas lançavam mão para conquistar mercado. Fazendo das palavras do doutor as suas, primeiro a *Ivory Soap* conquistou a simpatia e a confiança das leitoras ensinando-as os simples segredos do cuidado facial. O segundo passo foi a exibição de um produto perfeito para realizar tal tratamento. Já o terceiro, o convite para a consumidora entrar no mundo mágico do sabonete de marfim único, portanto, indispensável a todo e qualquer toalete feminino:

---

<sup>345</sup> *Ivory Soap – How to Care for the Skin*, 1922

<sup>346</sup> *Resinol Soap – Try this Easy Way to Clean Your Skin* – 1916.

<sup>347</sup> *Ivory Soap – How to Care for the Skin*, 1922.

Sua mágica [do Sabonete de Marfim] é simplesmente a mágica agradavelmente refrescante, saudavelmente limpa, o pré-requisito de toda a beleza da compleição. Marfim tem provido tal magia por *quarenta e quatro anos* (Grifos no original).<sup>348</sup>

Desde os anos 1880, os poderes sobrenaturais do *Ivory* (chamá-lo apenas pelo nome próprio sugeria uma intimidade entre adquirente e mercadoria, essencial para convencer as indecisas) mantinham-se os mesmos: pureza, suavidade e refrescância - os únicos elementos necessários para conquistar a “beleza da compleição”. É curioso também observar como nos comerciais compleição (constituição física; aspecto) e pele (membrana que reveste o corpo) são empregadas como sinônimos, de forma análoga ao que acontecerá com os comerciais da indústria cosmética negra.

Essa aproximação de palavras complementares demonstrava que a “compleição” tinha que ser “macia” e “delicada” e a “superfície da pele [deveria estar] sempre em processo de renovação”.<sup>349</sup> Semânticamente distintos, o uso conjugado dos dois vocábulos reforça ainda mais uma cruzada pela aparência translúcida, baseada na premissa eugênica de que a *cútis* podia e devia ser manipulada em busca das suas melhores qualidades. Daí também a importância de precavê-la das “infecções” e “coceiras” e recuperá-la dos “cortes” e “arranhões”, como bem ensinava a *Listerine*.<sup>350</sup>

Menos do que encerrar as complexidades embutidas nas interações entre beleza, saúde, limpeza e raça, sabemos que a discussão acima realizada apenas abre portas para futuros estudos. Ao ter em mãos uma compreensão geral do impacto das ideologias eugênicas e higienistas na indústria cosmética, é tempo de ver como a própria comunidade negra significou o belo e o moderno com base nas nossas já conhecidas celebridades mulatas. Assim, através das propagandas da imprensa afro-americana em período similar, passo a examinar como a cosmética afro-americana adaptou a máxima de que “a beleza começa com a pele”<sup>351</sup> à realidade de preconceito racial e de gênero do pós-emancipação, realidade esta que mostrava a duras penas o quão ser considerada bonita não era fácil...

---

<sup>348</sup> Idem.

<sup>349</sup> *Pear Scented Soap*, 1910.

<sup>350</sup> *Lambert Pharmacal Company's Listerine – Listerine The Safe Antiseptic*, 1917.

<sup>351</sup> *Marie Barlow – Beauty Begins With the Skin*, 1929.

**BEAUTY  
BEGINS  
WITH  
THE  
SKIN**

A clear, natural complexion is surely the first requirement of loveliness — and it's so easy to achieve the *Marie Barlow Way*. Just ten minutes, night and morning, will work miracles for you.

If your skin is youthful, preserve it. If fading, normalize it; if ill, correct it—at home, quickly, easily, effectively.

**FOR CONSTANT LOVELINESS**

*Marie Barlow*  
FACIAL PREPARATIONS

For Sale at These Leading Stores

*In New York:*  
Saks Fifth Avenue, James McCreery & Co., The John Wanamaker Store, Stern Brothers, Hearn, Fifth Avenue Building.

*In Brooklyn:*  
The Namm Store, Martin's.

Figura 83. “Beleza começa com a pele”, *Marie Barlow*, 1929.

Fonte: *Vintage Ad Browser, Beauty and Hygiene Ads of the 1920s*, disponível em: <http://www.vintageadbrowser.com/beauty-and-hygiene-ads-1920s/35> Acesso: 20/08/2011.

#### 4.3 Removendo a pele negra: *skin culture* mulata e síndrome do *bleaching*

Apesar de não ter sido possível chegar ao momento exato do surgimento de uma cosmética negra, boa parte dos jornais afro-americanos do Oitocentos que conhecemos eram povoados de ofertas de *bleachings* (nome usual dado aos produtos de clareamento) para o rosto, o pescoço, o colo e as mãos das mulheres de cor. Pode-se falar que esses

comerciais são um momento chave na história da formação da *skin culture* mulata, que, entre os anos 1900 e 1920, terá seu ápice.

Entendida como um “sistema de valores”<sup>352</sup> e linguagem mantido por uma economia da cor que apresentava o clareamento artificial como mecanismo de produção de novas negras, a culminância dessa *skin culture* será o que Ronald Hall definiu como a “síndrome do bleaching”. Também presente em países como as Filipinas, a África do Sul, a Nigéria e o Senegal, tal síndrome pode ser definida como o “uso sistemático de químicas para iluminar a pele escura” em busca de reconhecimento social frente à “dominação cultural” branca.<sup>353</sup>

No caso em questão, a circulação massiva de um referencial de beleza eugênica é originária de um conjunto de ações e técnicas negras para tentar se afirmar perante a supremacia branca, fortalecida, conforme visto, no final do XIX pela legislação segregacionista do Jim Crow. Entretanto, como destacado, no decorrer dos anos, esse intuito inicial – *Negroes versus Whites* - sofre um reverso, de modo que nos anos 1900, a síndrome do *bleaching* começava a também se consolidar como um mecanismo para reforçar ainda mais as diferenciações já presentes entre os próprios negros.

Ainda que os rompantes de curiosidade suscitados pelo ditoso material sejam inevitáveis, por se tratar de um estudo sobre discursos e representações da cosmética na imprensa, no momento não me ocuparei de responder em números quem usava os clareadores ou qual era seu alcance em termos concretos. Mesmo assim, seguindo o raciocínio de Gooden, faz sentido pensar que as propagandas de *bleachings*, que custavam entre U\$0,25 e U\$0,50 tinham como foco as consumidoras negras mais claras, em grande medida, partícipes da classe média.<sup>354</sup>

---

<sup>352</sup> Gooden argumenta que por meio da imprensa negra, a indústria cosmética afro-americana criou um “sistema de valores” (evidenciado pelas centenas de anúncios de clareadores) que dava à branquidade um valor maior que à negritude. Ao considerar propagandas dessa natureza veiculadas no *The Crisis*, no *Chicago Defender* e na *Ebony Magazine*, dentre outros, para ela, o uso de clareadores de pele configurava-se numa reação aos estereótipos relacionados à feminilidade negra. Amoaba Gooden, “Visual Representations of Feminine Beauty in the Black Press: 1915-1950”, *The Journal of Pan African Studies*, vol. 4, no. 4, June 2011, pp. 81-96, p. 81, 84.

<sup>353</sup> Ronald Hall, “The Bleaching Syndrome: African Americans’ Response to Cultural Domination Vis-a-Vis Skin Color,” *Journal of Black Studies*, 26, Novembro de 1995, pp. 172-184.

<sup>354</sup> Gooden, “Visual Representations...”, p. 84.

Ao permanecer no terreno das possibilidades, também é correto afirmar que o impacto de tal publicidade era muito grande na comunidade afro, sobretudo, se levamos em conta que jornais como o *The New York Amsterdam News* e o *The Chicago Defender* possuíam, nos anos 1920, uma tiragem de 100.000 e 300.000 exemplares, respectivamente. Desse modo, considerando o público atingido (direta e indiretamente) por essa *skin culture*, o mapeamento das representações visuais dos clareadores na mídia impressa configura-se num caminho privilegiado para acompanhar como a consciência da tal beleza racializada foi sendo desenvolvida pelos negros na sua mais poderosa instituição.<sup>355</sup>

Em média, 40% do espaço dos jornais acima era reservado aos anunciantes, que, por sua vez, eram, na maior parte, comerciantes de *bleachings* e de tônicos capilares quase exclusivamente voltados para o feminino, como demonstram os desenhos e o vocabulário que conheceremos: “*ladies* parem e considerem”<sup>356</sup>; “muitas mulheres de todas as idades”<sup>357</sup>, “para a alegria das nossas mulheres em casa”<sup>358</sup>, “invejada pelas mulheres”<sup>359</sup>, “glorificando nossa feminilidade”<sup>360</sup>, dentre outros chamariscos.

---

<sup>355</sup> Em sua obra clássica Myrdal considera a imprensa negra a instituição mais poderosa dos afro-americanos. Gunnar Myrdal, *An American Dilemma: The Negro Problem and Modern Democracy*, New York, Harper & Row, 1944.

<sup>356</sup> Rilas Gathright - “Whitener Imperial”, *The Colored American Magazine*, novembro de 1901, p. 79.

<sup>357</sup> “Sistema Walker”, *The Messenger: a message of democracy*, jan. 1918, v. 2, n. 1, p. 36.

<sup>358</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>359</sup> “Glorifying our Womanhood”, *The Messenger: World’s Greatest Negro Monthly*, mai. 1925, v. 7, n. 5, p. 212.

<sup>360</sup> Idem, *ibidem*.

**BLACK SKIN REMOVER**



**BEFORE**  
A Wonderful Face Bleach  
AND HAIR STRAIGHTENER

Send in a box full of three boxes for 42 cents and we do what we say and to be the best in the world. One box is all that is required if used as directed.

**A WONDERFUL FACE BLEACH**  
A PEARL-LIKE complexion obtained if used as directed. Will turn the skin of a black or brown person into a beautiful white. In forty-eight hours a whole face will be transformed. It does not hurt the skin in any way but bleaches out wrinkles. Will also remove dark spots, pimples or moles without leaving the skin very soft and smooth. Small box 10c. Full size 25c. Will be returned without charge to the skin. When you get the order you wish, stop using the preparation.

**THE HAIR STRAIGHTENER**  
This grows in every one dollar box is enough to make anyone's hair grow long and straight, and keep it from falling out. Highly perfumed and makes the hair soft and easy to comb. Many of our customers say one of our dollar boxes is worth ten dollars yet we sell it for one dollar a box. THE NON-REBELL. Shown in free.

Any person sending us one dollar in a letter or Post Office money order, express money order or registered letter, we will send it through the mail postage prepaid, or if you want it sent C. O. D., it will come by express, 25c. extra.

In any case where it fails to do what we claim, we will return the money or send a box free of charge. Packed so that no one will know contents except receiver.

CRANE AND CO.,  
122 West Broad Street,  
Richmond, Va.

**HELP WANTED.**

We want good reliable colored help, both Male and Female.  
There is a constant demand here at the North for good help from the South.  
All who want to come North can do so by applying to

**J. H. LEWIS,**  
Colored Employment Office.

We can give you good homes on the shortest notice, where you will receive good wages. Position secured as General House-work Girls, Cooks, Chamber-maids, Nurses and Waitresses. Also as Coachmen, Waiters, Gardeners and Farmers.  
Address

**J. H. LEWIS,**  
No. 246 CHURCH ST.,  
TRENTON, N. J.

All letters will be promptly answered if you inclose a 2-cent stamp.

Fine living made by agents selling HARTONA. Positively guaranteed to take the kinks out of negro hair. HARTONA FACE BLEACH makes negro skin six shades lighter. Absolutely harmless. Negroes buy on sight. No risk. No money required. Send 2c. stamp for terms. Advertising matter free.



LIT. FREE. HARTONA REMEDY CO., Richmond, Va.

**BRISTOL REGALIA COMPANY.**  
Odd Fellows, Masons, Samaritans, Knights of Pythias, Household of Ruth, Eastern Star, King's Daughters, Knights of Africa, and all Benevolent Societies,

**TAKE NOTICE.**

THAT we are prepared to furnish quantities of Ballot Boxes, Gavel, Seals, Silver and Gold Pins, Gold Buttons, Masks, Skulls and Swords.  
We are also prepared to make, on short notice, all kinds of Badges, Jewels — both Gold and Silver — Robes, Scarfs, Collars and Aprons — Embroidered, Bullioned or otherwise.  
We make a specialty in furnishing Sunday School and Society Banners. In fact we can furnish all kinds of Regalia 30 per cent. cheaper than any other house in the country, and on the best terms. GIVE US A TRIAL. Address

**BRISTOL REGALIA CO., - - Box 401, Bristol, Tennessee.**

When answering advertisement be sure and mention the Colored American Magazine.

Figura 84. Na mesma página: propagandas *Black Skin Remover* [“Removedor de Pele Negra”] (esq.) e *Hartona* (dir.).  
**Fonte:** *The Colored American Magazine: an illustrated monthly devoted to Literature, Science, Music, Art, Religion, Facts, Fiction and Traditions of the Negro Race*, set. 1901, v. 3, n. 5, s/p.

**A. H. COOPER,**  
**Merchant**  
**Tailor. . .**  
 CLERICAL SUITS TO ORDER,  
 FROM \$18 TO \$55

Mall Orders a specialty.  
 Samples and measure blanks sent on application.  
 Address all orders to

**A. H. COOPER,**  
 925 18th STREET, N. W. WASHINGTON, D. C.  
 TRUNK, 359 MAIN.

---

**HOTEL MACEO,**  
 213 West 53d Street, New York City.

First-class accommodations only. Located one door from Broadway. Cars for all parts of the city and depot pass the door. Illuminated throughout with electricity. Handsomely furnished rooms. Dining Room service unsurpassed. Tonsorial Parlor attached. Prices moderate.

**BENJ. F. THOMAS, Proprietor.**

---

**MISSIS E. C. M. COLLINS,**  
 Fashionable Dressmaking,  
 Evening Dresses and Waists  
 Stylishly made. Crocheting  
 Evening Capes and Shawls  
 a Specialty.  
 1058 ATLANTIC AVENUE,  
 BROOKLYN, N. Y.  
 Please mention this Magazine.

---

**Penman & Artist,**  
 819 Wylie Ave.,  
 PITTSBURGH, PA.  
 Calling and Visiting Cards  
 artistically written and  
 mailed to any parts of the  
 World, 25c. per dozen.

All kinds of Lodge Cards kept in stock.

**House Painter and Paper Hanger**  
 France Painting and Tinting a Specialty.  
 Estimates cheerfully given.  
 All orders promptly attended to.

**I. S. MOORE,**  
 38 HOLYOKE STREET, BOSTON, MASS.

---

**J. R. RUSSELL & CO.,**  
 Merchant Tailors  
 and  
 Importers  
 WORKMANSHIP GUARANTEED. POPULAR PRICES.  
 1421 Pennsylvania Avenue,  
 BALTIMORE, MD.

---

**DO YOU KNOW WHAT AILS YOU?**  
 SCIENCE AGAINST LUCK

DOCTORS OFTEN FAIL TO CURE BECAUSE THEY DO NOT KNOW WHAT AILS YOU. Why spend Hundreds of dollars for doctors and medicine and get no cure? If Sick or discouraged send at once your exact birth-date, sex, look of hair and its color and I will diagnose your disease FREE and tell you what will cure you. DR. MACDONALD, 77 Court St., Southampton, N. Y.

---

**RHEUMATISM**  
 I will guarantee to cure the worst case of Rheumatism. You need not pay me one cent. Send me your name and address. CHAS. L. FRYE, 88 Lincoln Street, Apartment 2, Boston, Mass.

**Engraving**  
 HIGH GRADE HALF-TONE  
 AND LINE ENGRAVING.  
 28 Columbia Street, BOSTON, MASS.

When answering advertisements be sure and mention the Colored American Magazine.



Figura 85. (esq.) Figura 86. (dir.)

Figura 2. Uma das páginas de propagandas da *The Colored American Magazine*.

Fonte: *The Colored American Magazine: an illustrated monthly devoted to Literature, Science, Music, Art, Religion, Facts, Fiction and Traditions of the Negro Race*, nov. 1901, v. 4, n. 1, s/p.

Figura 3. “A Casa da *The Colored American Magazine*, Park Square, Boston, Massachusetts”.

Fonte: *The Colored American Magazine: an illustrated monthly devoted to Literature, Science, Music, Art, Religion, Facts, Fiction and Traditions of the Negro Race*, jan.-fev. 1902, v. 4, n. 3, p. 209.



associação entre pele branca, gentileza, juventude, mobilidade social e superioridade anglo-saxã.<sup>361</sup>

**Atlanta University**  
 It is beautifully located in the City of Atlanta, Ga. The courses of study include High School, Normal School and College. Among manual training and domestic science. Among its teachers are graduates of Yale, Harvard, Dartmouth and Wellesley. Forty-five years of successful work have been recognized. Students come from all parts of the South. Graduates are almost universally successful. For further information address  
 President EDWARD T. WARE  
 ATLANTA, GA.

**Knoxville College**  
 Beautiful Situation. Healthful Location. The Best Moral and Spiritual Environment. A Splendid Intellectual Atmosphere. Noted for Honest and Thorough Work.  
 Offers full courses in the following departments: College, Normal, High School, Grammar School and Industrial. Good water, steam heat, electric lights, good ventilation. Expenses very reasonable. Applications for admission. Fall Term Begins September, 1914. For information address  
 President E. W. McGRANAHAN  
 KNOXVILLE, TENN.

**The Agricultural and Mechanical College**  
 Maintained by the governments of North Carolina and of the United States. Open all the year round. For males only. Fall term began September 1, 1914. Board, lodging and tuition, \$7 per month. Best opportunities for Negro youth. Night school for indigent but ambitious young men. For catalog or further information, address  
 PRESIDENT DUDLEY  
 A. & M. College Greensboro, N. C.

**MOREHOUSE COLLEGE**  
 (Formerly Atlanta Baptist College)  
 ATLANTA, GA.  
 College, Academy, Divinity School  
 An institution famous within recent years for its emphasis on all sides of steady development—the only institution in the far South devoted solely to the education of Negro young men.  
 Graduates given high ranking by greater northern universities. Debating, Y. M. C. A. athletics, all live features.  
 For information address  
 JOHN HOPE, President.

**ST. MARY'S SCHOOL**  
 An Episcopal boarding and day school for girls, under the direction of the Sisters of St. Mary. Address  
 THE SISTER-IN-CHARGE  
 611 N. 43d St. W. Philadelphia, Pa.

**AVOID BAD SCHOOLS**  
 Educate your children at home under our expert teachers  
 Correspondence **Adults**  
 Received at any time. Write  
 Educational Extension School, Box 2184 Station F, Washington, D. C.  
 Highly Endorsed. Financially Responsible.

**THE GENERAL HOSPITAL SCHOOL FOR NURSES**  
 Colored Department  
 Moral atmosphere and home influences. Thoroughly modern training. Eight hour days. Practical experience under professional guidance. Laboratory, Surgical, Chemical, Medical and Dispensing cases. Special instruction in Dietetics. Special file to State Registration and Service. Address  
 MISS HARRIET LECK, Principal. KANSAS CITY, MISSOURI

Enroll now in the  
**BEREAN MANUAL TRAINING and Industrial School**  
 SOUTH COLLEGE AVENUE, Opposite Girard College  
 PHILADELPHIA, PA.  
 Winter Term opens Monday, January 4th, 1915; Spring Term opens Thursday, April 1st, 1915.  
 MATTHEW ANDERSON, D. D.,  
 Principal.

**The National Religious Training School**  
 "I cordially commend the school's interest and needs to all who believe in the Negro race and in our obligation to help promote its intellectual, moral and religious uplift."  
 —REV. DR. CHARLES H. PARKURST, New York City.  
 IT IS MORE THAN A MERE SCHOOL  
 IT IS A COMMUNITY OF SERVICE AND UPLIFT  
 Its influence is destined to be felt in all sections of the country in improved Negro community life wherever our trained workers locate.  
 Settlement workers, missionaries for home and foreign mission fields, Y. M. C. A. and Y. W. C. A. secretaries and district nurses receive a comprehensive grasp of their practice through the school's SOCIAL SERVICE DEPARTMENT.  
 We aim also to create a better qualified ministry.  
 Industrial training, advanced library branches, business school.  
 Thirty-two acres; ten modern buildings; healthful location.  
 We can accommodate a few more earnest, ambitious students.  
 Communities requiring social workers should write us.  
 For catalog and detailed information address:  
 PRESIDENT JAMES E. SHEPARD  
 National Religious Training School  
 Durham, N. C.  
 The school has no endowment fund and must raise a yearly maintenance fund of \$15,000 for running expenses. Won't you help us this year?

**The Cheyney Training School for Teachers**  
 CHEYNEY, PENNSYLVANIA  
 Under the management of the Society of Friends. Beautifully located, healthful, well appointed, and within easy reach of a great variety of educational institutions, public and private, extending from West Chester to Philadelphia; representing a wide range of educational problems and practice.  
 This school offers to young colored men and women who have a reasonable secondary school preparation, and who earnestly desire to become teachers, carefully graded courses in academic work, domestic science, domestic art, manual crafts and agriculture. For teachers of experience and intending teachers it offers also a six weeks' summer-school course during the months of July and August. Tuition is free. Board, lodging, heat, light and laundry privileges are offered for nine months for \$100. The charge for the same during the summer-school course is \$15. Write for particulars to  
 LESLIE PINCKNEY HILL, Principal

Figura 88. *The General Hospital School for Nurses* ["Escola do Hospital Geral para Enfermeiras"], Kansas City, Missouri.

Fonte: *The Crisis: a record of the darker races*, jan. 1915, v. 9, n. 3, p. 108.

<sup>361</sup> Apud Evelyn Glenn Nano, "Yearning for Lightness: transnational circuits in the marketing and consumption of skin lighteners", in Joan Z. Spade; Catherine G. Valentine (Eds.), *The Kaleidoscope of Gender: Prisms, Patterns and Possibilities*, Oaks, Pine Forge Press, 2011, pp. 238-251, p. 246.

262

**The STENOGRAPHERS' INSTITUTE**  
 PHILA. PA.  
 1227 S. 17th ST.



(The above picture shows a few of the 1919 business class graduates and teachers of the institution. A large number of our graduates are holding positions as clerks, stenographers and bookkeepers in the Government Service, banks, insurance companies and other private corporations. Students are coming to us from all over the country through our graduates and others.)

**SHORTHAND**  
 For Grammar School graduates, High School students and others.

**TYPEWRITING**  
 For children, blind people, grammar school students and others.

**BOOKKEEPING**  
 For children, grammar school graduates, high school students and others.

In 9 lessons apt students can operate a typewriter accurately with eyes closed.

Fall term opens Wednesday, October 1, 1919.

3-month and 8-month courses.

Enroll for "Touch System" of Typewriting at any time—individual attention.

**EDWARD T. DUNCAN, President.**

Figura 89. *The Stenographer's Institute* ["O Instituto de Taquigrafia"], Filadélfia, Pensilvânia.  
**Fonte:** *The Crisis: a record of the darker races*, set. 1919, v. 18, n. 5, p. 262.

THE CRISIS ADVERTISER

314

**THE STENOGRAPHERS' INSTITUTE**  
1827 S. 17th STREET, PHILADELPHIA, PA.

We train up a child in the way he should go and when he is old, we know, he'll not depend upon others to make his business initiatives.

The ages of these children range from 10 to 16. They will be prepared for Front Line Business Positions when they are old enough to take them. They demonstrated blindfolded on letterless keyboard Typewriters, writing business letters, before a large audience, Labor Day, at UNION BAPTIST CHURCH, Philadelphia, Pa. Most of them averaged 95 and 100 per cent. for accuracy. The next demonstration will be at Cherry Memorial Baptist Church, 16th and Christian Sts., Philadelphia, Pa.



*The Children's Business Class.*

**SHORTHAND      TYPEWRITING      BOOKKEEPING**  
**FALL TERM FOR CHILDREN AND ADULTS, OPENS OCTOBER 1, 1919**  
EDWARD DUNCAN, President.

**STENOGRAPHERS WANTED**  
All Races  
Prepare in the best school of its kind in the State.  
Subjects  
Shorthand, Typewriting, Bookkeeping, English, Penmanship, Civil Service Training, and SPANISH.  
COMMERCIAL CLASS  
Lenox Community Center—at  
**PUBLIC SCHOOL 89**  
Lenox Avenue and 135th St., New York, N. Y.  
Open All Year—Four Evenings Weekly.  
Fitz W. Motley, President

**The Lincoln Hospital and Home TRAINING SCHOOL FOR NURSES**  
in the city of New York

offers to young colored women a three years' course of instruction in nursing. Capacity of hospital—420 beds. Post Graduate Course of six months to graduates of accredited schools.

For information apply to:  
Superintendent of Nurses  
**Lincoln Hospital and Home**  
New York, N. Y.

**HALE INFIRMARY AND NURSE TRAINING SCHOOL, 325 Lake Street, Montgomery, Ala.**

Offers to High School graduates and young women of higher education and good moral character, between the ages of 18 and 35, a three years' course in the profession of nursing. For further information apply to the Superintendent enclosing a stamp.

**THE NEGRO IN AMERICAN HISTORY**

Contains 296 Pages, 35 Chapters, Historical and Biographical, 17 Full Page Illustrations Printed on Fine Antique Book, Bound in Full Green Extra Cloth, Gold Title on Front Cover and Shelf Back. Price, net \$1.85. Postage Prepaid \$1.40. Order through any bookseller or direct from the author. Address

**JOHN W. CROMWELL**  
1439 Swann St. Washington, D. C.

**BUSTS OF**  
Booker T. Washington, Fred Douglass, Paul Lawrence Dunbar, Bishop Richard Allen.  
\$1.50 each. The 4 busts for \$5.00  
Agents wanted. Send at once.

**The Isaac Hathaway Art Company**  
718 S. HICKORY STREET  
PINE BLUFF, ARK.

A MONEY GETTER because it is A CROWD GETTER. Churches and Clubs looking for a play that will afford an evening of Side-Splitting Fun, should have

**The Slabtown Convention**

An entertainment in one act; full of wit and good humor. Scores of churches have cleared from One to Two Hundred Dollars in One Night. PRICE, 50c.

MISS NANNIE H. BURROUGHS, Author  
Lincoln Heights, Washington, D. C.

Mention THE CRISIS.

Figura 90. Acima, fotografia das estudantes do *Stenographer's Institute* da Filadélfia, Pensilvânia. Abaixo à direita, propaganda "Procura-se taquigrafas de todas as raças" e o anúncio do *Lincoln Hospital and Home TRAINING SCHOOL FOR NURSES* ["Hospital Lincoln e Escola de Treinamento de Acompanhantes para Enfermeiras"] da cidade de Nova York.

Fonte: *The Crisis: a record of the darker races*, out. 1919, v. 18, n. 6, p. 214.

**"JUST THE PLACE FOR YOUR GIRL"**  
**Daytona Normal and Industrial Institute for Negro Girls, Daytona, Fla.**  
 Dayton Normal and Industrial Institute for Negro Girls, Daytona, Fla. has modern equipment. Basting location. Ideal home life, nice modern equipment. Courses include: Kindergarten, Primary, Grammar, High, Normal, Vocational. Nurse Training in Medical Hospital's specialty. Terms reasonable. Send for Catalog.  
 MARY McLEOD BETHUNE, Principal.

**Derrick Shorthand School**  
 1435 Chestnut Street PHILADELPHIA, PA.  
 Only School of its Kind in America

**STENOGRAPHERS WANTED**  
 All Races. Present in the best school of its kind in the State. Suburban. Shorthand, Typewriting, Bookkeeping, English, Penmanship, Civil Service Training, and SPANISH. COMMERCIAL CLASS. Lenin Community Center—  
**PUBLIC SCHOOL 89**  
 Lenin Avenue and 18th St., New York, N. Y. Open All Year—Four Evening Weeks.  
 F. W. W. Mottley, President.

**The Lincoln Hospital and Home TRAINING SCHOOL FOR NURSES**  
 in the city of New York offers to young colored women a three years' course of instruction in nursing. Capacity of hospital—420 beds. Post Graduate Course of six months to graduates of accredited schools. For information apply to: Superintendent of Nurses Lincoln Hospital and Home New York, N. Y.

**HALE INFIRMARY AND NURSE TRAINING SCHOOL**, 325 Lake Street, Montgomery, Ala. Offers to High School graduates and young women of higher education and good moral character, between the ages of 18 and 25, a three years' course in the profession of nursing. For further information apply to the Superintendent enclosing a stamp.

**STATE UNIVERSITY, Louisville, Ky.**  
 Founded 1879. The only institution in the state having for its object special training in business, Social Service, Nursing and Hospital Work. Normal, Commercial, Music, Domestic Science, Military and Training classes, correspondence course. Domestic school. President C. H. Parrish.

**TEACHERS**  
 We have had calls for teachers from Alabama, Arkansas, Delaware, District of Columbia, Florida, Georgia, Illinois, Indiana, Kansas, Kentucky, Louisiana, Maryland, Mississippi, Missouri, New York, North Carolina, Ohio, Oklahoma, Pennsylvania, Rhode Island, South Carolina, Tennessee, Texas, Virginia and West Virginia.

**THE MUTUAL TEACHERS' AGENCY**  
 1162 New York Avenue, Washington, D. C.

**The Colored Teachers' Bureau**  
 Will Help You Get a Better Paying Position. REGISTER NOW REASONABLE TERMS  
 Address: Colored Teachers' Bureau  
 Box 22, Wilberforce, O.

*D. A. Nolley*  
 My course in Penmanship, Bookkeeping, and Shorthand through the mail will prepare you for the position work. Write for information.  
 D. A. Nolley, M. Pen., 519 Michigan Ave., Buffalo N. Y.

**WANTED**  
 MAN or WOMAN with A-1 training in printing, capable of supervising a fully equipped schoolshop and prepared to teach the vocation.  
 Write  
 WM. W. COOKE, Director of Vocations, C. N. & I. DEPT. WILBERFORCE, OHIO

**Badges, Banners, Lodge Regalia**  
 For all Lodge and Church Societies  
**CENTRAL REGALIA CO.**  
 JOS. L. JONES, Pres.  
 N. E. Cor. 8th and Plum Sts., Cincinnati, Ohio

Telephone, Boring 7794  
**ISADORE MARTIN**  
 Real Estate and Insurance  
 Notary Public  
 Notary Mortgages  
 6 North 42nd Street, Philadelphia, Pa.

**THE STENOGRAPHERS' INSTITUTE**  
 1227 S. 17th Street, Philadelphia, Pa.

A Progressive School in a small building started by its founder investing a Five-dollar bill in a second-hand typewriter, using the limited space of a bath room for its first school room to accommodate the first four students. The school now has an equipment of Typewriting, Multi-graphing, Mimeographing, Sten-duplicating, Addressing and Eye-letting machines that have cost several thousand dollars. Dictation being secured for the New Year. New buildings and a larger equipment are woman ought to know: We are teaching what every Negro man and

**SHORTHAND TYPEWRITING BOOKKEEPING**  
 New Classes Starting January 5, 1920



A few of the graduates, teachers and students of the 1919 Class. Counting from left to right, seated, is Miss Gladys M. Hymen, a graduate, now bookkeeper at Brown and Stevens Bank, and one of the instructors of bookkeeping at the institute; Mr. J. B. Williams and Miss Helen E. Milton, appointed stenographers at the Philadelphia Navy Yard; Mrs. E. J. Duncan, wife of the founder and instructor of "Teach Typewriting" seated, is the right, is the founder.

The students from the South and other parts of the country are doing good work. Their pictures and all of the students who matriculate on or before January 5, 1920, will appear in the April number of this magazine.

**JOB WORK**—Don't worry your stenographer with those hundreds or thousands of circular letters. We can do them in a hurry and save you time, worry and money. Remuneration of \$1000 on your typewriter and we will fix them so you can fill the name and address in one year's time, making the circular appear as a personal letter.

**FREE EMPLOYMENT SERVICE**—Domestic and Clerical. Enclose stamp for reply.  
 EDWARD T. DUNCAN, President

P. S.—We do not teach by mail. We do not board our lodge students. We teach the Filmore-Howard Phonography, a shorthand that expresses every element of sound in a word and can be read with as much ease 10 years after as the day it is written. It stands the test of the Government Service.

Figura 91. À esquerda grifada, propaganda do *The Colored Teacher's Bureau* ["Escritório das Professoras de Cor"], Wilberforce, Ohio. À direita "Alguns formandos, estudantes e professores da turma de 1919 do *Stenographer's Institute*".

Fonte: *The Crisis: a record of the darker races*, dez. 1919, v. 19, n. 2, p. 89.

**Mutual Teachers' Agency**  
 (A Bureau for Colored Teachers)

Recommends teachers for schools; secures employment for teachers. Now is the time to register. Blanks and information furnished free on application. Local and long-distance telephone, North 1625.

S. M. KENDRICK, Secretary

1335 T STREET, N. W. WASHINGTON, D. C.

Figura 92. *Mutual Teacher's Agency* ["Agência de Professores Mútuos"], Washington D. C., Washington.

Fonte: *The Crisis: a record of the darker races*, mar. 1912, v. 3, n. 5, p. 216.

## HOWARD UNIVERSITY WASHINGTON, D. C.

**Collegiate and Professional Schools**

**JUNIOR COLLEGE** leading to Schools of Liberal Arts, Education, Journalism, or Commerce and Finance four year course, giving degree, A.B. or S.B.; A.B. or S.B. in Education; S.B. in Journalism; S.B. in Commerce.

**SCHOOL OF APPLIED SCIENCE**, four year course, giving degree, S.B. in C.E., S.B. in E.E., S.B. in M.E., S.B. in Arch., S.B. in Agrl., or S.B. in H.E.

**SCHOOL OF MUSIC**, four year course, giving degree of Mus.B.

**SCHOOL OF RELIGION**, three year course, giving degree of B.D. (Also diploma and correspondence courses.)

**SCHOOL OF LAW**, three year evening course, giving degree of LL.B.

**SCHOOL OF MEDICINE**, including Medical, Dental and Pharmaceutical Colleges. Four year course for Medical and Dental students; three years for Pharmaceutical. Following degrees given: M.D., D.D.S., Phar.C.

For Catalog and Information Write—  
REGISTRAR DWIGHT O. W. HOLMES  
Howard University, Washington, D. C.

## Morgan College and Branches

JOHN O. SPENCER, Ph.D., President  
WILLIAM PICKENS, Litt.D., Vice-President

**MORGAN COLLEGE**, Baltimore, Md.  
**LOCATION**—In great college town between the North and South.

**POLICY**—Co-educational.

**COURSES**—Four years, appropriate preparation for professional study, degree, education. Graduates certificated for elementary and high school teaching in the State.

**FACULTY**—College and university trained men and women.

**NEW SITE**—Forty acres of most beautiful scenery, stream, hill and forest.

**TERMS**—Very reasonable.

**INFORMATION**—Address Morgan College, Baltimore, Md.

**MORGAN ACADEMY**, Baltimore, Md.  
**LOCATION**—In the suburbs of Baltimore on a beautiful campus. Healthful surroundings.

**DORMITORIES**—Equipped and supervised. Can care for 80 students.

**TERMS**—Very moderate.

**PRINCIPAL**—Lee M. McCoy, A.M.

**PRINCESS ANNE ACADEMY**, Princess Anne, Md.  
(Eastern Branch of Maryland State College of Agriculture.)

**LOCATION**—Somerset County, famous eastern shore of Maryland.

**COURSES**—Preparatory, normal, industrial, domestic, music.

**DORMITORIES**—Carefully supervised; furnished.

**TERMS**—Free tuition; other expenses moderate.

**PRINCIPAL**—Thomas H. Kiah, A.M.

All Schools Open September 29, 1919  
Dormitories Open Sept. 27, 1919

## STATE 1919 AGRICULTURAL AND MECHANICAL COLLEGE FOR NEGROES NORMAL, ALABAMA

**A COMBINATION HARD TO BEAT**  
**A Thorough English Education Combined with a Trade**  
**WHAT TRADE WOULD YOU LIKE TO TAKE?**

Trades for Boys, 12      Trades for Girls, 7      Trades for both Sexes, 2

SUMMARY OF OUR GRADUATES—1875-1919

Department of Academics	1217
Department of Agriculture	118
Department of Household Economics	704
Department of Mechanic Arts	227
<b>Total</b>	<b>2266</b>

WHAT THEY ARE DOING

Principals of district schools	163	Editors and Journalists	8
Teachers in rural schools	296	Bookkeepers	16
Principals in secondary or high schools	24	U. S. Farm Demonstrators	2
Teachers in grammar or high schools	90	Undertakers and Embalmers	6
Doctors	41	Contractors and Builders	8
Lawyers	5	U. S. Bureau of Education	1
Dentists	8	Farmers	340
Pharmacists	3	Housekeepers	408
Druggists	10	Dead and unaccounted for	398
Working at trades	302		
Bankers	1	<b>Total</b>	<b>2266</b>
U. S. Government Service	38		
Jeanes teachers	7	Soldiers in the Great War	339
Directors of book establishments	2		

**STATE AND UNITED STATES APPROPRIATIONS**  
Property consists of 182 acres of land, 20 buildings for all purposes, live stock and general equipment valued at \$202,000. Send for catalog today.  
WALTER S. BUCHANAN, President.

Mention THE CRISIS.

Figura 93. Propagandas com oportunidades educacionais em diferentes partes do país: *Collegiate and School Professional* na *Howard University* em Washington, *Morgan College and Branches* (“várias cidades do Norte e do Sul”) e *Agricultural and Mechanical College for Negroes* no Alabama.  
Fonte: *The Crisis: a record of the darker races*, set.1919, v. 18, n. 5, p. 260.

Como já sabemos, essa campanha publicitária não atingiu apenas as afro-americanas e, por isso, seu estudo também reserva uma grata oportunidade de sairmos do gueto dos negros autênticos e essencialistas que supostamente criavam técnicas que eram única e exclusivamente suas. Numa bela trilha oposta a esta racialização reducionista, aprendemos com Kathy Peiss como a convivência interracial em espaços como mercados, farmácias e escolas de cosmética ergueu relações sociais e práticas corporais compartilhadas como no caso das judias e descendentes de europeus do Sul e do Leste que foram, em várias ocasiões, incitadas pela *American Jewess* a usar o *World Renowed Face Bleach*, um clareador da Madam Ruppert, testado em suas clientes nas exposições públicas que ela mesma conduzia desde 1889.<sup>362</sup>

Frequentadoras assíduas dos salões afro, as judias, por vezes, iam parar nas páginas de publicações negras como a *The Half-Century Magazine*, na qual conhecemos T. W. P., uma leitora invocada que interpretava a “democracia (...) da beleza de massa” como uma onda nefasta, responsável por fabricar “uma penca de terríveis mulheres De Cor” que não somente “alisavam o cabelo das Judias”, mas também lhes ensinava a alisar o “delas próprias”. Alunas aplicadas, estas últimas aprendiam tudo bem direitinho com o propósito de alcançar o padrão de beleza branca e, um tanto quanto ingratas, depois que todos os seus “cachos” eram “removidos”, elas então passavam a “desprezar” as “acomodadas” mulheres de cor com quem antes mantinham “contato”.<sup>363</sup>

Convém sublinhar que no caso das afro-americanas, a proliferação do mercado do clareamento tem uma característica que, embora não seja particular, possui um peso maior do que para outros grupos étnicos. Não só o uso, mas a fabricação dos artigos cosméticos vinculavam-se diretamente à história do “progresso racial” – como se dizia à época – alcançado por algumas dezenas de pessoas negras que, à revelia de todo o racismo e segregação, conseguiram enriquecer através desse comércio de beleza alternativo,

---

<sup>362</sup> Kathy Peiss, *Hope in a Jar...*, p. 85.

<sup>363</sup> T. W. P., “Too accommodating”, *The Half-Century Magazine: a colored magazine for the home and for the home maker*, Chicago, v. 12, n. 2, p. 21.

paralelo, enegrecido. Uma das pioneiras no ramo, a *Overton Hygienic Company* de propriedade do empresário afro-americano Anthony Overton, ilustra parte dessa trama.

Em 1916, a Convenção Nacional da firma (criada no Kansas em 1898 com o “modesto investimento de \$1960”<sup>364</sup>) é noticiada pelo número de estréia da *The Half-Century Magazine* como sendo o evento realizado pela “maior empresa controlada por Pessoas de Cor” do país.<sup>365</sup> Nessa mesma matéria, podemos ver, além do seu “prédio oficial”, o próprio Overton, sentado ao centro, junto com sua equipe de *sale men's* (agentes de venda). A foto do homem da raça não deixa dúvidas. Tratava-se de mais um mulato claro de sucesso. Mas o que o químico e presidente oferecia às suas clientes para manter-se nas páginas da imprensa negra quase duas décadas depois do lançamento da companhia?

---

<sup>364</sup> *Encyclopedia of Colored People and Other Useful Information*, The Overton Hygienic Company, Chicago, 1922.

<sup>365</sup> “A Sales Men’s Convention”, *The Half-Century Magazine*: a colored magazine for the home and the home maker, Set. 1916, v. 1, n. 1, p. 10.

10 THE HALF-CENTURY MAGAZINE August, 1916

## A Salesmen's Convention

ONE of the most novel and unique meetings of the month was a convention of the traveling salesmen of the Overton-Hygienic Mfg. Co., of Chicago, which held a two weeks' meeting in the company's office, June 7th to 21st.

This concern, which is owned and managed exclusively by our own people, manufactures a line of grocery sundries and toilet preparations—about 85 or more different articles; also the celebrated line of toilet requisites known as "High-Brown." It is accredited as being the largest business enterprise in the United States that is owned and controlled by Colored people, and employs in its office and factory from thirty to thirty-five people.

In addition to those in the picture the Company also employs one other salesman, Mr. G. A. White, of Kansas City. Mr. White unfortunately could not attend the meeting.

This convention is one of the best evidences of the race's advancement. Who would have dreamed, fifty years ago—yes, even twenty years ago, that a manufacturing concern composed exclusively of Negroes would have grown to the extent that it would find it necessary to call their traveling men together at its general office to discuss their many business problems? We are informed that carefully prepared papers were read by each salesman from



The accompanying picture, which was taken in front of their office building during the convention, shows the president, the chemist and the seven traveling salesmen and their two traveling agents. In the picture they are as follows:

Seated: Mr. Anthony Overton, president of the company.  
 Standing (reading from left to right): Mr. Warren Roane, traveling the North Atlantic Coast States; Mr. Wm. Gates, traveling Oklahoma, Texas, Arkansas and Louisiana; Mr. Everett Overton, chemist; Mr. K. Johnson, agent, Portland and Seattle; Mr. Bruce K. Tucker, traveling Mississippi, Tennessee and Western Alabama; Mr. Wm. S. Easter, traveling District of Columbia and Maryland; Mr. C. E. Howard, traveling Eastern Alabama, Georgia, Florida and South Carolina; Mr. T. Champion, agent, San Francisco; Mr. A. E. Jordan, traveling Illinois, Ohio, Indiana and Kentucky.

day to day, which were followed by general discussions. Some of the subjects covered are as follows:

"Salesmanship."  
 "Meeting Competition."  
 "How to Finance the Corporation, etc."

My! My! Just think of it—Negroes assembled and seriously discussing, "How to Finance a Corporation." Surely the world "do" move. Success to you, boys! Come to Chicago again. You are welcome!

Figura 94. "Uma convenção dos agentes de venda". Na foto, "tirada em frente à sede da empresa". Antony Overton (sentado ao centro) e sua equipe de vendedores.  
**Fonte:** *The Half-Century Magazine*, ago. 1916, v. 1, n. 1, p. 10.

**HIGH-BROWN SOAP**



*As much care should be exercised in the selection and use of a good toilet soap as with one's food.*

*OUR HIGH-BROWN SAVON DE LUXE represents the Acme of Perfection in scientific soap-making—it is daintily-scented and its fragrance you will find delightful and pleasing.*

*Put up in a handsome Brown and Gold package. Price 25c per cake. Manufactured by*

**The Overton-Hygienic Manufacturing Co.**  
DEPT. H. C.  
CHICAGO, ILL.

THE HALF-CENTURY MAGAZINE

**BEAUTY HINTS**  
THE CARE OF THE HANDS  
By Evelyn Northington



**I**f your hand is fat and chafed, the cause of the average professional hands are very slender.

After the nails have been properly shaped, place the finger tips in a bowl of lukewarm water to which you have added a good liquid soap. This softens the cuticle. Allow the fingers to remain in the water for about five minutes, after which the hand should be carefully dried and the cuticle pushed back. This can be done with an orange wood stick or some similar instrument. In returning to the cuticle can be avoided by wrapping a small piece of gauze around the end of the implement and using it.

If the cuticle is extraordinarily long and hangs nails or callouses exist, trim them with the callous instrument. This should seldom be done as the more the cuticle is cut, the harder and more callous it becomes. The cuticle can usually be kept in proper condition by regularly pushing it back with a towel when drying the hands.

He was a wise man, indeed, who said, "Show me not her face—let me see her hands, for they reveal the years."

Where is there a woman who would not give her hands the most undivided attention were she only aware of the fact that her age was being judged thereby?

We are now entering a new season which brings with it a demand for social activities. It is almost certain that the lady is quite busy planning her afternoon frocks and evening gowns for the coming receptions, card parties and musicals. No doubt she is having her creations made in the latest and most youthful styles. I wonder if she is giving her hands the time and attention they deserve. Even those who most religiously attend to the hair and complexion, often ignore the importance of keeping the hands smooth, soft and fresh looking. Well kept hands and nails are an indication of good breeding and character. Even the housewife, busy with her homely duties, can have hands that are beautiful, smooth and expressive of infinite charm.

A good soap is an absolute necessity; one that has bleaching qualities is preferable. The more your hands are washed in warm, soapy water, with a good nail brush, the livelier they will become. It is best to use a good hand lotion after washing them.

A good warm bath should be taken at night to remove the dust and grime of the day. The hands and arms and especially the elbows should be scrubbed with a good soap in order to purge the pores of all impurities. Rinse well in clean, warm water. This cleansing bath will insure you freedom from "goose-flesh"—a disfigurement often seen on otherwise lovely arms. Dry the hands and arms and rub on a covering of good cold cream, patting it into the skin as high as the elbow. Massage for five or ten minutes. Don't overlook the elbow cushions—a little cream rubbed into the skin about the elbows will prevent that dark brown or ashen look so frequently seen. This cream softens dry, cracked cuticle and does wonders in keeping the finger tips in good condition.

After your skin has absorbed all it will, dip Turkish towels in hot water, wring out, and lay these hot compresses on each arm, keeping them in place five or six minutes. After washing in very cold water, then give them a light, brisk rub with a good lotion. You will find this a most agreeable means of obtaining the relaxed pores. The next morning while arranging your toilet, give your nails a manicure as follows:

File or cut the nails the desired length and approximate shape, about one-eighth of an inch from the finger tips. The cutting can be done with nail nippers or scissors, but the former are always more practical. Always cut from the center of the nail toward the side. After the nails have been brought to about the desired length, they should be shaped with a good fine file. When the nails are long, if a file is used instead of nippers or scissors, the nails become thick. The file should not be held too firmly, always filing from the side of the nail toward the center. At the conclusion of the filing operation, the nails should extend a little more than one-sixteenth of an inch beyond the finger tips.

All stains can be removed from the fingers and from the surface and underneath the nails by using the pointed end of an orange wood stick saturated with a little cotton and saturated thoroughly with a good nail bleach or peroxide. Gently remove all scales from the surface of the nails with the cuticle knife, using great care not to injure or scratch the natural enamel. The rough and uneven edges of the nails and calloused places should be smoothed with a good emery board. If the nails are too badly corrugated they can be scraped and smoothed down with a cuticle knife, but if it is an aggravated case, great care should be taken not to cut away so much of the nail as to injure it. In the latter case, several operations will be necessary to make the nails perfectly smooth. A good grade of pulverized pumice may be employed to advantage in sanding or smoothing the nails.

From one to two weeks should intervene between the scraping process as this will give the nails proper time to thicken at the scraped points. It is not advisable to use pumice unless the nails are exceptionally rough or scratched, for if used regularly they wear away too rapidly. I have known

*(Continued on page 17)*

**WHEN DREAMS COME TRUE**

Think of the realization of your fondest dream—The perpetuation of youth and beauty.

You can make this dream come true by using

**Hygienic Peroxide Vanishing Cream**

a product of a rare order

Dripping with fragrance and soothing coolness.

Especially prepared for oily complexions—delightful after shaving.

Manufactured by:—

**THE OVERTON-HYGIENIC MFG. CO.**  
Chicago, Ill.

**Do You Like Good Perfumes?**

THEN TRY

**OUR PERFUMES**

AND

**TOILET WATERS**

*If you wish Lasting Perfumes and Toilet Waters in the true flower odors, use some of these:*

**LES FLEURS**—A combination of flowers.

**HIGH-BROWN**—A fragrant, lasting odor, originated by us.

**DIANANIS**—Something new and original.

**LE TREFLE**—The true odor of clover blossom.

**VIOLET, ROSE, CRAB APPLE, LILAC**, and a number of other popular odors.

We also manufacture a line of Sachet Powders.

MADE BY

**The Overton-Hygienic Manufacturing Co.**  
Dept. H. C., CHICAGO

Figura 95. À esquerda, anúncio do *High-Brown Soap*. À direita, *Beauty Hints*, uma coluna mensal com dicas sobre como cuidar da beleza feminina.

Fonte: *The Half-Century Magazine*, out. 1917, v. 3, n. 4, p. 12

Um singelo impresso é quem auxilia a responder a pergunta. Provavelmente de 1922, a *Encycloped of Colored People* consistia num catálogo de divulgação dos produtos da firma e de “outras informações úteis”, a saber, descrições de feitos históricos da raça negra em diferentes partes do mundo e “que foram traduzidos de outras línguas”.<sup>366</sup>

<sup>366</sup> “Foreword”, in *Encycloped of Colored People*..., s/p.

No referido livreto, vendido pelo “pequeno preço” de \$0,50, que não representava nada perto de tão “valiosas informações”, são apresentados parte dos “153 artigos (...) manufaturados na própria fábrica”.<sup>367</sup> Nele, visualizamos talcos, perfumes, charutos, *hygienic rouges* e *cold creams*. Todavia, o que mais se destaca é o *High-Brown Face Bleach*, um pó destinado às pessoas que deseja[sse]m um clareamento efetivo”.<sup>368</sup> Para elas, a graciosa caixa, que, diferentemente dos *boxes* de outras concorrentes (que só “usavam tinta preta e branca no rótulo” por considerar que isso estava de bom tamanho “para Negroes”<sup>369</sup>), custava \$0,25, sendo que “\$0,07”<sup>370</sup> deste preço representavam o lucro do vendedor.

---

<sup>367</sup> Idem, p. I.

<sup>368</sup> Idem, s/p.

<sup>369</sup> Idem, p. 11.

<sup>370</sup> Idem, p. 2.

## HIGH-BROWN PEROXIDE VANISHING CREAM

**HIGH-BROWN VANISHING CREAM** is a day cream, and does not collect dirt; leaves no oil or grease on the face, and is especially soothing and cooling. High-Brown Vanishing Cream is an excellent preparation for keeping the skin soft and pliant, as it smooths out the wrinkles that are sure to deepen if ignored. It is pure and sweet, and



will remain so under the most trying conditions. For those who have excessively oily skins, High-Brown Vanishing Cream will be found very adaptable and relieving. It is also especially prepared to be used before applying the Rouge and Face Powder so that the Rouge and Face Powder will adhere and be evenly distributed.

**Price 50 cents**

**For A Night Cream**

## High-Brown Cold Cream

**HIGH-BROWN COLD CREAM** is a day cream, and does not collect dirt; leaves no oil or grease on the face, and is especially soothing and cooling. High-Brown Cold Cream is an excellent preparation for keeping the skin soft and pliant, as it smooths out the wrinkles that are sure to deepen if ignored. It is pure and sweet, and



Men find it very comfortable after shaving as it softens and soothes the skin, completely vanishing without leaving the skin oily. High-Brown Cold Cream is unexcelled as a skin food. It is made from the finest quality and purest of vegetable oils and is an excellent emollient. Price 50c. We will send one jar each of High-Brown Vanishing Cream, High-Brown Cold Cream and one sample trial size of High-Brown Face Powder for \$1.00, postage paid.

### WERE YOU EVER EMBARRASSED?

[The Half-Century will pay \$1 for every letter published on "When I Was Most Embarrassed." No manuscripts will be returned. Write in ink on one side of the paper.]

**Carried Off the Teakettle**

I am a physician and very absent-minded at times. One day I received a call over the phone and was asked to hurry as the patient was violently ill. Although my office was full of patients, I decided to leave my assistant in charge and hurry out in answer to that call. I started to cross the street when the smiles and suppressed giggles of the bystanders caused me to look down and realize that I had picked up the teakettle instead of my instrument case. W. L. R.

**That Ragged Sock**

Finding a hole in the heel of my sock one morning, I hurried back to my room and changed them after I had put on my hat and coat. Unconsciously I rolled up the old ragged pair and stuck them in my pocket. That afternoon I went to a tea shop with a girl friend and when we had finished our lunch, went to pay the bill.

As I reached for my purse, she called my attention to a pretty box of candy in the show case. Imagine my embarrassment when I found I was holding the ragged socks in my hand instead of my pocketbook. L. M.

**Sugar in the Nose**

I invited a friend to dinner one day, then realizing that the lady had an unusually large nose, I called my small son before the guest arrived and told him that under no circumstances was he to stare at the lady or in any way to appear to notice her large nose.

When the dinner was served and I was pouring the tea, I saw my little boy staring with astonishment at the lady's nose. My fear that he would make some awful remark completely upset me.

Before I realized it, I had said: "Mrs. Brown, do you wish cream and sugar in your nose?" Y. W. Q.

**Apologies in Order**

We have been troubled a great deal lately by tramp dogs and cats in our garbage can. Often the porch is all littered up in the mornings where they have tipped the can over in their search for food. I decided that I would give them a good scare the next time I heard them disturbing the can.

The other morning I heard the can rattle and hurried to the door, stick in hand, yelling, "Get out of there; get out of there, you nasty thing."

Then I stopped. For there stood the janitor laughing.

**OVERTON - HYGIENIC MFG. CO.**  
Dept. H. C. Chicago, Illinois

Figura 96. Anúncios do *High-Brown Peroxide Vanishing Cream* ["Creme de Desaparecimento *High-Brown Peroxide*"] e do *High-Brown Cold Cream* ["Creme Frio *High-Brown*"].  
Fonte: *The Half-Century Magazine*, fev.1922, v. 12, n. 2, p. 14.

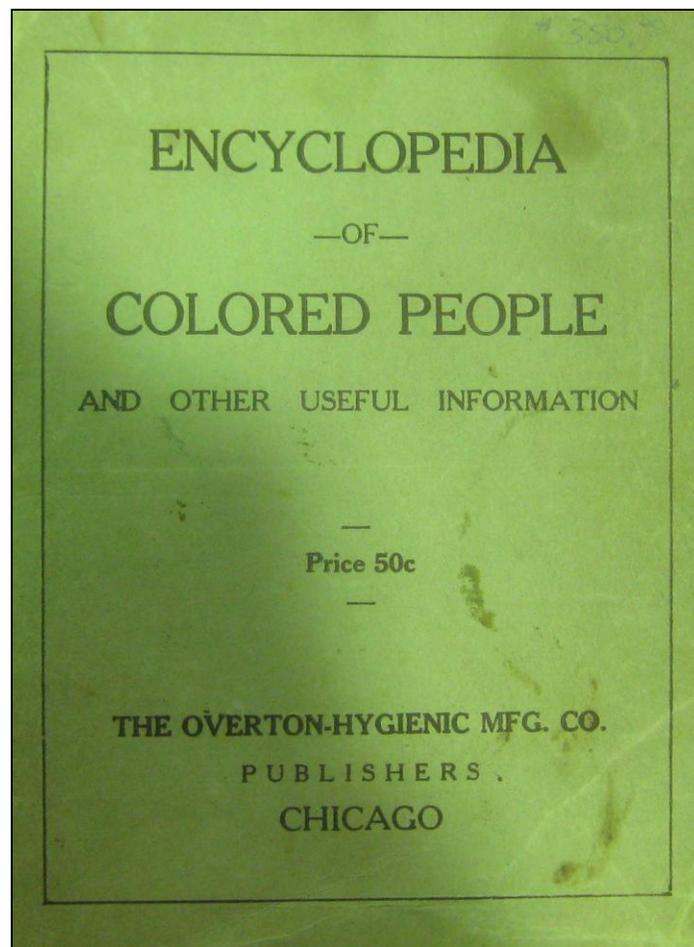


Figura 97. Capa da *Encyclopedia of Colored People* [“Enciclopédia da População de Cor”], 1922.  
**Fonte:** *Encyclopedia of Colored People and other useful information*, Chicago, Overton-Hygienic Mfg. Co., 1921.

Caso as interessadas desejassem um resultado mais eficaz, era-lhes facultado acesso a um kit que, além do referido pó, era composto pelos seguintes itens: *High-Brown Bleach Soap* e *High-Brown Bleach Ointment*. Ou seja, por intermédio de um polvilho, um sabonete e uma pomada seria possível “harmonizar a compleição das mulheres de Cor” de forma incontestável, afinal a o Sr. Overton assegurava o “mérito superior” de todas os seus manufaturados<sup>371</sup>, o que, para ele, justificava a existência de tantos “imitadores”.<sup>372</sup>

---

<sup>371</sup> Idem, p. 2-3.

<sup>372</sup> Idem, p. 2.

Como fio condutor da narrativa, a companhia do Kansas, que tinha “125 empregados”<sup>373</sup> nos anos 1920, lançava mão de um discurso de “valor”, “qualidade” e “serviço” ressaltando que “ignorância”, “desonestidade” e “decepção” eram constituintes da “inferioridade” humana e que estavam distantes da fábrica “operada exclusivamente por pessoas de Cor (...) sem nenhum dólar branco”. Essa condição de estabelecimento *Colored* foi reivindicada também nas páginas seguintes, onde lemos que o propósito maior da firma, “composta exclusivamente por *Negroes*”, era “dar crédito” à sua “raça” distribuindo “empregos dignos e honrosos” para seus “homens e mulheres até que eles terminassem de se instruir”.<sup>374</sup>

A articulação entre empreendedorismo e educação, melhoramento da aparência e equidade social será uma das principais marcas de outras companhias de beleza negra como a *Madam C. J. Walker Manufacturing* e a *Poro Hair Beauty*, que conheceremos mais de perto no próximo capítulo e que assim como a Overton possuíam seus próprios *beauty colleges* (faculdades de beleza), que tinham como objetivo formar “boas operadoras” visto que as “faculdades brancas” não podiam fazer isso, pois “desconheciam as grandes diferenças da textura do cabelo e da pele” existentes entre as “duas raças”. Ao serem preparadas por “cinco *experts* em beleza”, duas das quais diplomadas nos “dois melhores *Colored Beauty Colleges*”, as estudantes teriam contato com “métodos esplêndidos”, fruto de “pesquisas originais” e, além disso, as sortudas também fariam o curso obrigatório de *business*.

---

<sup>373</sup> Idem, p. 1.

<sup>374</sup> Idem, p. I-3.



Figura 98. “Chefes de alguns dos Departamentos da *Overton Hygienic Company*”.

Fonte: *Encyclopedia of Colored People and other useful information*, Chicago, Overton-Hygienic Mfg. Co., 1921.

Ao deixarem a “instituição” conhecida de “costa a costa” pelos seus “mais altos padrões”, as cosmetologistas estariam enfim prontas para alcançar o “reconhecimento direto” e ganhar “muito dinheiro”.<sup>375</sup> Mas Overton não era o único no país, afinal Madame Alice H. Thomas-Mason, diplomada pela *Burnham’s Beauty College*, oferecia em 1912 um curso de “dez semanas”, que custava U\$10. Na sua *Thomas School Beauty Culture*, localizada em Chicago, eram ministradas lições para manipular cremes contra “defeitos” faciais”, pois a “médica” era categórica em afirmar que a “aparência pessoal” representava uma “alavanca para controlar o destino”.<sup>376</sup>

<sup>375</sup> *The Half-Century Magazine: a colored magazine for the home and the home maker*, fev. 1922, v. 12, n. 2, p. 11

<sup>376</sup> *The Crisis: a record of the darker races*, dez. 1913, p. 94.

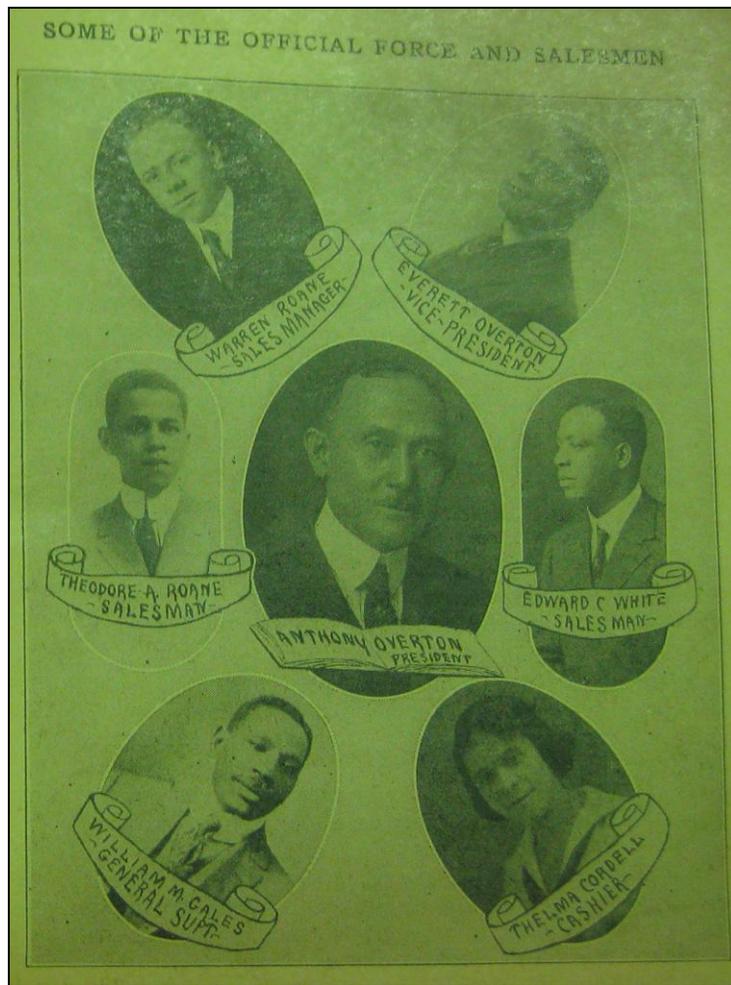


Figura 99. “Algumas [pessoas] da Força Oficial e ados gentes de venda [da *Overton Hygienic Company*]”.  
**Fonte:** *Encyclopedia of Colored People*, 1922.

February, 1922 11

## GOOD BEAUTY OPERATORS



**Are Always in Great Demand and  
MAKE BIG MONEY**

The world demands the services of experts. At this writing, there are bills pending in the Legislatures of four states which, if passed, will prohibit beauty specialists and hairdressers from practicing unless they have a diploma from an accredited college. More bills of this kind are promised for the future.

Graduates of ordinary Beauty Schools will not be able to qualify. This means more business for those who do meet all requirements

### A Diploma From THE OVERTON HIGH-BROWN BEAUTY COLLEGE Is a Guarantee of Immediate Recognition

White schools cannot teach correct methods of treating the hair and skin of Colored people, because there is too great a difference in the texture of the hair and skin of the two races. We will endeavor to assist financially any of our graduates to fix up their parlors with modern facilities, because we want all places bearing our name to be clean, neat, up-to-the-minute and creditably equipped at all times. Our system is made up of the best features of five splendid methods, together with a great deal of original research on our part. In addition to beauty culture, our curriculum includes a course in business. Graduates get the advantage of our twenty-three years in the commercial world. Our establishment is one of the most up-to-date and thoroughly equipped in the United States, regardless of color.

THE FACULTY OF THIS COLLEGE consists of five expert beauty specialists, two of them graduates of the two best known Colored Beauty Colleges and three graduates of three well known white colleges.

**THE BEST RECOMMENDATION ON EARTH**

Is a diploma from our college. It gives you the prestige of the Overton-Hygienic Mfg. Co., an institution that is known for the highest standing from coast to coast.

**WRITE TODAY FOR PARTICULARS**

THE  
**OVERTON HIGH-BROWN  
BEAUTY COLLEGE**  
Chicago, Illinois

Figura 100. “Boas Operadoras da Beleza”, *The Overton High-Brown Beauty College*.  
Fonte: *The Half-Century Magazine*, fev.1922, v. 12, n. 2, p. 11.

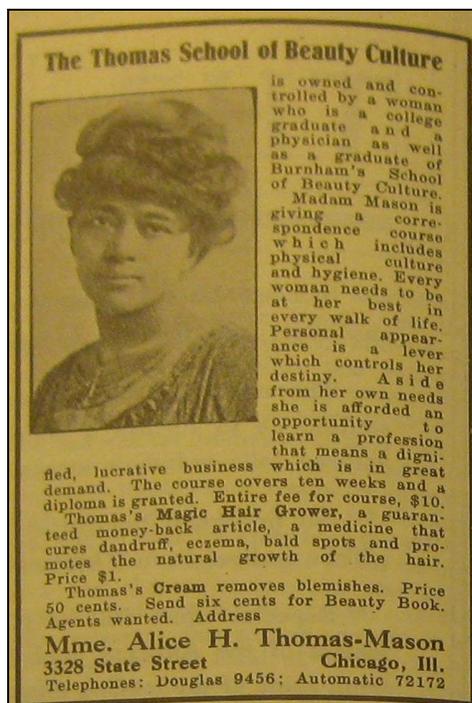


Figura 101. Mme. Mason e a *Thomas School Beauty Culture*.  
 Fonte: *The Crisis: a record of the darker races*, dez.1913, v. 7, n. 2, p. 94.

Deixando a “especialista em cultura médica e higiene”<sup>377</sup> de lado e voltando às esperanças compradoras, convencidas dos princípios da *Overton*, que frisava não estar “obrigando” ninguém a usar seus produtos (“nós não estamos lhe pedindo para comprar (...) ou para experimentar em você HIGH-BROWN TOILET ARTICLES (...) porque você é livre para fazer o que quiser”<sup>378</sup>), elas poderiam não só usar, como “julgar” o *High-Brown face Powder*, tendo como parâmetro sua própria pele. Julgar o artigo tinha um sentido estritamente racializado porque significava atestar sua qualidade “superior” com relação a outros produtos fabricados pelos “brancos”, “imitadores” que “não sabiam nada acerca das propriedades químicas dos produtos [da Overton]” e que, mesmo que soubessem, não se preocupariam em fabricar artigos de qualidade para “uso exclusivo de pessoas de Cor”.<sup>379</sup>

<sup>377</sup> Idem, ibidem.

<sup>378</sup> *Encycloped of Colored People...*, p. 8 (Grifos do original)

<sup>379</sup> Idem, s/p.

Nessa lógica de proteção racial criticar não bastava. Era preciso dar nome aos bois, por isso, as clientes deviam se precaver de marcas como *Silk-Brown*, *Dark-Brown*, *Black Folks* e “todas as inimagináveis espécies de *brown*”<sup>380</sup>, manufaturados por empresas brancas que vendiam “giz marrom” de qualidade duvidosa e preparado com “perfumes baratos”.<sup>381</sup>

Além dos inimigos da raça, Overton também concorria com outras companhias afro-americanas, como a do Dr. Palmer, que anunciou durante anos no *The Chicago Defender* a *Skin-Success Ointment*, uma pomada “original” voltada para o “sucesso da pele”. Mas o que seria esse tal “sucesso”? “Usado por mais de oitenta anos” é o próprio artigo quem nos responde: “branquear a compleição”.<sup>382</sup> Ao reforçar que existia uma tez auspiciosa branqueada, o anúncio pressupunha também a existência de uma pele social, fisicamente arruinada, a pele *black*.

Comparando as duas propagandas – *High-Brown* e *Skin Success* – é possível identificar estratégias discursivas diferenciadas e que dimensionam o fascínio exercido por produtos que prometiam ser capazes de diminuir a quantidade de melanina dos indivíduos. Ainda que as duas empresas defendessem o clareamento, enquanto a primeira definia o sucesso como aquele *brown* (em “harmonia” com a “compleição” de cor), a segunda considerava que, para alcançar prestígio, era preciso empreender uma transformação radical branqueando a constituição física negra. Dessa forma, era como se o discurso de “harmonia” da *Overton* fosse mais sincero e realista, algo do tipo, “nós não vamos branquear sua pele, pois isto não é possível”<sup>383</sup>, mas temos como te ajudar tornando sua “compleição macia, iluminada e suave”.<sup>384</sup>

---

<sup>380</sup> Idem, p. 3.

<sup>381</sup> Idem, ibidem.

<sup>382</sup> Dr. Palmer's - “Do You Believe in Signs?”, *The Chicago Defender (The Big Weekend Edition)*, 22 de fevereiro de 1919, p. 22.

<sup>383</sup> *Golden Brown Bleaching*, 1920, apud Kathy Peiss, *Hope in a Jar...*, p. 223.

<sup>384</sup> Idem, ibidem.

Nessa caçada a consumidoras que desejavam melhorar sua compleição destacavam-se também duas prestigiosas mulheres da raça. A já mencionada Madam C. J. Walker e Annie Pope Turnbo, proprietária do *Poró Hair & Beauty Culture*, em Indianapolis. Ainda que as empresárias tenham, durante toda vida, recusado-se a rotular seus produtos como *bleachings* ou alisantes de cabelo, isso não equivale a dizer que ao menos uma delas não comercializasse artigos faciais com objetivo de melhorar a compleição. No catálogo da *Poró*, conhecemos o *Poró Skin and Scalp Soap*, um sabonete indicado para “limpar a pele e manter a compleição clara e fresca”.<sup>385</sup>

Já no caso de Walker, não encontramos evidências a esse respeito. Somente depois de 1918 é que artigos para o rosto que prometiam uma “compleição adorável” e uma pele “fresca”, “suave”, “adorável” e “atraente” começam a aparecer com frequência. Quando sob seu controle, a empresa anunciava exclusivamente as “preparações da Madam Walker” com destaque para o *Wonderful Hair Grower*, o mais vendido dos artigos até sua morte.<sup>386</sup> Uma das pioneiras, a modesta propaganda, publicada pelo *The Crisis* ao lado dos objetivos da N.A.A.C.P. ainda em 1912, confirma tal assertiva.

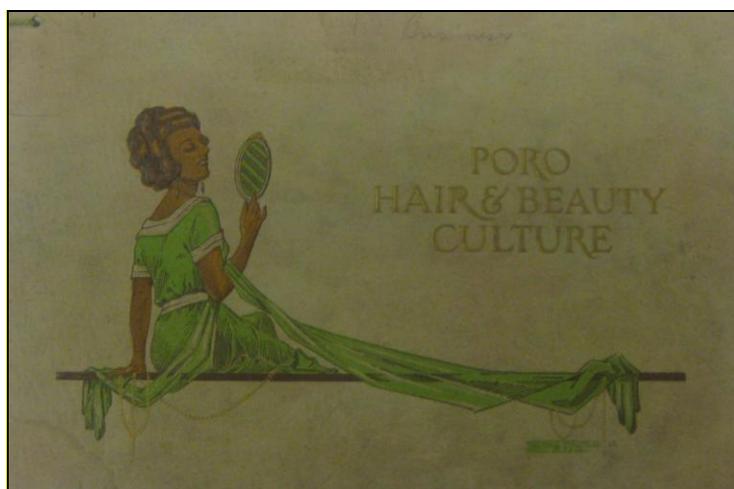


Figura 102. Capa do catálogo da *Poró Hair & Beauty Culture*.  
**Fonte:** *Poró Hair and Beauty Culture*, St. Louis, Poró College, 1922.

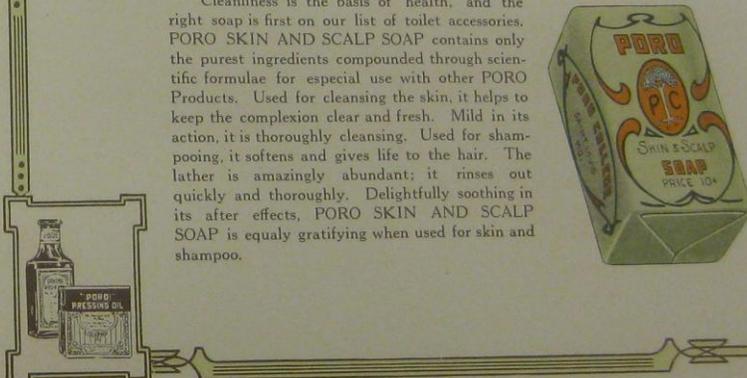
<sup>385</sup> *Poró Hair and Beauty Culture*, p. 23.

<sup>386</sup> Kathy Peiss, *Hope in a Jar...*, p. 225-6.

PORO COLLEGE

*Poro Products on Your Dressing-Table Assure Complete  
Harmony of Fragrance and Quality*

Cleanliness is the basis of health, and the right soap is first on our list of toilet accessories. PORO SKIN AND SCALP SOAP contains only the purest ingredients compounded through scientific formulae for especial use with other PORO Products. Used for cleansing the skin, it helps to keep the complexion clear and fresh. Mild in its action, it is thoroughly cleansing. Used for shampooing, it softens and gives life to the hair. The lather is amazingly abundant; it rinses out quickly and thoroughly. Delightfully soothing in its after effects, PORO SKIN AND SCALP SOAP is equally gratifying when used for skin and shampoo.



*Page Twenty-three*

Figura 103. *Poro Skin Soap* com seus “mais puros ingredientes”.  
**Fonte:** *Poro Hair and Beauty Culture*, St. Louis, Poro College, 1922, p. 23.

PORO COLLEGE

*Announcement*

PORO is the name by which the products of our laboratories have been known since 1906. Each passing year deepens the significance of PORO because we hold fast our covenant with PORO patrons.

Pursuant to the constant and ever increasing demand of thousands of enthusiastic PORO patrons who have used PORO Hair Preparations with most pleasing results, PORO Toilet Preparations are now manufactured and supplied PORO Agents for re-sale to the public.

The new PORO Toilet Preparations are of that same high standard as has always characterized PORO Hair Preparations.

*Many PORO Agents are now materially increasing their PORO business through the sale of these fine Toilet Goods.*



*Page Twenty-two*

Figura 104. Anúncio do *Poro Skin Soap* no canto direito da página.  
**Fonte:** *Poro Hair and Beauty Culture*, St. Louis, Poro College, 1922, p. 22.

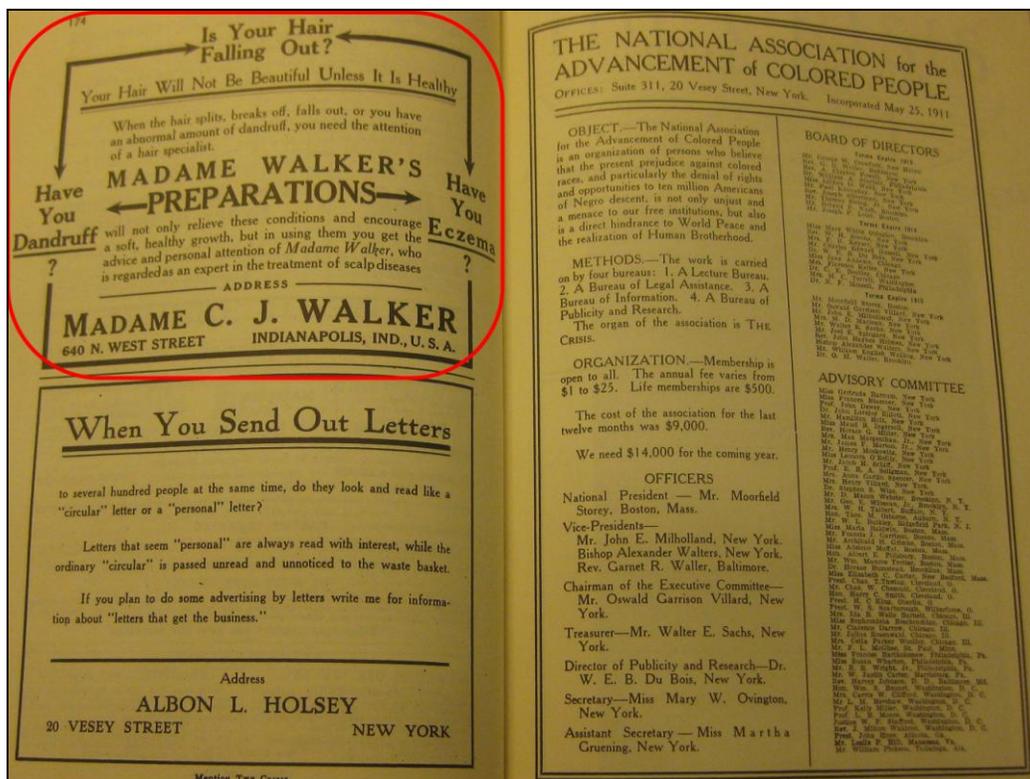


Figura 105. “Seu cabelo está caindo?” *Madam Walker’s Hair Preparations*.  
**Fonte:** *The Crisis: a record of the darker races*, fev. 1912, v. 3, n. 4, p. 174.

Entretanto, após morrer, sua filha A’Lelia Walker (também dona de uma escola, o *A’Lelia Walker College of Hair Culture*) será seduzida pelos apelos da época passando a fabricar e comercializar o *tan-off*, uma espécie de desbronzeador que prometia “remover sardas, espinhas e o bronze (sic).<sup>387</sup> Concorrente do mulato Overton, a sucessora da Madame também parecia apelar para uma cosmética mais realista, pois enquanto tentava convencer os afro-americanos de sua preocupação com a “raça de cor”<sup>388</sup>, mesclando imagens de “grandes líderes da raça” como o “antiescravista” Frederick Douglas e o “educador” Booker T. Washington aos produtos da empresa, a jovem, conhecida como a

<sup>387</sup> “Glorifying Our Womanhood”, *The Messenger: World’s Greatest Negro Monthly*, mai. 1925, v. 7, n. 5, p. 212.

<sup>388</sup> *The Key to Beauty...*, s/p.

“musa da alegria do Harlem”<sup>389</sup>, oferecia um “embelezador da compleição” em “três tons”:  
 “branco, rosa-carne e marrom”<sup>390</sup>.



Figura 106. “Quatro Grandes Líderes” (esq.) e “Algumas Belezas de Cor” (dir.).

Fonte: *The Key to Beauty, Success, Happiness*, Indianapolis, Madam C. J. Walker Manufacturing Company, 1929, s/p.

<sup>389</sup> Filha do primeiro casamento de Sarah Breedlove (com Moses McWilliams), Lelia McWilliams nasceu em 1885 em Vicksburg, Mississippi. Assim como a mãe, em torno de 1907, ela adota o sobrenome Walker tornando-se Lelia Walker. A jovem participou ativamente dos negócios da mãe tornando-se seu braço direito. Em 1907, já em Pittsburgh, Pensilvânia, a companhia de Walker inaugura seu *Beauty College*. Denominado *Lelia College*, a escola ficava sob a responsabilidade direta da jovem, enquanto a fábrica a cargo da mãe e de seu padrasto. Após a morte de Madam Walker, em 1919, Lelia incluiu a letra A' à frente de seu nome, passando a se chamar A' Lelia Walker. A' Lelia foi uma figura de muita importância no Harlem Renaissance, como vimos, um movimento cultural, político e literário que reuniu diversos músicos, escritores e artistas afro-americanos nos anos 1920. Langston Hughes, um dos expoentes do movimento chamava A' Lelia de “a deusa da alegria no Harlem”, devido sobretudo às festas que a jovem, uma das mecenas do HR, oferecia na mansão herdada de sua mãe e conhecida como *Villa Lewaro*. A' Lelia faleceu subitamente em 1931. A' Lelia Bundles. *On Her Own Ground: The Life and Times of Madam C. J. Walker*, New York, London, Toronto, Sidney, Singapore, Washington Square Press, 2002, p. 92.

<sup>390</sup> *The Key to Beauty, Success, Happiness*, Indianapolis, Madam C. J. Walker Manufacturing Company, 1929, s/p.

**ARISTOCRATS OF  
THE DRESSING TABLE**

Towering far above "average" toilet preparations, eclipsing "good" toilettes and surpassed in effectiveness by no similar articles on the world's market, MADAM C. J. WALKER'S SUPERFINE PREPARATIONS for the hair and skin stand out today as Aristocrats of the Dressing Table.

**Wonderful Hair Grower**  
Vegetable Shampoo  
Superfine Face Powder  
Antiseptic Soap  
Face Creams

**Glossine**  
Witch Hazel Jelly  
Tan-Off  
Complexion Soap  
Toilet Water  
Perfume, Etc.

—18 Preparations, each a chemist's masterpiece, conservatively priced and made to aid you have luxuriant tresses and a beauty-kissed complexion.

*Cheerfully supplied you by Walker Agents,  
good drug stores and by mail.*

THE MADAM C. J. WALKER MFG. CO., Inc.  
640 North West Street, Indianapolis, Ind.

**Madam C.J. WALKER'S**  
**SUPERFINE PREPARATIONS**

FOR the HAIR  FOR the SKIN

Figura 107. Propaganda “Aristocratas da Penteadeira”/Tan-Off da Madam Walker Company.  
**Fonte:** *The Messenger: World's Greatest Negro Monthly*, mai. 1925, v. 7, n. 5, s/p.

Quando da análise desses anúncios, todo cuidado é pouco para não incorreremos no simplismo de constatar que suas consumidoras queriam ser brancas e pronto. Como temos visto, a pele clara era o modelo hegemônico de beleza, assim, na condição de pessoas escuras, privadas dos direitos de cidadania mais básicos (sentar-se à praça, frequentar restaurantes, utilizar transportes, banheiros e bebedouros públicos, estudar, etc.), as afro-americanas *também* tentavam se aproximar ao máximo do que o *The New York Age*, quando da realização do seu concurso nacional – o *Miss Bronze America* - definiu como “padrão de beleza racial básico”.<sup>391</sup> Tal padrão também foi acompanhado por outras publicações como o *The New York Amsterdam News* que, em 1925, por intermédio da caça-

<sup>391</sup> *New York Age*, 23 de julho de 1914.

talentos Madam Hightower, selecionava entre “esposas, namoradas, amigas, irmãs, professoras e vendedoras” de “48 estados” jovens de cor aptas a disputar a coroa do *Miss Golden Brown* em *Atlantic City*.<sup>392</sup>

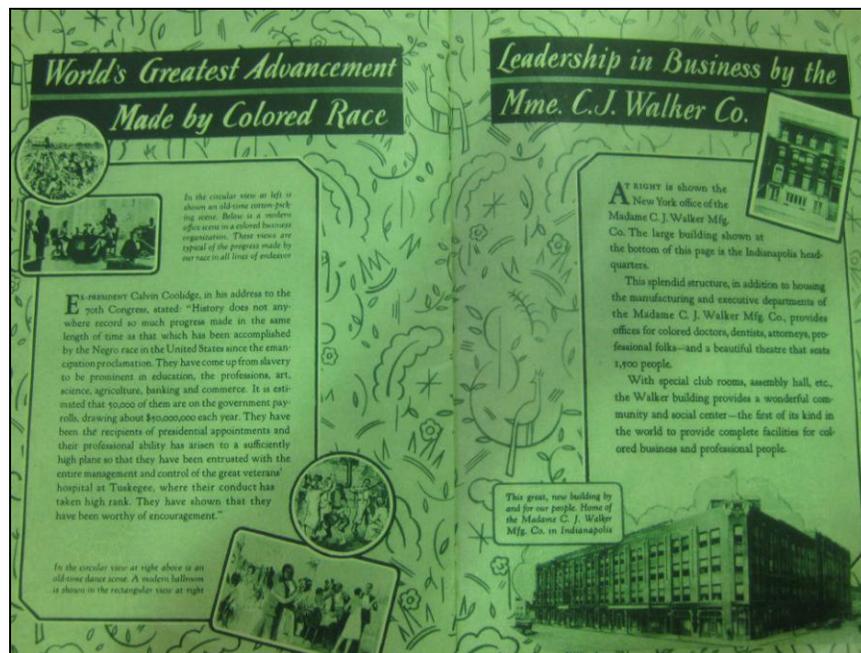


Figura 108. “O maior avanço do mundo feito pela Raça de Cor” (esq.) e “Liderança em Negócios” por *Mme. C. J. Walker Co.*

**Fonte:** *The Key to Beauty, Success, Happiness*, Indianapolis, Madam C. J. Walker Manufacturing Company, 1929.

<sup>392</sup> “Beauties of Forty-Eight States Off in Nation’s Great Beauty Contest”, *The New York Amsterdam News*, 24 de junho de 1925, p. 8.



Figura 109. Alene Johnson (esq.) e Verna Blackwell (dir.), vencedoras de etapas sucessivas de um concurso de beleza negra promovidos em Massachusetts e New England.

Fonte: *The New York Amsterdam News*, 17 de abril de 1929, p. 9.

Num ir e vir no tempo, os primeiros comerciais do século XX fornecem mais elementos para a historicização dessa *skin culture*. Bem antes do catálogo da *Overton*, da Madam Walker e dos anúncios da *Palmer* surgirem no mercado já existiam outros produtos para mudar a pele negra. Na *The Colored American Magazine*, podemos ler as descrições detalhadas das propriedades e benefícios de um item específico, o *Cold Cream* da *Madam Burnhuam's Velvet*. O artigo da mesma responsável pela formação da distinta Mme. Mason, que conhecemos acima, não deixava nada a desejar para a cosmética tradicional. Menos do que simples imagem, o desenho mal riscado de uma mulher branca, que motivava a leitora a transformar o visual por meio do creme “de veludo”, já reforçava a idéia de que ser *black* era feio e que seria preciso mudar.

A solução para superar o visual indesejado e “tornar-se bonita” era usar o “purificador” e “reconstrutor do tecido” que “alimentava” e “embelezava” a “pele”. Ciente disso, o produto, fabricado em Massachusetts, auto-intitulava-se “o mais necessário para o toalhete das *Ladies*”.<sup>393</sup> Nesse exemplo, é interessante notar como o público (*ladies*) não vem marcado por nenhuma adjetivação racial ou fenotípica, mas, ao mesmo tempo, o vocabulário empregado indica à consumidora que, em caso de possuir a pele escura, era preciso corrigir e consertá-la. Desse modo, como na maior parte dos casos, testemunhamos um processo de racialização através de aspectos da fisionomia, diretamente conectados à raça.

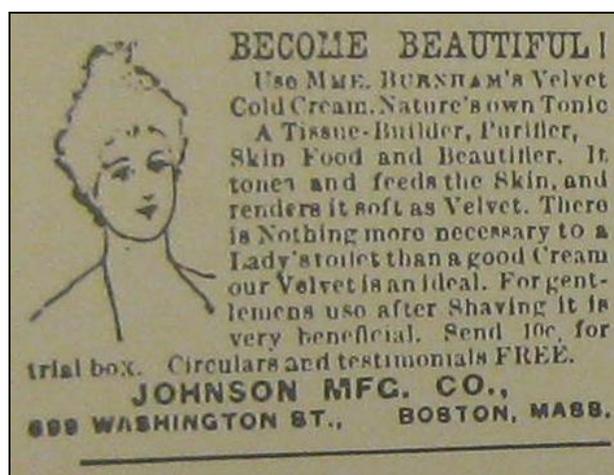


Figura 110. “Torne-se Bonita!”, *Johnson MFG Co.*

**Fonte:** *The Colored American Magazine: an illustrated monthly devoted to Literature, Science, Music, Art, Religion, Facts, Fiction and Traditions of the Negro Race*, set. 1900, v. 1, n. 4, p. 264.

Caso típico de como na imprensa negra a raça foi operada através da aparência e não das crenças biológicas, a madame, em vez de oferecer técnicas para o aperfeiçoamento e potencialização dos traços positivos, disponibilizava um “reconstrutor” que garantia o embelezamento justamente por eliminar a cor escura, o que era considerado sim um grande problema. Assim, enquanto mulheres de cor honradas, as leitoras

<sup>393</sup> *Johnson M F C Co* – “Become Beautiful”, *The Colored American Magazine*, out. 1900, n. 5, p. 264.

permitiam-se sonhar com um futuro melhor tentando corrigir os sinais negativos da epiderme.

Mesmo que os produtos provavelmente fossem usados por todo o corpo, na maior parte, eles eram apresentados como cremes para a face e, em alguns casos, para o pescoço, as mãos e o colo. Isto pode revelar duas coisas. A primeira parece um tanto quanto óbvia para a época: a importância de manter o corpo feminino coberto como sinal de recato e virtude como bem explicitavam os “estilos prevalecentes para o começo do verão”, desenhados por Madam Rumford “exclusivamente” para a *The Colored American Magazine* em 1901.<sup>394</sup>

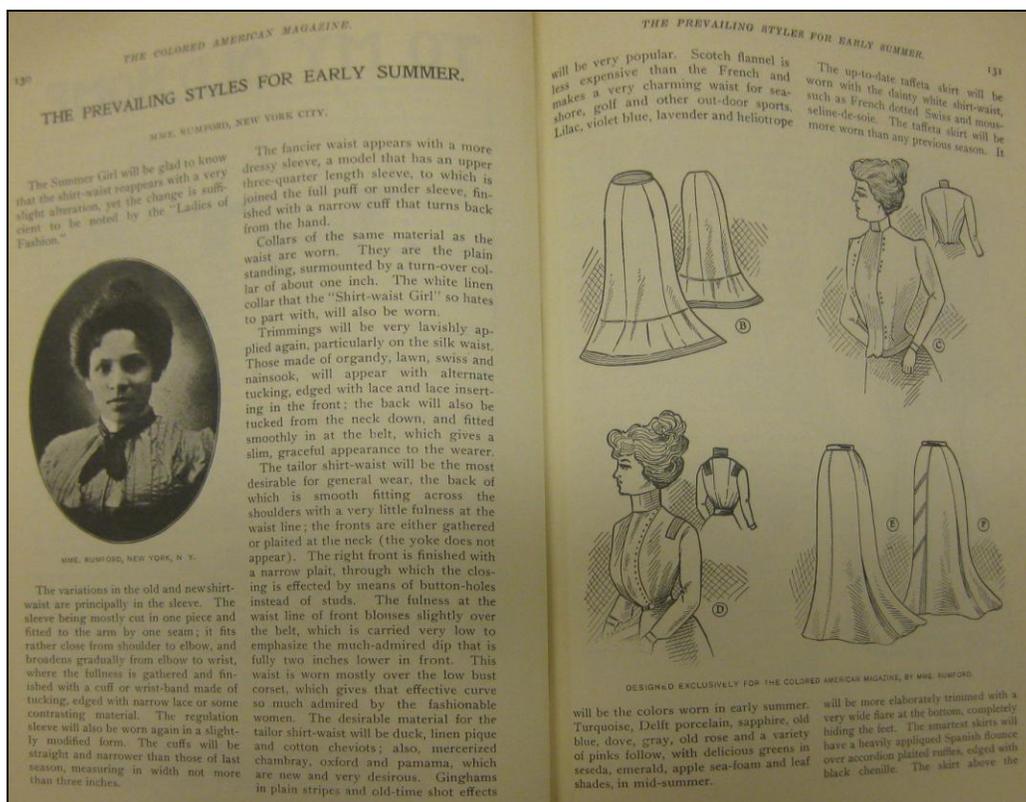


Figura 111. Mme Rumford (esq.) e os “estilos prevalecentes para o verão”.

Fonte: *The Colored American Magazine: an illustrated monthly devoted to Literature, Science, Music, Art, Religion, Facts, Fiction and Traditions of the Negro Race*, jun. 1901, v. 3, n. 2, p. 130.

<sup>394</sup> Mme. Rumford, “The Prevailing Styles for early summer”, *The Colored American Magazine*, jun. 1901, v. 3, n. 2, pp. 130-2.

Já a segunda questão tem a ver especificamente com a situação da mulher de cor, isto quer dizer que, no seu caso, tampar o corpo ao máximo poderia também representar uma boa chance para se transformar numa “africana disfarçada”. Os moldes de roupas apresentados na coluna de outra estilista negra, a Madame F. Madison e publicados na *The Half-Century Magazine* de Chicago ajudam a visualizar este segundo intento. Ao aconselhar suas leitoras sobre “o que vestir”, a estilista que procurou as melhores dicas de moda “ansiosamente por todo o país”, oferece-lhes três possibilidades irresistíveis: “o terno azul marinho de *gabardine* que será admirado por todos” e um outro (também composto de saia e paletó longos), que nem mesmo Salomão “em toda sua glória” imaginou uma de suas esposas trajando. Entretanto, o que chama mais atenção é o terceiro figurino. Muito bem posicionada no centro da página, sua manequim traça uma “camisa” que “pode ser usada quase todos os dias”.

Considerando o seu fenótipo (1112) assim como o das demais jovens – mulatas claríssimas, o fato de a peça ser apresentada como “inexpressiva” não é uma informação irrelevante. Ao considerar a camisa branca como a mais comum entre todas, ela reforça o quão imperceptível poderia ser a pele mulata, a ponto de não contrastar nem mesmo com as roupas brancas, sobretudo, no caso de uma mulher (que, ao contrário das demais) podia deixar seus cabelos lisos à mostra. Nessa lógica, para aqueles que não acreditam em coincidências, é a sua colega mais escura (1012) quem, justamente, usa o paletó de gola totalmente fechada e o chapéu com a maior aba.<sup>395</sup>

---

<sup>395</sup> Madam F. Madison, “What They Are Wearing?”, *The Half-Century-Magazine*, Set. De 1916, v. 1, n. 6, p. 7.



Figura 112. “Dinheiro extra com vestidos”.  
 Fonte: *The Half-Century Magazine*, set. 1916, v. 1, n. 2, p. 7.

Em comparação com figurinos apresentados pela revista *Vogue* nos anos 1920, podemos notar algumas diferenças sobre o que podia ser revelado no corpo feminino branco e no seu equivalente mulato. Na matéria “Designs for Practical Dressmaking” vemos uma roupa que, considerada “prática”, era mais leve e com bem menos tecido que os modelos destinados às mulheres negras. Embora para as duas situações a estação de referência seja o outono, no caso da *Vogue*, que procura convencer as observadoras que a “moda é um rio que nunca pára”, o desenho (e não fotografia) da mulher branca deixa à mostra canelas, pescoço e colo.<sup>396</sup>

<sup>396</sup> “Vogue Designs for Practical Dressmaking”, 192?, disponível em: <http://xroads.virginia.edu/~ma04/hess/fashion/vogue.html> Acesso: 19/10/2011.



penteados”, e suas duas figuras femininas, modelos do clássico “antes” e “depois”, sinalizavam que assim como a tez foi pigmentada, ela também poderia se despigmentar depois do uso de uma “garrafa” do “alimento” que a tornaria bem mais iluminada. Não havia com que se preocupar, pois era claro feito água que, caso a “honestidade” do frasco não fosse assegurada, a *Boston Chemical Co.* “garantiria”, às “insatisfeitas”, o “dinheiro de volta”.<sup>397</sup>

Já para outra empresa, a Crane & Co, agir com honestidade significava um tratamento com promessa ainda mais cristalina: “remover a pele negra” de pessoas negras e mulatas:

Removedor de Pele Negra – Registrado no Serviço de Patentes dos EUA – um maravilhoso clareador de pele e alisador de cabelo  
Um maravilhoso clareador de pele (sic).  
Uma compleição COMO PÊSSEGO obtida se usado de acordo com as instruções. Tornará a pele de uma pessoa negra ou *brown* quatro ou cinco tons mais clara e a de uma mulata perfeitamente branca. Em quarenta e oito horas um ou dois tons já serão visíveis. O produto (...) realça o branco e a pele permanece bonita mesmo sem o uso contínuo. Vai remover rugas, sardas, manchas escuras, espinhas ou inchaços, tornando a pele mais suave e macia. Pequenos buracos, varíolas (sic), bronzeados (sic) e manchas são removidos sem prejuízos para a pele. Quando você conseguir a cor desejada pare de usar a preparação.<sup>398</sup>

---

<sup>397</sup> “O-Zono”, *The Colored American Magazine*, set.1900, v. 1, n. 4, p. 265.

<sup>398</sup> *Crane and Co.* - “Black Skin Remover”, *The Colored American Magazine*, out.1902, s/p.

**KING OF ALL HAIR DRESSINGS.**

**O Z O N O**



**O Z O N O**

**An Honest Guaranteed Remedy—Money Refunded if You are Dissatisfied.**

Positively straightens Knotty, Spry, Kinky, Trenchless, Detractory Hair. Cures Baldness, Dandruff, Itch, Tetter, and all irritating, itching, and humbling Scalp Diseases. Causes the hair to grow fine and straight, soft and fine, and beautiful even April morning. Price, 50c. a box. Four boxes the work. Ozono cannot fail.

**OUR GRAND OFFER:**—cut out this advertisement and send in with one dollar, guaranteed to make rough skin soft and black skin bright; also one bottle Skin Food, which cures all Skin Diseases, removes Wrinkles, Freckles, Moth Patches, Tan, Liver Spots, and all Facial Blemishes, also one jar of Anti-Odor, removes all odor arising from the human body, cures Wound Diseases, Athlete's Foot, etc. All the above, worth \$3.50, we will send for \$1.00. This grand offer is unprecedented. Parties sending \$1.00 will receive four lots.

**BOSTON CHEMICAL CO., 210 E. Broad St., Richmond, Va.**

**WILKINSON'S**

Fine Imported and Domestic Groceries,  
FRUITS, VEGETABLES, AND SOUTHERN PRODUCE.

115 PRINCE STREET - BOSTON, MASS.

**P**ORTRAITS and **S**IGNS and  
**I**CTURES at **SHOW CARDS**  
POPULAR PRICES. OF ALL KINDS.  
PHOTOGRAPHY AND MORE BY SPECIALTY.

**Z. T. SANDRIDGE, Artist,**  
20 WARWICK STREET - BOSTON, MASS.

**LEO GOWONGO,**  
The Great Antiquarian Magician

An Up-to-Date Act of  
MAGIC AND ILLUSION.

**DO YOU SUFFER**  
with Corns, Bunions,  
and Ingrowing Nails?

**Dr. T. W. MCKENZIE, Chiropodist,**  
151 TREMONT STREET, BOSTON.

**CRAWFORD BROTHERS,**  
Confectioners  
and Caterers.

88 WEST CEDAR STREET - BOSTON.

TEETH EXTRACTED AND FILLED  
WITHOUT PAIN.

**DR. T. WALTER ROBINSON, Dentist,**  
100 BOSTON STREET, CORNER TREMONT,  
BOSTON, MASS.

**T. H. JOHNSON, M.D.,**  
Constitutional Specialist.  
17 UPTON PLACE - ALLSTON, MASS.  
BY APPOINTMENT.

**H. S. FORTUNE,**  
Mandolin, Violin and Clarinet.

200 WEST CEDAR STREET - BOSTON.

Figura 114. Propaganda do Ozono, “o rei de todos os penteados”, Boston Chemical Co.  
**Fonte:** *The Colored American Magazine: an illustrated monthly devoted to Literature, Science, Music, Art, Religion, Facts, Fiction and Traditions of the Negro Race*, set. 1900, v. 1, n. 4, p. 265.

**King of all Hair Dressings.**

**O  
Z  
O  
N  
O**



**O  
Z  
O  
N  
O**

**An Honest Guaranteed Remedy — Money Refunded if You are Dissatisfied.**

Positively straightens Knotty, Nappy, Kinky, Troublesome, Refractory Hair. Cures Baldness, Dandruff, Itch, Tetter, and all running, itching, and humiliating Scalp Diseases. Causes the hair to grow long and straight, soft and fine, and beautiful as an April morning. Price, 50c. a box. Four boxes does the work. OZONO cannot fail.



**OUR GRAND OFFER.**— Send us One Dollar, and we will immediately send you four boxes of OZONO and one bottle SKIN REFINER, guaranteed to make rough skin soft, and black skin bright; also one bottle SKIN FOOD, which cures all Skin Diseases, removes Wrinkles, Freckles, Moth Patches, Tan, Liver Spots, and all Facial Blemishes; also one package ANTI-ODOR, removes all odors arising from the human body, cures Worm Diseases, Chilblains, etc.; also one cake of our imported SCALP SOAP, absolutely pure, worth 50c. All the above, worth \$4.00, we will send for \$1.00. This grand offer is unprecedented. Parties sending \$3.00 will receive four lots.

**Boston Chemical Co., 310 E. Broad St., Richmond, Va.**

Figura 115. Propaganda do Ozono, Boston Chemical Co.

**Fonte:** *The Colored American Magazine: an illustrated monthly devoted to Literature, Science, Music, Art, Religion, Facts, Fiction and Traditions of the Negro Race*, nov. 1901, v. 4, n. 1, s/p.

**BLACK SKIN REMOVER.**



BEFORE      AFTER

**A Wonderful Face Bleach.**  
**AND HAIR STRAIGHTENER.**

both in a box for \$1, or three boxes for \$2. Guaranteed to do what we say and to be the "best in the world." One box is all that is required if used as directed.

**A WONDERFUL FACE BLEACH.**

A PEACH-LIKE complexion obtained if used as directed. Will turn the skin of a black or brown person four or five shades lighter, and a mulatto person perfectly white. In forty-eight hours a shade or two will be noticeable. It does not turn the skin in spots but bleaches out white, the skin remaining beautiful without continual use. Will remove wrinkles, freckles, dark spots, pimples or bumps or black heads, making the skin very soft and smooth. Small pox pits, tan, liver spots removed without harm to the skin. When you get the color you wish, stop using the preparation.

**THE HAIR STRAIGHTENER.**

that goes in every one dollar box is enough to make anyone's hair grow long and straight, and keeps it from falling out. Highly perfumed and makes the hair soft and easy to comb. Many of our customers say one of our dollar boxes is worth ten dollars, yet we sell it for one dollar a box. THE NO-SMELL thrown in free.

Any person sending us one dollar in a letter or Post-Office money order, express money order or registered letter, we will send it through the mail postage prepaid; or if you want it sent C. O. D., it will come by express, 25c. extra.

In any case where it fails to do what we claim, we will return the money or send a box free of charge. Packed so that no one will know contents except receiver.

**CRANE AND CO.,**  
122 west Broad Street,  
RICHMOND, VA.

Figura 116. Propaganda "Removedor de Pele Negra".

**Fonte:** *The Colored American Magazine: an illustrated monthly devoted to Literature, Science, Music, Art, Religion, Facts, Fiction and Traditions of the Negro Race*, set.-out. 1902, s/p.

Se considerarmos as fotografias de pessoas mulatas elevadas ao posto de personalidades da raça, o anúncio acima, referente ao produto *Black Skin Remover*, um *bleaching* que, sem nenhum tipo de floreio discursivo, propunha-se a remover, eliminar, arrancar a pele negra, adquire mais sentido. Na maior parte dos casos, a tez *dark* constituía-se numa barreira visível e intransponível para a conquista de respeito e ascensão social fora

e, em muitas ocasiões, dentro da própria comunidade negra. Desse modo, a proposta de maquiá-la, clareá-la, branqueá-la e, em casos mais drásticos removê-la foi, no decorrer dos anos, consolidando-se como uma das principais bandeiras da cosmética afro-americana.

É interessante observar que o *Black Skin Remover* assim como outros fabricados entendia o problema da constituição física de formas variadas: como uma complicação dermatológica equivalente às “sardas” e “manchas”, como uma situação transitória proveniente da exposição ao sol assim como o “bronzeado” ou, em situações mais drásticas, possivelmente associadas a indivíduos de pele retinta, a doenças seríssimas como a “varíola”. É claro que esta insistência na possibilidade de manipular a compleição representava um perigo sem tamanho, pois tais tratamentos deveriam ser extremamente arriscados e dolorosos, mas, ao mesmo tempo, as narrativas desta e doutras propagandas também indicam que os sujeitos envolvidos no jogo da remoção da pele também tentavam mexer com o imaginário afro-americano de que era possível mudar a própria sorte. Nesse sentido, tais artigos referem-se a um tipo de agência construída dentro de um sentido de liberdade ainda em construção. Encontrar uma “boa compleição” era parte das tarefas em busca de uma definição própria e adequada aos novos tempos.

Mesmo que sua linguagem seja extremamente forte e a imagem um tanto quanto agressiva e estereotipada, pode-se dizer que esse tipo de anúncio constitui-se numa exceção. Até ao menos 1915, poucas vezes uma linguagem com categorias raciais usuais (branco, negro, mulatto, etc.) foi usada para anunciar os produtos. Exemplo disso é o fato de que a própria *The Colored American Magazine* publicou nos seus primeiros anos o *The Wonderful Face Bleach*, que utilizava o maravilhoso como metáfora para conserto da pele e que, além dele, divulgava *A Good Complexion*, um comercial que, em apenas três linhas, tranquilizava as mulheres, explicando-lhes que adquirir uma “boa compleição” sem “remédios ou cosméticos”, não era algo de outro mundo. Para isso, bastava ler um “pequeno livro” de \$0,25.<sup>399</sup>

---

<sup>399</sup> “A Good Complexion”, *The Colored American Magazine*, fev. 1902, v. 4, n. 3, p. 305.

ADVERTISEMENTS.

## "Don't Turn a Poor Working Girl Down."

By W. A. KELLY.

In these days of Colored American Literature it also does well to sing Colored American Songs. Here is one of the most realistic songs ever written by a negro.

Ask your music dealer for it, or send twenty cents to the

LIBERTY MUSIC CO., Pittsburg, E. E., Pa.

**CASH OR CREDIT.**



**CENTURY MF'G CO.**

**Catalogue FREE.**

**PRICE \$33.50**

**It will pay you**

to send for our Catalogue No. 6, quoting prices on Buggies, Harness, etc. We sell direct from our Factory to Consumers at Factory Prices. This guaranteed Buggy only \$33.50, Cash or Easy Monthly Payments. We trust honest people located in all parts of the world.

Write for Free Catalogue, MENTION THIS PAPER, DEPT No. 489 East St. Louis, Ill.

### A Good Complexion

How to acquire it without drugs or cosmetics. A little book telling just how and what to do. Price 25 cents. Address:

**EDITH GRIFFIN, - Park Vale, Brookline, Mass.**

---

**This ELEGANT Watch \$3.75**

... **WATCH AND CHAIN C. O. D. \$3.75.** ...

**H. FARRER CO. 101 23rd Street, CHICAGO.**

### Tuskegee Normal and Industrial Institute

**TUSKEGEE, ALABAMA.**

(INCORPORATED.)

Organized July 4, 1881, by the State Legislature as The Tuskegee Male Normal School. Exempt from taxation.

**BOOKER T. WASHINGTON, Principal.**  
**WARREN LOGAN, Treasurer**

**LOCATION.**

In the Black Belt of Alabama where the blacks outnumber the whites three to one.

**ENROLLMENT AND FACULTY.**

Enrollment last year 1,281; males, 882; females, 371. Average attendance, 1,185. Instructors, 66.

**COURSE OF STUDY.**

English education combined with industrial training; 28 industries in constant operation.

**VALUE OF PROPERTY.**

Property consisting of 2,257 acres of land. 50 buildings almost wholly built with student labor, is valued at \$1,000,000, and no mortgage.

**NEEDS.**

\$50 annually for the education of each student; \$200 enables one to finish the course; \$1,000 creates permanent scholarship. Students pay their own board in cash and labor. Money in any amount for current expenses and building.

Resides the work done by graduates at class room and industrial leaders. Thousands are reached through the Tuskegee Negro Conference.

Tuskegee is 40 miles east of Montgomery and 126 miles west of Atlanta, on the Western Railroad of Alabama. Tuskegee is a quiet, beautiful old Southern town, and is an ideal place for study. The climate is at all times mild and uniform, thus making the place an excellent winter resort.

### Barrels of Money Can Be

Made selling our remedies. Bando-Cura, the best hair preparation made, sells to every lady, and is used by thousands of gentlemen. Our agents make from \$3,000 to \$10,000 every day. Enclose a 2-cent stamp for terms, etc.

**The Shrewsbury Med. Co.,**  
Address, P. O. Box 67, Red Bank, N. J.

---

### RHEUMATISM

will guarantee to cure the worst case of Rheumatism. Do not ask you to send me one cent. Send me your name and address. **CHAR. E. FRYE, 88 Lincoln Street, Apartment 3, Boston, Mass.**

Figura 117. Propaganda “Uma boa compleição” (esq.) e comercial do *Tuskegee Institute*, de Booker T. Washington (dir.).

**Fonte:** *The Colored American Magazine: an illustrated monthly devoted to Literature, Science, Music, Art, Religion, Facts, Fiction and Traditions of the Negro Race*, jan.-fev. 1902, v. 4, n. 3, s/p.

Em casos como esse, a racialização era feita não pelo nome do artigo, mas pelos resultados que ele prometia, daí os termos “bom” e “maravilhoso”, que também eram empregados pela cosmética tradicional, no entanto, com um sentido que nada tinha a ver com a luta pela equidade e sim com o aperfeiçoamento do que já era estupendo. No caso da cosmética negra, iluminar tinha um sentido essencialmente racializado, ou seja, de clarear o

que era escuro. Entretanto, Rilas Gathright parece ter rompido, ao menos em parte, com esse modelo. A cosmetologista, sem papas na língua, decidiu escolher uma linguagem incisiva para conquistar suas futuras e cobiçadas freguesas de cor.

Representada como as demais colegas do ramo pelo modesto desenho de uma mulher branca, a madame divulgou para as *ladies* as maravilhas do seu *Whitener Imperial*, um creme que seria capaz de deixar a pessoa “quase branca” desde que o “tratamento” fosse “completo”<sup>400</sup>, conforme lê-se a seguir:

Oh, *Ladies!* Parem e considerem.

Você sabe que o meu celebrado *Imperial Whitener* vai iluminar positivamente a pele negra tornando-a quase branca. Mulatos ou pessoas de pele clara podem clarear a pele [tornando-a] inteiramente branca. Uma garrafa é tudo que é exigido para completar o tratamento. [Após isso] o uso pode ser suspenso. Meu *Imperial Whitener* é infalível. Ele é, com todo respeito, inofensivo. Como cortesia, eu pagarei \$100 a qualquer um que experimentá-lo. Seu efeito é visto de primeira. Eu manipulei o produto com uma tecnologia de ponta [que me permite] vendê-lo por um preço ao alcance de todos. Ele é vendido por \$25 a garrafa. Recentemente, ele foi reduzido para \$2, mas agora para apresentá-lo, eu enviarei uma garrafa pré-paga para qualquer pessoa que me enviar \$0,50. Lembrem-se: eu garanto [a eficácia de] todas as garrafas. Seu dinheiro será devolvido se você não ficar satisfeito. Não demore, envie \$0,50 para Rilas Gathright 611 Twenty-Third St. – RICHMOND, Va.<sup>401</sup>

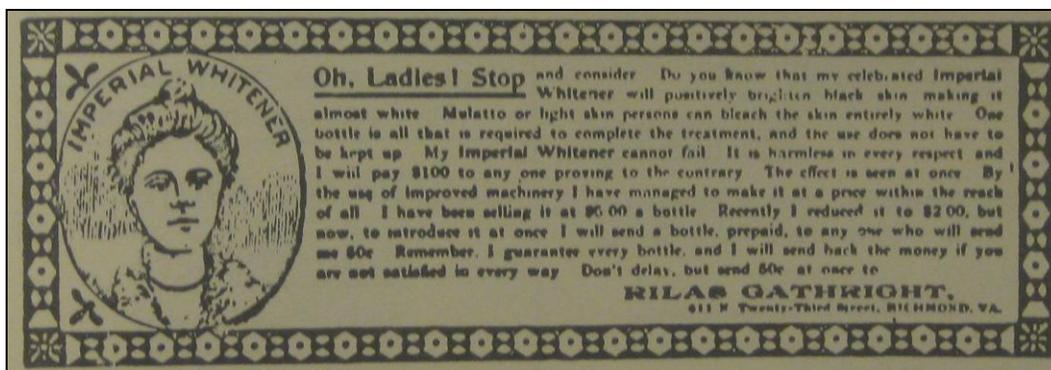


Figura 118. Propaganda “Branqueador Imperial”.

**Fonte:** *The Colored American Magazine: an illustrated monthly devoted to Literature, Science, Music, Art, Religion, Facts, Fiction and Traditions of the Negro Race*, nov. 1900, p. 79.

A despeito do fato de que a contínua diminuição do preço e até mesmo o incentivo financeiro (“cortesia”) para o uso do “celebrado” artigo denunciavam o seu

<sup>400</sup> Rilas Gathright - “Whitener Imperial”, *The Colored American Magazine*, nov.1901, v. 4, n. 1, p. 79.

<sup>401</sup> Idem, *ibidem*.

insucesso entre as *ladies* assim como o grito de socorro da madame (“Oh, *Ladies!* Parem e considerem”) frente à concorrência crescente, o que mais nos interessa é perceber o rico universo linguístico, que começava a ser cuidadosamente construído pela cosmética negra e que a leitura do anúncio na íntegra põe-nos a par. Assim como no caso da pomada do Dr. Palmer, na propaganda de Gathright “iluminar” assumia o sentido particular de corrigir, ou seja, transformar “positivamente a pele negra”, convertendo-a em “quase branca”.

O comercial a seguir ratifica a idéia de que a cosmética negra produzia significados diferenciados para o que acreditava ser o problema da epiderme negra:

HARTONA FACE WASH

Vai gradualmente tornar a pele de uma pessoa negra cinco ou seis tons mais clara e a de uma pessoa mulata, quase branca. A pele permanece macia e brilhosa sem o uso contínuo do lavador facial. Uma garrafa já funciona.

HARTONA FACE WASH vai remover rugas, manchas, espinhas, sardas e todos os prejuízos da pele. Você pode regular os tons da pele, do pescoço, do rosto e das mãos para a cor que desejar. As orientações completas seguem na caixa.

HARTONA FACE WASH não é prejudicial e é enviado para qualquer parte dos EUA mediante recibo de preço, 50c por garrafa, seguramente selecionada após testes (observação). É sua tarefa ter a aparência mais bonita o quanto for possível.<sup>402</sup>

---

<sup>402</sup> “Hartona”, *The Colored American Magazine*, fev.1901, v. 11, n. 4, s/p.

TRADE MARK  
REGISTERED 1899.  
U.S. PATENT OFFICE  
WASHINGTON, D.C.



# HARTONA

**THE GRANDEST OF ALL PREPARATIONS FOR THE HAIR. THE ORIGINAL AND ONLY HARTONA. MATCHLESS, AND POSITIVELY UNEQUALED FOR STRAIGHTENING ALL KINKY, KNOTTY, STUBBORN, HARSH CURLY HAIR.**

**HARTONA** will make the hair grow long and soft, straight and beautiful. Makes the hair grow on bald and thin places. Restores GRAY HAIR to its original color. Hartona cures dandruff, baldness, falling out of the hair, itching, and all scalp diseases. Hartona does not have to be used all the time, as it straightens the hair and gives it fresh life and lustre, and the hair stays and grows naturally beautiful and straight after the use of Hartona. No hot irons necessary. No pasting the hair down with grease. Hartona is positively harmless—one box can be used by everyone in the family. Benefits and improves children's hair just the same as adults. To meet the popular and ever-increasing demand for Hartona Hair Grower and Straightener, we have placed it on sale in 25c. and 50c. sizes, in our special round, patent boxes. See that the word Hartona is on every box.

Money positively refunded if you are not absolutely delighted with the Hartona remedies. Remember, we handle no fake goods, and you are positively protected by our \$100 guarantee to anyone proving otherwise. All our remedies are trademarked, registered and copyrighted at United States Patent Office at Washington, D. C., in the years 1892 and 1900. We refer you, as to our responsibility, to the City Bank of Richmond, Va., Adams and Southern Express Companies, and to the editor of this magazine.

We want lady and gentlemen agents, white or colored, in every city and town in the United States. Write to us today, no matter if you are employed or not, and we will show you how to make a splendid living, with easy and pleasant work, and no risk of losing your good money. Write to us and we will send you a book of over one hundred genuine testimonials in your own State of people who have used and are using Hartona remedies. Is this not fair and honest enough?

**HARTONA FACE WASH.** Hartona Face Wash will gradually turn the skin of a black person five or six shades lighter, and will turn the skin of a mulatto person perfectly white. The skin remains soft and bright without continual use of the face wash. One bottle does the work. Hartona Face Wash will remove wrinkles, dark spots, pimples, blackheads, freckles, and all blemishes of the skin. You can regulate the shade of skin on neck, face and hands to any shade you wish. Full directions with each bottle.

Hartona Face Wash is perfectly harmless, and is sent to any part of the United States on receipt of price, 50c. per bottle; securely sealed from observation. It is your duty to look as beautiful as possible. Thousands of delighted patrons send us testimonials every year.

Please remember that your money is positively refunded if you are not perfectly satisfied and delighted with the Hartona remedies.

**HARTONA NO-SMELL.** Hartona No-Smell will remove all smells and bad odors of the body; cures sores and aching feet, chafed limbs, etc.

Hartona No-Smell is a godsend to all persons suffering from disagreeable odors caused by perspiration of the feet, armpits, etc. Sent anywhere on receipt of price, 10 cents and 25 cents a package. Address all orders to

**HARTONA REMEDY CO., 909 E. Main St., Richmond, Va.**

**SPECIAL GRAND OFFER.** Send us one dollar, and mention this Magazine, and we will send you three large boxes of HARTONA HAIR GROWER AND STRAIGHTENER, two large bottles of HARTONA FACE WASH, and one large box of HARTONA NO-SMELL. Goods will be sent securely sealed from observation.

Write your name and post-office and express-office address very plainly. Money can be sent by post-office money order, or enclosed in a registered letter, or by express. Address all orders to

**HARTONA REMEDY CO., 909 East Main St., Richmond, Va.**

Figura 119. Propaganda “Lavador Facial Hartona”.

Fonte: *The Colored American Magazine: an illustrated monthly devoted to Literature, Science, Music, Art, Religion, Facts, Fiction and Traditions of the Negro Race*, jul. 1901, s/p.

TRADE MARK.  
REGISTERED 1892.  
U.S. PATENT OFFICE  
RICHMOND, VA.

# HARTONA

THE GRANDEST OF ALL PREPARATIONS FOR HAIR. MATCHLESS, AND POSITIVELY UNEQUALLED STRAIGHTENING ALL KINKY, STUBBORN, HARSH, CURLY HAIR.

HARTONA will make the hair grow long and soft, straight and beautiful. Makes the hair grow on bald and thin places. Restores gray hair to its original color. HARTONA cures dandruff, baldness, falling out of the hair, itching, all scalp diseases. No hot irons necessary. HARTONA is perfectly harmless. HARTONA straightens the hair and gives it fresh life and lustre, making it grow long, soft and beautiful. Price, 25 and 50 cents a box. Money is positively refunded if you are not absolutely delighted with the HARTONA remedies. We refer to the City of Richmond, Va., as to our responsibility. HARTONA FACE WASH will gradually turn the skin of a black person five or six shades lighter, and will turn the skin of a mulatto person perfectly white.

HARTONA FACE WASH will remove wrinkles, dark spots, pimples, blackheads, freckles, and blemishes of the skin. HARTONA FACE WASH is positively harmless. Sent anywhere in the United States on receipt of price, 50 cents per bottle. All our remedies are trademarked, registered and copyrighted at the United States Patent Office in the years 1892 and 1900.

**SPECIAL GRAND OFFER.** Send us one dollar, and mention this Magazine, and we will send you, secure from observation, three large boxes of HARTONA HAIR GROWER AND STRAIGHTENER, and two large boxes of HARTONA FACE WASH, and one large box of HARTONA NO-SMELL. Address all orders to

**HARTONA REMEDY CO., 909 East Main St., Richmond, Va.**

WE WANT AGENTS in every town in the United States, and in Foreign Countries. Write us if you want to earn money easily, without risking any of your own money.

Figura 120. Propaganda Hartona, “a maior de todas as preparações para o cabelo, positivamente incomparável [no] alisamento de todos os cabelos carapinhas, teimosos e ásperos”. Destaque para o fragmento que promete tornar “a pele de uma pessoa mulata perfeitamente branca”. *Hartona Remedy Co.*

**Fonte:** *The Colored American Magazine: an illustrated monthly devoted to Literature, Science, Music, Art, Religion, Facts, Fiction and Traditions of the Negro Race*, fev. 1901, v. 2, n. 4, p. 321.

Dividido em três blocos, o anúncio do lavador facial *Hartona* propõe-se a combater dois males distintos envolvendo a epiderme: o social e o físico. Ao oferecer a toda e qualquer pessoa negra a chance de clarear, tomando por base as figuras bem-sucedidas que recheavam a mesma revista na qual o produto era anunciado, tudo parecia estar resolvido. As barreiras seriam transpostas de forma bem simples: os *blacks* tornar-se-iam mulatos e estes, por sua vez, seriam brancos, ou melhor “quase brancos”. Considerando que estes últimos já gozavam de alto prestígio dentro da comunidade negra, clareando ainda mais poderiam também alcançar o mesmo sucesso no mundo branco. Já os *blacks*, elevados a mulatos, seriam seus sucessores e se tornariam os novos líderes da raça. Provavelmente por isso, noutro anúncio a *Hartona Remedy Co.* ressaltasse que os “negros”, quando compravam seu “clareador de pele”, o faziam “à vista”.<sup>403</sup>

<sup>403</sup> “Hartona”, *The Colored American Magazine*, set. 1901, p. 400.

Ao tornar a pele de uma pessoa negra “cinco ou seis tons mais clara” e a de uma mulata “quase branca”, o produto também sagrava a beleza mestiça como a meta a ser alcançada por todos os *Negroes*, fossem eles *blacks* ou *mulattoes*, seguindo os mesmos critérios de medição da pureza racial empregados pelos recenseamentos da população afro-americana e a mesma lógica eugenista divulgada em massa na sociedade norte-americana de começos do século XX.

Diante desse terreno, cimentado por diversas ambivalências, acredito que na cabeça dos indivíduos de cor da época fizesse sentido encontrar um caminho que conjugasse a identidade afro-americana com uma aparência mulata ou branca, alcançada através de técnicas de despigmentação apresentadas como um tratamento “sem riscos”<sup>404</sup> e que, além de tudo, garantisse que o rosto poderia “branquear com beleza”.<sup>405</sup>



Figura 121. Propaganda “Você pode branquear seu rosto, alisar seu [cabelo] enrolado ou carapinha e aliviar as dores nos pés”.

**Fonte:** *The Colored American Magazine: an illustrated monthly devoted to Literature, Science, Music, Art, Religion, Facts, Fiction and Traditions of the Negro Race*, nov. 1901, s/p.

O modo polissêmico de lidar com as representações visuais *Negro* foi uma das formas pela qual a elite mulata da pós-emancipação reforçou seu sentimento de classe e desenvolveu sua consciência articulando interesses e criando identidades que as contrastavam com os mais escuros. Ao examinar a imprensa e seu incentivo às propagandas de *bleachings*, notamos que a *skin culture* “encarnada em tradições”<sup>406</sup> era sugerida por

<sup>404</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>405</sup> “Your Face Can Whiten”, *The Colored American Magazine*, nov. 1901, v. 4, n.1, p. 70.

<sup>406</sup> Edward Palmer Thompson, *A formação da classe...*, p. 10.

textos como o da “nova descoberta” “inofensiva” e “maravilhosa” que Mme. Pailins usava para clarear a cor de suas clientes em Atlanta.<sup>407</sup> Esse e outros preparados revelavam, de tal sorte, economias da cor que racializavam o gênero e a beleza por meio de mantras capitalistas que prometiam a transformação da vida para mulheres negras que estivessem dispostas a empreender reparos profundos no seu físico:

#### **Conselhos de Beleza para Compleições Escuras**

Se você quer ser respeitada, admirada e amada por todo mundo, certifique-se de que tem uma compleição bonita, livre de marcas e manchas e um cabelo macio e propriamente penteado. Seu melhor amigo é seu visual. Aqui está [a orientação de] como mantê-lo:

PARA BRANQUEAR A PELE: não importa quão escura é sua compleição, de forma simples e fácil você usará somente a *Ointment Dr. Fred Palmer's Skin Whittener* - (ilegível) [sua] descoloração rápida garante o uso perfeitamente seguro e prazeroso. [Adquira] no seu farmacêutico ou mediante envio de cupom pago no valor de \$0, 25.

COMPLEIÇÕES OLEOSAS, BRILHANTES, DEFEITUOSAS – logo dão lugar a uma pele macia, suave e aveludada depois de usar *Dr. Fred Palmer's Skin Whittener Soap* seguido de sua pomada facial, delicadamente perfumada. Tente isso e assista à melhora de sua pele. [Adquira] no seu farmacêutico ou mediante envio de cupom pago no valor de \$0, 25.

VOCÊ DEVE TER UM CABELO SUAVE E EXUBERANTE – e a melhor e mais segura maneira de conseguir isso é usando o *Dr. Fred Palmer's Hair Dresser* – ele (deixa?) o cabelo liso, promove seu crescimento e limpa o couro cabeludo. [Adquira] no seu farmacêutico ou mediante envio de cupom pago no valor de \$0, 25. (Grifos do original).<sup>408</sup>

Ao tomar como comparação ao comercial acima as propagandas que conhecemos na seção anterior, dedicada à cosmética branca, podemos perceber, em primeiro lugar, que o último se destina a um segmento restrito: mulheres de “compleição escura”. Na verdade menos do que orientações, os “conselhos” do doutor descreviam o significado da beleza: ser branca e ter o cabelo “exuberante” (um sinônimo para liso). Diante do fato de possuírem a “compleição escura” e as madeixas crespas, como as afro-americanas ficariam belas da mesma forma que a invejada *schoolgirl* da *Pond's*? A sorte estava lançada!

---

<sup>407</sup> *Madame Pailins Laboratories* - “Skins Made Clearer”, *The Chicago Defender* (Big Weekend Edition), 29 de maio de 1920, p. 14.

<sup>408</sup> *Dr. Fred Palmer's Laboratories* – “Beauty Aids for Dark Complexions”, *The New York Amsterdam News*, 13 de dezembro de 1922, p. 9.

Display Ad 42 - No Title  
 The New York Amsterdam News (1922-1938); Jan 3, 1923;  
 ProQuest Historical Newspapers New York Amsterdam News: 1922-1993  
 pg. 9

## Beauty Aids for Dark Complexions



If you want to be respected, admired and loved by everybody, see that you have a beautiful complexion, free of bumps and splashes, and that your hair is smooth and properly dressed. Your best friend is your "looks"—here's how to keep them.

**TO WHITEN THE SKIN**, no matter how dark your complexion, is an easy and simple matter if you will use Dr. Fred Palmer's Skin Whitener Ointment—it quickly bleaches, is perfectly safe and delightful to use. At your druggist or sent postpaid upon receipt of price, 25c.

**OILY, SHINY, BUMPY COMPLEXIONS** soon give way to a soft, smooth, velvety skin after using Dr. Fred Palmer's Skin Whitener Soap, followed with his delicately perfumed Face Powder. Try this and watch your skin improve. At your druggist or sent postpaid upon receipt of price, 25c each.

**YOU MUST HAVE SMOOTH, LUXURIOUS HAIR** and the best and safest way to get it is by using Dr. Fred Palmer's Hair Dresser—it makes the hair straight, promotes its growth and cleans the scalp. At your druggist or sent postpaid upon receipt of price, 25c.

**DR. FRED PALMER'S LABORATORIES**  
 Dept. 10, FRANKA, Ct.



Whitens, softens and beautifies the skin without irritation.



Softens, beautifies and makes the hair grow and clean the scalp.

**AGENTS WANTED**  
 for this line of exquisite beauty aids. Write for our liberal agents' proposition, addressing as above.



A powder that takes all the shine and wrinkles away.

**Dr. Fred Palmer's SKIN WHITENER PREPARATION**

Reproduced with permission of the copyright owner. Further reproduction prohibited without permission.

Figura 122. “Conselhos de Beleza para as Compleições Escuras”, “Preparações de Branqueamento da Pele do Dr. Fred Palmer's”.

Fonte: *The New York Amsterdam News*, 13 de dezembro de 1922, p. 4.

Voltando ao Dr. Palmer, sua estratégia para convencer futuras compradoras de que ser respeitada era possível foi a de mostrá-las a possibilidade de obter o padrão universal de uma beleza eugênica através de três artigos: um sabonete corporal e uma pomada facial que *branqueavam* e um creme capilar que *alisava* e fazia os fios crescerem. Nesse sentido, do mesmo jeito que na cosmética branca, a beleza deixava de ser um atributo natural para tornar-se um bem conquistado. Um bem que o matemático e líder da

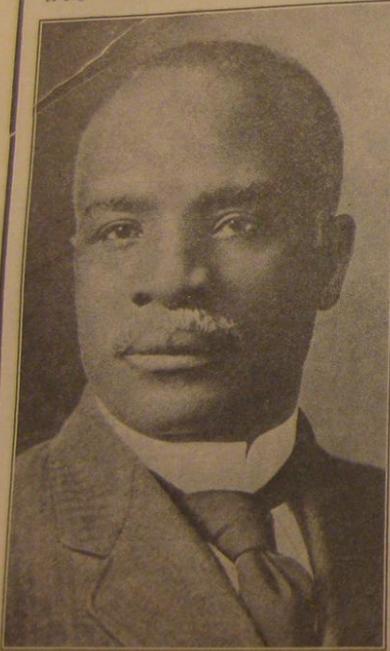
raça Kelly Miller, autor do livro *Race Adjustment*, especulava, em 1929, como sendo a “introjeção do desejo de se tornar branco”.<sup>409</sup>

358 THE CRISIS ADVERTISER

**KELLY MILLER'S HISTORY OF THE WORLD WAR FOR HUMAN RIGHTS or THE NEGRO IN OUR WAR**  
(New Book).

Tells all about the war; it is fair to colored people; everyone buys; a tremendous seller. Price only \$2.25, with Our Colored Fighters, free, or choice of other 25c. pictures; agents making \$7 to \$30 per day. Send 25c. for agent's complete outfit.

660 Pages.  
50 Pages of Negro Soldiers




Prof. G. A. Goodman, Treas.,  
Mississippi M. & I. College.  
Writes: "I sold 32 in one day,  
went out on a two-day trip and  
sold 50."

**\$20 to \$30  
Per Week**

being made selling our new book  
"Progress and Achievements of  
the Colored People" by Prof. Kelly  
Miller, showing the wonderful de-  
vings and new opportunities of our  
race; low prices; many pictures;  
lightning seller; Price, \$2.00, ask  
for terms, write for outfit 25 cents.

Books mailed to any address  
upon receipt of the price, satis-  
faction guaranteed or money  
promptly refunded.

**GET IN WITH A LIVE COMPANY  
MAKE THOUSANDS OF DOLLARS**

**Austin Jenkins Co.**  
523 9th St., WASHINGTON, D. C.  
The Largest Publishers of special  
books for Negroes.

Prof. Kelly Miller, Author, Howard University, Washington, D. C.  
See "Miller's Pictures" 11x4C in use with the book, or picture mailed for 25c.

Mention THE CRISIS

Figura 123. Abaixo à esquerda, fotografia de Kelly Miller. Acima propaganda de um de seus livros, *A Guerra Mundial por Direitos Humanos ou O Negro em Nossa Guerra*.

**Fonte:** *The Crisis: a record of the darker races*, mar. 1919, v. 17, n. 5, p. 258.

Mesmo que a crítica ao uso de químicas não se configurasse em algo inédito, o reforço da estética “iluminada” para o público feminino de cor podia ecoar de forma

<sup>409</sup> The Claude A. Barnett Papers, Part 3, Subject files on Black Americans 1918-1967, Series I, Race Relations, 1923-1965, apud Amoaba Gooden, “Visual Representations...”, p. 86.

distinta, porque ia ao encontro de projeto mais amplo, conectado a um irrefutável passado; o projeto de criação de uma feminilidade respeitada, distanciada dos estereótipos dos menestréis de cara preta e dos cativos das *plantations*. Para romper com tais imagens, as mulheres eram convencidas de que deveriam ser, no mínimo mulatas, caso contrário seriam desacreditadas como a simples *colored girl*, defendida por Fannie Barrier Williams:

É verdade que o termo *colored girl* é quase um termo censurado na vida social da América. Ela não é conhecida e por isso é desacreditada. Ela é designada como pertencente a uma raça que na melhor das hipóteses é vista como um “problema”. Ela vive à sombra desse problema que a encobre e a obscurece.<sup>410</sup>

Ao levar em conta a existência desses produtos, também é preciso considerar o contexto maior de subtração da humanidade negra em que eles se inseriam. Apresentadas como um “problema” devido à sua sexualidade desenfreada e primitivismo, as mulheres de cor tentavam encontrar alternativas que provassem o contrário. Assim, o ideal de beleza vendido para elas extrapolava a questão pura e simples da imagem a ser “invejada” pelas mulheres e “admirada” pelos maridos, ao ponto de um deles querer se casar com a mesma esposa translúcida duas vezes, conforme narrado por um dos anúncios da *Pond’s*, chamado “Você quer casar comigo de novo?”

Era preciso fabricar um “visual amigo” e, no caso feminino negro, ter um “visual amigo” era, acima de tudo, mudar a sorte, ou melhor, driblar seu destino e conseguir ser “respeitada por todos”. É nesse sentido que Kathy Peiss nos lembra que, no caso das afro-americanas, o consumo não era apenas uma questão de beleza, mas, antes de mais nada, um “problema de políticas” visto que o termo “mercado de massa”, ao pressupor uma consumidora padrão, sempre desconsiderou as diferenças raciais e a “supremacia branca”.<sup>411</sup>

Assim, de acordo com a dobradinha imprensa e indústria cosmética, para ser “admirada” e “amada” (além de “respeitada”), era viável permanecer negra, desde que na condição de uma mulata com visual branco, como a representante alva que anunciava as

---

<sup>410</sup> Fannie Barrier Williams, “The Colored Girl”, *The Voice of the Negro*, Jun. 1905, v. 2, n. 5, p. 400-1, p. 400.

<sup>411</sup> Kathy Peiss, *Hope in a Jar: the making of America’s Beauty Culture*, New York, Henry Holt, 1999, p. 203.

vendas de “pinturas de alta classe” em “cores naturais” com as “mais bonitas garotas de cor da América” na *The Crisis*.<sup>412</sup> Com tais imagens e ensinamentos, podemos afirmar que a cosmética negra não economizou palavras para convencer as novas cidadãs da necessidade de alterar sua constituição física através da compra e do uso de tantas preparações químicas.



Figura 124. “A Beleza”.

**Fonte:** *The Crisis: a record of the darker races: a record of the darker races*, dez. 1915, v. 11, n. 2, p. 97.

Em algumas ocasiões, o questionamento era ainda mais explícito: “você quer ser bonita? Use *Ivore Creme*. Ele remove o bronzado, as sardas, as manchas e ilumina

<sup>412</sup> “The Beauty”, *The Crisis: a record of the darker races*, dez. 1915, v. 11, n. 2, p. 97.

positivamente a compleição”.<sup>413</sup> Ao aliar a retirada de “prejuízos” à pele como as “manchas” e “sardas” a uma iluminação “positiva” da compleição, feita às custas de um suposto “desbronzamento”, comerciais como este faziam acreditar que o processo de um vir a ser, de uma transformação racial por meio do clareamento representava o segredo para romper as barreiras raciais e alcançar uma imagem apreciada. “Não importa[va] quão escura [fosse] sua compleição”<sup>414</sup>, ela poderia ser alterada.

Ao colocar no centro da narrativa a *dark complexion*, a indústria da beleza negra racializava seu discurso especificando ao máximo seu público através de adjetivos que justificavam uma posição inferior (“escura”, “feia”, “manchada”, etc.) e, conseqüentemente, reforçava a inevitabilidade de se adequar aos padrões físicos hegemônicos para ter um “visual amigo”, isto é, uma aparência mulata quase branca, entendida por muitos [negros] como a “única maneira de assegurar oportunidades igualitárias e de ascender no mundo do comércio e dos negócios”.<sup>415</sup> Mas, diante de tantas opções, como “branquear o rosto com beleza”?<sup>416</sup>

É agora outra companhia, a *Plough Chemical*, do Tennessee, que também tenta fornecer a resposta: “a força da beleza é inestimável e feliz, é a mulher que tem o matiz rosa em suas bochechas além de uma compleição sem falhas”. De qualquer forma, aquelas *infelizes* que não se parecessem nem um pouco com as notáveis do capítulo anterior ou com a *The Rose Tint* da propaganda da firma, não precisavam descabelar ainda mais os engrenhados fios de cabelo. Havia uma solução específica para seu caso: “aquelas com pele escura e pálida, desfigurada por espinhas, manchas e outras imperfeições podem adquirir

---

<sup>413</sup> “Ivory Creme”, *The Chicago Defender (Big Weekend Edition)*, 26 de maio de 1917, p. 5.

<sup>414</sup> *Dr. Fred Palmer’s Laboratories* – “Beauty Aids for Dark Complexions”, *The New York Amsterdam News*, 13 de dezembro de 1922.

<sup>415</sup> Fannie Barrier Williams, “Perils of...”, 423.

<sup>416</sup> *Ore Salt Co.* - “Your Face Can Whiten”, *The Colored American Magazine*, Novembro de 1901, p. 70.

uma compleição tão perfeita quanto a desejada por meio do uso do *Black and White Beauty Treatment*.<sup>417</sup>

Num fato raro, o produto da firma branca unificava a beleza como um bem, um presente destinado tanto a mulheres *whites* quanto às *negroes*, ao menos no nome; talvez para tornar ainda mais convincente a promessa de sucesso e felicidade dedicada às suas freguesas mais escuras e que quisessem ter “todas as suas belezas” iluminadas pela “mais agradável das luzes”.<sup>418</sup>

Display Ad 31 - No Title  
The Chicago Defender (Big Weekend Edition) (1905-1906), May 29, 1920;  
ProQuest Historical Newspapers The Chicago Defender (1910 - 1975)  
pg. 10



*The ROSE TINT*

Nature has laid out all her art in beautifying the face. She has touched it with tint of rose petals, planted in it a double row of ivory, made it the seat of amiles and blushes, lighted it up and enlivened it with the brightness of the eyes, given it airs and graces that can hardly be described and surrounded it with such a flowing shade of hair as sets all its beauties in the most agreeable light.

The power of beauty is inestimable, and happy is the woman who has that rose-tint of youthfulness in her cheeks and an unblemished complexion.

But those whose skin is dark and sallow, disfigured by pimples, spots or other imperfections, can acquire that perfect complexion so much desired by the use of the

**BLACK AND WHITE BEAUTY TREATMENT**

This Beauty Treatment has been used by thousands with gratifying results. When the directions given are followed, it is guaranteed not to harm the most delicate skin. No other skin treatment has as black and white soap and a most complexion. It is just as delightful to use as the most face cream and lotion so often employed. It will produce the desired results more quickly.

Black and White Soap alone is regarded as a skin beautifier. It is free from those impurities so generally used in complexion of light complexion and easily rubbed away, and will be found soothing to the tender skin.

Both Black and White Cream and Soap are sold and purchased by our good druggists at 50¢ for each package, or you will be supplied direct, on receipt of price.

You can get a copy of the Black and White Beauty Book, sample of the cream and literature, if you will write to Dept. 221.

**BLACK AND WHITE SOAP**

**PLOUGH CHEMICAL CO.**  
MEMPHIS, TENN., U.S.A.

Reproduced with permission of the copyright owner. Further reproduction prohibited without permission.

Figura 125. “A tonalidade rosa”, Plough Chemical Co.

Fonte: *Chicago Defender (Big Weekend Edition)*, 29 de maio de 1920, p. 10.

<sup>417</sup> Plough Chemical Co. – “Black and White Beauty Treatment”, *The Chicago Defender (Big Weekend Edition)*, 29 de maio de 1920, p. 10.

<sup>418</sup> Idem.

De um jeito ou de outro, ao menos no discurso, havia uma certa unidade (o que não apaga os diferentes sentidos atribuídos à cosmética) nas promessas embutidas em artigos de fabricantes brancos e negros. Algo talvez análogo ao desejo de união propagado pelas duas másculas mãos que estamparam a *The Messenger* nos anos 1920, quando seus editores apelavam para a formação de uma associação nacional que promovesse o “sindicalismo entre os *Negroes*” através da união com os “trabalhadores” *Whites*.<sup>419</sup> Assim, numa janela compartilhada tanto pela *Overton* quanto pela *Plough*, a *Golden Brown* e outras, faziam coro de que era preciso mudar a aparência. Melhorar a compleição escura era, enfim, a “chave da beleza, do sucesso e da felicidade”, como muito bem ensinava o “livro de beleza” da Madam Walker que, dentre outras dezenas de artigos, divulgava uma *face powder*.

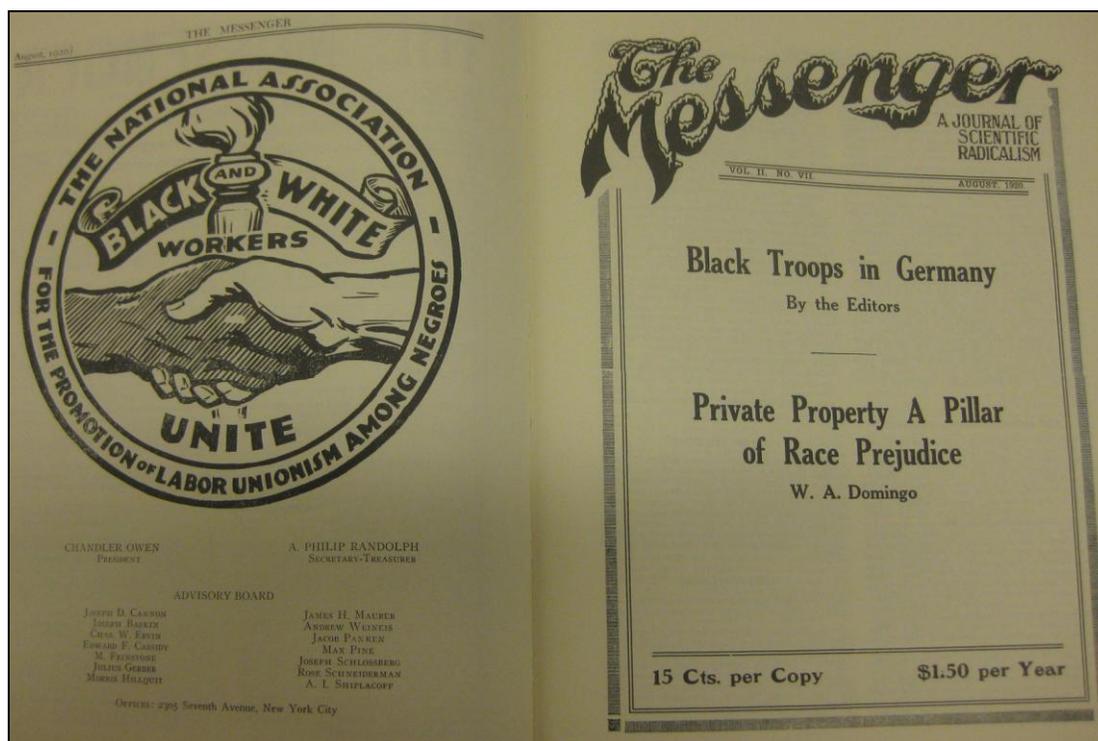


Figura 126. *The National Association for the Promotion of Labor Unionism Among Negroes* [“A Associação Nacional para a Promoção do Sindicalismo entre Negros”].

Fonte: *The Messenger: a journal of scientific radicalism*, ago.1920, v. 2, n. 7, s/p.

<sup>419</sup> *The Messenger: A Journal of Scientific Radicalism*, ago. 1920, v. 2, n. 7, s/p.

Volto a insistir que na imprensa e na cosmética afro-americanas daquele tempo o desejo da pele clara colocava-se como perfeitamente compatível com os sonhos de melhoramento de uma parcela de negros e, por isso, ele era também vendido como uma solução para os problemas sociais enfrentados pelo segmento. Nesse aspecto, além do racismo e da escravidão, não devemos descartar as “más intenções” e esquecer que o alastramento dessa *skin culture*, especialmente apoiada pelas peças publicitárias, era parte de um capitalismo negro que começou a se constituir no bojo do crescimento vertiginoso da população urbana afro-americana, conforme nossos migrantes nos mostraram no segundo capítulo.

E aqui é importante salientar o papel que as mulheres negras desempenharam nesse capitalismo racializado na condição de “consumidoras-cidadãs”<sup>420</sup> que vendiam (como se verá no próximo capítulo) e usavam artigos da indústria cosmética. Considerando tal participação, o gênero, dessa vez, articulado ao colorismo ocupa espaço central, uma vez que, conforme demonstrado por diferentes trabalhos, a pele clara, de fato, converteu-se em mais vantagens sócio-econômicas para mulheres do que para homens afro-americanos no interior de sua comunidade desde a escravidão.<sup>421</sup>

Esses anúncios demonstram que, embora alterar a constituição física fosse algo, no mínimo, arriscado e doloroso, a prática do *bleaching* era também bastante corriqueira. Sua banalização, evidenciada pela variedade dos artigos – “removedores”, “iluminadores”, “regeneradores”, etc.- nos faz crer que muitas afro-americanas decidiram arriscar e testar centenas de promessas de mudanças radicais do seu físico.

Com essa seção, procurei comprovar que a beleza e uma obcecada *skin culture* mulata foram fundamentais para a construção do orgulho racial entre as mulheres de cor e

---

<sup>420</sup> Treva B. Lindsey, “Black No More: Skin Bleaching and the Emergence of New Negro Womanhood Beauty Culture”, *The Journal of Pan African Studies*, vol. 4, no. 4, June 2011, pp. 97-116, p. 97.

<sup>421</sup> Cada um dos trabalhos citados a seguir demonstra que as mulheres negras de pele clara obtêm maiores privilégios relacionados ao sucesso profissional, educação e matrimônio na sua comunidade. Margaret Hunter, “‘If You’re Light You’re Alright’: Light Skin Color as Social Capital for Women of Color,” *Gender and Society*, n. 16, Apr., 2002, pp. 175-193; Ronald Hall, “The Bleaching Syndrome: African Americans’ Response to Cultural Domination Vis-a-Vis Skin Color,” *Journal of Black Studies*, n. 26, November 1995, pp. 172-184; Jennifer Hochschild, “The Skin Color Paradox and the American Racial Order,” *Social Forces*, n. 86, December 2007.

também para o desenvolvimento de um capitalismo negro. Para continuar nessa trilha, passaremos a analisar os anúncios da *Kashmir*, empresa de posse de Claude Albert Barnett, um afro-americano que, em finais dos anos 1910, trouxe novas concepções para a publicidade da cosmética negra.<sup>422</sup> Por tudo isso, antes que o leitor apressado desista de ler e conclua que, de fato, o que essa gente toda queria era simplesmente ser igual aos brancos *renegando* sua raça, o convido a continuar procurando o “sucesso da pele”<sup>423</sup> ao lado de algumas outras tantas rosas negras.

---

<sup>422</sup> Claude Albert Barnett (1889-1967) nasceu em Standford na Flórida, mas aos nove meses mudou-se para Matton, Illinois, onde foi criado por sua avó. Em 1904, ingressa no Tuskegee Institute, de onde sai diplomado e condecorado com o mais alto prêmio da escola em 1906. Ao dar continuidade aos seus estudos em Chicago, Barnett passou a trabalhar como fotógrafo, produzindo cartões postais de famosas personalidades afro-americanas e que eram vendidos para os editores da imprensa negra. Em 1917, transformou seu negócio numa próspera empresa por correspondência. Com o sucesso alcançado, Barnett criou, junto com outros companheiros, a *Kashmir Chemical Co.*, onde, além de sócio, atuava como gerente de *marketing*. Após viajar pelo país divulgando suas fotografias e produtos de beleza voltados para consumidores negros, o empresário fundou a *Associated Negro Press* em 1919. Ao perceber as dificuldades da imprensa negra em constituir um sistema de notícias próprio, Barnett transformou sua associação numa distribuidora de informações para tal imprensa; inicialmente em troca de espaço para divulgar seus produtos. Diante do crescimento do sistema, o empresário formou, em Chicago, uma equipe de correspondentes negros que coletavam e editavam notícias. Ao funcionar aos moldes de uma cooperativa, a ANP cobrava uma taxa de U\$ 25 semanais de seus associados, que, em contrapartida, tinham direito de consultar o grande banco de dados alimentado por sua equipe. Uma das principais fontes de pesquisa, tal banco reunia notícias sobre a população negra que, geralmente, eram omitidas pela imprensa branca. Após a Segunda Guerra Mundial, a ANP, que já contava com uma equipe nacional de correspondentes, expandiu seus serviços para o continente africano, onde oferecia artigos em inglês e francês. Nos anos 1940, Barnett tornou-se um dos consultores do *United States Department of Agriculture (USDA)*, engajando-se na luta por melhores condições para os agricultores negros do Sul. Foi demitido do cargo durante o governo do presidente Dwight Eisenhower. Vítima de uma hemorragia cerebral, Barnett morreu em 1967, aos 78 anos, em Chicago. A ANP, que neste período já tinha reduzido seu quadro para cem associados, encerrou suas atividades logo após o falecimento do empresário, político e jornalista. Lawrence D. Hogan, *A Black National News Service, The Associated Negro Press and Claude Barnett, 1919-1945*, Cranbury, Associated University Presses, 1984; Kwame Anthony Appiah; Henry Louis Gates Jr. (Eds.), *Africana: the Encyclopedia of the African and African American Experience – The Concise Desk Reference*, Philadelphia, London, Running Press, 2003, p. 62-3.

<sup>423</sup> *Morgan Drug C.* - “Do You Believe in Signs?” *The Chicago Defender* (Big Weekend Edition), 22 de fevereiro de 1919, p. 22.

Display Ad 88 - No Title  
 The Chicago Defender (Big Weekend Edition) (1963-1966): Feb 22, 1919;  
 ProQuest Historical Newspapers The Chicago Defender (1910 - 1975)  
 pg. 22

**DO YOU BELIEVE IN SIGNS?**  
**REMEMBER THIS ONE**

**PALMER'S "SKIN-SUCCESS" OINTMENT**

when looking for the ORIGINAL Skin Ointment and Complexion Brightener. In successful use over eighty years. Many millions of boxes sold all over the country to satisfied users. BEWARE of all substitutes. Substitutes may be harmful; even dangerous. Insist upon getting what you want - the old, reliable "SKIN-SUCCESS" Ointment and Soap.

MADE ONLY BY  
*The Morgan Drug Co*

1512 Atlantic Ave. Brooklyn, N. Y.

Write for a sample of Palmer's "Hair-Success" Dressing, the best hair pomade on the market.

Reproduced with permission of the copyright owner. Further reproduction prohibited without permission.

Figura 127. Propaganda “Você acredita em sinais?”, Palmer’s.  
 Fonte: *The Chicago Defender (Big Weekend Edition)*, 22 de fevereiro de 1919, p. 22.

#### 4.4 “Melhor que o Melhor”: tornando-se uma Garota Kashmir

Na sua edição de abril de 1917, o *The Crisis* decidiu homenagear Maria F. Baldwin. Nascida em Cambridge, Massachusetts, a “senhora” foi “treinada nas escolas públicas e Normal” da sua cidade. Educadora de mão cheia, tornou-se a principal professora da Escola Agassiz, que, em 1915, fora reconstruída ao custo de \$60.000, “sem contar os móveis”. Todas as suas conquistas não deixavam dúvida ao editor: Miss Baldwin ocupava a “mais distinta posição entre os descendentes de *Negro* no mundo do ensino na América”.

Se olharmos atentamente o texto, perceberemos que o prestígio da professora era tamanho que ela foi, inclusive, capaz de romper aqueles que pareciam ser limites de gênero precisos, visto que sua homenagem foi realizada justamente na coluna “Homens do

Mês”.<sup>424</sup> Primeira e única mulher homenageada no seletivo espaço daquele mês, a “Mestre Educadora” teve a foto publicada no centro do texto e, somente depois de lermos sua saga em cidades como Maryland e Cambridge, é que conheceremos outros homenageados como o Dr. David Arthur Ferguson, um “dentista de sucesso” em Richmond e Mr. Jesse E. Jones, um “alto engenheiro” em Michigan.<sup>425</sup>



Figura 128. A professor Maria Baldwin na coluna *Men of the Month*.  
**Fonte:** *The Crisis: a record of the darker races*, abr.1917, v. 13, n.6, p. 280

Infelizmente, esse mesmo sucesso não foi experimentado por uma jovem “perita em administração”. Contratada por uma importante empresa, suas “aparência e maneiras”, das “mais atrativas”, não foram fortes o suficiente para apagar o parentesco com um “garoto” de “sangue evidentemente Negro” e que teve a infeliz idéia de se apresentar no

<sup>424</sup> “Men of the Month”, *The Crisis: a record of the darker races*, abr. 1917, v.3, n. 6, p. 281.

<sup>425</sup> Idem, p. 283.

escritório como “seu primo”. Ainda que o chefe da firma “respeitasse” o “caráter” da novata, ela tinha que partir por “carregar traços de sangue Negro nas suas veias”.<sup>426</sup>

Após ler atentamente as denúncias de crueldade dos brancos contra “outra raça”,<sup>427</sup> ou mesmo de tomar conhecimento de memoráveis batalhas judiciais como a do caso de Elizabeth P. Simpson, que “morta há dezesseis anos” em Saint Louis, havia deixado uma herança no valor de “U\$40.000” e que, diante das dúvidas do juiz sobre sua descendência *colored* ou *creoule*, era pleiteada tanto pelos parentes de cor quanto pelos patrões brancos (que insistiam em “manter a propriedade”)<sup>428</sup>, leitoras que não conseguissem o sucesso alcançado por Baldwin, ainda em fins do século XIX, ou que não possuíssem uma aparência disfarçada (que poderia ser ainda mais maquiada com os sedutores *bleachings*) como a da anônima secretária ou de Ida Gwathmey Anderson, uma atriz nova-iorquina apresentada como “Tons de Luz”<sup>429</sup>, pareciam encontrar uma solução para seus problemas: as “Preparações da Kashmir”. Ostentando a foto de uma mulher mulata (aos olhos de muitos, quiçá da maioria, branca), a propaganda descrevia as potencialidades do instituto homônimo, voltado ao ensino de “métodos científicos modernos de beleza e saúde por correspondência”.

---

<sup>426</sup> “The Looking Glass”, “Appointing Negroes”, *The Crisis*, abr. 1917, v.3, n. 6, p. 292.

<sup>427</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>428</sup> “The Horizon”, *The Crisis: a record of the darker races*, abr. 1917, v. 3, n. 6, p. 301.

<sup>429</sup> “Sahdes of Light”, *The Crisis: a record of the darker races*, dez. 1917, v. 15, n. 2, p. 83.



Figura 129. Ida Gwathmey Anderson, atriz.

**Fonte:** *The Crisis: a record of the darker races*, dez. 1917, v. 15, n. 2, p. 82.

Nem mesmo as indecisas ficariam ilesas. Bastava requisitar e receberiam “gratuitamente” um “Luxuoso Folheto de Beleza, Saúde e Sucesso”, explicativo das benesses de diferentes manufaturados, que juntos seriam capazes de tornar qualquer mulher bem-sucedida, como parecia ser a sorridente “Garota Kashmir”.<sup>430</sup> Esse primeiro anúncio difere dos que vimos na seção anterior por algumas severas razões: por falar em nome de um “instituto” dotado de “métodos científicos”, por mimar suas leitoras oferecendo-lhes “gratuitamente” um material pedagógico, por, em vez de desenhos, optar pela fotografia de uma mulher que ocupava a página inteira da *The Crisis* (a popular revista da N. A. A. C. P.)

<sup>430</sup> “Kashmir Preparations”, *The Crisis: a record of the darker races*, abr.1917, v.3, n. 6, p. 308.

mas, sobretudo, por apresentar a jovem, símbolo-mor da empresa, como um exemplo de beleza a ser seguido pelas patrícias da raça. Num franco diálogo, era como se Barnett, com toda sua experiência em fotografar beldades de cor país afora, dissesse às suas leitoras, vocês da *Pond's* têm a *schoolgirl complexion*, mas nós *Negroes* com “n” maiúsculo não deixamos por menos. Aqui está nossa “Garota Kashmir”.



Figura 130. “Preparações *Kashmir* Melhor que o Melhor”.  
**Fonte:** *The Crisis: a record of the darker races*, abr.1917, v. 3, n. 6, p. 308.

Outro elemento inovador foi o fato de que o posto de Garota Kashmir não era vitalício. A cada campanha, uma nova mulata aparecia ostentando uma identidade moderna e urbana, ou seja, branca, juvenil, bem-vestida e com penteado cuidadoso e discreto. Assim, dois meses depois, conhecemos a segunda modelo, que, mais direta que sua antecessora acarinhava as leitoras: “Não se preocupe com a pele ruim – aprenda a forma Kashmir”. É interessante observar que ao contrário da anterior, que apenas apresentava as potencialidades do “método científico” da firma, esta segunda focaliza o discurso num dos seus “nove produtos”: o *Kashmir Hair Beautifier*.<sup>431</sup> Ainda que o artigo citado seja voltado

<sup>431</sup> “Don’t Worry About Bad Skin”, *The Crisis: a record of the darker races*, jun. 1917, v. 14, n. 2, p. 100.

para os fios, o cabelo da garota da vez só faz sentido se interpretado em conjunto com sua pele clara. Nesse caso, a fotografia demonstra que, isoladamente, a epiderme alva poderia nada representar, por isso era necessário conjugá-la num contexto mais amplo que também englobasse cabelo, roupa, idade, postura, etc.

Dentro de uma perspectiva de melhoramento, o comercial, novamente, nos induz a pensar que a “pele ruim” era a escura. Isso ganha ainda mais fôlego se considerarmos que a Kashmir, assim como a Overton, só divulgava seus produtos em veículos de comunicação afro-americanos, ao contrário de Madam Walker, que, em 1925, também anunciou seu *Wonderful Hair Grower* no *Jewish Daily Forward*.<sup>432</sup> Ao construir uma representação feminina negra cosmopolita, as imagens bem escolhidas de duas mulatas muito alvas conclamavam leitoras a deixar o que era obscuro (no sentido da cor e da barbárie) para trás.

Apesar do texto não mencionar a palavra “escura”, a pele clara da garota-propaganda associada à idéia de sucesso induzia ao raciocínio de que quanto mais escuras fossem as pessoas, mais aterrorizante seria seu futuro, pois menores seriam suas chances de empregabilidade assim como as oportunidades de terem um “salário justo”, “educarem suas crianças” e serem “protegidas pela lei”, conforme sonhava um “homem de cor da Georgia” em texto publicado na mesma edição da revista.<sup>433</sup> Talvez por tudo isso, agora, a garota-propaganda, em vez do sorriso largo, tenha preferido posar para a câmera expressando apenas um leve ar de contentamento.

---

<sup>432</sup> Apud Kathy Peiss, *Hope in a Jar...*, p. 242.

<sup>433</sup> W. E. B. Du Bois, “The Migration of Negroes”, *The Crisis*, junho de 1917, pp. 63-66, p. 65.



Figura 131. “Não se preocupe com a pele ruim, aprenda a maneira *Kashmir*”.  
**Fonte:** *The Crisis: a record of the darker races*, jun.1917, v. 14, n. 2, p. 100.

Entre 1917 e 1918, o Instituto Kashmir publicou seus anúncios quase que ininterruptamente na *The Crisis*. É interessante observar que, diferente das demais, a empresa de Chicago preocupava-se sempre em explicitar que seu objetivo principal era oferecer a “beleza para a mulher”. Ao se permitir usar os “maravilhosos métodos” da “Kashmir Way”, a consumidora, que deveria dedicar apenas de “cinco a dez minutos” diários para cuidar do seu visual, não mais se “reconheceria”. “Em poucos dias” seria dona de uma “pele clara e suave e de um cabelo perfeito”. “Você pode fazer o mesmo”, dizia a mesma garota contida do mês de abril, que novamente marcava presença para atestar os méritos do tratamento usado por “centenas de mulheres”. A propaganda sugere que, como toda e qualquer criatura feminina respeitável, tanto a modelo quanto às consumidoras queriam algo muito simples: ostentar madeixas e epidermes “bonitas”.<sup>434</sup>

Como já destaquei, as definições do que seria a beleza negra são mais profundamente captadas através da articulação entre as propagandas da cosmética e demais conteúdos das publicações. Nesse sentido, a melhora da aparência era incansavelmente interpretada como uma chance concreta de alcançar algum grau de prestígio ao menos na

<sup>434</sup> “Beauty for Women”, *The Crisis: a record of the darker races*, set. 1917, v. 4, n.5, p. 272.

sua comunidade, como no caso de Miss Mary Cromwell, uma estudante da Universidade de Michigan, que se tornou “professora de matemática”.

“Bastante interessada no trabalho social”, a “simpática jovem”, “ativista” de destaque que, dentre outras conquistas, angariou vários membros para a N.A.A.C.P. de Washington, não deixava os estudos de lado. Ainda que só pudesse frequentar a universidade aos “sábados”, a “filantrópica” foi a primeira “mulher de cor” a concluir o “Mestrado” na Universidade da Pensilvânia. Diante de tantas barreiras e de um esforço inenarrável, Du Bois, o editor da revista, fazia questão de frisar que o “sucesso” de Cromwell tinha um “significado extra”.<sup>435</sup>



Figura 132. Miss Mary Cromwell posando ao lado dos homenageados da coluna *Men of the Month*.

Fonte: *The Crisis: a record of the darker races*, set. 1917, v. 14, n. 5, p. 257.

<sup>435</sup> “Men of the Month”, “A Master of Arts”, *The Crisis: a record of the darker races*, set. 1917, v. 14, n. 5, p. 256-8.

Nem só de feitos, fatos e estilos de vida gloriosos das moças de cor alimentavam-se as páginas da imprensa negra. Se, por um lado, jovens como Mary Cromwell e Fern Caldwell, “campeã invicta de *tennis* no Sul da Califórnia”<sup>436</sup>, enchiam de orgulho o peito dos leitores e leitoras da raça, duas trágicas histórias, provenientes do grande conflito racial conhecido como “Massacre of East St. Louis”, levavam os mais de 30.000 compradores da revista às lágrimas e ao desespero.<sup>437</sup> Não por acaso tratando-se de duas negras retintas, a primeira dizia respeito à menina Mineola McGee, que, depois de ser baleada por um policial durante um *riot*, teve seu braço amputado. Já a segunda história era a de Narcis Gurley, uma senhora “perto de completar” seus “setenta e um anos” e que, a despeito de morar por mais de “trinta anos” na mesma St. Louis, onde sempre trabalhou como “doméstica” e “lavadeira”, teve a casa e partes do seu corpo queimados num dos confrontos do massacre.<sup>438</sup>

---

<sup>436</sup> “Social Progress”, Fern Caldwell, *The Crisis: a record of the darker races*, set. 1917, v. 14, n. 5, p. 262.

<sup>437</sup> De acordo com o balancete da própria revista, em abril de 1915, sua circulação nacional atingiu o número de 33.921 exemplares. *The Crisis: a record of the darker races*, jun. 1915, v. 10, n. 2, p. 97.

<sup>438</sup> “The Massacre of East St. Louis”, *The Crisis: a record of the darker races*, set. 1917, v. 14, n. 5, pp. 223-238, p. 234-6



Figura 133. Miss Fern Caldwell, a tenista “invicta”.  
**Fonte:** *The Crisis: a record of the darker races*, set. 1917, v. 14, n. 5, p. 262.

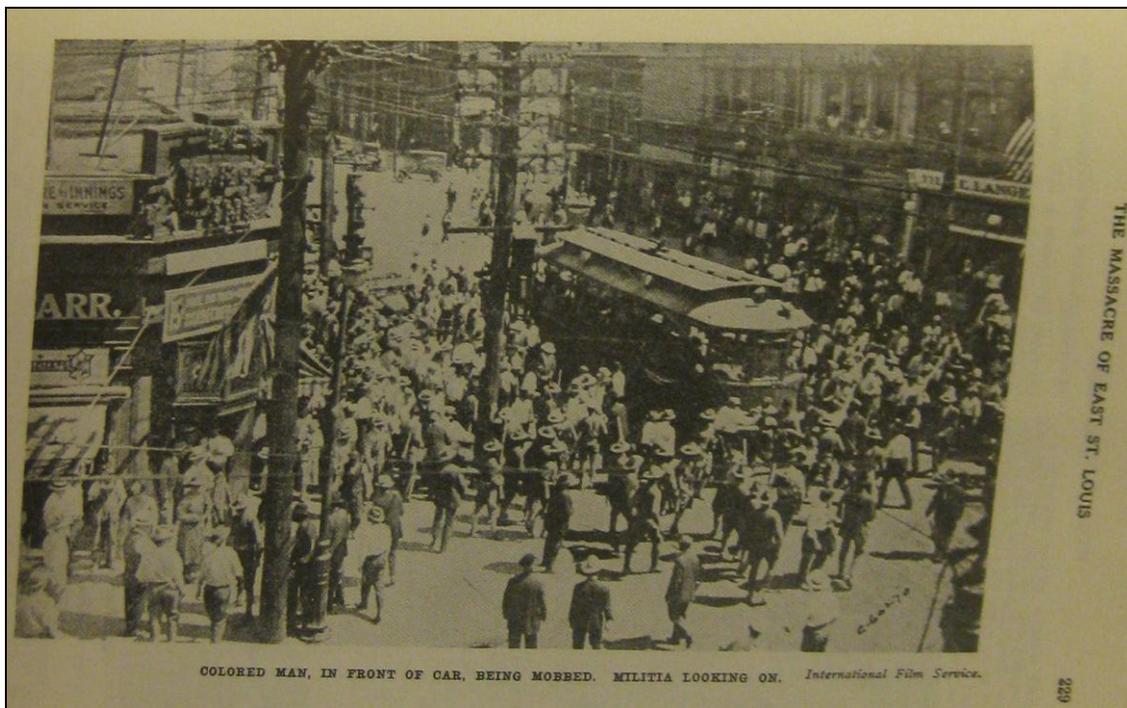


Figura 134. Homens negros retirados à força do ônibus e sendo aguardados pela população branca no episódio que ficou conhecido como Massacre de East St. Louis.

**Fonte:** *The Crisis: a record of the darker races*, set. 1917, v. 4, n. 15, p. 229.



Figura 135. “Mineola McGee, atingida [por disparos] do soldado e do policial. Seu braço teve que ser amputado”.

**Fonte:** *The Crisis: a record of the darker races*, set. 1917, v. 4, n. 15, p. 234.



Figura 136. “Narcis Gurley, perto dos seus 71 anos. Vivia em sua casa por mais de 30 anos quando as paredes foram queimadas [no massacre]”.

**Fonte:** *The Crisis: a record of the darker races*, set. 1917, v. 4, n. 15, p. 236.

Ao considerar essas e tantas outras notícias horripilantes, como as estatísticas mensais da “indústria do linchamento”, publicadas pela *The Crisis* na coluna permanente *The Burden*, ficamos impressionados. Nela, além dos dados, liam-se anúncios e coberturas minuciosas de “evento[s]” dessa natureza protagonizados por indivíduos como John

Hartfield, que seria queimado no bairro de Ellisville em Nova Orleans, onde eram “esperadas 3.000 pessoas”<sup>439</sup>, por crianças “criminosas” acusadas de “envenenar mulas” ou ainda por “garotos de cor” como Jesse Washington, um agricultor “analfabeto de dezessete anos” linchado em Waco, no Texas, por mais de “1.500 pessoas”. *The Burden* também evidenciava formas distintas de lidar com os femininos branco e negro ao contar casos envolvendo mulheres como a doméstica Annie Bostwick, uma negra de “sessenta anos” que, acusada de matar sua patroa, “esposa de um poderoso fazendeiro da Geórgia”, teve seu corpo “cortado em dois”<sup>440</sup>. Em meio a esse contexto, pode-se pensar que o desejo de mudar a constituição física também poderia assumir um sentido de luta, de sobrevivência dentro de uma precária liberdade.

---

<sup>439</sup> “3.000 Will Burn Negro”, *New Orleans States*, New Orleans, LA, Thursday, June 26, 1919, apud *The Crisis: a record of the darker races*, ago. 1919, v. 18, n. 4, p. 208.

<sup>440</sup> “Lynched a Woman”, *The Crisis: a record of the darker races*, ago. 1912, v. 4, n. 4, p. 196.

### THE CRISIS

198

race extremely distasteful and hazardous. It is likewise evident that no provisions whatsoever are made for sleeping accommodations and practically no accommodations for dining. These reprehensible conditions, taken in conjunction with the situation as to the "Jim Crow" coaches themselves, as pointed out in my previous article, cry aloud to heaven for relief. They are unnecessary, intolerable, and inhuman. The Negro asks for no special favors, he only demands the equal accommodations which have been guaranteed him. In the following articles the "Jim Crow" waiting rooms in the railway stations will be considered and the legal aspects of the situation presented.

### THE LYNCHING INDUSTRY

ACCORDING to the Crisis records there were ninety-four persons lynched in the United States during the year 1915, as against seventy-two in 1914, and eighty were colored. The record of Negro lynchings is as follows:

**COLORED MEN LYNCHED IN 1915:**

E. Smith, Alabama	Murder
W. Smith, Alabama	Murder
P. Morris, Georgia	Murder
D. Barber, Georgia	Resisting arrest
J. Barber, Georgia	Resisting arrest
Miss Ella Barber, Georgia	Resisting arrest
Miss Ella Barber, Georgia	Resisting arrest
E. Johnson, Mississippi	Stealing
H. Healy, Alabama	Wounding
D. Hartley, Alabama	Burglary
W. Reed, Florida	Rape
A. Hill, Mississippi	Murder
H. Robinson, Mississippi	Murder
J. Richards, Florida	Improper note
E. Grayson, Texas	Murder
_____ Florida	Stealing
_____ Florida	Stealing
P. Gordon, N. C.	Lying among whites
Mrs. Perry North, Georgia	?
Child # Mrs. Perry North, Georgia	?
A. Wells, Georgia	Insult
J. Green, South Carolina	Robbery
Miss Briley, Arkansas	Murder
T. Brooks, Tennessee	Theft
C. Sheffield, Georgia	Theft
A. Kinley, Texas	Murder
J. Hatch, Alabama	Assault
B. Medley, Mississippi	Assault
A. Bell, Kentucky	Rape
J. Green, South Carolina	Rape
V. Stephens, Georgia	Note to a girl
J. Smith, South Carolina	Rape
W. Thomas, Georgia	Murder
S. Parron, Georgia	Murder
A. Green, Georgia	Murder

### BROTHERS

199

BY STATES.

Georgia	29	Tennessee	2
Mississippi	11	Kentucky	2
Alabama	6	Louisiana	2
Florida	9	Arkansas	2
Texas	5	Missouri	1
Arkansas	4	Virginia	2
North Carolina	3	Total	80
South Carolina	3		

BY ALLEGED CRIMES.

Murder	32
Stealing	9
Resisting and attempted rape	9
Rape	6
Resisting arrest	3
Assault	3
Improper advances to women	3
Unknown	6
Threats and insults	3
Poisoning mules	3
Poisoning mules	3
Concealing fugitives	2
Miscellaneous	2
Total	80

BY SEX.

Men	74
Child	1
Women	5
Total	80

METHOD OF TORTURE.

Hanged	71
Shot	1
Burned at the stake	5
Murder	1
By Night Riders	7
By Rope	2
By Beating	1

COLORED MEN LYNCHED BY YEARS.

1885	28
1886	21
1887	20
1888	20
1889	20
1890	20
1891	21
1892	21
1893	21
1894	21
1895	21
1896	21
1897	21
1898	21
1899	21
1900	21
1901	21
Total	107

### BROTHERS

By JAMES WELDON JOHNSON

See! There he stands; not brave, but with an air  
Of sullen stupor. Mark him well! Is he  
Not more like brute than man? Look in his  
eye!  
No light is there, none, none, save the light that  
shines  
In the now glaring, and now shifting orbs  
Of some wild animal in the hunter's trap.

How came this beast in human shape and  
form?  
Speak man!—We call you man because you  
wear  
His shape—How are you thus? Are you not  
from  
That docile, child-like, tender-hearted race  
Which we have known three centuries? Not  
from  
That more than faithful race which through  
three wars  
Fed our dear wives and nursed our helpless  
babes  
Without a single breach of trust? Speak out?  
I am, and am not.  
Then who, why are you?  
I am a thing not new, I am as old

As human nature. I am that which lurks,  
Ready to spring whenever a bar is loosed;  
The ancient trait which fights incessantly  
Against restraint, balks at the upward climb;  
The weight forever seeking to obey  
The law of downward pull,—and I am more:  
The bitter fruit am I of planted seed,  
The resultant, the inevitable end  
Of evil forces and the powers of wrong.  
Lessons in degradation, taught and  
learned.  
The memories of cruel sights and deeds,  
The pent up bitterness, the unspent hate  
Filtered through fifteen generations have  
Sprung up and found in me sporadic life  
In me the muttered curse of dying men,  
On me the stain of conquered women, and  
Consuming me the fearful fires of lust,  
Lit long ago by other hands than mine.  
In me the down-crashed spirit, the half-  
back prayers  
Of wretches now long dead—their dire be-  
quests—  
In me the echo of the stifled cry  
Of children for their bartered mothers'  
breasts.

Figura 137. "A Indústria do Linchamento".  
Fonte: *The Crisis: a record of the darker races*, fev. 1916, v. 11, n. 4, pp. 198-9.

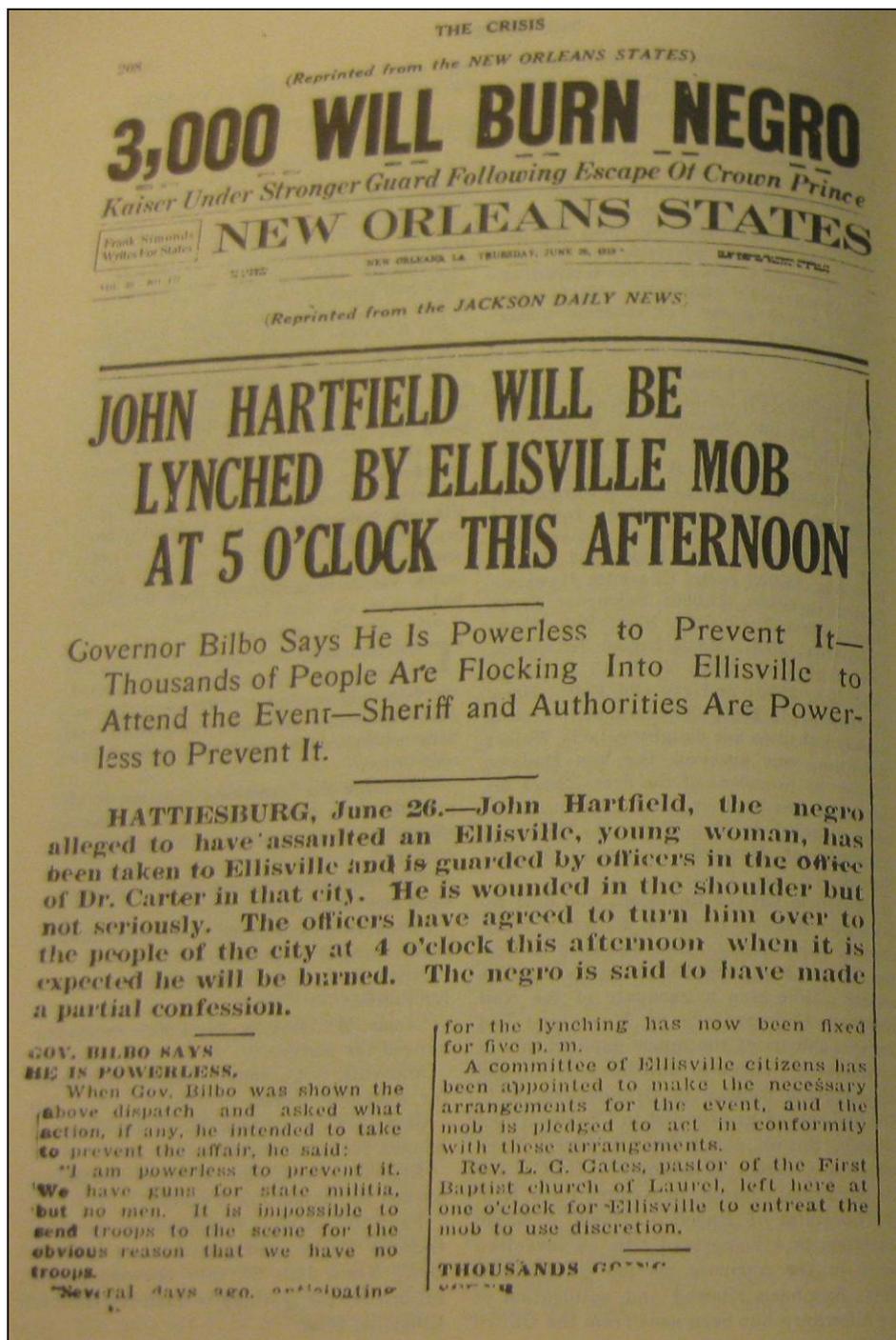


Figura 138. Reprodução da notícia “3.000 queimarão um Negro” publicada no jornal *Jackson Daily News*, de Nova Orleans.

Fonte: *The Crisis: a record of the darker races*, ago.1919, v. 18, n. 4, p. 208.

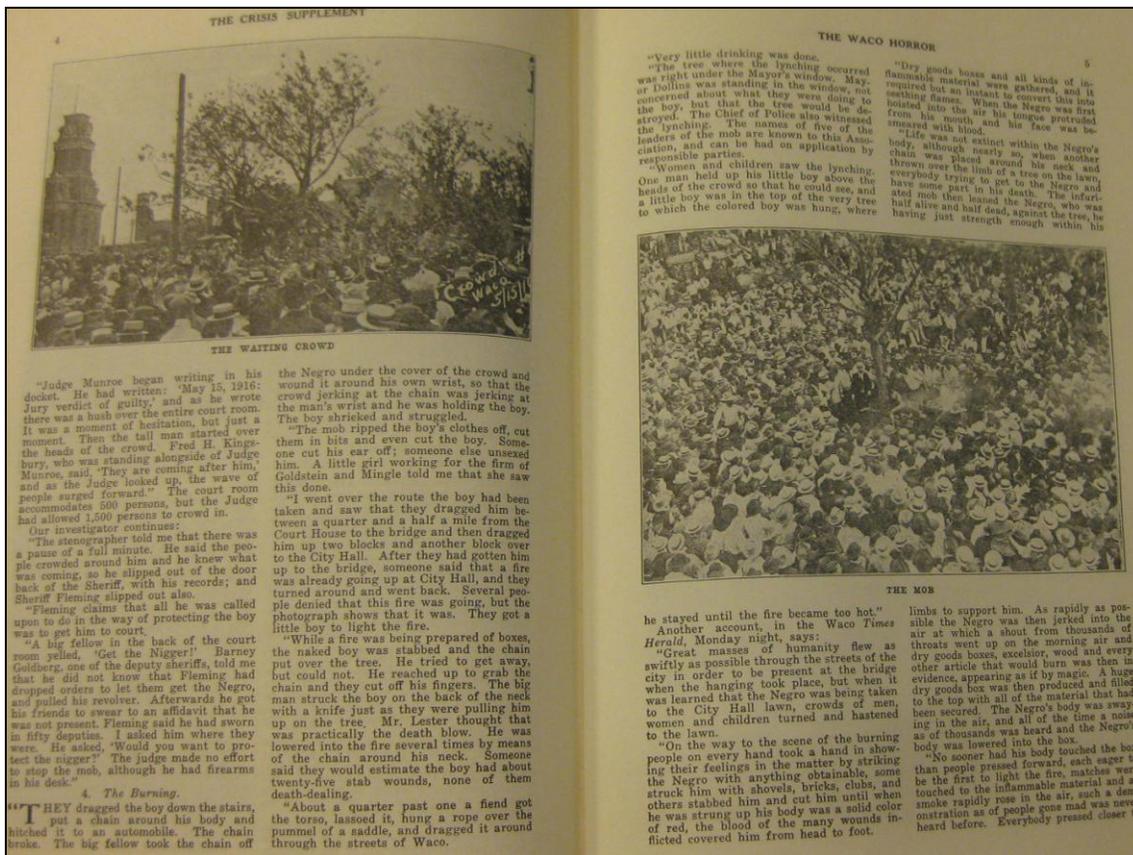


Figura 139. "Horror de Waco (multidão)".  
 Fonte: *The Crisis: a record of the darker races*, jul. 1916, v. 12, n. 3, pp. 4-5.

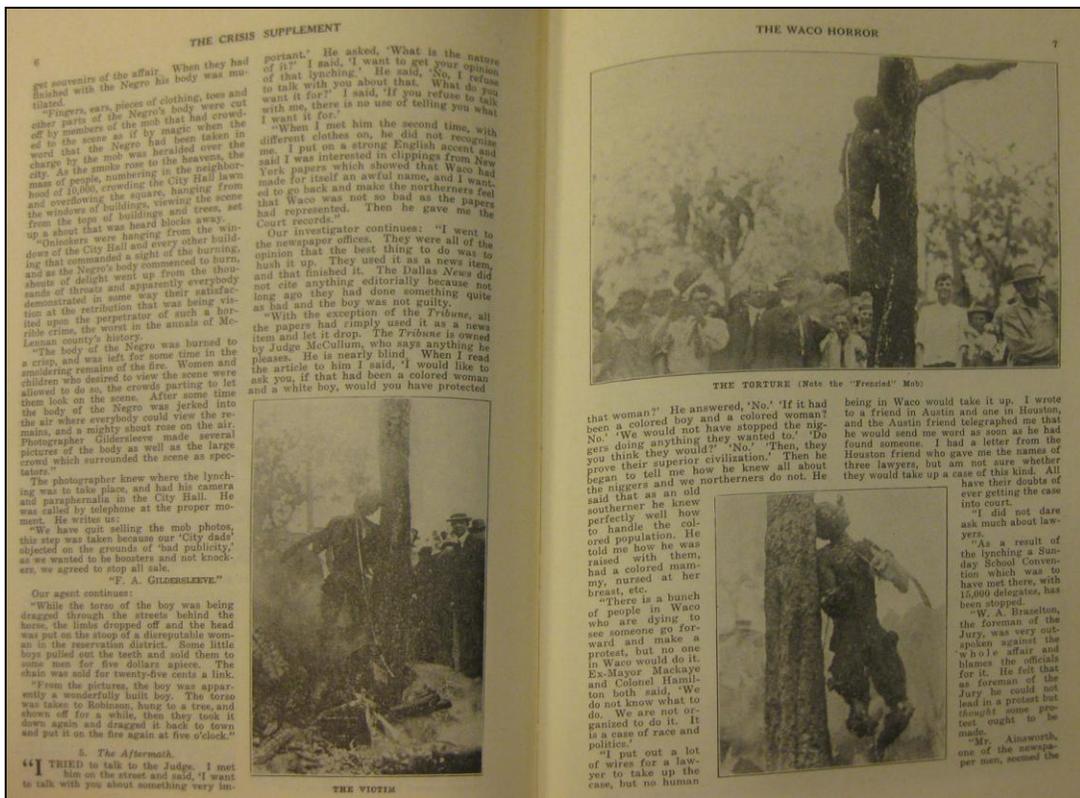


Figura 140. "Horror de Waco (torturas)".

Fonte: *The Crisis: a record of the darker races*, jul. 1916, v. 12, n. 3, pp. 6-7.

Essa batalha pela “compleição transparente e aveludada da juventude” dizia respeito a uma “cultura da beleza”<sup>441</sup> que mostrava às mulheres negras que elas poderiam lutar contra sua vulnerabilidade, pois também tinham todos os atributos para serem como Miss Isabelle Eaton, uma “branca”, “Mestre em Artes pela Columbia University” e que doou “muitos anos de trabalho” em nome da luta por “levantamento social e educação entre os Negros americanos”.<sup>442</sup>

<sup>441</sup> “Beauty Culture”, *The Crisis: a record of the darker races*, jun. 1915, v. 10, n. 2, p. 100.

<sup>442</sup> “Men of the Month”, Isabelle Eaton, *The Crisis: a record of the darker races*, jun. 1915, v. 10, n. 2, p. 67.

**BEAUTY CULTURE**

An art every woman should cultivate to retain the transparent, velvety complexion of youth. There's no secret or mystery about it, just use

**REJUVENATING CREAM**  
for cleansing and massage

**DE LUXE POWDER**  
for a beautiful complexion. Rejuvenating Cream, 20 cent jars. De-Luxe Powder, white, pink, or high brown, 50 cent boxes.

As a profession Beauty Culture offers a dignified and lucrative employment for young women. Most completely appointed Beauty Culture Parlors and School in the east. All branches taught. Special terms for a limited time.

**MADAM BARREAU**  
BRISTOL BUILDING  
NEW BEDFORD, MASS.

Figura 141. "Cultura da Beleza" da Madame Barreau.  
Fonte: *The Crisis: a record of the darker races*, jun. 1915, v. 10, n. 2, p. 100.

THE CRISIS



**MR. H. E. PERRY**

subscribers to the stock every dollar they had paid in with four per cent interest, amounting to nearly \$80,000, because he had failed to raise the required \$100,000.00 within the time limit of two years. He immediately undertook the proposition again, and later succeeded in establishing the company.

The Standard Life Insurance Company is now two years old and has in force insurance amounting to nearly a million and a half dollars, with gross assets of \$136,127. It had cash income during 1914 of \$69,000, and paid to its policyholders over \$8,000 in death claims.

Mr. Perry was born in Texas about 40 years ago. Before attempting to organize the Standard Life, of which he is President, he wrote insurance for a number of white companies both in Texas and in Georgia.

A POPULAR SECRETARY

**JAMES F. BUNDY** who died recently in Washington, D. C., was born in Rappahannock County, Virginia, September 23rd, 1863. He came to Washington when five years of age, was educated

in the public schools and at Howard University where he was graduated in 1884. He was married that same year and is survived by a widow and two daughters.

While studying law Mr. Bundy worked in the city post office. In 1890 he became secretary and treasurer of the law department and held this position until his death. During this time he served for six years as member of the Board of Education. Much of the success of Howard University Law School is due to Mr. Bundy's devotion and his methodical habits.

A SOCIAL WORKER

**MISS ISABEL EATON**, for the last four years head worker at the Robert Gould Shaw House, Boston, resigned some months ago and under her physician's orders is taking a year's much needed rest.

Miss Eaton is a white woman born near Portland, Maine and comes from an old New England family related to the family of Daniel Webster. Her father was associated with General O. O. Howard and lived on Howard University Hill in Washington, D. C.

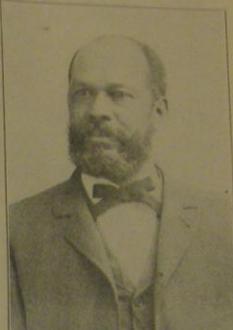
Miss Eaton was graduated from Smith College in 1888 and became Master of Arts at Columbia University in 1898. She worked at Hull House, Chicago and on the East side in New York and was associated with Dr. W. E. B. DuBois in the compiling and writing of the "Philadelphia Negro." In 1903 she became executive secretary of the Society for Ethical Culture in New York City and held this position for seven years. She was associated in the forming of the National Association for the Advancement of Colored People and in the fall of 1910 went to Robert Gould Shaw House.

The work here was pioneer work and especially difficult because of the unrighteous attitude of all other Boston settlements toward colored people. Here Miss Eaton worked for four years seeking to solve the problem of adjustment and administration and doing much toward bringing this settlement to its present successful condition.

MEN OF THE MONTH



**MISS ISABEL EATON**



**THE LATE F. J. MOULTRIE**

Miss Eaton hopes with the restoration of her health to be able to give many years to the work of social uplift and education among Negro Americans.

A CATERER

**FRANCIS J. MOULTRIE** who died at Yonkers, New York, in March, was born in Charleston, S. C., August 22nd, 1842. He came to Yonkers in 1869, arriving with fifty cents in his pocket. He worked for several years as butler and porter and finally in 1878 opened a restaurant and catering business. For almost thirty-seven years he has numbered among his patrons the most representative families of Yonkers and vicinity.

He took active interest in the city life and served for a number of years on the Republican Central Committee. He was one of the founders of the local A. M. E. Zion church and organized a Men's Sunday Club, the Colored Co-operative Company and other organizations for uplift.

The Yonkers Daily News says that

Figura 142. Miss Isabelle Eaton estampando a coluna *Men of the Month*.  
Fonte: *The Crisis: a record of the darker races*, jun. 1915, v. 10, n. 2, p. 67.

É curioso notar como sua fisionomia é muito semelhante à das mulatas símbolos da raça. Nesse sentido, a fotografia de Eaton, estampada na edição de junho de 1915, se pensada em conjunto com um anúncio que, através do desenho de uma mulher branca, ofertava vagas para “três mil professoras” que poderiam ganhar entre “U\$2 e U\$10 por dia”<sup>443</sup>, também acabava por servir como o referencial imagético de uma nova mulher negra, tão nobre, vitoriosa e respeitada como qualquer uma de suas congêneres caucasianas.

---

<sup>443</sup> “School Teachers Wanted”, *The Crisis: a record of the darker races*, jun. 1915, v. 10, n. 2, p. 58.

THE CRISIS ADVERTISER

58

### OF INTEREST TO VOCAL STUDENTS

#### TONE-PLACING AND VOICE-DEVELOPMENT



Points explained, viz.: Breath in Singing, Trying the Voice, the Soprano, the Mezzo-Soprano, the High Contralto, Tenor Leggero or High Tenor, the Baritone, the Bass, Parts of the Vocal Apparatus, the Mouth, the Tongue, Position when Practising, Position when Singing, How to Practice, Good Rules for Singing.

Comment from the conductor of the Paulist Choralists, the celebrated choral society which received the first prize awarded at the International Singing Contest held in Paris on May 25, 1912:

"Dear Mr. Tinsley:  
"I take great pleasure in commending your very useful and succinctly written book on 'Tone-Placing and Voice-Development.' Your own appreciation of the psychology of singing and the fundamental principles of the art you have cleverly reduced to a simple system.  
Cordially yours,  
"Father WILLIAM J. FINN, C. S. P.,  
Director Paulist Choristers of Chicago."

From "Musical Courier," N. Y.: "A very practical little book is 'Tone-Placing and Voice-Development,' by Pedro T. Tinsley. It contains some very excellent material and vocal exercises, and should be in the hands of all vocal students."  
From "Music News," Chicago, Ill.: "Accordingly his 'Practical Method of Singing' is a most concise and practical little manual, containing many valuable vocal exercises. It cannot fail to be helpful to all ambitious vocal students."

**HELPED HIM GREATLY**

"Since I practised your exercises of 'Tone-Placing and Voice-Development' my voice is more resonant than it has been for years. It seems to me that I am getting a new voice." Prof. John T. Layton, Director Coleridge-Taylor Musical Society, 1722 10th St., N. W., Washington, D. C.

**PRICE \$1.00**

Address the publisher: Pedro T. Tinsley, 6448 Drexel Ave., Chicago, Ill.; or Clayton F. Summy, 64 E. Van Duren St., or Lyon & Healy, Adams and Wabash Aves., Chicago, Ill.

### PUBLISHER'S CHAT

The July number of *The Crisis* will be the annual Education Number. All news of Negro colleges, and of colored students winning distinction anywhere will be welcome if received before June 1.

### E. ALDAMA JACKSON

Graduate Institute of Musical Art, Organist and Director of Music St. Mark's M. E. Church  
**Teacher of Theory and Piano**  
Theory course embraces elementary and advanced Harmony or Counterpoint.  
Private or Class Work  
Studio: 36 W. 132d STREET, NEW YORK CITY

---

### CONCERT SOLOIST

#### LULA ROBINSON-JONES, Soprano

For terms write 126 West 134 Street, New York City

---

Statement of the Ownership, Management, Etc.  
of  
**THE CRISIS**

Published monthly at 70 Fifth Avenue, New York, required by the act of August 24, 1912.  
Editor: W. E. Burghardt DuBois, 70 Fifth Avenue, New York City.  
Managing Editor: W. E. Burghardt DuBois, 70 Fifth Avenue, New York City.  
Business Manager: Augustus Granville, Dill, 70 Fifth Avenue, New York City.  
Publisher: The National Association for the Advancement of Colored People, 70 Fifth Avenue, New York City.  
Owners: The National Association for the Advancement of Colored People, a corporation with no stock.  
Moorfield Story, President.  
May Childs Nerney, Secretary.  
Joel E. Spingarn, Chairman Board of Directors.  
Oswald Garrison Villard, Treasurer.  
Known bondholders, mortgagees and other security holders, holding 1 per cent or more of total amount of bonds, mortgages or other securities:  
None.  
A. G. Dill, Business Manager.  
Sworn to and subscribed before me this 29th day of March, 1915.  
Edward J. Breden,  
Notary Public,  
Kings County No. 101,  
New York County No. 113,  
New York Register No. 6233

### THE NATIONAL TEACHERS' AGENCY

Through us school authorities, without expense or delay, get into communication with the strongest and most carefully investigated teachers in all lines.  
Teachers who seek positions or advancement should register with us and avail themselves of our expert service. Prompt and courteous attention to correspondence.

**B. F. BOWLES, MANAGER,**  
2739 CONVERSE AVENUE EAST ST. LOUIS, ILL.



(Trade Mark)

## School Teachers Wanted

We can place 3000 school teachers who wish to be pleasantly and profitably employed during their vacation time.  
Write us today for full information and free circular reproductions of our specialties.  
We will appoint you our representative and show you how to make from \$2.00 to \$10.00 per day and be your own boss.  
Agents wanted everywhere. Special offer for ministers.

**DOUGLAS SPECIALTIES CO.**  
3548 Vernon Ave. (Dept. K) Chicago, Ill.

Mention THE CRISIS

Figura 143. Da esquerda para direita, de cima para baixo: *The National Teacher's Agency* "[Agência Nacional de Professoras], descritivo da estrutura da revista *The Crisis* e "Procura-se Professoras de escola".

Fonte: *The Crisis: a record of the darker races*, jun. 1915, v. 10, n. 2, p. 38.

De volta a Kashmir, outro diferencial da empresa, é que, ao menos em duas ocasiões, seu *marketing* foi bastante original, associando a luta da mulher de cor pelo direito à beleza à situação política da época. Essa conexão é explicitada por um comercial que coincide com o final da Primeira Guerra Mundial. Publicado em setembro de 1918, ele apresentava a “enfermeira de cor da Cruz Vermelha” como uma figura feminina que estava “fazendo sua parte” na briga por “humanidade e democracia” dentro “do seu país”. Por isso as honradas missionárias mereciam a oportunidade de “provar seu valor”. Numa linguagem um tanto lúdica, tal mensagem era passada por intermédio do desenho de uma enfermeira (logicamente de pele clara) ao centro da página.

**KASHMIR**  
FOR HAIR AND SKIN

The COLORED  
RED CROSS  
NURSE is ready  
to "do her bit"  
for Humanity,  
Democracy and her  
Country.

Will  
PREJ-  
UDICE  
give her  
a chance  
to prove  
her  
worth?



Kashmir Prepara-  
tions "Better Than  
The Best."

Ready to do their  
share toward im-  
proving your hair  
and skin and mak-  
ing you more  
beautiful.

Will you give  
Kashmir a chance?  
Try it once and  
you'll never be  
without it. Kash-  
mir brings  
results.

*"The Kashmir Way"—FIRST AID to Beauty*

---

**FREE FREE**

The Famous Kashmir Beauty  
book. Tells all about the  
Kashmir Way. Write for  
your copy today. New  
edition just out.

AGENTS WANTED

**KASHMIR**

Hair Grower  
Cold Cream  
Vanishing Cream  
Cream Skin Balm  
Liquid Powder  
Dandruff Remedy  
Powder (6 shades)

**50c**

Postage  
4c

*Money back if you are not pleased.*

KASHMIR CHEMICAL CO., Dept. K, 312 S. Clark St., Chicago, Ill.  
Barnett Advertising Service.

Figura 144. "A Enfermeira da Cruz Vermelha", *Kashmir*.  
Fonte: *The Crisis: a record of the darker races*, set. 1918, v. 16, n. 5, s/p.

Parada ao lado da sua maleta preta, que repousava em cima de uma mesa, a Garota Kashmir, na versão enfermeira, mantinha a tradição de conversar com as freguesas esclarecendo que a "Kashmir Way" representava nada mais nada menos que os "primeiros socorros da beleza", visto que a marca dominava por "completo" a técnica para "melhorar o cabelo e a pele". Treinada para todas as adversidades que pressupunham o trabalho num

ambiente de guerra, a trabalhadora da saúde, profissional sábia e confiante, perguntava: “Se eu posso fazer você mais bonita (...) por que você não dá uma chance para a Kashmir?” Faça isso ao menos “uma vez” e eu prometo que você não viverá mais “sem estes produtos” porque sendo “melhor que a melhor” a “Kashmir traz resultados”.<sup>444</sup>

A segunda ocasião, também relacionada à Guerra, foi no mês seguinte, quando a nova propaganda destacou duas elegantes jovens de cor com sombrinhas e roupas vistosas. Cortejadas pelos “novos oficiais de cor”, combatentes “galantes” e “arrojados” que, além de toda força e coragem, “também possuíam o olhar afiado para a beleza”, as moças atestavam que os rapazes eram mesmo imbatíveis (“They can’t be beat”). De novo, cientes do poder de uma boa conversa, as modelos eram bem sinceras no seu diálogo com as centenas de amigas em busca de um bom partido: “é claro que as GAROTAS KASHMIR são as únicas pelas quais eles se sentem atraídos”. Isto porque não importava que produtos a mulher tivesse usado antes, para se tornar alguém “agradável”, ou seja, uma jovem que despertasse a “admiração instantânea” de todos com sua “pele clara, suave e macia e [seus] cabelos bonitos” era preciso “aprender a ser bonita”, corrigindo a aparência por intermédio do uso dos artigos da empresa.<sup>445</sup>

---

<sup>444</sup> “The Red Cross Nurse”, “Kashmir for Hair and Skin”, *The Crisis: a record of the darker races*, set. 1918, v. 16, n. 5, s/p.

<sup>445</sup> “They Can’t Be Beat”, “Kashmir Preparations for Hair and Skin”, *The Crisis: a record of darker races*, out. 1918, v. 16, n. 6, s/p.

**KASHMIR**  
**PREPARATIONS**  
**FOR HAIR AND SKIN**  
*“They Can't be Beat”*

Our new colored officers are as gallant and dashing and game a set as ever wore a puttee. They've a keen eye for beauty, too. Of course KASHMIR GIRLS are the ones who attract them.

There is something pleasing about the woman who has clear, smooth skin and soft, pretty hair which wins everybody's instant admiration. Learn the "KASHMIR WAY" to beautiful hair and skin. No matter what you have used before, you'll find KASHMIR better.

**You can always tell a KASHMIR GIRL**

Learn how to be beautiful. Send for new edition de-luxe beauty book—richly illustrated—tells all about the KASHMIR WAY. Write today for free copy. Agents Wanted.

**KASHMIR COMPANY, Dept. K, 312 S. Clark St., Chicago, Ill.**  
 Barnett Advertising Service.

Figura 145. “Elas são imbatíveis”, *Kashmir*.

Fonte: *The Crisis: a record of the darker races*, out. 1918, v. 16, n. 6, s/p.

Hasteada a bandeira branca da paz, a guerra continuava para a firma, que continuava seu bombardeio de lições para românticas senhoritas interessadas em aprender a ter a “pele clara” e o “cabelo bonito”, dois dos principais requisitos que definiam o que significava, enfim, levar uma vida “a Kashmir”. Com esses atributos, as usuárias deixariam tanto “Johnny” e seu colega quanto qualquer outro rapaz galanteador hipnotizados. Dona de uma alta “classe”, a Garota Kashmir, aliás aquela que, em junho de 1917, despreocupava as

compradoras sobre a “pele ruim” (fig.146), emprestou seu mesmo rosto contido para a fotografia da nova campanha. Dando as costas para os marmanjos, numa prova de cumplicidade feminina, a mulata dirigia olhar certo às leitoras para lhes passar a seguinte mensagem: “a maneira Kashmir é muito fácil”.<sup>446</sup>

**KASHMIR PREPARATIONS**  
**FOR HAIR AND SKIN**

It's easy to have clear, smooth skin and pretty hair if you learn "THE KASHMIR WAY"

George: Lock Johnny.  
Who's that?

Johnny: Just wondering myself.  
Classy all right.  
Must be a Kashmir Girl.

For Sale at Beauty Shops and Drug Stores Everywhere

**FREE** Illustrated de luxe beauty book. Tells all about the KASHMIR WAY **FREE**

Kashmir Skin Preparation } 50c. each  
Kashmir Hair Beautifier } postage 8c.

KASHMIR CHEMICAL CO., Dept. K, 312 S. Clark St., Chicago, Ill.

Figura 146. “Preparações *Kashmir* para o cabelo e a pele”.  
Fonte: *The Crisis: a record of the darker races*, abr. 1919, v. 17, n. 6, s/p.

<sup>446</sup> “Kashmir Preparations for Hair and Skin”, *The Crisis: a record of the darker races*, abr. 1919, v. 17, n. 6, s/p.

Dessa forma, a empresa, através da sua “Kashmir Way”, também se comprometia a resolver os assuntos do coração. Mas amar e ser amada não era tudo. Em diálogo com os conhecidos debates sobre a construção de padrões de feminilidade, respeitabilidade e honra para mulheres de cor, a companhia alertava as jovens sobre a importância de se construir uma família feliz. Assim, além das versões “enfermeira” e “namoradeira”, Barnett, também gerente de marketing da firma, e seu *staff* dispenderam suas energias na construção da personagem “mãe”. Abraçada a um bebê, a garota, mais uma “adoradora” de pele clara da marca, mostrava às leitoras que a maternidade era uma dádiva capaz de transformar qualquer alma feminina, inclusive aquelas já comprometidas sob a benção de Deus, numa eterna Garota Kashmir. Criado num lar harmônico, o bebê, por seu turno, era uma criança esperta e cheia de opinião. Elevado ao posto de “Kashmir Boy”, o pequeno comentava não só que “usava”, mas que, assim como sua progenitora, “também gostava” por demais dos manufaturados da companhia.<sup>447</sup>

---

<sup>447</sup> “Kashmir Preparations for Hair and Skin”, *The Crisis: a record of the darker races*, jan. 1917, v. 17, n. 3, s/p.

**KASHMIR**  
**PREPARATIONS**  
**FOR HAIR AND SKIN**

The boys over  
 there use  
 KASHMIR.  
 Are you a  
 Kashmir Boy?



The girls over  
 here love  
 KASHMIR.  
 Are you a  
 Kashmir Girl?

Baby likes KASHMIR, too!

**FREE**  
 The famous Kashmir Beauty Book (new edition) tells all about the Kashmir Way and the 10 wonderful Kashmir preparations. Send 25 names and addresses of your friends with your order and receive full-size box of Kashmir Cream Powder (any shade).

**FREE**  
 Kashmir Skin Cleanser 50 cents } Postage  
 Kashmir Hair Grower 50 cents } 8 cents

KASHMIR CHEMICAL CO., 312 S. Clark St., Chicago, Ill. Dept. K.

Figura 147. Mãe e garoto *Kashmir*.

Fonte: *The Crisis: a record of the darker races*, jan. 1917, v. 17, n. 3, s/p.

Ao dar continuidade à sua campanha em prol de mulheres de cor modernas, em outubro de 1918, a *Kashmir Chemical Co.* mostrava outra sedutora propaganda, que dividia as atenções com a *They Can't Be Beat*. Dessa vez, sua risonha *girl* era apresentada como alguém que “adorava” não só a marca, mas sobretudo sua maneira (“She just loves Kashmir”). Mais do que confeccionar artigos e impressos de beleza, as estratégias

publicitárias do Instituto eram usadas para convencer as seguidoras de que a maior função da empresa era assegurar-lhes a oportunidade de construir um novo estilo de vida, o nosso já conhecido “Kashmir Way”.

Para ser agraciada com o posto de *Kashmir Girl*, as jovens deveriam ser bastante corretas e disciplinadas no uso dos onze produtos que compunham o catálogo da empresa. Comparado com o anúncio referente aos “nove produtos” publicado em 1917, o quadro a seguir demonstra que a firma aumentara a sua lista de manufaturados em, ao menos, dois artigos, além de nos permitir examinar os tipos e objetivos de cada um deles.

**Quadro 3. Listagem dos produtos Kashmir por nome, função e parte do corpo destinada**

<b>Produto</b>	<b>Nome/função</b>	<b>Parte do corpo</b>
<i>Kashmir Cleanser</i>	Limpador	Face
<i>Kashmir Hair Beautifier</i>	Embelezador	Cabelo
<i>Kashmir Cream Balm</i>	Bálsamo Amaciante	Cabelo
<i>The New Liquid Cold Cream</i>	Creme Frio	Face
<i>Kashmir Liquid Powder</i>	Pó liquid	Face
<i>Kashmir Vanishing Cream</i>	Corretivo	Face
<i>Kashmir Cold Cream</i>	Creme Frio	Face
<i>Kashmir Cream Powder</i>	Creme em Pó	Face
<i>Kashmir Dandruff Remedy</i>	Anticaspa	Cabelo
<i>Kashmir Rouge</i>	Ruge	Face
<i>Kashmir Shampoo</i>	Shampoo	Cabelo

**Fonte:** Tabela elaborada com base em: “Kashmir for Hair and Skin – Better Than the Best”, *The Crisis: a record of the darker races*, ago. 1919, v. 18, n. 4, s/p.

Ao considerar que dos seus onze artigos, sete eram destinados à pele e apenas quatro ao cabelo, podemos perceber que o foco da empresa era mesmo o aperfeiçoamento

da compleição de suas clientes. Tendo em mente tal preponderância, dois dos nomes dos itens catalogados contribuem para mostrar as apropriações que a indústria cosmética negra fazia das teorias eugênicas e higienistas, reforçando o sentido racializado (via clareamento) atribuído à higiene e à melhora física. São eles o “limpador” e o “creme de desaparecimento”.

**Kashmir**  
**FOR HAIR AND SKIN**  
“BETTER THAN THE BEST”

*Kashmir Cleanser*  
*Kashmir Hair Beautifier*  
*Kashmir Cream Balm—*  
*The New Liquid Cold Cream*  
*Kashmir Liquid Powder*

*Kashmir Vanishing Cream*  
*Kashmir Cold Cream*  
*Kashmir Cream Powder*  
*Kashmir Dandruff Remedy*  
*Kashmir Rouge*  
*Kashmir Shampoo*

50c EACH; 8c POSTAGE EACH.

For sale at Drug Stores and Beauty Shops everywhere. Ask your druggist or beauty specialist. Either will get it for you.

Write for our free Beauty Book.

Kashmir Chemical Co.,  
Dept. K, 312 So. Clark St.,  
Chicago, Ill.

Figura 148. “Preparações *Kashmir* para pele e cabelo”.

Fonte: *The Crisis: a record of the darker races*, ago. 1919, v. 18, n. 4, s/p.

Os cremes, recomendados por “farmacêutico[s]” e “especialista[s] em beleza” e certificados por uma bela Garota *Kashmir* que, conforme se vê (fig.148), sentada à

penteadeira, exibia seus braços, costas e colo e ostentava um visual recatado, bem alinhado e translúcido, deveriam ser usados conjuntamente.<sup>448</sup> A dobradinha era essencial porque o primeiro assegurava uma limpeza profunda, ao passo que o segundo eliminaria, ou melhor, disfarçaria todas as imperfeições que comprometiam o visual das clientes.

Ao ter em conta a necessidade de engrossar as fileiras dessa que parecia ser uma irrecusável expedição, Barnett, em certa ocasião, pediu às clientes que lhe enviassem “o nome e o endereço de 25 amigas, desde que com seu consentimento”. Em troca, cada uma das aspirantes ao “progresso social”<sup>449</sup> receberia um “creme em pó” da marca “gratuitamente” e “em qualquer tom”.<sup>450</sup> Caso gostassem da experiência com os produtos e quisessem aumentar não só a eficácia da linha como a renda familiar, as usuárias e suas amigas poderiam ainda ter a honra de estudar no Kashmir Institute, a “Faculdade de Cultura da Beleza”.<sup>451</sup>

---

<sup>448</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>449</sup> “Social Progress” era uma das subseções da coluna *The Horizon*, que, além desta, contava com as seguintes: “Music and Art”, “Education”, “Industry”, “Personal”, “Foreign”. Em cada um desses tópicos eram descritas as conquistas da classe média negra nos respectivos setores. Em contraponto a tantas vitórias, a coluna comportava ainda a subseção “Ghetto”, na qual eram denunciadas, em especial, as segregações e restrições trabalhistas impostas a negros como J. H. Fuller que, “por ser de cor”, teve seu atendimento “recusado” num correio de Danville na Virgínia, mas também aquela contra um “homem branco” que após casar com uma “mulher de cor”, com quem tinha “dois filhos”, passou a ser renegado por seus parentes. Ver, dentre outras edições, “Ghetto”, *The Crisis: a record of the darker races*, set. 1917, v. 14, n. 5, p. 264.

<sup>450</sup> “Kashmir Preparations for Hair and Skin”, *The Crisis: a record of the darker races*, out. 1918, v. 16, n. 6, s/p.

<sup>451</sup> “Kashmir Institute – The College of Beauty Culture”, *The Crisis: a record of the darker races*, jun. 1920, v. 20, n. 2, s/p.



Figura 149. “Cabelo Científico e Cultura da Pele” *Kashmir – The College of Beauty Culture*.  
**Fonte:** *The Crisis: a record of the darker races*, ago. 1920, v. 20, n. 4, s/p.

Ao compartilhar das mesmas preocupações com a equidade da mulher de cor que afligiam seus concorrentes afro-americanos, o empresário da raça também tentava convencer as compradoras a dar um passo a mais nas suas vidas. Ao tornarem-se profissionais de *Beauty Culture* diplomadas pelo selo de “prestígio” da Kashmir, que fazia questão de atestar sua “instrução científica”, as estudantes aprenderiam a “ganhar dinheiro

rápido e facilmente”, pois saíam de lá com a profissão de *beauty culturist*, uma “ocupação limpa e agradável”.<sup>452</sup>

**LEARN BEAUTY CULTURE**  
Through Scientific Instruction

Send for Catalog  
We Teach Beauty Culture  
by mail

Take our course. Become a professional Beauty Culturist and go into business for yourself. It is a clean, pleasant occupation and you earn money quickly and easily. Our instruction requires from six to eight weeks. The latest and most approved methods taught.

**“THE KASHMIR WAY”**

When you visit a Beauty Shop be sure the operator uses Kashmir Preparations and has learned the Kashmir Way—then you know you are getting the best of service and the finest preparations for Hair and Skin to be had.

A Kashmir Diploma gives you prestige.

STUDENTS WANTED

**FREE** Kashmir Institute Catalog and Kashmir Deluxe Beauty Book **Write today**

**KASHMIR INSTITUTE**  
Dept. K.  
312 S. Clark Street CHICAGO, ILL.

Figura 150. “Aprenda Cultura da Beleza”.

Fonte: *The Crisis: a record of the darker races*, jun. 1919, v. 18, n. 2, s/p.

Outras particularidades da empresa emergem quando da comparação de suas peças publicitárias. Diferentemente das outras escolas de beleza que conhecemos, o curso de Barnett, que poderia durar entre “seis e dez semanas”, seria ministrado “somente por

<sup>452</sup> “Learn Beauty Culture – Kashmir Preparations for Hair and Skin”, *The Crisis: a record of the darker races*, jun. 1919, v. 18, n. 2, s/p.

correio”.<sup>453</sup> A escolha de tal sistema, provavelmente, era um dos frutos do *know-how* em trabalhos por correspondência, adquirido nos tempos em que o empresário atuava como fotógrafo. Além disso, o experiente editor de postais parecia considerar importante distinguir, ao menos em certas ocasiões, o público comprador daquele trabalhador. Por isso, na mesma edição do *The Crisis* (outubro de 1918) na qual a enfermeira da beleza ofertava seus “primeiros socorros” para as combatentes de pele escura, também visualizamos um anúncio com finalidade exclusiva de recrutar “agentes” de venda.

Ao deixar de lado as fotografias femininas e as inflamadas narrativas sobre as benesses de ser uma Garota Kashmir, o anúncio era curto e objetivo: “Nós queremos representantes para ensinar os cursos Kashmir de Saúde e de Beleza em todas as cidades. Nós lhe mostraremos como ganhar um grande salário”. Dentre outros argumentos que justificavam o sucesso da empresa e de suas agentes e que eram usados como isca para fisgar futuras representantes, o “Barnett Advertise Service” destacava a “qualidade” dos produtos e o fato deles serem armazenados e comercializados em “embalagens bonitas e atraentes”.<sup>454</sup> Diante de um futuro tão belo e promissor, seja como compradora eventual, consumidora fiel ou revendedora qualificada, ao final de três anos lendo tantas propagandas, a maioria das mulheres de cor dever ter se perguntado ao menos uma vez: “por que não ser uma Garota Kashmir?”<sup>455</sup>

---

<sup>453</sup> “Kashmir Institute – The College of Beauty Culture”, *The Crisis: a record of the darker races*, jun. 1920, v. 20, n. 2, s/p.

<sup>454</sup> “Agents Make Big Money”, “Kashmir Preparations for Hair and Skin”, *The Crisis: a record of the darker races*, set. 1918, v. 16, n. 5, p. 255.

<sup>455</sup> “Kashmir Preparations for Hair and the Skin”, *The Crisis: a record of the darker races*, out. 1918, v. 16, n. 6, p. 312

## Mme C. J. Walker's PREPARATIONS for the HAIR

*Worth more than it Costs*

The sublimation of the genius of Mme C. J. Walker is her wonderful Hair Dresser and its effect on falling hair. In fact, creation for dandruff and itless hair, stimulates circulation, thereby causing a new growth.

### Mme C. J. Walker's Preparations

are all now packed in SQUARE YELLOW BOXES with Mme. C. J. Walker's Seal and Signature on each outside package, which is YOUR GUARANTEE

ALL Mme. C. J. WALKER'S Preparations are reliable because they restore and beautify the hair without injury to the scalp and are used and endorsed by thousands of Hair Dressers, Scalp Specialists, throughout the country, known as the Walker Hair Dressers, having a diploma from the Lela College of Hair Culture which signifies Mme. C. J. Walker's system.

HERE is nothing so impressive about the World-Wide Fame of Mme. C. J. Walker's Ultra-Quality Preparations. None genuine without Mme. C. J. Walker's seal and signature.

We have gone to a great deal of expense to get these preparations up in new yellow cardboard boxes, each with the Walker trade mark as a guarantee that you are getting the genuine Mme. C. J. Walker Preparations which are worth more than they cost.

Mme. C. J. Walker Mfg Co.,  
Main Office, 640 N. West Street, Indianapolis, Ind.

Mention THE CRISIS.

### AGENTS MAKE BIG MONEY



## KASHMIR

Special offer including  
KASHMIR AGENT'S DISPLAY CASE  
Write for it today.

We want a representative in every town to teach Kashmir Health and Beauty Courses. We will show you how to earn a big salary.

We made our agents such a big liberal money making offer, 1918.

**Kashmir Chemical Co.**  
Dept. C.  
313 S. Clark St.  
CHICAGO, ILL.

*Hansen Advertising Service.*

---

**WE ARE NOW GIVING THE COURSE BY CORRESPONDENCE**  
Special price for sixty days only \$15.00, payable \$10.00 with application and \$5.00 when diploma is granted. Send \$1.00 for thirty days' trial treatment. We teach only one person in a town, she teaches the rest. Our graduated agents are making money.

**DERMO COLLEGE CO.**  
MAKES YOU AN EXPERT IN HAIR AND BEAUTY CULTURE  
CHICAGO

**DERMO COLLEGE CO.**  
4115 S. State St.  
Chicago, Ill.

---

**If It Is For Your Lodge  
WE HAVE IT!**

We manufacture Lodge Regalia for every Fraternal Society. Cash or Installment Plan. Cheapest Badge House in the Country. Catalogue for your Society FREE.

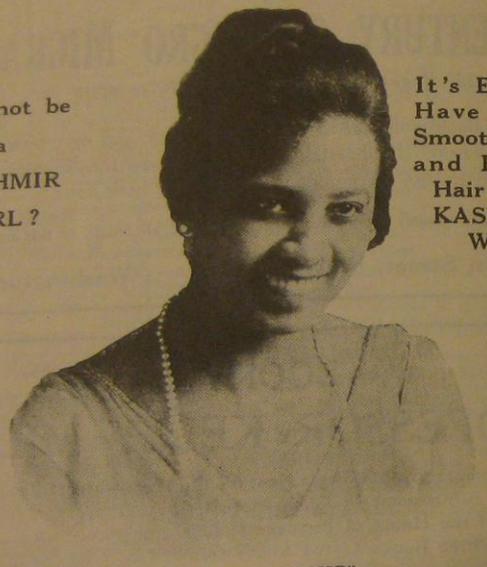
**CENTRAL REGALIA CO.**  
The Negro Regalia House. JOS. L. JONES, Pres.  
N. E. Cor. 8th & Plum  
Cincinnati, Ohio

Mention THE CRISIS.

Figura 151. Na página à esquerda propaganda das “Preparações para o Cabelo da Madam C. J. Walker”. À direita, comercial “Agentes ganham muito dinheiro” da *Kashmir Chemical Co.*  
**Fonte:** *The Crisis: a record of the darker races*, set. 1918, v. 16, n. 5, p. 255.

**KASHMIR  
PREPARATIONS  
FOR HAIR AND SKIN**

Why not be  
a  
**KASHMIR  
GIRL?**



It's Easy to  
Have Clear,  
Smooth Skin  
and Pretty  
Hair **THE  
KASHMIR  
WAY**

She "Just Loves KASHMIR"

**FREE**  
Write for new edition famous Kashmir Beauty book. Tells all about the Kashmir Way and the 9 wonderful Kashmir Preparations. Send names and addresses of 25 of your friends with your order and receive full 50c. size Kashmir Cream Powder free. (Any shade)

**FREE**  
Kashmir Skin Cleanser } 50 Cents  
Kashmir Hair Grower } Postage 8c.

KASHMIR CHEMICAL CO., Dept. K, 312 S. Clark St., Chicago, Ill.  
Barnett Advertising Service.

Figura 152. “Por que não ser uma Garota *Kashmir*?”  
**Fonte:** *The Crisis: a record of the darker races*, out.1918, v. 16, n. 6, p. 312.

Com suas promessas de um “cabelo científico” liso e uma “cultura da pele”<sup>456</sup> clara, curiosamente certificadas por mulheres grafadas com rostos, braços e colos escuros e pernas brancas (fig.149), a firma de Chicago consolidava-se na década de 1910 como uma das maiores *experts* da cosmética afro-americana. Isto se devia a predicados que a Kashmir já garantia possuir desde ao menos 1916, quando na mesma revista descrevia sua

<sup>456</sup> “Kashmir Institute – The College of Beauty Culture”, *The Crisis: a record of the darker races*, jun. 1920, v. 20, n. 2, s/p.

capacidade de “produzir uma nova pele”, uma tez renovada, que na condição de “mais branca, macia e suave” simbolizava o “charme e a juventude da compleição”.

“Pele Bonita, Cabelo Bonito!” O recado estava dado e o caminho aberto pela primeira Garota Kashmir, que sem esconder sua simpatia com o Oriente trajava um quimono e abanava-se com um leque e assim, encarnando uma misteriosa gueicha, apresentava itens como o creme “branqueador e limpador”<sup>457</sup>, provavelmente o mesmo que, três anos depois, seria anunciado apenas como “limpador”.<sup>458</sup>

---

<sup>457</sup> “Kashmir Preparations – Better than the Best”, *The Crisis: a record of the darker races*, nov. 1916, v. 13, n. 1, p. 44.

<sup>458</sup> “Kashmir Cleanser”, “Kashmir for Hair and Skin – Better Than the Best”, *The Crisis: a record of the darker races*, ago. 1919, v. 18, n. 4, s/p.

THE CRISIS ADVERTISER

44

# KASHMIR PREPARATIONS

"Better Than the Best"



Skin Beautiful

Hair Beautiful

"THE KASHMIR GIRL"

The "KASHMIR Way" is the fashion in Beauty Culture. The KASHMIR Skin and Hair Preparations are said by leading food authorities to contain genuine food elements necessary to the Beauty and growth of the skin and hair. The KASHMIR PREPARATIONS produce new skin as well as whiten, soften and cleanse the skin. Wrinkles, blackheads, and liver spots disappear immediately. The complexion takes on the charm of color and youth. Become fashionable and learn the "KASHMIR WAY." THE KASHMIR INSTITUTE is the best equipped correspondence Beauty College in the world. Terms reasonable. The course is complete, fascinating and inexpensive. Catalog free.

**KASHMIR PREPARATIONS**

- The Kashmir Cream Brown Face Powder
- The Kashmir Whitener and Cleanser
- The Kashmir Eczema or Tetter Corrective
- The Kashmir Cold Cream
- The Kashmir Vanishing Cream
- The Kashmir Balm
- The Kashmir Dandruff Cure
- The Kashmir Hair Beautifier

All preparations sold in 50c. sizes. Postage extra 4c.

**THE KASHMIR CHEMICAL CO.**

FOREIGN OFFICES  
 PARIS    TORIO  
 CALCUTTA

Kashmir Bldg.  
 4709 State Street, Chicago, ILL., U. S. A.

AGENTS WANTED  
 BIG OPPORTUNITY FOR  
 ENERGETIC AGENTS.

Mention THE CRISIS

Figura 153. "A Garota Kashmir".

Fonte: *The Crisis: a record of the darker races*, nov. 1916, v. 13, n. 1, p. 44.

Coroadas pelas páginas da famosa *The Crisis* como um dos mais importantes ícones da nova mulher negra, as mulatas à la Índia que encarnavam a versátil Garota Kashmir talvez não pudessem imaginar, mas estavam com seus dias contados. Isto porque, no final dos anos 1910, num rompante de audácia e ativismo social, Barnett decidiu aposentar sua austera personagem, fascinado pela idéia de que era preciso construir novos

jogos de imagens e representações que proporcionassem às suas clientes repensarem e mesmo orgulharem-se de seus, até então, perigosos vínculos com o continente africano. Assim, para encerrar o capítulo, na seção seguinte, veremos como o empresário colocou sua difícil missão em prática e saberemos de que formas alguns homens e mulheres, prestigiosos líderes da raça, posicionaram-se com relação ao uso de *bleachings*.

#### **4.5 Por que não Cleópatra? Ambiguidades e conflitos ideológicos a respeito do uso dos *bleachings* entre os líderes da raça**

Devem existir pessoas que nunca pararam para pensar ou perguntar nada acerca do mercado afro-americano do clareamento de pele por razões as mais variadas. Seja por desconhecimento ou pela idéia de que as propagandas de jornais e revistas são neutras, inofensivas, materiais despretensiosos, que estariam ali no final de todo o conteúdo apenas para preencher espaços vazios ou patrocinar o funcionamento de tais publicações, intocáveis aos seus apelos. No caso dos mais velhacos, a negligência também pode refletir o intento de esconder debaixo do tapete contradições visíveis entre uma negritude estática e idealizada e aquela real, construída, ressignificada e experimentada nos limites impostos pelo duro cotidiano da pós-emancipação. Por fim e não menos importante, pode haver também indivíduos que considerem a beleza como um assunto sem importância, fútil. Um ícone da banalidade, enfim, “coisa de mulher”...

Independente do protótipo no qual cada leitor, por ventura, venha a se reconhecer e diante das interfaces entre cultura da beleza, da pele, gênero e orgulho racial que o trabalho propõe, cabe, de novo, lembrar que a imprensa negra era, acima de tudo, um espaço de luta. O *The Chicago Defender*, por exemplo, noticiava eventos como a “parada única” que reuniu “mais de 10.000 pessoas da Raça” que “em silêncio” tomaram as ruas da “aristocrática Quinta Avenida” de Nova York para protestar contra o “Massacre East St. Louis”.<sup>459</sup> Por seu turno, o *The New York Amsterdam News* estimulava o “impulso na educação negra”<sup>460</sup> através de atos como a “fabricação”, a “venda” e a “distribuição

---

<sup>459</sup> “Thousand March in Silent Protest”, *The Chicago Defender (Big Weekend Edition)*, 4 de agosto de 1917, p. 1.

<sup>460</sup> “Thrust at Negro Education”, *The New York Amsterdam News*, 3 de janeiro de 1923, p. 7.



Display Ad 53 — No Title  
 The New York Amsterdam News (1922-1938); Nov 29, 1922;  
 ProQuest Historical Newspapers New York Amsterdam News: 1922-1993  
 p. 10

**1000  
Dolls  
Free**

A Beautiful  
Colored  
Character Doll  
Made Especially  
for the  
Amsterdam News  
in the  
Finest Doll Factory  
in America



Beautiful Brown Complexion  
14 INCHES HIGH  
Reproduction from Actual Photograph

**100  
Doll  
Free**

Walks &  
Unbr.  
Head, Arms  
and Legs

**Your Child May Now Have Its  
Xmas Doll Absolutely  
FREE**

WITH

**Four Yearly Subscriptions (or One Four-Year Subscription) to The  
Amsterdam News — The Price of a Year's Subscription Is \$1.50**

OR

**Three Yearly Subscriptions and \$0.75  
Two Yearly Subscriptions and 1.35  
One Yearly Subscription and 1.95**

SUBSCRIPTIONS MUST BE RECEIVED BY DECEMBER 1st

**IMPORTANT**—Only 1000 of these Beautiful Colored Dolls will be available. To insure your child of getting one deposit \$1.00 with us NOW. Your Doll will then be reserved until Dec. 1st. If you are already a subscriber the Doll will be sent postpaid for \$0.50.

<p style="text-align: center;">Write Plainly</p> <p><b>SUBSCRIPTION DOLLS.</b> Amsterdam News, 2297 7th Ave., N. Y. C.</p> <p><b>Attention!</b> Enclosed find \$2.00 deposit for the Amsterdam News Doll. I understand that if I send in a subscription before Dec. 1, I am to get the doll free.</p> <p>Name .....</p> <p>Address .....</p>	<p>Address All Communications to</p> <p><b>SUBSCRIPTION DOLLS AMSTERDAM NEWS</b> 2297 Seventh Ave. New York City</p> <p>The Dolls are on display at Gleason's, 2171 Seventh Ave., Kollars, Magazine, 2297 Seventh Ave., and The Amsterdam News.</p>	<p style="text-align: center;">Write Plainly</p> <p><b>SUBSCRIPTION DOLLS.</b> Amsterdam News, 2297 7th Ave., N. Y. C.</p> <p><b>Attention!</b> Enclosed find ..... participating in ..... for one of the new stream line Subscription Dolls.</p> <p>Name .....</p> <p>Address .....</p>
--	---	--

Reproduced with permission of the copyright owner. Further reproduction prohibited without permission.

Figura 155. “1.000 Bonecas Negras Gratuitas”.  
 Fonte: *The New York Amsterdam News*, 29 de novembro de 1922, p. 10.

Perante o registro de tantas vozes de protesto, é possível que duas perguntas, suscitadas quando das primeiras folheadas neste capítulo, estejam, agora, ainda mais vivas. Por que jornais e pessoas de cor que pregavam a afirmação, a auto-estima, a proteção e a independência econômica dos seus defendiam e subsidiavam o uso de *bleachings*, isto é, de cosméticos que prometiam uma aparência *black* disfarçada? Como era possível que uma

poderosa nação de impressos aceitasse de bom grado imprimir e disseminar nas suas páginas imagens de produtos vis e torpes, donos de uma linguagem racial degradante? Convergentes entre si, os dois questionamentos são, no mínimo, oportunos. Assim, menos do que oferecer uma resposta única e definitiva para ambos, a presente seção pretende considerá-los explorando, para tal, algumas das expectativas e opiniões divergentes acerca do consumo dos clareadores e que envolveram sujeitos de cor distintos tais como líderes, empresários e consumidores da raça.

Primeiramente, é importante entender que o consumo dos clareadores era visto de diferentes formas e com propósitos distintos por tais personagens. De um lado havia uma massa de compradoras com diferentes tons de pele que, por razões variadas, ligadas aos sonhos de melhoramento cultivados pela imprensa da raça, poderiam ou não enxergar nesses produtos uma solução brilhante para seus males. Do outro, pessoas como Anthony Overton, A'Lelia Walker, Annie Malone, Claude Barnett e outros que, no posto de empresários da raça, tentavam conciliar seus propósitos capitalistas à produção de uma rede de equidade social para a população *colored*.

Através de uma beleza racializada, fortemente influenciada pela eugenia e pelo higienismo, tal rede afiançava o melhoramento social do seu público por meio da conquista de uma aparência clara - mais bonita, vistosa e, sobretudo, mais digna e respeitável. Contudo, para completar o traçado desse triângulo, ainda é preciso incluir um terceiro grupo que, não menos importante, era composto por representantes da raça como William Du Bois, Fannie Williams, Charles Owen e Nannie Burroughs. Ao gozar do papel de cabeças e porta-vozes dos seus *brothers* e *sisters*, tais figuras teceram diversas considerações favoráveis e contrárias ao uso dos *bleachings*, evidenciando as dúvidas, os embates e conflitos em torno da *skin culture* mulata e mostrando os termos simbólicos e políticos por meio dos quais afro-americanos significaram sua aparência no pós-emancipação.

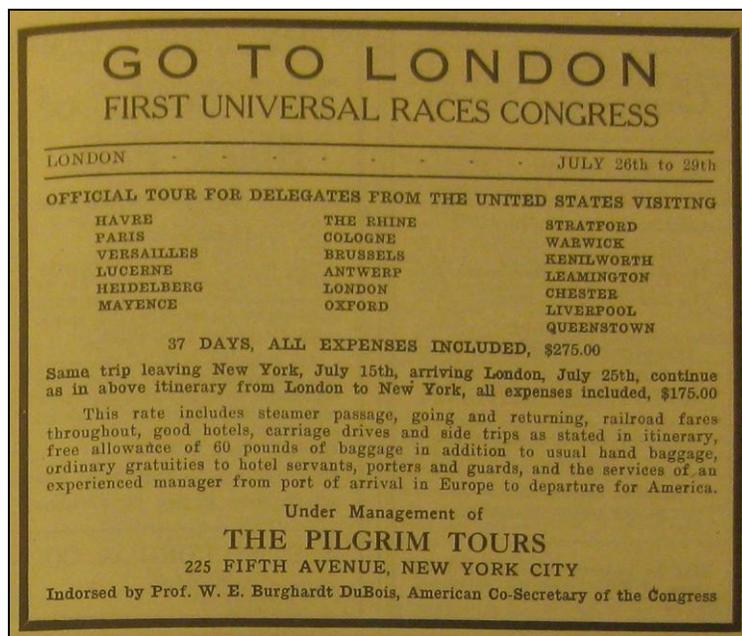


Figura 156. Chamada para o I Congresso Universal das Raças.  
**Fonte:** *The Crisis: a record of the darker races*, mai. 1911, v. 2, n. 1, p. 39.

\*\*\*\*\*

Em 1904, Nannie Helen Burroughs externalizou seu descontentamento com os clareadores de pele em “Not Color But Character”, um dos textos que já conhecemos rapidamente no capítulo 2 e que foi publicado na *The Colored American Magazine*. Fundadora da *National Training School for Girls and Women*<sup>463</sup>, também conhecida como a escola dos “três bes” (*Bible, Bath, Broom!* Bíblia, Banheiro, Vassoura), a ativista denunciava uma *Colorphobia* tão ruim e devastadora quanto o preconceito de cor entre os próprios negros, que ela achava por bem chamar de *Negrophobia*. Para identificar o sistema colorista que regia exclusivamente a vida dos seus pares raciais, Burroughs não

<sup>463</sup> A *National Training School for Women and Girls* foi fundada em Washington no dia 9 de outubro de 1909. O currículo da escola incluía classes de treinamento vocacional, ciência doméstica, trabalho missionário, *home nursing*, *clerical work*, impressão, costura, *beauty culture*, sapateiro e agricultura. Além disso, eram ministradas aulas de Gramática, Literatura Inglesa e Latina, Drama, *Speaking Public* (oratória) e Educação Física. Também era obrigatório para todas as estudantes o curso de História Negra e o estudo da Bíblia. “Discovering Hidden Washington: A Journey Through the Alley Communities of the Nation’s Capital – Special Presentation Nannie Helen Burroughs”, disponível em: <http://www.loc.gov/loc/kidslc/sp-burroughs.html>, acesso: 03/11/2011.

economizava palavras na crítica à “venda por atacado de clareadores da face e alisantes de cabelo”.<sup>464</sup>



Figura 157. Fotografia de Nannie Helen Burroughs, s/d.

**Fonte:** *An Online Reference Guide to African American History*, disponível em: <http://www.blackpast.org/?q=aah/burroughs-nannie-helen-1883-1961> Acesso: 04/12/2011.

Ao comprovar o público essencialmente feminino do mercado da beleza, as mulheres eram alvo principal das críticas da autora, que acreditava que as consumidoras de *bleachings* não “gostassem da sua cor” talvez porque frequentemente ouvissem “pobres garotos brancos” cantando uma canção muito comum na época: “Quati, quati, quati, eu desejo que minha cor desapareça”.<sup>465</sup> A despeito dessa e de outras possíveis explicações, de

---

<sup>464</sup> Nannie Helen Burroughs, “Not Color But Character”, *The Voice of the Negro: an illustrated monthly magazine*, v. 1, n. 7, pp. 277-9, p. 277.

<sup>465</sup> Idem, *ibidem*.

acordo com seu “ponto de vista”, usar tais artigos “simplesmente” significava que tais mulheres “desejavam ter rostos brancos e cabelos lisos”.

De fato, não resta dúvida de que a *Colorphobia* do começo do século XX foi uma mola-mestre na construção de relações sociais entre afro-americanos, que desde a infância aprendiam o quanto o grau de pigmentação podia determinar o sucesso ou o malogro de pessoas como a própria Burroughs, que, num dos seus escritos, fornece um excerto dos limites impostos pela epiderme retinta:

Eu queria me tornar professora de Ciência Doméstica e então eu poderia oferecer treinamento profissional ajudando as mulheres [de cor] a ganhar melhores salários e ter melhores condições de vida. A despeito das minhas qualificações, eu era sempre recusada [nas seleções] por causa da cor da minha pele. A dor do desapontamento inspirou-me a criar uma escola que atenderia garotas de todos os tipos, dando-lhes uma chance.<sup>466</sup>



Figura 158. Exibição de cinco crianças mulatas, respectivamente (de baixo para cima e da esquerda para direita) de Michigan, Cuba, Wisconsin e New Jersey na coluna “Fotografias dos nossos bebês”.

Fonte: *The Crisis: a record of the darker races*, out. 1914, v. 8, n. 6, pp. 298-9.

<sup>466</sup> “Discovering Hidden Washington: A Journey Through the Alley Communities...”

Kerr, para ficarmos apenas com mais alguns exemplos dessa cultura da pigmentocracia, relembra, em sua pesquisa, o quão era comum que negros, antes de serem admitidos em clubes de cor, fossem submetidos ao *brown paper bag test*. O teste consistia na colocação de um dos braços dos candidatos numa bolsa marrom (um saco de pão). Para que ele ou ela obtivessem a aprovação, era necessário que sua tez fosse mais clara que a do saco, caso contrário seriam indesejáveis em certas associações. Outra atitude também muito comum era que tais clubes pintassem suas portas num tom de marrom que servia de parâmetro para a seleção de seus membros, que, obrigatoriamente, deveriam ser mais claros que a tinta do frontispício.<sup>467</sup> Vítima e testemunha ocular de situações similares, se tomarmos ao pé da letra a súplica de Burroughs, veremos que tal sistema era experimentado em todos os espaços: “Deixem o caráter e não a cor ser o primeiro requisito para admissão em qualquer casa, igreja ou círculo social e um novo dia surgirá para dez milhões de pessoas”.<sup>468</sup>

Na busca de soluções para esse mal, o título do texto não era apenas uma estratégia editorial, mas, sobretudo um conclave. “Não Cor Mas Caráter” tentava combater a síndrome do *bleaching* criticando o colorismo e perguntando aos leitores “por que a cor significava tanto?” Inconformada, a autora falava em voz alta: “Existe alguma coisa que comprove que os Negros claros são moralmente melhores que os Negros pretos (*blacks*)?”<sup>469</sup> Sem sequer imaginar o que estava por vir, a saber, o crescimento alarmante vivenciado pela indústria dos *bleachings* entre os anos 1900 e 1920, a oradora frisava que a “cor clara não era um crachá de superioridade nem da mente nem da alma”.<sup>470</sup>

Na condição de uma mulher *black*, distinta e engajada no levantamento racial do seu povo, ela, mais do que ninguém, tinha o direito de gritar para quem quisesse ouvir tal verdade. Por isso, no seu texto, os homens “da raça” também tinham o que era seu,

---

<sup>467</sup> Audrey K. Kerr, *The Paper Bag Principle: Class, Colorism, and Rumor in the Case of Black Washington*, D.C., Knoxville, University of Tennessee Press, 2006.

<sup>468</sup> Nannie Burroughs, “Not Color But...”, p. 279.

<sup>469</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>470</sup> Idem, *ibidem*.

sendo muitos deles acusados de “casar com as mulheres pela cor em vez do caráter”. Num misto de contradição e recalque, tais figuras masculinas, admiradoras das “mulheres com meia face branca” e sem um pingo de “caráter”, eram as mesmas que criticavam negras que se casavam com brancos.<sup>471</sup> Ao retomar as discussões sobre respeitabilidade e feminilidade realizadas no capítulo passado, uma coisa era certa, a situação da mulher de cor era de dupla vulnerabilidade, por seu gênero e por sua raça.

De um lado, os homens afro-americanos, por vezes, desconfiavam do seu “caráter”. Por outro, os brancos acreditavam que as caucasianas eram as únicas proprietárias do “refinamento” e da “cultura”.<sup>472</sup> Apesar de o texto defender arduamente negras retintas como ela própria o era, é interessante examinar como as noções de “claro” e “escuro” são operadas por sua pena: para definir a bondade ou a maldade, a beleza ou a feiúra de uma alma, a educadora lançou mão das mesmas noções de claro ou escuro rotineiramente acionadas para justificar bons ou maus comportamentos femininos: “Devemos entender que algumas faces claras possuem almas claras e que algumas faces pretas têm almas claras”.<sup>473</sup> Desse modo, a leitura do artigo mostra que, no seu caso, a dimensão moral atribuída às almas por intermédio das cores afiliava-se diretamente à sua trajetória de líder da igreja batista.

Tornada secretária de uma missão estrangeira da *National Baptist Convention*, a maior organização religiosa de mulheres afro-americanas no país, em 1900, a ativista ficou famosa por proferir o discurso “How the Sisters are Hindered from Helping” (“Como as Irmãs são Impedidas de Ajudar”), no qual denunciava os preconceitos sofridos por mulheres de cor batistas que, representando suas igrejas, trabalhavam em diversas missões que tinham por fim ajudar pessoas pobres nos EUA e noutras partes do mundo.

---

<sup>471</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>472</sup> Idem, p. 278.

<sup>473</sup> Idem, *ibidem*.



Figura 159. Nannie Burroughs à frente de suas companheiras segurando o cartaz da *Women's National Baptist*, 1900.

Fonte: "In History: Nannie Burroughs", 08/10/2010, disponível em: <http://www.sparecandy.com/2010/10/in-history-nannie-burroughs.html> Acesso: 20/10/2011.

Ao observar as conexões entre progresso e religião, que a fala da educadora sugere, é interessante examinar que as noções de claro e escuro aparecem no seu discurso como simbologias para o céu e o inferno, o paraíso e as trevas. À revelia da cor da pele, o importante era ter uma alma cristalina, que em nada servia para medir a grandeza e a bondade de um ser humano. A alma, aliás, foi uma metáfora recorrente na construção do pensamento social afro-americano, como indica o trabalho clássico de William Du Bois, *The Souls of Black Folk*. Publicado em 1903, *As Almas da Gente Negra* evocava as “lutas espirituais” que o “Negro americano” via-se forçado a travar diante da sua duplicidade:

E sempre a sentir sua duplicidade – americano, e Negro; duas almas, dois pensamentos, dois esforços irreconciliados; dois ideias que se combatem em um corpo escuro cuja força obstinada unicamente impede que se destroce.<sup>474</sup>

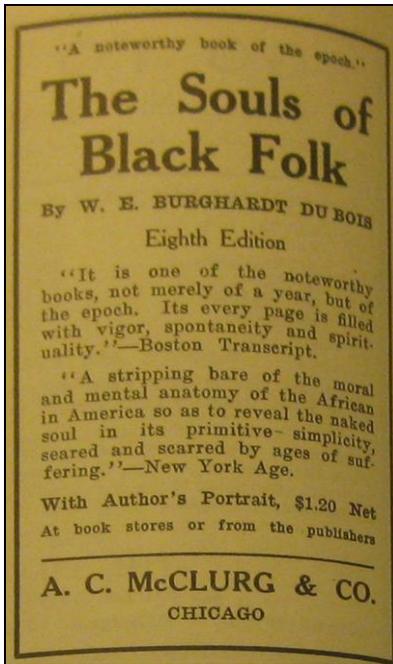


Figura 160. Propaganda do livro *As Almas da Gente Negra* de William E. B. Du Bois.

**Fonte:** *The Crisis: a record of the darker races*, mai. 1911, v. 2, n. 1, p. 40.

De acordo com Burroughs, a mulher de cor, além da “proteção”<sup>475</sup> dos homens da raça, precisava aprender a “ter orgulho da sua feminilidade”, passando a reivindicar que “todos os homens” reconhecessem que a “feminilidade negra” era “tão sagrada quanto a branca”.<sup>476</sup> Nas três páginas do artigo, a autora concentra todos os esforços em demonstrar que sua alma também era bela e, por isso, precisava e merecia ser cultivada. Lido com calma, o texto, que em diversos momentos questiona a luta pela “melhora da aparência”, deixa transparecer que a fisionomia escura podia até ser uma espécie de defeito, mas, decididamente, não era o mais importante. Em consonância com as reflexões de Du Bois, o preponderante era a beleza e a limpidez da alma:

<sup>474</sup> William E. B. Du Bois, *As Almas da Gente Negra*, Rio de Janeiro, Lacerda, 1999 [1ª ed. 1903], p. 54.

<sup>475</sup> Nannie Burroughs, “Not Color But...”, p. 278.

<sup>476</sup> Idem, p. 279.

A beleza que lhe foi revelada era a beleza da alma de uma raça que o público mais amplo desprezava, e ele [Negro] não podia articular a mensagem de nenhum outro povo. Esse desperdício de objetivos duplos, essa busca da satisfação de dois ideais irreconciliáveis, forjou uma triste devastação na coragem, na fé e nas atitudes de dez milhões de pessoas, levando-as com frequência a cultuar falsos deuses e a invocar falsos meios de salvação, parecendo, às vezes, até torná-las envergonhadas de si próprias.<sup>477</sup>

O historiador constatava os efeitos devastadores que a escravidão causara nas “almas da gente negra” destacando o fato de que muitos “irmãos” chegavam mesmo a ter vergonha de si próprios, o que deve ter servido de estímulo e justificativa para a fabricação e uso demasiado de *bleachings*. Ainda assim, pregando a sobreposição da alma à carne, Burroughs insistia em indagar: “Por que ela [mulher de cor] quer melhorar sua aparência? Por que não melhorar seu verdadeiro eu?”<sup>478</sup>

Para entender as complexidades que envolviam a manipulação da cor na fala da educadora, é providencial a leitura das suas duas perguntas transcritas acima com uma pequena, porém significativa mudança. A substituição do verbo “melhorar” pelo “clarear” sugere que, para que o “verdadeiro eu” atingisse o estado de pleniude, a alma (mas não o físico) deveria ser alterado. Em vez de perder tempo tentando mudar a constituição física, as mulheres ganhariam muito mais caso trabalhassem para melhorar (clarear?) o caráter. Em suma, a fabricação de “negros Brancos” não elevava o “caráter da raça”.<sup>479</sup>

O artigo também pode ser pensado como parte da crítica ferrenha de Burroughs, menos aos *bleachings* do que a um conceito de feminilidade restrito à brancura. Nessa interpretação, a temática dos clareadores era utilizada por ela como um eixo facilitador, uma espécie de pretexto a partir do qual tornava-se possível educar as leitoras como novas negras. Num intrincado jogo de palavras, ela reiterava que a questão maior não eram os fios retos e a pele clara, pois eles não seriam os responsáveis por fazer da “mulher Anglo-Saxã” um “sinônimo de pureza”.

---

<sup>477</sup> William Du Bois, *As almas...*, p. 55.

<sup>478</sup> Nannie Burroughs, “Not Color But...”, p. 278.

<sup>479</sup> Idem, *ibidem*.

Essa sua representação devia-se, acima de tudo, à “retidão da vida” e à “brancura da alma”, os dois fatores que, sim, fizeram dela “a mulher”. Burroughs arriscava-se a profetizar que as congêneres que usavam o “tempo” para “melhorar a aparência externa” cavavam a própria sepultura, pois estavam “escurecendo e entortando o seu caráter”.<sup>480</sup> Assim na terra como no céu, o corpo escuro não era um mal. Ao contrário da alma retinta, esta sim um pecado imperdoável.

\*\*\*\*\*

O cruzamento das propagandas da cosmética com as cartas de algumas leitoras da *The Half-Century Magazine* e com os dados da vigilância sanitária norte-americana evidenciam que nem tudo era felicidade, sucesso e segurança no mundo miraculoso dos clareadores. O risco à saúde, sobretudo do uso contínuo, poderia ser fatal. Com efeito, duas décadas depois da publicação de “Not Color But Character”, muitas mulheres de cor mantinham viva, de maneiras diversas, a opinião de Burroughs sobre a “mente limpa” e o “coração puro” da “raça”<sup>481</sup>, esforçando-se em desvincular a aparência escura (da maioria dos afro-americanos) do seu comportamento e do seu caráter. Todavia, ao contrário da professora, que se recusava terminantemente a aceitar a difusão desse tipo particular de cosmética, elas acreditavam que os *bleachings* eram aliados poderosos no projeto de revitalização da imagem feminina da raça.

Foi este o caso de Mary Vaughan, uma entusiasta da *The Half-Century Magazine*, que nos presenteou com relato singular sobre os perigos representados por tais produtos. Segundo a leitora do Tennessee, que escreveu para o *The People’s Forum*, a seção de cartas da revista, seu calvário começara depois da visita realizada a uma “fábrica de pó facial” que não permitia que “os visitantes” entrassem nas salas onde os “cosméticos” eram “feitos”. À revelia da proibição, ela pôde ver muitos barris que continham algum material “granulado” que não sabia identificar ao certo o que era. Havia também outros

---

<sup>480</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>481</sup> Idem, p. 279.

“diversos barris”. Um deles, de acordo com um dos funcionários da empresa, seria de “pó de arroz”. Graças à curiosidade de Vaughan, que decidiu tocar o conteúdo do recipiente com os próprios “dedos”, ficamos sabendo que era “impossível” remover os tais granulados sem a ajuda de “água e sabão”.<sup>482</sup>

Embora nem todas as suas curiosidades tivessem sido respondidas durante a visita, a mulher, que havia sido presenteada por seu cicerone com uma “amostra” de *light brown powder*, deixou para trás o “pó” que usara por “muitos anos” e que “combinava perfeitamente” com sua “compleição”, “sempre macia”. E na condição de consumidora fiel da nova companhia, estava feliz com a troca, pois, de fato, como assegurou o gentil trabalhador, o produto permanecia no seu rosto até a “hora da ceia”.<sup>483</sup> Entretanto, como nem tudo que reluz é ouro, duas semanas depois de lambuzar seu rosto com o conteúdo da “grande caixa” que comprara, a pele de Vaughan ficou “áspera” e repleta de “espinhas e manchas pretas”.

Ao apostar que a companhia queria o seu bem e a sua felicidade, ela lhes enviou uma correspondência relatando os problemas ocorridos. Em troca, contentou-se em ler que aquilo era normal quando “mudava-se de um pó para outro”. E, sentindo-se confortada, seguiu novamente os conselhos prescritos e adquiriu o “sabonete” e o “creme de limpeza”, recomendados pela firma, que teve seu nome omitido na missiva, como produtos que lhe trariam uma “pele mais bonita e macia que a de antes”.<sup>484</sup>

Diante das promessas não cumpridas e das “crises de enxaqueca” e “neuralgia”, Vaughan foi acometida por um surto de sensatez e decidiu procurar um médico que constatou que os artigos seriam a razão para os problemas da paciente, uma vez que, como especialista, ele podia identificar que “sua pele aparentava ter sido envenenada”.<sup>485</sup> Para reforçar tal diagnóstico, o cuidadoso e responsável médico encaminhou uma amostra do pó

---

<sup>482</sup> Carta de Mary Vaughan, “An Unscrupulous Concern”, March 1<sup>st</sup>, 1920, “The People’s Forum”, *The Half-Century Magazine*, v. 8, abr.1920, n. 4, pp. 17-8, p. 17.

<sup>483</sup> Idem, ibidem.

<sup>484</sup> Idem, ibidem.

<sup>485</sup> Idem, ibidem.

a um “químico”. A consumidora, por sua vez, após “gastar uma fortuna com médicos e tratamentos medicinais”, recuperou-se. Entre dores e feridas, tudo fora resolvido. Sua “pele estava limpa” e ela, “bem novamente”.<sup>486</sup>

Outro caso, bem mais sério, relacionado ao uso de artigos para compleição, foi o de uma leitora de Reno, Oklahoma que denunciava a morte de uma “jovem garota” por tal utilização. Dona de uma compleição “naturalmente *clear red-brown* (marrom avermelhada clara)”, a consumidora anônima faleceu porque “colocou na cabeça que queria se branquear”. Teimosa à pampa, ela comprou um *bleaching* “fabricado por uma firma branca”, especialmente “preocupada” com as “pessoas de cor”. Depois de usar o manufaturado, a menina ficou não só “mais clara” como mais “magra e pálida que de costume”. E, entregue aos “cuidados de um médico”, a insistente sonhadora “viveu por pouco tempo”.<sup>487</sup>

Os exemplos acima, oriundos da pesquisa aprofundada nos indícios levantados por Peiss, mostram que críticas como essas, quando publicadas, eram disparadas não contra os *bleachings*, mas principalmente contra empresas brancas dedicadas a fabricar tais manufaturados<sup>488</sup>, o que sugere o fortalecimento de um capitalismo negro via cosmética. Nessa direção, as questões relacionadas à defesa dos negócios da raça também podem ser vistas na fala de leitoras como Liane de Willt. A mulher tinha certeza de que os brancos que confeccionavam clareadores não empregavam negros, porque não queriam que estes últimos vissem as “terríveis coisas que eles misturam nas preparações de toalete dedicadas à população de cor”.<sup>489</sup>

Leitora de Augusta, na Geórgia, ela tinha razões bastante sérias para afirmar isso, pois acompanhou de perto o descaso dessas empresas com clientes negras como sua

---

<sup>486</sup> Idem, p. 18.

<sup>487</sup> Carta H. L. B. , “Bleaching Again”, April 5<sup>th</sup>, 1921, “The People’s Forum”, *The Half-Century Magazine*, v. 10, mai.-jun. 1921, p. 17.

<sup>488</sup> Kathy Peiss, *Hope in a Jar...*, p. 211.

<sup>489</sup> Liane de Witt, “Safer To Patronize Your Own”, 2 de janeiro de 1920, “The People’s Forum”, *The Half-Century Magazine*, fev. 1920, v. 8, n. 2, p. 17.

amiga, uma mulher que possuía a pele um “pouco mais escura do que desejava” e que, para corrigir tal defeito, decidira usar um *bleaching*. Conclusão: sua tez ficou em petição de miséria. E como eram todos adultos, a empresa respondeu-lhe a missiva da seguinte forma: “Você evidentemente não usou a pomada de acordo com as instruções”. Por essas e outras, Witt, convicta que as companhias de cor “não seriam sujas ao ponto de, deliberadamente, colocar no mercado preparações para arruinar a beleza de suas mulheres”, acreditava que “patrocinando a si próprias” as pessoas negras estariam “seguras”.<sup>490</sup>

Ao menos na opinião dessas duas mulheres, o problema não estava no uso dos *bleachings*, mas na raça branca de boa parte dos fabricantes. A própria Vaughan, uma sobrevivente da indústria cosmética, encerrava sua carta afirmando categoricamente que “nenhuma pessoa de cor fabricaria conscientemente produtos que prejudicassem a pele das [suas] mulheres”.<sup>491</sup> Verdade ou não, a fala de ambas as leitoras vai ao encontro das observações do nosso famoso Barnett, que, no fim dos anos 1920, ficou alarmado com a total ausência de “cara[s] preta[s]” entre os empregados da *Plough Chemical*, conforme lê-se numa das suas correspondências, trocadas com a cosmetologista negra Annie Malone.<sup>492</sup>

A crítica aos clareadores de companhias brancas como um mecanismo de proteção do empreendedorismo negro também era defendida por outra seguidora da *The Half-Century Magazine*. Moradora de Chicago, cidade sede do magazine, Amos Turner indignava-se com consumidores “de cor” que davam seu dinheiro à outra raça:

Prezado Senhor;

Eu fui informada por Abe ---- de certa firma branca desta cidade que produz artigos de toalete para pessoas de cor. No último ano, esta firma lucrou U\$60.000. Reflita sobre isso. Quanto dinheiro lucrado por uma firma branca que não emprega sequer uma pessoa de cor como vendedor ou livreiro. Uma Faculdade de Administração desta cidade formou 150 homens e mulheres de cor e nenhum deles conseguiu um emprego. Não, eu não culpo a gente branca por este *affair*, mas é uma desgraça que nós sejamos desatentos, descuidados e ignorantes. Nós empilhamos U\$60.000 por ano para uma companhia branca que não nos dará nem mesmo um emprego de U\$0,10. Isto é um absurdo se considerarmos o número de

---

<sup>490</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>491</sup> Carta de Mary Vaughan, p. 18.

<sup>492</sup> 17. Claude Barnett to Annie Malone, 8 de fevereiro de 1929, box 262, Acervo Claude Albert Barnett (CAB), apud Kaithy Peiss, *Hope in a Jar...*, p. 212-3.

companhias de cor que se esforçam em manufaturar produtos para pele e cabelo com qualidade superior que a de qualquer outro homem branco ou judeu que fabrique para a população de cor. Nós devemos nos ocupar e aprender a usar as coisas que ajudam no avanço de nossa raça ao invés de colocar nosso dinheiro na Casa Grande por tanto tempo. Verdadeiramente, Amos Turner.<sup>493</sup>

Ainda que não restem dúvidas de que o consumo de clareadores constituía-se numa arriscada expedição, cabe ponderar que todas as cartas aqui reunidas foram coletadas da *The Half Century Magazine*, que tinha como um de seus principais patrocinadores Anthony Overton, o que, em parte, também deve ser levado em consideração para justificar a presença relativamente constante de denúncias contra empresas brancas nas suas edições. Independente dessa suposta ausência de críticas às companhias negras e da dificuldade de encontrar documentação a respeito disso, os cremes para compleição trouxeram complicações seríssimas para diversas afro-americanas.

Diante de tantos perigos e da falta de um monitoramento eficaz para a confecção desses itens, em alguns momentos, a publicidade dos clareadores pode ter disseminado receio entre os fabricantes e jornalistas. Nesse bojo, embora não seja possível afirmar que haja alguma conexão, na mesma edição da *The Half-Century Magazine* na qual ficamos sabendo da morte da “jovem garota” de Reno, o magazine apresentou um “trio de modelos atraentes” com a pele relativamente mais escura do que a da maioria das mulheres que estampavam suas páginas, embora, não devemos desconsiderar que a beldade do meio exibia uma perna grotescamente mais clara que o resto do seu corpo.<sup>494</sup>

---

<sup>493</sup> Amos Turner, “Put On Your Thinking Cap”, “The People’s Forum”, *The Half-Century Magazine*, v. 7, n. 5, nov.1919, p. 22.

<sup>494</sup> “A Trio of Attractive Models”, *The Half-Century Magazine*, mai-jun. 1921, v. 10, n. 3, p. 7.

A Trio of Attractive Models

—International Film Co.

Every detail of this sports outfit is correct, according to New York fashion experts. The skirt is brown plaid and the sweater of a lighter shade of brown with a belt to match. Of course no sports outfit is correct without low beeled oxfords.

No wonder she smiles—her costume of Navy crepe, robin's egg blue cloth, colored embroidery and metal beads commands admiration even in Paris. The hat is of black milan and is trimmed with rose buds.

Unusually attractive is this model of black taffeta. Rows of tiny ruffles make more bouffant the full overskirt. The panel is of hand made lace and has a fringe of lacina beads.

**What They Are Wearing** - - - By Mme. F. Madison

**N**EARLY all the crepe fabrics are fashionable this season. Canton crepe, Roshanara crepe, Crepe de Chine, Georgette Crepe, and dozens of other shimmering, brocaded, transparent, clinging vampire crepe fabrics are being used in the construction of Dame Fashion's newest confections.

The past and the future meet on very friendly terms in many of the newest garments. For instance one may wear a long, transparent coat of cubobby lace, lined with Georgette and collared and cuffed with Russian sable over a gown built on lines popular a century and a quarter ago.

The irregular hem line is the thing just now. It is almost a breach of good form to wear a gown with an even hem line. Sometimes the irregularity is emphasized by means of panels that are longer than the skirt, sometimes the tunic is pointed at irregular intervals, and occasionally the garment is draped so as to give the uneven line.

As for the waistline—there is none. Indeed, milady seems to have forgotten she ever had such a thing, and so she places her belt any place between her shoulders and the hem of her dress that best suits her fancy. Sashes are popular—the bigger they are the better. Most of them rest on the hips and are tied in gigantic bows at the side-front.

The short skirt will remain with us, at least for a while.

Capes of jersey with brushed wool collars will be popular for afternoon wear, but in the evening milady's cape will be fashioned of broadcloth, satin, georgette or lace. The newest and smartest capes are not embroidered as they were last season. Nearly all of them, however, are provided with deep collars that wrap snugly about the throat and shoulders of the wearer.

Organdies, ginchams, linens, printed muslins, and printed voiles will be used for tub frocks during the coming season.

As for hats, one is safe in wearing the hat that is most becoming, for shops are showing both large and small pokes, mushrooms, upturned and sailor effects in every known color.

Figura 161. “Um trio de modelos atraentes”.  
 Fonte: *The Half-Century Magazine*, mai-jun, 1921, v. 10, n. 3, p. 7.

Na mesma linha de escurecimento das modelos, a publicação dedicada às “donas de casa” apresentou algumas candidatas do seu concurso *Who's the Prettiest*

*Colored Girl in the United States?* que mesclava fotografias de mulatas e *blacks*<sup>495</sup> e reconhecendo que cada “lugar tinha sua beleza”, convidava “garotas e mulheres de cor do país” a enviar “fotografias” suas assim como das “amigas”. Tais retratos deveriam ser em “preto e branco” e acompanhados do “nome, rua, endereço, cidade e estado, mês de nascimento e ocupação da concorrente”.<sup>496</sup>



Figura 162. “Quem é a Garota de Cor Mais Bonita dos Estados Unidos?”

Fonte: *The Half-Century Magazine*, mai-jun. 1921, v. 10, n. 3, p. 15.

Além disso, nesse mês, a divulgação dos *bleachings* trazia algumas mudanças sutis. Embora ofertado, o anunciante do *High-Brown Savon De Luxe* não discursava sobre a

<sup>495</sup> “Who’s the Prettiest Colored Girl in the United States”, *The Half-Century Magazine*, mai-jun. 1921, v. 10, n. 3, p. 15.

<sup>496</sup> Idem, *ibidem*.

compleição clara, como o fizera noutros momentos. O “sabonete feito cientificamente” era apenas apresentado como um artigo “de luxo” e “com fragrância agradável e deliciosa”.<sup>497</sup> Entretanto, quando algumas leitoras pensavam que as coisas estavam mudando, depararam-se com um *bleaching* especial, que tinha reservado uma aparição triunfal para a última página. Nela, vemos uma propaganda enorme que exibia um feliz casal tomando seu bem orquestrado café da manhã. Sentada à mesa de uma sala muito bem arrumada, a esposa com sua pele branca, que era reproduzida num espelho em miniatura preso a uma jarra de flores no centro da mesa, contrastava com a tez morena do amado. E, assim, o público era apresentado ao *Ro-Zol*, um *bleaching* que limparia qualquer “defeito indesejável” na “compleição”.<sup>498</sup>



Figura 163. “O Original Clareador da Compleição *Ro-Zol*”, *Overton Hygienic Co. Chicago*.  
**Fonte:** *The Half-Century Magazine*, mai-jun. 1921, v. 10, n. 3, s/p.

Esse mesmo linguajar de uma *cútis* defeituosa foi o mote para anunciar um *tan-off* da *Madam Walker Manufacturing Company*. Veiculada em 1930 pela *The Crisis*, a propaganda dizia o seguinte:

<sup>497</sup> *High-Brown Soap*, *The Half-Century Magazine*, mai-jun. 1921, v. 10, n. 3, p. 11.

<sup>498</sup> *Ro-Zol*, *The Half-Century Magazine*, mai-jun. 1921, v. 10, n. 3, s/p.

Sua pele, não importa o quão cuidadosa você seja, está sujeita a ter defeitos de um ou outro tipo ao menos uma vez (...) Para corrigir deformações comuns da pele, erradicar superfícies defeituosas, limpar completamente a pele e clarear sua compleição positivamente nada é melhor do que MME. C. J. WALKER TAN-OFF.<sup>499</sup>

**BLEACH OUT THE BLEMISHES**  
*in your skin*

Your skin, no matter how careful you are, is bound to have blemishes of one sort or another, once in a while. Pimples, blackheads and liver spots often find their way to the skin surface to mar your good complexion. Freckles, rash and sunburn are common annoyances you frequently will have. There is no wonder that with these and many other mild but needless blemishes one's skin can not be soft, clear and radiant and one's complexion can not look its best.

For correcting ordinary skin disfigurements, eradicating surface blemishes, thoroughly cleaning the skin and clarifying the complexion positively nothing is better than MME. C. J. WALKER'S TAN-OFF.

Have you tried this scientific remedy in your search for a sure, quick, safe, skin bleach? Thousands of women throughout the country tell us it is the best preparation ever made for tan, freckles, blackheads, pimples, liver spots and the like. Notice your skin today, your face, your hands, your neck. Mme. C. J. Walker's Tan-Off will bleach them out, brighten them up, make them a clear, light part of your body you'll be proud to show. TAN-OFF is a wonderful article. A free sample will be sent by directing a request to The Mme. C. J. Walker Mfg. Co., Walker Building, Indianapolis, Ind.

35 cents per box  
at Dealers

"25 Years  
the Standard"

Mme. C. J. Walker's **TAN-OFF**

Selling this and 20 others Mme. C. J. Walker Preparations and giving Mme. C. J. Walker Treatments offers a big money making opportunity. Write today for full details.

Figura 164. "Clareie as manchas", Madam C. J. Walker Manufacturing Company.  
Fonte: *The Crisis: a record of the darker races*, dez. 1930, s/p.

<sup>499</sup> *Bleach Out the Blemishes*, *The Crisis: a record of the darker races*, dez. 1930, s/p.

Com aparições tão constantes de verbos como clarear, branquear, limpar, descolorir numa cosmética que, se não destinada, era, ao menos, visualizada por uma população de maioria escura ou *black*, não foi fruto do acaso que o jornal *Chicago Whip* tenha incluído entre as suas propagandas uma bem sugestiva: “Be beautiful if you can but don’t burn your brains out in the attempt” (Seja bonita se você pode, mas não queime seus miolos na tentativa de”).<sup>500</sup> Em sintonia com tal campanha, o estudo de Peiss relata que, nos anos 1920, os clareadores foram alvo de um exame rigoroso de instituições de saúde pública, como a *American Medical Association* e, na década seguinte, a *Food and Drug Administration*.

Tal fiscalização ligava-se a incessantes reclamações provenientes de danos físicos (alergias, irritações, lesões, cicatrizes, etc.) causados por concentrações excessivas de químicas como mercúrio, amônia, peróxido de hidrogênio, bórax, soda cáustica e outras substâncias que compunham tais fórmulas.<sup>501</sup> É difícil precisar, mas ao que tudo indica, boa parte das complicações também se justificavam por algo que parecia ser bastante comum entre as compradoras. Contaminadas pela síndrome do *bleaching*, muitas delas descumpriam as orientações de produtos que, como vimos em alguns exemplos, eram recomendados para uso temporário. Com vistas ao controle de sardas, manchas, rugas, etc., elas transformavam tais artigos em itens de toalete de utilização permanente.

Ao demonstrar as tensões e ambiguidades inerentes a todo e qualquer processo histórico, a construção de uma cosmética negra na qual se destacavam os clareadores foi interpretada como um movimento, uma luta pelo “direito feminino natural e universal” de prestar atenção “à moda” como, em certa ocasião, defendeu a mesma *The Half-Century Magazine*. Empenhada em mostrar que todas as mulheres eram femininas, independente da cor, a revista comentava que o consumo desses cosméticos era parte do “mesmo espírito” que fazia as brancas “vestirem os mais ridículos figurinos de Paris”. Embora o texto se intitulasse “Traidores da Raça”, o editorial advogava que as negras “não deveriam ser

---

<sup>500</sup> Francis Marion Dunford, "Conflicting Forces in Negro Progress," *Journal of Social Forces*, v. 30, 1924-1925, p. 703.

<sup>501</sup> Kathy Peiss, *Hope in a Jar...*, p. 212.

condenadas”, pois assim como “todas as filhas de Eva” - jovens como as mesmas santas criaturas que foram registradas pelas câmeras da *Crusader* no ano seguinte<sup>502</sup> - seu intuito era o de serem vistas como “as mais elegantes”.<sup>503</sup>

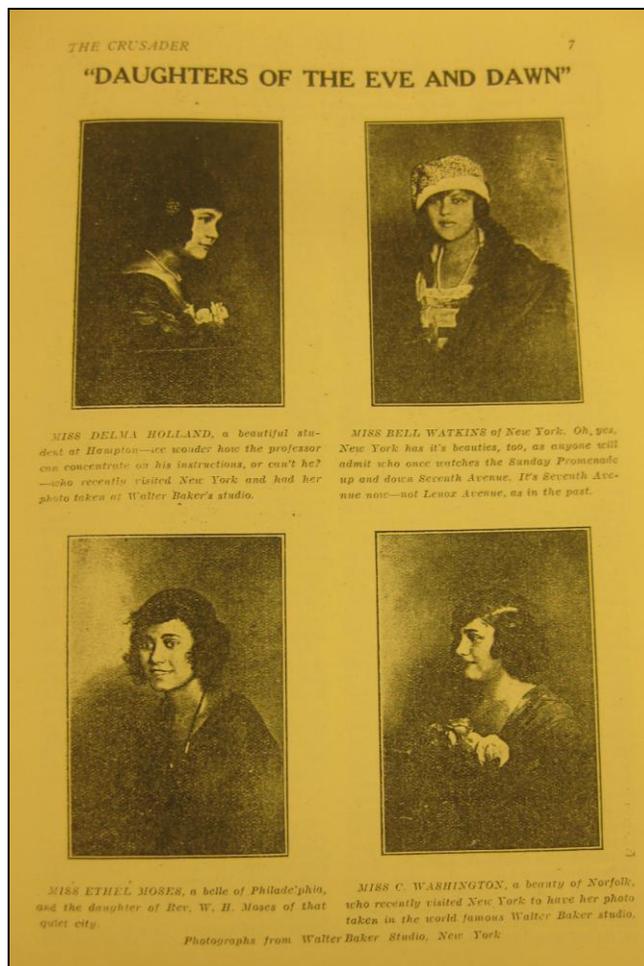


Figura 165. “Filhas de Adão e Eva”.  
**Fonte:** *The Crusader*, out. 1921, v. 5, n. 2, p. 7.

É correto afirmar que, a despeito da pluralidade de ideologias que circulavam na imprensa negra, o referencial de beleza eugênico era um ponto comum dessas publicações. Isto, entretanto, incomodava um punhado de homens da raça como Francis Marion Dunford que, em 1925, queixava-se do “sucesso” alcançado pelos “branqueadores

<sup>502</sup> “Daughters of the Eve and Dawn”, *The Crusader*, out. 1921, v. 5, n. 2, p. 7.

<sup>503</sup> “Betrayers of yhe Race”, *The Half-Century Magazine*, fev. 1920, v. 8, n. 2, p. 3.

de pele”, “preparações” que “agora dividiam as honras com os anti-kink”. Juntos, esses dois tipos de produtos “gracejavam nas páginas dos muitos periódicos Negros”.

Provavelmente Dunford, um crítico veemente da “obliteração das características físicas Negras (...) nas propagandas de jornais [de cor] de Massachusetts ao Texas”, referia-se a revistas como a *The Messenger* que, assim como ele observou no *Chicago Defender*, estampavam “freqüentemente fotografias” de “proeminentes membros da raça” que, não só exibiam um “cabelo brilhante” e uma “pele branqueada”, como faziam questão de “aparentar a expressão de satisfação”, simbolizada por seus “rostos felizes”.<sup>504</sup>

Conhecida por suas filiações com o socialismo<sup>505</sup>, o magazine *The Messenger* - que se auto-proclamava a “única Revista Negra Radical da América”<sup>506</sup> - apesar de em alguns momentos, ter optado por modelos *blacks* para estrear suas capas<sup>507</sup>, também veiculava a torto e a direito imagens de novos negros como os atores da Companhia de Teatro Lafayette de Nova York.<sup>508</sup>

---

<sup>504</sup> Francis Dunford, “Conflicting Forces...”, p. 701.

<sup>505</sup> Em seu trabalho sobre o *Harlem Renaissance*, David Lewis relembra que Philip Randolph e Charles Owen, editores da revista, foram os únicos afro-americanos a serem julgados e presos como propagadores do “Perigo Vermelho”. O socialismo de ambos rompia com a idéia de que tal doutrina fosse um fenômeno restrito aos brancos. Em agosto de 1918, um ano após seu julgamento, eles chegaram a ser considerados os mais “perigosos radicais da América”. David Levering Lewis, *When Harlem was in Vogue*, New York, Penguin Books, 1997[1ª ed. 1979], p. 17.

<sup>506</sup> *The Messenger*, jul. 1918, v. 2, n. 7, capa.

<sup>507</sup> *The Messenger*, nov. 1917, v. 1, n. 11, capa.

<sup>508</sup> *The Messenger*, jan. 1918, v. 2, n. 1, pp. 28-29.



Figura 166. Três meninas *blacks* na capa da *The Messenger*.  
**Fonte:** *The Messenger: election issue*, nov.1917, v. 1, n. 11.



Figura 167. “Atores do Lafayette Theatre New York City”.  
**Fonte:** *The Messenger: a message of democracy*, jan.1918, pp. 28-9.

A ode à pele clara continuava a ser vista em setembro de 1924, quando o magazine apresentava aos leitores aquelas que elegia como as suas “belezas”<sup>509</sup> (fig. 168) e na página de abertura da coluna *Negro Life* (fig. 169), que ostentava cinco mulatas das mais claras.

<sup>509</sup> *The Messenger: World's Greatest Negro Monthly*, set. 1924, v. 6, n. 9, set. 1924, p. 292.



Figura 168. "Belezas".

Fonte: *The Messenger: World's Greatest Negro Monthly*, set. 1924, v. 6, n. 9, p. 292.

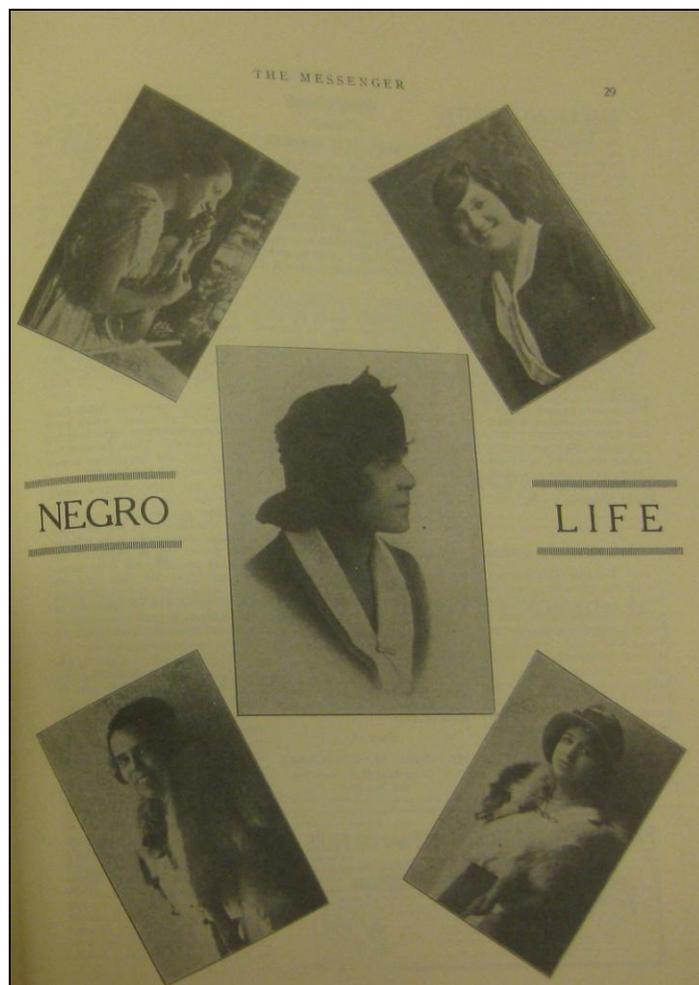


Figura 169. *Negro Life*.

**Fonte:** *The Messenger: only radical negro magazine in America*, jul.1918, v. 8, n. 7, p. 29.

Ao seguir a tradição de outros periódicos, tal padrão também era reforçado pelas propagandas que escolhiam para publicar, conforme vemos num dos anúncios da companhia da Madame Walker, que, por intermédio de desenhos femininos (sobremaneira parecidos com os da *Pond's*), oferecia uma mensagem de consolo para suas admiradoras (fig. 170). Incapazes de cativar a “admiração masculina”, necessária para o “matrimônio”,

compradoras retintas e quiçá mulatas como as “populares jovens de Missouri”<sup>510</sup> (fig. 171) escutavam: “poucas mulheres nascem bonitas, mas todas podem alcançar isto”.<sup>511</sup>

THE MESSENGER 309

**From Boudoir to Beach**  
*where beauty's charms are shown*

Only a few women can achieve it. Beautiful hair and of bodily beauty woman justly desire and matrimony. Men (when they are pretty? How do you get a chance to meet every one? Seeing is believing. She who radiates on the avenue, admiration of men. Every woman can will but grasp the Use only Madam Toilet Preparation. Expensively com- priced. Absolutely unsur- dandruff, baldness —in fact, almost or skin. If ugly, they will If pretty, they will

beautiful, but all skin are the basis ad to what every uline admiration, her) do not ask, man?" but "Is she t?" ith about one out usand people you are those of sight. body says: "Show ty in the boudoir, beach, invites the envy of women. eauty today if she ret: alker's Superfine out conservatively 'pimples, freckles, elling hair, eczema affecting the hair pretty. ou more so.

Manufactured by **THE MADAM J WALKER COMPANY, INC.**  
 6401 St.

On sale by all good drug stores, Madam J. Walker agents, and direct by mail. The choice every- where of everybody who's anybody.

Figura 170. “Da Alcova para a Praia”.

Fonte: *The Messenger: World's Greatest Negro Monthly*, out. 1924, v. 6, n. 10, p. 308-9.

<sup>510</sup> “Popular Young Women of Missouri”, *The Messenger: World's Greatest Negro Monthly*, nov. 1923, v. 5, n. 11, p. 264.

<sup>511</sup> *From Boudoir To Beach*, *The Messenger: World's Greatest Negro Monthly*, out. 1924, v. 6, n. 10, p. 308-9



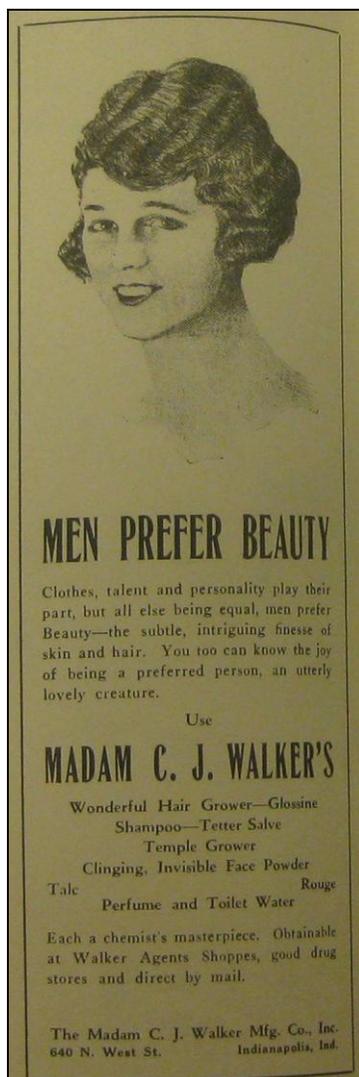


Figura 172 “Homens Preferem Beleza”.

Fonte: *The Messenger: New Opinion of the New Negro*, v. 10, n. 1, s/p.

Como já se sabe, cuidar do físico tinha necessariamente a ver com branquear. E, uma vez que o cuidado era a “chave” para o sucesso, a mesma revista “radical” apresentava rotineiramente os membros da *African American Academy*. Eram figuras com grande reputação, como Alice Dunbar-Nelson, “uma das mais hábeis colunistas” da imprensa negra<sup>513</sup> e Drusilla Houston, a consagrada escritora autora de “poesias e ensaios” relacionados à história dos “etíopes no Novo Mundo” (fig. 173). Havia ainda mulheres como Evelyn Ellis,

<sup>513</sup> *The Messenger: World's Greatest Negro Monthly*, mai. 1927, v. 9, n. 5, p. 7

a estudante do Hunter College que sagrou-se como a “estrela feminina” do filme “Porgy”<sup>514</sup> (fig. 174) e que posava ao lado esquerdo do escritor Alain Locke, além de homens como Clarence White, um dos integrantes da lista dos “mais importantes compositores e violinistas dos EUA” (fig. 175).<sup>515</sup>

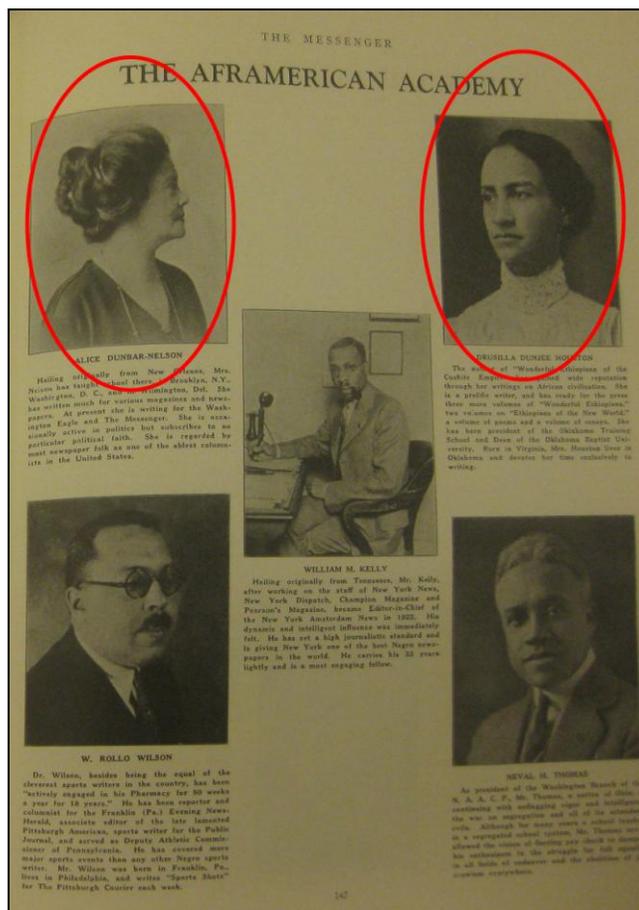


Figura 173. Alice Dunbar (esq.) e Drusilla Dunjee Houston (dir.), posando acima de homens da raça na coluna *Aframerican Academy*.

**Fonte:** *The Messenger: World's Greatest Negro Monthly*, mai. 1927, v. 9, n. 5, p. 7.

<sup>514</sup> *The Messenger: New Opinion of the New Negro*, fev. 1928, v. 10, n. 2, p. 34.

<sup>515</sup> *The Messenger: New Opinion of the New Negro*, jan. 1928, v. 10, n. 1, p. 10.

THE MESSENGER

## THE AFRAMERICAN ACADEMY



**ROBERT NATHANIEL DETT**

One could very well stop with saying that this man is the greatest composer the Negro race has produced since E. Cokeridge Taylor. Many honors have been showered upon him by white and black alike; his numerous compositions are required, and admired all over the civilized world, and music critics everywhere have lauded his work. His compositions have been published by such firms as John Church Company, Clayton F. Summy Company, G. Schirmer Company, J. Fischer and Brother, C. L. Birchard Company, Theodore Presser Company and the Boston Music Company. He was born in 1882 at Drummondville, Ontario, Can., and received his education at Wilbur Conservatory of Music (Lockport, N. Y.), Oberlin Conservatory of Music, Columbia University, University of Pennsylvania, American Conservatory of Music, and Harvard University. He has been Director of Music at Hampton Institute since 1913.



**ALAIN LEROY LOCKE**

One of the finest scholars the Negro race has produced. He is a graduate of the public schools of Philadelphia, Pa. (where he was born in 1886); the Philadelphia School of Pedagogy, Harvard University, Rhodes Scholar from Pennsylvania to Oxford University, graduate student in philosophy, Berlin University, and graduate student (Avroon Scholar) Harvard University. He has specialized in philosophy, psychology, sociology, race relations and aesthetics. He received the Phi Beta Kappa key at Harvard, also the degree of Bachelor of Arts and Doctor of Philosophy from the same institution and was honored with the degree of Bachelor of Letters from Oxford University. He once taught in the Philadelphia schools and has been professor of philosophy eight years at Harvard University. He is the author of numerous learned papers and has edited *The Harlem Number* (Survey Graphic), *The New Negro*, *Four Negro Poets* and *Plays of Negro Life*. He has studied in England, Germany, Egypt, the Sudan, France, Austria, North Africa and the Near East. (James L. Allen, N. Y.)



**CARL ROSSINI DITTON**

Born, raised and schooled in Philadelphia, Carl Ditton officially has his residence in the City of Brotherly Love—but he is on the road most of the time. He was the first Negro pianist to make a transcontinental tour. That was back in 1909-10, after his graduation from the University of Pennsylvania. For a year he studied in Munich, Germany, as the protégé of E. Adella Hinkley. He has been musical conductor, teacher, pianist and singer. He has written many compositions for mixed choruses, vocal solos and pipe organ, which have been published by such reputable houses as G. Schirmer and Theodore Presser. He has been Director of Music at Fairleigh College, Wiley College and Talladega College. He is President and National Organizer of the National Association of Negro Musicians, and is now on his second (farewell) transcontinental tour, after which he plans a European tour. He is forty-one years old. (Scarlock.)



**EVELYN HILLS**

The female star of the A. M. Hills has had a long list of triumphs. Her first engagement was as a soloist in Edward Eberling Wright's "Dilemma." Later she became one of the famous Lafayette Players (1919), having opposite Walter Thompson. When that company disbanded, she headed a new company in Philadelphia, known as *The Dumbor Players*. Her first appearance on Broadway was in "Rosanne," with Rose M. Jackson and Charles Edison. Her second appearance in a downtown section was in "Goal Alley." Last summer she appeared in stock for several weeks at the Alhambra, an uptown theatre. It was while doing street that her work came to the attention of the famous Gail, the producer of "Porgy." Miss Hills has been in Boston, Mass., and studied at Hunter College (N. Y. City), to become a teacher, but she says the spotlight was too great. (Vibiana, N. Y.)



**EUGENE KINCKLE JONES**

Thorough gentleman, pioneer Negro social worker, brilliant thinker, stalwart fighter for a place for his people in the sun of American civilization, head of a great national organization dedicated to that end—such is Eugene Kinckle Jones, Executive Secretary of the National Urban League. Born in Richmond, Va., in 1885, he is a graduate of Virginia Union and Cornell Universities. After graduation he taught at State University, Louisville, Ky., and later at the Central High School in the same city. He joined the Urban League in 1911 as field secretary. He influenced the appointment of a Negro as Director of Negro Economic Department of Labor; the placing of a Negro on the Board of Education of New York City; made the first social survey of Negro New York, and has directed the placement of 200,000 Negro workers. He is a first-class tennis player and waltzes superbly. (Underwood & Underwood.)

34

Figura 174. A atriz Evelyn Hills, única mulher homenageada nesta edição da coluna *The Aframerican Academy*.

Fonte: *The Messenger: New Opinion of the New Negro*, fev. 1928, v. 10, n. 2, p. 34.

**THE AFRICAN ACADEMY**



**ALBON LEWIS HOLSEY**

Mr. Holsey has achieved great prominence because of his successful efforts toward making the National Negro Business League businesslike. Since he took hold of things with enthusiasm, efficiency, finance and membership have leaped upward. His early training as a journalist and advertising man have stood him in good stead in promoting the work. Born in Athens, Ga., in 1883, he is a graduate of Knox Institute and Atlanta University. In 1914, he joined the staff of Tuskegee Institute and entered into the work of the League. Since 1917 he has been Secretary to the Principal, has directed the publicity of the school, has edited the Tuskegee Messenger, served as secretary of the Board of Trustees and edits the Business League Bulletin. (Photo by Photographic Division, Tuskegee Institute.)



**SCIPIO AFRICANUS JONES**

A native of Arkansas, he is best known for his brilliant victory in the defense of the East St. Louis riot victims before the U. S. Supreme Court in 1923. He was admitted to the Supreme Court of Arkansas in 1900, to the Supreme Court of the U. S. Court of Appeals in 1905, and to the U. S. Court of Appeals in 1914. He successfully fought the pernicious convict lease system in his state, defeated the efforts of the white disfranchise Arkansas Negro voters by amending the state Constitution, and obtained a notable victory for the Arkansas colored citizens before the Grand Lodge of the K. of P. He was elected special judge in the Municipal Court of Little Rock, Ark., on April 8, 1912, serving with great distinction. He is National Attorney General for the Mosaic Templars of America. (Photo by Ketterling and Reynolds, Little Rock, Ark.)



**CLARENCE CAMERON WHITE**

One of the leading violinists and composers in the United States. He was born in Clarksville, Tenn., and lived and educated at Berlin, Ohio. His musical training was received at the Oberlin Conservatory of Music and in Europe under M. Zacharewitsch and Calcester Taylor. While in London he was first violinist of the "String Players Club," the finest string orchestra in Europe. He has taught at the Washington Conservatory of Music, in the public schools of Washington, D. C., and is now Director of Music at the W. Va. Collegiate Institute. For seven years he was Conductor of the Victorian Concert Orchestra (63 members) of Boston, and is a member of the leading musical societies. His compositions have been rendered by such artists as Fritz Kreisler and Roland Hayes and by the principal symphony orchestras of the land. (Photo by Scurlock, Washington, D. C.)



**MORDECAI WYATT JOHNSON**

Born in 1880 at Paris, Tenn., a product of Roger Williams Univ., Morehouse Institute, Morehouse College, the Univ. of Chicago, Rochester Theo. Seminary and Harvard Univ., he taught two years at Morehouse College and became Student Secretary, International Committee, Y. M. C. A., in 1916. In 1917, he became pastor of the First Baptist Church, Charleston, W. Va. While there he conducted the World War Finance Campaign for his county, membership of the N. A. A. C. P. with a branch of the West Virginia Baptist State Convention, and established the Co-operative Cash Grocery, a business co-operative among Negroes, one in his fifth year. He became President of Howard University in 1925. (Photo by Scurlock, Washington, D. C.)



**FRED R. MOORE**

Born in Virginia 70 years ago, he spent his early life in Washington, D. C., and served as messenger in the Treasury Department for many years. Forty years ago he became clerk in the Western National Bank in New York City, where he edited for 20 years. During part of this time he published a monthly magazine known as The Colored American. Since 1907 he has been general editor of The New York Age. When he ran in the State Assembly on the Republican ticket in 1901, he was the first Negro to ever make a political campaign in New York. He is a Director of the National Urban League and an Executive of the National Negro Business League. He was elected to the New York Board of Aldermen in 1917. (Photo by Richard Ward, N. Y. City.)

Figura 175. O músico Clarence White na coluna African Academy.

Fonte: *The Messenger: New Opinion of the New Negro*, jan. 1928, v. 10, n. 1, p. 10.

De modo similar à *The Crisis*, que tinha uma coluna específica com fotografias de bebês da raça, conforme vimos acima, na *The Messenger* a tez clara dos pequenos rebentos tampouco passava despercebida nos *clicks* de seus fotógrafos.

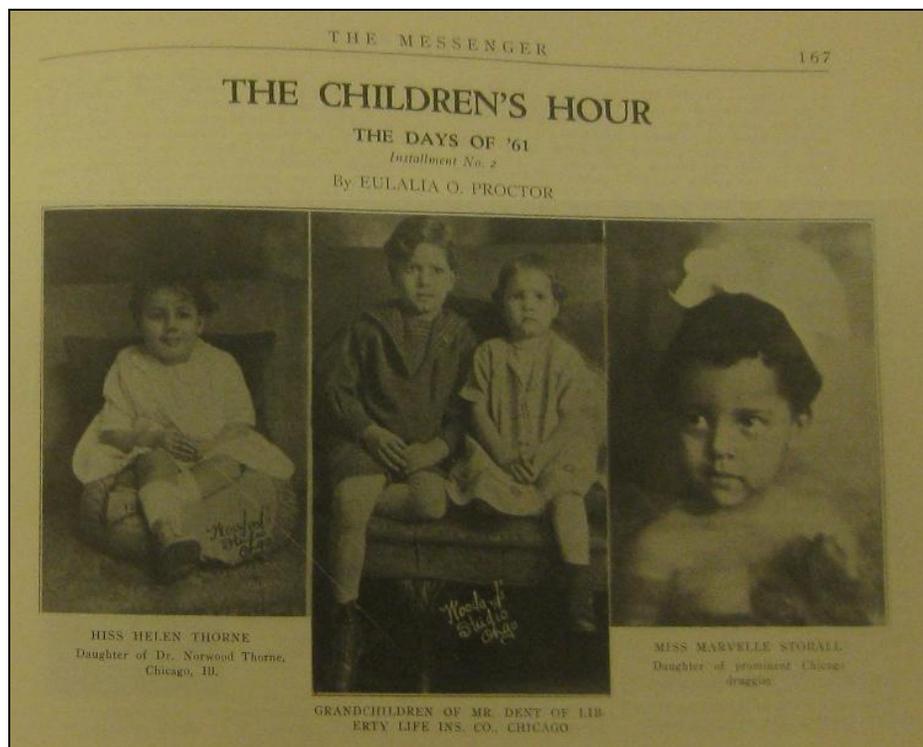


Figura 176. Cabeçalho e fotografias do texto “A Hora das Crianças”.  
**Fonte:** Eulalia O. Proctor, “The Children’s Hour”, *The Messenger: World’s Greatest Negro Monthly*, abr. 1925, v. 7, n. 4, p. 167.

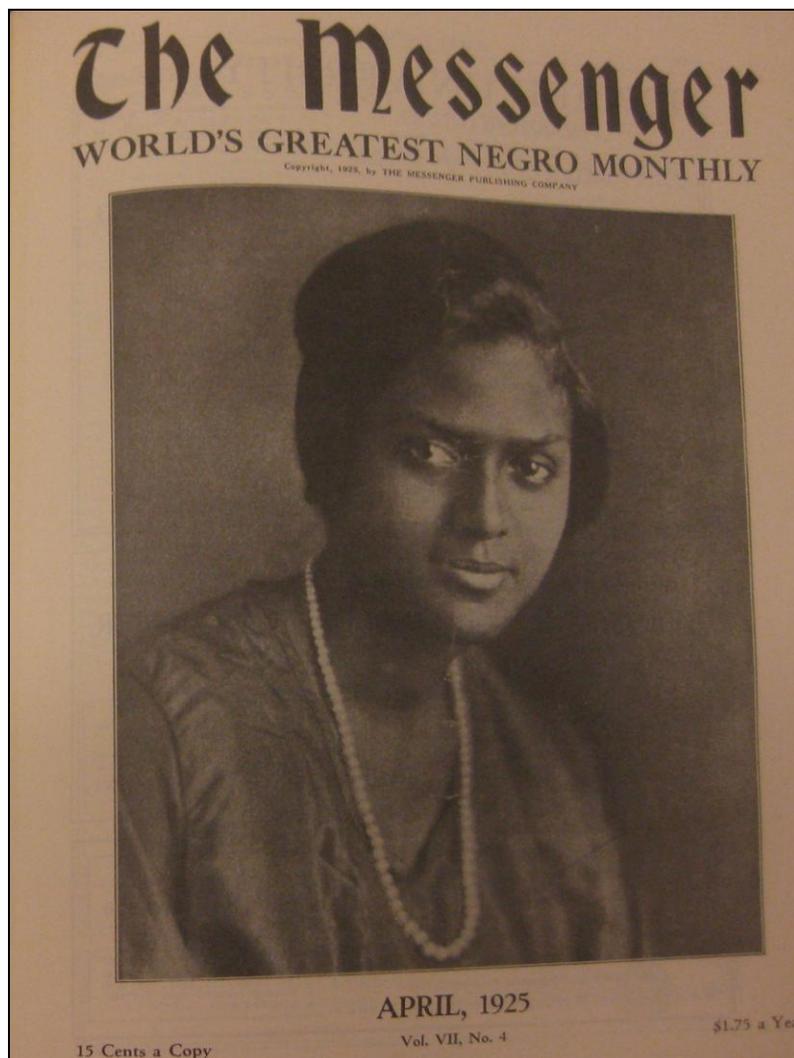


Figura 177. Capa *The Messenger* no mesmo mês de publicação do texto *The Children's Hour*.

**Fonte:** *The Messenger: World's Greatest Negro Monthly*, abr. 1925, v. 7, n. 4.

As fotografias da *The Messenger* comprovam que havia um esforço muito grande em divulgar um padrão racial de beleza que conectava o tipo físico mestiço à prosperidade e à capacidade de liderança. Tal conexão pode ser percebida na apresentação dos “líderes da sociedade de Richmond” na Virgínia. Introduzidas como “brilhantes”, “proeminentes” e “populares”, Mrs. E. C. Randolph, Miss Ruth Hucles e Miss Anita Evans eram apenas algumas das muitas mulatas que, pelo país afora, eram reconhecidas por sua

“rara habilidade”. Talentosas que só, como professoras, médicas ou secretárias executivas, elas encantavam a todos nos “círculos sociais e literários” da capital.<sup>516</sup>

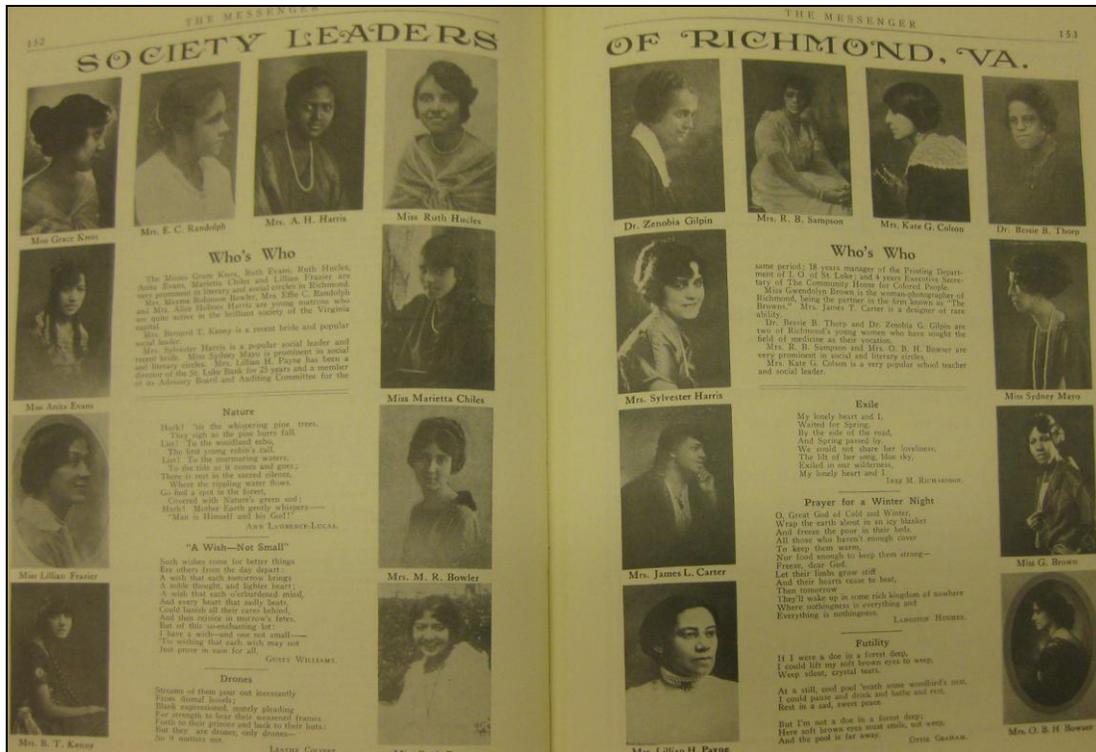


Figura 178. “Líderes Sociais de Richmond, Virgínia”.

Fonte: *The Messenger: World's Greatest Negro Monthly*, mai. 1924, v. 6, n. 5, pp. 152-3.

Com essa *skin culture* mulata, os *bleachings* foram interpretados não somente como um produto cosmético, mas como a chave que proporcionaria a construção de um feminino Negro representado por um “bouquet de belezas de Nova York”, que montado com flores escolhidas a dedo, deveria ser reverenciado por todos (fig. 179).<sup>517</sup> Ao apresentar orgulhosamente as mulatas como representantes quase exclusivas de tal

<sup>516</sup> *The Messenger: World's Greatest Negro Monthly*, mai. 1924, v. 6, n. 5, pp. 152-3.

<sup>517</sup> “A Bouquet of New York Beauties”, *The Messenger: World's Greatest Negro Monthly*, v. 6, n. 1, jan. 1924, pp. 22-3.

feminino, a *Messenger* ajuda a entender que os clareadores foram pintados como uma solução capitalista para a reeducação das mulheres de cor no mundo livre.<sup>518</sup>

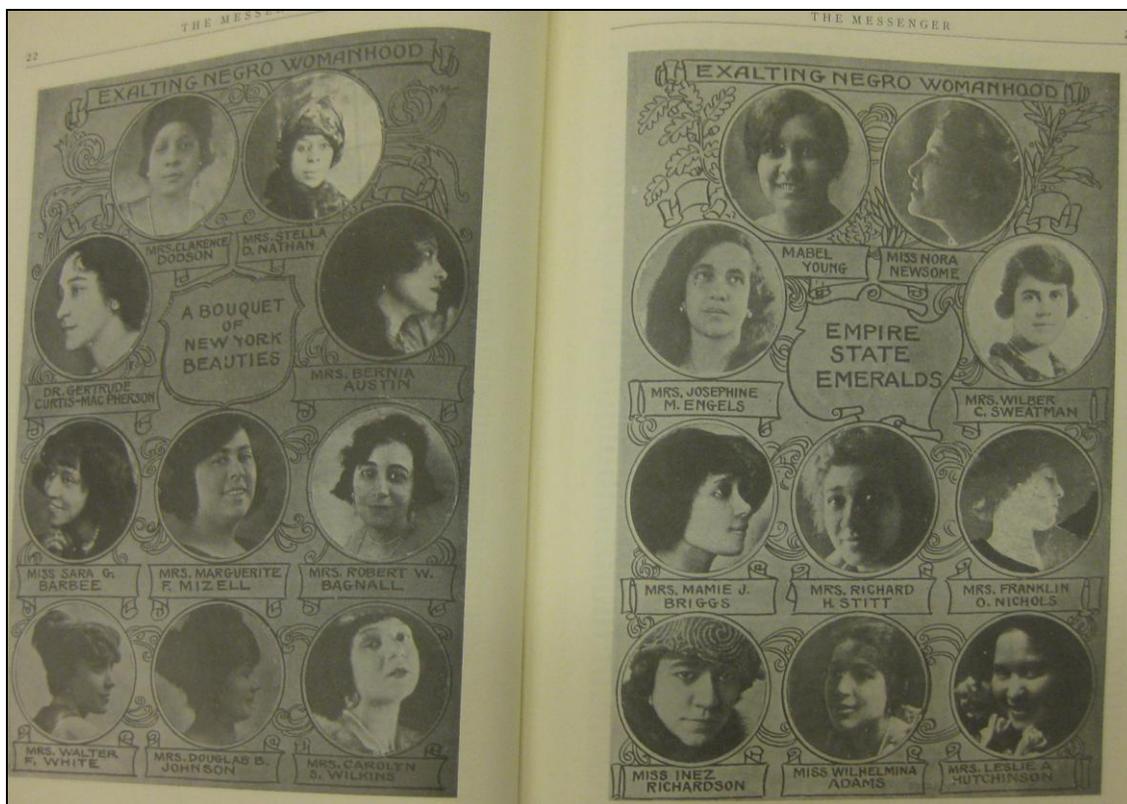


Figura 179. “Exaltando a Femilidade Negra – Um *Bouquet* de Belezas de Nova York”.  
**Fonte:** *The Messenger: World’s Greatest Negro Monthly*, v. 6, n. 1, jan. 1924, pp. 22-3.

Três meses depois, a revista mantinha aceso o padrão de valorização da beleza eugênica homenageando mulheres da raça, na sua maioria mulatas, numa seção de fotos que, novamente, decidiu por bem chamar “Exaltando a Feminilidade Negra”. Ao reforçar as rotineiras articulações entre cor clara e instrução elevada, o subtítulo, impresso no cabeçalho da página da direita mostrava que a exaltação destinava-se a um segmento bem restrito: “a sociedade culta de Washington”.

<sup>518</sup> “Exalting Our Womanhood”, *The Messenger: World’s Greatest Negro Monthly*, abr. 1924, v. 6, n. 4, pp. 114-5.

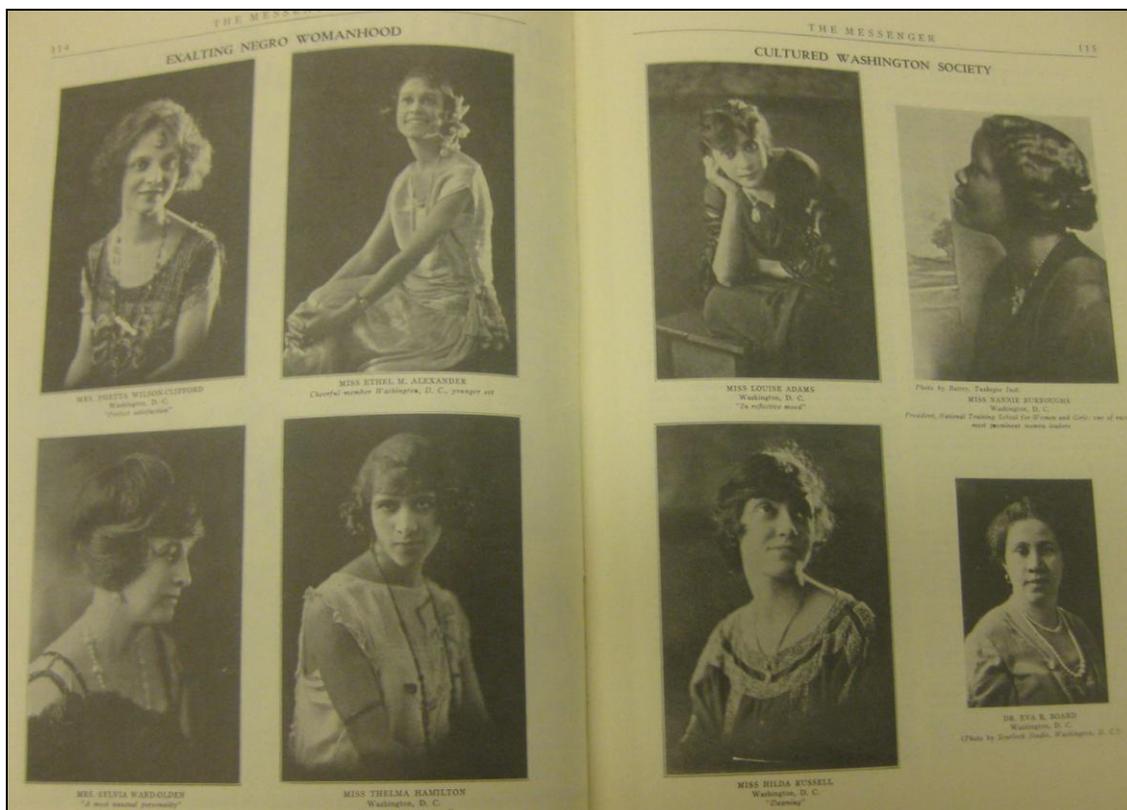


Figura 180. “Exaltando a Feminilidade Negra – Sociedade Culta de Washington”.  
**Fonte:** *The Messenger: World’s Greatest Negro Monthly*, abr. 1924, v. 6, n. 4, pp. 124-5.

De olho em possíveis candidatas dignas de preencher os seletos postos disponíveis nos tais “reinos da liderança”, a indústria cosmética, por seu turno, manteve-se firme e forte na promoção de um acirrado páreo que, por meio de linguagens distintas, insistia na necessidade de conquistar uma imagem respeitável para jovens *colored* como a “popular estudante da high school”, Miss E. Brown, e Miss Gordon A. Jackson, filha de Lelia Walker Wilson (A’Lelia Walker), apresentadas ao lado de “algumas *ladies* de Chicago” (fig. 181).<sup>519</sup> A mesma associação entre tez clara, boa aparência e alta classe repetia-se nas fotografias seguintes, nas quais 36 notáveis mulatas como Hazel K. Lucas (fig. 182), secretária do escritório da N.A.A.C.P. em Charleston, Miss Dorothy Coleman,

<sup>519</sup> “Some Ladies of Chicago, Ill.”, *The Messenger: World’s Greatest Negro Monthly*, ago. 1924, v. 6, n. 8, p. 248.

uma “beleza popular de Baltimore” <sup>520</sup> (fig. 183), Mrs. Clarence A. Jones, estudante no College of Arts and Science da Ohio State University, Mrs. Sade S. Cole, a vice-presidente da N.A.A.C.P. nascida em Los Angeles e Mrs. Gertrude Chrisman, “professora do Foreign Opportunity Dept. da Los Angeles City School”, eram apresentadas aos leitores (fig. 184).

---

<sup>520</sup> *The Messenger: World's Greatest Negro Monthly*, jun. 1924, v. 6, n. 6, s/p.

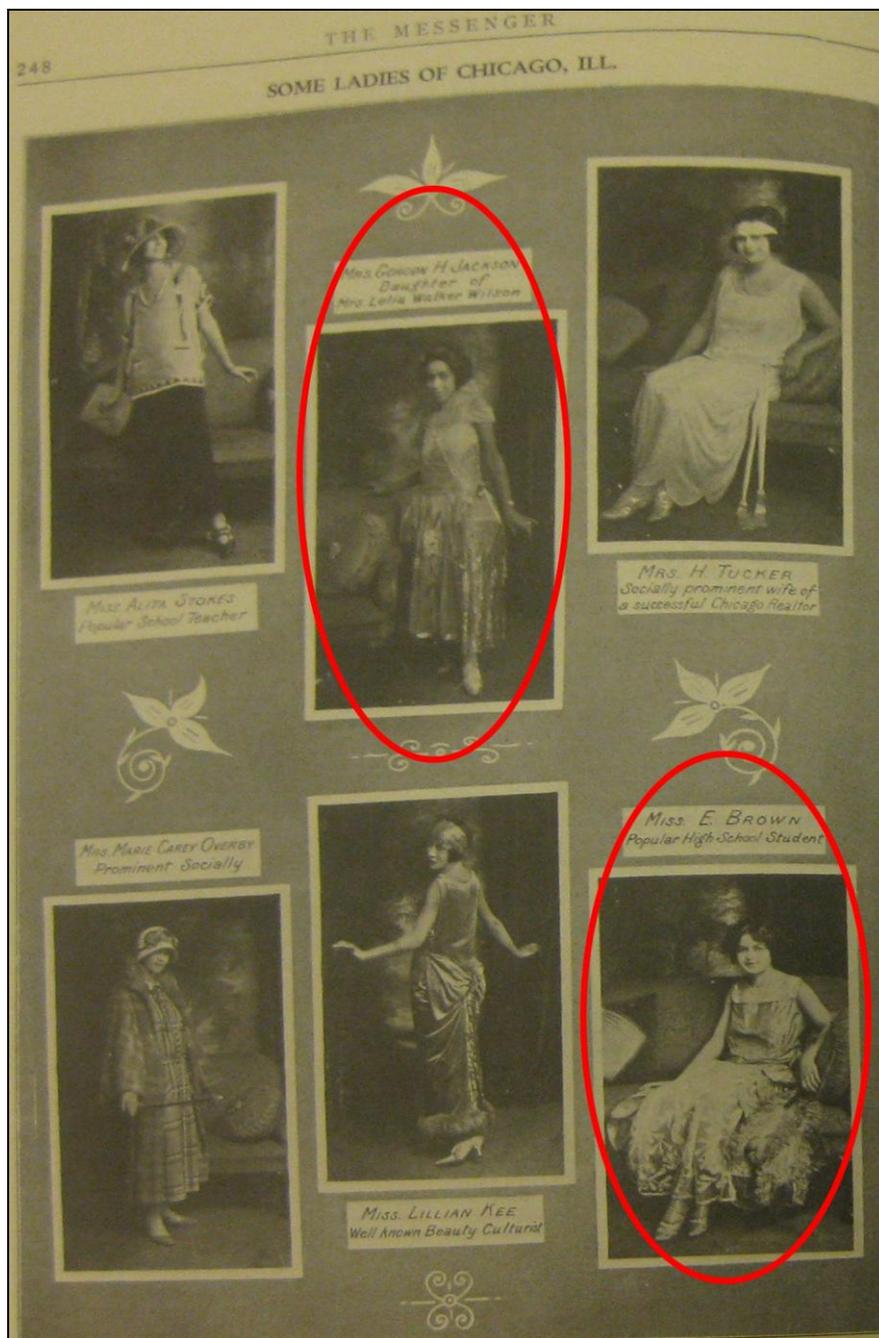


Figura 181. “Algumas Ladies de Chicago”, com destaque para Miss Jackson (acima) e Miss Brown.  
Fonte: *The Messenger: World's Greatest Negro Monthly*, ago. 1924, v. 6, n. 8, p. 248.

THE MESSENGER

48



**RUTH STEPHENSON**  
A. B. Teacher of English  
Charleston, W. Va.



**MRS. T. G. NUTTER**  
Charleston, W. Va.



**MAUDE WANZER**  
Director, *Hausser's School of Music and Musical Dept. of Gornett High School*  
Charleston, W. Va.

racess, which is quite evident in the mining sections as well as other parts of the state. They work side by side and are members of the same union. It frequently happens that colored men are presidents of the local unions and direct the policy of the union. They meet on a common level and fight for a common cause.

Charleston is possibly the most progressive section of the state—it being the capital and magnet around which gravitate all activities of the state. Here you find the Negro engaged in every walk of life. In this wide-awake city there are bankers, wholesale commission merchants, real estate men, merchants, contractors, carpenters, brick-masons, lawyers, doctors, preachers, and what not. Here one will find the best appointed Negro hotel in America, the Ferguson, owned and managed by Captain G. E. Ferguson, a veteran of the World War. Some of the most beautiful homes owned by Negroes in West Virginia are located in this city.

The idea of home ownership is spreading over the entire state and magnificent homes are owned by our group in Huntington, Parkersburg, Wheeling, Bluefield, Keystone, Fairmont, Beckley, Morgantown and other sections. The social life of the people is of the highest order. In these cities you will find as progressive and enterprising a people as is found anywhere. It is truly stated, that "West Virginia is the garden spot of America for the Negro."



**W. W. SANDERS**  
Prin. Secretary to Supt. of Colored Rural Schools  
Charleston, W. Va.



**F. H. HUSKINS**  
Field Agent, State Board of Children's Guardians  
Charleston, W. Va.





**A. H. BROWN**  
Auditor Mutual Savings and Loan Co.  
Charleston, W. Va.



**HAZEL K. LUCAS**  
Secretary Charleston Branch N. A. A. C. P., Secretary Hon. T. G. Nutter  
Charleston, W. Va.

Figura 182. Fotografias de mulheres mulatas, com destaque para Hazel Lucas.  
 Fonte: *The Messenger: World's Greatest Negro Monthly*, fev. 1924, v. 6, n. 2, p. 48.



Figura 183. Fotografias de mulheres mulatas, com destaque para Dorothy Coleman.  
**Fonte:** *The Messenger: World's Greatest Negro Monthly*, jun. 1924, v. 6, n. 6, s/p.



Figura 184. Fotografias de mulheres mulatas. Destaques da esquerda para a direita, de baixo para cima para Clarence A. Jones, Gertrude Chrisman e Sade S. Cole.

Fonte: *The Messenger: World's Greatest Negro Monthly*, jul. 1924, v. 6, n. 7, p. 216-7.

Diante desse bombardeio de imagens mulatas e do compromisso de reconstrução da feminilidade encampado por toda uma imprensa negra preocupada com “a necessidade gritante de educação e caráter para que as mulheres de cor assum[isse]m os reinos da liderança na vida política, econômica e social da sua gente”<sup>521</sup>, é possível entender que a metáfora da “chave” escolhida por A’Lelia Walker para anunciar tanto os produtos de cabelo criados por Madam C. J. nos anos 1900 como o *tan-off*, que passou a comercializar após a morte da empresária, não foi aleatória.

<sup>521</sup> “Women’s Political Association”, *The Messenger: only radical negro magazine in America*, jul. 1918, v.2, n. 7, p. 26.

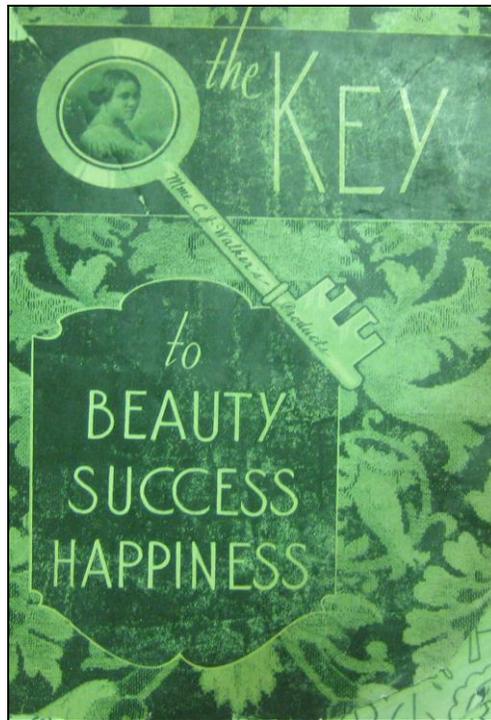


Figura 185. Capa do catálogo *The Key to Beauty, Success and Happiness* [“A Chave da Beleza, do Sucesso e da Felicidade”]. No canto superior à esquerda fotografia de Madam C. J. Walker.

**Fonte:** *The Key to Beauty, Success, Happiness*, Indianapolis, Madam C. J. Walker Manufacturing Company, 1929.

Através do seu próprio tipo físico mulato, a cosmetologista dialogava com as leitoras fazendo crer que o sucesso não era nenhum bicho de sete cabeças e, num misto de empreendedorismo negro, beleza eugênica e ativismo político, a jovem sintetizava um dos maiores objetivos da cosmética afro-americana, convencendo suas iguais de que o sucesso era algo possível, desde que fossem suficientemente fortes e espertas para descobrir seus segredos, rendendo-se ao irresistível fascínio de obter uma tez clara.



Figura 186. “A’Leia Walker usando seu colar favorito, um terço chinês com contas de ambar”.

**Fonte:** *Madam Walker Family Archives*, disponível em:

<http://madamwalkerfamilyarchives.wordpress.com/2011/08/17/alelia-walkers-grand-harlem-funeral-august-1931/>. Acesso: 05/12/2011.

\*\*\*\*\*

Se não resta dúvida de que clarear era o principal modo de dignificar a aparência, a mesma certeza quebrava-se quando o assunto em pauta era a origem geográfica das personagens que melhor personificavam o êxito do clareamento. Ao caminhar nessa direção, a análise de mais dois anúncios publicados pela empresa de Claude Barnett permite-nos reconstituir o caso de uma curiosa representação visual que passou a ser vendida como o protótipo ideal da feminilidade de cor. Em março de 1920, a Garota Kashmir, cansada de tanto trabalho, decidiu passar o bastão para ninguém menos do que a “Rainha do Nilo”. Assim, no mês em questão, as leitoras eram convidadas a usar as preparações da marca, através do comercial que visualizamos abaixo.<sup>522</sup>

---

<sup>522</sup> “Nile Queen for Hair and Skin”, *The Crisis: a record of the darker races*, mar. 1925, v. 9, n. 5, s/p.



Figura 187. “Rainha do Nilo para o cabelo e a pele”, *Kashmir*.  
**Fonte:** *The Crisis: a record of the darker races*, mar.1920, v. 19, n. 5, s/p.

A análise do discurso do comercial demonstra que não apenas a personagem, mas o próprio discurso da empresa sofrera algumas mudanças. Desta vez, a *Kashmir Chemical Co. Chicago* ofertava as “mais finas preparações para o cabelo e para a pele”. A inclusão da categoria *finest* para adjetivar os artigos que, agora, a firma fazia questão de informar, estavam à venda em “todas as drogarias e lojas de beleza”, comprova seu esforço em distinguir-se tanto de novas quanto de antigas concorrentes, como a *Madam Walker*

*Manufacturing Company*, que, aliás, anunciava seus produtos como *super fine preparations*.

Apesar das mudanças, algumas estratégias, aparentemente bem-sucedidas, foram, ao fim, mantidas. É este o caso do famoso “livro de beleza” que, renomeado como *Nile Queen Beauty Book*, adequava-se aos novos tempos desejados por Barnett ao mesmo tempo em que perpetuava a antiga tradição de intitular o impresso com o nome da garota-propaganda, dessa vez, não mais uma *Girl*, mas uma *Queen*. E por que cargas d’água Barnett escolheu a soberana como estrela de sua nova campanha?

A descrição dos personagens da propaganda ajuda a responder a pergunta. Em primeiro lugar, é interessante notar as diferentes iconografias que compõem o documento, que conta com uma Rainha do Nilo de carne e osso e com sua versão em desenho. No caso desta segunda, chama a atenção o fato de a musa ter um admirador que, ajoelhado aos seus pés, segurava um espelho que lhe permitia checar seu visual sem ter, para isso, que abrir mão do conforto digno de toda e qualquer rainha.

Assim, o anúncio contava com três personagens com papéis diferenciados: a Mulher Kashmir, um exemplo humano intocável e que, tal qual uma santa era digno de uma pintura de cabeceira; a Rainha do Nilo, cuidadosamente pintada como uma jovem vaidosa e sorridente e outra mulher que, na condição de escrava da beleza, exibia o tronco nu e tinha como única e exclusiva tarefa segurar um espelho. Este último objeto, por sua vez, dava provas de sua fidelidade ao universo feminino, impedindo que outras pessoas (a serva, assim como os eventuais leitores do comercial) que não as mulheres, visualizassem a imagem (transformada pelo uso dos artigos) que seu vidro refletia. Nesse sentido, outro elemento da paisagem que chama a atenção são os itens da companhia. Rabiscados em tamanho gigante e bem guardados no quarto (aos pés da cama), sua presença no espaço máximo da intimidade das usuárias materializava a idéia de que, diante de tantas qualidades, seu consumo seria eterno.

No entanto, nada do dito acima é suficiente para saciar a curiosidade despertada pela escolha da Rainha do Nilo como cartão de visita da Kashmir. Para entendê-la, é preciso, primeiramente, conceber que a *Nile Queen* representava um diferencial, uma ruptura tanto física quanto comportamental com as imagens femininas que estampavam os

*bleachings* que conhecemos no decorrer do capítulo. Do ponto de vista físico, ao escolhê-la, Barnett rompia com um referencial de beleza cosmopolita essencialmente anglo-saxão. Isso porque, por meio da majestosa representação, o empresário começava a abrir uma trilha que possibilitava a consumidoras claras e, portanto dignas e respeitáveis, reconhecerem, sem maiores prejuízos, sua ascendência africana.

Essa “transição”, com todos os problemas que a palavra grafada evocam, não pode ser pensada dentro de um ideário afrocêntrico como o que Marcus Garvey virá a propor nos mesmos anos 1920, com o jornal *The Negro World* e seu projeto de colonização da Libéria, mas por que não pensá-la como sua antecessora direta, ou mesmo como uma fonte de inspiração? O segundo comercial da campanha em questão nos brinda com mais elementos.<sup>523</sup>

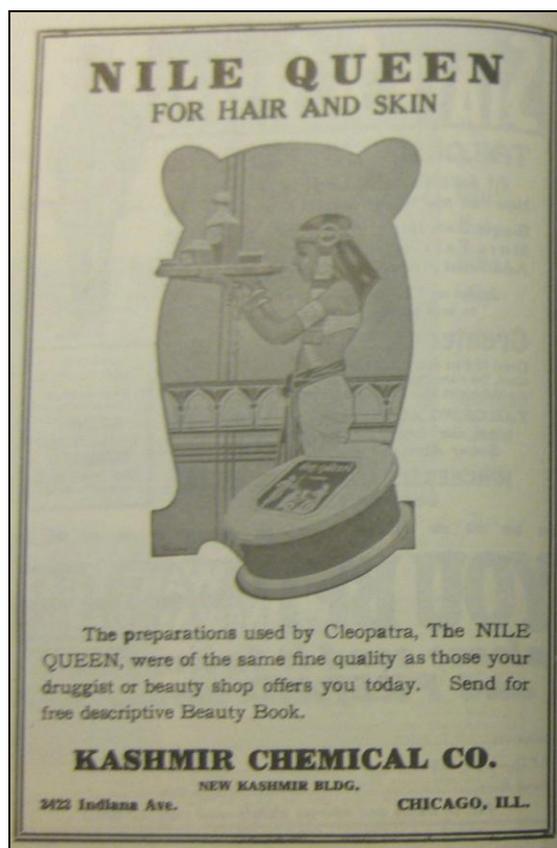


Figura 188. Rainha do Nilo para o cabelo e pele”, *Kashmir*.  
**Fonte:** *The Crisis: a record of the darker races*, jul. 1920, v. 20, n. 3, s/p.

<sup>523</sup> “Nile Queen for Skin and Hair”, *The Crisis: a record of the darker races*, jul. 1920, v. 20, n. 3.

Enquanto o primeiro comercial preparava o terreno para africanizar o discurso, o segundo era bem mais ousado, porque apresentava uma mulher que, vestida como uma faraó e carregando habilmente as “preparações Kashmir” numa bandeja, assegurava que tais manufaturados eram “os mesmos usados por Cleópatra”. Ao eleger tal figura como cartão de visitas da marca, a publicidade de Barnett saía da Europa e aterrizava num Egito que, no senso comum, não era representado como africano, mas exclusivamente como civilizado e branco. Nesse sentido, a presença de Cleópatra questiona, ainda que, indiscutivelmente, com certos limites, a idéia de abandono da herança africana por parte dos membros de prestígio da raça. Menos do que abandono, é proveitoso pensar que tais figuras construíram cartografias próprias, capazes de criar novos vínculos entre gênero, raça, corpo e territorialidade, vínculos esses que possibilitaram articular feminilidade negra respeitável e ligação com o continente africano.

Embora seja fundamental lembrar que o próprio nome Kashmir dizia muito mais da Índia do que da África ou de qualquer outro lugar, como, aliás, também confirmam os biotipos das garotas da companhia que conhecemos na seção passada, tal evidência não exclui o fato de que Barnett e sua equipe elaboraram um modelo feminino que tentava falar de um novo lugar onde a referência maior não fosse a européia, tão pouco a pele caucasiana. Retomar Cleópatra, como bem lembrou Peiss, um “antigo símbolo da beleza e da fascinação das mulheres”<sup>524</sup>, foi uma forma dos “círculos intelectuais negros” atestarem as “origens Africanas” da “civilização Ocidental”<sup>525</sup>, mas, sobretudo, um meio de celebrar uma cultura da beleza negra que remontava a um passado milenar. Em suma, se Cleópatra era africana, as mulheres negras eram as donas por direito de uma beleza autêntica e exótica, particular porque africana, universal porque desejada por congêneres de todas as cores e raças.

---

<sup>524</sup> Kathy Peiss, *Hope in a Jar...*, p. 220.

<sup>525</sup> Idem, *ibidem*.



**Nile Queen Preparations**  
**“FOR HAIR and SKIN”**

Scientifically manufactured to meet your particular beauty requirements

**NILE QUEEN Hair Beautifier**  
**NILE QUEEN Cold Cream**  
**NILE QUEEN Vanishing Cream**  
**NILE QUEEN Liquid Cold Cream**  
**NILE QUEEN Face Powder**

*Pink, Flesh, White, Brunette and Cream Brown*  
 50c EACH - POSTAGE 5c EXTRA

The country-wide demand for NILE QUEEN preparations has become so great that they are on sale at most drug stores and first class beauty shops. If your dealer or agent cannot supply you, send us his name with your order. **FREE**

**FREE — Beauty Book**

**KASHMIR CHEMICAL CO.**  
 3423 Indiana Avenue Dept. K Chicago, Illinois

Figura 189. “Rainha do Nilo Preparações para o cabelo e a pele”.  
 Fonte: *The Crisis: a record of the darker races*, abr. 1921, v. 21, n. 6, s/p.

\*\*\*\*\*

Produto do diálogo com diversos campos e áreas, tais como história social da beleza, *business history*, estudos da pós-emancipação e feminismo negro, o capítulo revelou a luta incessante dos afro-americanos por respeitabilidade e ascensão social para o seu feminino por intermédio da reconstituição de noções de beleza física e moral referenciadas

pela tez clara e pelo cabelo bem-penteado. Facilmente captadas pelas centenas de ofertas de produtos de clareamento e de tônicos capilares, tais noções tentavam ir ao encontro daquilo que era considerado moderno, civilizado, inteligente e, portanto, adequado para os sujeitos da pós-emancipação. Assim, após esse longo passeio por fotografias, desenhos, propagandas, cartas, notícias jornalísticas, etc., creio que a missão de reconstituir a cultura da pele erigida pela imprensa e pela cosmética afro-americanas do mundo livre tenha sido cumprida.

A recusa deliberada em trilhar caminhos analíticos que tivessem como ponto de partida o contraponto estático brancos *versus* negros, sendo estes últimos um bloco homogêneo, foi fundamental para entender que as centenas de propagandas da cosmética assim como das fotografias de *socialites* mulatas diziam respeito a economias da cor que racializavam o gênero dentro da própria comunidade negra. Assim, ao lançar mão de hierarquias coloristas, simbolizadas por meio do contraponto imagético de *blacks* e mulatas, os representantes da raça plantaram no seio da comunidade leitora uma definição de *good look* restrita à pele clara. Apesar de adequada às exigências da modernidade – cosmopolitismo, urbanização, bom gosto, sofisticação - tal definição vinha de longe, pois sua história começara nos tempos da escravidão, quando a epiderme clara foi se tornando um distintivo intraracial primordial.

Requisito indispensável para alcançar o sucesso, findada a escravidão, a boa aparência, ou melhor, o desejo de possuí-la, conectava-se a lutas diversas. Desse modo, a análise da documentação demonstrou que o mercado do clareamento representou um dos mais importantes caminhos para a construção de um feminino de cor bonito e respeitável, que, ainda que paradoxalmente, servia de contraponto aos valores da sociedade racista norte-americana. Através do estudo de tal mercado, notamos que as articulações distintas entre gênero, cor e cosmética, feitas num contexto de pós-emancipação e de emergência do capitalismo, permitiram-nos observar que uma parcela restrita de negros do período

estudado criou uma noção particular de beleza feminina, definida por Tiffany Gill como “beleza cívica”.<sup>526</sup>

Se por um lado as motivações para criar uma definição para o belo eram universais porque, assim como acontecia com outros grupos étnicos, os negros tentavam se adequar aos pressupostos da modernidade enfatizando a necessidade de produção de uma nova mulher, elas também eram particulares porque diziam respeito a uma feminilidade mediada pela experiência da escravidão e por seu legado. Assim, a categoria de beleza negra era “cívica”, pois tinha um objetivo específico que lhe era muito caro: superar as marcas de um passado repleto de dores e subtrações sem, contudo, apagar as glórias, a força e a inventividade de escravas e descendentes. E assim, num diálogo criativo com as teorias eugênicas, a pele clara manteve-se como um capital social crucial, o que culminou numa “supremacia da boa aparência” mulata.<sup>527</sup>

Essa hegemonia não se dava ao acaso, mas numa contraposição a antigas imagens femininas negras como a da *Mammy*, sempre pronta a servir, com sua “compleição escura” e suas “roupas de doméstica”.<sup>528</sup> Afinal, num contexto de liberdade em construção, era preciso oferecer outras imagens que não aquelas imorais, animalizadas, subservientes e caipiras. Nesse contexto, não foi à toa que, em 1924, Chandler Owen afirmou que todas as pessoas, à exceção das “horripelmente feias, escuras e deformadas”, estavam se atirando com unhas e dentes na “louca luta pela beleza”.<sup>529</sup> Sujeito de um cenário de liberdade, movimentado por recriações permanentes da pigmentocracia, o editor sabia que, em meio ao turbilhão de “emoções da pele”, a solução vendida como a mais cabível para tornar a imagem das mulheres de cor respeitável e virtuosa era a de “suprimir” o seu “pigmento”.

---

<sup>526</sup>Tiffany Gill, “Civic Beauty: Beauty Culturist and the Politics of African American Female Entrepreneurship, 1900-1965”, *Enterprise and Society: The International History of Business History*, dezembro de 2004, pp. 583-93.

<sup>527</sup> Charles Owen, “Good Looks Supremacy”, *The Messenger: World’s Greatest Negro Monthly*, mar. 1924, v. 6, n. 3, pp. 80-1, p. 81.

<sup>528</sup> K. Sue Jewell, *From Mammy to Miss America and Beyond: Cultural Images and the Shaping of US Social Policy*, Routledge, New York; London, 1993, p. 39.

<sup>529</sup> Idem, *ibidem*.

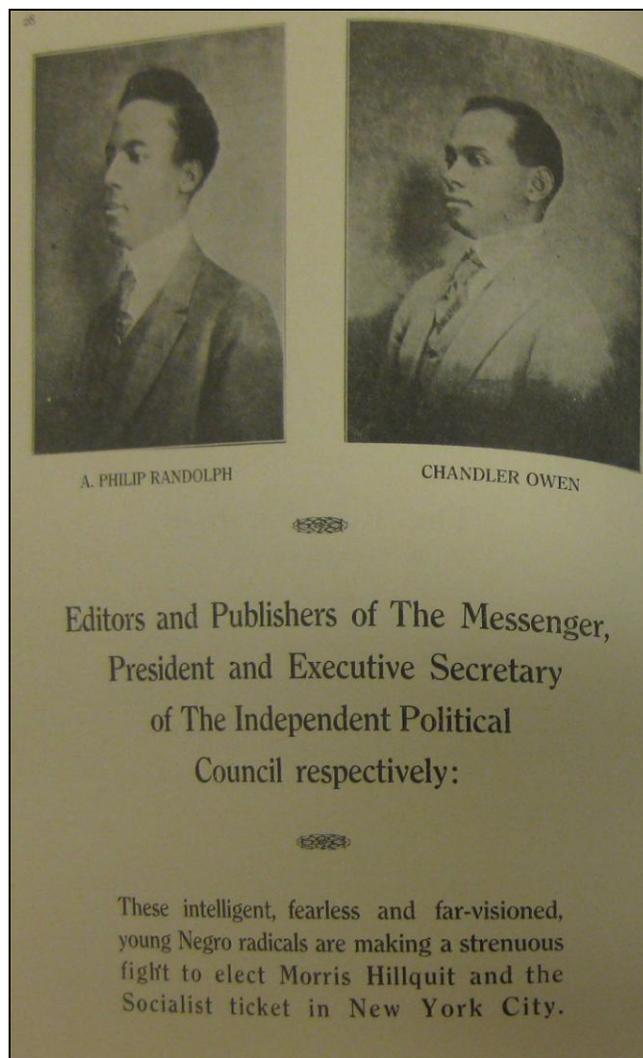


Figura 190. Phillip Randolph e Chandler Owen, editores da revista *The Messenger*.  
**Fonte:** *The Messenger: election issue*, nov. 1917, v. 1, n. 11, p. 29.

Fruto do racismo institucional que regia a sociedade norte-americana, a valorização da tez transparente como distintivo o qual as mulheres deviam almejar (“é sua tarefa ter a aparência o mais bonita quanto for possível”), era o maior *slogan* de uma indústria cosmética negra que cumpriu um papel decisivo na confecção de padrões estéticos que tinham como propósito construir identidades femininas que conjugassem beleza, mulatice, respeito e equidade com as demais mulheres.

Assim, o pensamento de Owen, ele próprio um mulato, encerra o capítulo ao lembrar que, no começo do século XX, em boa parte dos círculos da classe média, ser uma

afro-americana bonita era, antes de mais nada, ter o “cabelo liso” e a “pele boa (branca ou iluminada)”<sup>530</sup>, isso a despeito dos protestos de “Garveyits” e de “outras pessoas escuras”<sup>531</sup>, que se dedicaram à construção de projetos afrocêntricos que culminaram no *Black is Beautiful* dos anos 1960. Mas esta é, sem dúvida, uma outra história.

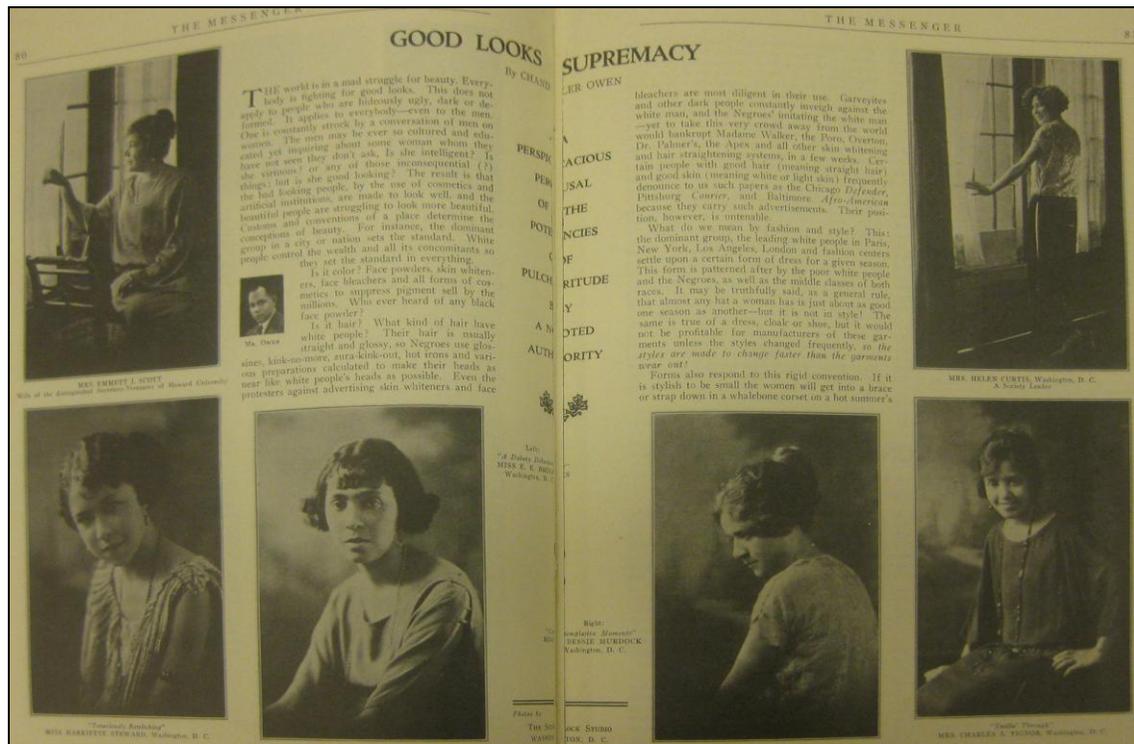


Figura 191. “Supremacia da Boa Aparência”.

Fonte: *The Messenger: World's Greatest Negro Monthly*, mar. 1924, v. 6, n. 3, pp. 80-1.

<sup>530</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>531</sup> Idem, *ibidem*.



## Capítulo 5: “Aristocratas da penteadeira”: empresárias da raça e “políticas do cabelo black”

*Eu fui para Denver, Colorado e comecei minha carreira com um capital de \$1,25. Comecei, é claro, de uma forma mais modesta. Sondava as pessoas da minha raça indo de porta em porta. Depois disso, fui muito bem. Mas, claro, encontrei muitos obstáculos antes de finalmente alcançar o verdadeiro sucesso. Eu não acredito em ganhar chances. Nunca peguei uma num estoque de supermercado. Não sou uma milionária, mas espero ser um dia, não por causa do dinheiro, mas porque poderei fazer muito para ajudar minha raça.*

(Entrevista com Madam C. J. Walker, *The New York Times Magazine*, nov. 1917).

## 5.1 Sobre peles e pêlos: os “hediondos naturais” e as relações de complementaridade entre a prática do bleaching e a do alisamento no mundo afro-americano

Lá pelos idos de 1908, uma das muitas mulheres afro-americanas preocupadas em melhorar o aspecto de seus fios crespos dizia: “Não é sorte e sim cuidado permanente”. Entretanto, anos antes de a frase com tom pedagógico virar uma febre na imprensa negra, sua autora era apenas mais uma anônima descendente de escravos, que tentava um lugar ao sol no impreciso mundo da liberdade. Batizada como Sarah Breedlove (1867-1919) e natural da cidade de Delta no estado da Louisiana, não tinha mais ninguém no mundo, desde que perdera os pais, Owen e Minerva Breedlove<sup>532</sup>, com sete anos de idade, ambos vítimas de febre amarela. Nos assuntos do amor, também não era lá das mais sortudas. Vivenciou nada mais nada menos que três casamentos frustrados entre 1881 e 1906. Além de tudo isso, sofreu tentativas de estupro por parte do cunhado e ainda tinha que se preocupar em sustentar uma filha, fruto de sua primeira união, aos dezessete anos, e que durou apenas até os vinte, quando se tornou viúva. Todavia, um fato mudaria o trágico destino de nossa personagem.



Figura 192. Cabana da família Breedlove em Delta, Louisiana, s/d.

**Fonte:** *Madam C. J. Walker: official Madam Walker Biography Blog*, disponível em:

<http://madamcjwalker.wordpress.com/2011/10/06/madam-c-j-walker-faq1-when-and-where-was-madam-walker-born/> Acesso: 09/12/2011.

Conta-se que uma noite Sarah, que estava ficando careca, sonhara com um homem negro e gordo que lhe revelava a fórmula para combater a queda de cabelos. Dali

---

<sup>532</sup> Wilma L. Gibs; Jill Lands, “Biographical Sketch”, in *Collection Madam C. J. Walker (1867-1919), Papers, 1910-1980*, Manuscript and Visual Collections Department, William Henry Smith Memorial Library, Indiana Historical Society, 13 August 1993.

em diante, em meio a sucessivos testes nas cabeças de amigos, vizinhos e familiares, a misteriosa fórmula oferecia os primeiros resultados positivos. E como num milagre, com a mesma rapidez que os fios das suas prestimosas cobaias cresciam, a jovem reinventava a si própria, afirmando-se como a poderosa Madam C. J. Walker. Mundialmente reconhecida como a primeira mulher afro-americana a acumular um milhão de dólares às custas do seu trabalho, a *self-made woman* ergueu um verdadeiro império no ramo da indústria cosmética nos EUA de princípios do século XX.



Figura 193. Selo da USPS [Correios dos EUA] em homenagem a Madam C.J. Walker, Coleção *Black Heritage*, 1997.

Fonte: <http://madamecjwalker.wordpress.com/2011/02/11/hello-world/> Acesso: 05/12/2011.

Ao ter como pano de fundo a criação da *Madam C. J. Walker Manufacturing Company*, em Pittsburgh, o surgimento da pioneira *Porro Hair Beauty Culture*<sup>533</sup>, em St. Louis, assim como de outras dezenas de estabelecimentos de *beauty culture* de pequeno e médio porte no país, o presente capítulo é um convite à visita de um segundo mercado da beleza, povoado por milhões de compradoras, que, acreditando piamente no discurso de

---

<sup>533</sup> Doravante MCJWMC e PHBC, respectivamente.

combate a “inimigos sociais”<sup>534</sup> como a eczema, a calvície e a caspa, investirão suas economias num dos sonhos de melhoramento mais perseguidos na pós-emancipação: o das madeixas bem cuidadas, visto, no duro processo de tornar-se uma madame negra, como pré-requisito tão indispensável quanto a compleição perfeita. Assim, agora que já conhecemos os meandros da cosmética para a pele, passaremos a explorar os caminhos trilhados pelo comércio dedicado ao trato do cabelo, que carregava em seu bojo uma proposta de revitalização da imagem, igualmente calcada no discurso racializado de melhora da aparência<sup>535</sup>, promovido por centenas de cosmetologistas que integravam o time das empresárias da raça.

Para seguir esse objetivo, continuarei a usar como documentação primária propagandas, catálogos de beleza e textos publicados na imprensa negra, além de dados biográficos de culturistas profissionais coletados da historiografia americana. Com o fim de evidenciar a constituição de redes empresariais femininas negras, dialogarei com as noções de “beleza cívica”<sup>536</sup> e “políticas do cabelo *Black*”<sup>537</sup>, dois dos conceitos que ajudam a descortinar particularidades de uma cosmética que, ao contrário da sua equivalente branca, insistia na necessidade de articular mercado da beleza e ascensão profissional, lançando mão de estratégias de *marketing* e de recrutamento de mão-de-obra que conferiam às mulheres *colored* o lugar não só de trabalhadoras urbanas, mas, sobretudo, de cidadãs da raça que, a despeito dos preconceitos de gênero, tinham suas próprias histórias para contar.

Como se tem visto, a idéia do civismo qualificador de uma beleza específica – a negra - dimensiona que nesse tipo de cosmética o que estava em jogo era produzir uma aparência suficientemente convincente do respeito e da dignidade de mulheres que eram

---

<sup>534</sup> “Social Enemies Friends Proven” – MCJWMC, *The Messenger: World’s Greatest Negro Monthly: Negro Business Achievement*, nov. 1923, v. 5, n. 11, p. 914.

<sup>535</sup> Caetana Damasceno, *Segredos da “boa aparência”...*

<sup>536</sup> Tiffany Gill, “Civic Beauty...”

<sup>537</sup> Robin Kelley, “Nap Time: Historicizing the Afro”, *Fashion Theory: The Journal of Dress, Body & Culture*, nov.1997, v. 1, n. 4, pp. 339-351. O conceito de “políticas do cabelo” também aparece em: Ayana D. Byrd; Lory L. Tharps, *Hair Story: Untangling the Roots of Black Hair in America*, New York, St. Martin Press, 2001.

previamente julgadas por traços físicos que denunciavam sua descendência africana, ou seja, a pele e, não menos importante, o cabelo. Nesse sentido, as experiências de manipulação dos pelos também revelam o intento feminino de desconstruir estereótipos através da comercialização e uso de produtos criados para encontrar o penteado mais adequado para representar o que julgavam ser uma beleza cívica negra.

Sem dúvida, o tema “cabelo de Negro”, com todas as questões que a expressão traz em seu bojo, mereceria, por si só, uma tese. Entretanto, devo advertir ao leitor que ele não encontrará aqui uma discussão tão pormenorizada como a do capítulo dedicado à cultura do clareamento. Menos do que fazer uma história dos penteados, minha idéia é mostrar como o duplo pele e pelo foi algo imprescindível para a constituição da nova mulher negra e como, embora complementares, os dois mercados possuíam linguagens e lógicas de funcionamento distintas. Dentro da tradição da História Social, o estudo de tais lógicas mostra o quanto seus sujeitos procuraram negociar, fazendo escolhas individuais frente a um sistema normativo que trazia à tona ambiguidades e contradições acerca daquela que deveria ser a melhor representação visual para as distintas *ladies* de cor.<sup>538</sup>

Ao considerar os comerciais de cabelo em perspectiva comparada àqueles de pele, apesar de ambos produzirem uma imagem racializada do feminino, percebemos que o discurso de um consumo com vistas a melhores oportunidades profissionais recebia maior ênfase nos primeiros, ao passo que os segundos exploravam mais a questão de oferecer à mulher uma face pública respeitável, fenotipicamente afinada com a aristocracia de cor. Nessa direção, a análise do material sugere que o trato do cabelo foi uma prática mais popular do que aquela do *bleaching*.

A meu ver, tal particularidade relaciona-se ao fato de que a maioria da população feminina em questão era *dark*, fazendo com que o clareamento fosse visto como um sonho irrealizável, embora – como sabemos - as propagandas de *bleachings* pregassem o contrário, oferecendo, inclusive, artigos com matizes diferenciados, que, dentre outras

---

<sup>538</sup> Sobre sistemas normativos, liberdade individual, ambigüidades e contradições nos processos históricos ver a discussão de Giovanni Levi, “Sobre a micro-história”, in Peter Burke, *A escrita da história. Novas perspectivas*. São Paulo, Ed. Unesp, 1992, pp. 132-162, p. 135-6.

artimanhas do léxico capitalista, reificavam o gradiente de cor das clientes e prometiam transformar todas as escurinhas, no mínimo, em mulatas.

Já no caso da manipulação dos fios, o sonho era mais realista, uma vez que as mudanças prometidas eram ligadas ao trabalho específico com os fios do couro cabeludo, que rebeldes que só precisavam ser melhorados, como garantia o *Hartona*, “maior de todas as preparações”, o tônico era “positivamente incomparável [no] alisamento de todos os cabelos carapinhas, teimosos e ásperos”.<sup>539</sup> Nesse sentido, é interessante notar que as anunciantes recusavam um discurso essencialista e homogêneo. Ao contrário disso, de olho nas vendas, faziam questão de reconhecer a diversidade de cabeleiras crespas, criando um vocabulário altamente complexo e comprometendo-se a esticar toda e qualquer uma delas. Por outro lado, não menos interessante é a observação de que, em hipótese alguma, elas asseguravam mudar aquilo que acreditavam ser a suposta essência dos fios, tão pouco garantiam a manutenção de uma crina escorrida, em caso de abandono do tratamento. A esse respeito, nossas especialistas eram um tanto quanto sinceras: uma vez *kinky* sempre carapinha, daí a necessidade de cuidado permanente.

Desse modo, ao dedicar a seção introdutória para uma rápida apresentação das diferenciações entre ambos os mercados, dois objetivos me são caros: trazer à tona, novamente, questões relacionadas ao colorismo entre os negros, por acreditar que as narrativas capitalistas de zelo para com os cachos tinham como público preferencial mulheres mais escuras e, portanto, com menores oportunidades de mobilidade social. Não por acaso, dois de seus maiores ícones, Madam Walker e Annie Malone, tinham a pele *dark*, se consideradas em contraponto a das mulatas da *The Colored American Magazine*, da *The Messenger* e da *The Crisis*. E também, em sintonia com a categoria antropológica “estilizações negras”<sup>540</sup>, apresentar uma interpretação alternativa à idéia de que o cabelo negro, usado de formas historicamente conhecidas como “ao natural”<sup>541</sup>, tais como

---

<sup>539</sup> “*Hartona*, a maior de todas as preparações para o cabelo”, *The Colored American Magazine: an illustrated monthly devoted to Literature, Science, Music, Art, Religion, Facts, Fiction and Traditions of the Negro Race*, fev. 1901, v. 2, n. 4, p. 321.

<sup>540</sup> Shirley Anne Tate, *Black Beauty: Aesthetics, Stylizations, Politics*, Burlington, VT, Ashgate, 2009.

<sup>541</sup> Robin Kelley, “Nap Time...”

“blacões”<sup>542</sup>, *dreadlocks*, tranças “nagôs” e demais penteados “afro” constituía-se na única expressão de valorização estética legítima para a população de cor.



Figura 194. Annie Pope Turnbo Malone Madam C. J. Walker (dir.).  
**Fonte:** *Poro Hair and Beauty Culture*, St. Louis, Poro College, 1922, p. 2.

---

<sup>542</sup> “Blacão” é o abasileiramento do estilo chamado *Black*. Trata-se de um penteado feito em cabelos bem crespos com um tipo de pente específico, chamado garfo. O cabelo deve ser penteado seco e para cima, o que aumenta consideravelmente o seu volume. Nos anos 1960, tal estilização tornou-se um dos principais ícones do *Black Power*, movimento racial de luta por direitos civis que pregava a resistência armada da população negra à legislação Jim Crow. A respeito das repercussões do movimento *Black Power* no Brasil, ver: Amílcar Araújo Pereira, *“O Mundo Negro”: a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil (1970-2001)*, Tese (Doutorado em História), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010; Verena Alberti e Amílcar Araújo Pereira, *Histórias do Movimento Negro no Brasil*, Rio de Janeiro, Pallas, 2007.



Figura 195. “Madam Walker na época em que ela abriu o primeiro Lelia College em Pittsburgh”, c. 1909.  
**Fonte:** Legenda e fotografia reproduzidas de A’Lelia Bundles, *On Her Own Ground...*, s/p.

Dentro de uma visão romantizada da diáspora, a história do alisamento entre mulheres negras é poucas vezes contada sem julgamentos prévios baseados numa espécie de *pretômetro* que tem por fim medir o grau de consciência racial dos indivíduos, com base no estilo de cabelo escolhido por cada um. No mais absoluto senso comum do anacronismo, considera-se que o consumo de químicas para mudar as madeixas crespas, no caso do feminino de cor, teria como finalidade única e atemporal o embranquecimento ao passo que as brancas, que apropriavam-se de técnicas similares, usando instrumentos inicialmente concebidos para atender as suas demandas, tais como o pente-quente, criado nos anos 1870 e divulgado ao lado dos rolos de marçal em catálogos de companhias famosas como a *Bloomingdale’s* e a *Sears’s* entre 1880 e 1890<sup>543</sup>, estariam simplesmente fazendo valer suas preferências.

Em contraponto a uma perspectiva que, alimentada pelo racismo, pauta-se no discurso da liberdade branca *versus* aquele do preconceito negro, negligenciando o papel do alisamento como uma “política do cabelo” hegemônica até 1950, quando o estilo natural

---

<sup>543</sup> A’Lelia Bundles, *On Her Own Ground...*, p. 20.

começa a se consolidar como o mais importante ícone de uma chamada cultura negra da rebeldia, acredito que o penteado liso pode ser interpretado como posição política de afirmação racial, conforme sugerem dois gritos de protesto frente à disseminação do uso do cabelo na sua forma crespa: “cada vez que ando na rua e vejo outra mulher usando um daqueles hediondos ‘naturais’, sinto-me tão humilhada que poderia chorar” e “estou tentando criar minhas filhas com orgulho da sua raça, [no entanto], os naturais acentuam o lado negativo [da raça].”<sup>544</sup>

De autoria de Shirley Dronke e de K. E. Williams, duas leitoras assíduas do famoso periódico *Ebony Magazine* em 1968, esses dois lamentos contra os “hediondos naturais” ajudam a pensar que o uso da cabeleira ao natural não era visto com bons olhos, ao menos por uma parte, das *ladies* de cor. Assim, menos do que mudar a origem racial, o que também podia estar em voga nas técnicas de alisamento agenciadas por mulheres negras, desde a escravidão, eram temas como resgate da dignidade, reconstrução da feminilidade, liberdade e, por que não, crítica e resistência a visões essencializadas sobre si próprias e seus corpos? Nessa trilha, seus clamores por uma estilização negra “apresentável”<sup>545</sup> abrem caminhos para conhecermos mais histórias de arrepiar, anteriores à era *Black Power*.

## 5.2 “Fazendo a cabeça”: Annie Pope Turnbo-Malone, uma empresária da raça esquecida

Em 1922, uma empresária da raça afirmava com orgulho:

Setenta e cinco mil mulheres da raça espalhadas pelo mundo tornaram-se agentes do *Poro College*. Estas participantes da “Incrível Organização Poro” têm sido beneficiadas através dos lucros derivados da empresa. Milhares delas

---

<sup>544</sup> Cartas de Shirley A. Drake e K. E. Williams ao editor da *Ebony Magazine*, mar. 1968, 17, apud Maxine Leeds Craig, *Ain't a Beauty Queen? Black Women, Beauty, and The Politics of Race*, New York, Oxford University Press, 2002, p. 36.

<sup>545</sup> O conflito entre adultos, que vivenciaram o desenvolvimento do Jim Crow e acreditavam nas conexões entre aparência “apresentável” e cabelo liso, e jovens, influenciados pelos movimentos de insurgência negra nos anos 1960, são essenciais para entender as mudanças de significados que o cabelo liso vai assumindo no decorrer dos anos 1950. Ver a esse respeito, dentre outros: Maxine Leed Craig, *Ain't I a Beauty Queen... e Ayana D. Byrd; Lory L. Tharps, Hair Story: Untangling the Roots...*

prosperaram através da prática do Sistema Poro de Cultivo Científico do Cabelo e da Beleza.<sup>546</sup>

Criada em 1902 na cidade de St. Louis por Annie Pope Turnbo, mais tarde Mrs. Malone<sup>547</sup>, a *Poro Hair Beauty Culture*<sup>548</sup> foi uma das pioneiras na implementação de um sistema de representação comercial para trabalhadoras de cor, embora tal fato não seja mencionado e Madam Walker (que, inclusive foi uma de suas agentes) reine absoluta como desbravadora dos “negócios do cabelo *Black*”<sup>549</sup>, conforme indica a historiografia afro-americana sobre raça e beleza.<sup>550</sup> Assim, a despeito das disputas em torno da memória da cosmética negra, ao que tudo indica, as ações de Mrs. Malone serviram de inspiração para futuras marcas como a própria *Madam C. J. Walker Manufacturing Company*, além da *Overton Hygienic Company* e da *Kashmir Chemical Company*.

Se o esforço de Walker em aliar o cuidado com o visual à obtenção de melhores empregos “possibilitou que milhares de mulheres negras tivessem um salário mais justo”<sup>551</sup>, a mesma afirmação aplica-se às redes trabalhistas de Malone e das demais empresas citadas. Diferentemente de companhias brancas como a *Pond's* e a *Palmolive*,

---

<sup>546</sup> “Poro’s Economic Advantages”, *Poro Hair and Beauty Culture*, St. Louis, Poro College, 1922, p. 9.

<sup>547</sup> Annie casou-se, em torno de 1914, com o Prof. Aaron Eugene Malone, um antigo companheiro de escola que não via há quatorze anos. Quando do reencontro, Malone era diretor do *Lincoln School of Quincy* em Illinois. Em curto espaço de tempo, ele se tornou sócio da empresária, tendo planejado junto com ela o “novo Poro Colege”, a “única e mais completa instituição [negra nestes moldes] do mundo”. O prédio foi concluído em 1918 e, dois anos depois, um anexo foi construído. “History”, *Poro Hair...*, p. 6.

<sup>548</sup> Doravante, PHBC. Embora suas atividades tenham se iniciado antes mesmo de 1902, a empresária só registrou seu negócio com o nome *Poro* em 1906, devido a “insecurulosos revendedores” que, devido ao sucesso de seus “métodos” e “preparações”, “ofereciam ao público imitações com o mesmo nome”. “History”, *Poro Hair...*, p. 5.

<sup>549</sup> Ayana D. Byrd; Lory L. Tharps, *Hair Story: Untangling the Roots ...*, pp. 72-99.

<sup>550</sup> Dentre as inúmeras biografias de Madam C. J. Walker destaque: A’Lelia Bundles. *On Her Own Ground: The Life and Times of Madam C. J. Walker*, New York, London, Toronto, Sidney, Singapore, Washington Square Press, 2002; Beverly Lowry, *Her Dream of Dreams: The Rise and Triumph of Madam C. J. Walker*, New York, The Random House Publishing Group, 2004; Darlene Stille, *Madam C. J. Walker: Entrepreneur and Millionaire*, Minneapolis, Compass Point Books, 2007; Tananarive Due, *The Black Rose: The Dramatic Story of Madam C. J. Walker, America’s First Black Female Millionaire*, New York, The Random House Publishing Group, 2000.

<sup>551</sup> Darlene Stille, *Madam C. J. Walker: Entrepreneur and Millionaire*, Minneapolis, Compass Point Books, 2007, p. 13.

que tinham como principal finalidade passar uma “mensagem da nova beleza” que tornasse jovens como a *schoolgirl* cada vez mais amadas e admiradas, as companhias negras do ramo objetivavam comercializar manufaturados que gerassem lucros para seus cofres, imagens apresentáveis para suas mulheres e progresso racial para sua gente.

Ainda em termos de particularidades, num contexto de pós-emancipação e capitalismo negro, tais firmas contribuíram para a formação de uma rede internacional, aos moldes do que vemos hoje em companhias como a *Avon* e a *Natura*, tendo, cada uma, à sua maneira, estimulado um amplo mercado que conectava sujeitos femininos de diferentes partes do mundo por sua raça. Daí tantas vezes Annie Malone ter se referido a suas agentes como as dedicadas *Race Women*.<sup>552</sup> O reconhecimento da centralidade do feminino para o projeto de elevação da população de cor fica também evidenciado num dos maiores “objetivos e propósitos” da empresa: “contribuir para o melhoramento econômico das Mulheres da Raça”.<sup>553</sup>

Esse protagonismo repetia-se na utilização de uma linguagem universal (“a Faculdade *Poro* é consagrada à elevação da humanidade”) e ao mesmo tempo particular. Isso porque, diante da quase-cidadania experimentada pelos negros, a empresa primava por um discurso explícito de racialização do gênero que reconhecia a situação de dupla vulnerabilidade que atingia as “Mulheres da Raça em particular”<sup>554</sup>, o que tornava necessária a produção de políticas voltadas para o seu melhoramento.

Nessa direção, para além do incentivo ao consumo, a pesquisa do catálogo de divulgação da empresa e de seus preparados mostra a grande preocupação em preparar seu segmento feminino para o mundo do trabalho. E nesse páreo, boa vontade não era tudo:

Atenção, Mulheres Ambiciosas!  
Vocês querem uma profissão lucrativa?  
Vocês querem melhorar sua condição?  
Vocês querem aumentar seu salário?  
Vocês querem servir?  
SE SIM, ESCREVA HOJE

---

<sup>552</sup> “Our Aims and Purposes”, *Poro Hair...*, p. 8.

<sup>553</sup> *Idem*, p. 8.

<sup>554</sup> *Idem*, *ibidem*.

Precisamos de mais agentes para atender as demandas da *Poro Products*.<sup>555</sup>

Annie ensinava que para ser uma mulher da raça na cosmética era necessário, antes de mais nada, ser parte do grupo seletivo de “ambiciosas”, balançando positivamente a cabeça para quatro perguntas fundamentais referentes à profissão, à condição, ao salário e à dedicação. Nascida na pequena cidade de Metropolis em Illinois, ela, a décima de uma família com onze filhos<sup>556</sup>, sabia, mais que ninguém, como superar as adversidades, pois, mesmo tendo de abandonar os estudos por falta de recursos e problemas de saúde, começou a trabalhar com cabelos em fins do século XIX. Dona de visão empreendedora, em 1900, quando dos seus 31 anos, a estudante, que na *High School* (Peoria, Illinois) preferia as disciplinas das Ciências Físicas, voltou a estudar Química e mudou-se para a cidade de Lovejoy, na Geórgia, onde abriu seu próprio laboratório (com investimento inicial de U\$5)<sup>557</sup>, dedicado à preparação de produtos capilares. Dentre os muitos de seus feitos empreendedores, esteve a patente do primeiro pente-quente para negros, nesse mesmo ano.

---

<sup>555</sup> “Attention, Ambitious Women”, *Poro Hair...*, p. 42.

<sup>556</sup> Otha Richard Sullivan, “Annie Minerva Pope Turnbo-Malone”, in Otha Richard Sullivan, *African American Millionaires*, New Jersey, John Wiley & Sons, Inc, 2005, pp. 31-4, p. 31.

<sup>557</sup> *Idem*, p. 33.

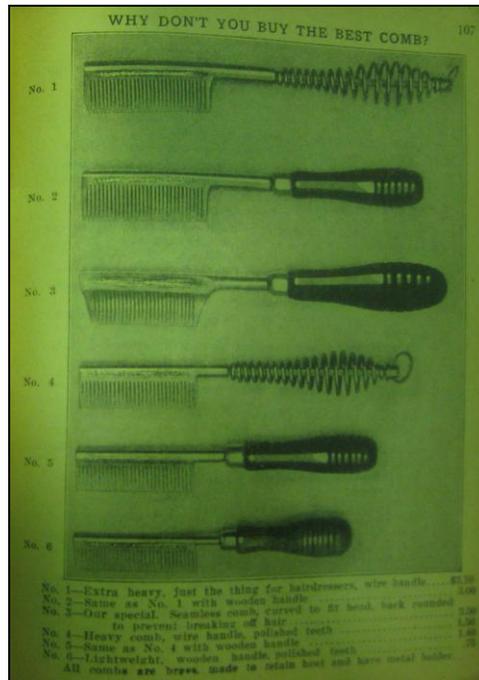


Figura 196. “Por que você não compra o melhor pente?” Divulgação de diferentes modelos de pentes para cabelos afro-americanos.

**Fonte:** *Encyclopedia of Colored People and other useful information*, Chicago, Overton-Hygienic Mfg. Co., 1921, p. 107.

Ao visitar suas clientes de porta em porta, a química convenciu as mulheres de cor da eficácia de “preparações” como o seu *Wonderful Hair Grower*<sup>558</sup>, oferecendo-lhes, para tal, demonstrações gratuitas da fórmula mágica, tal qual Madam Walker fará nos anos 1910. Numa de suas tantas visitas, a jovem profissional bateu à porta de mais uma afro-americana desesperada com as incessantes cocceiras que faziam seu couro cabeludo sangrar. E foi dessa forma que a sofredora Sarah começou a matutar sobre a importância de lavar os cabelos com frequência e de usar produtos adequados. Satisfeita com os resultados, a então lavadeira tornou-se uma das agentes de Annie em St. Louis, Missouri, em torno de 1903<sup>559</sup>,

<sup>558</sup> Como veremos, *Wonderful Hair Grower* será o nome do principal produto comercializado pela *Madam C. J. Walker Manufacturing Company*, doravante MCJWMC.

<sup>559</sup> Otha Richard Sullivan, “Modern Times”, in Otha Richar Sullivan, *African Americans Millionaires...*, pp. 45-6, p. 46; Bundles, *On Her Own Ground...*, p. 68.

mantendo-se na ocupação mesmo após sua mudança para Denver, Colorado, dois anos depois.<sup>560</sup>

As promessas de cura do produto de Malone fizeram mesmo a cabeça de Sarah e de tantas outras negras da época. A maior prova disso foi a fundação do prédio da *Poro Hair and Toilet Preparations* em 1906. Sediada em St. Louis, a mesma cidade em que Walker, naquela altura viúva e mãe de Lelia, uma menina de quatro anos, tinha vivido. O empreendedorismo de Annie também pôde ser sentido em 1917, quando comprou uma quadra inteira da cidade para expandir seu negócio, um verdadeiro complexo onde se destacavam a já citada fábrica *Poro* e sua grande menina dos olhos, a *Poro College*. Resultado de “anos de trabalho duro” da “fundadora”, que tinha a “vida” e a “personalidade entrelaçadas à instituição”<sup>561</sup>, a escola vocacional foi o primeiro centro americano dedicado ao estudo e ensino de cosmetologia negra, tendo formado cabeleireiras, barbeiros e esteticistas provenientes de diferentes partes do país.

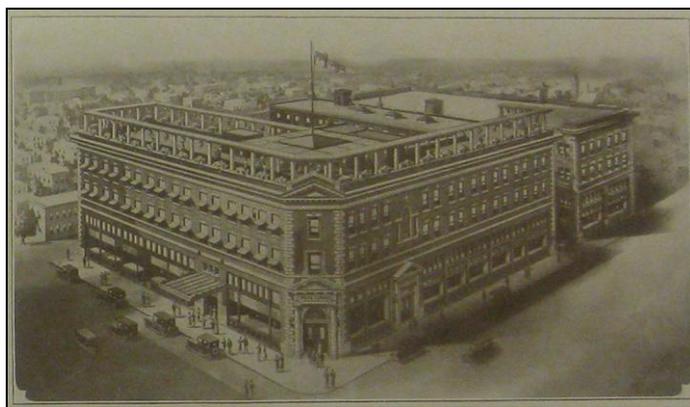


Figura 197. “A casa atual da *Poro Hair and Toilet Preparations*”/ Uma bonita planta que reflete os resultados dos serviços prestados”.

**Fonte:** *Poro Hair and Beauty Culture*, St. Louis, Poro College, 1922, p. 7.

Abaixo da “bonita planta” do suntuoso prédio visualizamos “os resultados do real serviço prestado” pela empresa: “*Poro College Building*; *Poro Annex Building* e *Poro Garage Building* com os equipamentos que custaram, respectivamente U\$550.000,

---

<sup>560</sup> Darlene Stille, *Madam C. J. Walker: Entrepreneur and Millionaire...*, p. 39.

<sup>561</sup> “History”, *Poro Hair...*, p. 4.

US\$168.000 e US\$32.000, totalizando o investimento de US\$750.000”.<sup>562</sup> Ainda nos remetendo à grandiosidade do feito do casal, o mesmo livro descreve em detalhes as dependências da promissora firma que contava com salão de beleza, auditório, cafeteria, refeitório, dormitório, quarto de hóspede, além do “apartamento no qual viviam Mr. e Mrs. Malone”. Já o nada modesto anexo abrigava lavanderia, padaria, um departamento de publicidade além dos laboratórios e estoque dos produtos.<sup>563</sup> Juntos, esses diferentes espaços, que incluíam um teatro, onde eram promovidos concertos musicais por Roland Hayes e Bessie Smith<sup>564</sup>, transformaram a PHBC numa espécie de centro cultural para a comunidade afro-americana da cidade.



Figura 198. Sala de jantar da PHBC.

**Fonte:** *Poro Hair and Beauty Culture*, St. Louis, Poro College, 1922, p. 38.

---

<sup>562</sup> “The Present Home of the Poro Hair and Toilet Preparations”, *Poro Hair...*, p. 7.

<sup>563</sup> “Plant and Personnel”, *Poro Hair...*, p. 10.

<sup>564</sup> Otha Richard Sullivan, “Annie Minerva Pope Turnbo-Malone”, p. 34.

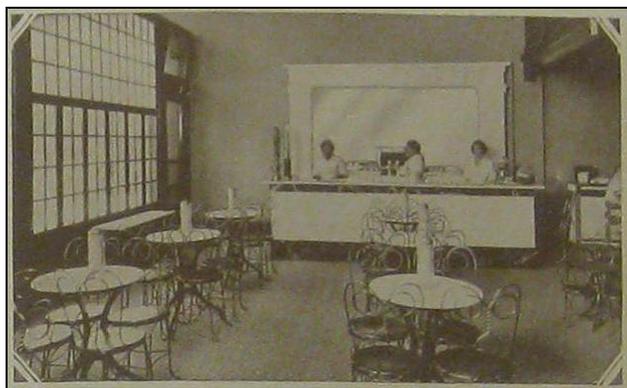


Figura 199. Cafeteria da PHBC.

**Fonte:** *Poro Hair and Beauty Culture*, St. Louis, Poro College, 1922, p. 39.

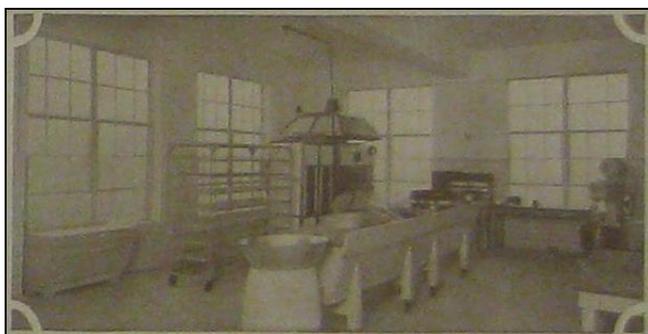


Figura 200. Padaria da PHBC.

**Fonte:** *Poro Hair and Beauty Culture*, St. Louis, Poro College, 1922, p. 39.

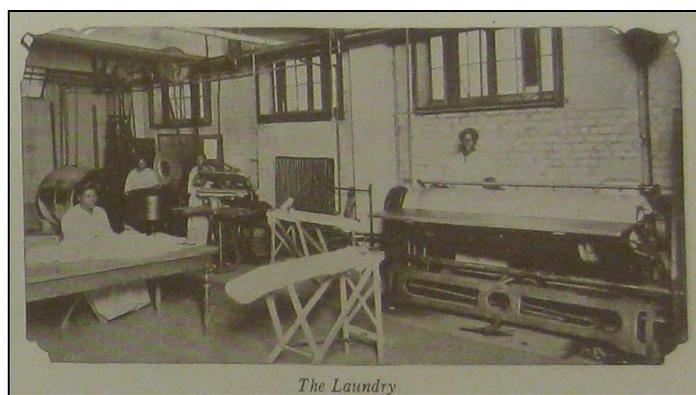


Figura 201. Lavanderia da PHBC.

**Fonte:** *Poro Hair and Beauty Culture*, St. Louis, Poro College, 1922, p. 41.

Estima-se que a sede da companhia tenha empregado em torno de 200 pessoas. Quanto à rede de agentes comerciais, é difícil saber ao certo, mas, exageros à parte, o livro

da empresa a quantifica em “setenta e cinco mil mulheres da Raça espalhadas”<sup>565</sup> em lugares da “América Central” e em países como “EUA”, “Cuba”, “Bahamas”, “Nova Escócia” e “Canadá”.<sup>566</sup> Tal abrangência era usada como argumento insofismável para provar que os lucros da PHBC realmente traziam “independência econômica” com um quê de afirmação racial.<sup>567</sup>



Figura 202. Escritório Geral da PHBC.

**Fonte:** *Poro Hair and Beauty Culture*, St. Louis, Poro College, 1922, p. 16.

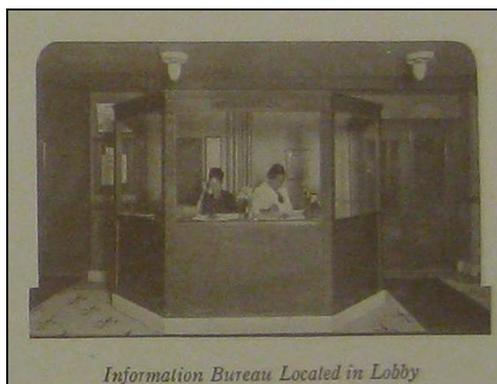


Figura 203. Escritório de informações localizado no lobby.

**Fonte:** *Poro Hair and Beauty Culture*, St. Louis, Poro College, 1922, p. 11.

---

<sup>565</sup> “Poro’s Economic Advantages”, *Poro Hair...*, p. 9.

<sup>566</sup> “A Poro Graduating Class”, *Poro Hair...*, p. 43.

<sup>567</sup> *Idem*, p. 43.

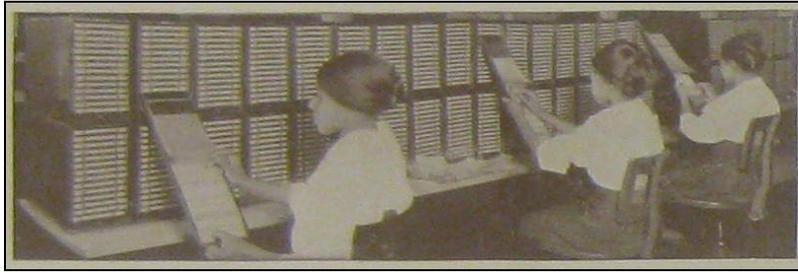


Figura 204. Arquivo da PHBC.

**Fonte:** *Poro Hair and Beauty Culture*, St. Louis, Poro College, 1922, p. 17.

Em termos da linguagem de gênero, não podemos deixar de mencionar acepções distintas para uma mesma categoria. Enquanto nos capítulos 2 e 3 fomos apresentadas a *socialites* e ativistas que reivindicavam para si a alcunha de mulheres da raça devido, sobretudo, à cor clara, à pertença à alta classe e ao grau de instrução elevado em relação à maioria da população negra “ordinária”, o uso desta mesma expressão na publicidade de Malone evocava um segundo protótipo de mulher da raça, construído na sua experiência de uma mulher *black*, que começou do zero e que passou, ao longo da carreira, a entender a si própria e a suas agentes como representantes do seu povo.

Assim, para produzir sua própria definição de mulher da raça, a imagem da trabalhadora foi reivindicada pela empresária como um símbolo da capacidade e do progresso racial de personagens pobres que, graças a instituições como a “Incrível Organização *Poro*”, tornaram-se “conscientes” de suas “forças latentes”, passando a ter o direito de “treinar” para tornar suas “vidas úteis”, “desenvolver proficiência”, “encorajar o comércio e a indústria” e ainda adquirir “casas”, prover suas “famílias” e escolarizar suas “crianças”.<sup>568</sup>

---

<sup>568</sup> “Poro’s Economic Advantages”, *Poro Hair...*, p. 9.



Figura 205. “Uma turma de graduação da *Poro*”.

**Fonte:** *Poro Hair and Beauty Culture*, St. Louis, Poro College, 1922, p. 43.

Novamente sobre o colorismo, essa percepção diferenciada dos “décimos talentosos” e de Malone sobre quem, afinal, seriam os legítimos símbolos da gente *colored*, aponta para disputas de classe mediadas pela cor, como sugerem seus trabalhadores *dark*, que visualizamos nas imagens abaixo, e que em muito distanciavam-se das imagens de nossa brilhante aristocracia de cor.

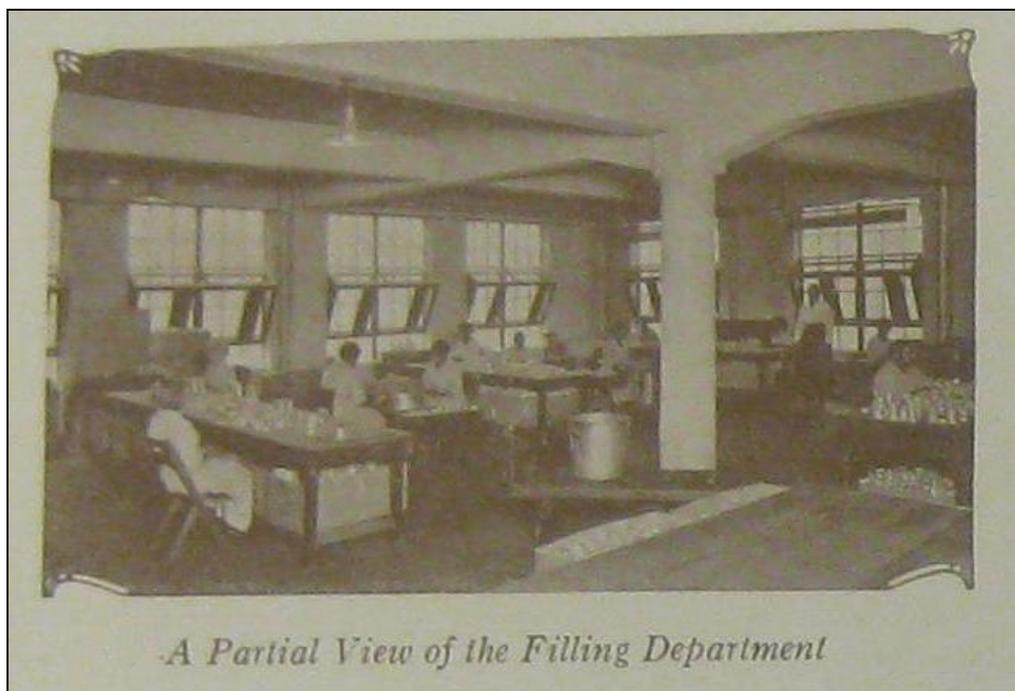


Figura 206. “Uma vista parcial do Departamento de Empacotamento”.  
**Fonte:** *Poro Hair and Beauty Culture*, St. Louis, Poro College, 1922, p. 28.



Figura 207. *Motor truck facilities.*  
**Fonte:** *Poro Hair and Beauty Culture*, St. Louis, Poro College, 1922, p. 29.

Diante de tantos louros colhidos, suas funcionárias *blacks* - vendedoras, secretárias, empacadoras, telefonistas, cozinheiras que, trabalhando em parceria com homens de respeito, empregados como caminhoneiros, carregadores, marceneiros, engrossavam as fileiras da “gente comum”<sup>569</sup>, estavam não só “felizes por suas realizações profissionais”<sup>570</sup>, como “altamente agradecidas” aos “surpreendentes resultados”<sup>571</sup> dos produtos no que tange à melhora de sua aparência, conforme sugere o anúncio publicado na *The Crisis* em 1925.



Figura 208. “É suficiente saber que isto é Poro Comércio e Mercado”.  
**Fonte:** *The Crisis: a record of the darker races*, mai. 1925, v. 30, n. 1, s/p.

<sup>569</sup> Eric Hobsbwan, “A História de Baixo para Cima”, in Eric Hobsbawn, *Sobre História*, São Paulo, Cia. das Letras, 1998, pp. 216-231.

<sup>570</sup> “Poro’s Economic Advantages”, *Poro Hair...*, p. 9.

<sup>571</sup> “History”, *Poro Hair...*, p. 4.

Apesar de não ter como confirmar este dado no momento, Otha Sullivan afirma que, em 1920, a fortuna de Annie Malone foi orçada em quatorze milhões de dólares.<sup>572</sup> De acordo com a mesma autora, nos anos 1930, em virtude dos reflexos da Grande Depressão e do complicado divórcio de Mr. Malone, presidente da empresa, a química transfere seus negócios para Chicago. Nas décadas seguintes, devido a problemas com a justiça ligados à cobrança de impostos excessivos e a partilha dos bens com o ex-marido, seus negócios entraram em crise, até que, nos anos 1950, o governo assume o controle da PHBC. Vítima de um derrame, Annie Pope-Turnbo morreu em 1957, aos oitenta e cinco anos, quando seu patrimônio, já dilapidado quase que por completo, era de U\$100.000.

Em contraste com as inúmeras homenagens e os diversos trabalhos sobre Madam Walker, até hoje a saga da empresária da raça de St. Louis permanece como um mistério a ser desvendado através da pesquisa em verbetes, notícias de jornais e documentos esparsos de sua companhia. Acredito que, a despeito de tal silenciamento, as evidências empíricas da sua inteligência e do seu perfil empreendedor ratificam que ela foi sim uma grande fonte de inspiração para que Sarah Breedlove tenha conseguido ocupar o trono de rainha da cosmetologia negra. Vejamos então alguns dos caminhos que a funcionária de Malone trilhou para que o tapete vermelho lhe fosse estendido.

### **5.3 “Da Cabana à Mansão”: Madam C. J. Walker, uma “mulher maravilha da raça”**

Eu fui para Denver, Colorado e comecei minha carreira com um capital de \$1,25. Comecei, é claro, de uma forma mais modesta. Sondava as pessoas da minha raça indo de porta em porta. Depois disso, fui muito bem. Mas, claro, encontrei muitos obstáculos antes de finalmente alcançar o verdadeiro sucesso. Não acredito em ganhar chances. Nunca peguei uma num estoque de supermercado. Eu não sou uma milionária, mas espero ser um dia, não por causa do dinheiro, mas porque poderei fazer muito para ajudar a minha raça.<sup>573</sup>

Não há quem se atreva a negar que a saga de Madam Walker é parada obrigatória na história da cosmética negra nos EUA. Ícone da cultura nacional, como

---

<sup>572</sup> Otha Richard Sullivan, “Annie Minerva Pope Turnbo-Malone”, p. 34.

<sup>573</sup> “A mansão da mulher negra mais rica do subúrbio”, *The Messenger: a message of democracy – a new year issue*, jan. 1918, v. 2, n. 1, p. 4. (Originalmente publicada em *The New York Times Magazine*, 4 de novembro de 1917).

cosmetologista, a ex-lavadeira ensinou de que formas as políticas do cabelo poderiam ser apropriadas na luta por direitos civis que extrapolavam em muito a questão pura e simples de adquirir uma boa aparência, conforme sugere a citação abaixo, que reproduz um telegrama enviado pelas suas agentes, organizadas na *Walker Union*, ao presidente Wilson em 1916:

Nós, representantes da Convenção Nacional de Agentes da Madam C. J. Walker e que, em larga medida, representamos doze milhões de Negros sentimos a injustiça feita contra nossa raça e nosso país [por meio dos] linchamentos em Memphis, Tennessee e da horrível revolta no East St. Louis. Sabendo que nenhuma pessoa no mundo é mais leal e patriótica do que o povo de cor da América, nós, respeitosamente submetemos a você nosso protesto contra a manutenção de injustiças errôneas (...). Nós, respeitosamente (sic) lhe pedimos que você use sua influência, enquanto presidente dos EUA, para que o congresso reconheça a necessidade de criar leis que previnam a recorrência de tais desgraçadas atitudes.<sup>574</sup>



Figura 209. “Madam Walker com suas agentes de Ohio em torno de 1918. Madam Walker viajou exaustivamente pelos EUA e pelo Caribe treinando um exército de *Walker Beauty Culturists*”.

**Fonte:** Legenda e fotografia reproduzidas de A’Lelia Bundles, *On Her Own Ground...*, s/p.

Além de protagonizar a luta contra o linchamento proferindo discursos, participando do comitê de organização do protesto silencioso (fig.154) contra o Massacre de East St. Louis, assinando, ao lado de nomes de homens da raça como William Du Bois e James Weldson, uma petição que exigia a criminalização dessa prática no país e integrando a comitiva de líderes do Harlem que foram até a Casa Branca cobrar do presidente que se

---

<sup>574</sup> Telegrama enviado ao presidente Woodrow Wilson em 1916, apud A’Lelia Bundles, *On Her Own Ground...*, p. 212-3.

proununciasse contra o “Horror de Waco” e demais ataques aos *Negroes* americanos<sup>575</sup>, como uma empresária da raça ativista, ela também desenvolveu ações filantrópicas voltadas para a educação da população afro-americana, financiando estudos de jovens em escolas negras como o Tuskegee e o Palmer Memorial Institute em Sedalia, Carolina do Norte.

Quanto à preservação da memória negra, destaca-se uma de suas doações, realizada em 1918, para que a *National Association of Colored Women* transformasse a casa do lendário orador Frederick Douglas em museu. No tocante ao assistencialismo racial, também sobressaem as expressivas colaborações da Madame para organizações tais como a *Young Men’s of Christian Association* (YMCA) e a NAACP.<sup>576</sup> Essas e outras facetas do seu ativismo mostram o quanto é ingênuo pensar que o uso de produtos químicos na pele e no cabelo significavam única e exclusivamente querer se transformar numa pessoa branca.

Em termos empresariais, assim como Malone, através da MCJWMC, Sarah, a primeira a nascer livre na família Breedlove, desenvolveu estratégias de *marketing* e ofereceu treinamentos especializados para suas funcionárias, que frisavam seus princípios de “responsabilidade corporativa”.<sup>577</sup> Entretanto, ninguém sabe explicar a maneira exata pela qual ela, uma descendente de escravos que sempre gostava de ressaltar “perseverança é meu mote”<sup>578</sup>, enriqueceu no decorrer de pouco mais de uma década. À revelia desse enigma, o que interessa no trabalho é apresentar alguns dos elementos que indicam sua perspicácia em perceber que o cabelo da mulher de cor poderia se tornar um negócio altamente lucrativo, conforme demonstram as cifras de sua companhia e a matéria do *The*

---

<sup>575</sup> Idem, p. 206, 208. As reclamações destacavam o fato de que mesmo lutando arduamente na Primeira Guerra Mundial os afro-americanos não eram respeitados no seu próprio país.

<sup>576</sup> Idem, p. 16.

<sup>577</sup> Idem, p. 68, 190. Dentre suas funcionárias, Madam Walker contratava um seleto grupo que recebia treinamento específico para assumir papéis de liderança na empresa – tratando, ensinando e organizando. Essas mulheres recebiam o salário de U\$125 por mês, quando a maioria das mulheres negras empregadas no ramo das atividades domésticas ganhava em média U\$30 por mês. A própria Walker relembra que nos seus tempos de lavadeira e cozinheira fazia em torno de U\$1,50 por dia.

<sup>578</sup> “A mansão da mulher negra mais rica do subúrbio”, *The Messenger...*, p. 4.

New York Times intitulada “A mansão da mulher negra mais rica do subúrbio”, que especulava que seu patrimônio era de um milhão de dólares ou “algo perto disso”.<sup>579</sup>

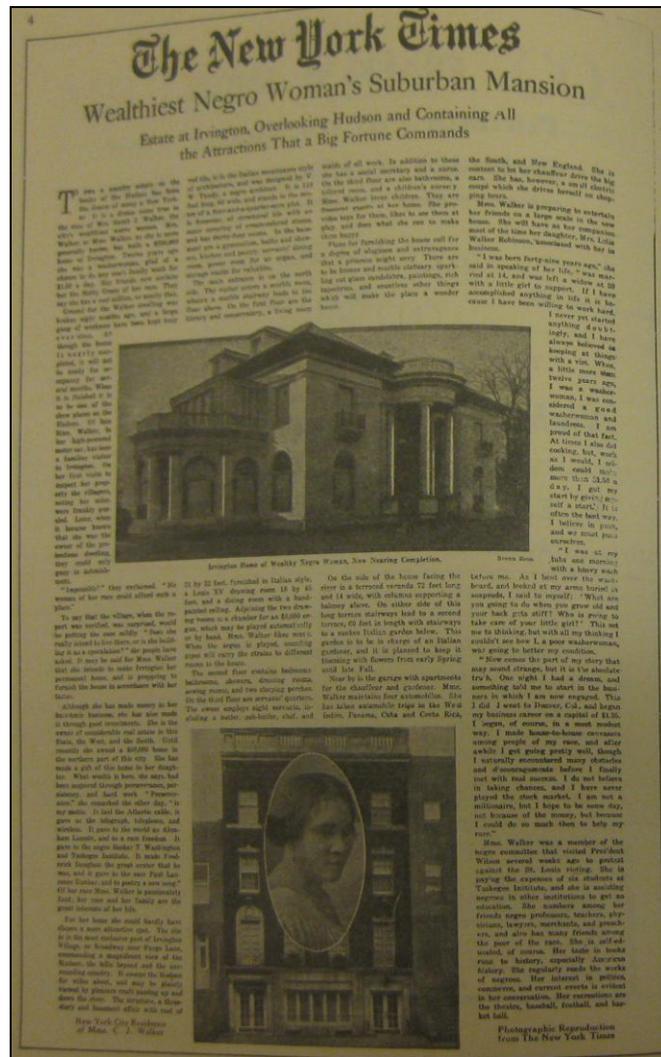


Figura 210. “A mansão da mulher negra mais rica do subúrbio”.

Fonte: *The Messenger: a message of democracy – a new year issue*, jan. 1918, v. 2, n. 1, p. 4. (Originalmente publicada em *The New York Times Magazine*, 4 de novembro de 1917).

Apesar do fato de possuir um milhão de dólares seja negado por A’Lelia Bundles, tataraneta e principal biógrafa de Sarah<sup>580</sup>, isto não apaga o sucesso meteórico da

<sup>579</sup> Idem, ibidem.

<sup>580</sup> A escritora estima que em 1919, Madam Walker tinha acumulado US\$600.000. *On Her Own Ground...*, p. 277.

companhia. Em 1910, os lucros atingiram U\$10.989, o equivalente a U\$200.000 em 1998.<sup>581</sup> No ano seguinte, as cifras mensais foram de U\$1500, aumentando para U\$3500 em 1912, conforme declarado pela própria Madame na convenção da *National Negro Business League*<sup>582</sup>, realizada em Chicago.<sup>583</sup> Em meio a todo seu progresso material, em 1917, a filantropista construiu uma mansão de três andares com vinte “quartos, banheiros, chuveiros, camarins e varandas”<sup>584</sup> em Irvington-on-the-Hudson, Nova York. Assinada por Vertner Woodson Tandy, um ex-aluno do Tuskegee Institute e primeiro negro licenciado como arquiteto em Nova York<sup>585</sup>, a residência, que empregava “oito criados, incluindo mordomo, sub-mordomo e *chef*”, ficou conhecida como Villa Lewaro, a “propriedade de Madam C. J. Walker”. Os gastos para seu erguimento foram estimados em U\$250.000, isso sem contar os U\$500.000 de despesas de mobiliário<sup>586</sup>, com destaque para um órgão que “poderia ser tocado automaticamente ou por uma banda”, orçado em U\$8000.<sup>587</sup>

Tanto Annie Malone como Madam Walker contribuía com doações e oportunidades profissionais para a elevação de sua raça; contudo, Madam Walker, ao longo de sua ascensão, firmou-se ainda como uma notória tribuna. Talvez um dos motivos que justifique sua preponderância em relação a outras empresárias afro-americanas tenha sido o fato de que em todas as ocasiões em que tinha oportunidade de expor sua biografia, ela se auto-representava como uma heroína tão perseverante quanto homens da raça como

---

<sup>581</sup> Bundles, *On Her Own Ground...*, p. 107.

<sup>582</sup> A organização foi fundada em 1900 em Boston, Massachusetts com objetivo de estimular a prosperidade econômica através da criação de uma rede de empresários afro-americanos. Doravante, NNBL.

<sup>583</sup> Em 18 de agosto de 1915, quinze anos depois de sua fundação, Booker T. Washington lembrava os participantes da convenção: “o propósito [da Liga] tem sido aumentar e criar indústrias, empresas e comércio entre nossa gente em cada lugar do país”. “Speech to the National Business League”, in: Cary D. Wintz (Ed.), *African American Political Thought, 1890-1930: Washington, DuBois, Garvey, and Randolph*, New York, M.E. Sharpe, Inc., 1996, p. 73.

<sup>584</sup> “A mansão da mulher negra mais rica do subúrbio”, *The Messenger...*, p. 4.

<sup>585</sup> Vertner Woodson Tandy, in *An Online Reference Guide to African American History*, disponível em: <http://www.blackpast.org/?q=aah/tandy-vertner-woodson-1885-1949> Acesso: 15/12/2011.

<sup>586</sup> Otha Richard Sullivan, “Madame C. J. Walker”, p. 42.

<sup>587</sup> “A mansão da mulher negra mais rica do subúrbio”, *The Messenger...*, p. 4.

Frederick Douglass, a quem admirava como um “grande orador”, e Paul Laurence Dunbar, poeta e músico, produtor de um “novo som”.<sup>588</sup> Nesse sentido, apesar de ser parte de uma rede ampla de mulheres da raça, ela sempre reforçava sua personalidade excepcional, o que, em termos da memória da cosmética negra, garantiu a sobreposição de sua biografia às das demais empresárias. Sarah Breedlove não era apenas uma mulher da raça. Era, sobretudo, uma “mulher maravilha da raça”.

O fato de ter sido especialmente convidada para falar na Convenção da NNBL, um ambiente integrado por pequenos proprietários e comerciantes, advogados, fazendeiros, médicos, etc. diz muito do seu reconhecimento enquanto uma mulher negra que conseguiu reconstruir sua feminilidade revertendo em seu proveito a lógica falocêntrica do ativismo social afro-americano, fomentada por respeitadas intelectuais com suas representações da masculinidade *black* em espaços como a *American Negro Academy*, fundada em 1897 e que, apesar de voltar-se para o “desenvolvimento do gênio Negro”, invisibilizava as mulheres e seu pensamento.<sup>589</sup>

Ao conseguir driblar a condição periférica imposta pelo *black male establishment*<sup>590</sup>, Walker foi convidada e apresentada à platéia masculina por ninguém menos do que o nosso velho conhecido Booker T. Washington. Presidente e fundador da Liga, o líder promoveu a convidada a um posto poucas vezes reservado ao feminino no meio intelectual masculino: “Eu agora tenho o prazer de apresentar à Convenção uma das mais progressistas e famosas mulheres da nossa raça”.<sup>591</sup> E, nessa condição, a Madame, novamente, brilhou no palanque, construindo uma “narrativa alternativa”<sup>592</sup> ao que Robin

---

<sup>588</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>589</sup> Ver a esse respeito: Hazel Carby, *Race Men*, Cambridge, Massachusetts and London, Harvard University Press, 2001 [1ª ed. 1998], p. 5.

<sup>590</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>591</sup> Apresentação de Madam Walker por Booker T. Washington na NNBL em julho de 1912 em Washington D. C., apud A’Lelia Bundles, *On her own ground...*, p. 149.

<sup>592</sup> Robin Kelley, “Nap Time...”, p. 339.

Kelley, na mesma direção de Hazel Carby, identificou como as “políticas falocêntricas do nacionalismo negro”.<sup>593</sup>

Eu sou uma mulher que veio dos campos de algodão do Sul. Lá, fui promovida ao tanque de lavar roupa [e depois] à cozinha. [Da cozinha] eu me auto-promovi ao mundo empresarial dos manufaturados e preparações para o cabelo... Eu construí minha própria fábrica na minha própria terra.<sup>594</sup>

Com essa postura questionadora de uma “masculinidade racializada”<sup>595</sup>, preponderante para definir quem e o que seria um líder da raça, não é de se admirar que, dentre tantos comerciais publicados pela MCJWMC durante os anos 1910 e 1920, o mote de, ao menos um deles, tenha sido justamente a frase “Da Cabana à Mansão”.



Figura 211. “Da Cabana à Mansão, de Escrava à Líder Social”.

Fonte: MCJWMC, s/d.

<sup>593</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>594</sup> Fragmento do discurso de Madam C. J. Walker proferido na Convenção da NNBL em julho de 1912 em Washington D. C., disponível em: <http://www.madamcjwalker.com/> Acesso: 09/12/2011.

<sup>595</sup> Hazel Carby, *Race Men*, p. 11.

Nele, para convencer as leitoras da eficácia dos produtos “emebelezadores”, a companhia evocava a mesma metáfora da “promoção” que sua fundadora usou no aclamado discurso na NNBL. E nesse jogo de linguagem que conectava os mundos escravo e livre, a propaganda, com data desconhecida, mas provavelmente publicada após a morte de Walker, visto anunciar um produto para a compleição, frisava que a empresária tinha sido promovida de “escrava à líder da sociedade”. O uso do adjetivo “líder” para qualificar sua atuação não era uma palavra ao léu. Em vez disso, sua menção aponta para outro elemento que diferenciava C. J. Walker de outras cosmetologistas que, apesar de terem atingido sucesso financeiro, passavam bem longe do que as sensíveis “almas dos homens negros”<sup>596</sup> entendiam como representantes femininas da raça.

Nesse sentido, apesar de Malone ter sido pioneira no sistema *door to door* para trabalhadoras negras, a ex-lavadeira e cozinheira da Louisiana fazia questão de frisar seu grande papel como criadora de novas negras<sup>597</sup>, lembrando aos participantes da referida convenção da NNBL, que antes de as *hair-dresses* (“como nos chamam”) atingirem os “mais altos degraus da vida” e receberem atenção de todos os lados, ela teve “que descer e dignificar este trabalho”. E era graças a todo o suor que derramara que “muitas das melhores mulheres da nossa raça est[avam] agora engajadas nesta linha comercial e, muitas delas, [como suas] empregadas”.<sup>598</sup>

O contraste entre as fotografias da cabana de Delta e da mansão de Vila Lewaro brindava a noção de uma ascensão social “da pobreza ao maior melhoramento da raça”. Já os *portraits* da Madame (esq.) e da filha A’Lelia (dir.) serviam de exemplo para

---

<sup>596</sup> Hazel Carby, *Race Men...*

<sup>597</sup> Ao pensar na construção de novas mulheres negras é curioso notar a própria opção de Walker de mudar seu nome de Sarah McWilliams para Madam C. J. Walker nos idos de 1906, quando sua companhia foi fundada. Viúva de Moses McWilliams desde 1888, Sarah casou-se com Charles Joseph Walker, um respeitado homem da imprensa negra de St. Louis também em 1906 e, de acordo com Stille, passou a assinar o nome do marido precedido de *Madam* pelo fato de que tal título era similar à palavra francesa Madame, a qual americanos associavam à elegância e à alta moda. Além disso, a palavra transmitia uma “aura de dignidade e autoridade para esta empresária afro-americana” e, provavelmente, resguardava-lhe da possibilidade concretíssima de ser popularmente chamada de *Aunt*, tal qual a boa e velha tia da farinha Jemina. Darlene Stille, *Madam C. J. Walker: Entrepreneur...*, p. 40.

<sup>598</sup> Fragmento do discurso de Madam C. J. Walker proferido na Convenção da NNBL em julho de 1912, apud A’Lelia Bundles, *On her own ground...*, p. 149.

aquelas que tinham dúvidas quanto ao fato de que a “beleza e o sucesso poderiam ser” seus. “Não havia desculpa para não tê-los”, pois, usufruindo das preparações, a consumidora conquistaria uma “compleição amável”, mas, sobretudo um “cabelo bonito”. Novamente evocando as relações de complementaridade entre os mercados da derme e das madeixas, esses seriam dois atributos determinantes para ser “uma mulher coroada de glórias”. Posicionamentos como esse, que articulavam trabalho urbano e aperfeiçoamento físico, dimensionam, assim como vimos com Annie Malone, outros sentidos atribuídos ao título de mulher da raça, que extrapolavam a condição *sine qua non* de pertencimento à aristocracia de cor, conforme reivindicavam Fannie Williams, Mary Terrell e outros “décimos talentosos femininos” do capítulo 3.

Uma segunda propaganda, mais elaborada do que aquela que acabamos de conhecer, auxilia na compreensão das estratégias publicitárias que a empresa utilizava para manter-se como campeã de mercado e, outra vez, põe-nos diante de artimanhas que a equipe, à ocasião já conduzida por A’Lelia Walker, usava para diferenciar a empresa e suas preparações das concorrentes. Feita sob os moldes de uma história em quadrinhos, através de “Madam C.J. Walker: Uma Mulher Maravilha da Raça”, ficamos conhecendo em mais detalhes a vocação da negociante para o sucesso.

Homenageada como uma “Mulher Maravilha da Raça”, ela tinha a história reconstituída, seis anos após sua morte, através de figuras e pequenos textos que ressaltavam a “habilidade para os negócios”. Ademais, o referido comercial evocava sua capacidade de “dignificar uma profissão”, tal qual a própria fundadora destacou em 1912 na NNBL. Só que dessa vez o comercial-criatura superava os truques orais de sua própria criadora, afirmando que o trabalho da empresária “levantou” não só as mulheres (como ela adorava dizer), mas “todo um povo”.



Figura 212. “Madam C. J. Walker: Uma Mulher Maravilha da Raça”.  
 Fonte: *The Messenger: World’s Greatest Negro Monthly*, ago.1924, v. 6, n. 8, pp. 252-3.

Além de apresentá-la como uma negociante dos cabelos, dona de visão global, rememorada por suas viagens a “Cuba, Panamá” e aos países da West Indies em 1913, a narrativa também filiava-se aos debates sobre feminilidade reconstruída ao grifar a excepcionalidade de Walker enquanto uma mãe dedicada, que, mesmo na condição de “viúva”, que passou por “grandes dificuldades”, não deixou de educar sua *baby girl* da melhor maneira, a ponto de a jovem ter se tornado a “cabeça de [seu] negócio em Pittsburg (sic)”. A essas imagens da empresária de sucesso e da mãe devotada, somava-se a de uma religiosa fervorosa, que tinha na “Bíblia seu principal guia” e de uma intelectual nata que, além de ter realizado diversos “cursos” voltados para o aprimoramento de seus “negócios”, chegou a “ter aulas” com uma “professora tutora” para superar a “carência de sua formação na juventude” e “absorver as obras-primas da literatura” durante a “vida tardia”.

Como não podia deixar de ser, seu “enorme interesse pelo melhoramento da humanidade e da sua Raça”, uma das suas “maiores demandas” enquanto “oradora” e “lutadora”, ficou reservado para o *grand finale* de quadrinhos que fortaleciam na mente e no coração das leitoras a certeza de que Sarah Breedlove era a mais legítima das

representantes do processo de tornar-se uma madame negra. Artesã de sua própria coroa de glórias, vejamos um pouco mais das facetas de nossa “mulher maravilha”.

#### **5.4 Sorte X Cuidado: os diferenciais da publicidade da *Madam C. J. Walker Manufacturing Company***

Conforme a saga de Annie Malone mostrou, Madam Walker não teria sido a primeira descendente de escravos a confeccionar preparações para o cabelo. Todavia, coube a ela o feito de oficializar entre as mulheres de cor a necessidade de manutenção diária das madeixas com base num discurso que articulava higiene pessoal e progresso racial e, além disso, funcionava como uma injeção de auto-estima em mulheres desacreditadas de seus predicados físicos. Assim, se o anúncio a seguir contentava-se em exibir um pequeno *portrait* de nossa estrela ao centro, o que o tornava bastante modesto em relação a outros com grandiosas imagens, que chegavam a ocupar páginas inteiras, sua lição era uma das mais consideráveis:

A história e a experiência humana têm nos ensinado e muitas pessoas acreditam que uma cabeça com cabelos naturalmente longos e bonitos, um couro cabeludo saudável e uma compleição suave vêm da sorte, mas não. Cuidado constante e o uso freqüente de preparações com mérito comprovado são os segredos.<sup>599</sup>

---

<sup>599</sup> “Cuidado constante-Não sorte”, *The New York Amsterdam News*, 20 de dezembro de 1922, p. 3.



**CONSTANT CARE—NOT LUCK**

Human history and experience have taught us that many persons believe that a head of naturally long and beautiful hair, a healthy scalp and a lovely smooth complexion come from luck, but they do not. Constant care and the frequent use of preparations of proven merit are the secrets.

**Use Madam C. J. Walker's**

<b>Vegetable Shampoo</b> Pure, thoroly cleanses hair and scalp.	<b>Glossine</b> To soften dry, curly hair.
---	--

**Wonderful Hair Grower**  
Nourishes and stimulates the growth of stubborn, lifeless hair.

**Tetter Salve**  
For Tetter, Eczema and Itching Scalps.  
Four preparations especially recommended for short, thin and falling hair, tetter and eczema of the scalp. Sent as trial treatment for \$1.50.

**Complexion Soap Superfine Face Powder Cleansing Cream**  
**Witch Hazel Jelly Compact Rouge Vanishing Cream**

World renowned and made to aid you have a lovely, smooth complexion.  
For Sale at Drug Stores, of Agents and by Mail.

*Free Booklet—Write To-day*

**The Madam C. J. Walker Mfg. Co., Inc.**  
640 N. West St., Indianapolis, Ind.

Figura 213. “Cuidado Constante – Não Sorte”. Na fotografia, Madam C. J. Walker.  
**Fonte:** *The New York Amsterdam News*, 20 de dezembro de 1922, p. 3.

Publicado em 1922, portanto três anos depois da morte de Madam Walker, podemos perceber o quanto seu legado permanecia a influenciar os rumos da publicidade da empresa. Embora a raça não fosse mencionada de forma direta na narrativa, a afirmação de que a “história”, ao lado da “experiência humana”, tinham ensinado “muitas pessoas” a acreditar que a pele e o cabelo bonitos vinham da “sorte” dialogava diretamente com as “imagens controladas”<sup>600</sup> impostas, sobretudo, às mulheres afro-americanas, rotineiramente representadas de forma preconceituosa na grande mídia, além de depreciadas em seu cotidiano. Para se contrapor a tal sistema de dominação via estética, a solução seria o “cuidado constante” com vistas ao aperfeiçoamento do corpo, através do uso de preparações adequadas às suas necessidades.

<sup>600</sup> Patricia Hill Collins, *The Black Feminist Thought...*

Até aí, nenhuma novidade, visto que esse era um consenso entre as culturistas *blacks* e até mesmo na cosmética branca, que sempre se valia de um vocabulário do aprimoramento físico, simbolizado por verbos como tratar, cuidar, alimentar, nutrir, limpar, desenvolver, etc. Entretanto, acredito que a peculiaridade da empresária residiu na percepção de que colocar os produtos no mercado era tão essencial quanto inculcar o hábito de seu uso diário. E diante de tal entendimento, sempre que tinha oportunidade, a MCJWMC incluía em seus anúncios preleções sobre o cultivo de fios saudáveis:

Para melhorar a saúde do couro cabeludo, aliviar caspas, eczema, quebra e queda do cabelo use MADAM C. J. WALKER TETTER SAVE. Para engrossar cabelos curtos e retos e estimular os fios que caem e crescem devagar use MADAM C. J. WALKER WONDERFUL HAIR GROWER. Para impactar com brilho e saúde resplendorosa USE MADAM C. J. WALKER'S GLOSSINE. Os melhores resultados reconhecidos mundialmente. As preparações são ministradas após limpeza minuciosa do cabelo e do couro com MADAM C. J. WALKER VEGETABLE SHAMPOO. Experimente essas preparações hoje.<sup>601</sup>

Apesar de julgar seu método um “tratamento de beleza simples”, a empresa sentia necessidade de elevar ao máximo sua didática, reservando espaço dentro da própria propaganda para ministrar às compradoras lições como a que lemos acima. E desse modo, que separava a divulgação do como usar, ficava para o fim aquela que seria a mais importante de todas as etapas: a “limpeza minuciosa do cabelo e do couro”, a ser obrigatoriamente feita com seu *shampoo* de vegetais. Nesse bojo, em meio aos novos tempos, a estratégia que justifica o sucesso de Walker é, enfim, atrelar a viabilidade da limpeza diária da cabeça à sua marca. Em suma, a higiene era sim imprescindível, mas os resultados só seriam eficazes se feita através do uso do *Walker System*.

---

<sup>601</sup> “Aristocratas da Penteadeira”, *The Messenger: World's Greatest Negro Monthly*, mar. 1925, v. 7, n. 3, p. 148.

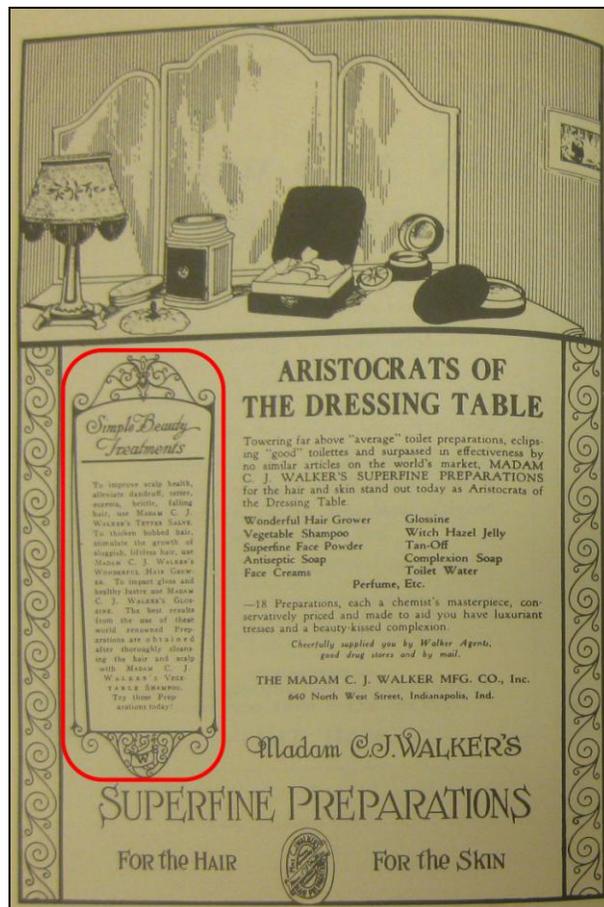


Figura 214. “Aristocratas da Penteadeira”, com destaque para as orientações dos “Tratamentos de Beleza Simples”.

Fonte: *The Messenger: World's Greatest Negro Monthly*, mar. 1925, v. 7, n. 3, p. 148.

A estratégia torna-se mais evidente se compararmos seus anúncios com outros contemporâneos, que também prometiam milagres, contudo não enfatizavam a necessidade do cuidado diário. No catálogo da empresa PHBC, por exemplo, lemos o seguinte: “*Poro Liquid Hair Grower* é um excelente tônico para o cabelo com uma textura que não requer *pressing*. Aplicado duas ou três vezes por semana ele promove exuberante crescimento mantendo e aumentando a beleza do cabelo”.<sup>602</sup>

Como constatamos com a leitura do trecho acima, a propaganda apenas sugere o uso contínuo, entre duas e três vezes por semana sem, todavia, frisar que tal uso era condição *sine qua non* para o sucesso dos fios. Num anúncio da mesma empresa, veiculado

<sup>602</sup> *Poro Hair & Beauty Culture*, p. 19.

pelo jornal *Pittsburgh Courier*, em 1911, a imagem do produto é utilizada como recurso para convencer leitoras da originalidade do *Poro Hair Grower*: o fato de que muitas pessoas em St. Louis e no resto do país acreditam que vale a pena imitar o “PORO” HAIR GROWER é a melhor prova dos méritos de ‘Poro’ ”<sup>603</sup>

**The Original Poro Hair Grower**  
**MRS. POPE-TURNBO. MRS. L. L. ROBERTS.**



4 Years ago my Hair was only a finger-length, and my temples were bald half way up my head. 4 Years ago my Hair just covered my shoulders.

Imitation is the sincerest flattery, and the fact that so many people in St. Louis and throughout the country think it worth while to imitate "PORO" HAIR GROWER is the best proof of the merits of "Poro." We were the first to engage in the business of growing the hair regardless of its condition and the condition of the scalp, and in our work have used the preparation which is known as "Poro." This is made and sold exclusively by myself. I have the exclusive right to that name, and I alone know the secret of the composition that bears that name. From its use in my treatments hundreds have received direct benefit. Our claim has always been that when the hair begins to grow as the result of the use of "Poro" it will continue to do so if only this the hair and scalp be kept clean. Many persons are constantly finding that is true. You cannot afford, by using mere imitations, to risk not attaining the result you desire. Be sure that the name "Poro" is on every box; not genuine without it. If your hair is dry, harsh, brittle and falling out—use "Poro." It stops the falling and starts the hair to growing at once.

**Mrs. A. M. Pope-Turnbo**  
**3100 Pine Street**      **Pittsburg Office**  
**St. Louis, Mo.**      **6288 Franktown, Ave.**  
    **Mrs. W. A. Clay.**

Figura 215. “O Original *Poro Hair Grower*”.  
 Fonte: *The Pittsburgh Courier*, 25 de março de 1911, p. 3.

O destaque do nome do produto através de dois sinais gráficos distintos - aspas e letras garrafais – reforçava sua autenticidade em relação aos concorrentes. Assim, dizia o texto:

Nós fomos os primeiros a nos engajarmos no negócio do crescimento dos cabelos considerando a condição dos fios assim como do couro cabeludo. Nosso trabalho gerou a preparação que ficou conhecida como “Poro”.<sup>604</sup>

<sup>603</sup> “O Original *Poro Hair Grower*”, *The Pittsburgh Courier*, 25 de março de 1911, p. 3.

<sup>604</sup> Idem, *ibidem*.

Nesse sentido, a *Poro* parece ter se preocupado mais em destacar sua primazia frente ao número cada vez maior de Mrs. e Madames, como também sugerem dois outros exemplos - “eu tenho o direito exclusivo deste nome [Poro]” e “por U\$0,50 você pode adquirir quantidade, pureza e qualidade. Tudo isto numa caixa de Poro”<sup>605</sup> - do que em criar uma campanha específica para o uso de sua linha, ainda que seja possível observar nos comerciais uma preocupação tímida com o cuidado permanente: “quando o cabelo começa a crescer como resultado do uso de “Poro” isto só vai continuar se o cabelo e o couro cabeludo forem mantidos limpos. Muitas pessoas estão vendo que isto é realmente verdade”.<sup>606</sup>

Em contraponto, a MCJWMC, com tantas promessas de sucesso garantido e lições detalhadíssimas para utilização dos mais diversos preparados, força-nos a indagar: em que consistiam os miraculosos produtos do *Walker System*? Já sabemos que o tônico de crescimento capilar era o mais famoso de todos os artigos. Entretanto, embora “maravilhoso”, ele não estava só. A lista de manufaturados era bastante diversificada, indicando, ao lado da PHBC e doutras empresas negras como a *Kashmir*, a gênese de algo hoje tão familiar: a linha completa. Nesse contexto de uma cosmética racializada, o kit da MCJWMC contava com produtos carinhosamente pensados para as mulheres da raça conforme indica o quadro abaixo.

---

<sup>605</sup> *The Chicago Defender* (Big Weekend Edition), 26 de maio de 1917, p. 2.

<sup>606</sup> Idem, *ibidem*.

**Quadro 4. Produtos comercializados pela MCJWMC entre os anos 1910 e 1920**

Nome	Produto/Função	Parte do corpo
<i>Wonderful Hair Grower</i>	Tônico de crescimento para cabelos “curtos, finos e [que sofrem] de queda”	Cabelo
<i>Vegetable Shampoo</i>	<i>Shampoo</i> de limpeza profunda do “couro cabeludo”	Couro cabeludo
<i>Glossine</i>	<i>Gloss</i> para “brilho” e “saúde resplendorosa”/ Para cabelos “suaves, macios e sedosos”	Cabelo
<i>Tetter Save</i>	Tônico “para limpar o couro cabeludo” e combater “eczemas e caspa”.	Cabelo
<i>Temple Grower</i>	Tônico de crescimento	Cabelo
<i>Superfine Face Powder</i>	Pó de arroz para maquiar a pele	Rosto
<i>Face Creams</i>	Crems de tratamento para “limpar, suavizar e amaciar a pele”	Rosto
<i>Tan-Off-Complexion Soap</i>	Sabonete “desbronzeador” da pele para “sardas, espinhas, bronzes, etc.”	Rosto, pescoço, braços e pernas
<i>Face Powder e Rouge</i>	Pó e <i>rouge</i> faciais para “uma compleição mais jovem”	“
<i>Clinging Invisible Face Powder</i>	Pó facial invisível	“
<i>Witch Hazel Jelly</i>	Geléia de hamamélis	?
<i>Antiseptic Soap</i>	Sabonete	Pés e axilas
<i>Talc</i>	Talco anti-odor	“
<i>Toilet Water</i>	Água de cheiro	-
<i>Perfume</i>	Perfume	-

**Fonte:** Quadro elaborado com base nas seguintes propagandas: “Aristocratas da Penteadeira”, *The Messenger: World’s Greatest Negro Monthly*, fev.1925, v. 7, n. 2, p. 116; “Homens preferem a beleza”, *The Messenger: World’s Greatest Negro Monthly*, mai. 1925, v. 7, n. 5, p. 212; “Glorificando Nossa Feminilidade”, *The Messenger: World’s Greatest Negro Monthly*, jun. 1925, v. 7, n. 6, p. 244.

Embora a publicidade refira-se a “dezoito artigos mundialmente renomados”<sup>607</sup>, consegui levantar apenas dezesseis, que dividimos em quatro grupos: cabelo, rosto, higiene

<sup>607</sup> “Glorificando Nossa Feminilidade”, *The Messenger: World’s Greatest Negro Monthly*, jun. 1925, v. 7, n. 6, p. 244.

pessoal e toalete. Desse modo, ao que tudo indica, a exclusividade dos artigos para o cabelo era uma marca dos tempos de Madam Walker, que, inclusive, conforme vimos no capítulo passado, recusava-se a vender clareadores de pele. Mesmo assim, ainda que a gestão dos negócios por A'Lelia Walker tenha sido marcada pela entrada de diversos itens para compleição e toalete femininas, a companhia continuava investindo seriamente nos tratamentos capilares, um carro chefe, que merece ser discutido com maior profundidade.

### **5.5 “Como fios de algodão”: narrativas polissêmicas de crescimento e alisamento**

Desde o começo de sua carreira como culturista, Sarah Breedlove preocupava-se em afirmar que seus produtos visavam a cura de problemas do couro cabeludo em detrimento do alisamento dos fios:

Preparações para o Cabelo da Madam C. J. Walker – Cresce mais que seus gastos  
O ápice do gênio de Mme. C. J. Walker é o seu maravilhoso Crescedor de Cabelos, ele próprio uma maravilhosa preparação contra caspa e queda de cabelo. Na verdade, revigora cabelos secos e sem vida, estimula a circulação e, desse modo, provoca um novo crescimento.<sup>608</sup>

---

<sup>608</sup> “Preparações para o cabelo da Madam C. J. Walker”, *The Messenger: the only radical negro magazine in America*, jul.1919, v. 2, n. 7, s/p.

**Mme C. J. Walker's**  
PREPARATIONS  
for the HAIR

The culmination of the genius of Mme C. J. Walker is her wonderful creation for dandruff and falling hair. In fact, it invigorates dry and lifeless hair, stimulates circulation, thereby causing a new growth.

**Mme C. J. Walker's Preparations**

For a Beautiful Complexion Use Mme C. J. Walker's Cleansing Cream at Night and then Vanishing Cream in the Morning. Follow by Superior Face Powder (Brown, Rose, Flesh, White). The last that gives the most delicate skin and stays on all day. Mme Walker recommends her Witch Hazel Jelly for all cases of dandruff.

HERE is nothing so imaginary about the World-Wide Fame of Mme. C. J. Walker's Ultra-Quality Preparations. None genuine without Mme. C. J. Walker's seal and signature.

Madam C. J. Walker has made 35,000 Ambitious Young Women Independent

For Special Offer Write Today, Address Dept. A-11

**Mme. C. J. Walker M'fg Co., Inc.**  
Main Office, 640 N. West Street, Indianapolis, Ind.

You do not have to experiment when you use Madam C. J. Walker's Preparations.

Figura 216. "Preparações para o cabelo da Madam C. J. Walker".

Fonte: *The Messenger: the only radical negro magazine in America*, jul.1919, v. 2, n. 7, s/p.

Entretanto, as narrativas de alisamento e crescimento eram marcadas por fronteiras um tanto quanto imprecisas, conforme indica a imagem abaixo.



Figura 217. “A mais antiga fotografia de Madam C. J. Walker que se tem conhecimento, provavelmente tirada nos anos 1890”. As imagens da esquerda e da direita contrastam com a do centro, que mostra a lavadeira antes da criação do seu *Wonderful Hair Grower*.

**Fonte:** A’Lelia Bundles/Walker Family Collection. Legenda (parcialmente) e fotografia reproduzidas de A’Lelia Bundles, *On Her Own Ground...*, s/p.

Tal qual vimos acima com Annie Malone, a estratégia do “antes e depois” também foi utilizada por Walker, contrariando a máxima de que santo de casa não faz milagre. Com data e origem desconhecidas, as três imagens que compõem o quadro serão usadas como prova da transformação radical pela qual podiam passar as madeixas das mulheres negras que estivessem dispostas a lançar-se nessa cruzada. E sentindo no próprio couro as transformações, Madam Walker deixava um recado certo para um público composto, em grande medida, por mulheres negras egressas do Sul dos EUA: “Vocês percebem que para fazer o cabelo crescer é necessário cuidar do couro cabeludo da mesma forma que cuidamos das sementes que plantamos nos jardins?” Ou, de forma mais direta: “fazer o cabelo crescer é como fazer o algodão crescer”.



Figura 218. Culturista tratando o cabelo de uma cliente. O quadro ao centro certifica a profissional como uma *beauty culturist* da Madam C. J. Walker.

**Fonte:** A'Lelia Bundles/Walker Family Collection, Alexandria, Virginia, s/d. Reproduzido em Ayana D. Byrd; Lory L. Tharps, *Hair Story: Untangling the Roots ...*, p. 80.

Ao tentar desevidar possíveis conexões entre os mundos escravo e livre num cenário de pós-emancipação, essa fala de Walker conduz a uma interpretação que, mais uma vez, dimensiona as particularidades da cosmetologia negra. Nessa direção, acredito que o fato não só dela, mas da maior parte das profissionais do cabelo preferirem se apresentar como *culturists*, em vez de cabeleireiras, indica um tipo de mediação didática baseada numa memória do cativo, segundo a qual escravas garantiam o “cuidado permanente” das plantações e, não poucas vezes, embelezavam-se em companhia de suas senhoras.<sup>609</sup> Ao insistir nas especificidades dessa cosmética, o uso de um vocabulário próprio, associado à idéia de cultivo, pode ainda ser visto como percepção diferenciada das

---

<sup>609</sup> Ao estudar as relações entre escravas e sinhas e suas diferentes percepções de gênero no Sul dos EUA antes da Guerra Civil, Elizabeth Fox-Genovese observa que, se a escrava fosse uma das favoritas, ela poderia ser enviada a lugares como Nova Orleans para receber treinamento profissional de cabeleireira e de bordadeira, dedicando-se dali por diante, quase que exclusivamente, a pentear o cabelo e cuidar das roupas de sua senhora. Elizabeth Fox-Genovese, *Within the plantation household: Black and White women of the Old South*, Chapel Hill and London, University of North Carolina Press, 1988, p. 163.

mulheres de cor em relação às suas demandas num mercado da beleza que de universal, sabiam elas, não tinha nada.

A idéia do cabelo como algo a ser cuidado, um bem que requer a lida diária é muito bem sintetizado nas famosas palestras proferidas pela filantropista quando de suas viagens pelo país para demonstração do seu sistema e recrutamento de agentes, mulheres de cor que vivenciavam um processo de disciplinarização dos corpos, exigido pelo cenário urbano-industrial que se alastrava pelo país, conforme visto no capítulo 1. Como já se sabe, em tais espaços, Madam Walker potencializava ainda mais sua comparação entre o tratamento dos cabelos e o cultivo do algodão, sendo sempre categórica ao afirmar que era especialista em fazer cabelos crescer.



Figura 219. “Madam Walker no volante di seu *Ford T* em frente à sua casa em Indianapolis em 1912, com a sobrinha Anjetta Breedlove, a bibliotecária Lucy Flint e a *lady* ribalta da fábrica Alice Kelly”.

**Fonte:** A’Lelia Bundles/Walker Family Collection. Reproduzido de A’Lelia Bundles, *On her own ground...*, s/p.

Apesar disso não ser consensual, o negócio do “crescimento dos cabelos”, como Malone gostava de chamar seu empreendimento, tinha a ver com esticar os fios, daí sua propaganda, por exemplo, ressaltar: “há quatro anos meu cabelo media um dedo e minhas têmporas estavam a meio passo da calvície. Quatro anos depois, meu cabelo cobre

meus ombros”.<sup>610</sup> Em termos técnicos, pode-se dizer que os cachos eram desfeitos (alisados), o que tornava seu comprimento maior. Afinal, para “possuir o mais sadio e refinado cabelo”, como prometia Madam Walker, era “preciso forçar os cabelos curtos ao crescimento” usando “amigos comprovados” como o *Glossine* com seu “brilho rico e saudável”, o *Tetter Save* que combatia as “coceiras no couro cabeludo” e, não menos importante, o *Wonderful Hair Grower*, que lutava contra a “inércia do cabelo” e contra o “couro cabeludo estéril e doente”.

**SOCIAL ENEMIES**  
Tetter, Eczema, Itching Scalp, Falling Hair, and Baldness—a worthy array of social enemies. With them no maid or matron may climb the social ladder beyond the lowly rung. Without them? Ah! Joy, contentment. Progress without restraint.

**PROVEN FRIENDS**  
With proven friends like Madam C. J. Walker's Wonderful Hair Preparations there is no need to be restrained from reaching great social heights and being envied for the fine healthy hair you possess. Try them and learn the secret of social success and personal contentment.

**Wonderful Hair Grower**  
For sick, lifeless hair, diseased and infertile scalps.

**Tetter Salve**  
Fine for tetter, eczema, itching scalp, falling hair and baldness.

**Temple Grower**  
To force short, unsightly hairs on the temples, neck and forehead to respond to growth.

**Glossine**  
Oils and softens dry, brittle hair and produces a rich, healthy lustre.

**Vegetable Shampoo**  
A strictly vegetable product. Mild and effective for thoroughly cleansing the hair and scalp.

World Renowned      Ample trial treatment of these preparations sent anywhere for \$1.50—Write today.      Supreme in Reputation

**The Madam C. J. Walker Mfg. Co.**  
640 N. West Street      Indianapolis, Ind.

Figura 220. “Inimigos Sociais-Amigos Comprovados”.

Fonte: *The Messenger: World's Greatest Negro Monthly – Negro Business Achievement Number*, nov. 1923, v. 5, n. 11, p. 914.

## 5.6 “Você também pode ser uma beleza fascinante”: as distinções entre beleza e boa aparência

Ao focar a narrativa cosmética na boa aparência, Madam Walker fazia crer que, de fato, a beleza não estava ao alcance de todas. Já a boa aparência, esta sim, pois dependia

<sup>610</sup> “O Original *Poro Hair Grower*”, *The Pittsburgh Courier*, 25 de março de 1911, p. 3.

do investimento de cada mulher de cor em algo básico: a higiene. A especialista batia na tecla de uma espécie de consciência capilar que exigia o cuidado diário, contudo, durante um bom tempo, a beleza enquanto tema ou mesmo simples léxico esteve ausente do seu discurso. O ponto nevrálgico das narrativas era a aparência melhorada e responsável, mote para a venda da maior parte dos artigos da companhia.

Pensar possíveis distinções entre beleza e boa aparência parece um caminho fértil para entender a formação de uma cultura da beleza negra, que sugeria um lugar específico para a mulher de cor. Distante do reconhecimento de uma beleza *natural*, essas mulheres buscavam ter sua aparência respeitada através de práticas de higiene e de reconstituição física. Nesse sentido, é curioso observar algo que identifico como uma importante virada na concepção publicitária da MCJWMC. A morte da empresária em 1919 significou a chegada da palavra beleza ao dicionário da empresa. Isso se deve, possivelmente, à emergência de A'Lelia Walker, a “jóia do Harlem”, como Alain Locke gostava de dizer, à condição de sucessora da mãe. Não por acaso, sua gestão foi marcada por anúncios como o *You, too, may be a fascinating beauty*, no qual uma jovem sentada à sua penteadeira, tinha o prazer de informar às leitoras uma excelente novidade: “você também pode ser uma beleza fascinante”.



*You, too,  
may be a  
fascinating beauty*

PERHAPS YOU ENVY the girl with irresistible beauty, whose skin is flawless and velvety, whose hair has a beautiful silky sheen, the girl who receives glances of undoubted admiration.

You need not envy her. Create new beauty for yourself by using Madam C. J. Walker's famous beauty preparations.

When Madam Walker and her associates started to develop her beauty preparations, which are now used all over the world, they perfected their toilettries step by step.

Each preparation was beyond the point of experiment before it was followed by another. Each preparation's wide use and high merit were always *proved*. Today they are unsurpassed.

Try these products and you won't have reason to envy another girl her lovely hair and her charming complexion.

*You can obtain any of these marvelous preparations at your nearest druggist or from a Madam C. J. Walker agent (there's one near you) or write the company direct at Indianapolis.*



COMPLEXION AND TOILET SOAP—A preservative of beauty—mild and safe for the most tender skin. Perfumed delightfully. 20 cents per large bar.



VEGETABLE OIL—ANTISEPTIC SOAP—A popular-priced household soap of purest vegetable oils. Lathers well in hardest water, removes grease and dirt, yet will not harm a baby's skin. A bargain at 10 cents a bar.



SUPERFINE FACE POWDER (Brown)—Clinging, velvety smooth, invisible and attractively perfumed. Imparts an olive tint to fair complexions and harmonizes healthily with darker skins. Obtainable in rose-leash and white. 25 cents per sealed box.



GESSINE—Oils and softens dry, brittle hair. Imparts a rich, healthy luster. Indispensable for bobbed hair and unsurpassed in the opinion of social leaders and well-groomed gentlemen. 35 cents per long-lasting box.

*Madam*  
**C. J. WALKER'S**  
*Beauty Preparations*

THESE ARE BUT FOUR OF EIGHTEEN MADAM C. J. WALKER BEAUTY PREPARATIONS—AS FINE AS MONEY CAN BUY

Figura 221. “Você também pode ser uma beleza fascinante”, anos 1930.

Fonte: Propaganda disponível em: <http://www.nps.gov/nr/twhp/wwwlps/lessons/walker/WAfacts4.htm>

Acesso: 28/12/2011.

Durante as décadas de 1910 e 1930, a empresa bombardeou as clientes com a ideia de que era possível “criar uma nova beleza para si própria usando *Madam Walker's Beauty Preparations*”. Ao apresentar-lhes a possibilidade - historicamente negada - de serem consideradas bonitas, os anúncios faziam crer que o sonho de melhoramento da aparência estava próximo, graças aos produtos do “Sistema Walker” e à “psicologia do

*looking good*”<sup>611</sup> de sua publicidade. Assim, ao experimentar o “sabonete de compleição e toalete”, o “sabonete antisséptico de óleo vegetal”, a “pomada facial *Sepherine*” e o “*Glossine* para o cabelo”, não seria mais necessário “invejar outra garota”, menos ainda “seus charmosos cabelo e compleição”. Tal qual a escravidão africana, inveja era coisa do passado. O espelho da penteadeira refletia, enfim, um futuro de reconhecimento para mulheres de cor, elevadas ao posto de “aristocratas da penteadeira”.



Figura 222. Turma de graduadas do *St. Louis Walker Beauty* em 1939.

**Fonte:** A'Lelia Bundles/Walker Family Collection e Indiana Historical Society. Fotografia reproduzida em: A'Lelia Bundles, *On Her Own Ground...*, s/p.

---

<sup>611</sup> Ayana D. Byrd; Lory L. Tharps, *Hair Story: Untangling the Roots ...*, pp. 76-7.



## Tranças transnacionais: beleza, cosmética e masculinidade na imprensa negra pós-emancipação do Brasil e dos EUA

Ao focar a narrativa cosmética na boa aparência, Madam Walker fazia crer que, de fato, a beleza não estava ao alcance de todas. Já a boa aparência, esta sim, pois dependia do investimento de cada mulher de cor em algo básico: a higiene. A especialista batia na tecla de uma espécie de consciência capilar que exigia o cuidado diário, contudo, durante um bom tempo, a beleza enquanto tema ou mesmo simples léxico esteve ausente do seu discurso. O ponto nevrálgico das narrativas era a aparência melhorada e responsável, mote para a venda da maior parte dos artigos da companhia.

Em 26 de julho de 1931, *O Clarim d'Alvorada* ressaltava a importância de se criar uma “Sociedade Cooperadora para o Levantamento da Raça”.<sup>612</sup> Os “irmãos patrícios”<sup>613</sup>, que acompanhavam o jornal desde os idos de 1924, quando de seu surgimento na “bella capital”<sup>614</sup>, sabiam ser este intento bastante antigo na mente e na pena de José Correia Leite. Fundador e redator-chefe da publicação, Leite, como era conhecido, havia se afirmado como um dos mais importantes militantes do meio negro de São Paulo, devido a textos e preleções sobre a necessidade da “mocidade negra” unir-se em busca dos seus direitos. A falta de uma “completa união” no “nosso meio”<sup>615</sup>, escrevia ele, era o principal motivo para que os negros vivessem “sem lar”<sup>616</sup> e isto só seria resolvido com a criação de

---

<sup>612</sup> Leite (?), “Devemos fazer a nossa Sociedade Cooperadora para o Levantamento da Raça”, *O Clarim d'Alvorada: legítimo órgão da mocidade negra*, São Paulo, 26 de julho de 1931, ano 8, n. 34, p. 1.

<sup>613</sup> Leite, “Vivemos sem lar”, *O Clarim d'Alvorada: órgão literário, noticioso e humorístico*, São Paulo, 25 de janeiro de 1925, ano 2, n. 12, p. 2.

<sup>614</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>615</sup> Tuca, “João Theodoro-Desmemoriado”, *O Clarim d'Alvorada: órgão literário, noticioso e humorístico*, São Paulo, 26 de julho de 1925, ano 2, n. 13, pp. 3-4.

<sup>616</sup> Leite, “Vivemos sem lar”, p. 2.

uma “sociedade beneficente”<sup>617</sup> que zelasse pelos “interesses sociais” e pelas “tradições” da “legião de homens pretos”.<sup>618</sup>

A sobreposição do masculino ao feminino foi uma marca, tanto do periodismo negro brasileiro, com suas iniciativas voltadas para a “classe dos homens de cor” quanto daquele norte-americano. Conduzidos por líderes como W. E. B. Du Bois, James Weldson, Philip Randolph, Charles Owen nos EUA e José Correia Leite, Jayme de Aguiar, Lino Guedes, Deocleciano Nascimento, Gervásio de Moraes no Brasil, jornais e revistas negros ficaram conhecidos como um universo notoriamente masculino. Entretanto, a idéia de que o melhor rumo a ser tomado pela raça negra estava na mão dos homens não era algo inquestionável.

Nos EUA, como vimos no capítulo 3, desde, ao menos o final do século XIX, diversas afro-americanas destacaram-se como intelectuais de prestígio no seio das elites de cor letradas. Já no Brasil, Eunice Paula da Cunha convocava as “patricias” a lutar pela “reabilitação social”, movendo-se e sacudindo-se contra o “cativeiro moral”, que “ainda” dominava os “negros”.<sup>619</sup> Na mesma direção, nos anos 1950, Maria do Nascimento procurava caminhos para “libertar a gente negra” da “ignorância” e do “analfabetismo”, “as piores formas de escravidão”.<sup>620</sup> Ao reivindicarem para si a missão de conduzir as massas de cor por meio de projetos que articulavam assistencialismo, educação e ascensão social no mundo livre, figuras como Mary Church Terrell, Nannie Burroughs, Eunice Cunha e Maria do Nascimento interrogavam, ainda que sutilmente, relações de poder que as rotulavam como representantes do sexo frágil. Sem negar a força, a virilidade e a coragem, supostamente inerentes aos homens negros, elas tentavam mostrar que, para alcançar um

---

<sup>617</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>618</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>619</sup> Nice, “Apelo às Mulheres Negras”, *O Clarim (Um Órgão da Imprensa Negra de SP)*, abril de 1935.

<sup>620</sup> Maria de Lourdes Vale do Nascimento, “A ‘Fundação Leão XIII’ e as favelas”, *Coluna Fala a Mulher, Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*, jan. 1950, n. 5, p. 11.

destino afortunado, os membros da raça deveriam considerar as vozes e os projetos femininos para o amanhã.

Nesse contexto, permeado por tensões, a publicidade da indústria cosmética representa um espaço privilegiado para observar as formas pelas quais os papéis de gênero foram construídos e conduzidos pela “raça”. Embora muito provavelmente, em grande medida, tenham sido redigidas por homens, as narrativas de centenas de propagandas, que conhecemos nos capítulos 4 e 5, quase sempre traziam (explícita ou implicitamente), as mulheres negras como protagonistas. É claro que isso tinha a ver com o papel que tais personagens desempenhavam como consumidoras por excelência numa cultura “moderna”, que investia esforços na construção de novas mulheres, que, sem abrir mão da antiga condição de mães e esposas, deveriam agora aprender a se comportar no mundo público, seja como trabalhadoras, simples transeuntes de ruas e avenidas ou frequentadoras de sofisticados cafés.

Em meio a tantas hipóteses e panos de fundo, durante toda a investigação e escrita da tese, uma pergunta fazia-se presente: seria possível reconstituir as agências femininas através de discursos e representações produzidos majoritariamente por homens? Como? Embora os caminhos sejam variados e ambíguos, ao final do trabalho, asseguro que a resposta é sim. O mínimo que se pode dizer é que os anúncios da cosmética, com seus discursos e imagens, significam, em seu conjunto, uma forma de reconhecer a centralidade que o feminino desempenhou no processo de produção de outros sentidos de representação para a comunidade negra, condizentes com o mundo urbano, desbravado por milhões de migrantes de cor nas primeiras décadas do século XX, conforme mostrado no capítulo 1.

Diante de tudo que foi discutido, ao ter como foco a indústria cosmética e seus referenciais de beleza, acredito não haver metáfora melhor do que a da trança para compreender as conexões entre os dois países, dentro daquilo que entendo como uma História Social da Beleza Negra, ou seja, um campo de estudos comprometido em resgatar os sentidos culturais, políticos e sociais que o físico assume, tendo a raça negra e seus processos de racialização próprios como foco em diferentes territórios pós-emancipação. Sendo o Atlântico o couro cabeludo, Brasil e EUA representam duas pontas de um trançado que passou por várias mãos e sofreu inúmeras intervenções até que se tornasse um penteado

vistoso e harmônico. Assim, se as aristocratas da penteadeira afro-americanas tinham suas receitas para se tornarem belas e respeitadas, as mulheres da raça da paulicéia não deixavam por menos. Quando o assunto era o cabelo e a pele, o meio negro também tinha seus segredinhos infalíveis rumo ao sucesso.

Por exemplo, caso quisessem “alisar o cabelo com perfeição” e “por preços módicos”, bastava se dirigir à rua Conde São Joaquim, 45 e procurar pela “Sra. B. P. Costa”. Todavia “Didicta”<sup>621</sup>, como também era chamada, não fora pioneira nos “negócios do cabelo”.<sup>622</sup> Desde os anos 1920, se as clientes desejassem “cabellos lisos sem queimar, sem enfraquecer, sem mudar de cor”, deveriam sentar-se numa das cadeiras do prestigioso Instituto Dulce. Lá, pagando 3\$000, teriam acesso a um “serviço completamente diferente dos que diariamente se vêem pela rua”. Voltado apenas para as “senhoras”, o estabelecimento era conhecido pela realização de “cortes, ondulações e aperfeiçoamento das sobrancelhas”.<sup>623</sup> Já o Salão Brasil, de posse do Sr. Manoel Simões, fazia questão de deixar registrado mais um aniversário, que reafirmava seu sucesso entre as mulheres da classe de cor.<sup>624</sup>

Embora o Instituto Dulce oferecesse tratamentos para “ondulações”, certos tipos de carapinhas deveriam incomodar as freguesas que batiam às portas do “Salão para Alisar cabelos Crespos” à procura de mudanças radicais. Dono de um “sistema rápido, infalível e barato”, a casa prometia “alisar qualquer cabelo, “por mais crespo” que fosse, “sem prejudicá-lo”. Com filiais na Praça da Sé, em São Paulo, e na Avenida Passos, no Rio de Janeiro, as interessadas deveriam ligar e agendar um horário para realizar o tratamento que levava nada mais que “1/2 hora”. Tanta dedicação em busca de madeixas lisas era

---

<sup>621</sup> “Cabellos Lisos”, *O Clarim d’Alvorada: legítimo órgão da mocidade negra*, São Paulo, 26 de julho de 1931, ano 8, n. 34, p. 2.

<sup>622</sup> Ayana D. Byrd; Lory L. Tharps, *Hair Story: Untangling the Roots ...*

<sup>623</sup> “Cabellos Lisos a 3\$000”, *Progresso*, 30 de novembro de 1920, anno 3, n. 30, p. 4.

<sup>624</sup> “Salão Brasil”, *Progresso*, 30 de janeiro de 1930, anno 2, n. 20, p. 4.

recompensada com a distribuição gratuita do “cabelisador”, um tipo de pente quente usado para esticar o cabelo.<sup>625</sup>

Já nos EUA nem só Madam Walker e Annie Malone sabiam da importância de um cabelo apresentável. Lá, um dedicado pai, que conhecia bastante as técnicas dessas e doutras culturistas, aconselhava uma ente querida:

Você encontrará curiosos um pouco chatos. As pessoas te questionarão sobre o seu querido e doce cabelo *brown crinkley*. Você deve saber que *brown* é tão ou mais bonito que o branco e da mesma forma o cabelo *crinkley* em relação ao liso, ainda que o primeiro [o *crinkley*] seja mais difícil de pentear.<sup>626</sup>

Ao orientar a filha, às vésperas de se tornar uma estudante da Universidade de Oxford, W. E. B. Du Bois reforçava a emergência do cabelo como sujeito “doce” e “querido”, um símbolo fundamental dentro daquilo que as próprias afro-americanas denominavam “feminilidade negra”. Nesse sentido, não há como passar despercebido que uma das lideranças masculinas *colored* de maior prestígio à época tenha eleito o cabelo feminino como principal tópico de uma conversa que visava preparar sua descendente para a vida no mundo branco.

Como um homem da raça, era sua tarefa alinhar o espírito de Yolande para os “chatos” de plantão, como ele, por experiência própria sabia, seus futuros colegas brancos na universidade. Assim, através de uma representação visual colorista, o fio escolhido pelo historiador e sociólogo para abordar o racismo contra o negro foi o da “curiosidade”, do estranhamento despertado pelo cabelo *crinkley* da filha, um traço que, ao seu ver, a rotulava como uma mulher afro-americana, a despeito da pele clara. Assim, sua narrativa retoma uma questão que representa a espinha dorsal do trabalho: as práticas coloristas entre afro-americanos com base no cabelo e na pele. A lógica colocêntrica da narrativa é ilustrada pela

---

<sup>625</sup> “Salão para Alisar Cabellos Crespos”, *O Clarim d’Alvorada: legítimo órgão da mocidade negra*, São Paulo, anno 6, n. 23, p. 2.

<sup>626</sup> Optei por não traduzir as palavras *crinkley* e *brown* uma vez que elas têm significados restritos à Língua Inglesa. A tradução literal de *crinkley* para o Português é enrugado. Esta – *crinkley*, palavra atualmente em desuso foi uma das formas utilizadas para nomear o cabelo crespo nos EUA, o cabelo que “precisava” ser alisado; algo correlato aos nossos “pixaim” e “carapinha”. Assim como no Brasil, dependendo do contexto em que *crinkley* era empregado, seu uso poderia ser considerado preconceituoso ou valorativo da “raça negra”. Já *brown*, é uma classificação racial baseada na cor da pele. Embora os contextos históricos sejam distintos, *brown* é correlato ao “moreno” brasileiro.

categoria racial usada na descrição da filha: *brown*. Embora notoriamente *Negro*, na condição de alguém de pele clara, Yolande possuía um cabelo *crinkley* tão belo quanto o “liso” e uma cútis “bonita como” a branca, o que a tornava uma jovem respeitável, da mesma forma que as caucasianas. Todavia, Du Bois não foi o único homem da raça que dedicou atenção à aparência das mulheres de cor.

Em meio a conturbados debates masculinos sobre o melhor estilo para o cabelo feminino emerge um segundo personagem: Franklin Frazier. Empenhado em desconstruir o que ele, ferozmente denunciava como o “mito da classe média negra”<sup>627</sup>, o coordenador do Departamento de Sociologia da Universidade de Howard criticava Madam C. J. Walker por ensinar aos negros como “alisar” seus cabelos.<sup>628</sup> Ao denunciar o “notável consumo”<sup>629</sup> dessa classe média, o sociólogo considerava os anúncios da empresária, a quem chamava em tom sarcástico de “uma das primeiras emergentes negras”, da mesma forma que os demais comerciais que circulavam na imprensa negra, “como formas de rejeitar a identificação com a raça negra”.<sup>630</sup>

Os debates promovidos por esses homens sobre as articulações entre “estilizações negras”<sup>631</sup> e orgulho racial, tendo o feminino como foco, descortinam intersecções de gênero e raça que determinam o corpo da mulher negra como um “terreno apropriado pelo masculino”.<sup>632</sup> Ao pensar suas intervenções como parte do papel de homens da raça que supunham saber o que era melhor para “suas” mulheres observa-se a necessidade de novas pesquisas empenhadas em examinar as hierarquias entre masculino e

---

<sup>627</sup> Ver nota 197.

<sup>628</sup> Frazier, *Black Bourgeoisie...*, p. 190.

<sup>629</sup> Esta expressão – “conspicuous consumption” – aparece diversas vezes no referido estudo. Seria, sobretudo, este “notável consumo” o responsável por alimentar o mito da classe média negra. *Idem*, pp. 82, 94, 129, ss.

<sup>630</sup> *Idem*, p. 190.

<sup>631</sup> Shirley Tate, *Black Beauty...*

<sup>632</sup> Noliwe Rooks, *Hair Raising: Beauty, Culture and African American Women*, New Brunswick, New Jersey, Rutgers University Press, 1996, p. 15.

feminino dentro do mundo negro.<sup>633</sup> Nessa lógica, questionar o uso “decorativo”<sup>634</sup> das palavras “gênero” e “sexualidade” para adjetivar as mulheres (não apenas negras) e suas histórias pode ser um caminho relevante para desnaturalizar o homem da raça e seu trabalho intelectual como aqueles mais relevantes.

Creio que por mais que os anúncios da indústria cosmética brasileira e norte-americana tragam imagens construídas ou, no mínimo, selecionadas ou editadas pelo masculino, eles também podem ser entendidos como produtos de identidades edificadas por mulheres acerca de suas vidas, corpos e percepções e sobre o que acreditavam ser a melhor representação visual para a vida no mundo livre. Desse modo, tal documentação serve para investigar conflitos de gêneros, dentro dos quais distintos projetos de construção imagética chocavam-se ou convergiam entre si.

Assim como nos EUA, no Brasil, a idéia de que o melhoramento da raça negra podia ser feito via tratamentos de beleza que primavam pelo clareamento da pele fazia-se presente na cabeça dos jornalistas de cor. Ainda que poucas, se comparadas à estrondosa quantidade norte-americana, as propagandas da imprensa negra paulista pós-emancipação comprovam a existência de uma cosmética racializada, na qual arrumar o cabelo ganhava mais força, se feito em conjunto com técnicas miraculosas, dirigidas ao aperfeiçoamento da compleição:

Atenção Milagre!... Outra descoberta deste século é o creme líquido MILAGRE dispensa o uso de pó de arroz... FÓRMULA CIENTÍFICA ALEMÃ PARA TRATAMENTO DA PELE. Usando uma vez usa sempre. Para combater as sardas, panos, espinhas e rugas. Clareia e amacia a cútis.<sup>635</sup> (Grifos do original)

---

<sup>633</sup> Contribuição indispensável nessa direção é o já citado estudo de Hazel Carby. Interessada em investigar o cânone masculino na história do pensamento afro-americano, a autora observa a construção da masculinidade negra entre meados do século XIX e final do XX, tomando como foco o processo de racialização do corpo do homem negro e problematizando a “natureza da representação cultural das várias masculinidades negras” em áreas como literatura, fotografia e música. Dentro de sua perspectiva feminista crítica, examinar personagens como Du Bois, Richard Wright, Martin Delany e outros na condição de “homens da raça” também se refere à necessidade de questionar a masculinidade afro-americana e suas conexões com raça e nação. Hazel Carby, *Race Men...*, p. 2.

<sup>634</sup> *Idem*, p. 5.

<sup>635</sup> “Atenção Milagre!...”, *O Clarim d’Alvorada: legítimo órgão da mocidade negra*, São Paulo, 26 de julho de 1931, ano 8, n. 34, p. 2.

Com vocabulário similar ao que conhecemos no capítulo 4, as ofertas para obtenção de uma aparência melhorada eram apresentadas como tratamentos “científicos”. Ao lançar mão dos vocábulos “clarear” e “amaciar”, as orientações para correção de problemas dermatológicas como sardas e espinhas traziam embutidas a promessa de que assim como num “milagre” era possível alterar a constituição física dos sujeitos retintos, tornando-os donas de uma “cútis” mais alva e macia, assegurada por legítimos brancos, produtores de uma “fórmula científica alemã”.

Ao considerar essas e outras propagandas e possíveis comparações focalizadas nas representações das mulheres negras, a noção de “beleza cívica”<sup>636</sup>, reivindicada por uma indústria cosmética que, através de um discurso racializado, tentava aliar boa aparência e bom comportamento à conquista de uma cidadania plena, a segunda pergunta, desdobramento da primeira, coloca-se da seguinte forma: é possível pensar um mercado da beleza negra com fronteiras transnacionais entre Brasil e EUA? Tal indagação revela aspecto crucial à construção do trabalho.

Por mais que eu tenha me centrado na história afro-americana, o Brasil, propositalmente evitado no decorrer do texto, esteve presente o tempo inteiro, seja para divergir ou convergir em termos dos padrões de relações raciais estabelecidos entre os negros findada a escravidão, conforme vimos no capítulo 2, com a história da formação de uma “aristocracia de cor”. E é nesse ponto que, por meio de uma terceira indagação, pretendo também me deter. É possível construir uma análise transnacional que, tomando a “mulatice” como foco, esclareça mutuamente as realidades brasileira e norte-americana no tocante ao gênero, à raça e à cosmética no pós-emancipação?

Em diálogo com aquilo que Brent Edwards denominou “quadro da negritude”<sup>637</sup>, debates importantes têm apresentado a “virada transnacional”<sup>638</sup> como uma alternativa, contraponto a um tipo de história comparada, baseado numa dinâmica

---

<sup>636</sup> Tiffany Gill, “Civic Beauty...”

<sup>637</sup> Brent Hayes Edwards, *The Practice of Diaspora: Literature, Translation, and the Rise of Black Nationalism*, Cambridge, Massachusetts and London, Harvard University Press, 2003.

<sup>638</sup> Sobre a “virada transnacional” ver: Micol Seigel, “Beyond Compare...”

descritiva do aqui *versus* o lá.<sup>639</sup> Sem dúvida, uma abordagem transnacional tem o seu quê de comparação uma vez que ela pressupõe o cruzamento de personagens e eventos provenientes de espaços distintos. Entretanto, acredito que a diferença entre uma perspectiva meramente comparativa e uma transnacional reside em dois aspectos cruciais: a ênfase em experiências compartilhadas ao redor de um mesmo tema e a recusa em aceitar os limites teóricos e geográficos do Estado-Nação como a única territorialidade possível na investigação histórica.

Ao ter em vista as distinções acima, em termos de expectativas analíticas, existem ao menos duas maneiras de se trabalhar uma história transnacional. A primeira delas, aqui evocada pela apresentação das propagandas cosméticas brasileiras e norte-americanas, diz respeito a um cruzamento das duas realidades a partir de temas em comum pelos quais o pesquisador acredite que seja possível estabelecer conexões mais baseadas nas experiências dos sujeitos do que nos limites territoriais de cada país. Cabe ressaltar que, neste caso, o diálogo entre os sujeitos é empreendido pelas mãos do historiador.

Considero que um bom exemplo desse tipo de transnacionalismo esteja nas possíveis correlações entre os “homens da raça” afro-americanos e a “classe dos homens de cor” paulistas. Embora, até onde se saiba, os negros dos EUA não tivessem conhecimento de que os militantes de cor de São Paulo auto-denominavam-se de tal forma e vice-versa, as duas categorias apresentam sentidos análogos se tivermos em mente que ambas elegem os homens letrados do mundo livre como líderes das massas negras e, dentro das hierarquias de gênero, “leitores” responsáveis, inclusive, por escolher “candidatas merecedoras de votos” em certames de “belleza feminina” promovidos pelos jornais da dita “classe”:

Abrimos com o presente número um concurso de beleza feminina, cujo concurso será em duas tiragens distribuídas nas seguintes formas: na primeira tiragem, a partir da próxima vindora, daremos uma demonstração geral de todas aquelas que mereceram votos e, na segunda, o resultado final do concurso. Aquela que bater o “record” ornamentará com o seu retrato a primeira página de nosso jornal, caso

---

<sup>639</sup> Sobre transnacionalismo, história intelectual e experiências negras nas Américas ver: Zita Nunes, *Cannibal Democracy: Race and Representation in the Literature of the Americas*, Minneapolis, London, University of Minnesota Press, 2008. Para uma discussão sobre limites e possibilidades da história transnacional, ver: Neville Kirk, “Labour History and Labour Biography beyond National Boundaries: Britain and Australia from the late nineteenth century to the interwar years”, Trabalho apresentado na Twelfth National Labour History Conference, Australian National University, Canberra, 15-17 de setembro de 2009.

consinta que nós assim procedemos. N.B. – O concurso é bem entendido, entre a “classe” e os votos devem ser dados pelos homens que forem assinantes, enchendo para este fim o cupom seguinte: Caro Leitor, qual é a moça mais bella no seu parecer? É.. Rua... Assignante.<sup>640</sup>

A segunda forma de construir uma perspectiva transnacional é quando as conexões entre dois ou mais territórios distintos são realizadas pelos próprios sujeitos envolvidos no tempo em que ocorreu o processo em questão. Nesse caso, cabe ao historiador decifrar os sentidos que tais diálogos podem revelar. Ao utilizar a cosmética negra como tema compartilhado, a narrativa de uma propaganda propicia a observação de instigantes zonas de contato entre Brasil e EUA. Publicada no *Chicago Defender* no dia 29 de maio de 1920, nela, Anita Patti Brown vangloriava-se da “beleza” de sua “pele”. Entretanto, como não era “egoísta”, a culturista decidira compartilhar com seus “muitos amigos” e com a “irmandade inteira” seu “querido” e “bem guardado segredo”.

O milagre da *cútis bonita* tinha sido realizado graças ao uso de um produto encontrado nos “salões de beleza do Rio de Janeiro, Brasil e América do Sul”. “Comumente” chamada *La Traviata* “nas ruas do Rio”, Brown recebeu da “Senhora Alvey”, as “fórmulas”. Depois disso “misturou-as cuidadosamente” e “passou a vendê-las por menos da metade do preço que era pedido pelo artigo no Brasil”. Assim, graças às suas sensibilidade e espírito empreendedor, as afro-americanas poderiam beneficiar-se das maravilhas do *Brazilian Toilet Luxuries*, que, dentre outras facetas, garantia o “branqueamento perfeito” pelo “módico preço americano”.<sup>641</sup>

Conhecida no Brasil, mais especificamente, “nas ruas do Rio”, como uma viajante, a culturista afro-americana frequentou salões de beleza e consumiu artigos do país voltados para o “cuidado da pele”. O uso de seu próprio corpo como cobaia, que viria a confirmar a eficácia das “luxuosas toaletes brasileiras”, fez com que Anita Brown achasse importante não só levar a linha para os EUA como apresentá-la às consumidoras como um tratamento originário do país o qual visitara. Nesse caso, foi ela, que, em contato com

---

<sup>640</sup> “Concurso de Belleza”, *O Menelick: órgão mensal, literário e crítico dedicado aos homens de cor*, 1 de janeiro de 1916, anno 1, n. 3, p. 4.

<sup>641</sup> “Patti’s Brazilian Toilet Luxuries”, *The Chicago Defender (The Big Weekend Edition)*, 29 de maio de 1929, p. 12.

cenários e sujeitos brasileiros e sul-americanos, conectou territórios e personagens, tornando-os transnacionais.

Apesar da propaganda não fornecer elementos que nos permitam afirmar que os salões que ela frequentou tanto no Brasil quanto na América do Sul eram exclusivamente voltados para os negros, o intercâmbio de mercadorias e idéias em torno da beleza feminina sugere que as práticas de clareamento também eram comuns em ao menos um território do atlântico sul pós-emancipação. Apresentado na imprensa afro-americana como um paraíso racial, devido à intensa miscigenação entre brancos e negros, o Brasil, em diversas ocasiões, estampou jornais como o *The Baltimore Afro-American*, que, na primeira página, celebrava a eleição de Nilo Peçanha como o “primeiro presidente de cor no Brasil”<sup>642</sup>, o *Chicago Defender*, que afirmava ser o “preconceito de raça desonhecido no Brasil”<sup>643</sup>, o “país ideal para o homem negro”<sup>644</sup> e magazines como o *The Crisis*, que, dentre suas dezenas de comerciais, vendia lotes no país o qual considerava a “terra das oportunidades” para aqueles que queriam “liberdade e poder”.<sup>645</sup>

Com todas essas imagens positivas sobre as relações raciais, não é de se estranhar que o Brasil tenha sido apropriado como uma espécie de selo de qualidade em artigos da cosmética afro-americana que prometiam não apenas boa aparência, mas, sobretudo, respeito e ascensão social para mulheres negras no mundo livre. Vendido em Oklahoma, o *Brazilian Hair Grower*, por exemplo, notabilizava-se pela conquista de “mais de 15.000 clientes desde sua entrada nos EUA em julho de 1916”.<sup>646</sup> E possuir tal selo, de fato, deveria ser um traço que diferenciava artigos de beleza inspirados pela “terra das

---

<sup>642</sup> “Colored President elected in Brazil”, *The Baltimore Afro-American*, 14 de abril de 1922, apud Amilcar Pereira, ‘*O Mundo Negro*...’, p. 123.

<sup>643</sup> “Race prejudice is unkown in Brazil”, *The Chicago Defender*, 21 de janeiro de 1928, apud Amilcar Pereira, *O ‘Mundo Negro’...*, p. 114.

<sup>644</sup> “Brazil Ideal Country for Black Man”, *The Chicago Defender*, 22 de janeiro de 1916, apud Amilcar Pereira, *O ‘Mundo Negro’...*, p. 114.

<sup>645</sup> “Brazil: Do You Want Liberty and Wealth in a Land of Plenty?”, *The Crisis: a record of the darker races*, mar. 1921, v. 21, n. 8, p. 238.

<sup>646</sup> “WY-HO-SE (The Brazilian Hair Grower)”, *The Half-Century Magazine*, fev. 1918, v. 4, n. 2, p. 12.

oportunidades” dos demais, como indica outra propaganda de Anita Brown. Exibida na *The Crisis*, em 1920, portanto nove anos antes da *La Traviata* que conhecemos acima, com ela, além de todos os tratamentos, a culturista de Chicago divulgava o “livro de bolso” com os “segredos brasileiros” para cuidar da pele.<sup>647</sup>

Como a conclusão não necessariamente significa o fim, para colocar o ponto e vírgula que o momento exige cabem alguns comentários historiográficos. Ao tomar como base a produção norte-americana sobre a cosmética negra no pós-emancipação, o presente trabalho diferencia-se em alguns aspectos. O primeiro deles seria a forma de lidar com os anúncios dentro de procedimentos que associaram História Social e análise do discurso. Por meio dessa articulação, em vez de uma visão essencialista, foi possível interpretar o material destacando suas ambigüidades no tocante à oferta de tratamentos para o clareamento da pele e o alisamento do cabelo dentro de um projeto de elevação moral de membros da raça negra que precisavam criar seus próprios códigos no mundo livre.

À exceção de um dos trabalhos de Noliwe Rooks, que através do estudo das revistas femininas negras, esforçou-se em mostrar o empenho das mulheres de cor em “provar” que eram *ladies* dentro do que ela chamou de “cultura da migração”<sup>648</sup>, outras duas pesquisas específicas sobre o tema não esmiuçaram a fundo as devidas articulações entre cosmética negra, racialização e pós-emancipação, vitais tanto para o funcionamento da imprensa quanto da indústria da beleza afro-americana, que juntas empenhavam-se em articular aperfeiçoamento físico, orgulho racial e “melhoramento” social.<sup>649</sup>

Uma segunda questão refere-se aos significados que a categoria “beleza negra” pode assumir, a depender da classe dos sujeitos envolvidos. Conforme discutido, menos do que tornar-se branco, as narrativas do mercado da beleza tiveram papel importante na reconstrução da feminilidade negra e também na criação de um sistema colorista que hierarquizava os afro-americanos, em especial as mulheres, com base na aparência clara ou

---

<sup>647</sup> “Patti’s Brazilian Toilette Luxuries”, *The Crisis: a record of the darker races*, mai. 1920, v. 20, n. 1, p. 62.

<sup>648</sup> Noliwe Rooks, *Ladies’ pages: African American women’s magazines and the culture that made them*, New Brunswick, New Jersey and London, Rutgers University, 2004.

<sup>649</sup> Noliwe Rooks, *Hair Raising...; Ayana D. Byrd; Lory L. Tharps, Hair Story: Untangling the Roots...*

escura, no cabelo crespo ou liso, nas feições finas ou grossas. Isso tudo era feito dentro de um modelo de beleza eugênica, criado e alimentado pelo mundo negro como resposta ao racismo que seus integrantes experimentavam cotidianamente e não pelo simples desejo de se tornar branco.

Desse modo, por mais que a historiografia norte-americana tenha avançado sobremaneira nos estudos sobre colorismo, gênero e raça, as associações entre tratamentos de beleza e ascensão social dentro da comunidade negra ainda guardam muitos segredos a serem revelados. Assim como o misterioso “empório da beleza” de Anita Patti Brown, eles permanecem trancados a sete chaves, esperando futuras investigações.



## Epílogo: O mercado global do clareamento no século XXI

Se para as leitoras afro-americanas do começo do século XX, transformadas em consumidoras pela exitosa dobradinha estabelecida entre a imprensa e a cosmética afro-americanas, era tarefa difícil resistir a tantas propagandas, passado mais de um século do surgimento de tais empresas, seus apelos continuam fisingando milhões de mulheres negras, que mundo afora lutam para conseguir uma aparência mais moderna e sofisticada, aos moldes daquilo que editores como A. Philip Randolph e Charles Owen chamavam nos anos 1910 de “nova ordem social” para a população de cor.<sup>650</sup>

Pode-se dizer que do ponto de vista contemporâneo, os ecos de iniciativas pioneiras como o *Wonderful Hair Grower*, vendido de porta em porta por Madam C. J. Walker nos anos 1900, podem ser sentidos nas centenas de lojas *beauty supplies*, atualmente concentradas nas mãos dos poderosos comerciantes coreanos. Também podemos senti-los nos salões especializados em cabelos e penteados *afro*, que disputam o metro quadrado em bairros negros como o Harlem, em Manhattan, e Bedford Stuyvesant e Fort Greene, no Brooklyn. Para as adeptas do alisamento, uma visita ao bairro dominicano de Washington Heights é um tanto quanto providencial. Afinal, no mundo dos cabelos, as dominicanas são as “bambambans” nas técnicas de alisamento. A hegemonia dessas “novas rivais” apresenta a aurora de novos tempos que ameaçam a histórica preponderância das afro-americanas em tal ramo comercial.<sup>651</sup>

Para consumidoras-pesquisadoras, o incontável número de produtos é muito inspirador. Seja na forma de tranças, permanentes, *dread locks*, alisamentos ou apliques, existem sempre conselhos, procedimentos e experimentos a serem ensinados.<sup>652</sup> “Essência”, “autêntico”, “raiz”, “natureza” são alguns dos léxicos de um universo que tenta conjugar

---

<sup>650</sup> Uma das capas do magazine *The Messenger* tinha o seguinte dizer: “O Negro e a Nova ordem Social”. *The Messenger: The Only Radical Negro Magazine in America*, mar. 1919.

<sup>651</sup> “Much Ado About Straightening: Old Black Salons Face New Rivals”, *The Wall Street Journal*, 12 de maio de 2010, disponível em: <http://online.wsj.com/article/SB10001424052748703322204575226553332638676.html?KEYWORDS=dominican+hair+salons> acesso 12/05/2010.

<sup>652</sup> Para o Brasil, interessante discussão sobre os significados do cabelo para mulheres negras está em Nilma Lino Gomes, *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*, Belo Horizonte, Autêntica, 2008.

“negritude” e cosmopolitismo. Ingredientes “naturais” como mandioca, karitê, abacate, coco, amêndoa, cacau, dendê e oliva estão na composição de cremes, xampus, condicionadores, gotas de silicone, pomadas, umidificadores, pentes e toucas especiais, e tantos outros preparados e instrumentos. A presença de recursos naturais nas fórmulas é um dado valorizado num mercado no qual os produtos atuam como alimento de algo apresentado como sagrado: o cabelo da mulher negra.

Se a lista de possibilidades é longa, o vocabulário é mesmo maior e revelador de fato curioso: a emergência do cabelo como sujeito passível das mais diferenciadas intervenções. Ao reverberar uma das máximas do capitalismo, há produtos para todos os gostos e classes. Desde a “essência mística” que é uma “benção natural”, de fácil aquisição entre cabeleireiras senegalesas, até o “refinador” que promete cachos “frescos” e a sensação de 2009: o *Moroccanoil*, um óleo distribuído pela *Moroccanoil North America*. A leitura cuidadosa do rótulo mostra que o capitalismo não tem mesmo fronteiras: “feito em Israel por Halom Varod”.

Ainda em termos contemporâneos, também podemos perceber a importância representada pelos produtos voltados para a compleição feminina em países como Filipinas, Japão, México, República Dominicana, Senegal, Nigéria, África do Sul, etc. Inúmeras pesquisas comprovam tal importância. Uma das faces do capitalismo, o comércio dos *bleachings* envolve desde empresas como a *L’oreal* e suas franquias (*Ralph Lauren Parfum*, *Vicky*, *Soft Carlstone*, *Lâncome*, etc.) até pequenas e médias firmas como a do *Crema Blanqueadora* da República Dominicana, a mexicana *White Secret* e o mercado paralelo inidano com seus *whitening* e *fairness creams* além dos *herbal bleaches* feitos à base de lentilha e mamão.

Através dos números de sua pesquisa, Evelyn Nano define tal comércio como uma *multibillion-dollar global industry*. Tomando como exemplo a cosmética japonesa, ela destaca que, em 2007, o ramo arrematou 5 milhões de dólares, sendo 66% das vendas direcionadas aos *bleachings*. Já na França, sede da *L’oreal*, foram acumulados 15,8 bilhões de euros em 2006. Nano discute também o quanto os clareadores tornaram-se uma prática gritante entre as africanas das grandes metrópoles que associam o seu uso a uma identidade urbana e cosmopolita. Ela estima que, para os anos 2000, na Nigéria, mais especificamente

em Lagos, 77% das mulheres já tinham usado, ao menos uma vez na vida, *bleachings*, na Pretória 35%, na África do Sul, 5%, e em Dakar, no Senegal, em Bamako e no Mali, 25%.<sup>653</sup>

Ao pensar essas e outras conexões transnacionais, a indústria do clareamento contemporânea revela o quanto é necessário refletir sobre as mediações que o racismo, a globalização e o capitalismo exercem na “prática da diáspora”.<sup>654</sup>

---

<sup>653</sup> Evelyn Nano, “Consuming Lightness...”, pp. 171, 178, 179.

<sup>654</sup> Brent Edwards, *The Practice of Diaspora...*



## Fontes primárias

### EUA

#### Schomburg Center for Research in Black Culture New York (Nova York, EUA)

Seção: ProQuest Historical Newspapers – Black Newspapers (PQHN)

Seção: General Division Research (GDR)

Seção: Manuscripts & Archives (MA)

#### a) Jornais Afro-Americanos<sup>655</sup>

### Chicago

*The Chicago Defender (Big Weekend Edition)*, Chicago, Defender Co., 1910-1930, PQHN (ProQuest Historical Newspapers – Black Newspapers, 1910-1975).

### Nova York

*The New York Age*, New York, Fortune & Peterson, 1910-1930 (GDR, Sc Micro RS-933, 1919-1923).

*New York Amsterdam News*, New York, Amsterdam News Pub. Co., 1922-1938, PQHN (ProQuest Historical Newspapers – Black Newspapers, 1922-1993).

*Pittsburgh Courier*, Pittsburgh Courier Pub. Co, 1911-1919, PQHN (ProQuest Historical Newspapers (Legacy Platform)-Black Newspapers, 1911-2002).

#### b) Revistas Afro-Americanas<sup>656</sup>

*Opportunity: journal of negro life*, New York, National Urban League, vols. 1-12, 1923-1934 (Localização: Manuscripts & Archives, Sc Rare Per (*Opportunity*)).

*The Colored American Magazine: an illustrated monthly devoted to Literature, Science, Music, Art, Religion, Facts, Fiction and Traditions of the Negro Race*, Boston, The Colored Co-Operative Publishing Company, vols. 1-11, 1900-1909 (General Research Divisions (doravante GRD), Sc Ser.-M C632).

---

<sup>655</sup> Os anos indicados imediatamente após os títulos dos jornais referem-se às datas limites pesquisadas. Já as décadas entre parenteses dizem respeito à coleção completa de cada publicação.

<sup>656</sup> Para pesquisa nos impressos, procurar a seguinte referência: Schomburg Center for Research in Black Culture, New York, *Serie Black Experience in America: Negro Periodical in the United States, 1840-1960*, Negro Universities Press, 1969.

*The Crusader: Onward for Democracy, Upward with the Race*, New York, Cyril V. Briggs, vols. 1-5, 1918-1921 (Localização: GRD - Sc F 01-231).

*The Messenger: Worldest Greatest Negro Monthly*, New York, The Messenger Publishing Co., vols.1-10, 1917-1928 (General Research Division, Sc Ser.-N .M47).

*The Voice of the Negro: an illustrated monthly magazine*, Atlanta, Hentel, Jenkins & Co.- Formerly J. L. Nichols & Co., vols. 1-4, 1904-1907 (General Research Division, Sc 051-V).

*The Half-Century Magazine*, Chicago, Half-Century Publishing Co., vols. 1-18, 1916 a 1926 (Schomburg Center-General Research Division, Sc+051-H).

*The Crisis: a record of the darker races*, New York, National Association for the Advancement of Colored People, vols. 1-35, 1910-1928. (General Research Division, Sc Ser.-M .C758).

### **c) Romances e demais escritos afro-americanos (1845-1933)**

COOPER, Anna Julia. *A Voice from the South by A Black Woman of the South*, Xenia, The Aldine Printing House, 1892.

DOUGLASS, Frederick. *Narrative of the Life of Frederick Douglas, an American Slave* [1<sup>a</sup> ed. 1845]. Disponível em: <http://www.gutenberg.org/files/23/23-h/23-h.htm> Acesso: 28/07/2011.

DU BOIS, W. E. B. “The Conversation of Races”, *The American Negro Academy Occasional Papers*, n. 2, 1897, (Edição em Fac-Simile The Pennsylvania State University, A Penn State Electronic Classics Series Publication, 2007, pp. 1-14). Disponível em: <http://www2.hn.psu.edu/faculty/jmanis/webdubois/DuBoisConservationRaces.pdf> Acesso: 23/05/2011.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. “The Negro in the United States”, in Du Bois, W. E. B. *The Conservation of Races and The Negro, The American Negro Academy Occasional Papers*, n. 2, 1897 (Edição em Fac-Simile The Pennsylvania State University, A Penn State Electronic Classics Series Publication, 2007, pp. 135-166). Disponível em: [http://earlwright2.com/yahoo\\_site\\_admin/assets/docs/DuBois\\_NegroConservationRaces.25370611.pdf](http://earlwright2.com/yahoo_site_admin/assets/docs/DuBois_NegroConservationRaces.25370611.pdf) Acesso: 25/10/2011.

FAUSET, Jessie Redmon. *Plum bun: a novel without a moral*, New York, Beacon Press, 1999 [1<sup>a</sup> ed. 1929].

HARSEN, Nella. *Passing: Authoritative Text, Backgrounds and Contexts, Criticism*, N. Chelmsford: Courier Dover Publications, 2004 [1<sup>a</sup> ed. 1929].

HOPKINS, Pauline. *Contending Forces: A Romance Illustrative of Negro Life North and South*, New York, Oxford University Press, 1988 [1<sup>a</sup> ed. 1900].

HUGHES, Langston. *The Ways of White Folks*. New York: Vintage Books, 1990 [1<sup>a</sup> ed.1933].

LOCKE, Alain. *The New Negro*. New York: Atheneum, 1968 [1<sup>a</sup> ed. 1925].

STEWART, Maria W. *Meditations from the pen of Maria W. Stewart*. Boston: *First African Baptist Church and Society of Boston*, 1832.

TILLMAN, Katherine. “Afro-American and Their Work”. In: GATES, Henry Louis; JARRET, Gene Andrew (Eds.). *The New Negro: Reads on Race, Representations and African American Culture, 1892-1938*, Princeton, Princeton University Press, 2007, pp. 277-286. [1<sup>a</sup> ed. 1895].

WASHINGTON, Booker T. *A New Negro for a New Century: an accurate and up-to-date record of the upward struggles of the Negro Race*. Chicago: American Publishing House, 1900.

WILLIAMS, Fannie Barrier. “A Northern Negro’s Autobiography”, *Independent*, LVII, 14 de julho de 1904.

#### **d) Censos Populacionais (tabelas, mapas e textos)**

CUMMINGS, John; HILL, Joseph A. *Negro Population: 1790-1915*, pp. 15-18, Washington D.C., United States Bureau of the Census, GPO, 1918.

“Race for the United States, Regions, Divisions, and States, Table A-12, 1920”. Disponível em: <http://www.census.gov/population/www/documentation/twps0056/twps0056.html>  
Acesso: 11/10/2011.

“Race for the United States, Regions, Divisions, and States”, Table A-13, 1910 <http://www.census.gov/population/www/documentation/twps0056/tabA-13.pdf>  
Acesso: 11/10/2011.

*Thirteenth Census of the United States Taken in the Year 1910*, Department of Commerce, Bureau of the Census, Washington Government Print Office, Population, General Report and Analysis.

“United States - Race and Hispanic Origin: 1790 to 1990”, disponível em: <http://www.census.gov/population/www/documentation/twps0056/tab01.pdf> Acesso: 11/10/2011.

WILLCOX, Walter. "The Negro Population", in *Negroes in the United States*, Department of Commerce and Labor Bureau of the Census S. N. D. North Director, Bulletin 8, General Tables, Washington Government Printing Office, 1904.

**e) Catálogos da indústria cosmética afro-americana**

ENCYCLOPEDIA OF COLORED PEOPLE AND OTHER USEFUL INFORMATION. Chicago, Overton-Hygienic Mfg. Co., 1921 (Schomburg Center-Manuscripts & Archives, Sc Rare B 97-1).

PORO HAIR & BEAUTY CULTURE. St. Louis, Poro College, 1922 (Schomburg Center-General Research Division, Sc D 99-1174).

THE KEY TO BEAUTY, SUCCESS, HAPPINESS. Indianapolis, Madam C. J. Walker Manufacturing Company, 1929 (Schomburg Center-Manuscripts & Archives, Sc Rare C 94-4)

**f) Demais documentos**

EDWARDS, Paul K. *The Southern Urban Negro as a Consumer*, New York, PrenticeHall, 1932 (Schomburg Center-General Research Division, Sc 658.8-E).

FERRUS, Diana "A Poem for Sarah Bartmann", 1988. Disponível em: <http://www.southafrica.info/about/history/saartjie.htm> Acesso: 25/08/2011.

GIBBS, Wilma L.; LANDS, Jill. "Biographical Sketch", in *Collection Madam C. J. Walker (1867-1919), Papers, 1910-1980*, Manuscript and Visual Collections Department, William Henry Smith Memorial Library, Indiana Historical Society, 13 August 1993.

*Godey's Ladies Book*, Philadelphia, February, 1850.

REV. ELLA E. BARTLET. "The New Woman", in *American Jewess: a Monthly Magazine of Social, Literary and Religious Subjects*, jul. 1895, pp. 169-171.

VOGUE MAGAZINE. Disponível em: <http://xroads.virginia.edu/~ma04/hess/fashion/vogue.html> Acesso: 19/10/2011, 192?

**BRASIL**

**Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro**

*Seção de Periódicos: Jornais da Raça Negra*, Rolo PR- 00798-00834

**a) Jornais da Raça Negra**

*A Liberdade: órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso, São Paulo, 1919-1920.*

*A Sentinella: órgão crítico, literário e noticioso, São Paulo, 1920.*

*A rua: literário, crítico e humorístico, São Paulo, 1916.*

*A Voz da Raça: órgão oficial da Frente Negra Brasileira. Seminário Independente, São Paulo, 1931-1933.*

*Auriverde: literário, humorístico e noticioso, São Paulo, 1928.*

*Elite: órgão oficial do Grêmio Dramático, Recreativo e Literário “Elite da Liberdade”, São Paulo, 1924.*

*Getulino: órgão para a defesa dos interesses dos homens pretos, São Paulo, 1923-1926.*

*O Alfinete: órgão literário, crítico e recreativo dedicado aos homens de cor, São Paulo, 1919-1921.*

*O Baluarte: órgão oficial do “Centro Literário dos Homens de Cor, Campinas, 1904.*

*O Bandeirante: órgão de combate em prol do reerguimento geral da classe dos homens de cor, São Paulo, 1918-1919.*

*O Clarim d’Alvorada: órgão literário, científico e noticioso, São Paulo, 1924-1932.*

*O Kosmos: órgão do Grêmio Dramático e Recreativo “Kosmos”, São Paulo, 1922-1925.*

*O Menelik: órgão mensal, noticioso, literário e crítico dedicado aos homens de cor, São Paulo, 1915-1916.*

*O Xauter: jornal independente, São Paulo, 1916.*

*Progresso, São Paulo, 1928-1931.*

#### **b) Censos populacionais (tabelas)**

“População Presente segundo a cor”, in *O Brasil em números (Resultados dos Recenseamentos Demográficos 1872-1950)*, Serviço Nacional de Recenseamento, disponível em:

[http://www.ibge.gov.br/seculoxx/arquivos\\_pdf/populacao/1960/populacao1960bn\\_02.pdf](http://www.ibge.gov.br/seculoxx/arquivos_pdf/populacao/1960/populacao1960bn_02.pdf)

Acesso: 07/10/2011.

“Recenseamento do Brasil realizado em 1 de setembro de 1920”, v. IV, 1ª parte (População), Rio de Janeiro, Diretoria Geral de Estatística, Tip. Da Estatística, 1928, disponível em: <http://www.naacp.org/pages/naacp-history> Acesso: 01/08/2011.

### Referências bibliográficas

ALBERTI, Verena e PEREIRA, Amílcar Araújo. *Histórias do Movimento Negro no Brasil*. Rio de Janeiro, Pallas, 2007.

ABAJIAN, James de T. (Org.). *Blacks in Selected Newspapers, Censuses and Other Sources: an Index to Names and Subjects*. Boston: G. K. Hall, 1977.

ABREU, Martha. *Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

ALBERTI, Verena e PEREIRA, Amílcar Araújo. *Histórias do Movimento Negro no Brasil*. Rio de Janeiro, Pallas, 2007.

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. *O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *A EXALTAÇÃO DAS DIFERENÇAS: racialização, cultura e cidadania negra (Bahia, 1880-1900)*, Tese (Doutorado em História), Universidade Estadual de Campinas, 2004. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000317725> Acesso: 24/05/2011.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. “Vida privada e ordem privada no Império”, in Alencastro, Luiz Felipe de (Org.). *História da Vida Privada no Brasil: Império*. São Paulo: Cia das Letras, 1996, v. 2, pp. 11-93.

ANDERMANN, Jens. *The Optic of the State: Visuality and Power in Argentina and Brazil*. Pennsylvania: University of Pittsburgh Press, 2007.

ANDREWS, George Reid. “Brazilian Racial Democracy, 1900-90: An American Counterpoint”. *Journal of Contemporary History*, v. 31, n. 3, jul. 1996, pp. 483-507.

APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai: a África na Filosofia da Cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_.; Gates Jr., Henry Louis (Eds.). *Africana: the Encyclopedia of the African and African American Experience – The Concise Desk Reference*. Philadelphia, London: Running Press, 2003

APPLE, Rima D. *Mothers and Medicine. A social history of infant feeding*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1987.

ARANTES, Erika Bastos. *O PORTO NEGRO: trabalho, cultura e associativismo dos trabalhadores portuários no Rio de Janeiro na virada do XIX para o XX*. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

AZEVEDO, Célia Marinho de. *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites – século XIX*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BANNER, Lois. *American Beauty*. Chicago: University of Chicago Press, 1984.

BANTON, Michael. *A idéia de raça*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARBOSA, Irene Maria Ferreira. *Socialização e relações raciais: um estudo das famílias negras de Campinas*, Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.

\_\_\_\_\_. Márcio (Org.) *Frente Negra Brasileira: depoimentos*. São Paulo: Quilombhoje, 1998.

BARICKMAN, Bert. “Passarão por mestiços: o bronzamento nas praias cariocas, noções de cor e raça e ideologia racial, 1920-1950”. *Afro-Ásia*, n. 40, 2009, pp. 173-221.

BASTIDE, Roger. “A imprensa negra do Estado de São Paulo”, in Bastide, Roger. *Estudos Afro-brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1983, pp. 129-156 [1ª ed. 1951].

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. e FERNANDES, Florestan. *Branco e negro em São Paulo: Ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana*. São Paulo: Global, 2008 [1ª ed. 1955].

BATALHA, Claudio H. M. “Cultura associativa no Rio de Janeiro da Primeira República”. In: BATALHA, Claudio; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre (Orgs.). *Culturas de Classe*. Campinas: Edunicamp, 2004, pp. 95-119.

BENEDETTI, Luiz Roberto. *Os Santos Nômades e o Deus Estabelecido: um estudo sobre religião e sociedade*. São Paulo: Paulinas, 1983.

BERLIN, Ira. *Slaves without Masters: the Free Negro in the Antebellum South*. Oxford: Oxford University Press, 1974.

BESSE, Susan K. *Restructuring Patriarchy: The Modernization of Gender Inequality in Brazil, 1914-1940*. Chapel Hill and London: University North of Carolina Press, 1996.

BICUDO, Virgínia Leone. *Estudo de atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo*, Dissertação (Mestrado em Sociologia), Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, São Paulo, 1945.

BITTENCOURT, Marcelo. “Partilha, resistência e colonialismo”. In: BELLUCI, Beluce (Org.). *Introdução à história da África e da Cultura Afro-Brasileira*. Rio de Janeiro: CCBB/CEAA/UCAM, 2003, pp. 69-92.

BYERLY, Victoria. *Hard Times Cotton Mills Girls*. Ithaca, New York: Cornell University Press, 1986.

BOAS, Franz. *Race, Language and Culture*. Chicago: University of Chicago Press, 1982 [1<sup>a</sup> ed. 1940].

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *The Mind of Primitive Man*, New York, Free Press, 1965 [1<sup>a</sup> ed. 1911].

BONILLA-SILVA, Eduardo; DETRUCH, David R. “The Latin Americanization of U. S. race Relations: a new pigmentocracy”, in GLENN, Evelyn Nakano (Ed.). *Shades of Difference: Why Skin Color Matters*. California: Stanford University Press, 2009, pp. 40-60.

BRUNDAGE, W. Fithugh (Ed.). *Beyond Blackface: African Americanas and the Creation of Popular Culture, 1890-1930*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2011.

BUNDLES, A’Lelia. *On Her Own Ground: The Life and Times of Madam C. J. Walker*, New York, London, Toronto, Sidney, Singapore: Washington Square Press, 2002.

BUTLER, Kim. “Definig Diaspora, Refining a Discourse”. *Diaspora: A Journal of Transnational Studies*, v. 10, n. 2, Fall 2002, pp. 189-219.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *Freedoms Given, Freedoms Won. Afro-Brazilian in Post-Abolition São Paulo and Salvador*. New Brunswick, New Jersey e London: Rutgers University Press, 1998.

BYFIELD, Judith. “Rethinking the African Diaspora”. *African Studies Review*, v. 43, n. 1, Special Issue on the Diaspora, Apr. 2000, pp. 1-9.

BYRD, Ayana D.; THARPS, Lory L. *Hair Story: Untangling the Roots of Black Hair in America*. New York: St. Martin Press, 2001.

CALIVER, Ambrose. *A Background Study of Negro College Students*, Washington, D. C.: Government Printing Office, 1933.

CAMPBELL, James M.; FRASER, Rebecca J. (Eds.). *Reconstruction: people and perspectives*. Santa Bárbara: ABC-Clio Inc, 2008.

\_\_\_\_\_. Georgetta Merritt. *Extant Collections of Early Black newspapers: a Research Guide to the Black Press, 1880-1915, with an Index to the Boston Guardian, 1902-1904*. Troy: Whitston Pub. Co., 1981.

CARBY, Hazel. “White Woman Listen! Black Feminism and the Boundaries of Sisterhood”, in *Carby Cultures in Babylon: Black Britain and African America*. New York: Verso, 1999, pp. 63-92.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *Reconstructing Womanhood: the Emergence of African-American Women Novelist*. New York: Oxford University Press, 1987.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *Race Men*. Cambridge, Massachusetts and London: Harvard University Press, 2001 [1<sup>a</sup> ed. 1998].

CARDOSO, Maria C. F. “Espaços de sociabilidade e ações anti-racismo no cotidiano das elites negras na cidade de São Paulo: busca por projeção individual e legitimidade de grupo (1900-1940)”. I Jornada Discente do PPHBC (Programa de Pós-Graduação CPDOC/FGV), 2009. Disponível em: [www.cpdoc.fgv.br](http://www.cpdoc.fgv.br) Acesso: 13/08/2010.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *Representações Sociais e Práticas Políticas do Movimento Negro Paulistano: as trajetórias de Correia Leite e Veiga dos Santos (1928-1937)*, Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

\_\_\_\_\_. Paulino de Jesus Francisco. *A luta contra a apatia: estudo sobre a instituição do movimento negro anti-racista na cidade de São Paulo (1915-1931)*. Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1993.

CARLSON, Elof. “Scientific Origins of Eugenics”. Disponível em: <http://www.eugenicsarchive.org/eugenics/list2.pl> Acesso: 19/09/2011.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci e KOSSOY, Boris (Orgs.). *A imprensa confiscada pelo DEOPS, 1924-1954*. São Paulo: Ateliê Estadual: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Arquivo do Estado, 2003.

CARVALHO, Gilmar Luiz de. *A imprensa negra entre 1915 e 1937: características, mudanças e permanências*. Dissertação (Mestrado em História Econômica), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

CAULFIELD, Sueann. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. Campinas: Edunicamp, 2000.

CAVENDISH, Márcia Wanderlei. *A voz embargada: imagem da mulher em romances ingleses e brasileiros do século XIX*. São Paulo: EDUSP, 1996.

CHALHOUB, Sidney. “Solidariedade e liberdade: sociedades beneficentes de negros e negras no Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX”, in Cunha, Olívia M. G. e Gomes, Flávio dos Santos (Orgs.). *Quase-cidadão: histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil*, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2007, pp. 219-239.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Campinas: Edunicamp, 2001. [1ª ed. 1985].

COLLINS, Patricia Hill. *The Black Feminist Thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment*. New York and London: Routledge, 2009. [1ª ed. 2000].

COOPER, Frederick. HOLT, Thomas. e SCOTT, Rebecca. *Além da escravidão: investigações sobre raça, trabalho e cidadania em sociedades pós-emancipação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

CRAIG, Maxine Leeds. *Ain't I a Beauty Queen: Black Women, Beauty and the Politics of Race*. New York: Oxford University Press, 2002.

CUDDY, Louis A.; ROCHE, Clarie M. (Eds.), *Evolution and Eugenics in American Literature and Culture, 1880-1940: Essays on Ideological Conflict and Complicity*: Lewisburg: Bucknell University Press, 2003, pp. 133-147.

CUNHA, Olívia Maria Gomes da. *Intenção e gesto: pessoa, cor e a produção cotidiana da (in)diferença no Rio de Janeiro (1927-1942)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2002.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. e Gomes, Flávio dos Santos (Orgs.), *Quase-cidadão: histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2007.

DANKY, James (Ed.). *African-American Newspapers and Periodicals: a National Bibliography*, Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1998.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_.; Wiegand, Wayne A. (Eds.). *Print Culture in a Diverse America*. Champaign: University of Illinois Press, 1998.

DANN, Martin. *The Black Press, 1827-1890: The Quest for National Identity*, New York: G.P. Putnam Sons, 1971.

DAVIS, Lucile. "Sarah Baartman, At Rest At last", <http://www.southafrica.info/about/history/saartjie.htm> Acesso: 25/08/2011.

DAWKINS, Wayne. *Black Journalists: the NABJ History*. Sicklerville, New Jersey: August Press; 1993.

DESANTIS, Alan D. "Selling the American Dream Myth to Black Southerners: The Chicago Defender and The Great Migration of 1915-1919", *Western Journal of Communication*, v. 62, n. 4, Fall 1998, pp. 474-511.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

DOMINGUES, Petrônio José. "Entre *Dandarás* e *Luizas Mahins*: mulheres negras e anti-racismo no Brasil", in Pereira, Amauri Mendes; Silva, Joselina da (Orgs.), *O Movimento Negro Brasileiro: escritos sobre os sentidos de democracia e justiça social no Brasil*. Belo Horizonte, Nandyala, 2009, pp. 17-48.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. "A legião negra", *Nossa História*, Rio de Janeiro: Editora Vera Cruz, n. 21, jul. 2005, pp. 52-54.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. "Negros de Almas Brancas: a Ideologia do Branqueamento no interior da Comunidade Negra em São Paulo, 1915-1930". *Estudos Afro-Asiáticos*, ano 24, n. 3, 2002, pp. 563-599.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. "O 'messias' negro? Arlindo Veiga dos Santos (1902-1978): Viva a nova monarquia brasileira; Viva Dom Pedro II!". *Varia História*, v. 22, n. 36, 2006, pp. 517-536.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. "Os 'Pérolas Negras': a participação do negro na Revolução Constitucionalista de 1932". *Afro-Ásia*, Salvador, n. 29-30, 2003, pp. 199-245.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. "Um templo de luz : Frente Negra Brasileira (1931-1937) e a questão da educação". *Revista Brasileira de Educação*, v. 13, 2008, pp. 517-534.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *A insurgência de ébano: a História da Frente Negra Brasileira (1931-1937)*. Tese (Doutorado em História), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *A Nova Abolição*. São Paulo: Selo Negro, 2008.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *Uma história não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição*. São Paulo: Senac, 2004.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. “Os descendentes de africanos vão à luta em terra brasílica. Frente Negra Brasileira (1931-37) e Teatro Experimental do Negro (1944-68)”. *Projeto História*, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, n. 33, 2006, pp. 131-158.

DONALD, Henderson H. “Previous Negro Movement”, in “The Negro Migration of 1916 - 1918”. *The Journal of Negro History*, v. 7, n. 4, out. 1921, pp. 393-400.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. “Source, Volume, Destination and Composition”, in “The Negro Migration of 1916 - 1918”. *The Journal of Negro History*, v. 7, n. 4, out. 1921, pp. 401-409.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. Lisboa: Edições 70, 1991.

DRAKE, St. Clair; CAYTON, Horace. *Black Metropolis: A Study of Negro Life in a Northern City*. Chicago: University of Chicago Press, 1993.

DU BOIS, William E. B. *As almas da gente negra*. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999 [1ª ed. 1903].

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. “The Conservation of Races”, 1897. Disponível em: <http://teachingamericanhistory.org/library/index.asp?document=1119> Acesso: 23/05/2011.

DUARTE, Paulo. *História da Imprensa em São Paulo*. São Paulo: ECA-USP, 1972.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Orgs.). *História das mulheres no ocidente. O século XX*. Porto: Afrontamento; São Paulo: EBRADIL, 1994.

DUE, Tananarive. *The Black Rose: The Dramatic Story of Madam C. J. Walker, America's First Black*

EDWARDS, Brent Hayes. *The Practice of Diaspora: Literature, Translation, and the Rise of Black Nationalism*. Cambridge, Massachusetts and London: Harvard University Press, 2003.

FAGUNDES, Anamaria e GOMES, Flávio dos Santos. “Por uma “anthologia dos negros modernos”: notas sobre cultura política e memória nas primeiras décadas republicanas”. *Revista Universidade Rural: Série Ciências Humanas*, Seropédica, Edur, v. 29, n. 2, jul.-dez. 2007, pp. 72-88.

FARGE, Arlette; LAGRAVE, Rose-Marie; Perrot, Michelle et alii. “A história das mulheres. Cultura e poder das mulheres: ensaio de historiografia”. *Gênero: Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero*. Niterói, EdUFF, v. 2, n. 1, 2º sem. 2000, pp. 5-30.

FELICE, Kent de. "The Black Press Defined". Syracuse, School of Journalism, Syracuse University, jan. 1969 [mimeo].

FELIX, Marcelino. *As práticas político-pedagógicas da Frente Negra Brasileira na cidade de São Paulo (1931-1937)*. Dissertação (Mestrado em Educação), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

FONROBERT, Charlotte Elisheva. *Menstrual Purity: Rabbinic and Christian Reconstructions of Biblical Gender*. Standford: Standford University Press, 2000.

FOX-GENOVESE, Elizabeth. *Within the plantation household: Black and White women of the Old South*. Chapel Hill and London: University of North Carolina Press, 1988.

FRAGA FILHO, Walter. *Encruzilhadas da Liberdade: Histórias de Escravos e Libertos na Bahia (1870-1910)*. Campinas: Edunicamp, 2006.

FRANCISCO, Flávio Thales Ribeiro. *Fronteiras em definição: identidades negras e imagens dos Estados Unidos e da África no jornal O Clarim d'Alvorada (1924-1932)*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

FREIRE, Maria Martha de Luna. *Mulheres, mães e médicos: discurso maternalista no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. Rio de Janeiro: Record, 2000, pp. 600-659 [1ª ed. 1936].

GAHYVA, Helga. "Tocqueville e Gobineau no mundo dos iguais". *Dados*, v. 49, n. 3, pp. 553-582, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S001152582006000300005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S001152582006000300005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt) Acesso: 23/05/2011.

GAMBER, Wendy. *The Female Economy: The Millinery and Dressmaking Trends, 1860-1930*. Illinois: University of Illinois Press, 1997.

GARCIA, Marinalda. *Os Arcanos da cidadania: a Imprensa Negra nos primórdios do século XX*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

GATES JR, Henry Louis. "The trope of a new negro and the Reconstruction of the image of the Black, Representations (Special Issue: America Reconstructed, 1840-1940), 24, Fall 1998, pp. 129-155.

GIACOMINI, Sonia Maria. *Mulher e escrava: uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1988.

GIDDINS, Paula. *When and Where I Enter: the impact of Black women on race and sex in America*. New York: Amistad, 2006.

GILLIAM, Dorothy. "Foreword", in Pride, Armistead S.; Wilson II, Clint. *A History of the Black Press*. Washington D. C.: Howard University Press, 1997, pp. ix-xi.

GILL, Tiffany. "Civic Beauty: Beauty Culturist and the Politics of African American Female Entrepreneurship, 1900-1965". *Enterprise and Society: The International History of Business History*, dez. 2004, pp. 583-93.

GILMAN, Sander L. "Black Bodies, White Bodies: Toward an Iconography of Female Sexuality in Late Nineteenth-Century Art, Medicine, and Literature", in GATES, Henry Louis (Ed.). *Race, Writing and Difference*. Chicago: University of Chicago Press, 1986, pp. 223-261.

GATEWOOD, Willard B. *Aristocrats of Color: The Black Elite, 1880-1920*, Fayetteville, University of Arkansas Press, 2000.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GINZBURG, Carlo. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

GLENN, Evelyn Nakano. "Consuming Lightness: Segmented Markets Global Capital in the Skin-Whitening Trade", in Glenn, Evelyn Nakano (Ed.). *Shades of Difference: Why Skin Color Matters*. California: Standford University Press, 2009, pp. 166-187.

GOMES, Flávio dos Santos. "A nitidez da invisibilidade: experiências e biografias ausentes sobre raça no Brasil republicano", in Andrade, Maria A. (Org.). *A República e a questão do negro no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Museu da República, 2005, pp. 48-67.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. "História, protesto e cultura política no Brasil escravista" in Souza, Jorge Prata de (Org.). *Escravidão: ofícios e liberdade*. Rio de Janeiro: APERJ, 1998.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *Negros e Política (1888-1937)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. Janaína Damasceno. *Estudo de atitudes, relações raciais e gênero na obra de Virgínia Leone Bicudo (1945-1959)*, Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade de São Paulo, São Paulo [Pesquisa em andamento].

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. "Estudo de atitudes e preconceito racial na obra de Virginia Leone Bicudo (1910-2003)", in Prefeitura Municipal de São Paulo (Org.), I Prêmio Construindo a Igualdade Racial, São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo, v.1, 2010, pp. 165-174.

\_\_\_\_\_. Tiago de Melo. “Problemas no paraíso: a democracia afro-brasileira frente à imigração afro-americana”. *Estudos Afro-Asiáticos*, Salvador, ano 25, n. 2, 2003, pp. 307-331.

\_\_\_\_\_. Nilma Lino. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GORDON, William G. *Blacks Newspapers and America's War for Democracy, 1914-1920*. Chapel Hill and London: The University of North Carolina Press, 2001.

GRAHAM, Sandra. *Caetana diz não: histórias de mulheres da sociedade escravista brasileira*. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *Proteção e obediência: criadas e seus patrões no Rio de Janeiro (1860-1910)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

GREEN, Dan S. (Ed.). *W. E. B. Du Bois On Sociology and the Black Community*. Illinois: The University of Chicago Press, 1978 [1ª ed. 1911].

GROOMS, Robert M. “Dixie Censored subject: black slave owners”. Disponível em: [http://americancivilwar.com/authors/black\\_slaveowners.htm](http://americancivilwar.com/authors/black_slaveowners.htm) Acesso: 03/10/2011.

GROSSMAN, James R. "Black Labor is the Best Labor: Southern White Reactions to the Great Migration", in Harrison, Alferdteen (Ed.). *Black Exodus: The Great Migration from the American South*. Jackson: University Press of Mississippi, 1991, pp. 51-71.

GUIMARÃES, Antônio S. A. “A modernidade negra no Brasil, EUA e França”. Reunião da ANPOCS, Caxambu, GT: Teoria social e Transformações Contemporâneas, out. 2002.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. “Intelectuais negros e modernidade no Brasil”. *Center for Brazilian Studies*, University of Oxford, Working Paper, 2003.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. “Notas sobre raça, cultura e identidade na imprensa negra de São Paulo e Rio de Janeiro, 1925-1950”, *Afro-Ásia*, Salvador, n. 30, 2003, pp. 247-269. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/pdf/770/77003007.pdf> Acesso: 07/06/2011.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. “O Projeto Unesco na Bahia”, Comunicação apresentada no Colóquio Internacional *O projeto Unesco no Brasil: uma volta crítica ao campo 50 anos depois*, Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, entre 12 e 14 de julho de 2004. Disponível em: <http://www.ceao.ufba.br/unesco/01Paper-ASG1.htm> Acesso: 20/04/2006.

GUTMAN, Herbert. *The Black Family in Slavery and Freedom, 1750-1925*. New York: Pantheon Books, 1976 [1ª ed. 1984].

HALL, Ronald. "The Bleaching Syndrome: African Americans' Response to Cultural Domination Vis-a-Vis Skin Color". *Journal of Black Studies*, n. 26, November 1995, pp. 172-184.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *An Historical Analysis of Skin Color Discrimination in America: Victimism among Victim Group Populations*. Springer: New York, 2010.

\_\_\_\_\_. Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2004.

HALTUNNEN, Karen. *Confidence Men and Painted Women: A Study of Middle Class Culture in America, 1830-1870*. New Haven: Yale University Press, 1982.

HANCHARD, Michael George. *Orfeu e o poder: o movimento negro no Rio de Janeiro e São Paulo (1945-1988)*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

HARRIS, Angela. "Introduction: Economies of Color", in Evelyn Nano (Ed.), *Shades of Difference: Why Skin Color Matters*. California: Standford University Press, 2009, pp. 1-5.

HIGGINBOTHAM, Evelyn Brooks. *Righteous Discontent: The Women's Movement in the Black Baptist Church, 1880-1920*. Cambridge: Harvard University Press, 1993.

HILL, Mark E. "Skin Color and the Perception of Attractiveness Among African Americans: Does Gender Make a Difference?" *Social Psychology Quarterly*, n. 65, 2002, pp. 77-91.

HINE, Darlene Clark. "'We Specialize in the Wholly Impossible': The Philanthropic Work of Black Women", in McCarthy, Kathleen D. *Lady Bounfil Revisited: Women, Ohilanthropy, and Power*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1990, pp. 70-93.

HOBSBAWN, Eric. "A História de Baixo para Cima", in Eric Hobsbawn. *Sobre História*, São Paulo: Cia das Letras, 1998, pp. 216-231.

HOCHHSCHILD, Jennifer. L.; POWELL, B. M. "Racial Reorganization and the United States Census 1850-1930: Mulattoes, Half-Breeds, Mixed Parentage, Hindoos, and the Mexican Race". *Studies in American Political Development*, Spring 2008, v. 22, n. 1, pp. 59-96. Disponível em: <http://scholar.harvard.edu/jlhochschild/publications/racial-reorganization-and-united-states-census-1850-1930-mulattoes-half-br> Acesso: 03/10/2011.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. "The Skin Color Paradox and the American Racial Order," *Social Forces*, n. 86, December 2007.

HOGAN, Lawrence D. *A Black National News Service, The Associated Negro Press and Claude Barnett, 1919-1945*. Cranbury: Associated University Presses, 1984.

HOLLOWAY, Thomas. *Immigrants on the land: Coffee and Society in São Paulo, 1886-1934*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1980.

HOLMES, Rachel. *African Queen: The Real Life of the Hottentot Venus*. New York: Random House, 2007.

HOLT, Thomas C. *The Problem of Freedom: Race, Labor, and Politics in Jamaica and Britain, 1832-1938*. Baltimore, London: The Johns Hopkins University Press, 1992.

HOOKS, bell. "Intelectuais negras". *Revista de Estudos Feministas/Dossiê Mulheres Negras*. Rio de Janeiro: IFCS/ UFRJ, v. 3, n. 2, 1995, pp. 464-478.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *Outlaw Culture: Resisting Representations*. New York: Routledge, 1994.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *Talking Back: Thinking Feminist, Thinking Black*. Boston: South End Press, 1989.

HUNTER, Margaret. "Color Struck: Skin Color Stratification in the Lives of African American Women". *Sociological Inquiry*, n. 68, Fall 1998, pp. 517-535.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. "If You're Light You're Alright?: Light skin Color as Social Capital for Women of Color". *Gender and Society*, n. 16, Apr., 2002, pp. 175-193.

JAMES, Winston. *Holding Aloft the Banner of Ethiopia: Caribbean Radicalism in Early 20th Century America*. New York, London: Verso, 1999.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_, Harris, Clive. *Inside Babylon: The Caribbean Diaspora in Britain*. London, New York: Verso, 1993.

JEWELL, K. Sue. *From Mammy to Miss America and Beyond: Cultural images and the shaping of US social policy*. London, New York: Routledge, 1993.

JOHNSON, James Weldon. *Black Manhattan*. New York: Atheneum, 1975 [1<sup>a</sup> ed. 1930].

\_\_\_\_\_. Abby Arthur; Maberry, Ronald. *Propaganda and Aesthetics: The Literary Politics of Afro-American Magazines in the Twentieth Century*, Amherst, University of Massachusetts Press, 1979.

JONES, Trina. "Shades of Brown: The Law of Skin Color". *Duke Law Journal*, n. 49, 2000, pp.1487-557.

KATZ, William Loren (Ed.). *The American Negro: His History and Literature*. New York: Arno Press, 1968.

KELLEY, Robin. “Nap Time: Historicizing the Afro”, *Fashion Theory: The Journal of Dress, Body & Culture*, nov.1997, v. 1, n. 4, pp. 339-351.

KIRK, Neville. “Labour History and Labour Biography beyond National Boundaries: Britain and Australia from the late nineteenth century to the interwar years”. Trabalho apresentado na Twelfth National Labour History Conference, Australian National University, Canberra, 15-17 de setembro de 2009.

KISER, Clyde Vernon. “Motives of the Migrants”, in Kiser, Clyde. *Sea Island to City: A Study of St. Helena Islanders in Harlem and Other Urban Centers*. New York: Columbia University Press, 1932, pp. 114-144.

KNUPFER, Anne Meis. *Toward a Tenderer Humanity and a Nobler Womanhood: African-American Women’s Clubs in Turn-of-the-Century Chicago*. New York: New York University Press, 1996.

KOWARICK, Lúcio. *Trabalho e vadiagem: a origem do trabalho livre no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

KRONUS, Sidney. *The Black Middle Class*. Ohio: Charles E. Merrill Publishing Company, 1971.

LARA, Silvia H. “Blowin'in the Wind: E.P. Thompson e a experiência negra no Brasil”. *Projeto História*, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, n.12, out. 1995, pp. 43-56.

LATOURETTE, Bruno. “How to Talk About the Body? The Normative. Dimension of Science Studies”. *Body and Society*, v. 10, n. 2-3, 2004, pp. 205-229.

LEAL, Claudia Feierabend Baeta. *Anarquismo em verso e prosa - Literatura e propaganda na imprensa libertária em São Paulo.(1900-1916)*. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. [\*Pensiero e dinamite: anarquismo e repressão em São Paulo nos anos 1890\*](#), Tese (Doutorado em História), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

LEITE, José Correia e Cuti, ... *E disse o velho militante*. São Paulo: Noovha América, 2007.

LEVI, Giovanni. “Sobre a micro-história”, in Peter Burke, *A escrita da história. Novas perspectivas*. São Paulo: Ed. Unesp, 1992, pp. 132-162.

LEVINE, Robert. “Circulating the Nation”, in Vogel, Todd (Ed.). *The Black Press: new literary and historical essays*. Rutgers: The State University, 2001, pp. 17-36.

LEWIS, David Levering. *When Harlem Was in Vogue*. New York: Penguin Books, 1997 [1ª ed. 1979].

LIMA, Ivana Stolze. *Cores, marcas e falas: sentidos da mestiçagem no Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.

LIMONCIC, Flávio. *Os inventores do New Deal: Estado e Sindicato no combate à Grande Depressão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

LINDSEY, Treva B. “Black No More: Skin Bleaching and the Emmergence of New Negro Womanhood Beauty Culture”. *The Journal of Pan African Studies*, v. 4, n. 4, jun. 2011, pp. 97-116.

LIPARTITO, Kenneth. “Culture and the Practice of Business History”. *Business and Economic History*, n. 24, Winter 1995, pp. 1-41.

LOMBARDO, Paul. “Eugenic Laws Against race Mixing”. Disponível em: <http://www.eugenicsarchive.org/eugenics/list2.pl> Acesso: 19/09/2011.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. “Eugenic Laws Restricting Immigration”. Disponível em: <http://www.eugenicsarchive.org/eugenics/list2.pl> Acesso: 20/09/2011.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. “Eugenic Sterelization Laws”. Disponível em: <http://www.eugenicsarchive.org/eugenics/list2.pl> Acesso: 19/09/2011.

LOPES, Maria Aparecida de Oliveira. “As representações sociais da mãe negra na cidade de São Paulo”, *Patrimônio e Memória*, UNESP; FCLAs; CEDAP, v. 3, n. 2, 2007, pp. 132-154. Disponível em: [http://www.assis.unesp.br/cedap/patrimonio\\_e\\_memoria/patrimonio\\_e\\_memoria\\_v3.n2/artigos/maria\\_aparecida.pdf](http://www.assis.unesp.br/cedap/patrimonio_e_memoria/patrimonio_e_memoria_v3.n2/artigos/maria_aparecida.pdf) Acesso: 26/04/2011.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *Beleza e Ascensão Social na imprensa negra paulistana: 1920-1940*, Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. “As representações sociais da mãe negra na cidade de São Paulo”, *Patrimônio e Memória*, vol. 3, n. 2, 2007, pp. 1-23.

LORDE, Audre. *Sister Outsider: Essays and Speeches*. New York: The Crossing Press, 1984.

LOWRY, Beverly. *Her Dream of Dreams: The Rise and Triumph of Madam C. J. Walker*. New York: The Random House Publishing Group, 2004.

LUZ, Gilmar. *A imprensa negra paulista entre 1915 e 1937: características, mudanças e permanências*. Dissertação (Mestrado em História Econômica), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

MAC CORD, Marcelo. “Uma família de artífices de "cor" e a experiência da mobilidade social: os Ferreiras Barros nas searas da "Civilização" e do "Progresso", Recife, século XIX”, Trabalho apresentado no Congresso de 2009 da LASA (Associação de Estudos Latino-Americanos), Rio de Janeiro, 11 a 14 de junho de 2009. Disponível em: <http://lasa.international.pitt.edu/members/congresspapers/lasa2009/files/MacCordMarcelo.pdf> Acesso: 04/04/2011.

MACIEL, Cleber da Silva. *Discriminações raciais: negros em Campinas (1888-1926) alguns aspectos*, Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1985.

MACLEAN, Nancy. *Behind the Mask of Chivalry: The Making of the Second Ku Klux Klan*. New York, Oxford: Oxford University Press, 1994.

MANKO, Katina L. “Now You Are in Business for Yourself: The Independent Contractors of the California Perfume Company, 1886-1938”. *Business and Economic History*, v. 26, n. 1, 1997, pp. 5-26.

MARKS, Carole. *Farewell, We're Good and Gone*. Bloomington: Indiana University Press, 1989.

MARTINS, Anna Luiza e LUCA, Tânia Regina de. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

MATTOS, Hebe Maria; LUGÃO, Ana Maria; MARTINS, Robson. “Memórias do Cativo: narrativas”, Projeto do Laboratório de História Oral e Imagem, UFF, Niterói, 1994.

\_\_\_\_\_. Marcelo Badaró. *Experiências comuns. Escravizados e livres na formação da classe trabalhadora carioca*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2008.

MEADE, Teresa; PIRIO, Gregory Alonso. “In Search of the Afro-American “Eldorado”: Attempts by North American Blacks to Enter in Brazil in the 1920s”, *Luso-Brazilian Review*, v. 25, n. 1, 1998, pp. 95-110.

MELLO, Marina P. Almeida. *Não somos africanos... somos brasileiros... Povo negro, imigrantismo e identidade paulista nos discursos da imprensa negra e da imprensa dos imigrantes (1900-1924) – dissensões e interações*, Tese (Doutorado em Antropologia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *O ressurgir das cinzas – Negros paulistanos no pós-Abolição: identidades e alteridade na imprensa negra paulistana (1915-1923)*, Dissertação (Mestrado em História Econômica), Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

MILLER, Frederic. “The Black Migration to Philadelphia: a 1924 Profile”. *Pennsylvania Magazine of History and Biography*, jul. 1984, pp. 315-350.

MIRANDA, Rodrigo. *Um caminho de suor e letras: a militância negra em Campinas e a construção de uma comunidade imaginada nas páginas do Getulino (Campinas, 1923-1926)*, Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

MITCHELL, Michael. “Atitudes Raciais: explorando possibilidades de comparação entre Brasil e Estados Unidos”, *Caderno CRH*, Brasília, 2006, disponível em: <<http://www.cadernocrh.ufba.br/viewarticle.php?id=158>> Acesso: 07/06/2011.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. “Racial Identity and Political Vision in the Black Press of São Paulo, Brazil, 1930-1947”, *Contributions in Black Studies: A Journal of African and Afro-American Studies*, v. 9, Article 3, 1992. Disponível em: <http://scholarworks.umass.edu/cibs/vol9/iss1/3> Acesso: 07/06/2011.

\_\_\_\_\_. Robin. “Another Means of Understanding the Gaze: Sarah Bartmann in the Development of Nineteenth-Century French National Identity”, in Deborah Willis (Ed.), *Black Venus 2010: They called her “Hottentot”*. Philadelphia: Temple University Press, 2010, pp. 32-46.

MOURA, Clóvis. “A imprensa negra em São Paulo”, in Moura, Clóvis. *Sociologia do negro brasileiro*. São Paulo: Ática, 1988, pp. 204-217 (Série Fundamentos, 34).

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *Brasil: Raízes do protesto negro*. São Paulo: Global Editora, 1983.

MULLER, Liane S. *As contas do meu rosário são balas de artilharia: irmandade, jornal e associações negras em Porto Alegre, 1889-1920*, Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

MYRDAL, Gunnar. *An American Dilemma: The Negro Problem and Modern Democracy*. New York: Harper & Row, 1944.

NANO, Evelyn Glenn. “Yearning for Lightness: transnational circuits in the marketing and consumption of skin lighteners”, in Spade, Joan Z.; Valentine, Catherine G. (Eds.). *The Kaleidoscope of Gender: Prisms, Patterns and Possibilities*. Oaks: Pine Forge Press, 2011, pp. 238-251.

NASCIMENTO, Álvaro Pereira do. *Cidadania, cor e disciplina na Revolta dos Marinheiros de 1910*. Rio de Janeiro: Mauad, 2008.

\_\_\_\_\_. Elisa Larkin. *O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil*. São Paulo: Summus, 2003.

NEGRO, Antônio Luigi. “Imperfeita ou rarefeita? O debate sobre o fazer-se da classe trabalhadora inglesa”. *Revista Brasileira de História*, v. 16, n. 31-32 (1996), pp. 40-61.

NEARING, Scott. *Black America*. New York: The Vanguard Press, 1929.

NEUSNER, Jacob. *The Idea of Purity in Ancient Judaism*. Netherlands: Leiden, 1973.

NOBLES, Melissa. *Shades of the Citizenship: Race and the Census in Modern Politics*. Stanford: Stanford University Press, 2000.

NUNES, Zita. *Cannibal Democracy: Race and Representation in the Literature of the Americas*. Minneapolis, London: University of Minnesota Press, 2008.

OLIVEIRA, Laiana de. *A Frente Negra Brasileira: política e questão racial nos anos 1930*. Dissertação (Mestrado em História Política), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

PATTERSON, Martha H. *The American New Women Revisited: a reader, 1894-1930*. Rutgers: The State University, 2008.

\_\_\_\_\_. Tiffany Ruby; KELLEY, Robin D. G. “Unfinished Migrations: Reflections on the African Diaspora and the Making of the Modern World”, *African Studies Review*, v. 43, n. 1, Special Issue on the Diaspora, Apr. 2000, pp. 11-45.

PEISS, Kathy. “‘Vital Industry’ and Women’s Ventures: Conceptualizing Gender in Twentieth Century Business History”. *Business and Economic History*, v. 72, n. 2, Summer 1998, pp. 218-241.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. “On Beauty... and the History of Business”. In SCRANTON, Philip (Ed.). *Beauty and Business: Commerce, Gender, and Culture in Modern America*. New York: Routledge, 2001, pp. 7-22.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *Hope in a Jar: the making of America’s Beauty Culture*. New York: Henry Holt, 1999.

PENN, I. Garland. *The Afro-American Press and its Editors*. Salem: New Hampshire, Ayer Company, Publishers, Inc., 1891.

PEREIRA, Amilcar Araújo. *“O Mundo Negro”: a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil (1970-2001)*. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. “The civil rights movement e o movimento negro contemporâneo no Brasil: idas e vindas no Atlântico negro”. Disponível em: <http://www.sitemason.vanderbilt.edu/files/deVVaU/Pereira%20Amilcar%20Araujo.doc> Acesso: 17/03/09.

\_\_\_\_\_. José Galdino. *Os negros e a construção da sua cidadania: estudo do Colégio São Benedito e da Federação Paulista dos Homens de Cor de Campinas (1896-1914)*. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

PIERSON, Donald. *Branços e Pretos na Bahia (estudo de contato racial)*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1971 [1ª edição 1945].

PINHEIRO, Paulo Sérgio. "O Proletariado Industrial na primeira República", in Fausto, Bóris (Org.). *História Geral da Civilização ao Brasileira*. São Paulo: Difel, tomo III, v. III, 1981.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. *Fortes laços em linhas rotas: experiências de intelectuais negros em jornais fluminenses e paulistanos no fim do século XIX (1880-1910)*. Tese (Doutorado em História), Universidade Estadual de Campinas, Campinas [Pesquisa em andamento].

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *De pele escura e tinta preta: a imprensa negra do século XIX (1833-1899)*. Rio de Janeiro: Selo Negro, 2010.

\_\_\_\_\_. Regina Pahim. *O movimento negro em São Paulo: luta e identidade*. Tese (Doutorado em Antropologia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

PIRES, Antônio Liberac C. S. *As associações de Homens de Cor e a Imprensa Negra Paulista: movimentos negros, cultura e política no Brasil Republicano (1915-1945)*. Belo Horizonte: Dalaiana, 2006.

POLIAKOV, León. *O mito ariano: ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos*. São Paulo: Perspectiva; Edusp, 1974.

POTTER, Vilma Raskin. *A Reference Guide to Afro-American Publications and Editors, 1827-1946*. Ames: Iowa State University Press, 1993.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. “Coletividades negras: ascensão socioeconômica dos negros no Brasil e em São Paulo”. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 29, n. 6, pp. 647-663, jun. 1977.

RADFORD-HILL, Sheila. *Further To Fly: Black Women and the Politics of Empowerment*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2000.

RAMOS, Arthur. “O espírito associativo do negro brasileiro”. *Revista do Arquivo Municipal*, Rio de Janeiro, v. XLVII, n.4, maio de 1939, pp. 103-126.

REUTER, Edward Byron. *The Mulatto in the United States*. Boston: R. G. Badger, 1918.

RIOS, Ana Lugão e MATTOS, Hebe. “Experiência e Narrativa – o “pós-abolição” como problema histórico”. In: RIOS, Ana Lugão e MATTOS, Hebe. *Memórias do Cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, pp. 13-34.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_.; \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *Memórias do Cativo: trabalho, identidade e cidadania na pós-abolição*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_.; \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. “O pós-abolição como problema histórico: balanço e perspectivas”, *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 8, jan.-jun. 2004, pp. 170-198.

RUSSELL, Kathy; WILSON, Midge; HALL, Ronald. *The Color Complex: The Politics of Skin Color Among African Americans*. New York: Anchor Books, 1993.

ROOKS, Noliwe. *Hair Raising: Beauty, Culture and African American Women*. New Brunswick, New Jersey: Rutgers University Press, 1996.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *Ladies'pages: African American women's magazines and the culture that made them*. New Brunswick, New Jersey and London: Rutgers University, 2004.

SALEM, Dorothy. *To Better Our World: Black Women in Organized Reform, 1890-1920*. Brooklyn: Carlson Pub., 1990.

SANTIAGO, Silvana. *Tal Conceição, Conceição de Tal. Classe, gênero e raça no cotidiano de mulheres pobres no Rio de Janeiro nas primeiras décadas republicanas*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

SANTOS, José Antônio dos. *Raiou a Alvorada: intelectuais negros e imprensa Pelotas (1907-1957)*. Pelotas: Editora Universitária, 2003.

\_\_\_\_\_. Pedro de Souza. “A imprensa negra em São Paulo no início do século XX”, *Revista Eletrônica do Arquivo do Estado, São Paulo*, 14 set. 2006. Disponível em:

<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao14/materia03/texto03.pdf>. Acesso: 01/02/2007.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *Cidadania e Educação dos negros através da imprensa negra em São Paulo (1915-1937)*. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade São Francisco, Itatiba, 2007.

SATO, Barbara Hamill. *The New Japanese Woman: modernity, media, and woman in interwar Japan*. Durham: Duke University Press, 2003.

SCALES-TRENT, Judy. *Notes of a White Black Woman: Race, Color, Community*, Pennsylvania: The Pennsylvania State University, 1995.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. "A White Black Woman", in Delgado, Richard; Stefancic, Jean. *Critical White Studies: Looking Behind the Mirror*. Philadelphia: Temple University Press, 1995, pp. 475-81.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. (1870-1930)*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

SCOTT, Emmett J. "Letters of Negro Migrants of 1916-1918". *The Journal of Negro History*, v. 4, n. 3, jul. 1919, pp. 290-340.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *Negro Migration during the War*. Oxford: Oxford University Press, 1920.

\_\_\_\_\_. Joan. "Comment: Conceptualizing Gender in Business History". *Business and Economic History*, v. 72, n. 2, Summer 1998, pp. 242-249.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. "A história das mulheres", in Burke, Peter (Org.). *A escrita da história*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

\_\_\_\_\_. Rebecca. "Comparing Emancipations: a review essay". *Journal of Social History*, n. 20, 1987, pp. 565-83.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. "Exploring the Meaning of Freedom: Postemancipation Societies in Comparative Perspectives". *The Hispanic American Historical Review*, v. 68, n. 3, aug. 1988, pp. 407-428.

SCRATON, Philip. "Introduction: Gender and Business History". In: SCRATON, Philip. *Business and Economic History*, v. 72, n. 2, Summer 1998, pp. 185-187.

SEIGEL, Micol. "Beyond Compare: Comparative Method after the Transnational Turn", *Radical History Review*, n. 91, Winter 2005, pp. 62-90. Disponível em:

<http://www.utm.utoronto.ca/~w3his490/A-Micol-Beyond.Compare.pdf>  
23/05/2011.

Acesso:

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. “Mães pretas, filhos cidadãos”, in: Olívia M. Gomes da Cunha e Flávio dos Santos Gomes (Orgs.). *Quase-cidadão: histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2007, pp. 315-346.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *The point of comparison: Transnational Racial Construction, Brazil and the United States, 1918-1933*. PhD. Thesis, American Studies, New York University, New York, 2001.

SELDEN, Steven. “Eugenic Popularization”. Disponível em: <http://www.eugenicsarchive.org/eugenics/list2.pl> Acesso: 19/09/2011.

SEYFERTH, Giralda. “Construindo a Nação: Hierarquias Raciais e o Papel do Racismo na Política de Imigração e Colonização”, in Maio, Marcos Chor e Santos, Ricardo Ventura (Orgs.). *Raça, Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz/Centro Cultural Banco do Brasil, 1996, pp. 41-58.

SHAW, Stephanie J. “Black Club Women and the Creation of the National Association of Colored Women”. *Journal of Women’s History*, v. 3, Winter 1991, pp. 10-25.

SILVA, José Carlos Gomes da. *Os sub-urbanos e a outra face da cidade: Negros em São Paulo, cotidiano, lazer e cidadania*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1990.

SILVEIRA, Daniela Magalhães da. *Contos de Machado de Assis: leituras e leitores do Jornal das Famílias*, Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

SIMMONS, Charles A. *The African American Press: a History of News Coverage During National Crises, with Special Reference to Four Black Newspapers, 1827-1965*. Jefferson: McFarland & Co., 1997.

SLENES, Robert W. “A Árvore Nsanda Transplantada: Cultos Kongo de Aflição e Identidade Escrava no Sudeste Brasileiro (Século XIX)”, in LIBBY, David e FURTADO, Júnia (Orgs.). *Trabalho livre, trabalho escravo: Brasil e Europa, séculos XVII e XIX*. São Paulo: Annablume, 2006.

SMITH, Barbara. *Home Girls: a Black Feminist Anthology*. New Brunswick, New Jersey, London: Rutgers University Press, 2000 [1ª ed. 1983].

SOIHET, Rachel. *Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1985.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Pedro, Joana Maria. “A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero”, *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, n. 54, pp. 281-300, 2007. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/pdf/263/26305417.pdf> Acesso: 24/08/2011.

SOUZA, Robério Santos. *Tudo pelo trabalho livre! Trabalhadores e conflitos no pós-abolição, Bahia 1892-1909*. Salvador: Edufba, 2011.

SPICKARD, Paul R. *Mixed Blood: Intermarriage and Ethnic Identity in Twentieth-Century America*. Madison: University of Wisconsin Press, 1989.

SPRADLING, Mary Mace (Ed.). *In Black and White: a Guide to Magazine Articles, Newspaper Articles, and Books Concerning More than 15,000 Black Individuals and Groups*. Detroit: Gale Research Co., 1980.

STEPAN, Nancy. “Race and Gender: The Role of Analogy in Science”. *Isis*, v. 77, n. 2, jun. 1986, pp. 261-277.

STILLE, Darlene. *Madam C. J. Walker: Entrepreneur and Millionaire*. Minneapolis: Compass Point Books, 2007.

STOCKING Jr., George. *Race, Culture and Evolution. Essays in the History of Anthropology*. Chicago: University of Chicago Press, 1968.

SULLIVAN, Otha Richard. *African American Millionaires*. New Jersey: John Wiley & Sons, Inc, 2005.

TATE, Claudia. *The Works of Katherine Davis Chapman Tillman*. New York, Oxford University Press, 1991 (The Schomburg Library of Nineteenth-Century Black Women Writers).

\_\_\_\_\_. Shirley Anne. *Black Beauty: Aesthetics, Stylizations, Politics*. Burlington, VT: Ashgate, 2009.

TENÓRIO, Valquíria Pereira. *Baile do Carmo: festa, movimento negro e política das identidades negras em Araraquara-SP*. Tese (Doutorado em Sociologia), Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010.

TERBORG-PENN, Rosalyn. *African-American Women in the Struggle for the Vote, 1850-1920*. Bloomington: Indiana University Press, 1998.

THOMPSON, Edward P. *A formação da classe operária inglesa. A árvore da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, v. 1.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. “A economia moral da multidão inglesa no século XVIII”, in THOMPSON, E. P. *Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional*. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 1998, pp. 150-202.

TIEDE, Livia. *Imprensa Negra: espaço de sociabilidade no início do século XX em São Paulo*. Monografia (Bacharelado em História), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

TOLEDO, Edilene Teresinha. “Em torno do jornal *O Amigo do Povo*: os grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século”, *Cadernos AEL*, n.8/9, 1998. Disponível em: [http://www.ifch.unicamp.br/ael/website-ael\\_publicacoes/cad-8/Artigo-3-p89.pdf](http://www.ifch.unicamp.br/ael/website-ael_publicacoes/cad-8/Artigo-3-p89.pdf) Acesso: 21/04/2011.

URGO, Joseph R. “Willa Cather’s Political Apprenticeship at *McClure’s Magazine*”. In: SKAGGS, Merrill Maguire (Ed.). *Willa Cather’s New York, New Essays on Cather in the City*. Madison: Fairleigh Dickinson University Press, 2000, pp. 61-74.

VAUGHAN, Megan. *Curing their ills: colonial power and African Illness*. Stanford: Stanford University Press, 1991.

VIGARELLO, Georges. *História da Beleza: o corpo e a arte de se embelezar, do Renascimento aos dias de hoje*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

VOGEL, Todd (Ed.). *The Black Press: New Literary and Historical Essays*. New Brunswick, New Jersey; London: Rutgers University Press, 2001.

WEIBERG, Sidney Stahl. "Longing to Learn: The Education of Jewish Immigrant Women in New York City, 1900-1934". *Journal of American Ethnic History*, Spring 1989, n. 8, pp. 108-126.

WELSCH, Erwin. *The Negro in the United States*. Bloomington; London: Indiana University Press, 1965.

WHITE, Debora Gray. “Introduction – A Telling History”, in White, Debora (Ed.). *Telling Histories: Black Women Histories in the Ivory Tower*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2008, pp. 1-25.

WILLIAMS, Brackette. “Review of the Black Atlantic: Modernity and Double Consciousness, by Paul Gilroy”. *Social Identities*, v.1, n.1, fev. 1995, pp. 175-192.

WILLIAMSON, Joel. *New People: Miscigenation and Mulattoes in the United States*. New York: Free Press, 1980, v. 2.

WINTZ, Cary D. (Ed.). *African American Political Thought, 1890-1930: Washington, DuBois, Garvey, and Randolph*. New York: M.E. Sharpe, Inc., 1996.

WOLCOTT, Victoria W. *Remaking Respectability: African American Women in Interwar Detroit*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2001.

WOLSELEY, Roland. *The Black Press, USA*. Ames: Iowa State University Press, 1990 [1<sup>a</sup> ed. 1971].

WOOD, J. S. "The Black Female: Mammy, Jemina, Sapphire e Other Images". In: SMITH, J. C. (Ed.). *Images of Blacks in American Culture*. Westport: Connecticut Greenwood Press, 1988, pp. 235-256.

WOODSON, Carter Goodwin. *The Negro Professional Man and the Community*, Washington, D. C.: Association for the Study of Negro Life and History, Inc., 1934.

YEE, Shirley. *Black Women Abolitionists: A Study in Activism, 1828-1860*. Knoxville: University of Tennessee Press, 1992.

ZUBARAN, Maria Angélica. "A Produção da Identidade Afro-Brasileira no Pós-Abolição: imprensa negra em Porto Alegre (1902-1910)". *Revista de Iniciação Científica da Ulbra*, Ed. Ulbra, 2007, pp. 1-14.

## DICIONÁRIOS E PRINCIPAIS WEBSITES

AN ONLINE REFERENCE GUIDE TO AFRICAN AMERICAN HISTORY. Disponível em: <http://www.blackpast.com>

CALDAS, Aulete. *Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa*. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1948, v. 1.

IMAGE ARCHIVE ON THE AMERICAN EUGENIC MOVEMENT: <http://www.eugenicsarchive.org/eugenics/>

MICHAELIS ONLINE. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portuguesportugues&palavra=hotentote>

THE AMERICAN HERITAGE DICTIONARY OF THE ENGLISH LANGUAGE: SECOND COLLEGE EDITION. Boston, New York, London: Houghton Mifflin Company, 1985. [1<sup>a</sup> ed. 1969].

THE OFFICIAL WEBSITE MADAM C. J. WALKER: ENTREPRENEUR, PHILANTROPIST, SOCIAL ACTIVIST: <http://www.madamcjwalker.com/>

VINTAGE AD BROWSER: <http://www.vintageadbrowser.com/>